Min Jin Lee

PACHINKO



intrínseca

Pachinko

Min Jin Lee

Tradução de Marina Vargas



Copyright © 2017 by Min Jin Lee

TÍTULO ORIGINAL
Pachinko

PREPARAÇÃO
Elisa Menezes

REVISÃO
Milena Vargas
Juliana Pitanga

CAPA
© 2018 Hachette Book Group, Inc

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Patrick Leger

DESIGN DE CAPA
Brigid Pearson

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Túlio Cerquize

PROJETO GRÁFICO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGENS DE MIOLO
Helen Field / Shutterstock.com

REVISÃO DE E-BOOK
Juliana Pitanga
Laura Zúñiga | Zúñiga Consultoria Textual

GERAÇÃO DE E-BOOK
Joana De Conti

E-ISBN
978-65-5560-024-7

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

[Avançar para o início do texto]

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Sumário
Dedicatória

Livro I: Gohyang/Cidade Natal
- Capítulo 1: Yeongdo, Busan, Coreia
- Capítulo 2: Novembro de 1932
- Capítulo 3
- Capítulo 4: Junho de 1932
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12: Osaka, abril de 1933
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17

Livro II: Pátria-mãe
- Capítulo 1: Osaka, 1939
- Capítulo 2
- Capítulo 3: Abril de 1940
- Capítulo 4: Maio de 1942
- Capítulo 5
- Capítulo 6: Dezembro de 1944
- Capítulo 7: 1945
- Capítulo 8
- Capítulo 9: Osaka, 1949
- Capítulo 10: Osaka, janeiro de 1953
- Capítulo 11: Outubro de 1955
- Capítulo 12: Março de 1956
- Capítulo 13: 1957
- Capítulo 14: Dezembro de 1959
- Capítulo 15: Tóquio, 1960
- Capítulo 16: Osaka, abril de 1960
- Capítulo 17: Outubro de 1961
- Capítulo 18: Tóquio, março de 1962
- Capítulo 19
- Capítulo 20: Osaka, abril de 1962

Livro III: Pachinko
- Capítulo 1: Nagano, abril de 1962
- Capítulo 2: Osaka, abril de 1965
- Capítulo 3: Yokohama, novembro de 1968
- Capítulo 4
- Capítulo 5: Nagano, janeiro de 1969
- Capítulo 6: Yokohama, julho de 1974
- Capítulo 7: Yokohama, março de 1976

Capítulo 8: Nagano, agosto de 1978
Capítulo 9: Yokohama, 1979
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12: Osaka, 1979
Capítulo 13
Capítulo 14: Yokohama, 1980
Capítulo 15: Nova York, 1985
Capítulo 16: Tóquio, 1989
Capítulo 17
Capítulo 18: Yokohama, 1989
Capítulo 19: Tóquio, 1989
Capítulo 20: Yokohama, 1989
Capítulo 21: Tóquio, 1989

Agradecimentos
Notas
Sobre a autora
Leia também

Para Christopher e Sam

LIVRO I

Gohyang/Cidade Natal

1910-1933



Pátria é um nome, uma palavra, e é forte; tão forte, que nenhum mágico pronunciou feitiço maior e nenhum espírito respondeu a um chamado mais forte.

— Charles Dickens



1

Yeongdo, Busan, Coreia

A história falhou conosco, mas não importa.

Na virada do século, um pescador idoso e sua mulher decidiram receber hóspedes em sua casa para ganhar um dinheiro extra. Ambos haviam nascido e crescido na aldeia de pescadores de Yeongdo, uma ilhota de oito quilômetros de extensão junto à cidade portuária de Busan. Durante seu longo casamento, a mulher deu à luz três filhos, mas apenas Hoonie, o mais velho e mais fraco, sobreviveu. Hoonie nasceu com fenda palatina e um pé torto, porém, era dotado de ombros largos, corpo atarracado e pele dourada. Na juventude, ainda conservava o temperamento amável e sério da infância. Quando cobria a boca deformada com as mãos, algo que fazia por hábito sempre que estava diante de estranhos, Hoonie lembrava a beleza do pai, pois ambos tinham os mesmos olhos grandes e risonhos. Sobrancelhas escuras adornavam sua testa larga, perpetuamente bronzeada pelo trabalho ao ar livre. Como os pais, Hoonie não era um falante muito ágil, e algumas pessoas cometiam o erro de achar que, porque não falava muito rápido, ele sofria de algum problema mental, mas isso não era verdade.

Em 1910, quando Hoonie tinha vinte e sete anos, o Japão anexou a Coreia. O pescador e a mulher, que eram parcimoniosos e muito trabalhadores, decidiram viver à margem dos aristocratas incompetentes e governantes corruptos do país, que tinham entregado a nação aos ladrões. Quando o aluguel da casa voltou a subir, o casal deixou o próprio quarto e passou a dormir no vestíbulo junto à cozinha para aumentar o número de hóspedes.

A casa de madeira que alugavam havia três décadas não era grande; tinha pouco mais de quarenta e cinco metros quadrados. Portas de correr de papel dividiam o interior em três cômodos confortáveis, e o pescador havia substituído o telhado de palha com goteiras por telhas de barro vermelhas, para benefício do

proprietário, que vivia no esplendor de uma mansão em Busan. Com o tempo, a cozinha foi transferida para a horta, de maneira a acomodar panelas maiores e um número crescente de mesas dobráveis que ficavam penduradas em ganchos no muro de pedra.

Por insistência do pai, Hoonie aprendeu a ler e escrever em coreano e japonês com o professor da aldeia, o suficiente para manter o livro de contabilidade da pensão e fazer contas de cabeça para não ser passado para trás no mercado. Assim que aprendeu a fazer essas coisas, os pais o tiraram da escola. Na adolescência, Hoonie trabalhava quase tão bem quanto um homem forte com as pernas boas e o dobro de sua idade; era habilidoso com as mãos e capaz de carregar fardos pesados, embora não conseguisse correr nem andar muito depressa. Tanto Hoonie quanto o pai eram conhecidos na aldeia por nunca beber uma taça de vinho sequer. O pescador e a mulher criaram o único filho sobrevivente, o aleijado da vila, para ser um rapaz esperto e diligente, porque não sabiam quem ia cuidar dele depois que morressem.

Se fosse possível que uma mulher e um homem compartilhassem o mesmo coração, Hoonie seria esse órgão em constante pulsar. Os dois tinham perdido os outros filhos: o mais novo para o sarampo e o do meio, que era um inútil, para a chifrada de um touro em um acidente absurdo. Quando era pequeno, Hoonie só saía de casa para ir à escola e ao mercado e, por fim, quando se tornou um rapaz, teve que ficar em casa para ajudar os pais. Eles não teriam suportado a ideia de desapontá-lo, mas, ainda assim, o amavam o suficiente para não o mimar em excesso. Os dois camponeses sabiam que um filho mimado causava mais prejuízo a uma família do que um filho morto e evitavam fazer demais as vontades dele.

Outras famílias da região não tinham a sorte de contar com dois pais tão sensatos e, como acontece sempre que um país sofre um golpe de seus rivais ou da natureza, os fracos (os velhos, as viúvas e os órfãos) estavam mais desesperados do que nunca na península colonizada. Para cada lar que podia alimentar mais uma pessoa, havia multidões dispostas a trabalhar um dia inteiro em troca de uma tigela de grãos de cevada.

Na primavera de 1911, duas semanas depois de Hoonie completar vinte e oito anos, a casamenteira de bochechas rosadas

da vila procurou a mãe dele.

A mãe de Hoonie levou a casamenteira para a cozinha; teriam que conversar em voz baixa, porque os hóspedes estavam dormindo nos quartos da frente. Era quase meio-dia, e os hóspedes que haviam passado a noite pescando tinham comido o jantar ainda quente, tomado banho e ido para a cama. A mãe de Hoonie serviu à casamenteira uma xícara de chá de cevada frio, sem deixar de cuidar de seus afazeres.

Naturalmente, a mãe imaginava o que a casamenteira queria, mas não sabia o que dizer. Hoonie nunca havia pedido uma noiva aos pais. Era inconcebível que uma família decente deixasse que uma filha se casasse com alguém com deformidades, já que essas coisas passavam inevitavelmente para as gerações seguintes. Ela nunca vira o filho conversando com uma garota; a maioria das moças da aldeia o evitava, e Hoonie era sensato o bastante para não desejar o que não poderia ter; essa resignação era algo que qualquer camponês normal teria aceitado a respeito da própria vida e daquilo que poderia almejar.

O rosto peculiar da casamenteira era rechonchudo e rosado; seus olhos negros e impiedosos observavam tudo com astúcia, e ela tomava o cuidado de dizer apenas coisas agradáveis. A mulher umedeceu os lábios como se estivesse com sede; a mãe de Hoonie sentiu que a outra a avaliava, assim como todos os detalhes da casa, calculando o tamanho da cozinha com olhos severos.

A casamenteira, por sua vez, teria grande dificuldade em decifrar a mãe de Hoonie, uma mulher calada, que trabalhava de sol a sol, fazendo tudo que fosse necessário para aquele dia e para o dia seguinte. Ela raramente ia ao mercado, porque não tinha tempo a perder com conversas sem importância; mandava Hoonie em seu lugar. Enquanto a casamenteira falava, a boca da mãe de Hoonie permaneceu tão imóvel e firme quanto a pesada mesa de pinho na qual estava cortando rabanetes.

A casamenteira foi a primeira a tocar no assunto. Apesar da desagradável questão do pé e do lábio leporino, Hoonie claramente era um bom rapaz; educado e forte como um par de bois! Ela era abençoada por ter um filho tão bom, disse a casamenteira, que menosprezava os próprios filhos: nenhum dos dois se dedicava aos

livros ou ao comércio, mas não eram maus rapazes. Sua filha tinha se casado cedo e morava muito longe. Todos estavam bem casados, supunha, mas seus filhos eram preguiçosos. Não eram como Hoonie. Depois de fazer seu discurso, a casamenteira olhou fixamente para a mulher de pele morena cujo rosto permanecia impassível, procurando algum sinal de interesse.

A mãe de Hoonie manteve a cabeça baixa, o olhar fixo na faca afiada, que manejava com destreza: cada pedaço de rabanete era quadrado e uniforme. Quando uma grande montanha de cubos de rabanete branco se formou na tábua de corte, ela a transferiu com um movimento ágil para uma tigela. Estava prestando tanta atenção à conversa da casamenteira que teve medo de começar a tremer de nervoso.

Antes de entrar na casa, a casamenteira tinha dado uma volta na propriedade para avaliar as condições financeiras da família. Ao que parecia, os rumores que corriam na vizinhança sobre a situação estável da família estavam confirmados. Na horta junto à cozinha, as primeiras chuvas da primavera tinham feito crescer rabanetes grandes e firmes que estavam prontos para serem colhidos da terra marrom. Havia badejos e lulas cuidadosamente pendurados em um varal, secando ao sol da primavera. Junto ao anexo, em um chiqueiro limpo construído com pedras locais e argamassa, havia três porcos pretos. A casamenteira contou sete galinhas e um galo no quintal dos fundos. No interior da casa, a prosperidade era ainda mais evidente.

Na cozinha, havia tigelas de arroz e sopa empilhadas em prateleiras e tranças de alho branco e pimenta penduradas nas vigas baixas. Em um canto, perto da pia, uma enorme cesta de palha cheia de batatas recém-colhidas. O aroma agradável de cevada e painço cozinhando em uma panela preta de arroz se espalhava pela pequena casa.

Satisfeita com a situação confortável da família em um país que ficava cada vez mais pobre, a casamenteira teve certeza de que até mesmo Hoonie poderia arrumar uma noiva saudável, então pôs mãos à obra.

A garota morava no outro extremo da ilha, depois dos bosques densos. O pai dela, um pequeno agricultor, era um dos muitos que

haviam perdido seu arrendamento como resultado dos recentes levantamentos topográficos do governo colonial. Amaldiçoado com quatro meninas e nenhum filho homem, o viúvo não tinha o que comer a não ser o que encontrava no bosque, os peixes que não conseguia vender e os frutos da caridade ocasional de vizinhos igualmente empobrecidos. O honrado pai havia implorado que a casamenteira encontrasse noivos para suas filhas solteiras, já que, para uma virgem, era melhor se casar com qualquer um do que ter que mendigar por comida quando todos estavam passando fome — e a virtude valia muito. A garota, Yangjin, era a mais nova das quatro meninas e a mais fácil de dispor, porque era jovem demais para reclamar e pelo menos teria o que comer.

Yangjin tinha quinze anos e era doce e terna como um bezerro recém-nascido, disse a casamenteira.

— Nada de dote, é claro, mas certamente o pai não deve esperar muitos presentes. Quem sabe algumas galinhas poedeiras, tecidos de algodão para as irmãs da noiva, seis ou sete sacas de painço para passarem o inverno. — Como não ouviu protestos diante da lista, a casamenteira ficou mais confiante: — Talvez uma cabra. Ou um porco pequeno. A família é tão pobre, e os preços das noivas caíram muito. A garota não vai precisar de nenhuma joia.

A casamenteira riu um pouco.

Com um movimento de seu pulso largo, a mãe de Hoonie temperou os rabanetes com sal marinho. A casamenteira não fazia ideia do quanto ela estava concentrada, pensando no que poderia oferecer. A mãe de Hoonie faria qualquer coisa para pagar o preço exigido pela noiva; ela se surpreendeu com as ilusões e esperanças que cresciam em seu peito, mas seu rosto permaneceu sereno e discreto; só que a casamenteira não era boba.

— O que eu não daria para um dia ter um neto — disse, dando sua cartada final, sem deixar de examinar com cuidado o rosto enrugado e moreno da dona da pensão. — Eu tenho uma neta, mas nenhum neto, e a menina chora demais. Eu me lembro de segurar meu primeiro filho nos braços quando ele ainda era um bebê. Que felicidade! Era branco como uma cesta de bolinhos de arroz de Ano-Novo, delicado e fofo como a massa quente. Tão gostoso que eu tinha vontade de mordê-lo. Bem, agora não passa de um grande

preguiçoso — acrescentou, sentindo a necessidade de fazer uma reclamação depois de tanto se vangloriar.

A mãe de Hoonie finalmente sorriu, já que aquela imagem também era vívida para ela. Que mulher mais velha não desejaria segurar um neto no colo, ainda mais quando essa ideia teria sido inconcebível antes daquela visita? Cerrou os dentes para se acalmar, pegou a tigela e a sacudiu para distribuir bem o sal.

— A garota tem um rosto bonito, sem marcas de varíola. Tem boas maneiras e obedece ao pai e às irmãs. E não é muito morena. É franzina, mas tem mãos e braços fortes. Precisa ganhar peso, mas é compreensível. A família tem enfrentado tempos difíceis.

A casamenteira sorriu, olhando para a cesta de batatas no canto, como se sugerisse que ali a garota poderia comer tanto quanto quisesse.

A mãe de Hoonie colocou a tigela na bancada e se voltou para a visita.

— Vou falar com meu marido e meu filho. Não temos dinheiro para uma cabra ou um porco. Mas talvez possamos enviar um tecido de algodão junto com as outras coisas, para que passem o inverno. Terei que perguntar a eles.

* * *

Os noivos se conheceram no dia do casamento, e Yangjin não ficou assustada ao ver o rosto de Hoonie. Três pessoas em sua aldeia tinham nascido daquela forma. Já tinha visto gado e porcos com a mesma deformidade. Uma garota que morava perto de sua casa tinha um inchaço no formato de um morango entre o nariz e o lábio leporino, e as outras crianças a chamavam de Morango, apelido com o qual ela não se incomodava. Quando o pai de Yangjin lhe disse que seu marido seria como Morango e também com um pé torto, ela não chorou. O pai disse que ela era uma boa menina.

Hoonie e Yangjin se casaram em uma cerimônia tão discreta que, se a família não tivesse enviado bolinhos de arroz com artemísia aos vizinhos, teria sido acusada de mesquinharia. Até os hóspedes

ficaram surpresos quando a noiva apareceu para servir-lhes o café da manhã no dia seguinte ao casamento.

Quando ficou grávida, Yangjin se preocupou com a possibilidade de o bebê herdar as deformidades de Hoonie. O primeiro filho nasceu com fenda palatina, mas tinha as pernas boas. Hoonie e os pais não se angustiaram quando a parteira lhes mostrou o bebê.

— Você se importa? — perguntou Hoonie à mulher, e ela disse que não, porque não se importava mesmo.

Quando ficou sozinha com o recém-nascido, Yangjin delineou a boca do bebê com o dedo indicador e a beijou; nunca havia amado alguém como amava o filho. Quando tinha sete semanas de vida, ele morreu em decorrência de uma febre. O segundo filho tinha o rosto perfeito e as pernas boas, mas teve diarreia e febre e também morreu antes da celebração de seu *baek-il*, quando o bebê completa cem dias de vida. Suas irmãs, que continuavam solteiras, culpavam sua pouca produção de leite e a aconselharam a procurar um xamã. Hoonie e os pais não aprovavam essa ideia, mas, quando engravidou do terceiro filho, ela foi procurá-lo sem dizer nada a eles. No entanto, na metade dessa gravidez sentiu-se mal e se resignou diante da possibilidade de que aquela criança também morresse. Perdeu-a para a varíola.

A sogra procurava o herborista e preparava chás curativos para ela. Yangjin bebia até a última gota marrom da xícara e pedia desculpas pela despesa. Depois de cada nascimento, Hoonie ia ao mercado comprar as algas preferidas da mulher, a fim de preparar uma sopa que curasse seu útero; depois de cada morte, comprava bolinhos de arroz-doce ainda quentes no mercado e os levava para ela.

— Você precisa comer. Precisa recuperar a força.

Três anos depois do casamento, o pai de Hoonie morreu e, meses depois, a mulher o seguiu. Os sogros de Yangjin nunca lhe negaram comida nem roupas. Nunca a criticaram nem bateram nela, apesar de ela ter fracassado em lhes dar um herdeiro.

Por fim, Yangjin deu à luz Sunja, sua quarta filha e a única mulher, e a menina sobreviveu; até ela completar três anos, seus pais não dormiram uma noite inteira sem checar diversas vezes para ver se a pequena deitada a seu lado estava respirando. Hoonie

fazia bonecas para a filha com palha de milho e abria mão do tabaco para lhe comprar doces; embora os hóspedes desejassem que Hoonie comesse com eles, os três faziam todas as refeições juntos. Ele amava a filha da mesma maneira que os pais o haviam amado, mas descobriu que não conseguia lhe negar nada. Sunja era uma garota de aparência normal, de riso fácil e alegre, mas para o pai era linda, e ele ficava admirado com sua perfeição. Poucos pais no mundo adoravam tanto as filhas como Hoonie, que parecia viver para fazê-la sorrir.

No inverno em que Sunja completou treze anos, Hoonie morreu de tuberculose. Em seu funeral, Yangjin e a filha estavam inconsoláveis. Na manhã seguinte, a jovem viúva se levantou da cama e voltou ao trabalho.



2

Novembro de 1932

O inverno que sucedeu a invasão da Manchúria pelo Japão foi difícil. Rajadas de vento cortante atravessavam a pequena pensão, e as mulheres precisaram enfiar algodão entre as camadas de roupa. Durante as refeições, os hóspedes, repetindo o que ouviam no mercado dos homens que sabiam ler os jornais, diziam que aquilo se chamava Depressão e estava assolando o mundo inteiro. Os americanos pobres passavam tanta fome quanto os russos pobres e os chineses pobres. Em nome do imperador, até os japoneses estavam enfrentando privações. Os prudentes e fortes, não havia dúvida, sobreviveriam àquele inverno, mas as notícias vergonhosas eram frequentes demais: crianças que iam dormir e não acordavam, meninas que vendiam sua inocência por uma tigela de macarrão e idosos que se recolhiam para morrer sozinhos a fim de que os mais novos pudessem comer.

Apesar disso, os hóspedes continuavam esperando que suas refeições fossem servidas regularmente, e uma casa velha precisava de reparos. Todos os meses tinham que pagar o aluguel ao persistente representante do proprietário. Com o tempo, Yangjin havia aprendido a lidar com dinheiro, a negociar com os fornecedores e a se negar a aceitar condições que não fossem convenientes para ela. Contratou duas irmãs órfãs para ajudarem nas tarefas domésticas. Não era mais a adolescente descalça que tinha chegado àquela casa levando um par de roupas de baixo limpas embrulhadas em um corte de tecido, mas uma viúva de trinta e sete anos que administrava uma pensão.

Yangjin tinha que cuidar de Sunja e ganhar dinheiro; por sorte, tinham aquele negócio, mesmo que a propriedade não fosse delas. No primeiro dia do mês, cada hóspede pagava vinte e três ienes pela pensão completa, embora, com o passar do tempo, ficasse cada vez mais difícil comprar grãos no mercado e carvão para o aquecimento. Ela não podia aumentar o preço da mensalidade

porque os homens não ganhavam o suficiente, mas tinha de alimentá-los da mesma forma. Então preparava caldos grossos e nutritivos com ossos e temperava os legumes da horta para transformá-los em saborosos acompanhamentos. Quando sobrava pouco dinheiro no fim do mês, racionava o painço e a cevada e as poucas coisas que havia na despensa. Quando não restavam muitos cereais, preparava deliciosas panquecas com farinha de grãos e água. Os hóspedes levavam para ela o que não conseguiam vender no mercado, de modo que de vez em quando havia caranguejo ou cavala, que ela conservava com especiarias para complementar as refeições ainda mais escassas que com certeza estavam por vir.

Havia duas temporadas, seis homens se revezavam dormindo no único quarto de hóspedes: os três irmãos Chung, de Jeollado, pescavam à noite e dormiam durante o turno do dia, e dois rapazes de Daegu e um viúvo de Busan trabalhavam no mercado de peixe e iam dormir no fim da tarde. Dormiam todos juntos no quarto pequeno, mas ninguém reclamava, porque naquela pensão viviam melhor do que em suas respectivas casas. A roupa de cama era limpa e havia comida suficiente. As meninas lavavam bem as roupas e a dona da pensão as remendava com retalhos para que durassem mais uma estação. Nenhum daqueles homens podia sustentar uma esposa, de forma que aquele arranjo não era nada mal para eles. Ainda que uma esposa pudesse proporcionar algum consolo físico a um homem trabalhador, um casamento podia resultar em filhos, que precisariam de comida, roupas e um lar; a esposa de um homem pobre tendia a se queixar e chorar, de modo que aqueles homens estavam conformados com sua situação.

O aumento dos preços que acompanhava a escassez de dinheiro era preocupante, mas os hóspedes quase nunca atrasavam o pagamento. Os homens que trabalhavam no mercado por vezes eram pagos com produtos que não tinham sido vendidos, e Yangjin aceitava uma jarra de óleo de cozinha no lugar de alguns ienes do pagamento pela hospedagem. A sogra lhe havia explicado que era preciso ser muito gentil com os hóspedes, pois sempre havia outros lugares onde os trabalhadores poderiam ficar.

— Os homens têm opções que as mulheres não têm — dizia ela.

No fim de cada estação, quando sobravam algumas moedas, Yangjin as colocava em uma panela de barro escura que escondia atrás de um painel no armário onde o marido tinha guardado os dois anéis de ouro que haviam pertencido a sua mãe.

* * *

Na hora das refeições, Yangjin e a filha serviam a comida em silêncio enquanto os hóspedes falavam animadamente sobre política. Os irmãos Chung eram analfabetos, mas acompanhavam as notícias com atenção nas docas e gostavam de analisar o futuro do país sentados à mesa durante o jantar.

Eram meados de novembro, e a pesca tinha sido melhor do que o esperado para o mês. Os irmãos Chung tinham acabado de acordar e os hóspedes do turno da noite logo chegariam para dormir. Os irmãos pescadores faziam sua principal refeição do dia antes de sair para o mar. Descansados e cheios de energia, estavam convencidos de que o Japão não conseguiria conquistar a China.

— Sim, os desgraçados podem dar uma mordida, mas a China não vai ser engolida por inteiro. É impossível! — exclamou o irmão Chung do meio.

— Aqueles anões não vão se apoderar de um reino tão importante. A China é nossa irmã mais velha! O Japão não passa de uma semente podre — gritou Gordo, o irmão mais novo, golpeando a mesa com a xícara de chá quente. — A China vai expulsar aqueles filhos da puta! Pode apostar!

Entre as paredes desgastadas da pensão, os pobres homens zombavam de seu poderoso colonizador, sentindo-se protegidos da polícia colonial, que não se preocuparia com pescadores com ideias grandiosas. Os irmãos se gabavam da força da China, os corações ansiando que outra nação se mantivesse forte, já que seus próprios governantes os haviam decepcionado. Já fazia vinte e dois anos que seu país fora colonizado. Os dois mais novos nunca tinham vivido em uma Coreia que não fosse governada pelo Japão.

— *Ajumoni* — gritou Gordo, bem-humorado. — *Ajumoni*.

— Sim?

Yangjin sabia que ele queria repetir. Era um rapaz franzino que comia mais do que os dois irmãos juntos.

— Pode me trazer mais uma tigela da sua sopa deliciosa?

— Sim, sim, é claro.

Yangjin foi buscar sopa na cozinha. Gordo a devorou ruidosamente, e os homens saíram para trabalhar.

Os hóspedes do turno da noite chegaram logo depois, lavaram-se e jantaram depressa. Fumaram seus cachimbos e em seguida foram dormir. As mulheres limparam as mesas e comeram seu jantar simples em silêncio, porque os homens estavam dormindo. As criadas e Sunja arrumaram a cozinha e lavaram a louça. Yangjin verificou o carvão antes de ir para a cama. Ainda estava pensando na conversa dos irmãos sobre a China. Hoonie costumava ouvir com atenção todos os homens que lhe levavam notícias, assentia, expirava resolutamente e em seguida se levantava para cuidar de suas tarefas.

— Não importa — dizia ele. — Não importa.

Quer a China capitulasse, quer se vingasse, as ervas daninhas tinham que ser arrancadas da horta, as sandálias de corda tinham que ser tecidas se eles quisessem ter calçados e os ladrões que com frequência tentavam roubar suas poucas galinhas tinham que ser afugentados.

* * *

A bainha úmida do casaco de lã de Baek Isak tinha congelado até ficar rígida, mas por fim ele encontrou a pensão. A longa viagem de Pyongyang até ali o deixara exausto. Em contraste com o Norte nevado, o frio em Busan era enganoso. O inverno no Sul parecia mais ameno, porém o vento gelado do mar penetrava em seus pulmões debilitados e o congelava até os ossos. Quando saiu de casa, Isak se sentia forte o suficiente para fazer a viagem de trem, mas agora estava exaurido e sabia que precisava descansar. Da estação ferroviária em Busan, havia encontrado o caminho até o pequeno barco que fazia a travessia para Yeongdo e, depois de desembarcar, o carvoeiro da região o levou até a pensão. Isak

expirou e bateu à porta, prestes a perder os sentidos, mas acreditando que, se conseguisse dormir bem aquela noite, estaria melhor pela manhã.

Yangjin tinha acabado de se deitar no estrado forrado de algodão quando a mais jovem das criadas bateu de leve no batente da porta do quarto onde as quatro mulheres dormiam juntas.

— *Ajumoni*, há um cavalheiro aqui. Ele quer falar com o chefe da casa. Disse algo a respeito do irmão, que se hospedou aqui anos atrás. O cavalheiro quer ficar. Esta noite — explicou a criada, sem fôlego.

Yangjin franziu a testa. Quem seria aquele homem que estava perguntando por Hoonie? No mês seguinte faria três anos de sua morte.

A filha, Sunja, já estava dormindo no chão aquecido, ressonando de leve, os cabelos soltos, ondulados pelas tranças que ela havia usado durante o dia, estendidos no travesseiro como um resplandecente retângulo de seda preta. Ao lado dela havia espaço suficiente apenas para que as criadas se deitassem quando terminassem o trabalho do dia.

— Não disse a ele que o senhor da casa faleceu?

— Eu disse. Ele pareceu surpreso. O cavalheiro disse que o irmão escreveu ao senhor, mas não obteve resposta.

Yangjin se levantou e pegou o *hanbok* de musselina que havia acabado de despir e que estava cuidadosamente dobrado ao lado do travesseiro. Colocou a veste acolchoada sobre a saia e a jaqueta. Com movimentos hábeis, prendeu os cabelos em um coque.

Ao ver o homem recém-chegado, ela compreendeu por que a criada não o mandara embora. Ele tinha a aparência de um pinheiro jovem, era esguio e elegante e incomumente bonito: tinha olhos risonhos e rasgados, nariz reto e pescoço longo, a testa pálida e lisa. Não se parecia em nada com os hóspedes de cabelos grisalhos que pediam comida aos gritos e provocavam as criadas por estarem solteiras. O jovem homem usava um terno ocidental e um casaco de neve grosso. Os sapatos de couro importados, a maleta de couro e o chapéu de feltro destoavam da pequena entrada da casa. A julgar por sua aparência, tinha dinheiro suficiente para um quarto em uma

hospedaria maior no centro, onde costumavam se hospedar os mercadores e comerciantes. Quase todas as hospedarias em Busan nas quais coreanos podiam ficar estavam lotadas, mas, por uma boa quantia de dinheiro, era possível conseguir algo. Com aquelas roupas, ele passaria por um japonês rico. A criada olhava para o cavalheiro com a boca ligeiramente aberta, torcendo para que ele pudesse ficar.

Yangjin fez uma reverência, sem saber o que dizer. O irmão dele sem dúvida tinha enviado uma carta, mas ela não sabia ler. De tempos em tempos, pedia ao professor da escola da aldeia que lesse para ela sua correspondência, mas naquele inverno ainda não tivera tempo.

— *Ajumoni* — disse ele, fazendo uma reverência —, espero que não a tenha acordado. Já estava escuro quando desembarquei da balsa. Só agora fiquei sabendo sobre seu marido. Sinto muito por essa notícia triste. Sou Baek Isak. Venho de Pyongyang. Meu irmão, Baek Yoseb, ficou hospedado aqui muitos anos atrás. — Ele tinha um leve sotaque do Norte e seus modos eram educados. — Gostaria de ficar aqui por algumas semanas, antes de ir para Osaka.

Yangjin olhou para os pés descalços. O quarto de hóspedes já estava lotado, e um homem como aquele provavelmente esperava ter seus próprios aposentos. Àquela hora da noite, seria difícil encontrar um barqueiro que o levasse de volta ao continente.

Isak tirou um lenço branco do bolso da calça e cobriu a boca para tossir.

— Meu irmão esteve aqui quase dez anos atrás. Eu me pergunto se a senhora se lembra dele. Ele admirava muito seu marido.

Yangjin fez que sim com a cabeça. Lembrava-se bem do Baek mais velho porque ele não era pescador nem alguém que trabalhasse no mercado. O primeiro nome dele era Yoseb; havia sido batizado em homenagem a um personagem bíblico. Seus pais eram cristãos e haviam fundado uma igreja no Norte.

— Mas seu irmão... Aquele cavalheiro não se parecia muito com o senhor. Ele era baixo e usava óculos redondos com aro de metal. Estava indo para o Japão e passou várias semanas hospedado aqui antes de seguir viagem.

— Sim, sim. — O rosto de Isak se iluminou. Fazia mais de uma década que não via Yoseb. — Ele mora em Osaka com a esposa. Foi ele quem escreveu para seu marido. Insistiu para que eu ficasse aqui e recomendou seu ensopado de bacalhau. “É melhor do que o de nossa casa”, ele me disse.

Yangjin sorriu. Como poderia não sorrir?

— Meu irmão me disse que seu marido era muito trabalhador.

Isak não mencionou o pé torto nem a fenda palatina, embora, é claro, Yoseb tivesse mencionado essas coisas em suas cartas. Isak estava curioso para conhecer o homem que tinha superado essas dificuldades.

— O senhor já jantou? — perguntou Yangjin.

— Estou bem. Obrigado.

— Podemos lhe preparar algo para comer.

— Acha que posso descansar aqui? Sei que não estava me esperando, mas já faz dois dias que estou na estrada.

— Não temos quarto vago, senhor. Não é um lugar muito grande, como pode ver...

Isak suspirou, em seguida sorriu para a viúva. Aquele fardo era dele, não dela, e não queria que ela se sentisse mal. Procurou a maleta. Estava perto da porta.

— É claro. Então acho melhor eu voltar para Busan e encontrar um lugar para ficar. Antes que eu vá, será que conhece alguma pensão nas redondezas onde possa haver um quarto vago para mim?

Ele endireitou a postura, não querendo parecer desencorajado.

— Não há nada nas redondezas, e não temos quarto vazio — respondeu Yangjin.

Se o colocasse com os outros, ele poderia se incomodar com o cheiro dos homens. Por mais que as lavassem, era impossível remover o fedor de peixe das roupas deles.

Isak fechou os olhos e acenou com a cabeça, virando-se para ir embora.

— Há espaço no local onde os hóspedes dormem. Temos apenas um quarto, como pode ver. Três hóspedes dormem nele durante o dia e outros três durante a noite, de acordo com os horários de

trabalho. Há espaço apenas para mais um homem, mas não é confortável. Pode dar uma olhada, se quiser.

— Está ótimo — disse Isak, aliviado. — Eu ficarei muito grato. Posso pagar o mês inteiro.

— Talvez seja mais apertado do que está acostumado. Não havia tantos homens aqui quando seu irmão ficou hospedado conosco. Naquela época, não tínhamos tanto movimento. Não sei se...

— Não, não. Quero apenas um canto para me deitar. Está tarde, e o vento está muito forte esta noite.

Yangjin de repente ficou envergonhada pelo estado de sua pensão, de uma forma que nunca havia ficado antes. Se ele quisesse ir embora na manhã seguinte, ela lhe devolveria o dinheiro, pensou.

Informou a ele o valor da tarifa mensal que deveria ser paga adiantada. Se ele fosse embora antes do fim do mês, ela devolveria a parte proporcional. Cobrou dele vinte e três ienes, o mesmo que cobrava dos pescadores. Isak contou o dinheiro e o entregou a ela.

A criada colocou a maleta dele diante do quarto e foi até o armário pegar um colchonete limpo. Ele ia precisar de água quente da cozinha para se lavar. A menina baixou os olhos, mas estava curiosa a respeito do rapaz.

Yangjin a ajudou a arrumar a cama, e Isak as observou em silêncio. Em seguida, a criada levou para ele uma bacia com água quente e uma toalha limpa. Os rapazes de Daegu dormiam lado a lado, e o viúvo dormia com os braços sobre a cabeça. O estrado de Isak ficava ao lado do estrado do viúvo.

De manhã, os homens reclamariam um pouco por ter de dividir o espaço com mais uma pessoa, mas Yangjin não podia colocá-lo para fora.



3

Quando amanheceu, os irmãos Chung voltaram de seu barco. Gordo notou de imediato a presença do novo hóspede, que ainda dormia no quarto.

Ele sorriu para Yangjin.

— Fico feliz que uma mulher tão trabalhadora como a senhora seja tão bem-sucedida. Os ricos já ficaram sabendo sobre sua comida deliciosa. Logo estará recebendo hóspedes japoneses! Espero que tenha cobrado dele o triplo do que nós, os pobres, pagamos.

Sunja balançou a cabeça, mas ele não notou. Gordo passou os dedos pela gravata pendurada ao lado do terno de Isak.

— Então é isso que os *yangban* usam em torno do pescoço para parecerem importantes. Parece uma forca. Nunca tinha visto uma coisa dessas de perto! Ah... como é macio! — O irmão mais novo passou a gravata sobre o bigode. — Talvez seja seda. Uma forca de seda de verdade! — Ele riu alto, mas Isak não se moveu.

— Gordo, não toque nisso — disse Gombo com severidade. O irmão mais velho tinha o rosto coberto de marcas de varíola e, quando ficava irritado, sua pele esburacada se avermelhava. Desde a morte do pai, ele cuidava dos dois irmãos mais novos.

Gordo largou a gravata, envergonhado. Não gostava de desagradar Gombo. Os irmãos se lavaram, comeram e foram dormir. O novo hóspede continuou dormindo ao lado deles, o ressonar pontuado de tempos em tempos por uma tosse abafada.

Yangjin foi até a cozinha pedir às criadas que cuidassem do novo hóspede caso ele acordasse. Deveriam deixar uma refeição quente pronta para ele. Sunja estava agachada em um canto, lavando batatas-doces, e não levantou a cabeça quando a mãe entrou na cozinha, tampouco quando ela saiu. Havia uma semana que diziam uma à outra apenas o imprescindível. As criadas não imaginavam o que poderia ter acontecido para deixar Sunja tão calada.

No fim da tarde, os irmãos Chung acordaram, comeram de novo e foram à cidade comprar tabaco antes de sair para o mar. Os

hóspedes da noite ainda não tinham voltado do trabalho, então a casa ficou silenciosa por algumas horas. O vento marinho penetrava pelas paredes porosas e por entre as frestas das janelas, produzindo uma corrente de ar considerável no pequeno corredor que ligava os quartos.

Yangjin estava sentada de pernas cruzadas perto de um dos pontos quentes no chão aquecido do quarto onde as mulheres dormiam. Estava remendando um par de calças que tirara da meia dúzia que havia na pilha de peças surradas dos hóspedes. As roupas dos homens não eram lavadas com a frequência necessária, pois tinham poucas mudas e não se importavam com isso.

— Elas simplesmente vão ficar sujas de novo — queixava-se Gordo, embora os irmãos mais velhos preferissem as roupas limpas.

Depois de lavá-las, Yangjin remendava o que podia e, pelo menos uma vez por ano, trocava os colarinhos das camisas e paletós que não podiam mais ser remendados ou lavados. Toda vez que o novo hóspede tossia, ela levantava a cabeça. Tentava se concentrar em seus pontos cuidadosos em vez de na filha, que limpava o chão da casa. Duas vezes por dia, o chão de papel encerado amarelo era varrido com uma escova curta e em seguida esfregado à mão com um pano limpo.

A porta da frente da casa se abriu devagar, e mãe e filha desviaram o olhar do que estavam fazendo. Jun, o carvoeiro, tinha chegado para receber seu dinheiro.

Yangjin se levantou do chão para falar com ele. Sunja fez uma reverência mecânica e em seguida retomou o trabalho.

— Como vai sua esposa? — perguntou Yangjin.

A esposa do carvoeiro tinha o estômago sensível e de tempos em tempos precisava ficar de repouso.

— Ela se levantou cedo hoje de manhã e foi para o mercado. Não há como impedir essa mulher de trabalhar. A senhora sabe como ela é — respondeu Jun, orgulhoso.

— O senhor é um homem de sorte.

Yangjin pegou a bolsa de moedas para pagá-lo pelo carvão daquela semana.

— *Ajumoni*, se todos os meus clientes fossem como a senhora, eu nunca passaria fome. A senhora sempre me paga em dia! —

exclamou ele, rindo com prazer.

Yangjin sorriu. Todas as semanas ele se queixava de que ninguém o pagava em dia, mas a maioria das pessoas deixava de comer para pagá-lo, já que naquele inverno estava fazendo frio demais para ficar sem carvão. Além disso, o carvoeiro era um homem roliço, que bebia uma xícara de chá e aceitava um lanche em todas as casas pelas quais passava; nunca havia passado fome, nem mesmo naqueles anos de escassez. Sua mulher era a melhor vendedora de algas do mercado e ganhava uma quantia considerável.

— Aqui na rua, aquele cão imundo do Lee não me paga o que deve...

— As coisas não estão fáceis. Todos estão passando por dificuldades.

— Não, as coisas não estão nada fáceis, mas sua casa está cheia de hóspedes porque a senhora é a melhor cozinheira de Kyungsangdo. O pastor está hospedado aqui? Encontrou uma cama para ele? Eu disse a ele que a senhora prepara o melhor sargo de Busan.

Jun farejou o ar, perguntando-se se conseguiria comer algo antes de ir para a casa seguinte, mas não sentiu o aroma de nada saboroso.

Yangjin olhou de relance para a filha, que parou de limpar o chão e foi até a cozinha preparar algo para o carvoeiro comer.

— Sabia que o rapaz já tinha ouvido falar de sua comida, porque o irmão ficou hospedado aqui dez anos atrás? Ah, o estômago tem uma memória melhor do que a do coração!

— Pastor? — Yangjin pareceu confusa.

— O jovem rapaz que veio do Norte. Eu o encontrei na noite passada, vagando pelas ruas à procura de sua casa. Baek Isak. Um sujeito elegante. Mostrei a ele onde a senhora morava e o teria acompanhado, mas tinha que fazer uma entrega para o filho da mãe do Cho, que finalmente conseguiu dinheiro para me pagar depois de um mês me enrolando...

— Ah...

— Enfim, contei ao pastor sobre os problemas estomacais de minha esposa e sobre como ela trabalha duro no mercado e, sabe,

ele disse que ia orar por ela na mesma hora. Simplesmente baixou a cabeça e fechou os olhos! Não sei se acredito nessas coisas, mas imagino que não faça nenhum mal. É um rapaz muito bonito, não acha? Ele já foi embora? Eu gostaria de cumprimentá-lo.

Sunja trouxe uma xícara de chá de cevada quente, um bule e uma tigela de batatas-doces cozidas em uma bandeja de madeira, que colocou diante dele. O carvoeiro se sentou em uma almofada no chão e devorou as batatas-doces ainda quentes. Mastigou com cuidado antes de continuar falando.

— Então, hoje pela manhã, perguntei a minha esposa como ela estava se sentindo, e ela respondeu que não estava mal e foi trabalhar! Talvez aquela oração tenha servido de alguma coisa, no fim das contas. Ha!

— Ele é ca-tó-li-co? — Yangjin não tinha a intenção de interrompê-lo com tanta frequência, mas não havia outra maneira de conversar com Jun, que seria capaz de falar sem parar por horas a fio. O marido dela costumava dizer que, para um homem, o carvoeiro era falastrão demais. — Um padre?

— Não, não. Ele não é padre. Esse pessoal é diferente. Baek é pro-tes-tan-te. Desses que podem se casar. Está indo para Osaka, onde o irmão mora. Eu não me lembro de o ter conhecido.

Ele continuou a mastigar em silêncio e tomou pequenos goles do chá.

Antes que Yangjin tivesse oportunidade de dizer algo, Jun continuou:

— Aquele desgraçado do Hirohito se apoderou de nosso país, roubou as melhores terras, o arroz, o peixe, e agora está levando nossos jovens. — Ele suspirou e comeu outro pedaço de batata. — Bem, não culpo os jovens por irem para o Japão. Não há como ganhar dinheiro aqui. É tarde demais para mim, mas se tivesse um filho... — Jun fez uma pausa, pois não tinha filhos e ficava triste ao pensar nisso. — Eu o teria mandado para o Havaí. Minha esposa tem um sobrinho esperto que trabalha em uma plantação de cana-de-açúcar lá. O trabalho é duro, mas e daí? Pelo menos ele não trabalha para esses desgraçados. Outro dia, quando fui até as docas, os filhos da puta tentaram me dizer que eu não podia...

Yangjin franziu o cenho ao ouvi-lo dizer palavrões. Em uma casa tão pequena, as garotas na cozinha e Sunja, que agora estava limpando o chão do quarto, ouviam tudo e sem dúvida estavam prestando atenção na conversa dos dois.

— Posso lhe servir mais chá?

Jun sorriu e empurrou a xícara vazia na direção dela com ambas as mãos.

— É culpa nossa termos perdido o país. Eu sei disso — prosseguiu ele. — Aqueles malditos aristocratas filhos de uma puta nos venderam. Nem um único desses *yangban* idiotas tem colhão suficiente.

Tanto Yangjin quanto Sunja sabiam que as meninas estavam rindo na cozinha das tiradas do carvoeiro, que eram as mesmas todas as semanas.

— Eu posso ser um camponês, mas sou um trabalhador honesto e jamais teria permitido que um bando de japoneses ficasse com nosso país. — Ele tirou um lenço branco limpo do paletó coberto de poeira de carvão e assoou o nariz. — Malditos... É melhor eu continuar a fazer minhas entregas.

A viúva pediu que ele esperasse enquanto ela ia até a cozinha. Em seguida, acompanhou-o até a porta da frente e entregou-lhe uma trouxa de batatas recém-colhidas. Uma das batatas escapou e rolou pelo chão. O carvoeiro a pegou depressa e a colocou em um dos bolsos fundos do paletó.

— Nunca devemos perder nada que seja valioso.

— São para sua esposa — disse Yangjin. — Por favor, diga que mandei meus cumprimentos.

— Obrigado.

Jun se apressou em calçar os sapatos e foi embora.

Yangjin permaneceu junto à porta enquanto ele se afastava e só voltou para dentro quando ele entrou na casa seguinte.

* * *

Sem o palavrório petulante do fanfarrão, a casa pareceu mais vazia. Sunja estava de joelhos, terminando de limpar o chão do corredor

que ligava a sala de estar ao restante da casa. A garota tinha o corpo firme como um bloco de madeira pálido — muito parecido com o da mãe —, com grande força nas mãos hábeis, braços com bons músculos e pernas fortes. Sua constituição, baixa e larga, era ideal para o trabalho duro, e havia pouca delicadeza em seu rosto e extremidades, mas ainda assim era bastante atraente fisicamente; mais interessante do que bonita. Aonde quer que fosse, Sunja chamava atenção por sua energia e vivacidade. Os hóspedes não paravam de cortejá-la, mas nenhum deles tivera êxito. Seus olhos escuros brilhavam como pedras reluzentes de um rio depositadas em uma superfície alva e lisa e, quando ria, era impossível não fazer o mesmo. O pai, Hoonie, a mimava desde o nascimento, e desde muito pequena Sunja considerava que seu maior dever era fazê-lo feliz. Assim que aprendeu a andar, passou a segui-lo como um animal de estimação leal e, por mais que admirasse a mãe, depois que o pai morreu, Sunja passou de uma menina alegre a uma moça séria.

Embora nenhum dos irmãos Chung tivesse dinheiro para se casar, Gombo, o mais velho, já dissera em mais de uma ocasião que uma moça como Sunja daria uma ótima esposa para um homem que quisesse prosperar. Gordo a adorava, mas se contentava em admirá-la como uma cunhada mais velha, embora ambos tivessem dezesseis anos. Se um dos irmãos pudesse se casar, seria Gombo, o primogênito, quem tomaria uma esposa primeiro. No entanto, nada disso importava mais, já que recentemente Sunja havia renunciado a todas as suas perspectivas de futuro. Estava grávida, e o pai do bebê não podia se casar com ela. Havia confessado isso à mãe na semana anterior, mas, é claro, ninguém mais sabia.

— *Ajumoni*, *ajumoni!* — gritou a criada mais velha do quarto onde os hóspedes dormiam, e Yangjin foi correndo até lá. Sunja largou o pano e foi atrás dela.

— Tem sangue! No travesseiro! E ele está encharcado de suor!

Bokhee, a mais velha das duas irmãs que trabalhavam como criadas, inspirou profundamente para se acalmar. Não tinha o hábito de elevar a voz e não queria assustar as outras, mas não sabia se o

hóspede estava morto ou agonizando e teve medo de se aproximar dele.

Todas ficaram em silêncio por um instante, então Yangjin mandou que a criada saísse do quarto e esperasse junto à porta.

— Acho que é tuberculose — disse Sunja.

Yangjin concordou. A aparência do hóspede lembrava a de Hoonie em suas últimas semanas.

— Vá chamar o farmacêutico — ordenou ela a Bokhee, mas em seguida mudou de ideia. — Não, não, espere. Posso precisar de você.

Isak estava adormecido com a cabeça no travesseiro, avermelhado e coberto de suor, sem ter consciência das mulheres que o observavam. Dokhee, a criada mais jovem, tinha acabado de chegar da cozinha e abafou um grito, sendo silenciada pela irmã. Quando o hóspede chegara, na noite anterior, sua palidez era perceptível, mas à luz do dia seu belo rosto tinha um tom cinzento, da cor da água da chuva suja coletada em um jarro. Seu travesseiro estava úmido, pontuado de pequenos respingos vermelhos onde ele havia tossido.

— *Uh-muh*... — murmurou Yangjin, surpresa e ansiosa. — Temos que tirá-lo daqui imediatamente. Os outros podem ficar doentes. Dokhee, esvazie a despensa. Rápido.

Ela o acomodaria na despensa, onde o marido tinha dormido quando estava doente, mas seria muito mais fácil se ele tivesse condições de caminhar até os fundos da casa em vez de ela ter que carregá-lo sozinha.

Yangjin puxou a ponta do colchão em uma tentativa de acordá-lo.

— Pastor Baek, senhor, senhor! — Yangjin tocou o ombro dele. — Senhor!

Por fim, Isak abriu os olhos. Não se lembrava de onde estava. Em seu sonho, estava em casa, descansando perto do pomar de macieiras; as árvores eram uma profusão de flores brancas. Quando voltou a si, reconheceu a dona da pensão.

— Está tudo bem?

— O senhor tem tuberculose? — perguntou Yangjin. Com certeza, ele devia saber.

Ele balançou a cabeça.

— Não, eu tive dois anos atrás. Mas me recuperei e estou bem desde então. — Isak colocou a mão na testa e sentiu o suor na linha dos cabelos. Levantou a cabeça e a sentiu pesada. — Ah, minha nossa — disse, ao ver as manchas vermelhas no travesseiro. — Sinto muito, eu não teria vindo para cá se soubesse que poderia contaminá-las. É melhor eu ir embora. Não quero colocá-las em risco.

Isak fechou os olhos, porque se sentia muito cansado. Passara a vida adoentado, e seu mais recente episódio de tuberculose fora apenas uma das muitas enfermidades que o haviam acometido. Os pais e os médicos não queriam que ele fosse para Osaka; apenas o irmão Yoseb achava que seria melhor para ele, já que o clima lá era mais ameno do que em Pyongyang. Além disso, Yoseb sabia que Isak não queria ser visto como um inválido, como tinha sido tratado durante a maior parte da vida.

— É melhor eu voltar para casa — disse Isak, com os olhos ainda fechados.

— O senhor vai morrer no trem. Seu estado vai piorar antes de começar a se recuperar. Consegue se sentar? — perguntou Yangjin.

Isak ergueu o tronco e se apoiou contra a parede fria. Tinha se sentido cansado durante a viagem até lá, mas agora era como se um urso o estivesse empurrando. Recuperou o fôlego e se virou para tossir. A parede ficou manchada de gotículas de sangue.

— Vai ficar aqui. Até melhorar — disse Yangjin.

Ela e Sunja se entreolharam. Não tinham ficado doentes quando Hoonie teve tuberculose, mas as meninas, que ainda não trabalhavam lá na época, e os hóspedes tinham que ser protegidos de alguma maneira.

Yangjin olhou para o rosto dele.

— Consegue caminhar um pouco, até os fundos da casa? Temos que o isolar dos outros.

Isak tentou se levantar, mas não conseguiu. Yangjin acenou com a cabeça. Pediu a Dokhee que fosse chamar o farmacêutico e a Bokhee que voltasse para a cozinha para preparar o jantar dos hóspedes.

Em seguida, pediu que Isak se deitasse no colchão e arrastou lentamente a cama, levando-a até a despensa, da mesma maneira

que fizera com o marido três anos antes.

— Eu não tive a intenção de causar nenhum mal a vocês — murmurou Isak.

O jovem amaldiçoou a si mesmo intimamente por seu desejo de ver o mundo além do lugar onde havia nascido e por se enganar, acreditando que estava bem o suficiente para ir a Osaka quando sentia que nunca ficaria de todo curado daquela enfermidade. Se infectasse alguma das pessoas com quem tivera contato, sua morte seria responsabilidade dele. Se ia morrer, esperava que fosse rápido, para poupar os inocentes.



4

Junho de 1932

No início do verão, menos de seis meses antes de o jovem pastor chegar à pensão e cair doente, Sunja conhecera o novo negociante do mercado de peixe, Koh Hansu.

A brisa marinha estava fria na manhã em que Sunja fora ao mercado comprar peixe para a pensão. Desde que era apenas um bebê amarrado às costas da mãe, ela ia ao mercado aberto em Nampo-dong; depois, quando era uma menina, segurava a mão do pai enquanto caminhavam até lá, trajeto que levavam quase uma hora para percorrer por causa de seu pé torto. A tarefa era mais divertida com o pai do que com a mãe, porque todos na aldeia o cumprimentavam de maneira muito afetuosa ao longo do caminho. A boca defeituosa de Hoonie e seus passos desajeitados pareciam desaparecer quando os amáveis vizinhos o paravam para perguntar sobre a família, a pensão e os hóspedes. Hoonie nunca dizia muito, mas a filha sabia, já naquela época, que muitos buscavam sua aprovação silenciosa, a mirada reflexiva de seus olhos sinceros.

Depois da morte de Hoonie, Sunja ficara encarregada de fazer as compras para a pensão. Sua rota não se desviava daquela que o pai e a mãe haviam lhe ensinado: primeiro, os produtos frescos; em seguida, os ossos para sopa no açougueiro; por fim alguns itens das *ajummas* do mercado, que ficavam agachadas ao lado de bacias cheias de especiarias, longas fileiras de reluzentes peixes-espada ou sargos gordos pescados horas antes, as mercadorias dispostas de maneira atrativa em panos encerados vermelhos e cor de turquesa estendidos no chão. O grande mercado de peixe (um dos maiores do tipo em toda a Coreia) se estendia pela praia rochosa coberta de seixos e cascalho, e as *ajummas* anunciavam sua mercadoria o mais alto que podiam, cada uma de seu quadrado de lona.

Sunja estava comprando algas com a mulher do carvoeiro, que vendia as de melhor qualidade, quando esta notou que o novo

negociante de peixes estava olhando para a garota da pensão.

— Que sem-vergonha. Vejam como ele a olha! Tem quase idade para ser seu pai! — A *ajumma* das algas revirou os olhos. — Só porque é rico, isso não dá a ele o direito de ser tão descarado com uma moça de boa família.

Sunja olhou para cima e viu o forasteiro, com seu terno ocidental de cores claras e sapatos de couro branco. Ele estava com os outros negociantes junto aos escritórios com paredes de chapas corrugadas e madeira. Usando um chapéu panamá creme, como os atores nos pôsteres de filmes, Koh Hansu se destacava entre os outros homens, que vestiam roupas escuras, como uma ave elegante com plumagem de um branco leitoso. Olhava para ela fixamente, mal prestando atenção aos homens que falavam a sua volta. Os negociantes eram responsáveis pela compra no atacado de todos os peixes que passavam por ali. Não apenas tinham o poder de determinar os preços, mas podiam punir qualquer capitão de barco ou pescador, recusando-se a comprar o que eles tivessem pescado; além disso, podiam negociar com os funcionários japoneses que controlavam as docas. Todos os tratavam com deferência e poucos se sentiam confortáveis perto deles, que raramente se misturavam com pessoas de fora de seu grupo. Os hóspedes da pensão se referiam a eles como intrusos arrogantes que ficavam com todo o lucro da pesca, mas mantinham o cheiro de peixe bem longe das mãos brancas e macias. Ainda assim, os pescadores eram obrigados a manter boas relações com aqueles homens, que tinham dinheiro no bolso para comprar os peixes e podiam lhes dar adiantamentos quando a pesca não era boa.

— É lógico que uma garota como você vai chamar a atenção de homens extravagantes, mas esse parece descarado demais. Nasceu em Jeju, mas vive em Osaka. Ouvi dizer que fala japonês com perfeição. Meu marido disse que ele é mais inteligente do que todos os outros juntos, mas é astuto. *Uh-muh!* Ele ainda está olhando para você!

A *ajumma* das algas enrubesceu do rosto ao colo.

Sunja balançou a cabeça, pois não queria conferir. Quando os hóspedes flertavam com ela, Sunja os ignorava e continuava a fazer

seu trabalho e não ia se comportar de forma diferente agora. De qualquer maneira, as *ajummas* do mercado tendiam a exagerar.

— Pode me dar as algas que minha mãe gosta?

Sunja fingiu estar interessada nas pilhas retangulares de algas secas, dobradas como tecido e separadas em fileiras de acordo com a qualidade e o preço.

A *ajumma* sorriu, voltando a si, e em seguida embrulhou uma grande quantidade de alga para Sunja. A garota contou as moedas e pegou o pacote.

— Quantos hóspedes sua mãe tem agora?

— Seis. — Pelo canto do olho, Sunja viu que o homem estava conversando com outro negociante, mas ainda olhava em sua direção. — Ela anda muito ocupada.

— Claro que sim! Sunja-*ya*, a vida de uma mulher é trabalho e sofrimento sem fim. É sofrimento após sofrimento. É melhor se preparar, sabe. Você está se tornando uma mulher, então precisa aprender isto: o homem com quem se casar vai determinar sua qualidade de vida. Um bom homem vai lhe dar uma vida decente, já com um homem ruim você terá uma vida amaldiçoada... Mas não importa o que aconteça, sempre espere sofrimento e continue trabalhando duro. Ninguém se preocupa com uma mulher pobre... a não ser nós mesmas.

A sra. Jun deu tapinhas na barriga, perpetuamente inchada, e se voltou para uma nova cliente, deixando que Sunja voltasse para casa.

Durante o jantar, os irmãos Chung mencionaram Koh Hansu, que acabara de comprar toda a sua pesca.

— Para um negociante, ele não é mau — comentou Gombo. — Prefiro os espertos como ele, que não se deixam enganar. Koh não regateia. O preço é um só, e costuma ser justo. Não me parece que ele tente passar a perna em nós como os outros, não dá para se recusar a vender para ele.

Gordo acrescentou então que soubera pelo vendedor de gelo que o negociante de peixes de Jeju era incrivelmente rico. Passava apenas três noites por semana em Busan, mas vivia em Osaka e Seul. Todos o chamavam de Chefe.

* * *

Koh Hansu parecia estar em toda parte. Sempre que ela ia ao mercado, ele aparecia, sem disfarçar seu interesse. Embora Sunja tentasse ignorar os olhares do homem e cuidar de seus afazeres, seu rosto ficava quente na presença dele.

Uma semana depois, ele a abordou pela primeira vez. Sunja tinha acabado de fazer as compras e estava caminhando sozinha pela estrada que levava até a balsa.

— Senhorita, o que vão servir para o jantar na pensão esta noite?

Eles estavam sozinhos, mas não muito distantes do burburinho do mercado.

Sunja olhou para ele e apressou o passo sem responder. Seu coração batia acelerado de medo e ela torceu para que ele não a estivesse seguindo. No trajeto da balsa, tentou se lembrar da voz dele; era a voz de alguém forte que tentava soar gentil. Tinha também um leve sotaque de Jeju, o prolongamento de determinadas vogais; não falava como as pessoas de Busan. Havia pronunciado a palavra “jantar” de maneira peculiar, e ela levara um momento para entender ao que ele estava se referindo.

No dia seguinte, Hansu a alcançou enquanto ela voltava para casa.

— Por que ainda não está casada? Já tem idade suficiente.

Sunja apressou o passo e o deixou para trás. Ele não a seguiu.

Embora ela não respondesse, Hansu insistia em falar com ela. Fazia sempre uma única pergunta, nunca dizia nada além disso e nunca repetia a pergunta, mas sempre que a via, e se Sunja estivesse perto o bastante para ouvi-lo, dizia algo, e ela se afastava apressada sem dizer uma palavra.

Hansu não se deixava abater por sua falta de resposta; se Sunja tivesse tentado entabular uma conversa, ele a teria achado vulgar. Gostava da aparência dela: cabelos brilhosos presos em uma trança, seios fartos amarrados por baixo da blusa branca engomada, a longa faixa habilmente amarrada e os passos apressados e decididos. Suas jovens mãos mostravam sinais de trabalho; não eram as mãos delicadas e experientes de uma garota de casa de chá nem as mãos pálidas e macias de uma jovem

aristocrata. Seu corpo agradável era compacto e roliço; os braços, cobertos por longas mangas brancas, pareciam ternos e reconfortantes. A privacidade secreta de seu corpo o excitava; ele ansiava por ver sua pele. Não era filha de um homem rico, tampouco de um homem pobre, mas havia algo de diferente no porte da garota, uma espécie de determinação. Hansu tinha descoberto quem ela era e onde morava. Seus hábitos de compras eram os mesmos todos os dias. Pela manhã, ia ao mercado e partia imediatamente depois de fazer as compras, sem demora. Ele sabia que, com o tempo, iam se conhecer.

Foi na segunda semana de junho. Sunja tinha terminado as compras do dia e estava voltando para casa, carregando uma cesta cheia em cada braço. Três estudantes japoneses adolescentes, com o paletó desabotoado, se dirigiam ao cais para pescar. Fazia um dia quente demais para ficarem parados, então os rapazes resolveram matar aula. Quando viram Sunja, que ia na direção da balsa de Yeongdo, os rapazes a cercaram, aos risos. Um estudante magro e pálido, o mais alto dos três, pegou um dos longos melões amarelos de sua cesta e o atirou para os amigos por cima da cabeça de Sunja.

— Devolvam — disse ela calmamente em coreano, torcendo para que os rapazes não fossem pegar a balsa. Aquele tipo de incidente acontecia com frequência no continente, mas havia poucos japoneses em Yeongdo. Sunja sabia que era importante sair daquela situação depressa. Os estudantes japoneses implicavam com os jovens coreanos, e algumas vezes acontecia o contrário. Crianças coreanas pequenas eram orientadas a nunca andar sozinhas, mas Sunja tinha dezesseis anos e era uma garota forte. Imaginou que os rapazes japoneses a tivessem confundido com alguém mais jovem e tentou soar mais autoritária.

— O que foi? O que foi que ela disse? — perguntaram eles em japonês, rindo. — Não entendemos o que disse, sua vadia fedida.

Sunja olhou em volta, mas ninguém parecia observá-los. O condutor da balsa estava ocupado conversando com dois outros homens, e as *ajummas* na área mais externa do mercado estavam concentradas em seu trabalho.

— Devolvam agora — disse ela com a voz firme, estendendo a mão direita. A cesta estava apoiada na dobra do cotovelo e ficava cada vez mais difícil manter o equilíbrio. Olhou diretamente para o rapaz magrelo, que era um palmo mais alto do que ela.

Os rapazes riram e continuaram a murmurar em japonês, que Sunja não compreendia. Dois deles jogavam o melão amarelo um para o outro, enquanto o terceiro começou a vasculhar a cesta que Sunja levava no braço esquerdo e que agora temia soltar.

Os rapazes eram mais ou menos da idade dela, ou mais novos, mas estavam em forma e cheios de uma energia imprevisível.

O terceiro rapaz, o mais baixo, tirou os rabos de boi do fundo da cesta.

— Os *yobos* não apenas comem cachorros, mas agora estão roubando a comida deles também! Garotas como você comem ossos? Sua vadia estúpida.

Sunja agitava as mãos no ar, tentando pegar de volta os ossos para a sopa. A única palavra que entendeu foi *yobo*, que normalmente significava “querido”, mas que os japoneses também usavam para se referir aos coreanos de forma pejorativa.

O rapaz baixinho ergueu um osso e em seguida o cheirou, fazendo uma careta.

— Que coisa nojenta! Como esses *yobos* conseguem comer uma merda dessa?

— Ei, isso é caro! Devolva! — gritou Sunja, incapaz de conter as lágrimas.

— O quê? Eu não entendo o que você diz, coreana estúpida. Por que não fala japonês? Todos os súditos leais do imperador devem saber falar japonês! Você não é uma súdita leal?

O rapaz mais alto ignorava os outros. Estava avaliando o tamanho dos seios de Sunja.

— Essa *yobo* tem peitos enormes. As garotas japonesas são delicadas, não são como essas reprodutoras.

Assustada, Sunja decidiu deixar as compras para lá e sair correndo, mas os rapazes a cercaram e não a deixaram passar.

— Vamos apertar os melões dela. — O rapaz mais alto pegou seu seio esquerdo com a mão direita. — Muito bom e suculento. Querem uma mordida?

Ele aproximou a boca aberta dos seios dela.

O mais baixo segurou a cesta mais leve com força para que ela não conseguisse se mover, em seguida apertou seu mamilo direito com o dedo indicador e o polegar.

— Vamos levá-la para algum lugar e ver o que tem debaixo dessa saia longa. Esqueçam a pescaria! Ela pode ser nosso peixe — sugeriu o terceiro rapaz.

O mais alto moveu a pelve na direção dela.

— Não quer provar a minha enguia?

— Me soltem. Vou gritar — disse ela, mas sentiu a garganta se fechando. Então viu o homem atrás do rapaz mais alto.

Hansu agarrou o jovem pelos cabelos curtos da nuca com uma das mãos e tapou a boca dele com a outra.

— Aproximem-se — sibilou ele para os outros, que, contrariando as expectativas, não abandonaram o amigo, cujos olhos estavam arregalados de pavor. — Vocês merecem morrer, seus filhos da puta — disse em um japonês perfeito. — Se voltarem a importunar esta moça ou se eu vir suas caras feias por aqui novamente, mando acabar com vocês. Pago os melhores assassinos de aluguel japoneses que conheço para eliminarem vocês e suas famílias, e ninguém jamais vai saber como morreram. Seus pais eram uns fracassados no Japão, por isso tiveram que vir para cá. Não tenham ideias idiotas sobre serem superiores a essas pessoas. — Hansu sorria enquanto dizia essas coisas. — Eu poderia matá-los agora mesmo, e ninguém faria nada, mas seria fácil demais. Posso mandar prendê-los, torturá-los e matá-los, é só querer. Hoje vou liberá-los com uma advertência porque estou generoso e estamos na presença de uma moça.

Os dois rapazes permaneceram em silêncio, observando os olhos saltados do amigo. O homem de terno marfim e sapatos de couro branco puxava com cada vez mais força os cabelos do rapaz, que nem ao menos tentou gritar, pois sentia o poder aterrorizante da força implacável do homem.

O homem falava exatamente como um japonês, mas seus atos fizeram com que os rapazes concluíssem que devia ser coreano. Não sabiam quem ele era, mas não duvidaram da veracidade de suas ameaças.

— Peçam desculpas, seus merdas — ordenou ele.

— Nós sentimos muito.

Eles se curvaram diante dela com deferência.

Sunja os encarou, sem saber o que fazer.

Eles se curvaram novamente, e Hansu afrouxou um pouco a mão em torno dos cabelos do rapaz.

Virou-se para Sunja e sorriu.

— Eles disseram que sentem muito. Em japonês, é claro. Gostaria que se desculpassem também em coreano? Posso obrigá-los a fazer isso. Posso obrigá-los a escrever uma carta se quiser.

Sunja fez que não com a cabeça. O rapaz mais alto estava chorando.

— Quer que eu os atire no mar?

Ele estava brincando, mas ela não conseguiu sorrir, apenas balançou a cabeça novamente. Os rapazes poderiam tê-la arrastado para algum lugar e ninguém os teria visto. Por que Koh Hansu não tinha medo dos pais deles? Não havia dúvida de que um estudante japonês poderia colocar um coreano adulto em apuros, pensou ela. Por que ele não estava preocupado? Sunja começou a chorar.

— Está tudo bem — disse Hansu a Sunja em voz baixa, soltando o rapaz mais alto.

Os rapazes colocaram o melão e os ossos de volta nas cestas.

— Nós sentimos muito — disseram mais uma vez, fazendo uma grande reverência.

— Nunca mais apareçam por aqui. Está claro, cabeças-de-bagre? — disse Hansu em japonês, sorrindo cordialmente para garantir que Sunja não entendesse o que havia acabado de dizer.

Os rapazes se curvaram de novo. O mais alto tinha urinado um pouco no uniforme. Eles saíram andando na direção da cidade.

Sunja colocou as cestas no chão e começou a soluçar. Seus antebraços pareciam prestes a cair. Hansu tocou de leve seu ombro.

— Você mora em Yeongdo.

Ela fez que sim.

— Sua mãe é a dona da pensão.

— Sim, senhor.

— Vou levá-la para casa.

Ela fez que não com a cabeça.

— Já lhe dei muito trabalho. Posso ir para casa sozinha.

Sunja não conseguia levantar a cabeça.

— Preste atenção, precisa ter o cuidado de não andar por aí sozinha nem sair à noite. Quando for ao mercado sozinha, deve pegar sempre as ruas principais. Sempre à vista das pessoas. Eles estão procurando moças agora.

Ela não compreendeu.

— O governo colonial. Para levar para os soldados na China. Não siga ninguém. Provavelmente vai ser um coreano, homem ou mulher, que vai abordá-la dizendo que tem um bom emprego na China ou no Japão. Pode ser alguém que você conheça. Tenha cuidado, e não estou me referindo apenas a esses rapazes idiotas. Eles são apenas uns garotos maus. Mas até eles podem lhe fazer mal se não tiver cuidado. Está entendendo?

Sunja não estava procurando emprego e não entendeu por que ele estava lhe dizendo todas aquelas coisas. Ninguém nunca oferecera trabalho a ela fora de casa. De qualquer maneira, nunca deixaria a mãe. Mas ele estava certo: havia muitas maneiras de desgraçar uma mulher. Diziam que as mulheres de famílias com posses levavam lâminas de prata escondidas sob a blusa para se proteger ou cometer suicídio caso fossem desonradas.

Hansu lhe entregou um lenço, e ela secou o rosto.

— É melhor você ir para casa. Sua mãe vai ficar preocupada.

Hansu a acompanhou até a balsa. Sunja colocou as cestas no chão e se sentou. Havia apenas dois outros passageiros na embarcação.

Sunja fez uma reverência. Koh Hansu a estava observando novamente, mas sua expressão havia mudado: ele parecia preocupado. Quando a balsa começou a se afastar do cais, ela se deu conta de que não havia agradecido a ele.



5

Enquanto Koh Hansu a acompanhava até a balsa, Sunja teve a oportunidade de observá-lo de perto sem distrações. Conseguiu até mesmo sentir o cheiro da pomada mentolada em seus cabelos pretos cuidadosamente penteados. Hansu tinha os ombros largos e o torso forte de um homem corpulento; as pernas não eram muito longas, mas ele tampouco era baixo. Devia ter a mesma idade de sua mãe, trinta e seis anos. A testa morena estava levemente enrugada e nas maçãs do rosto proeminentes havia manchas marrons desbotadas e sardas. O nariz (estreito, com uma saliência abaixo da ponte alta) fazia com que ele parecesse um pouco japonês, e na pele em torno das narinas havia pequenos vasos capilares rompidos. Mais pretos do que castanhos, os olhos escuros absorviam a luz como um longo túnel e, quando a encarava, ela sentia uma sensação estranha no estômago. O terno de estilo ocidental de Hansu era elegante e bem-cuidado; ao contrário dos hóspedes, ele não cheirava a trabalho nem ao mar.

Quando foi de novo ao mercado, ela o viu diante dos escritórios dos negociantes junto com um grupo de outros empresários e esperou até que ele a visse para cumprimentá-lo com um aceno. Hansu retribuiu com um leve movimento da cabeça, em seguida voltou ao trabalho. Sunja foi terminar de fazer as compras e, enquanto caminhava até a balsa, ele a alcançou.

— Será que tem um tempo? — perguntou ele.

Ela arregalou os olhos. O que ele queria dizer com aquilo?

— Para conversar.

A jovem tinha passado toda a vida rodeada de homens. Nunca tivera medo deles nem se sentira constrangida em sua presença, mas com Hansu não conseguia encontrar as palavras de que precisava. Para ela, era difícil até mesmo ficar perto dele. Engoliu em seco e decidiu que ia falar com ele da mesma maneira que falava com os hóspedes; tinha dezesseis anos, não era mais uma criança amedrontada.

— Obrigada por ter me ajudado naquele dia.

— Não foi nada.

— Eu deveria ter agradecido antes. Obrigada.

— Quero conversar com você, mas não aqui.

— Onde? — Ela se deu conta de que deveria ter perguntado “por quê?”.

— Na praia atrás de sua casa. Junto às grandes rochas pretas, onde a maré é baixa. Você lava as roupas lá, perto da enseada. — Ele queria mostrar que sabia um pouco sobre a vida dela. — Pode ir até lá sozinha?

Sunja olhou para as cestas de compras. Não sabia o que dizer, mas queria continuar conversando com ele. Sua mãe, no entanto, nunca permitiria.

— Consegue dar uma escapada amanhã de manhã? Por volta desta mesma hora?

— Não sei.

— À tarde é melhor?

— Depois que os homens saírem para trabalhar, acho. — Ela se viu dizendo isso e sua voz sumiu no ar.

* * *

Ele estava esperando por ela perto das pedras pretas, lendo um jornal. O mar estava mais azul do que ela se lembrava e as nuvens longas e finas pareciam mais pálidas; tudo parecia mais vibrante com ele ali. A brisa agitava as bordas das páginas e ele as segurava com firmeza, mas, quando viu que ela se aproximava, dobrou o jornal e o colocou debaixo do braço. Não foi até ela; esperou que ela se aproximasse. Ela continuou a andar com firmeza, uma grande trouxa de roupa suja equilibrada na cabeça.

— Senhor — disse, tentando não soar temerosa. Não podia se inclinar para cumprimentá-lo, então colocou as mãos em torno da trouxa, mas Hansu foi mais rápido, estendendo as mãos para tirar o fardo da cabeça dela, que endireitou a coluna enquanto ele depositava as roupas nas pedras secas.

— Obrigada, senhor.

— Pode me chamar de *oppa*. Você não tem irmãos, e eu não tenho irmãs. Você pode ser minha irmã mais nova.

Sunja não disse nada.

— Aqui é agradável. — Hansu observou a ondulação do mar e seus olhos se perderam no horizonte. — Não é tão bonito quanto Jeju, mas a sensação é parecida. Nós dois nascemos em ilhas. Um dia você vai entender que os ilhéus são diferentes. Temos mais liberdade.

Ela gostava da voz dele: era uma voz masculina e experiente, com um traço de melancolia.

— Você provavelmente vai passar a vida inteira aqui.

— Sim — disse ela. — Aqui é o meu lar.

— Lar — repetiu ele, pensativo. — Meu pai cultivava laranjas em Jeju. Eu e ele nos mudamos para Osaka quando eu tinha doze anos; já não penso em Jeju como meu lar. Minha mãe morreu quando eu era muito pequeno. — Ele não disse a Sunja que ela se parecia com os membros de sua família materna nos olhos e na testa ampla. — Você tem bastante roupa para lavar. Eu costumava lavar a minha roupa e a do meu pai. Detestava. Uma das melhores coisas de ser rico é ter alguém que lave suas roupas e prepare as suas refeições.

Sunja lavava roupa praticamente desde que aprendera a andar. Não se importava nem um pouco. Passar era mais difícil.

— No que pensa enquanto lava a roupa?

Hansu já sabia tudo que havia para saber sobre a garota, mas isso era diferente de conhecer seus pensamentos. Tinha o hábito de fazer muitas perguntas quando queria saber sobre o caráter de alguém. A maioria das pessoas expunha seus pensamentos com palavras e mais tarde os confirmava com ações. Havia mais pessoas sinceras do que mentirosas. Poucas sabiam mentir. O que mais o decepcionava em uma pessoa era ela ser igual a todas as outras. Ele preferia as mulheres inteligentes às tolas e as trabalhadoras às preguiçosas, que passavam o tempo todo deitadas.

— Quando eu era pequeno, meu pai e eu tínhamos apenas uma muda de roupa cada um, então, quando eu as lavava, tentávamos fazer com que secassem durante a noite e as vestíamos ainda

úmidas pela manhã. Uma vez, quando tinha dez ou onze anos, coloquei as roupas molhadas perto do fogão para secarem mais rápido e fui preparar nosso jantar. Íamos comer mingau de cevada, e eu tinha que mexê-lo sem parar na panela barata para não grudar no fundo. Enquanto estava mexendo, comecei a sentir um cheiro horrível e descobri que o fogo tinha feito um buraco enorme na manga do paletó do meu pai. Meu pai me deu a maior bronca. — Hansu riu ao se lembrar da repreensão que ouviu do pai. — “Sua cabeça é oca como uma cabaça! Que idiota inútil tenho como filho!”

O pai, que gastava todo o salário com bebida, nunca se culpava por não conseguir sustentá-los e era duro com o filho, que garantia a sobrevivência dos dois pedindo comida, caçando e cometendo pequenos furtos.

Sunja não havia imaginado que alguém como Koh Hansu fosse capaz de lavar a própria roupa. Suas roupas eram tão elegantes e bem cortadas. Ela já o vira usando diversos ternos e sapatos de couro branco. Ninguém se vestia como ele.

Sunja tinha algo a dizer.

— Quando lavo roupa, eu penso em lavá-las bem. É uma das tarefas de que gosto, porque posso deixar as coisas melhores do que eram antes. Não é como uma tigela quebrada que você tem que jogar fora.

Ele sorriu.

— Faz muito tempo que eu queria passar um tempo com você.

Mais uma vez, ela teve vontade de perguntar por quê, mas de certa forma isso não importava.

— Você tem uma cara boa — disse ele. — E parece honesta.

As mulheres do mercado já tinham dito isso a ela. Sunja não sabia pechinchar, nem ao menos tentava. Naquela manhã, no entanto, não havia contado à mãe que ia se encontrar com Koh Hansu. Também não contara à mãe sobre o incidente com os rapazes japoneses. Na noite anterior, tinha dito a Dokhee, que costumava lavar roupa com ela, que ia lavar roupa sozinha, e a garota ficara muito feliz por se livrar da tarefa.

— Você tem namorado? — perguntou ele.

As bochechas dela coraram.

— Não.

Hansu sorriu.

— Já tem quase dezessete anos. Eu tenho trinta e quatro. Exatamente o dobro da sua idade. Vou ser seu irmão mais velho e seu amigo. Hansu-*oppa*. Gostaria disso?

Sunja olhou nos olhos pretos dele, pensando que nunca havia desejado nada com mais força, a não ser quando desejou que o pai se recuperasse da doença. Não passava um dia sequer sem que ela pensasse no pai ou ouvisse a voz dele em sua mente.

— Quando você lava roupa?

— De três em três dias.

— A esta mesma hora?

Ela fez que sim com a cabeça. Respirou fundo, com os pulmões e o coração cheios de antecipação e alegria. Sempre tinha amado aquela praia: a interminável extensão de água azul e verde-clara, o cascalho branco emoldurando as pedras pretas entre a água e o solo pedregoso. O silêncio daquele lugar fazia com que se sentisse segura e feliz. Quase ninguém ia até lá, mas agora ela nunca mais o veria da mesma forma.

Hansu pegou uma pedra lisa e achatada perto do pé dela, preta com finas estrias acinzentadas. Tirou do bolso um pedaço de giz branco que usava para marcar as caixas de peixe e fez um X na parte de baixo da pedra. Em seguida, se agachou e procurou entre as enormes pedras em volta deles até encontrar uma depressão seca em uma rocha média da altura de um banco.

— Se eu vier até aqui e tiver que voltar ao trabalho antes de você ter chegado, vou deixar essa pedra na depressão dessa rocha para você saber que vim. Se vier até aqui e eu não estiver, quero que deixe a pedra no mesmo lugar, para eu saber que você veio. — Ele tocou o braço dela e sorriu. — Sunja, preciso ir. Nós nos vemos outro dia, está bem?

Ela observou enquanto ele se afastava e, assim que ele sumiu de vista, se agachou e abriu a trouxa para começar a lavar roupa. Pegou uma camisa suja e a mergulhou na água fria. Tudo havia mudado.

* * *

Três dias depois, voltou a encontrá-lo. Não foi difícil convencer as criadas a deixar que lavasse roupa sozinha. Mais uma vez, ele estava esperando junto às pedras, lendo o jornal. Usava um chapéu claro com uma faixa preta. Estava elegante. Agiu como se encontrá-la junto das pedras fosse algo normal, embora Sunja estivesse morrendo de medo de que fossem descobertos. Sentia-se culpada por não ter contado nada sobre ele à mãe, nem a Bokhee e Dokhee. Sentados nas rochas pretas, Hansu e Sunja conversaram por mais ou menos meia hora, e ele lhe fez algumas perguntas estranhas.

— No que você pensa quando tudo está silencioso e não há muito que fazer?

Nunca havia momentos em que ela não tivesse o que fazer. A pensão dava muito trabalho, e Sunja não se lembrava de um dia ter visto a mãe ociosa. Depois de dizer a ele que estava sempre atarefada, se deu conta de que não era bem assim. Havia momentos em que parecia que o trabalho não era nada, porque era algo que sabia fazer sem prestar muita atenção. Podia descascar batatas ou limpar o chão sem pensar e, ultimamente, sempre que sua mente ficava tranquila, pensava nele. Mas como poderia dizer isso? Pouco antes de ir embora, ele lhe perguntou o que era para ela um bom amigo, e ela respondeu que ele era um bom amigo, porque a havia ajudado quando estava em apuros. Ele sorriu ao ouvir essa resposta e acariciou os cabelos dela. Encontravam-se na enseada a cada poucos dias, e Sunja foi se tornando mais eficiente na lavagem das roupas e no restante das tarefas de casa para que ninguém notasse como se demorava na praia ou no mercado.

Antes de cruzar o umbral da porta da cozinha para ir ao mercado ou à praia, checava o próprio reflexo na tampa de metal da panela, ajeitando a trança firme que tinha feito pela manhã. Não fazia ideia de como se arrumar a fim de ficar bonita ou atraente para um homem, menos ainda um homem importante como Koh Hansu, de modo que se esforçava para estar pelo menos limpa e bem penteada.

Quanto mais o via, mais vívida ficava a imagem dele em seus pensamentos. Suas histórias preenchiam a mente dela de pessoas e lugares que nunca havia imaginado. Hansu morava em Osaka, uma grande cidade portuária no Japão onde ele dizia que uma

pessoa podia conseguir tudo que quisesse com dinheiro e onde quase todas as casas tinham luz elétrica e calefação, para que os moradores se mantivessem aquecidos no inverno. Ele lhe contou que Tóquio era muito mais movimentada do que Seul, com mais pessoas, lojas, restaurantes e teatros. Já tinha ido à Manchúria e a Pyongyang. Descrevia todos esses lugares e dizia que um dia ela os conheceria com ele, mas Sunja não entendia como isso seria possível. Não o contestava, porque gostava da ideia de viajar com ele, a ideia de ficar com ele por mais do que os poucos minutos que tinham na enseada. De suas viagens, Hansu trazia para ela caramelos lindamente coloridos e biscoitos doces. Ele desembrulhava os caramelos e colocava um em sua boca como uma mãe alimentando uma filha. Sunja nunca havia provado nada tão doce e delicioso (balas cor-de-rosa importadas dos Estados Unidos, biscoitos amanteigados da Inglaterra) e tomava o cuidado de jogar as embalagens fora antes de voltar para casa, pois não queria que a mãe ficasse sabendo.

Estava fascinada pelas palavras e pelas experiências dele, que eram muito mais interessantes do que as aventuras dos pescadores e trabalhadores que tinham vindo de lugares distantes, mas havia algo ainda mais novo e poderoso em sua relação com Hansu, algo que ela não havia esperado. Até conhecê-lo, Sunja nunca havia falado com ninguém sobre sua vida: os hábitos curiosos dos hóspedes, a convivência com as irmãs que trabalhavam para sua mãe, as lembranças de seu pai e questões íntimas. Agora tinha alguém a quem perguntar como eram as coisas fora de Yeongdo e Busan. Hansu estava sempre ansioso para saber como tinha sido o dia dela; queria saber até com o que ela havia sonhado. Ocasionalmente, quando ela não sabia como lidar com algo ou com alguém, ele dizia a ela o que devia fazer, pois tinha ideias excelentes sobre como resolver problemas. Nunca falavam sobre a mãe de Sunja.

No mercado, era estranho vê-lo fazendo negócios, porque era outra pessoa quando estava com ela: era seu amigo, seu irmão mais velho, aquele que tirava a trouxa de roupa suja de sua cabeça quando ia encontrá-lo.

— Como você faz isso com elegância — dizia ele, admirando como o pescoço dela era firme e forte. Certa vez, ele tocou de leve a nuca dela com as mãos largas e grossas, e ela se sobressaltou ao toque, chocada com a sensação.

Queria vê-lo o tempo todo. Com quem mais ele conversava e a quem mais fazia perguntas? O que fazia à noite, quando ela estava em casa cuidando dos hóspedes, tirando a mesa do jantar ou dormindo ao lado da mãe? Era impensável perguntar a ele, então guardava essas perguntas para si mesma.

Encontraram-se dessa forma por três meses, ficando cada vez mais à vontade na companhia um do outro. Com a chegada do outono, começou a fazer frio e ventar à beira-mar, mas Sunja mal sentia o ar gélido.

No início de setembro, choveu por cinco dias seguidos e, quando o tempo enfim abriu, Yangjin pediu a Sunja que fosse colher cogumelos no bosque de Taejongdae. Sunja gostava de colher cogumelos e, como estava indo se encontrar com Hansu na praia, ficou feliz por poder dizer a ele que ia fazer algo diferente de suas tarefas habituais. Ele viajava e via coisas novas com frequência; aquela era a primeira vez que ela ia fazer algo fora de sua rotina.

Em meio à empolgação, revelou seus planos de colher cogumelos logo depois do café da manhã do dia seguinte, e Hansu ficou em silêncio por um momento, encarando-a, pensativo.

— Seu Hansu-*oppa* aqui é bom em encontrar cogumelos e raízes silvestres. Conheço bem os que podem e os que não podem ser comidos. Quando era menino, passava horas procurando raízes e cogumelos. Na primavera, catava brotos de samambaia e os colocava para secar. Costumava caçar coelhos com um estilingue para o jantar. Uma vez, peguei dois faisões antes do anoitecer... foi a primeira vez que comemos carne em muito tempo. Meu pai ficou muito satisfeito! — A expressão dele se suavizou. — Podemos ir juntos. Quanto tempo você tem para colher os cogumelos?

— Você quer ir?

Uma coisa era falar com Hansu duas vezes por semana durante meia hora, mas ela não se imaginava passando um dia inteiro com ele. O que aconteceria se alguém os visse juntos? Sunja sentiu o

rosto ficar quente. O que deveria fazer? Tinha contado a ele e não podia impedi-lo de ir.

— Eu a encontro lá. Preciso voltar ao mercado. — Hansu sorriu de um jeito diferente dessa vez, como se fosse um menino, entusiasmado e radiante. — Vamos encontrar muitos cogumelos. Tenho certeza.

* * *

Eles caminharam pelo entorno da ilha, onde ninguém os veria juntos. O litoral estava mais exuberante do que nunca. Conforme se aproximavam do bosque que ficava do lado oposto da ilha, os enormes pinheiros, bordos e abetos pareciam lhes dar as boas-vindas, adornados com tons de dourado e vermelho como se estivessem vestindo seus trajes de festa. Hansu contou a ela sobre sua vida em Osaka. Os japoneses não deveriam ser vilipendiados, disse ele. Naquele momento da história, estavam derrotando os coreanos e, claro, ninguém gostava de perder. Mas ele acreditava que, se parassem de discutir uns com os outros, os coreanos provavelmente derrotariam o Japão e fariam coisas muito piores com os japoneses.

— Aonde quer que você vá, as pessoas estão podres. Não há ninguém bom. Quer ver um homem muito mau? Faça com que ele seja mais bem-sucedido do que poderia imaginar. Vai ver quão bom ele será quando puder fazer tudo que quiser.

Sunja concordava com a cabeça enquanto ele falava, tentando se lembrar de cada uma de suas palavras, gravar sua imagem e memorizar tudo que ele estava tentando lhe dizer. Colecionava as histórias dele como os cristais polidos e as pedras cor-de-rosa que costumava catar na praia quando era menina — as palavras dele a impressionavam porque ele a estava tomando pela mão e lhe mostrando coisas novas e inesquecíveis.

É claro que havia muitos assuntos e ideias que ela não compreendia, e às vezes era difícil até mesmo tentar aprender sem ter vivenciado nada daquilo. Ainda assim, preenchia sua mente da mesma maneira que teria recheado as tripas de um porco com

mistura de chouriço. Ela esforçava-se para entender as coisas, porque não queria que ele achasse que era ignorante. Sunja não sabia ler e escrever em coreano nem em japonês. Seu pai havia lhe ensinado um pouco de adição e subtração para que pudesse contar dinheiro, mas isso era tudo. Ela e a mãe não sabiam nem ao menos escrever os próprios nomes.

Hansu tinha levado consigo um lenço grande, para poder colher cogumelos também. Seu evidente entusiasmo com o passeio fazia com que Sunja se sentisse melhor, mas ela ainda estava preocupada que alguém os visse. Ninguém sabia que os dois eram amigos. Homens e mulheres não deveriam ser amigos, e eles não eram noivos. Ele nunca havia mencionado casamento e, se quisesse se casar com ela, teria que falar com sua mãe, o que não havia feito. Na verdade, depois de perguntar, três meses antes, se ela estava comprometida, ele nunca mais havia tocado no assunto. Sunja tentava não pensar nas mulheres que haveria em sua vida. Não seria difícil para ele encontrar uma moça, e na maior parte do tempo Sunja não entendia o interesse dele por ela.

A longa caminhada até o bosque pareceu curta, e, conforme se embrenhavam nele, tiveram a sensação de que era ainda mais isolado do que a enseada, mas em vez do espaço aberto entre as rochas baixas e da extensão de água verde-azulada, árvores imensas se erguiam ao redor deles. Era como entrar na casa escura e frondosa de um gigante. Ouviram pássaros, e Sunja olhou ao redor para ver de que tipo eram. Então reparou no rosto de Hansu: havia lágrimas em seus olhos.

— *Oppa*, está tudo bem?

Ele fez que sim com a cabeça. Havia falado durante todo o caminho sobre suas viagens e seu trabalho, mas ficou em silêncio ao ver as folhas coloridas e os troncos nodosos das árvores. Colocou a mão direita nas costas de Sunja e tocou a ponta de sua trança. Acariciou as costas dela e em seguida afastou a mão cuidadosamente.

Hansu não entrava em um bosque desde que era menino, antes de se tornar um adolescente forte que trapaceava e roubava com outros garotos nas ruas de Osaka. Antes de se mudar para o Japão, as montanhas arborizadas de Jeju eram seu santuário; conhecia

cada árvore na encosta do vulcão Hallasan. Lembrou-se dos pequenos cervos com pernas esguias e passos miúdos e sedutores. O aroma intenso das flores de laranjeira voltou a sua memória, embora não houvesse laranjas nos bosques de Yeongdo.

— Vamos — disse ele, indo adiante, e Sunja o seguiu. Menos de uma dezena de passos depois, Hansu parou para arrancar cuidadosamente um cogumelo do chão. — Este vai ser o primeiro — disse, e já não chorava.

Ele não havia mentido: era um especialista em encontrar cogumelos e conhecia diversas ervas comestíveis, cujo preparo ele ensinou a Sunja.

— Quando se tem fome, você aprende o que pode e o que não pode comer. — Ele riu. — Não gosto de passar fome. Então, aonde costuma ir? Em que direção?

— A alguns minutos daqui... no lugar onde minha mãe costumava colhê-los depois das chuvas quando eu era pequena. Ela nasceu e cresceu nesta parte da ilha.

— Sua cesta não é grande o bastante. Poderia ter trazido duas e teria cogumelos suficientes para desidratar para o inverno! Talvez tenha que voltar amanhã.

Sunja sorriu.

— Mas, *oppa*, você ainda nem viu o lugar!

Quando chegaram ao lugar onde a mãe dela costumava colher cogumelos, o chão estava coberto por um tapete dos cogumelos marrons de que seu pai tanto gostava.

Hansu riu, satisfeito.

— Não falei? Devíamos ter trazido algo com o que cozinhar. Da próxima vez, vamos almoçar aqui. É muito fácil!

Na mesma hora, ele começou a colher cogumelos aos montes, depositando-os na cesta pousada no chão entre eles. Quando a cesta se encheu, passou a colocá-los em seu lenço, e, quando o lenço estava transbordando, Sunja desamarrou o avental em torno da cintura e colheu ainda mais.

— Não sei como vou carregar tudo isso — comentou ela. — Estou sendo gananciosa.

— Você não é gananciosa o suficiente.

Hansu se aproximou dela. Sunja sentiu o cheiro de seu sabonete e o aroma de gaultéria de seu gel de cabelo. Estava barbeado e lindo. Ela adorava a brancura de suas roupas. Por que ela se importava com isso? Os homens da pensão estavam sempre imundos. O trabalho emporcalhava todas as suas roupas, e, por mais que esfregasse, o cheiro de peixe não saía de suas camisas e calças. Seu pai a ensinara a não julgar as pessoas por coisas tão superficiais: as roupas e as posses de um homem não diziam nada a respeito de seu coração e seu caráter. Inspirou profundamente o aroma de Hansu misturado ao ar puro do bosque.

Hansu deslizou a mão por baixo de sua blusa curta tradicional, e ela não o impediu. Ele desatou a longa faixa que prendia a blusa e a abriu. Sunja começou a chorar em silêncio, e ele a abraçou, tranquilizando-a baixinho. Ela permitiu que ele a confortasse enquanto fazia o que queria. Deitou-a no chão, com cuidado.

— *Oppa* está aqui. Está tudo bem. Está tudo bem.

As mãos dele seguraram com firmeza suas nádegas durante todo o tempo e, embora tivesse tentado protegê-la dos galhos e folhas, o leito do bosque deixou marcas vermelhas na parte de trás de suas pernas. Quando se afastaram, ele usou seu lenço para limpar o sangue.

— Seu corpo é bonito. Suculento como uma fruta madura.

Sunja não conseguiu dizer nada. Ela o havia amamentado como a um bebê. Enquanto ele se movia dentro dela, fazendo o que ela já havia visto porcos e cavalos fazerem, Sunja ficou atordoada com a intensidade da dor e se sentiu aliviada quando terminou.

Quando se levantaram do tapete de folhas vermelhas e amarelas, ele a ajudou a ajeitar as roupas de baixo e a vestiu.

— Você é minha linda menina.

Foi o que ele lhe disse quando fizeram aquilo de novo.



6

Hansu tinha ido para o Japão a negócios, prometendo que traria uma surpresa para ela quando voltasse. Sunja achava que era apenas uma questão de tempo até ele falar em casamento. Ela pertencia a ele e queria ser sua esposa. Não queria deixar a mãe, mas, se tivesse que se mudar para Osaka a fim de ficar com ele, então iria. Ao longo do dia, se perguntava o que ele estaria fazendo naquele momento. Quando imaginava sua vida longe dela, Sunja se sentia parte de algo maior, algo fora de Yeongdo, fora de Busan, e até mesmo fora da Coreia. Como era possível que tivesse vivido sem conhecer mais nada além do pai e da mãe? No entanto, isso era tudo que conhecia. Era certo uma garota se casar e ter filhos, e, quando não menstruou, Sunja ficou feliz com a ideia de dar um filho a Hansu.

Contou os dias até ele voltar e, se houvesse um relógio na casa, teria contado as horas e os minutos. Na manhã do retorno dele, Sunja foi correndo até o mercado. Passou diante dos escritórios dos negociantes até que ele a visse e, à sua maneira discreta, combinaram de se encontrar na enseada na manhã seguinte.

Assim que os hóspedes saíram para trabalhar, Sunja pegou a roupa suja e foi correndo para a praia, incapaz de esperar mais um minuto. Quando viu o amado junto às rochas, com um elegante sobretudo sobre o terno, sentiu orgulho de ter sido escolhida por um homem como ele.

Ao contrário das outras vezes, quando se aproximava com passos delicados e cautelosos, naquele dia correu até ele, impaciente, com a trouxa de roupa pressionada contra o peito.

— *Oppa!* Você voltou!

— Eu disse a você... Eu sempre volto.

Ele a abraçou com força.

— Estou tão feliz por vê-lo.

— Como está minha menina?

Ela sorriu de orelha a orelha.

— Espero que não viaje novamente tão cedo.

— Feche os olhos — pediu ele, e Sunja obedeceu.

Hansu abriu a mão direita dela e colocou um disco grosso na palma. Ela sentiu o metal frio contra a pele.

— É igual ao seu — disse, abrindo os olhos. Hansu tinha um pesado relógio de bolso de ouro que havia comprado na Inglaterra. Quase do mesmo tamanho, o dela era de prata banhada em ouro, explicou ele. Algum tempo antes, ensinara a ela a diferença entre o ponteiro longo e o curto e como ver as horas. O relógio dele pendia de uma corrente de ouro maciço, com uma haste na ponta que ficava enfiada na casa de botão de seu colete.

— Aperte aqui.

Hansu pressionou um botão pequeno e o relógio de bolso se abriu, revelando um elegante mostrador branco com numerais curvos.

— É a coisa mais bonita que já vi. Obrigada, *oppa*. Muito obrigada. Onde o comprou?

Ela não conseguia imaginar uma loja onde fossem vendidas coisas como aquela.

— Quando se tem dinheiro, não há nada que não se possa conseguir. Mandei vir de Londres para você. Agora podemos saber exatamente quando nos encontrar.

Sunja não conseguia imaginar felicidade maior do que a que sentia naquele momento.

Hansu acariciou seu rosto e a puxou em sua direção.

— Eu quero ver você.

Ela baixou o olhar e abriu a blusa. Na noite anterior, havia se banhado com água quente, esfregando cada poro do corpo até a pele ficar vermelha.

Ele tirou o relógio da mão dela e passou o fino cordão de sua combinação pelo aro.

— Vou encomendar uma corrente e um alfinete adequados da próxima vez que estiver em Osaka.

Baixou a combinação para expor os seios nus e aproximou a boca deles enquanto abria sua longa saia.

O choque dela diante da urgência do desejo de Hansu havia diminuído um pouco desde a primeira vez que fizeram amor. Já tinham estado juntos muitas vezes, e a dor já não era tão intensa

quanto tinha sido no início. O que Sunja gostava no ato de fazer amor eram as carícias delicadas, assim como o desejo poderoso do corpo de Hansu. Gostava de como o rosto dele mudava de sério para inocente naqueles momentos.

Quando ele terminou, Sunja fechou a blusa. Em alguns minutos, ele teria que voltar ao trabalho e ela lavaria os lençóis da pensão.

— Estou esperando um filho seu.

Ele abriu os olhos e não disse nada por um instante.

— Tem certeza?

— Sim, acho que sim.

— Bom.

Hansu sorriu.

Ela retribuiu o sorriso, orgulhosa do que tinham feito juntos.

— Sunja...

— Sim, *oppa*? — Ela examinou o rosto sério dele.

— Eu tenho mulher e três filhos. Em Osaka. — Sunja abriu a boca e em seguida a fechou. Não conseguia imaginá-lo com outra pessoa. — Vou cuidar de você, mas não podemos nos casar. Meu casamento já está registrado no Japão, e eu teria problemas no trabalho — explicou ele, com o cenho franzido. — Vou fazer tudo que puder para ficarmos juntos. Estava pensando em arrumar uma boa casa para você.

— Uma casa?

— Perto da sua mãe. Ou, se preferir, pode ser em Busan. Logo o inverno vai chegar e não vamos poder continuar nos encontrando na praia. — Ele riu e esfregou os braços de Sunja, que estremeceu.

— Foi por isso que foi para Osaka? Para ver sua...

— Eu sou casado praticamente desde que era menino. Tenho três filhas.

As filhas de Hansu não eram muito inteligentes nem demonstravam muito interesse por nada, mas eram doces e simples. Uma delas era bonita o suficiente para se casar, mas as outras estavam magras demais, como sua mãe nervosa, que parecia frágil e eternamente preocupada.

— Talvez você esteja esperando um menino! — Ele não conseguiu conter um sorriso diante da ideia. — Como está se sentindo? Há algo que esteja com vontade de comer? — Ele pegou

a carteira e sacou uma pilha de notas de iene. — Compre o que tiver vontade de comer. Além disso, vai precisar de tecido para fazer roupas para você e para o bebê.

Ela ficou olhando para o dinheiro, mas não o pegou. Suas mãos pendiam junto ao corpo. Hansu soava cada vez mais empolgado.

— Está se sentindo diferente?

Ele colocou as mãos na barriga dela e riu, satisfeito.

A mulher de Hansu, que era dois anos mais velha do que ele, não ficava grávida havia anos; raramente faziam amor. No ano anterior, nenhuma de suas diversas amantes tivera um atraso sequer na menstruação, então ele não se preocupara muito com a possibilidade de Sunja engravidar. Hansu tinha planejado comprar uma casa pequena para ela antes do inverno, mas agora procuraria algo bem maior. A garota era nova e evidentemente fértil, e ele se deu conta de que podiam ter mais filhos. Ficou feliz diante da perspectiva de ter uma mulher e filhos na Coreia. Não era mais um homem jovem, porém seu desejo sexual não tinha diminuído com a idade. Enquanto estivera fora, havia se masturbado pensando em Sunja. Hansu não acreditava que o homem fosse destinado a fazer sexo com apenas uma mulher; o casamento lhe parecia antinatural, mas jamais abandonaria uma mulher que tivesse lhe dado um filho. Embora achasse que um homem precisava de várias mulheres, descobriu que preferia estar apenas com aquela menina. Adorava a firmeza de seu corpo, o volume de seus seios e de seu quadril. Seu rosto gentil o confortava, e ele havia começado a depender de sua inocência e sua adoração. Depois de estar com ela, Hansu tinha a sensação de que havia poucas coisas que não era capaz de fazer. No fim das contas, era verdade: estar com uma mulher jovem fazia com que um homem se sentisse um menino outra vez. Ele colocou o dinheiro na mão de Sunja, mas ela deixou que as notas caíssem e se dispersassem pela praia. Hansu se abaixou para pegá-las.

— O que está fazendo? — questionou ele, elevando um pouco a voz.

Sunja desviou o olhar. Ele estava dizendo algo, mas ela não conseguia ouvir o que era. Era como se sua mente não conseguisse mais dar significado às palavras dele: eram apenas sons, ruídos. Nada fazia sentido. Ele tinha mulher e três filhas no Japão? Desde

que o conhecera, ela acreditava que ele havia sido sincero. Havia cumprido todas as promessas que fizera. Dissera que tinha uma surpresa para ela e lhe dera um relógio, mas ela não queria mais que ele soubesse a surpresa que tinha para ele. Nada em seu comportamento a fizera suspeitar de que ele fosse um *jebi*, o tipo de homem que pulava de uma mulher para outra. Será que ele também fazia amor com a esposa? O que ela sabia sobre homens, afinal?

Como seria a esposa dele? Sunja queria saber. Será que era bonita? Será que era gentil? Ela não conseguia mais encará-lo. Olhou para a saia de musselina branca, a barra puída encardida não importava o quanto ela a lavasse.

— Sunja, quando posso ir falar com sua mãe? Será que devemos falar com ela agora? Ela sabe sobre o bebê?

Quando ele mencionou a mãe dela, foi como se tivesse lhe dado uma bofetada.

— Minha mãe?

— Sim, já contou a ela?

— Não. Não, ainda não contei.

Sunja tentou não pensar na mãe.

— Vou comprar a pensão para vocês e não vão mais precisar receber hóspedes. Vão apenas cuidar da criança. Podemos ter mais filhos. Você pode ter uma casa muito maior se quiser.

A trouxa de roupa suja a seus pés parecia brilhar ao sol. Ela tinha trabalho a fazer. Não passava de uma camponesa tola que tinha permitido que um homem a possuísse no chão de um bosque. Quando ele quis possuí-la ao ar livre, na praia, ela havia deixado que dispusesse de seu corpo como quisesse. Mas achava que ele a amava da mesma maneira que ela o amava. Se Hansu não se casasse com ela, ela seria apenas uma vadia comum que fora desonrada para sempre. Seu filho seria apenas mais um bastardo sem sobrenome. A pensão de sua mãe seria contaminada por sua vergonha. Ela levava no ventre um bebê que não teria um pai de verdade como ela tivera.

— Nunca mais quero vê-lo — disse ela.

— O quê?

Hansu sorriu, incrédulo. Colocou as mãos nos seus ombros, mas ela se desvencilhou.

— Se tentar se aproximar de mim novamente, eu me mato. Posso ter me comportado como uma vadia...

Sunja não conseguiu mais falar. Podia ver seu pai com clareza: seus lindos olhos, o lábio leporino, o andar trôpego e arrastado. Quando terminava o longo dia de trabalho, ele fazia bonecas para ela com galhos e espigas de milho secas. Quando havia uma moeda de cobre sobrando no bolso, comprava um caramelo para ela. Ainda bem que estava morto e não podia ver a criatura imunda que ela havia se tornado. Ele a ensinara a se dar ao respeito, mas ela não havia se dado ao respeito. Tinha traído a mãe e o pai, que não haviam feito nada além de trabalhar duro e cuidar dela como se fosse uma joia.

— Sunja, minha adorada menina. Por que está aborrecida? Nada mudou. — Hansu estava confuso. — Vou cuidar muito bem de você e do bebê. Tenho dinheiro e tempo para outra família. Vou cumprir com minhas obrigações. Meu amor por você é muito forte, é mais forte do que eu esperava. Não digo isso sem refletir: se pudesse, me casaria com você. Você é alguém com quem eu me casaria. Nós dois somos parecidos. Nosso filho será muito amado, mas não posso abandonar minha esposa e minhas três filhas...

— Você nunca me falou delas, me deixou pensar...

Hansu balançou a cabeça. A garota nunca o havia confrontado antes, nunca ouvira uma palavra de contestação vinda de seus lábios.

— Nunca mais quero vê-lo.

Ele tentou abraçá-la, e Sunja gritou.

— Fique longe de mim, seu desgraçado! Não quero ter nenhuma ligação com você.

Hansu parou e olhou para ela, sentindo que precisava reavaliar a garota diante dele. O fogo em seu corpo nunca havia sido expresso em palavras, e agora ele entendia que Sunja era diferente.

— Você não se importa comigo. Não de verdade. — De repente, ela se sentia segura. Esperava que ele a tratasse como os pais a haviam tratado. Tinha certeza de que o pai e a mãe prefeririam que ela tivesse qualquer emprego honesto a ser a amante de um homem rico.

— E o que vai fazer se o bebê for uma menina? Ou se nascer como meu pai? Com um pé torto e sem o lábio superior?

— Foi por isso que nunca se casou? — perguntou Hansu, franzindo a testa.

A mãe de Sunja nunca mencionara a ideia de casamento, mesmo que muitas garotas de sua aldeia tivessem se casado antes dela. Ninguém havia abordado a mãe dela com uma proposta, e os hóspedes que flertavam com ela não o faziam a sério. Talvez fosse por isso, pensou Sunja. Agora que estava grávida, de repente se deu conta de que poderia dar à luz uma criança com as mesmas deformidades do pai. Todos os anos, Sunja limpava o túmulo dos irmãos; sua mãe lhe contara que vários deles tinham nascido com lábio leporino. Hansu esperava um filho saudável, mas e se ela não fosse capaz de gerá-lo? Ele o rejeitaria?

— Estava tentando me obrigar a casar com você porque não foi capaz de se casar com um sujeito comum?

Até mesmo Hansu se deu conta da crueldade daquelas palavras.

Sunja pegou a trouxa e correu para casa.



7

O boticário Chu tinha se afeiçoado ao pastor de Pyongyang e ficou feliz ao vê-lo recuperado. Visitava Isak apenas uma vez por semana agora, e o jovem parecia completamente restabelecido.

— Já está bem demais para passar o dia na cama — disse o boticário. — Mas não se levante ainda.

Chu estava sentado ao lado de Isak, que estava deitado em um colchonete no chão da despensa. A corrente de ar que entrava pelas frestas em torno da janela perturbava ligeiramente o topete branco de Chu. Ele puxou a colcha grossa até os ombros de Isak.

— Está bem aquecido?

— Sim. Tenho uma dívida com o senhor e com a *ajumoni*.

— Ainda está muito magro. — Chu franziu a testa. — Quero vê-lo forte. Seu rosto não tem curvas. Não gosta da comida daqui?

As feições da dona da pensão se modificaram, como se ela tivesse sido repreendida.

— As refeições são deliciosas — protestou Isak. — Estou comendo muito mais do que deveria pelo valor que pago. A comida aqui é melhor do que a da minha casa.

Isak sorriu para Yangjin e Sunja, que estavam de pé no corredor.

Chu se inclinou sobre o peito de Isak, onde tinha colocado o auscultador do estetoscópio. A respiração parecia forte e estável, assim como na semana anterior. O pastor parecia bem.

— Tussa. — O boticário auscultou o peito dele com atenção. — Com certeza está melhor, mas você passou a maior parte da vida doente. E já teve tuberculose. Precisamos ser cautelosos.

— Sim, mas me sinto forte agora. Senhor, gostaria de escrever para minha igreja, em Osaka, para informar as datas de minha viagem. Isto é, se o senhor achar que posso viajar. Meu irmão me fez prometer que pediria sua autorização primeiro.

Isak fechou os olhos, como se estivesse rezando.

— Antes de sair de Pyongyang, seu médico considerou adequado que o senhor viajasse até Osaka sozinho?

— Eu recebi permissão para viajar. Meu médico e minha mãe, no entanto, não encorajaram minha partida. Mas eu estava mais forte do que nunca quando parti. É claro que, agora que estou aqui, neste estado... sem dúvida deveria tê-los ouvido. Mas estavam precisando de mim na igreja em Osaka.

— Seu médico lhe disse para não ir, mas o senhor foi mesmo assim. — Chu riu. — Imagino que seja impossível aprisionar um homem jovem. Então agora o senhor quer partir novamente e dessa vez quer a minha permissão. O que pareceria se algo lhe acontecesse no trajeto ou se ficasse doente quando chegasse lá? — Chu balançou a cabeça e suspirou. — O que quer que eu diga? Não posso impedi-lo, mas acho que deveria esperar um pouco.

— Quanto tempo?

— Pelo menos mais duas semanas. Talvez três.

Isak olhou para Yangjin e Sunja. Estava envergonhado.

— Sinto-me péssimo por ter lhes dado trabalho e por tê-las colocado em risco. Graças a Deus, ninguém ficou doente. Sinto muito. Por tudo.

Yangjin balançou a cabeça. O pastor tinha sido um hóspede exemplar. Na verdade, o comportamento dos outros tinha melhorado na presença de alguém tão bem-educado. Isak pagava as contas em dia. Ela estava aliviada pela melhora da saúde dele.

Chu guardou o estetoscópio.

— Mas não há pressa nenhuma para você voltar para casa. O clima aqui é melhor para seus pulmões do que no Norte, e o clima em Osaka é similar ao daqui. Os invernos não são tão severos no Japão.

Isak concordou com um gesto de cabeça. O clima tinha sido um fator determinante para que os pais permitissem sua partida para Osaka.

— Então, posso escrever para a igreja em Osaka? E para meu irmão?

— Vai tomar o barco para Shimonoseki e em seguida o trem? — perguntou Chu, fazendo uma careta. A viagem levaria um dia, dois, no máximo, contando os atrasos.

Isak fez que sim com a cabeça, aliviado porque o boticário tinha sinalizado que ele podia ir.

— Tem saído?

— Não além do jardim. O senhor disse que não era uma boa ideia.

— Bem, pode sair agora. Seria bom que fizesse uma ou duas boas caminhadas por dia... cada uma mais longa do que a anterior. Precisa fortalecer as pernas. Você é jovem, mas já está de cama e sem sair de casa há quase três meses. — O boticário se voltou para Yangjin. — Vejamos se ele consegue ir até o mercado. Não deve ir sozinho, obviamente. Pode cair.

Chu deu palmadinhas no ombro de Isak antes de ir embora e prometeu voltar na semana seguinte.

* * *

Na manhã seguinte, Isak terminou o estudo da Bíblia e as preces e em seguida tomou o café na sala da frente sozinho. Os hóspedes já tinham saído para trabalhar. Ele se sentia forte o suficiente para ir para Osaka e queria cuidar dos preparativos. Antes de seguir viagem para o Japão, pretendia fazer uma visita ao pastor da igreja de Busan, mas não tivera oportunidade. Não havia entrado em contato com ele por medo de que aparecesse na pensão e também ficasse doente. As pernas lhe pareciam bem, e não trêmulas como antes. No quarto, vinha fazendo exercícios leves que seu irmão mais velho, Samoel, lhe ensinara quando era menino. Como havia passado a maior parte da vida dentro de casa, teve que aprender a manter a forma de maneiras pouco habituais.

Yangjin surgiu para buscar a bandeja do café da manhã. Serviu-lhe chá de cevada, e ele agradeceu.

— Acho que vou sair para uma caminhada. Posso ir sozinho — avisou ele, sorrindo. — Não vou demorar. Estou me sentindo muito bem esta manhã. Não vou me afastar muito.

Yangjin não conseguiu manter o rosto inexpressivo. Não podia manter o hóspede confinado como um galo valioso em seu galinheiro, mas o que aconteceria se ele caísse? A área em torno de sua casa era deserta. Se sofresse um acidente enquanto caminhava na praia, ninguém o veria.

— Não acho que deva ir sozinho, senhor.

Os hóspedes estavam no trabalho ou na cidade, fazendo coisas sobre as quais ela não queria saber. Naquele momento, não havia ninguém a quem pedir que o acompanhasse.

Isak mordeu o lábio. Se não fortalecesse as pernas, teria que adiar a viagem.

— Seria um grande inconveniente... — Ele fez uma pausa. — Sei que tem muito trabalho a fazer, mas talvez possa me acompanhar em um breve passeio. — Era escandaloso pedir a uma mulher que caminhasse com ele na praia, mas se não saísse acabaria enlouquecendo. — Se não puder ir, eu compreendo. É só uma caminhada curta perto da água. Apenas alguns minutos.

Quando menino, tinha sido um inválido privilegiado. Os tutores e criados eram sua principal companhia. Quando o tempo estava bom, mas ele não estava bem de saúde para caminhar, os criados ou os irmãos mais velhos o carregavam nas costas. Quando o médico recomendava que ele tomasse ar fresco, o jardineiro, magro como uma folha, colocava Isak em um carrinho e passeava com ele pelo jardim, deixando que a criança arrancasse maçãs dos galhos mais baixos. Isak quase podia sentir o perfume inebriante das maçãs, o peso da fruta vermelha nas mãos e a doçura da primeira mordida enquanto o suco pálido escorria pelo seu punho. Ele sentia falta de casa e se sentia uma criança doente outra vez, preso no quarto, implorando por permissão para ver a luz do sol.

Yangjin estava sentada sobre os calcanhares com as mãos pequenas e ásperas no colo, sem saber o que dizer. Não era apropriado que uma mulher caminhasse ao lado de um homem que não fosse de sua família. Ela era mais velha do que ele, então não estava preocupada com as fofocas, mas nunca havia caminhado ao lado de um homem que não fosse seu pai ou seu marido.

Ele observou com atenção o rosto aflito dela. Sentia-se mal por causar mais um inconveniente.

— A senhora já fez tanto por mim, e não paro de pedir mais.

Yangjin endireitou a postura. Nunca havia desfrutado de um passeio pela praia com o marido. As pernas e as costas de Hoonie lhe causavam dores profundas; ele não reclamava, mas reservava as energias para o trabalho. Como devia ter desejado correr como

um garoto normal, enchendo os pulmões de ar salgado e perseguindo gaivotas... Coisas que praticamente todas as crianças em Yeongdo tinham feito na infância.

— Às vezes sou muito egoísta — disse ele. — Sinto muito.

Isak decidiu esperar que um dos hóspedes pudesse acompanhá-lo.

Yangjin se levantou.

— Vai precisar do seu casaco — disse ela. — Vou buscá-lo.

* * *

O aroma intenso das algas, a espuma das ondas ao longo da praia rochosa e a amplidão da paisagem azul-cinzenta, vazia a não ser pelas aves brancas que voavam em círculos acima deles... As sensações eram quase impossíveis de suportar depois de ter passado tanto tempo naquele quarto diminuto. O sol da manhã aquecia a cabeça descoberta de Isak. Ele nunca havia se embriagado com vinho, mas imaginava que era assim que os camponeses se sentiam enquanto dançavam durante o *Chuseok*, o festival da colheita, depois de beberem além da conta.

Na praia, Isak tirou os sapatos de couro e os levou nas mãos. Caminhava com segurança, sem sentir nenhum vestígio da doença em seu corpo alto e magro. Não se sentia forte, mas estava melhor do que antes.

— Obrigado — disse, sem olhar na direção de Yangjin. Seu rosto pálido resplandecia à luz da manhã. Ele fechou os olhos e inspirou profundamente.

Yangjin olhou de relance para o rapaz sorridente. Ele tinha uma certa inocência, pensou ela, uma espécie de integridade infantil que não podia ser escondida. Ela sentia vontade de protegê-lo.

— Tem sido muito generosa comigo.

Ela descartou aquelas palavras com um aceno, sem saber o que fazer com a gratidão dele. Estava desolada. Não tinha tempo para caminhadas, e estar ao ar livre fazia com que o peso que levava no coração assumisse uma forma definida e pressionasse o interior de seu peito.

— Posso fazer uma pergunta?

— Sim.

— Está tudo bem com a sua filha?

Yangjin não respondeu. Enquanto caminhava pela praia, sentia como se estivesse em outro lugar, embora não soubesse dizer exatamente onde. Aquele lugar não parecia a praia que ficava atrás de sua casa, a apenas alguns metros de seu quintal. A presença do jovem pastor a deixava desorientada, mas sua pergunta inesperada quebrou o feitiço. O que ele teria percebido para fazer perguntas sobre Sunja? Logo a barriga ia crescer e seu estado ficaria evidente, mas ainda não dava para notar. O que o pastor pensaria quando soubesse? Isso importava?

— Ela está grávida.

Ao dizer isso, soube que fizera bem em contar a ele.

— Deve ser difícil para ela, com o marido longe.

— Ela não tem marido.

Não era estranho que Isak pensasse que o pai da criança trabalhava em uma mina ou uma fábrica no Japão.

— O homem é...

— Ela se recusa a dizer.

Sunja contara à mãe que ele era casado e tinha outros filhos. Yangjin não sabia de mais nada. Mas não podia dizer isso ao pastor, era vergonhoso demais.

A mulher parecia desesperançada. Os hóspedes levavam jornais para que Isak lesse em voz alta, e ultimamente todas as notícias eram tristes. Ele percebia uma imensa desolação nas pessoas. O país já estava sob governo colonial havia mais de duas décadas, e ninguém enxergava um fim para aquela situação. Era como se todos tivessem desistido.

— Essas coisas acontecem em todas as famílias.

— Eu não sei o que vai ser da minha filha. A vida dela está arruinada. Já seria difícil que se casasse antes, mas agora...

Ele não compreendeu.

— Por causa da condição do meu marido. As pessoas não querem algo assim em sua linhagem.

— Entendo.

— É difícil ser uma mulher solteira, mas ter um filho sem ter marido... Os vizinhos nunca vão aprovar. E o que vai ser dessa criança sem um nome? Ela não pode ser registrada com o sobrenome da nossa família.

Yangjin nunca havia falado tão abertamente com um estranho. Ela continuou a andar, mas diminuiu o passo.

Desde que recebera a notícia, havia tentado encontrar uma maneira de solucionar a questão, mas não conseguira pensar em nada. Suas irmãs solteiras não podiam ajudar, e o pai delas morrera havia muito tempo. Yangjin não tinha irmãos.

Isak estava surpreso, mas não muito. Tinha escutado coisas parecidas antes em sua igreja. Em uma igreja, onde se espera encontrar o perdão, ouve-se todo tipo de coisa.

— O pai da criança... Não é possível localizá-lo?

— Não sei. Ela se recusa a falar dele. Não contei a ninguém, a não ser a você. Sei que é seu trabalho aconselhar as pessoas, mas nós não somos cristãs. Sinto muito.

— Vocês salvaram minha vida. Eu teria morrido se não tivessem me acolhido e cuidado de mim. A senhora fez muito mais por mim do que se esperaria que fizesse por um hóspede.

— Meu marido morreu dessa doença. O senhor é jovem. Deve viver uma vida longa.

Eles continuaram a caminhar. Yangjin não parecia querer dar meia-volta. Ela contemplou a água verde-clara. Teve vontade de se sentar, de repente se sentia muito cansada.

— Ela pode saber que eu sei? Posso falar com ela?

— O senhor não está escandalizado?

— Claro que não. Sunja parece uma jovem muito responsável, tenho certeza de que há uma razão. *Ajumoni*, sei que isso deve parecer terrível agora, mas um filho é uma bênção de Deus. — A expressão triste de Yangjin não mudou. — *Ajumoni*, acredita em Deus?

Ela negou com a cabeça.

— Meu marido dizia que os cristãos não são más pessoas. Alguns foram patriotas que lutaram pela independência. Não é?

— Sim, meus professores no seminário em Pyongyang lutaram pela independência. Meu irmão mais velho morreu em 1919.

— O senhor também está envolvido com política? — Ela parecia preocupada. Hoonie tinha lhe dito que deviam evitar alojar ativistas, porque podia ser perigoso. — Como seu irmão?

— Meu irmão Samoel era pastor. Ele me levou a Cristo. Meu irmão era um homem brilhante. Destemido e generoso.

Yangjin assentiu. Hoonie desejava a independência da Coreia, mas acreditava que a prioridade de um homem devia ser o bem-estar da família.

— Meu marido não queria que seguíssemos ninguém: nem Jesus, nem Buda, nem um imperador, nem mesmo um líder coreano.

— Eu compreendo. De verdade.

— Há tantas coisas horríveis acontecendo.

— Deus controla todas as coisas, mesmo que não compreendamos suas razões. Às vezes eu também não aprovo seus desígnios. É frustrante.

Yangjin deu de ombros.

— E sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito — completou Isak, recitando um de seus versículos favoritos, Romanos, 8:28, mas percebeu que Yangjin permaneceu impassível e lhe ocorreu que ela e a filha não podiam amar a Deus se não o conheciam. — Sinto muito pelo seu sofrimento. Não sou pai, mas imagino que todos os pais sofram junto com os filhos.

A dona da pensão estava perdida em sua tristeza.

— Fico feliz que tenha tido a chance de caminhar um pouco hoje — disse ela.

— Se não acredita, eu compreendo — disse Isak.

— Sua família cumpre o *jesa*?

— Não.

Isak sorriu. Em sua família, ninguém cumpria os rituais para os mortos. Tampouco os protestantes que ele conhecia.

— Meu marido achava desnecessário. Era o que ele dizia, mas ainda assim preparo suas comidas favoritas e um altar em sua homenagem. Faço o mesmo pelos pais dele e pelos meus. Os pais dele consideravam importante. Eles foram muito bons para mim. Eu limpo o túmulo deles e o túmulo de todos os meus bebês mortos.

Falo com os mortos, apesar de não acreditar em fantasmas, porque falar com eles me faz bem. Talvez Deus seja isso. Um Deus bondoso não teria deixado meus filhos morrerem. Não consigo acreditar nisso. Meus bebês não fizeram nada de mau.

— Concordo. Eles não fizeram nada de mau. — Isak olhou para ela, pensativo. — Mas um Deus que fizesse tudo que julgamos correto e bom não seria o criador do universo. Seria nossa marionete. Não seria Deus. Há mais a respeito das coisas do que podemos conhecer.

Yangjin não disse nada, mas se sentiu estranhamente mais tranquila.

— Talvez ajude se Sunja conversar com o senhor. Não sei como, mas pode ajudar.

— Vou convidá-la para fazer uma caminhada comigo amanhã.

Yangjin deu meia-volta, e Isak caminhou a seu lado.



8

Quando terminou de escrever a carta para o irmão, Isak se levantou da mesa baixa e abriu a janela estreita do quarto. Inspirou profundamente o ar frio. Não sentiu dor no peito. Ao longo da vida, todos à sua volta falavam de sua morte como algo certo. Havia sido uma criança adoentada e durante a juventude padecera de males do peito, do coração e do estômago. Portanto, não se esperava muito de seu futuro. Quando Isak terminou o seminário, até ele ficou surpreso por estar vivo para ver aquele dia. Curiosamente, toda aquela conversa sobre sua morte inevitável não o havia desencorajado. Ele praticamente se acostumara com a morte, sua fragilidade tinha reforçado a convicção de que precisava fazer algo importante enquanto ainda houvesse tempo.

Seu irmão Samoel, o mais velho dos três, nunca ficava doente, mas morreu jovem. Foi brutalmente espancado pela polícia colonial depois de um protesto e não sobreviveu à prisão. Isak decidiu então que levaria uma vida mais corajosa. Havia passado a juventude dentro de casa com a família e os tutores, e o período em que foi mais saudável foi quando estava no seminário, trabalhando como ajudante do pastor de sua igreja. Em vida, Samoel tinha sido uma luz resplandecente no seminário e na igreja, e Isak acreditava que o irmão morto continuava a cuidar dele agora, da mesma maneira que fizera quando ele era menino.

O filho do meio dos Baek, Yoseb, não era tão religioso quanto Samoel e Isak. Nunca gostara de estudar e, na primeira oportunidade, partiu para o Japão em busca de uma vida diferente. Havia aprendido o ofício de mecânico e agora trabalhava como capataz em uma fábrica em Osaka. Tinha mandado buscar Kyunghee, a amada filha de um amigo da família, e se casara com ela no Japão. Não tinham filhos. A ida de Isak para Osaka fora ideia de Yoseb, que arrumara para ele um emprego na igreja. Isak tinha certeza de que Yoseb compreenderia sua decisão de pedir Sunja em casamento. O irmão era uma pessoa de mente aberta e

temperamento generoso. Isak endereçou o envelope e o colocou no bolso.

Pegou a bandeja de chá e a levou até a porta da cozinha. Fora lembrado diversas vezes de que não precisava levar a bandeja até a cozinha, onde os homens não deveriam entrar, mas queria fazer algo pelas mulheres, que estavam sempre trabalhando. Sunja estava descascando rabanetes junto ao fogão. Usava o *hanbok* de musselina branca por baixo do casaco acolchoado escuro e parecia ainda mais nova do que era. Isak pensou que estava adorável, concentrada em sua tarefa. Com a *chima* de cintura alta, não dava para perceber que estava grávida. Era difícil para ele imaginar o corpo feminino mudando com a gravidez. Ele nunca havia estado com uma mulher.

Sunja se apressou para pegar a bandeja.

— Por favor, deixe que eu cuido disso.

Ele lhe entregou a bandeja e abriu a boca para dizer algo, mas não sabia bem o quê.

A garota olhou para ele.

— Está precisando de alguma coisa, senhor?

— Eu gostaria de ir à vila hoje. Encontrar uma pessoa.

Sunja fez que sim com a cabeça, como se compreendesse.

— O sr. Jun, o carvoeiro, passou aqui pela rua e deve estar indo para lá. Quer que eu peça a ele que o leve?

Isak sorriu. Tinha planejado pedir que ela o acompanhasse, mas de repente perdeu a coragem.

— Sim. Se a agenda do sr. Jun permitir, é claro. Obrigado.

Sunja correu até a rua para chamar o carvoeiro.

* * *

O prédio da igreja tinha sido construído a partir da estrutura de madeira abandonada de uma escola. Ficava atrás do prédio dos correios. O carvoeiro mostrou a ele onde era e prometeu levá-lo de volta para a pensão mais tarde.

— Tenho que resolver algumas coisas. E vou colocar sua carta no correio.

— Conhece o pastor Shin? Gostaria de conhecê-lo?

Jun riu.

— Eu fui à igreja uma vez. Foi o suficiente.

Jun não gostava de ir a um lugar onde se pedia dinheiro. Tampouco gostava dos monges que pediam esmolas. Na opinião dele, toda aquela coisa de religião era um subterfúgio para homens que haviam estudado demais e não queriam trabalhar de verdade. O jovem pastor de Pyongyang não parecia preguiçoso e nunca lhe pedira nada, de forma que gostava dele. Dito isso, a verdade era que Jun gostava da ideia de ter alguém que orasse por ele.

— Obrigado por me trazer até aqui.

— Não foi nada. Não fique aborrecido por eu não querer ser cristão. Sabe, pastor Baek, não sou um homem bom, mas também não sou um homem mau.

— Sr. Jun, o senhor é um homem muito bom. Foi o senhor quem me levou à pensão na noite em que me perdi, quando estava tão desnorteado que mal conseguia dizer meu nome. O senhor não fez nada além de me ajudar.

O carvoeiro sorriu. Não estava acostumado a receber elogios.

— Bem, se o senhor diz. — Ele riu novamente. — Quando tiver terminado, estarei esperando do outro lado da rua, na barraca de bolinhos ao lado dos correios. Eu o esperarei lá depois que terminar meus compromissos.

* * *

A criada da igreja estava usando um casaco masculino remendado, grande demais para seu corpo franzino. Era surda-muda e se balançava suavemente enquanto varria o chão da capela. Ao sentir a vibração dos passos de Isak, parou o que estava fazendo e se virou, sobressaltada. A vassoura gasta roçou seus pés cobertos por meias, e ela agarrou o cabo, surpresa. Disse algo, mas Isak não entendeu.

— Olá, estou aqui para ver o pastor Shin — anunciou, sorrindo para ela.

A criada correu até os fundos da igreja, e o pastor Shin saiu imediatamente de sua sala. Tinha cinquenta e poucos anos. Óculos de lentes grossas cobriam os olhos castanhos e fundos. Os cabelos ainda eram pretos, e ele os mantinha curtos. A camisa branca e a calça cinza estavam bem passadas. Tudo nele parecia controlado e comedido.

— Seja bem-vindo. — O pastor Shin sorriu para o homem bem-apessoado vestido com terno ocidental. — O que posso fazer por você?

— Meu nome é Baek Isak. Creio que meus professores no seminário escreveram para o senhor.

— Pastor Baek! Finalmente chegou! Faz meses que o estou esperando. Fico muito feliz por vê-lo. Venha, minha sala fica nos fundos. É um pouco mais aquecido lá. — Ele pediu que a criada lhes servisse chá. — Há quanto tempo está em Busan? Estávamos nos perguntando quando ia aparecer. Está indo para nossa paróquia em Osaka?

Quase não havia tempo de responder a todas as perguntas. O pastor mais velho falava rápido, sem parar para ouvir as respostas de Isak. Shin tinha frequentado o seminário em Pyongyang próximo da época de sua fundação e ficou muito satisfeito por conhecer alguém que se formara lá recentemente. Amigos que frequentaram o seminário com ele tinham sido professores de Isak.

— Tem lugar para ficar? Podemos arrumar um quarto para você aqui. Onde estão suas coisas?

Shin estava contente. Fazia muito tempo desde a última vez que um novo pastor passara por lá. Muitos dos missionários ocidentais tinham deixado o país devido às medidas repressivas do governo colonial, e cada vez menos homens jovens escolhiam esse caminho. Ultimamente, Shin vinha se sentindo solitário.

— Espero que fique um tempo conosco.

Isak sorriu.

— Peço desculpas por não ter vindo visitá-lo antes. Eu tinha a intenção de vir, mas fiquei muito doente e estava me recuperando em uma pensão em Yeongdo. A viúva de Kim Hoonie e a filha deles cuidaram de mim. A pensão fica mais perto da praia do que da balsa. O senhor as conhece?

O pastor Shin inclinou a cabeça.

— Não, não conheço muitas pessoas na ilha de Yeongdo. Mas poderia tê-lo visitado lá. O senhor parece bem. Um pouco magro, mas ao que parece ninguém tem comido o bastante ultimamente. Já comeu? Podemos compartilhar nossa comida.

— Já comi, senhor. Obrigado.

Quando a criada lhes levou o chá, os dois homens uniram as mãos e oraram, agradecendo por Isak ter chegado em segurança.

— Planeja ir para Osaka em breve?

— Sim.

— Ótimo, ótimo.

O pastor mais velho falou longamente sobre os problemas que as igrejas vinham enfrentando. Cada vez mais pessoas temiam assistir ao culto, ali e no Japão, porque o governo não aprovava. Os missionários canadenses tinham ido embora.

Apesar de já estar a par dessas tristes notícias, Isak se sentia pronto para enfrentar as dificuldades. Seus professores haviam discutido a oposição do governo com ele. Isak ficou em silêncio.

— Está tudo bem? — perguntou Shin.

— Senhor, eu estava me perguntando se poderíamos conversar. Sobre o Livro de Oseias.

— Ah? É claro.

O pastor Shin pareceu confuso.

— Deus manda que o profeta Oseias se case com uma meretriz e crie filhos que não eram dele. Imagino que o Senhor tenha feito isso para mostrar ao profeta como era se unir a um povo que o traía constantemente. Não é isso? — perguntou Isak.

— Bem, sim, entre outras coisas. E o profeta Oseias obedece à vontade do Senhor — disse o pastor Shin com sua voz sonora. Era uma história sobre a qual já havia pregado. — O Senhor continua fiel a nós, mesmo quando pecamos. Ele continua a nos amar. Em certo sentido, a natureza de seu amor por nós lembra um casamento duradouro, ou o amor que um pai ou uma mãe sentem por um filho imperfeito. Oseias estava sendo chamado a ser como Deus ao ter que ficar com alguém que era difícil de amar. É difícil nos amar quando pecamos; um pecado é sempre uma ofensa ao Senhor.

Shin olhou atentamente para o rosto de Isak para ver se ele havia entendido.

Isak assentiu, sério.

— Acha que é importante sentirmos o que Deus sente?

— Sim, sem dúvida. Quando se ama alguém, é impossível não compartilhar seu sofrimento. Se amamos nosso Senhor, não apenas o admiramos, tememos ou queremos coisas dele: temos que reconhecer seus sentimentos, sua angústia diante de nossos pecados. Precisamos compreender seu sofrimento porque o Senhor sofre conosco. Ele sofre como nós. É um consolo saber que não estamos sozinhos em nosso sofrimento.

— Senhor, a viúva dona da pensão e a filha dela salvaram minha vida. Cheguei à porta delas com tuberculose, e elas cuidaram de mim por três meses.

O pastor Shin assentiu, compreensivo.

— O que elas fizeram foi maravilhoso. Um gesto nobre e generoso.

— Senhor, a filha está grávida e foi abandonada pelo pai da criança. Ela não é casada, e a criança não vai ter sobrenome — explicou Isak. Shin pareceu preocupado. — Acho que deveria propor a ela que se case comigo, e, se ela aceitar, eu a levo para o Japão como minha esposa. Se ela aceitar, gostaria que nos casasse antes de eu partir. Ficaria honrado se...

O pastor Shin cobriu a boca com a mão direita. Os cristãos faziam coisas assim (sacrificavam posses e até a própria vida), mas essas decisões deviam ser tomadas por uma boa razão e com seriedade. São Paulo e São João tinham dito: “Examinai tudo.”

— Você escreveu a seus pais falando a respeito?

— Não. Mas acho que eles compreenderiam. Eu me recusei a casar até agora, e eles já não esperam que o faça. Talvez fiquem contentes.

— Por que se recusou a casar?

— Desde que nasci, sou um inválido. Nos últimos anos, as coisas melhoraram, mas fiquei doente outra vez na viagem para cá. Ninguém na minha família esperava que eu vivesse até depois dos vinte e cinco anos. Tenho vinte e seis. — Isak sorriu. — Se tivesse

me casado e tido filhos, teria deixado uma viúva jovem e quem sabe alguns órfãos.

— Sim, compreendo.

— A essa altura eu já deveria estar morto, mas estou vivo, senhor.

— Fico muito feliz por isso. Graças a Deus.

Shin sorriu para o rapaz, sem saber como protegê-lo de seu desejo de fazer tal sacrifício. Acima de tudo, estava incrédulo. Não fosse pelas calorosas cartas de seus colegas de Pyongyang atestando a inteligência e a competência de Isak, teria achado que ele era um lunático religioso.

— O que a moça acha dessa ideia?

— Não sei. Ainda não falei com ela. A viúva só me contou sobre a situação da filha ontem. E à noite, antes de fazer minhas preces, me ocorreu que há algo que posso fazer por elas: dar à mulher e à criança meu sobrenome. O que meu sobrenome representa para mim? É apenas uma questão de graça divina que eu tenha nascido homem para poder dá-lo a meus descendentes. Não é culpa da moça ter sido abandonada por um canalha, e, mesmo que o pai seja má pessoa, a criança que está por nascer é inocente. Por que deveria sofrer? Sem um sobrenome, será condenada ao ostracismo.

Shin não podia discordar.

— Se o Senhor permitir que eu viva, tentarei ser um bom marido para Sunja e um bom pai para essa criança.

— Sunja?

— Sim. A filha da dona da pensão.

— Sua fé é boa, filho, e age com as melhores intenções, mas...

— Toda criança deveria ser desejada. Os homens e as mulheres da Bíblia rezavam e esperavam pacientemente pela chegada de um filho. Ser estéril significava ser um pária, não é mesmo? Se não me casar e não tiver filhos, será como se eu fosse estéril.

Isak nunca havia articulado essa ideia. O desejo repentino de ter uma mulher e uma família fazia com que se sentisse ao mesmo tempo estranho e bem.

Shin sorriu timidamente para o jovem pastor. Depois de perder quatro filhos e a mulher para a cólera cinco anos antes, ele se deu conta de que não conseguia falar muito sobre perdas: tudo que as

pessoas diziam parecia superficial e tolo. Ao perdê-los, sua compreensão do sofrimento mudou. O que havia aprendido sobre Deus e teologia tinha ficado mais vívido e pessoal depois que perdeu a família de forma tão terrível. Sua fé não fora abalada, mas seu temperamento havia mudado, ao que parecia, para sempre. Era como se um quarto aquecido tivesse esfriado de repente, embora ainda fosse o mesmo quarto. Shin admirava aquele jovem idealista sentado diante dele em cujos olhos brilhava a fé, mas, como seu mentor, queria que Isak fosse prudente.

— Ontem pela manhã, comecei a estudar Oseias, e então, algumas horas depois, a dona da pensão me contou sobre a filha grávida. Naquela noite, eu soube: o Senhor estava falando comigo. Isso nunca me aconteceu antes. Nunca experimentei esse tipo de clareza. — Isak sentiu que era seguro admitir aquilo ali. — Algo assim já aconteceu com o senhor?

Ele procurou algum sinal de dúvida nos olhos do pastor mais velho.

— Sim, já aconteceu comigo, mas nem sempre de maneira tão vívida. Eu ouço a voz de Deus quando leio a Bíblia, de modo que acho que entendo o que sentiu, mas também há coincidências. Temos que levar isso em conta. É perigoso achar que tudo é um sinal divino. Talvez Deus esteja sempre falando conosco, mas não o saibamos ouvir — argumentou Shin. Era incômodo confessar essa incerteza, mas lhe parecia importante fazê-lo.

— Eu me lembro de pelo menos três moças que foram abandonadas depois de ficarem grávidas durante a minha infância. Uma delas trabalhava como criada em nossa casa. Duas das moças se mataram. A criada de nossa casa voltou para junto da família em Wonsan e disse a todos que o marido havia morrido. Minha mãe, uma mulher que jamais mente, a aconselhou a fazer isso — disse Isak.

— Esse tipo de coisa acontece com mais frequência hoje em dia — retrucou Shin. — São tempos difíceis.

— A *ajumoni* da pensão salvou minha vida. Talvez minha vida possa ter serventia para essa família. Eu sempre quis fazer algo importante antes de morrer. Como meu irmão Samoel.

Shin assentiu. Ficara sabendo, por intermédio dos amigos de seminário, que Samoel Baek tinha sido um dos líderes do movimento de independência.

— Talvez minha vida possa ter valor... Não em uma escala tão grandiosa quanto a de meu irmão, mas para algumas pessoas. Talvez eu possa ajudar essa moça e o filho dela. E eles estarão me ajudando também, pois terei minha própria família, o que é uma grande bênção, não importa como se encare a questão.

O jovem pastor não se deixaria dissuadir. Shin respirou fundo.

— Antes que você faça qualquer coisa, eu gostaria de conhecê-la. A mãe dela também.

— Vou pedir que venham até aqui. Se Sunja concordar em se casar comigo, é claro. Ela não me conhece muito bem.

— Isso não tem muita importância. — Shin encolheu os ombros. — Eu só fui ver minha esposa no dia do casamento. Compreendo o impulso que o leva a querer ajudar, mas o casamento é um compromisso sério que se assume diante de Deus. Sabe disso. Por favor, traga-as aqui quando puder.

O pastor mais velho colocou as mãos nos ombros de Isak e rezou por ele antes que partisse.

* * *

Quando Isak voltou para a pensão, os irmãos Chung estavam esparramados no chão aquecido. Tinham acabado de jantar, e as mulheres retiravam os últimos pratos.

— Ah, o pastor estava dando uma volta pela vila? Então já deve estar bem o suficiente para beber conosco — disse Gombo, o irmão mais velho, dando uma piscadela.

Fazia meses que os irmãos convidavam Isak, de brincadeira, para beber com eles.

— Como foi a pescaria? — perguntou Isak.

— Nada de sereias — respondeu Gordo, o irmão mais novo, desapontado.

— Que pena — retrucou Isak.

— Pastor, gostaria de jantar agora? — perguntou Yangjin.

— Sim, obrigado.

O passeio o deixara com fome, e o fato de ter vontade de comer novamente era maravilhoso.

Os irmãos Chung não tinham nenhuma intenção de se sentar de maneira apropriada, mas abriram espaço para ele. Gombo deu tapinhas no ombro de Isak, como se ele fosse um velho amigo.

Quando estava com os hóspedes, em especial os bem-humorados irmãos Chung, Isak se sentia um homem, e não o estudante adoentado que tinha passado a maior parte da vida dentro de casa, rodeado de livros.

Sunja colocou diante dele uma mesa baixa com a pequena superfície repleta de guarnições, uma tigela fumegante de ensopado e uma porção generosa de painço e cevada.

Isak baixou a cabeça para orar, e todos os outros ficaram em silêncio, constrangidos, até ele levantar de novo a cabeça.

— Então quer dizer que o pastor bem-apessoado ganha muito mais arroz do que eu — reclamou Gordo. — Que surpresa.

Ele tentou fazer uma cara indignada para Sunja, mas ela não deu atenção.

— Já comeram? — Isak ergueu a tigela para Gordo. — Há o bastante aqui para...

O irmão Chung do meio, o mais sensato, segurou o braço estendido do pastor.

— Gordo comeu três tigelas de cevada e duas de sopa. Esse aí nunca perde uma refeição. Se não nos certificarmos de que esteja bem alimentado, ele é capaz de comer meu braço! É um glutão.

Gordo cutucou as costelas do irmão.

— Grandes homens têm grandes apetites. Você só está com inveja porque as sereias preferem a mim. Um dia, vou me casar com uma bela moça que trabalhará para mim no mercado até eu morrer. Você vai ter que consertar as redes de pesca sozinho. — Gombo e o irmão do meio riram, mas Gordo os ignorou. — Acho que vou comer mais uma tigela de arroz. Sobrou algum na cozinha? — perguntou ele a Sunja.

— Não acha melhor deixar um pouco para as mulheres? — interveio Gombo.

— Há comida suficiente para as mulheres?

Isak pousou a colher.

— Sim, sim, há comida o bastante para nós. Por favor, não se preocupe. Se Gordo quiser mais comida, podemos servir mais um pouco — assegurou Yangjin.

Gordo parecia envergonhado.

— Não estou com fome. Vamos fumar um cachimbo — disse, enfiando a mão nos bolsos em busca de tabaco.

— Então, pastor Isak, vai nos deixar em breve rumo a Osaka? Não quer se juntar a nós no barco e ir atrás de sereias? Já parece forte o bastante para puxar as redes — convidou Gordo. Ele acendeu o cachimbo e o entregou ao irmão mais velho antes de fumar. — Por que deixaria esta linda ilha para ir a uma cidade fria?

Isak riu.

— Estou esperando uma resposta do meu irmão. Assim que estiver me sentindo bem o suficiente para viajar, vou partir para minha paróquia em Osaka.

— Pense nas sereias de Yeongdo. — Gordo indicou Sunja, que estava indo para a cozinha, com um movimento da cabeça. — Não há iguais no Japão.

— Sua oferta é tentadora. Talvez eu devesse procurar uma sereia para ir comigo a Osaka.

Isak ergueu as sobrancelhas.

— O pastor está de brincadeira?

Gordo golpeou o chão com prazer.

Isak tomou um gole de chá.

— Seria bom ter uma esposa em minha nova vida em Osaka.

— Deixe de lado esse chá. Vamos servir uma bebida de verdade para o noivo! — gritou Gombo.

Os irmãos riram alto, e o pastor também.

Na pequena casa, as mulheres ouviam tudo que os homens diziam. Diante da possibilidade de o pastor se casar, o pescoço de Dokhee ruborizou de desejo, e a irmã olhou para ela como se estivesse louca. Na cozinha, Sunja esvaziava as bandejas de comida. Ela se agachou diante da grande bacia de metal e começou a lavar os pratos.



9

Depois que terminou de limpar a cozinha, Sunja deu boa-noite à mãe e se recolheu para o quarto improvisado que dividia com as criadas. Normalmente, Sunja ia para a cama na mesma hora que as outras, mas no último mês andava mais cansada do que nunca e não conseguia mais esperar que elas terminassem seu trabalho. Sair da cama não era menos difícil; pela manhã, parecia que seus ombros eram agarrados por mãos fortes que a impediam de se levantar. Ela se despiu depressa no quarto frio e se enfiou embaixo das cobertas. O chão estava quente, Sunja pousou a cabeça pesada no travesseiro retangular e a primeira coisa em que pensou foi nele.

Hansu não estava mais em Busan. Na manhã seguinte ao dia que ela o deixou na praia, Sunja pediu que a mãe fosse ao mercado em seu lugar, alegando que estava enjoada e não podia passar muito tempo longe do banheiro. Durante uma semana, não foi ao mercado. Quando por fim retomou sua rotina e foi fazer compras para a pensão, Hansu não estava lá. Todas as manhãs, ela o procurava, mas ele tinha ido embora.

O calor do chão *ondol* aquecia a cama onde ela estava deitada. Havia sentido frio durante todo o dia. Quando seus olhos enfim se fecharam, Sunja colocou as mãos na leve curva de seu ventre. Ainda não conseguia sentir o bebê, mas seu corpo estava mudando. O olfato mais aguçado era a mudança mais perceptível e difícil de suportar: andar entre as barracas de peixe lhe dava ânsia de vômito, o cheiro dos caranguejos e camarões era o pior. Suas pernas pareciam inchadas, quase moles. Ela não sabia nada sobre ter um bebê. O que estava crescendo dentro dela era um segredo, um mistério até para ela mesma. Como seria o filho?, se perguntou. Sunja gostaria de conversar sobre todas essas coisas com Hansu.

Desde que confessara seu estado à mãe, nenhuma das duas voltara a falar da gravidez. A angústia havia aprofundado as rugas em torno da boca de Yangjin, como se a desaprovação tivesse se instalado ali para sempre. Durante o dia, Sunja trabalhava como de

costume, mas à noite, antes de adormecer, se perguntava se Hansu estaria pensando nela e no bebê.

Se tivesse concordado em ser a amante e esperar por suas visitas, poderia ter ficado com ele. Hansu poderia ver a mulher e as filhas no Japão sempre que quisesse. Ainda assim, esse arranjo lhe parecera impossível, insustentável mesmo diante de sua fragilidade atual. Sentia a falta dele, mas não conseguia imaginar dividi-lo com outra mulher que ele também amava.

Sunja tinha sido tola. Como podia ter imaginado que um homem da idade e da posição dele não teria esposa e filhos? Achar que ele iria querer se casar com uma camponesa ignorante como ela era de fato absurdo. Homens ricos tinham esposas e amantes, às vezes inclusive vivendo na mesma casa. No entanto, ela não podia ser a amante. Seu pai, mesmo aleijado, amava sua mãe. Yangjin havia crescido ainda mais pobre do que a maioria das pessoas, mas ele a adorava. Quando era vivo, depois que as refeições dos hóspedes eram servidas, os três comiam juntos, em família, na mesma mesa de jantar baixa. Seu pai poderia comer antes das mulheres, mas nunca quis fazer isso. À mesa, fazia questão de que no prato de sua mãe houvesse a mesma quantidade de carne e peixe do que no dele. No verão, depois de um longo dia de trabalho, cuidava dos canteiros de melancia, porque era a fruta favorita da esposa. Todo inverno, comprava lã de algodão nova para forrar seus casacos e, quando não havia o suficiente, alegava que o casaco dele não precisava de forro novo.

— Você tem o pai mais bondoso do mundo — dizia sua mãe com frequência, e Sunja tinha orgulho de seu amor por elas, da mesma maneira que uma menina de uma família rica teria orgulho das muitas sacas de arroz e pilhas de anéis de ouro do pai.

Ainda assim, não conseguia parar de pensar em Hansu. Durante os encontros na praia, o céu sem nuvens e a água cor de jade desapareciam de sua vista, deixando apenas a imagem dele. Ela ficava assombrada com a rapidez com que o tempo passava quando estavam juntos. Que história incrível ele lhe contaria? O que ela poderia fazer para que ele ficasse, nem que fosse apenas alguns minutos mais?

Por isso, quando ele a levara para o espaço entre duas pedras e desatara a longa faixa de sua blusa, ela havia deixado que ele fizesse o que desejava, mesmo que o vento frio cortasse sua pele. Ela se deixara dissolver no calor de sua boca e sua pele e, quando ele deslizava as mãos por baixo de sua longa saia e erguia seus quadris, compreendia que era aquilo que um homem queria de sua mulher. Fazer amor fazia com que se sentisse desperta, seu corpo parecia desejar as carícias e suas partes íntimas se adaptavam à pressão dele. Sunja havia confiado que ele não faria nada que a prejudicasse.

Às vezes, se imaginava equilibrando a trouxa de roupa na cabeça e caminhando até a praia, onde ele estaria esperando por ela na rocha íngreme junto à água cristalina, o jornal aberto se agitando ruidosamente na brisa. Então ele tiraria a trouxa da cabeça dela, puxaria delicadamente sua trança e diria: “Minha menina, onde estava? Sabe que eu a teria esperado até o nascer do dia.” Na semana anterior, sentira o chamado dele com tanta força que, certa tarde, deu uma desculpa e correu até a praia; obviamente, foi em vão. A pedra marcada com giz que costumavam deixar como mensagem não estava mais no lugar, e ela ficou desolada porque gostaria de ter desenhado um X, deixando-a na reentrância da rocha para mostrar que tinha voltado e esperado por ele.

Ele gostava dela; aqueles sentimentos eram sinceros. Não estava fingindo, ela pensava, mas isso era um consolo muito pequeno. Sunja abriu os olhos de repente ao ouvir as criadas rindo e depois ficando em silêncio na cozinha. Não ouviu nenhum som da mãe. Sunja ficou de costas para a porta, virada para a parede interior, e colocou a mão na bochecha para imitar a carícia dele. Ele a tocava continuamente quando se encontravam, como se não conseguisse se conter; depois de fazer amor, traçava com o dedo o contorno de seu rosto, do queixo delicado e redondo até a curva das orelhas e a extensão de sua testa pálida. Por que ela nunca o havia tocado dessa maneira? Sunja nunca era a primeira a tocá-lo; era sempre ele quem a tocava. Naquele momento, gostaria de tocar o rosto dele, memorizar a linha contínua de seus ossos.

* * *

Pela manhã, Isak colocou o suéter de lã azul-marinho sobre sua camiseta mais quente e uma camisa social e se sentou no chão da sala de estar, usando uma mesa baixa para escrever. Os hóspedes já tinham saído, e a casa estava em silêncio, a não ser pelos ruídos das mulheres trabalhando. Sua Bíblia estava aberta sobre a mesa; ainda não havia começado o estudo matinal, porque não conseguia se concentrar. Yangjin estava no pequeno vestíbulo antes da sala de estar, ocupada com o braseiro cheio de carvão quente. Ele queria falar com ela, mas, tímido, esperou. A mulher revolvia os carvões usando um atiçador rústico enquanto observava as brasas cintilantes.

— Está com frio? Vou colocá-lo mais perto.

Yangjin ficou de joelhos e empurrou o braseiro para perto de onde Isak estava.

— Deixe-me ajudar — disse ele, levantando-se.

— Não, fique onde está. É só empurrar.

Era assim que seu marido, Hoonie, costumava mover o braseiro.

Enquanto ela se aproximava, Isak olhou em volta para se certificar de que ninguém pudesse ouvi-los.

— *Ajumoni* — sussurrou ele —, acha que ela aceitará se casar comigo? Se eu a pedir em casamento?

Os olhos estreitos e enrugados de Yangjin se arregalaram de espanto, e ela deixou cair o atiçador com estrépito. Recolheu rapidamente a haste de metal e a pousou no chão ao seu lado com cuidado, como se quisesse corrigir o movimento anterior. Então desabou ao lado dele, mais perto do que jamais havia estado de outro homem que não fosse seu marido ou seu pai.

— A senhora está bem? — perguntou ele.

— Por quê? Por que faria isso?

— Acho que minha vida em Osaka seria melhor se eu tivesse uma esposa. Já escrevi para o meu irmão. Sei que ele e a mulher a receberiam bem.

— E seus pais?

— Há anos querem que eu me case. E eu sempre me neguei.

— Por quê?

— Porque sempre fui doente. Sinto-me bem agora, mas não é possível prever como nem quando vou morrer. Sunja já sabe. Nada

disso seria uma surpresa para ela.

— Mas o senhor sabe que ela está...

— Sim. E também é provável que eu faça dela uma viúva jovem. E a senhora sabe que isso não é fácil, mas eu seria o pai do filho dela. Até minha morte.

Yangjin não disse nada, ela mesma havia ficado viúva jovem. Seu marido tinha sido um homem honesto que tirara todo o proveito possível de um nascimento difícil. Quando Hoonie morreu, ela teve a certeza de que ele fora um homem muito especial. Gostaria que estivesse ali para lhe dizer o que fazer.

— Não quero preocupá-la — disse Isak, vendo o choque em sua expressão. — Achei que talvez fosse algo que ela ia querer. Pelo futuro da criança. Acha que Sunja aceitaria? Talvez prefira ficar aqui com a senhora. Será que isso seria melhor para ela e para o bebê?

— Não, não. É claro que seria muito melhor para ambos se ela fosse para longe — respondeu Yangjin, ciente da dura verdade. — A criança teria uma vida terrível aqui. O senhor também estaria salvando a vida da minha filha. Se cuidasse dela, eu lhe pagaria de bom grado com a minha própria vida. Pagaria em dobro se pudesse.

Ela fez uma grande reverência, a cabeça quase tocando o chão amarelado, e secou os olhos.

— Não, não diga isso. A senhora e sua filha foram anjos para mim.

— Vou falar com ela imediatamente, senhor. Ela ficará muito grata.

Isak ficou em silêncio. Queria encontrar a melhor forma de expressar o que ia dizer em seguida.

— Não quero que fale com ela — disse, envergonhado. — Gostaria de perguntar eu mesmo, saber como ela se sente. Gostaria de saber se ela um dia poderá me amar.

Isak se sentiu envergonhado porque lhe ocorreu que, como qualquer outro homem, desejava uma esposa que o amasse, e não apenas uma que se sentisse em dívida com ele.

— O que acha?

— É melhor falar com ela.

Como Sunja poderia não se afeiçoar a um homem como ele?

— Ela não vai fazer um bom negócio. Posso ficar doente outra vez em pouco tempo. Mas vou tentar ser um marido decente. E vou amar a criança, que será minha também — sussurrou Isak, feliz com a ideia de viver o suficiente para criar um filho.

— Por favor, caminhe com ela amanhã. Vocês poderão conversar sobre todas essas coisas.

* * *

A mãe contou a ela sobre as intenções de Baek Isak, e Sunja se preparou para se tornar sua esposa. Se Baek Isak se casasse com ela, sua mãe, a pensão, ela mesma e a criança seriam poupadas de uma dura sentença. Um homem honrado de uma boa família daria seu sobrenome ao bebê. Sunja não conseguia compreender as razões dele. Sua mãe tinha tentado explicá-las, mas nenhuma das duas achava que o que tinham feito por ele fosse algo extraordinário. Teriam feito o mesmo por qualquer outro hóspede, e ele tinha inclusive pagado a mensalidade em dia.

— Nenhum homem normal ia querer criar o filho de outro homem, a menos que seja um anjo ou um tolo — observou a mãe dela.

Ele não parecia um tolo. Talvez precisasse de uma empregada, mas isso não parecia do feitio de Isak. Assim que começou a se sentir melhor, e mesmo quando ainda não estava totalmente recuperado, depois de terminar as refeições, o pastor levava a bandeja de comida até a cozinha. Pela manhã, arrumava a cama e dobrava o colchão. Fazia mais do que os outros hóspedes. Ela nunca havia imaginado que um homem educado, de classe alta, que tinha crescido em uma casa com criados, fizesse esse tipo de coisa.

* * *

Sunja vestiu o casaco pesado. Calçou sandálias de palha sobre dois pares de meias de algodão brancas e esperou junto à porta, do lado de fora. O ar estava gelado e úmido. Em um mês, mais ou menos, seria primavera, mas ainda parecia pleno inverno. Sua mãe havia

pedido ao pastor que a encontrasse do lado de fora, pois não queria que as criadas os vissem juntos.

Isak apareceu segurando o chapéu de feltro.

— Como está?

Ele ficou parado ao lado dela, sem saber para onde ir. Nunca havia estado a sós com uma moça antes, não daquela forma, e nunca com a intenção de pedi-la em casamento. Tentou se comportar como se estivesse aconselhando uma paroquiana, algo que havia feito muitas vezes em sua cidade.

— Gostaria de ir até a cidade? Podemos pegar a balsa.

A ideia lhe ocorreu de repente.

Sunja concordou com um aceno e colocou um lenço grosso de musselina em torno da cabeça para cobrir as orelhas expostas. Parecia uma das mulheres que vendiam peixe no mercado.

Caminharam em silêncio até a balsa de Yeongdo, sem saber o que as pessoas que os vissem juntos iam pensar deles. Pagaram a passagem ao barqueiro.

A embarcação de madeira estava praticamente vazia, então ficaram sentados juntos durante todo o breve trajeto.

— Sua mãe falou com você? — perguntou Isak, tentando não alterar a voz.

— Sim.

Isak olhou para o rosto jovem e bonito de Sunja e tentou ler seus pensamentos. Ela parecia aterrorizada.

— Obrigada — disse ela.

— O que acha?

— Fico muito grata. Vai tirar um grande peso de nossas costas. Não sabemos como agradecer.

— Minha vida não valeria nada e não teria nenhuma importância se eu não fizesse bom uso dela. Não acha?

Sunja brincava com a bainha lateral de sua *chima*.

— Eu tenho uma pergunta — disse Isak.

Sunja manteve os olhos baixos.

— Acha que pode amar a Deus? — perguntou ele, respirando fundo. — Se puder amar a Deus, então eu sei que tudo vai ficar bem. Sei que talvez seja pedir muito. Pode ser que agora não faça sentido para você. Vai levar tempo. Eu entendo.

Naquela manhã, tinha ocorrido a Sunja que Isak poderia perguntar algo assim, e ela havia pensado naquele Deus no qual o pastor acreditava. Havia espíritos no mundo, ela acreditava nisso, mesmo que seu pai não acreditasse. Depois que ele morreu, sentia que ele estava com ela. Quando visitava o túmulo dele para celebrar o *jesa*, sentia sua presença reconfortante. Se deuses e espíritos existiam, então ela achava que poderia amar o deus de Isak, especialmente se ele fosse a inspiração para que Baek Isak fosse uma pessoa tão boa e generosa.

— Sim — respondeu ela. — Eu posso.

O barco chegou ao cais, e Isak a ajudou a descer. Na península fazia muito frio, e Sunja enfiou as mãos nas mangas do casaco para se aquecer. Os ventos cortantes açoitavam a pele deles. Ela teve medo de que aquele clima não fosse bom para o pastor.

Nenhum dos dois sabia para onde ir em seguida, então ela apontou para a principal rua de comércio, que não ficava longe da balsa. Era o único lugar no continente ao qual tinha ido com os pais. Começou a caminhar naquela direção, sem querer tomar a dianteira, mas ele não pareceu se importar com isso e a seguiu.

— Fico feliz que vá tentar... tentar amar a Deus. Significa muito para mim. Acho que podemos ter um bom casamento se compartilharmos a mesma fé.

Ela acenou novamente com a cabeça, sem compreender bem o que ele queria dizer, mas confiando que tinha uma boa razão para fazer esse pedido.

— Nossa vida vai ser estranha no início, mas vamos pedir a bênção de Deus... para nós e para o bebê.

Sunja imaginava que as preces dele funcionariam como um manto espesso que os protegeria.

Gaivotas os sobrevoaram, guinchando alto, afastando-se em seguida. Embora houvesse uma condição para o casamento, era fácil aceitá-la; Isak não teria nenhuma forma de testar sua devoção. Como uma pessoa demonstra que ama a Deus? Como demonstra que ama o marido? Ela nunca o trairia, trabalharia duro e cuidaria dele... Isso podia fazer.

Isak parou diante de um restaurante japonês que servia macarrão.

— Já tomou *udon*? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas.

Sunja negou com a cabeça.

Ele abriu a porta para ela. Os clientes eram todos japoneses, e ela era a única mulher. O proprietário, um japonês com avental imaculado, os cumprimentou em seu próprio idioma. O casal fez uma reverência.

Isak pediu, em japonês, uma mesa para dois, e o proprietário relaxou ao ouvir seu idioma tão bem falado. Eles trocaram algumas palavras amáveis, e o proprietário lhes ofereceu lugares na cabeceira de uma mesa comunitária, perto da porta e sem ninguém ao lado. Isak e Sunja se sentaram um diante do outro, e foi inevitável se encararem.

Sunja não sabia ler o menu escrito à mão nas paredes de madeira compensada, mas reconheceu alguns dos números em japonês. Funcionários de escritório e comerciantes estavam sentados em três longas mesas cobertas com toalhas enceradas e sorviam o macarrão direto das tigelas fumegantes. Um rapaz japonês de cabeça raspada andava pelo restaurante servindo chá-preto em uma pesada chaleira de latão. Ao vê-la, baixou ligeiramente a cabeça.

— Eu nunca havia entrado em um restaurante. — Ela se viu dizendo, mais por surpresa do que por um desejo de falar.

— Eu mesmo não fui a muitos, mas este lugar parece limpo. Meu pai sempre disse que isso é importante quando se come fora de casa. — Isak sorriu, querendo que Sunja se sentisse à vontade. O ambiente aquecido do interior do restaurante havia deixado o rosto dela corado. — Está com fome?

Sunja fez que sim com a cabeça. Não tinha comido nada naquela manhã.

Isak pediu duas tigelas de *udon*.

— É parecido com *kalguksu*, mas o caldo é diferente. Achei que você poderia gostar. Tenho certeza de que em Osaka é vendido por toda parte. Tudo lá vai ser novo para nós.

Isak gostava cada vez mais da ideia de ela ir com ele.

Sunja já tinha ouvido muitas histórias sobre o Japão, contadas por Hansu, mas não podia dizer isso a Isak. Hansu tinha lhe contado

que Osaka era uma cidade enorme onde raramente se cruzava duas vezes com a mesma pessoa.

Isak a observou enquanto ela falava. Sunja era uma pessoa reservada. Mesmo em casa, não falava muito com a mãe nem com as meninas que trabalhavam na pensão. Sempre tinha sido assim?, ele se perguntou. Era difícil imaginar que ela tivera um amante.

Isak falou em voz baixa, pois não queria que os outros o ouvissem.

— Sunja, acha que pode gostar de mim? Como marido?

Isak uniu as mãos como se estivesse rezando.

— Sim.

Ela respondeu sem vacilar porque acreditava que essa era a verdade. Já gostava dele e não queria que ele pensasse o contrário.

Isak se sentiu leve e limpo por dentro, como se seus pulmões doentes tivessem recuperado a saúde. Inspirou fundo.

— Imagino que seja difícil, mas vai tentar esquecê-lo?

Pronto, ele tinha falado. Não queria que houvesse segredos entre eles.

Sunja estremeceu, pois não esperava que ele tocasse nesse assunto.

— Eu não sou diferente dos outros homens. Tenho meu orgulho, embora saiba que provavelmente é errado. — Ele franziu a testa. — Mas vou amar essa criança e vou amá-la e respeitá-la também.

— Vou me esforçar ao máximo para ser uma boa esposa.

— Obrigado — disse ele. Isak esperava que um dia ele e Sunja fossem tão unidos quanto seus pais.

Quando a comida chegou, ele se curvou para fazer a oração, e Sunja entrelaçou os dedos, imitando seus movimentos.



10

Uma semana depois, Yangjin, Sunja e Isak tomaram a balsa da manhã em direção a Busan. As duas mulheres vestiam *hanboks* de linho branco recém-lavados por baixo de casacos de inverno acolchoados; o terno e o sobretudo de Isak tinham sido escovados e seus sapatos, engraxados até ficarem reluzentes. O pastor Shin estava esperando por eles depois do café da manhã.

Quando chegaram, a criada da igreja reconheceu Isak e os conduziu até a sala do pastor Shin.

— Vocês chegaram — disse o pastor mais velho, levantando-se de seu assento no chão. Falava com um sotaque do norte. — Entrem, entrem.

Yangjin e Sunja fizeram uma grande reverência. Nunca tinham estado em uma igreja antes. O pastor Shin era um homem magro cujas roupas ficavam grandes demais. A bainha das mangas de seu velho terno preto estava puída, mas o colarinho branco estava limpo e bem engomado. Suas roupas escuras e bem passadas pareciam achatar a curva acentuada de seus ombros.

A criada trouxe três almofadas para que os convidados se sentassem e as colocou no chão, perto do braseiro, no meio da sala fria.

Os três convidados ficaram de pé, sem jeito, até o pastor Shin se sentar. Isak se sentou ao lado do pastor Shin, e Yangjin e Sunja, diante dele.

Assim que se acomodaram, eles ficaram em silêncio, esperando que o pastor Shin desse início à reunião com uma oração. Depois de terminar, o velho pastor se demorou avaliando a moça com quem Isak planejava se casar. Tinha pensado bastante nela desde a última visita do jovem pastor. Para se preparar para a conversa, Shin tinha até mesmo relido o Livro de Oseias. O jovem elegante com terno de lã cinza-escuro contrastava drasticamente com a garota robusta: o rosto de Sunja era redondo e comum, e seus olhos estavam baixos, por modéstia ou por vergonha. Nada em sua aparência prosaica evocava a meretriz com quem o profeta Oseias

se vira forçado a casar. A jovem era, na verdade, banal. Ao contrário do pai, o pastor Shin não acreditava que o rosto determinasse o destino de uma pessoa, mas, se tivesse que divisar o futuro de Sunja através dos olhos de seu pai, não teria dito que a vida dela ia ser fácil, mas tampouco que estava amaldiçoada. Olhou para a barriga dela, mas seu estado não era evidente por baixo da *chima* e do casaco.

— O que acha de ir para o Japão com Isak? — perguntou ele a Sunja.

A moça ergueu o rosto e depois voltou a baixar o olhar. Não sabia exatamente o que os pastores faziam, nem como exerciam seus poderes. Não acreditava que o pastor Shin e o pastor Isak recorressem a feitiços, como os xamãs, nem a cânticos, como os monges.

— Eu gostaria de saber o que você pensa — disse Shin, inclinando-se na direção dela. — Por favor, diga alguma coisa. Não gostaria que você saísse da minha sala sem ouvir sua voz.

Isak sorriu para as mulheres, sem saber o que pensar do tom de voz severo do velho pastor. Ele queria garantir a elas que as intenções de Shin eram boas.

Yangjin colocou a mão suavemente no joelho da filha. Ela havia esperado algum tipo de interrogatório por parte do pastor mais velho, mas não havia imaginado, até aquele momento, que ele poderia pensar mal dela e da filha.

— Sunja, querida, diga ao pastor Shin o que pensa sobre se casar com Baek Isak — pediu Yangjin.

Sunja abriu a boca, em seguida a fechou. Voltou a abri-la e falou, com a voz trêmula.

— Estou muito grata ao pastor Baek por seu enorme sacrifício. Vou trabalhar muito duro para servi-lo. Vou fazer tudo o que puder para que a vida dele no Japão seja boa.

Isak franziu a testa. Sabia por que ela estava dizendo aquilo, mas mesmo assim o sentimento de Sunja o entristeceu.

— Sim — disse o pastor Shin, entrelaçando os dedos. — De fato, trata-se de um grande sacrifício. Isak é um homem jovem e de boa família, e não deve ser fácil para ele se submeter a esse casamento, considerando sua situação.

Isak ergueu de leve a mão direita para protestar, mas se manteve em silêncio em respeito a seu superior. Se o pastor Shin se recusasse a casá-los, seus pais e professores ficariam preocupados.

— Você é responsável por estar nessa condição, não é verdade? — perguntou o pastor Shin a Sunja.

Isak não suportou ver a expressão magoada dela e teve vontade de levar ambas as mulheres de volta para a pensão.

— Eu cometi um grave erro. Sinto muito pelo que fiz a minha mãe e pelo fardo que vou ser para o bom pastor.

Os olhos escuros de Sunja se encheram de lágrimas. Ela parecia ainda mais jovem do que era.

Yangjin pegou a mão da filha e a segurou, sem saber se era certo ou errado, e também começou a chorar.

— Pastor Shin, ela já está sofrendo muito — disse Isak.

— Ela precisa reconhecer o próprio pecado e desejar ser perdoada. Se ela pedir, nosso Senhor vai perdoá-la — replicou Shin, pronunciando cuidadosamente cada palavra.

— Imagino que seja isso que ela deseja.

Isak não queria que Sunja se voltasse para Deus daquela maneira. O amor a Deus, na opinião dele, deveria vir naturalmente, e não por medo de um castigo.

O pastor Shin olhou para Sunja com severidade.

— Você quer, Sunja? Quer ser perdoada por seu pecado?

Ele não sabia se a jovem compreendia o que era pecado. Será que Isak tinha explicado isso a ela, em sua ânsia por se tornar uma espécie de mártir ou profeta? Como poderia se casar com uma pecadora que não tivesse renunciado ao pecado? No entanto, tinha sido precisamente isso que Deus pedira ao profeta Oseias. Será que Isak compreendia isso?

— Estar com um homem sem se casar é um pecado aos olhos de Deus. Onde está esse homem? Por que Isak deve pagar por seu pecado? — questionou Shin.

Sunja tentou secar as lágrimas das bochechas vermelhas com a manga do casaco.

No canto, a criada, apesar de surda, entendia parte do que estava acontecendo, porque sabia ler lábios. Tirou um lenço limpo

do bolso do casaco e o entregou a Sunja. Gesticulou para que ela secasse o rosto, e Sunja sorriu para ela.

O pastor Shin suspirou. Embora não quisesse aborrecer ainda mais a menina, ele se sentia compelido a proteger aquele jovem bondoso.

— Onde está o pai do seu filho, Sunja? — perguntou o pastor Shin.

— Ela não sabe, pastor Shin — respondeu Yangjin, embora ela mesma estivesse curiosa para saber a resposta. — Sunja está muito arrependida. — Ela se voltou para a filha: — Diga ao pastor... Diga que você quer o perdão do Senhor.

Nem Yangjin nem Sunja sabiam o que isso significava. Será que haveria um ritual, como quando ofereciam ao xamã uma porca e dinheiro para que as colheitas crescessem? Baek Isak nunca havia mencionado nada sobre o perdão.

— O senhor me perdoa? Pode me perdoar? — perguntou Sunja ao velho ministro.

O pastor Shin teve pena da menina.

— Sunja, não cabe a mim perdoá-la — explicou ele.

— Eu não compreendo — disse Sunja, por fim olhando diretamente para o pastor Shin, incapaz de manter os olhos baixos. Seu nariz estava escorrendo.

— Sunja, tudo que você tem que fazer é pedir que o Senhor a perdoe. Jesus pagou nossas dívidas, mas ainda assim é preciso pedir perdão. Prometa que não vai voltar a pecar. Arrependa-se, criança, e nunca mais volte a pecar.

O pastor Shin sentia que ela queria aprender. Algo se revolveu em seu interior e ele lembrou que a criança que ela levava no ventre não havia feito nada de errado. Em seguida, pensou em Gomer, a esposa meretriz de Oseias, que não se arrependeu e mais tarde o traiu novamente. O pastor franziu o cenho.

— Sinto muito — repetiu Sunja. — Não vou fazer isso de novo. Nunca mais ficarei com outro homem.

— Faz sentido você querer se casar com este rapaz. E, sim, ele quer se casar com você e cuidar do seu filho, mas não sei se isso é sensato. Eu me preocupo com a possibilidade de Isak estar sendo

idealista demais. A família dele não está aqui, e tenho que me certificar de que ele vai ficar bem.

Sunja assentiu, e os soluços foram diminuindo.

Yangjin engoliu em seco, pois temia aquilo desde que Baek Isak mencionara que teriam que falar com o pastor Shin.

— Pastor Shin, acredito que Sunja vai ser uma boa esposa — interveio Isak. — Por favor, case-nos, senhor. Eu gostaria de receber sua bênção. Sei que fala movido por uma preocupação profunda e sensata, mas acredito que esse é o desejo do Senhor. Acredito que esse casamento vai ser tão benéfico para mim quanto para Sunja e a criança.

O pastor Shin expirou.

— Sabe como é difícil ser esposa de um pastor? — perguntou ele a Sunja.

Sunja negou com a cabeça. Sua respiração já estava mais controlada.

— Contou a ela? — perguntou ele a Isak.

— Eu serei o pastor assistente. Não creio que se espere muito dela. A congregação não é grande. Sunja é muito trabalhadora e aprende rápido — argumentou Isak. No entanto, não havia pensado muito nisso. A esposa do pastor em sua comunidade de Pyongyang era uma grande dama, uma mulher incansável que, apesar de ter oito filhos, trabalhava ao lado do marido cuidando dos órfãos e servindo aos pobres. Quando ela morreu, os paroquianos choraram como se tivessem perdido a própria mãe.

Isak, Sunja e Yangjin ficaram sentados em silêncio, sem saber o que fazer.

— Você precisa jurar que será fiel a este homem. Se não for, vai causar ainda mais vergonha a sua mãe e a seu falecido pai do que já causou. Deve pedir perdão ao Senhor, criança, e também fé e coragem para estabelecer seu novo lar no Japão. Busque a perfeição, minha filha. Lá, nós, coreanos, precisamos nos comportar de maneira exemplar, porque já têm uma péssima imagem de nós. Não dê a eles nenhum motivo para pensar mal a nosso respeito. Um mau coreano pode arruinar a imagem de milhares de bons coreanos. E um mau cristão pode prejudicar dezenas de milhares de

cristãos em toda parte, sobretudo em um país de não crentes. Entende o que quero dizer?

— É o que desejo — respondeu ela. — E desejo ser perdoada, senhor.

O pastor Shin ficou de joelhos e colocou a mão direita no ombro dela. Rezou longamente por ela e por Isak. Quando terminou, se levantou, pediu que o casal se levantasse e os casou. A cerimônia terminou em questão de minutos.

* * *

Enquanto o pastor Shin ia com Isak e Sunja até a prefeitura e a delegacia de polícia local para registrar o casamento deles, Yangjin foi à rua do comércio, com passos rápidos e decididos. Tinha vontade de correr. Havia muitas palavras da cerimônia de casamento que ela não tinha compreendido. Dadas as circunstâncias, seria ridícula e mal-agradecida se desejasse um desfecho melhor, mas, apesar de sua natureza prática, Yangjin havia sonhado com algo mais bonito para sua única filha. Embora fizesse sentido se casarem de imediato, ela não sabia que o casamento ia acontecer naquele dia. Seu próprio casamento, meramente formal, também não havia durado mais do que uns dois minutos. Talvez não importasse, disse a si mesma.

Quando chegou à loja de arroz, Yangjin bateu na grossa moldura da porta deslizante antes de entrar. Não havia clientes. Um gato malhado se esgueirava entre os sapatos de palha do vendedor, ronronando alegremente.

— *Ajumoni*, quanto tempo — cumprimentou-a Cho. O vendedor de arroz sorriu. Havia mais fios grisalhos no coque da viúva de Hoonie do que ele se lembrava.

— Olá, *ajeossi*. Espero que sua mulher e suas filhas estejam bem.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Pode me vender um pouco de arroz branco?

— Minha nossa, deve estar com um hóspede muito importante na pensão. Sinto muito, mas não tenho para vender. A senhora sabe

para onde vai todo o arroz branco — respondeu ele.

— Eu tenho dinheiro para pagar — insistiu ela, colocando a bolsinha de moedas no balcão entre eles. Fora Sunja quem bordara as borboletas amarelas no tecido azul da bolsinha, um presente de aniversário de dois anos antes. A bolsinha azul estava cheia até a metade, e Yangjin esperava que fosse o suficiente.

Cho fez uma careta. Não queria vender o arroz para Yangjin, porque não tinha escolha a não ser cobrar dela os mesmos preços que cobraria de um japonês.

— Tenho pouco em estoque e, quando os clientes japoneses vêm à loja e não tenho arroz, fico em uma situação muito difícil. Compreenda. E acredite: não é que eu não queira vender para a senhora.

— *Ajeossi*, minha filha se casou hoje — revelou Yangjin, tentando não chorar.

— Sunja? Com quem? Com quem ela se casou? — Ele se lembrou da menininha agarrada à mão do pai aleijado. — Eu não sabia que ela ia se casar. Hoje?

— Com um hóspede do norte.

— O tuberculoso? Que loucura! Como deixou que sua filha se casasse com um homem doente? Ele pode morrer a qualquer momento.

— Ele vai levá-la para Osaka. Lá ela terá uma vida menos difícil do que se continuar vivendo em uma pensão com tantos homens — explicou a mulher, esperando assim encerrar a conversa.

Yangjin não estava dizendo a verdade, e Cho sabia disso. A menina devia ter dezesseis ou dezessete anos. Era um par de anos mais nova do que sua segunda filha; estava em uma idade boa para uma moça se casar, mas por que o pastor se casaria com ela? Jun, o carvoeiro, tinha dito que era um homem elegante de família rica. Além disso, Sunja tinha doenças no sangue. Quem ia querer algo assim? Mas ele supunha que talvez não houvesse muitas moças em Osaka.

— Ele fez uma boa oferta? — perguntou Cho, franzindo a testa ao olhar para a bolsinha de moedas. Kim Yangjin não poderia dar a um homem como aquele um dote decente, mal deviam sobrar umas poucas moedas para a dona da pensão depois que ela alimentava

os pescadores famintos e as duas irmãs pobres que não deveria ter acolhido.

Fazia anos que suas próprias filhas haviam se casado. No ano anterior, o marido da mais nova tivera que fugir para a Manchúria, porque a polícia estava atrás dele por organizar manifestações, de maneira que agora Cho alimentava os filhos desse grande patriota vendendo seus melhores produtos para os ricos clientes japoneses que seu genro desejara tão ardentemente expulsar do país. Se os clientes japoneses deixassem de comprar com ele, a loja de Cho fecharia no dia seguinte e sua família morreria de fome.

— Precisa de arroz suficiente para uma festa de casamento? — perguntou ele, sem conseguir imaginar como a mulher pagaria por algo assim.

— Não. Apenas para os noivos.

Cho assentiu para a mulher miúda e cansada parada diante dele, que não o olhava nos olhos.

— Não posso lhe vender muito — repetiu.

— Eu quero apenas o suficiente para o jantar dos noivos... Para que sintam novamente o gosto de arroz branco antes de irem embora.

Os olhos de Yangjin se encheram de lágrimas, e o vendedor de arroz desviou o olhar; detestava ver mulheres chorando. Sua avó, sua mãe, sua mulher e suas filhas... todas choravam sem parar. As mulheres choram demais, pensou.

Sua filha mais velha vivia no outro lado da cidade com um homem que trabalhava como tipógrafo, e a mais nova e os três filhos moravam em casa com ele e a mulher. Por mais que se queixasse das despesas de manter a filha e os netos, ele trabalhava duro e atendia qualquer cliente japonês que estivesse disposto a pagar o preço de suas mercadorias, porque não conseguia imaginar a possibilidade de não sustentar a família. Não conseguia imaginar suas meninas vivendo longe, em um país onde coreanos eram tratados como animais. Não conseguia imaginar perder sangue do seu sangue para aqueles filhos da mãe.

Yangjin contou as notas de iene e as colocou na bandeja de madeira no balcão, ao lado do ábaco.

— Um saco pequeno, se tiver. Quero que comam até se fartar. Com o que sobrar, vou fazer bolinhos doces para eles.

Yangjin empurrou a bandeja de dinheiro na direção do homem. Se ele insistisse em negar, entraria em todas as lojas de arroz de Busan para que sua filha tivesse arroz branco em sua primeira noite de casada.

— Bolinhos? — Cho cruzou os braços e deu uma sonora risada. Quanto tempo fazia desde a última vez que ouvira uma mulher falando sobre fazer bolinhos com arroz branco? Aqueles dias pareciam tão distantes. — Suponho que vá me trazer um.

Ela secou os olhos enquanto o vendedor ia ao depósito pegar o pouco arroz que havia guardado para ocasiões como aquela.



11

Finalmente, os hóspedes permitiram que suas roupas de trabalho fossem lavadas. Nem eles mesmos conseguiam mais suportar o odor. Carregando quatro trouxas enormes, Bokhee, Dokhee e Sunja foram até à enseada. Com as longas saias arregaçadas e amarradas, as mulheres se agacharam junto à água e ajeitaram as tábuas de lavar roupa. A água gelada congelava suas pequenas mãos, a pele espessa e áspera por causa dos anos de trabalho. Com todas as suas forças, Bokhee esfregava as camisas molhadas na tábua de madeira enquanto a irmã mais nova, Dokhee, organizava a roupa suja restante a seu lado. Sunja lavava um par de calças escuras, manchadas de sangue e vísceras de peixe, que pertencia a um dos irmãos Chung.

— Você se sente diferente depois de casada? — perguntou Dokhee. As garotas tinham sido as primeiras a saber da notícia depois que o casamento foi registrado. E ficaram ainda mais surpresas do que os hóspedes. — Ele a chama de *yobo*?

Bokhee parou o que estava fazendo para observar a reação de Sunja. Devia ter repreendido a irmã por sua impertinência, mas também estava curiosa.

— Ainda não — respondeu Sunja.

O casamento tinha ocorrido três dias antes, mas, por falta de espaço, Sunja ainda dormia no mesmo quarto que a mãe e as criadas.

— Eu gostaria de me casar — disse Dokhee.

Bokhee riu.

— Quem se casaria com garotas como nós?

— Eu gostaria de me casar com um homem como o pastor Isak — disse Dokhee, sem piscar. — Ele é tão bonito e amável. Ele nos olha nos olhos com tanta bondade quando fala conosco. Até os hóspedes o respeitam, mesmo que ele não saiba nada sobre o mar. Já repararam nisso?

Era verdade. Os hóspedes costumavam caçoar das pessoas de classes mais altas, que tinham recebido alguma educação, mas

gostavam de Isak. Ainda era difícil para Sunja pensar nele como seu marido.

Bokhee deu um tapa no braço da irmã.

— Perdeu o juízo? Um homem como ele jamais se casaria com você. Tire essas ideias estúpidas da cabeça.

— Mas ele se casou com Sunja...

— Ela é diferente. Nós duas somos criadas — argumentou Bokhee.

Dokhee revirou os olhos.

— Como ele a chama, então?

— Ele me chama de Sunja — respondeu ela, sentindo-se mais livre para falar.

Antes de Hansu, Sunja costumava conversar mais com as irmãs.

— Está ansiosa para ir para o Japão? — perguntou Bokhee. Ela estava mais interessada na vida em uma cidade do que no casamento, que lhe parecia horrível. Sua avó e sua mãe tinham praticamente se matado de trabalhar. Nunca ouvira a mãe rir.

— Os homens disseram que Osaka é mais movimentada do que Busan ou Seul. Onde vão morar? — perguntou Bokhee.

— Não sei. Na casa do irmão do pastor Isak, suponho.

Sunja ainda pensava em Hansu e em como ele poderia estar por perto. Mais do que qualquer outra coisa, tinha medo de se encontrar com ele. No entanto, a ideia de nunca mais voltar a vê-lo lhe parecia pior.

Bokhee esquadrinhou o rosto de Sunja.

— Está com medo de ir? Não devia ficar. Acho que você vai ter uma vida maravilhosa lá. Os homens disseram que há luzes elétricas em toda parte: nos trens, nos carros, nas ruas e em todas as casas. Dizem que não há nada que uma pessoa queira que não possa encontrar nas lojas de Osaka. Talvez você fique rica e mande nos buscar. Podemos montar uma pensão lá! — Bokhee ficou encantada com a ideia que acabara de ter. — Eles também devem precisar de pensões no Japão. Sua mãe pode cozinhar, e nós podemos limpar e lavar as roupas...

— E você acha que eu tenho ideias absurdas? — Dokhee deu um tapinha no ombro da irmã, deixando uma marca úmida na manga do casaco dela.

Sunja tinha dificuldade de torcer as calças molhadas, porque eram pesadas demais.

— A mulher de um sacerdote pode ser rica? — perguntou Sunja.

— Talvez os pastores ganhem muito dinheiro! — disse Dokhee. — E os pais dele são ricos, não são?

— Como sabe disso? — questionou Sunja. Sua mãe havia contado que os pais de Isak tinham terras, mas muitos proprietários de terra tiveram que vender suas propriedades para os japoneses a fim de pagar os novos impostos. — Não sei se vamos ter muito dinheiro. Isso não importa.

— As roupas dele são muito elegantes, e ele é culto — explicou Dokhee, sem saber ao certo como as pessoas ganhavam dinheiro.

Sunja começou a lavar outro par da calças.

Dokhee olhou para a irmã.

— Podemos dar a ela agora?

Bokhee fez que sim com a cabeça; queria que Sunja parasse de pensar sobre ter de ir embora. A jovem parecia angustiada e triste, em vez de uma noiva feliz.

— Você é como uma irmã mais nova para nós, embora sempre tenha parecido mais velha, porque é inteligente e paciente — disse Bokhee, sorrindo.

— Depois que for embora, quem vai me defender quando eu levar uma bronca da sua mãe? Você sabe que minha irmã não vai fazer nada — acrescentou Dokhee.

Sunja deixou as calças que estava lavando junto às pedras. As irmãs moravam com ela desde a morte de seu pai, não conseguia imaginar a vida sem elas.

— Queríamos lhe dar um presente — revelou Dokhee, mostrando a ela um par de patos esculpidos em madeira de acácia pendurados em um cordão de seda vermelho. Eram do tamanho do punho de um bebê.

— O *ajeossi* do mercado nos disse que os patos escolhem apenas um parceiro para toda a vida — explicou Bokhee. — Quem sabe você volta para casa em alguns anos e traz seus filhos para conhecermos. Eu sou boa com crianças. Criei Dokhee praticamente sozinha, apesar de às vezes ela ser atrevida.

Dokhee empurrou as narinas para cima com o indicador para fazer uma cara de porco.

— Ultimamente você parece muito triste, e nós sabemos por quê — disse Dokhee.

Sunja ergueu o olhar, segurando os patos.

— Tem saudades do seu pai — disse Bokhee. As irmãs tinham perdido os pais quando ainda eram bem pequenas.

O rosto largo de Bokhee se abriu em um sorriso triste. Ela baixou os olhos graciosos e tão pequenos que pareciam dois girinos até se encontrarem com as maçãs do rosto marcadas. As irmãs tinham rostos quase idênticos, embora a mais nova fosse mais baixa e ligeiramente mais rechonchuda.

Sunja começou a chorar e Dokhee a envolveu com seus braços fortes.

— Meu *abuji*, ah, meu *abuji* — disse Sunja baixinho.

— Está tudo bem, vai ficar tudo bem — disse Bokhee, dando tapinhas nas costas dela. — Você tem um bom marido agora.

* * *

Yangjin fez ela mesma as malas da filha. Cada peça de roupa foi cuidadosamente dobrada, em seguida empilhada em um quadrado grande de tecido cujas pontas ela atou com firmeza. As pontas do tecido foram unidas para formar uma alça. Nos dias que antecederam a partida do casal, Yangjin não parava de pensar que estava se esquecendo de algo, o que a levou a desfazer as quatro trouxas e em seguida refazer o processo. Queria enviar mais comida, como jujubas desidratadas, flocos de pimenta, pasta de pimenta, grandes anchovas secas e pasta de soja fermentada como presente para a cunhada de Isak, mas o pastor disse que não poderiam levar muita coisa na balsa.

— Além disso, poderemos comprar o que quisermos lá — garantiu ele.

Bokhee e Dokhee ficaram em casa na manhã em que Yangjin, Sunja e Isak foram para o terminal da barca de Busan. Foi difícil despedir-se das irmãs. Dokhee chorou, inconsolável, com medo de

que Yangjin fosse para Osaka com eles, abandonando-as à própria sorte em Yeongdo.

O terminal da balsa de Busan era uma estrutura prática de tijolos e madeira construída às pressas. Passageiros, parentes que tinham ido se despedir e vendedores ambulantes perambulavam pelo terminal ruidoso e lotado. Os passageiros esperavam em filas imensas para mostrar os documentos à polícia e aos funcionários da imigração antes de embarcar na balsa de Busan para Shimonoseki. Enquanto Isak estava na fila para falar com a polícia, as mulheres se sentaram em um banco próximo, prontas para se levantar caso ele precisasse de algo. A balsa enorme já estava no cais, esperando que a inspeção dos passageiros fosse concluída. O cheiro de algas marinhas se misturava ao odor de combustível da embarcação. Sunja tinha passado o dia inteiro enjoada e estava pálida e exausta. Tinha vomitado mais cedo, e não havia mais nada em seu estômago.

Yangjin apertou a menor das trouxas contra o peito. Quando voltaria a ver a filha?, ela se perguntou. O mundo parecia partido. O que era melhor para Sunja e o bebê parecia não importar mais. Por que tinham que ir? Yangjin não ia poder segurar o neto nos braços. Por que não podia ir com eles? Devia haver trabalho para ela em Osaka, ponderou. Mas Yangjin sabia que tinha que ficar. Era responsabilidade dela cuidar do túmulo dos sogros e do marido. Não podia deixar Hoonie para trás. Além disso, onde viveria se fosse para Osaka?

Sunja se curvou ligeiramente, emitindo um pequeno gemido de dor.

— Você está bem?

A garota fez que sim.

— Eu vi o relógio de ouro — revelou Yangjin. Sunja cruzou os braços em torno do corpo. — Foi um presente daquele homem?

— Sim — respondeu ela, sem olhar para a mãe.

— Que tipo de homem tem dinheiro para comprar algo assim?

Sunja não respondeu. Restavam apenas mais alguns homens na frente de Isak na fila.

— Onde está o homem que deu esse relógio a você?

— Ele mora em Osaka.

— O quê? Então ele é de lá?

— Ele é de Jeju, mas mora em Osaka. Não sei se é lá que ele está agora.

— Está planejando vê-lo?

— Não.

— Não pode se encontrar com esse homem, Sunja. Ele a abandonou. Não é uma boa pessoa.

— Ele é casado.

Yangjin respirou fundo.

Sunja podia ouvir a si mesma falando com a mãe, mas ao mesmo tempo tinha a sensação de que era outra pessoa.

— Eu não sabia que ele era casado. Ele não me disse. — Yangjin ficou imóvel, com a boca entreaberta. — Um dia, no mercado, uns garotos japoneses começaram a me importunar e ele os colocou para correr. Então nos tornamos amigos.

Pareceu natural finalmente falar dele. Sunja pensava com frequência em Hansu, mas não havia ninguém com quem conversar a respeito.

— Ele queria cuidar de mim e do bebê, mas não podia se casar comigo. Disse que tinha mulher e três filhas no Japão.

Yangjin segurou a mão da filha.

— Você não pode se encontrar com ele. Aquele homem — Yangjin apontou para Isak —, aquele homem salvou sua vida. Salvou seu filho. Você faz parte da família dele agora. Eu não tenho mais o direito de voltar a vê-la. Sabe o que isso significa para uma mãe? Em breve você vai ser mãe. Espero que tenha um menino, para que seu filho não precise deixá-la quando se casar.

Sunja fez que sim com a cabeça.

— O relógio. O que vai fazer com ele?

— Vou vender quando chegar a Osaka.

Yangjin ficou satisfeita com a resposta.

— Guarde para uma emergência. Se seu marido perguntar como o conseguiu, diga que eu dei a você.

Ela pegou a bolsinha de moedas que levava por baixo da blusa.

— Isto pertenceu à mãe do seu pai — disse Yangjin, entregando a ela dois anéis de ouro que a sogra havia lhe dado antes de morrer. — Tente não vendê-los, a não ser em caso de necessidade. É

melhor que tenha alguma coisa, caso precise de dinheiro. Você é uma jovem parcimoniosa, mas criar um filho custa dinheiro. Pode haver gastos inesperados, como visitas ao médico. Se for um menino, vai precisar de dinheiro para mandá-lo para a escola. Se o pastor não lhe der dinheiro para as despesas da casa, ganhe algum e guarde uma parte para emergências. Gaste o que precisar, mas guarde nem que sejam apenas algumas moedas em uma lata e esqueça que as tem. Uma mulher deve sempre ter algum dinheiro guardado. Cuide bem do seu marido. Caso contrário, outra mulher o fará. Trate a família de seu marido com respeito. Obedeça-os. Se cometer um erro, eles vão amaldiçoar nossa família. Pense em seu pai, que era um bom homem e sempre fez o melhor que podia por nós.

Yangjin tentou lembrar o que mais deveria dizer à filha. Era difícil se concentrar.

Sunja colocou os anéis na bolsinha de pano sob a blusa, onde guardava o relógio e algum dinheiro.

— *Omoni*, eu sinto muito.

— Eu sei, eu sei. — Yangjin fechou a boca e acariciou os cabelos de Sunja. — Você é tudo que eu tenho. E, agora que está indo embora, não tenho mais nada.

— Vou pedir ao pastor Isak que escreva para você quando chegarmos.

— Sim, sim. E, se precisar de alguma coisa, peça para ele me escrever uma carta em coreano, e eu peço a alguém na cidade que a leia para mim. — Yangjin suspirou. — Seria tão bom se soubéssemos ler e escrever.

— Nós conhecemos os números e sabemos somar. Papai nos ensinou.

Yangjin sorriu e disse:

— Sim. Seu pai nos ensinou. Seu lar é ao lado do seu marido. — Foi isso o que o pai disse a ela quando se casou com Hoonie. “Nunca mais volte para casa”, mas Yangjin não era capaz de dizer isso à própria filha. — Construa um bom lar para ele e para seu filho. Esse é o seu dever. Eles não devem sofrer.

Isak voltou. Ele parecia tranquilo. Dezenas de pessoas haviam sido impedidas de embarcar por falta de documentos ou de dinheiro,

mas Sunja e ele foram liberados. Tinham atendido aos requisitos necessários, e os funcionários não o incomodariam. Ele e a mulher podiam seguir viagem.



12

Osaka, abril de 1933

Quando se cansou de mudar o peso do corpo de uma perna para a outra, Yoseb Baek começou a andar de um lado para o outro pela estação de trem de Osaka, como um homem em uma cela. Se tivesse ido até lá com um amigo, a conversa o teria entretido e teria conseguido ficar parado, mas estava sozinho. Yoseb era falador por natureza e, embora tivesse um excelente domínio do japonês, o sotaque sempre o entregava. Com sua aparência, podia abordar qualquer japonês e ser recebido com um sorriso educado, mas a boa vontade desaparecia assim que ele abria a boca. Afinal, ele era coreano, e, por mais encantadora que fosse sua personalidade, infelizmente pertencia a uma raça ardilosa e sorrateira. Havia muitos japoneses justos e honrados, mas eles tendiam a ficar desconfiados com os estrangeiros. *Com os inteligentes, em especial, é preciso tomar cuidado... Os coreanos são causadores de problemas por natureza.* Depois de viver mais de uma década no Japão, Yoseb já tinha ouvido de tudo. Mas não ficava ofendido com essas coisas, tudo isso lhe parecia patético. O guarda que patrulhava a estação de Osaka tinha notado a agitação de Yoseb, mas esperar ansiosamente a chegada de um trem não era crime.

O policial não sabia que ele era coreano, porque o comportamento e os trajes de Yoseb não o denunciavam. A maioria dos japoneses afirmava poder distinguir entre um japonês e um coreano, mas todo coreano sabia que isso era bobagem. Uma pessoa podia se passar pelo que quisesse. Yoseb usava roupas típicas de um trabalhador modesto de Osaka: calças simples, camisa de botão ocidental e um pesado casaco de lã sem muitos sinais de uso. Há tempos ele deixara de usar as roupas elegantes que trouxera de Pyongyang: ternos caros que seus pais haviam encomendado a um alfaiate que fazia roupas para os missionários canadenses e suas famílias. Nos últimos seis anos, Yoseb havia trabalhado como capataz em uma fábrica de biscoitos,

supervisionando trinta moças e dois homens. No trabalho, tinha que parecer asseado, apenas isso. Não precisava se vestir melhor do que o chefe, Shimamura, que já deixara claro que poderia colocar outro no lugar de Yoseb sem pensar duas vezes. Todos os dias, chegavam a Osaka trens vindos de Shimonoseki e barcos vindos de Jeju cheios de coreanos famintos, e Shimamura poderia escolher o melhor entre eles.

Yoseb ficou satisfeito por seu irmão mais novo estar chegando em um domingo, seu único dia de folga. Kyunghee tinha ficado em casa, preparando um banquete. Caso contrário, teria ido com ele. Ambos estavam extremamente curiosos a respeito da garota com quem Isak havia se casado. As circunstâncias eram alarmantes, mas o que Isak tinha decidido fazer não era nem um pouco surpreendente: ninguém na família teria ficado admirado diante de um gesto altruísta dele. Quando criança, era do tipo que daria toda a sua comida e todas as suas posses aos pobres, se pudesse. Havia passado a infância adoentado na cama, lendo. Apesar de refeições generosas serem servidas a ele no quarto em uma bandeja de jujubeira laqueada e de não restar um grão de arroz em sua tigela de metal quando a bandeja era devolvida para a cozinha, ele continuava magro como um palito. Naturalmente, os criados nunca deixavam de receber uma porção considerável de suas refeições, que Isak lhes cedia de livre e espontânea vontade. O arroz e o peixe eram uma coisa, pensava Yoseb, mas aquele casamento parecia um pouco demais. Concordar em assumir o filho de outro homem! Sua mulher, Kyunghee, o fizera prometer que não a julgaria até que tivessem a chance de conhecer a moça. Ela, assim como Isak, tinha o coração generoso demais.

Quando o trem de Shimonoseki chegou à estação, a multidão que o esperava se dispersou com uma espécie de precisão cronometrada. Carregadores se apressaram em ajudar os passageiros da primeira classe, todas as outras pessoas pareciam saber para onde ir. Um palmo mais alto do que todos os outros, Isak se destacava na multidão. Tinha um chapéu cinza inclinado sobre a linda cabeça e óculos com armação de tartaruga apoiados no nariz reto. Isak procurou na multidão e, ao ver Yoseb, acenou com a mão ossuda bem alto no ar.

Yoseb correu até ele. O menino havia se tornado um adulto. Isak estava ainda mais magro do que ele se lembrava, a pele pálida estava mais morena e linhas de expressão haviam surgido em torno dos olhos amáveis e risonhos. Isak tinha o rosto de Samoel, a semelhança era assombrosa. O terno ocidental, feito à mão pelo alfaiate da família, pendia largo em sua figura abatida. O menino tímido e adoentado que Yoseb deixara para trás onze anos antes tinha se tornado um cavalheiro alto, o corpo magro ainda mais alquebrado pela doença recente. Como os pais podiam ter permitido que ele fosse para Osaka? Por que ele havia insistido?

Yoseb colocou os braços em torno do irmão e o abraçou com força. No Japão, a única outra pessoa que Yoseb tocava era a mulher, e era bom ter alguém da família tão perto, sentir a barba por fazer do irmão roçar suas orelhas. O irmão mais novo tinha barba, admirou-se.

— Você cresceu muito!

Os dois riram, porque era verdade e porque fazia tempo demais desde a última vez que tinham se visto.

— Irmão — disse Isak. — Meu irmão.

— Isak, finalmente chegou. Estou muito feliz.

Isak sorriu de orelha a orelha, os olhos fixos no rosto do irmão mais velho.

— Está muito mais alto do que eu. Que desrespeito!

Isak fez uma grande reverência, fingindo se desculpar.

Sunja ficou parada, segurando suas trouxas. Sentia-se reconfortada pela intimidade e pelo carinho entre os irmãos. O irmão de Isak, Yoseb, era bem-humorado. Suas brincadeiras lembravam um pouco Gordo, o hóspede da pensão. Quando ficou sabendo que ela havia se casado com Isak, ele simulou um desmaio, fingindo cair estatelado no chão da sala de estar. Instantes depois, pegou a carteira e deu dois ienes a ela (o equivalente a mais de dois dias de salário), para que comprasse algo saboroso para comer com o marido quando chegassem a Osaka.

— Quando estiver saboreando bolinhos de arroz-doce no Japão, lembre-se de mim, triste e solitário em Yeongdo, sentindo sua falta. Imagine o coração de Gordo dilacerado como a boca de um badejo fisgado jovem demais — dissera ele.

Gordo fingira chorar, esfregando os punhos carnudos nos olhos e emitindo ruídos de lamento altos. Os irmãos mandaram que se calasse, e cada um deles também deu a Sunja dois ienes como presente de casamento.

— E está casado! — exclamou Yoseb, examinando com atenção a moça miúda ao lado de Isak.

Sunja fez uma reverência diante do cunhado.

— É bom vê-la de novo — disse Yoseb. — Mas, quando a conheci, você era apenas uma menininha e costumava andar atrás do seu pai para todo lado. Tinha talvez cinco ou seis anos? Acho que não deve se lembrar de mim. — Sunja balançou a cabeça porque tinha tentado, mas não conseguiu. — Eu me lembro muito bem do seu pai. Senti muito ao saber de sua morte, ele era um homem muito sábio. Eu gostava de conversar com ele. Era um sujeito de poucas palavras, mas tudo que dizia era muito sensato. E sua mãe fazia refeições deliciosas.

Sunja baixou os olhos.

— Obrigada por permitir que eu viesse, cunhado. Minha mãe manda seu mais profundo agradecimento por sua generosidade.

— Você e sua mãe salvaram a vida de Isak. Eu é que tenho que agradecer, Sunja. Nossa família deve muito a sua família.

Yoseb pegou as malas pesadas da mão de Isak, e Isak pegou as trouxas de Sunja, mais leves. O irmão mais velho examinou a curva de seu ventre, embora a gravidez ainda não estivesse muito evidente. Em seguida, desviou o olhar em direção à saída da estação. A garota não parecia uma meretriz, nem falava como uma. Ela parecia tão modesta e simples que Yoseb se perguntou se não teria sido violentada por algum conhecido. Esse tipo de coisa acontecia, e ainda assim a garota teria sido acusada de incitar um homem.

— Onde está minha cunhada? — perguntou Isak, olhando em volta à procura de Kyunghee.

— Em casa, preparando o jantar para vocês. É melhor que estejam com fome. Os vizinhos devem estar morrendo de inveja dos aromas que saem da cozinha!

Isak sorriu, ele adorava a cunhada.

Sunja apertou o casaco junto ao corpo, consciente de que as pessoas que passavam reparavam em seus trajes tradicionais. Ninguém mais na estação estava vestindo *hanbok*.

— Minha cunhada é uma ótima cozinheira — disse Isak a Sunja, feliz com a perspectiva de ver Kyunghee novamente.

Yoseb notou as pessoas olhando para a garota. Ela ia precisar de roupas, pensou.

— Vamos para casa!

Yoseb os conduziu depressa para fora da estação.

A rua diante da estação de Osaka estava tomada por carros, hordas de pedestres entravam e saíam dos acessos principais. Sunja andava atrás dos irmãos, que se moviam cuidadosamente por entre a multidão. Enquanto caminhavam em direção à parada do bonde, ela se virou por um momento e olhou para a estação de trem. O prédio em estilo ocidental, uma monstruosidade de pedra e concreto, não se parecia com nada que ela tivesse visto antes. A estação de Shimonoseki, que antes ela achava grande, era insignificante quando comparada àquela estrutura imensa.

Os homens andavam depressa, e ela tentava acompanhar. O bonde estava se aproximando. Em sua mente, Sunja já tinha estado em Osaka. Também havia tomado a balsa em Shimonoseki, o trem em Osaka e até mesmo o bonde, que era mais rápido do que um garoto correndo ou andando de bicicleta. Olhou, admirada, os carros que passavam por eles e que pareciam touros de metal sobre rodas, como Hansu os descrevera. Ela era uma garota do campo, mas tinha ouvido falar de todas aquelas coisas. No entanto, não podia deixar transparecer que sabia sobre os cobradores que conferiam os bilhetes, oficiais da imigração, carregadores e bondes, lâmpadas elétricas, fogões a querosene e telefones, de modo que, na parada do bonde, permaneceu quieta e imóvel como uma muda brotando em solo novo, reta e atenta para receber a luz do sol. Ela teria se desenraizado para conhecer o mundo com Hansu, e agora o estava conhecendo sem ele.

Yoseb conduziu Sunja para o único assento vazio na parte de trás do bonde e fez com que se sentasse lá. Ela pegou de volta as trouxas que Isak levava e as colocou no colo. Os irmãos ficaram próximos e se atualizaram sobre as notícias da família. Sunja não

prestou atenção à conversa dos homens. Como antes, segurou as trouxas junto ao peito e ao ventre para inalar o cheiro de casa impregnado no tecido que envolvia seus pertences.

As ruas largas do centro de Osaka eram ladeadas por fileiras de prédios baixos de tijolo e lojas de aparência elegante. Os japoneses que tinham se estabelecido em Busan eram parecidos com os dali, mas naquele lugar havia outros tipos. Na estação, jovens vestindo elegantes trajes ocidentais faziam com que as roupas de Isak parecessem antiquadas e velhas, e mulheres bonitas com quimonos exuberantes teriam feito Dokhee desmaiar de deleite com suas cores e seus bordados vistosos. Havia também pessoas de aparência muito pobre e que deviam ser japonesas... Isso era algo que ela nunca tinha visto em Busan. Os homens cuspiam nas ruas, despreocupados. A viagem de bonde pareceu breve.

Desceram em Ikaino, o bairro onde os coreanos moravam. Quando chegaram à casa de Yoseb, ela constatou que era muito diferente das belas casas pelas quais haviam passado no caminho de bonde desde a estação. O fedor dos animais era mais forte do que o cheiro de comida sendo preparada e até mesmo do que o fedor das latrinas. Sunja teve vontade de tampar o nariz e a boca, mas se conteve.

Ikaino era uma espécie de vilarejo caótico, composto de casas pobres e desiguais. Os casebres só se assemelhavam na estrutura precária e nos materiais de baixa qualidade. Aqui e ali, havia uma entrada recém-lavada e um par de janelas polidas, mas a maioria das fachadas estava em péssimo estado. O interior das janelas era coberto com jornais desbotados e papel de alcatrão e calços de madeira eram usados para reparar rachaduras. O metal da maioria dos telhados estava enferrujado. As casas pareciam ter sido construídas pelos próprios moradores, usando materiais baratos ou descartados, não eram muito mais resistentes do que cabanas ou tendas. Saía fumaça de chaminés de aço improvisadas. Estava quente para um fim de tarde de primavera, crianças seminuas e vestindo farrapos brincavam de pega-pega, ignorando o homem bêbado que dormia no beco. Um menino pequeno defecava ao lado de uma varanda não muito longe da casa de Yoseb.

Yoseb e Kyunghee moravam em uma casa quadrada com telhado ligeiramente inclinado. A estrutura de madeira era coberta de aço corrugado. Um painel de madeira compensada com cobertura de metal fazia as vezes de porta da frente.

— Este lugar é adequado apenas para porcos e coreanos — disse Yoseb, rindo. — Não lembra muito a nossa casa, não é?

— Não, mas vai nos servir muito bem — retrucou Isak, sorrindo. — Sinto muito pelo incômodo que vamos causar.

Sunja não conseguia acreditar na pobreza em que Yoseb e a esposa viviam. Não era possível que o capataz de uma fábrica vivesse em condições tão precárias.

— Os japoneses se recusam a alugar casas decentes para nós. Compramos esta há oito anos. Acho que somos os únicos coreanos que possuem uma casa nesta rua, mas ninguém pode saber disso.

— Por quê? — perguntou Isak.

— Não é bom que as pessoas saibam que você é proprietário. Aqui todos acham que os proprietários são uns canalhas, todos reclamam disso o tempo todo. Comprei esta casa com o dinheiro que nosso pai me deu quando me mudei para cá. Não teria como comprá-la agora.

Da casa ao lado, com as janelas cobertas com papel de alcatrão, vinham guinchos de porco.

— Sim, nossa vizinha cria porcos. Vivem com ela e os filhos.

— Quantos ela tem?

— Quatro crianças e três porcos.

— Vivem todos lá dentro? — sussurrou Isak. Yoseb assentiu, erguendo as sobrancelhas. — Não pode ser tão caro morar aqui.

Isak havia planejado alugar uma casa para morar com Sunja e o bebê.

— Os inquilinos gastam mais da metade do que ganham com o aluguel. O preço da comida é muito mais alto do que na Coreia.

Hansu possuía muitas propriedades em Osaka. Como era possível?, perguntou-se Sunja.

A porta lateral que dava para a cozinha se abriu e Kyunghee colocou a cabeça para fora. Pousou o balde que estava carregando junto à porta.

— O quê? O que estão fazendo aí do lado de fora? Entrem, entrem! *Uh-muh*! — gritou Kyunghee. Ela correu até Isak e tomou o rosto dele entre as mãos. — *Uh-muh*, estou tão feliz em vê-lo. Você está aqui! Deus seja louvado!

— Amém — disse Isak, deixando que Kyunghee, que o conhecia desde pequeno, o afagasse.

— A última vez que o vi foi antes de deixar a Coreia! Entre agora mesmo! — ordenou ela a Isak, brincando, em seguida se virou para Sunja. — Não imagina há quanto tempo desejo ter uma irmã. Fico tão solitária aqui querendo outra garota com quem conversar! — disse Kyunghee. — Eu estava preocupada que vocês tivessem perdido o trem. Como está se sentindo? Está cansada? Deve estar faminta.

Kyunghee pegou a mão de Sunja, e os homens as seguiram.

Sunja não esperava uma recepção tão calorosa. Kyunghee tinha um rosto especialmente bonito: olhos com o formato e a cor de sementes de caqui e uma boca linda. Sua pele era da cor de peônias brancas. Parecia muito mais atraente e vibrante do que Sunja, que era mais de uma década mais jovem. Seus cabelos escuros e lisos estavam presos com um grampo de madeira, e ela usava um avental de algodão sobre o vestido ocidental azul e simples. Parecia mais uma colegial do que uma dona de casa de trinta e um anos.

Kyunghee pegou a chaleira de latão que estava sobre o aquecedor movido a querosene.

— Deu a eles algo para beber ou comer na estação? — perguntou ao marido. Ela serviu chá em quatro xícaras de terracota.

Ele riu.

— Você disse para vir para casa o mais rápido possível!

— Que belo irmão você é! Não importa. Eles já estão em casa, e estou feliz demais para reclamar.

Kyunghee ficou parada perto de Sunja e acariciou seus cabelos.

A garota tinha um rosto comum e plano e olhos estreitos. Suas feições eram pequenas. Sunja não era feia, mas também não era atraente de uma maneira óbvia. O rosto e o pescoço eram largos, e os tornozelos estavam inchados. Sunja parecia nervosa, e Kyunghee sentiu pena dela, queria que ela soubesse que não

precisava ficar ansiosa. As duas longas tranças que pendiam nas costas de Sunja estavam amarradas com tiras finas de cânhamo. Sua barriga estava alta, e Kyunghee supôs que a criança devia ser um menino.

Sunja tinha as mãos trêmulas quando fez uma reverência ao aceitar a xícara oferecida pela cunhada.

— Está com frio? Não está muito agasalhada.

Kyunghee colocou uma almofada no chão, perto da mesa de jantar baixa, e fez com que a garota se sentasse lá. Colocou uma colcha da cor de maçã-verde no colo de Sunja, que tomou um gole de seu chá de cevada quente.

O exterior da casa escondia o interior confortável. Kyunghee, que tinha crescido cercada de muitos criados, havia aprendido a manter a casa limpa e acolhedora para o marido e para ela. Possuíam uma casa de seis tatames com três cômodos apenas para os dois, o que era inédito naquele enclave coreano superlotado onde dez podiam dormir em um cômodo de dois tatames; ainda assim, comparada às casas enormes onde ela e o marido haviam crescido, aquele lugar era absurdamente pequeno, inadequado até mesmo para um criado idoso. O casal tinha comprado a casa de uma viúva japonesa muito pobre que se mudara para Seul com o filho quando Kyunghee chegou a Osaka para se juntar ao marido. Havia muitos tipos de coreanos morando em Ikaino, e eles tinham aprendido a ser cautelosos para se proteger da desonestidade e da criminalidade do bairro.

— Nunca empreste dinheiro a ninguém — alertou Yoseb, olhando diretamente para Isak, que pareceu desconcertado diante dessa ordem.

— Não podemos discutir essas coisas depois que eles tiverem comido? Acabaram de chegar — suplicou Kyunghee.

— Se tiverem dinheiro guardado ou objetos de valor, me avisem. Eu os guardarei. Tenho uma conta bancária. Todos os que vivem aqui precisam de dinheiro, roupas, moradia e comida. Há muito pouco que você possa fazer para resolver todos esses problemas. Fazemos doações à igreja, exatamente como nossos pais nos ensinaram, mas a igreja é quem distribui tudo depois. Vocês não sabem como é a vida aqui. Evitem conversar com os vizinhos e

nunca deixem ninguém entrar em casa — disse Yoseb, sério, a Isak e Sunja. — Espero que respeite essas regras, Isak. Você é uma pessoa generosa, mas isso pode ser perigoso para nós. Se as pessoas acharem que temos dinheiro sobrando, nossa casa será assaltada. Não temos muito, Isak. Mas também precisamos ter muito cuidado. Depois que você começa a dar, as pessoas não param mais de pedir. Algumas pessoas bebem e apostam, as mães ficam desesperadas quando o dinheiro acaba. Não as culpo, mas primeiro devemos cuidar de nossos pais e dos pais de Kyunghee.

— Ele está dizendo tudo isso porque, por minha causa, tivemos problemas — explicou Kyunghee.

— Do que está falando? — perguntou Isak.

— Logo depois que cheguei aqui, dei comida aos vizinhos, e logo eles estavam nos pedindo todos os dias. Eu dava a eles o que sobrava do nosso jantar, mas eles não entendiam que eu tinha que guardar comida para o almoço do seu irmão no dia seguinte. Então um dia invadiram nossa casa e roubaram nosso último saco de batatas. Disseram que não foram eles, e sim alguém que conheciam, mas...

— Eles estavam com fome — disse Isak, tentando ser compreensivo.

Yoseb pareceu irritado.

— Estamos todos com fome, mas eles roubaram. Vocês precisam ter cuidado. Só porque são coreanos não significa que sejam nossos amigos. Tenham ainda mais cuidado com outros coreanos, os maus sabem que a polícia não dá ouvidos às nossas queixas. Nossa casa já foi arrombada duas vezes. Kyunghee perdeu suas joias. — Yoseb encarou Isak novamente com um olhar de advertência. — E as mulheres ficam em casa o dia inteiro. Por isso, nunca guardo dinheiro ou outras coisas de valor aqui.

Kyunghee não disse mais nada. Nunca lhe ocorrera que dar um pouco de comida pudesse fazer com que roubassem sua aliança, o grampo de cabelo e as pulseiras de jade de sua mãe. Depois que a casa fora invadida pela segunda vez, Yoseb ficara aborrecido com ela por dias.

— Eu vou fritar o peixe. Por que não conversamos enquanto comemos? — sugeriu ela, sorrindo enquanto se dirigia para a

pequena cozinha nos fundos da casa.

— Irmã, por favor, posso ajudá-la? — perguntou Sunja.

Kyunghee assentiu e deu um tapinha nas costas dela.

— Não tenha medo dos vizinhos. Eles são boas pessoas. Meu marido, quero dizer, seu cunhado tem razão em ser cauteloso. Ele sabe mais do que nós sobre essas coisas. Não quer que nos misturemos com as pessoas que moram aqui, então não me misturo. Eu andava muito solitária. Estou muito feliz por você estar aqui. E vamos ter um bebê! — Os olhos de Kyunghee se iluminaram. — Vai haver uma criança nesta casa, e eu serei tia. Que bênção.

A tristeza no belo rosto de Kyunghee era óbvia, mas o sofrimento e a privação a haviam tornado melhor, de alguma maneira. Durante todos aqueles anos, não tiveram filhos, e Isak dissera a Sunja que ter filhos era o que Kyunghee e Yoseb mais desejavam.

A cozinha consistia apenas de um fogão, duas bacias e uma bancada que servia também como tábua de cortar, o espaço era uma fração do tamanho de sua cozinha em Yeongdo. Havia espaço suficiente para que ambas ficassem de pé lado a lado, mas não podiam se mexer muito. Sunja arregaçou as mangas e lavou as mãos com a mangueira na pia improvisada no chão. Era preciso temperar os legumes cozidos e fritar o peixe.

— Querida Sunja. — Kyunghee tocou seu antebraço de leve. — A partir de agora seremos irmãs.

A jovem assentiu, grata, a devoção já se enraizando em seu coração. Ao ver os pratos preparados, teve fome pela primeira vez em dias.

Kyunghee destampou uma panela: arroz branco.

— Só por hoje, para a primeira noite de vocês aqui. Esta é a sua casa agora.



13

Depois do jantar, os dois casais foram à casa de banhos pública, onde homens e mulheres se banhavam em separado. As frequentadoras eram quase todas japonesas e ignoraram deliberadamente Kyunghee e Sunja, como era de se esperar. Depois de limpar a sujeira da longa viagem e ficar um bom tempo de molho, Sunja se sentiu revigorada. Vestiram as roupas de baixo limpas por baixo das roupas de rua e voltaram para casa, limpos e prontos para dormir. Yoseb parecia otimista: sim, a vida em Osaka era difícil, mas as coisas iam mudar para melhor. Prepararíam um caldo saboroso com as amarguras e as pedras em seu caminho. Os japoneses podiam pensar o que quisessem deles, nada disso importaria se sobrevivessem e prosperassem. Agora, eram quatro, disse Kyunghee, e logo seriam cinco, eram mais fortes porque estavam juntos.

— Certo? — disse ela.

Kyunghee entrelaçou o braço no de Sunja. Elas caminhavam logo atrás dos homens.

— Não se envolva com política, organizações trabalhistas nem nenhuma dessas bobagens — alertou Yoseb ao irmão. — Mantenha a cabeça baixa e trabalhe. Não pegue nem aceite panfletos de socialistas ou defensores da independência. Se for detido pela polícia com algo assim, será levado preso e jogado na cadeia. Já vi isso acontecer.

Isak era jovem e doente demais para participar do Movimento pela Independência do Primeiro de Março, mas muitos de seus organizadores haviam se formado no mesmo seminário que ele, em Pyongyang. Vários dos professores do seminário marcharam em 1919.

— Há muitos ativistas aqui? — sussurrou Isak, embora não houvesse ninguém por perto.

— Sim, acho que sim. Mais em Tóquio e alguns escondidos na Manchúria. Enfim, quando são pegos, esses sujeitos são mortos. Quando têm sorte, são deportados, mas é raro. É melhor não se

envolver em nada disso enquanto estiver sob o meu teto. Não foi para isso que o convidei para vir para Osaka. Você tem um emprego na igreja. — Isak olhou para Yoseb, que havia elevado a voz. — Não vai dedicar um só minuto aos ativistas. Certo? — disse ele em tom severo. — Você não está mais sozinho. Tem que pensar na sua esposa e no seu filho.

Em Pyongyang, enquanto se fortalecia para fazer a viagem até Osaka, Isak havia considerado procurar os patriotas que lutavam contra a colonização. As coisas estavam piorando na Coreia, até seus pais se viram obrigados a vender parte das propriedades para pagar os novos impostos. Yoseb enviava dinheiro para eles agora. Isak acreditava que era uma atitude cristã resistir à opressão. Mas, em apenas alguns meses, tudo havia mudado para ele. Esses ideais pareciam secundários em relação a seu trabalho e a Sunja. Tinha que pensar na segurança dos outros.

O silêncio de Isak preocupou Yoseb.

— A polícia militar vai torturá-lo até você se render ou morrer — continuou Yoseb. — E sua saúde, Isak... Precisa ter cuidado para não ficar doente de novo. Testemunhei a prisão de alguns homens. Não é como em nosso país. Os juízes aqui são japoneses. Os policiais são japoneses. As leis não são claras. E nem sempre dá para confiar nos coreanos desses grupos que lutam pela independência. Há espiões que trabalham para ambos os lados. Há espiões nos grupos de discussão de poesia e também nas igrejas. No fim das contas, todos os ativistas são apanhados como fruta madura caída da mesma árvore estúpida e são forçados a assinar uma confissão. Está entendendo?

Yoseb diminuiu o passo.

Kyunghee tocou a manga do marido por trás.

— *Yobo*, você se preocupa demais. Isak não vai se envolver com essas coisas. Não vamos estragar a primeira noite deles.

Yoseb concordou, mas era difícil controlar a ansiedade e parecia necessário advertir o irmão para dissipar parte daquela preocupação, ainda que isso o fizesse soar histérico. Yoseb se lembrava de como a vida era boa antes da chegada dos japoneses, pois tinha dez anos quando o país foi colonizado, mas mesmo assim não fora capaz de fazer o que seu irmão mais velho, Samoel, fizera

com tanta valentia: lutar e morrer como um mártir. Protestar era para homens jovens sem família.

— Nossa mãe e nosso pai vão me matar se você ficar doente de novo ou se meter em encrenca. Isso vai ficar na sua consciência. Quer me ver morto?

Isak passou o braço esquerdo em torno do ombro do irmão mais velho e o abraçou.

— Acho que você encolheu — disse, sorrindo.

— Ouviu o que eu disse? — perguntou Yoseb calmamente.

— Eu prometo ser bom. Prometo ouvi-lo. Não deveria se preocupar tanto. Seu cabelo vai ficar grisalho ou vai perder o que resta dele.

Yoseb riu. Era disto que ele precisava: ter o irmão mais novo a seu lado. Era bom ter alguém que o conhecesse dessa maneira, era bom até mesmo ter alguém que implicasse com ele daquela forma. Kyunghee era um tesouro, mas era diferente ter alguém que o conhecia quase desde o nascimento. A ideia de perder Isak para o mundo sombrio da política o atemorizava de tal maneira que o levara a repreender o irmão mais novo em sua primeira noite em Osaka.

— Acabamos de tomar um verdadeiro banho japonês. Que maravilha — disse Isak. — É uma das coisas mais incríveis deste país, não acha?

Yoseb concordou, rezando para que nada de mal acontecesse a Isak. A alegria sem reservas pela chegada do irmão durou pouco, não havia se dado conta do que significaria se preocupar com outra pessoa daquela maneira.

No caminho de volta para casa, Kyunghee contou a Isak e Sunja sobre as famosas lojas de macarrão perto da estação de trem e prometeu levá-los lá. Quando chegaram em casa, Kyunghee acendeu as luzes e Sunja se lembrou de que agora era ali que ela morava. A rua lá fora estava silenciosa e escura, mas uma calidez radiante e pura iluminava a pequena casa. Isak e Sunja foram para seu quarto e Kyunghee lhes deu boa-noite, fechando a porta de correr atrás deles.

O quarto sem janelas era grande o suficiente apenas para um futon e um baú que fazia as vezes de cômoda. A parte inferior das

paredes havia sido coberta com papel novo; os tatames tinham sido escovados e limpos manualmente, e Kyunghee preenchera as mantas com um novo recheio de algodão. O quarto tinha seu próprio aquecedor a querosene, um modelo de preço médio que emitia um zumbido constante e calmante, melhor do que o do cômodo principal, onde Kyunghee e Yoseb dormiam.

Isak e Sunja dormiriam na mesma cama. Antes de ela sair de casa, Yangjin havia falado com Sunja sobre sexo como se tudo fosse novo para ela, explicou o que seu marido ia esperar e que era permitido ter relações durante a gravidez. *Faça o que puder para agradar seu marido. Os homens precisam de sexo.*

Uma única lâmpada elétrica pendia do teto e projetava uma luz pálida no quarto. Sunja olhou para ela e Isak também olhou para cima.

— Você deve estar cansada — disse ele.

— Estou bem.

Sunja se agachou para desdobrar o colchão e o cobertor. Como seria dormir ao lado de Isak, que agora era seu marido? A cama foi arrumada rapidamente, mas eles ainda estavam vestindo roupas de rua. Sunja tirou as roupas de dormir da trouxa: uma camisola de musselina branca que a mãe tinha feito com duas combinações velhas. Como ia se trocar? Ajoelhou-se junto à cama com a camisola nas mãos.

— Quer que eu apague a luz? — perguntou ele.

— Quero.

Isak puxou a corrente e o interruptor emitiu um clique. O quarto ainda era inundado pela luz fraca do cômodo ao lado, do qual era separado por uma porta de correr de papel. Do outro lado da fina parede ficava a rua, pedestres falavam alto e os porcos na casa vizinha guinchavam de vez em quando. Parecia que a rua estava lá dentro, em vez de do lado de fora. Isak se despiu, mantendo as roupas de baixo para dormir — peças íntimas que Sunja já tinha visto, já que fazia meses que lavava as roupas dele. Ela já o vira vomitar, ter diarreia e tossir sangue, aspectos da doença que nenhuma jovem esposa deveria ser obrigada a testemunhar tão cedo em um relacionamento. De certa forma, eles já tinham vivido juntos por mais tempo e mais intimamente do que a maioria dos

recém-casados, e ambos haviam se visto em situações profundamente comprometedoras. Não deveriam ficar nervosos na presença um do outro, disse Isak a si mesmo. Ainda assim, estava desconfortável. Nunca havia dormido com uma mulher e, embora soubesse o que deveria acontecer, não tinha muita certeza de como começar.

Sunja tirou a roupa. Na casa de banhos, sob as luzes elétricas, ela ficara alarmada ao descobrir a linha vertical escura que ia de seu púbis até a base dos seios redondos e inchados. Em seguida, vestiu a camisola.

Como crianças recém-saídas do banho, Isak e Sunja se enfiaram depressa debaixo da colcha azul e branca, levando consigo o perfume de sabonete.

Sunja queria dizer algo a Isak, mas não sabia o quê. A relação deles havia começado com uma doença, uma desonra e um resgate. Talvez ali, em seu novo lar, pudessem recomeçar. Deitada no quarto que Kyunghee havia arrumado para eles, Sunja se sentiu esperançosa. Ocorreu-lhe que vinha tentando recuperar Hansu lembrando-se dele, mas isso não fazia sentido. Ela queria se dedicar por completo a Isak e ao bebê. Para fazer isso, teria que esquecer Hansu.

— Sua família é muito gentil.

— Gostaria que você também pudesse conhecer meus pais. Nosso pai é como meu irmão: bem-humorado e honesto. Nossa mãe é uma mulher sábia. Parece reservada, mas daria a própria vida para nos proteger. Ela acha que Kyunghee tem sempre razão e sempre fica do lado dela.

Ele riu baixinho.

Sunja assentiu, imaginando como sua mãe estaria.

Isak inclinou a cabeça para mais perto do travesseiro de Sunja, que prendeu a respiração.

Será que ele a desejava?, perguntou-se ela. Como isso era possível?

Isak havia notado que, quando ficava preocupada, Sunja franzia a testa como se estivesse tentando enxergar melhor. Ele gostava de estar com ela, que era uma jovem capaz e equilibrada. Não era uma garota indefesa, e isso o atraía porque, embora também não fosse

indefeso, Isak sabia que nem sempre era sensato. O pragmatismo dela equilibraria o que seu pai certa vez definira como a “natureza pouco prática” de Isak. A viagem de Busan até ali teria sido difícil para qualquer um, ainda mais para uma grávida, mas ela não havia se queixado nem pronunciado uma palavra que fosse de exasperação. Sempre que ele se esquecia de comer, beber ou vestir o casaco, ela o lembrava sem nenhum vestígio de repreensão. Isak sabia como falar com as pessoas, fazer perguntas e ouvir as preocupações alheias; Sunja parecia saber como sobreviver, e isso era algo que ele nem sempre sabia como fazer. Precisava dela, um homem precisava de uma esposa.

— Estou me sentindo bem hoje. Não tenho aquela sensação de pressão no peito — revelou ele.

— Talvez tenha sido o banho. E o jantar saboroso. Não me lembro de ter comido tão bem. Este mês comemos arroz branco duas vezes. Eu me sinto como uma mulher rica.

Isak riu.

— Gostaria de poder oferecer arroz branco a você todos os dias.

Como estava a serviço do Senhor, Isak não deveria se importar com o que ia comer ou vestir e como ia dormir, mas, agora que estava casado, achava que deveria se preocupar com as necessidades da mulher.

— Não, não. Não foi isso que eu quis dizer. Fiquei apenas surpresa. Não precisamos comer coisas tão luxuosas.

Sunja se repreendeu intimamente, não queria que ele pensasse que era mimada.

— Eu também gosto de arroz branco — disse ele, embora raramente se preocupasse com o que comia. Queria tocar o ombro dela para confortá-la e não teria hesitado se eles estivessem vestidos, mas, deitados tão próximos e vestindo tão pouco, preferiu manter as mãos ao lado do corpo.

Ela queria continuar falando. Parecia mais fácil sussurrar no escuro, tinha sido estranho conversar na balsa ou no trem, quando tiveram tempo de sobra para longas conversas.

— Seu irmão é muito interessante, minha mãe mencionou que ele contava histórias divertidas e fazia meu pai rir...

— Eu não deveria ter favoritos, mas ele sempre foi meu irmão mais próximo. Quando éramos crianças, ele era muito repreendido porque detestava ir à escola. Tinha dificuldade para aprender a ler e escrever, mas é bom com as pessoas e tem uma memória notável. Nunca esquece nada do que ouve e consegue aprender a maioria dos idiomas de ouvido. Sabe um pouco de chinês, inglês e russo. Sempre foi bom em consertar máquinas. Onde morávamos, todos o amavam e ninguém queria que ele viesse para o Japão. Meu pai queria que ele fosse médico, mas é claro que isso não seria possível porque ele não conseguia ficar parado e estudar. Os professores o castigavam o tempo todo por não se esforçar o suficiente. Ele costumava dizer que desejava ser ele o filho doente que era obrigado a ficar em casa. Os professores iam até nossa casa para me ensinar as lições e, às vezes, ele me pedia para fazer seus trabalhos de escola enquanto cabulava aula para ir pescar ou nadar com os amigos. Acho que veio para Osaka para evitar brigar com nosso pai. Yoseb queria fazer fortuna e sabia que nunca seria médico. Não entendia como poderia ganhar dinheiro na Coreia, pois coreanos honestos perdiam propriedades todos os dias.

Nenhum dos dois disse mais nada e ficaram ouvindo os barulhos da rua: uma mulher gritando para que os filhos entrassem em casa, um grupo de homens embriagados cantando desafinados a canção considerada hino não oficial da nação coreana: "*Arirang, arirang, arariyo...*" Logo começaram a ouvir o ronco de Yoseb e a respiração leve e constante de Kyunghee como se estivessem deitados ao lado deles.

Isak colocou a mão direita na barriga de Sunja, mas não sentiu nenhum movimento. Ela nunca falava do bebê, mas Isak sempre se perguntava o que estaria acontecendo com a criança que crescia ali dentro.

— Uma criança é um presente de Deus — disse ele.

— Acho que sim.

— Sua barriga está quente — observou ele.

As palmas das mãos dela eram ásperas e cheias de calos, mas a pele de sua barriga era macia e firme como um tecido fino. Ele estava com a esposa e deveria se sentir mais seguro, mas não estava. Entre as pernas, seu pênis havia crescido até o tamanho

máximo... E aquela coisa que acontecia com ele todas as manhãs desde que era garoto parecia diferente agora que estava deitado ao lado de uma mulher. Tinha imaginado como seria, é claro, mas não havia previsto o calor, a proximidade de sua respiração e o medo de que ela pudesse não gostar dele. Cobriu o seio dela com a mão e sentiu sua forma delicada e pesada. A respiração de Sunja mudou.

Ela tentou relaxar, Hansu nunca a havia tocado daquela forma, com tanto cuidado e gentileza. Quando o encontrava na enseada, o sexo era iniciado de maneira apressada e sem que ela chegasse a entender seu significado: as penetrações desajeitadas, o rosto dele mudando para uma expressão de alívio e gratidão, em seguida a necessidade de lavar as pernas com a água fria do mar. Hansu costumava acariciar seu queixo e pescoço. Gostava muito de tocar os cabelos dela. Certa vez, pediu que desfizesse as tranças, e ela obedeceu, mas isso fez com que se atrasasse para voltar para casa. Dentro de seu corpo, o filho dele descansava e crescia, e ele não podia sentir isso porque tinha ido embora.

Sunja abriu os olhos, os olhos de Isak também estavam abertos e ele estava sorrindo para ela, com a mão acariciando seu mamilo. A carícia a deixou excitada.

— *Yobo* — disse ele.

Ele era seu marido, e ela ia amá-lo.



14

Na manhã seguinte, bem cedo, usando o mapa que seu irmão Yoseb havia desenhado em um pedaço de papel pardo, Isak encontrou a Igreja Presbiteriana de Hanguk. Era uma construção de madeira com telhado de duas águas, na periferia de Ikaino, a poucos passos do *shotengai* principal, um prédio cujo único sinal distintivo era uma humilde cruz branca pintada na porta de madeira escura.

O sacristão Hu, um jovem chinês que fora criado pelo pastor Yoo, conduziu Isak ao escritório da igreja. O pastor Yoo estava aconselhando um casal de irmãos. Hu e Isak esperaram à porta. A jovem falava em voz baixa, e Yoo assentia, compreensivo.

— Devo voltar mais tarde? — perguntou Isak a Hu baixinho.

— Não, senhor.

Hu, que era uma pessoa prática, examinou o novo pastor com atenção: Baek Isak não parecia muito forte. Hu ficou impressionado com sua beleza evidente, mas acreditava que um homem no auge da vida deveria ter uma estrutura física mais robusta. O pastor Yoo tinha sido um homem grande, capaz de correr longas distâncias e jogar futebol com habilidade. Estava mais velho agora e tinha diminuído de tamanho, sofria de catarata e glaucoma.

— Todas as manhãs, o pastor Yoo pede notícias suas. Não sabíamos quando ia chegar. Se soubéssemos que chegaria ontem, eu teria ido buscá-lo na estação.

Hu não tinha mais de vinte anos, falava japonês e coreano muito bem e tinha modos de um homem muito mais velho. Usava uma camisa branca surrada com o colarinho arrebentado enfiada em uma calça de lã marrom. Seu suéter azul-escuro de lã pesada estava remendado em alguns lugares. As roupas que ele usava haviam pertencido a missionários canadenses, que também não tinham muitos pertences.

Isak se virou para tossir.

— Meu filho, quem é esse com você?

Yoo se virou na direção da porta e empurrou os pesados óculos de armação de chifre para mais perto do rosto, embora isso não o ajudasse a enxergar melhor. Por trás do véu cinza leitoso que nublava seus olhos, sua expressão permaneceu tranquila e segura. Sua audição era aguçada. Não conseguia distinguir as formas perto da porta, mas sabia que uma delas era Hu, o órfão da Manchúria que havia sido deixado na igreja por um oficial japonês, e que o homem com quem ele estava falando tinha uma voz que não lhe era familiar.

— É o pastor Baek — respondeu Hu.

Os irmãos sentados no chão junto ao pastor se viraram e fizeram uma reverência.

Yoo estava impaciente para encerrar aquela reunião, que não parecia estar nem perto de uma resolução.

— Aproxime-se, Isak. Não é fácil para mim chegar até você. — Isak obedeceu. — Finalmente chegou. Aleluia. — Yoo colocou a mão direita de leve na cabeça de Isak. — Que Deus o abençoe, meu filho.

— Perdoe-me por tê-lo feito esperar. Cheguei a Osaka ontem à noite — explicou Isak. As pupilas desfocadas do ancião estavam emolduradas de prata. Ele não estava cego, mas a condição era grave. Apesar de ter praticamente perdido a visão, o pastor parecia vigoroso, sua postura era ereta e firme.

— Chegue mais perto, meu filho.

Isak se aproximou e o homem mais velho apertou suas mãos, em seguida segurou seu rosto entre as palmas grossas.

Os irmãos olharam para eles sem dizer nada. Junto ao lintel da porta, Hu estava sentado sobre os joelhos, esperando a próxima instrução de Yoo.

— Você é um enviado dos Céus, sabia? — disse o ancião.

— Obrigado por permitir que eu viesse.

— Estou feliz por finalmente estar aqui. Trouxe sua esposa? Hu leu sua carta para mim.

— Ela ficou em casa. Virá à igreja no domingo.

— Sim, sim. — O ancião assentiu. — A congregação ficará muito feliz em tê-lo aqui. Ah, precisa conhecer esta família!

Os irmãos fizeram mais uma reverência diante de Isak. Tinham reparado que o pastor parecia mais feliz do que nunca.

— Eles vieram nos consultar sobre uma questão de família — explicou Yoo a Isak, em seguida se voltou para os irmãos.

A irmã não se esforçou para conter a irritação. Ambos eram de uma vila rural de Jeju e por isso eram muito menos formais do que os jovens da cidade. A garota, que tinha pele morena e cabelos pretos e grossos, tinha uma aparência saudável, era muito bonita e parecia muito inocente. Vestia uma camisa branca de mangas compridas abotoada até a gola e um par de *mompei* cor de índigo.

— Este é o novo pastor assistente, Baek Isak. O que acham de pedirmos o conselho dele? — Pelo tom da voz de Yoo, não havia possibilidade de os irmãos discordarem.

Isak sorriu. A garota tinha em torno de vinte anos, o irmão era mais novo.

A questão era complicada, mas nada incomum: eles estavam discutindo por causa de dinheiro. A irmã vinha aceitando dinheiro do gerente japonês da fábrica têxtil onde trabalhava. Mais velho do que o pai deles, o gerente era casado e tinha cinco filhos. Ele a levava a restaurantes e lhe dava pequenos presentes e dinheiro. A menina mandava tudo que recebia para os pais, que moravam com um tio na cidade natal deles. O irmão achava que era errado ela aceitar qualquer coisa além do salário, a irmã discordava.

— O que ele quer dela? — perguntou o irmão a Isak, sem rodeios. — Minha irmã deveria pôr um fim nisso. O que ela está fazendo é pecado.

Yoo baixou a cabeça, exausto com a intransigência dos dois.

A irmã parecia furiosa por ter que estar ali, ouvindo as acusações do irmão mais novo.

— Os japoneses tomaram a fazenda do nosso tio. Não podemos voltar para nosso país porque não há emprego. Se um japonês quiser me dar dinheiro para jantar com ele, não vejo mal nisso — argumentou a irmã. — Se me oferecesse o dobro, eu aceitaria. Ele não me dá tanto dinheiro assim.

— Ele espera algo em troca, e ainda por cima quer pagar barato — disse o irmão, parecendo enojado.

— Eu nunca deixaria que Yoshikawa me tocasse. Eu me sento, sorrio e ouço enquanto ele fala sobre a família e o trabalho.

Ela não mencionou que servia a bebida e usava o ruge que ele havia lhe dado e que ela removia antes de voltar para casa.

— Ele paga para você flertar com ele. É o que fazem as prostitutas! — gritou o irmão. — Mulheres decentes não vão a restaurantes com homens casados! Nosso pai me deixou no comando enquanto trabalhamos no Japão, me disse para cuidar da minha irmã. Que importância tem que ela seja mais velha? Ela é mulher, e eu sou homem. Não posso deixar que isso continue. Não vou permitir!

A garota tinha dezenove anos, e o irmão era quatro anos mais novo do que ela. Moravam com uma prima distante em uma casa abarrotada em Ikaino. A prima, uma mulher mais velha, não se metia na vida deles, contanto que pagassem sua parte do aluguel — ela não ia à igreja, de forma que o pastor Yoo não a conhecia.

— Nossos pais estão morrendo de fome na Coreia. Nosso tio não consegue alimentar a própria esposa e os filhos. A essa altura, eu venderia minhas mãos se pudesse. Deus quer que eu honre meus pais, seria pecado não cuidar deles. E se eu tiver que perder minha honra... — A garota começou a chorar. — Não é possível que o Senhor tenha mandado Yoshikawa como a resposta para nossos problemas?

Ela olhou para o pastor Yoo, que tomou suas mãos nas dele e inclinou a cabeça como se estivesse rezando.

Não era raro ouvir racionalizações como aquela, fruto do desejo de transformar más ações em boas. Ninguém queria ouvir que Deus não fazia as coisas dessa maneira, o Senhor nunca desejaria que uma moça vendesse seu corpo para obedecer a um mandamento. Os bons fins não redimiam os pecados.

— *Aigoo* — suspirou Yoo. — Como deve ser difícil carregar o peso do mundo sobre seus pequenos ombros. Seus pais sabem de onde está vindo esse dinheiro?

— Eles acham que tiro do meu salário, mas o que ganho mal cobre nosso aluguel e as outras despesas. Meu irmão tem que frequentar a escola, nossa mãe me disse que é minha responsabilidade garantir que ele termine os estudos. Ele está

ameaçando largar a escola para trabalhar, mas, em longo prazo, essa é uma decisão estúpida. Sem saber ler nem escrever em japonês, sempre teremos empregos horríveis.

Isak ficou surpreso com sua lucidez, ela parecia ter refletido muito sobre a questão. Ele era seis anos mais velho do que ela, mas não havia pensado naquelas coisas. Nunca enviara aos pais um sen que fosse de seu salário, pois nunca havia ganhado dinheiro. Quando serviu por um breve período como pastor adjunto na igreja de sua cidade, não recebeu nada porque a igreja contava com pouquíssimos recursos para os membros mais velhos do clero e a congregação tinha grandes necessidades. Não sabia ao certo quanto ganharia ali. Quando recebeu o chamado para trabalhar naquela igreja, os termos não foram discutidos, ele supôs que ganharia o suficiente para sobreviver... e agora, para sustentar sua família. Como sempre tivera dinheiro no bolso e os pais e o irmão jamais haviam lhe negado nada, Isak nunca se preocupara com seus ganhos ou despesas. Na presença daqueles jovens, sentiu-se um tolo egoísta.

— Pastor Yoo, queremos que o senhor decida por nós. Minha irmã não me ouve, e não posso controlar para onde vai depois do trabalho. Se continuar se encontrando com aquele velho sem-vergonha, ele vai acabar fazendo algo terrível, e ninguém vai se importar com o que vai ser dela. O senhor ela vai ouvir — disse o irmão, tranquilamente. — Ela tem que ouvi-lo.

A irmã manteve a cabeça baixa. Não queria que o pastor Yoo pensasse mal dela. As manhãs de domingo eram muito especiais para ela, pois a igreja era o único lugar onde se sentia bem. Embora não estivesse fazendo nada de errado com Yoshikawa, tinha certeza de que a esposa dele não sabia sobre aqueles encontros. Com frequência, ele tentava segurar sua mão, o que, embora não parecesse nocivo, também não parecia inocente. Pouco tempo antes, ele a convidara a acompanhá-lo ao maravilhoso *onsen* de Kyoto, mas ela tinha recusado, dizendo que precisava preparar as refeições do irmão.

— É nossa obrigação ajudar nossa família, é verdade — começou Yoo, e a irmã pareceu visivelmente aliviada —, mas precisamos proteger nossa virtude, que é mais valiosa do que

qualquer dinheiro. O corpo é um templo sagrado onde habita o Espírito Santo. A preocupação de seu irmão é legítima. Mesmo deixando a fé de lado e pensando apenas em termos práticos, sua pureza e reputação também serão importantes se quiser se casar. O mundo julga com severidade as condutas impróprias das mulheres... mesmo quando são fruto de acidentes. Não está certo, mas é assim que este mundo perverso funciona — ponderou Yoo.

— Mas meu irmão não pode deixar a escola, senhor. Prometi à nossa mãe — retrucou a garota.

— Ele é jovem. Pode retomar os estudos mais tarde — respondeu Yoo, embora soubesse que isso não era provável.

Ao ouvir isso, o irmão se animou, não esperava essa sugestão. Detestava a escola: os professores japoneses o achavam estúpido e os outros rapazes o provocavam diariamente por causa de suas roupas e seu sotaque. O plano dele era ganhar o máximo de dinheiro que conseguisse para que a irmã pudesse pedir demissão ou procurar emprego em outro lugar e também para enviar uma parte a Jeju.

A jovem começou a chorar.

Yoo engoliu em seco e disse com calma:

— Você está certa, seria melhor que seu irmão pudesse ir à escola. Mesmo que por um ano ou dois, para aprender a ler e escrever. Não há escolha melhor do que a educação, sem dúvida. Nosso país precisa de uma nova geração de pessoas instruídas para nos liderar.

A irmã se acalmou, achando que o pastor pudesse ficar do seu lado. Ela não queria continuar se encontrando com Yoshikawa, um velho tolo que cheirava a cânfora, mas acreditava que sua permanência em Osaka servia a um propósito nobre, que haveria um futuro respeitável para eles se ela trabalhasse e o irmão frequentasse a escola.

Isak ouviu Yoo com admiração, observando que o ancião era um conselheiro excepcional, ao mesmo tempo compreensivo e vigoroso.

— Yoshikawa não deseja nada além de sua companhia por enquanto, mas pode ser que mais tarde deseje outras coisas, e você estará em dívida com ele. Vai se sentir obrigada a ceder. Além

disso, pode ser que tema perder o emprego. E então talvez seja tarde demais. Pode ser que agora ache que o está usando, mas é assim que devemos nos comportar? Está certo explorar aqueles que nos exploram, minha filha?

Isak assentiu, satisfeito com a compaixão e sabedoria do pastor. Ele não saberia o que dizer.

— Isak, pode abençoar esses jovens? — pediu Yoo, e Isak começou a orar por eles.

Os irmãos foram embora sem discutir. Sem dúvida, voltariam no domingo de manhã para o culto.

* * *

O sacristão, que havia desaparecido, voltou, trazendo três tigelas grandes de macarrão de trigo com molho de feijão-preto. Os três oraram juntos antes de comer. Estavam sentados no chão, com as pernas cruzadas, enquanto as tigelas quentes repousavam na mesa baixa que Hu fizera com caixas de madeira velhas. Fazia frio no cômodo, e o fato de não haver almofadas no chão para se sentarem não ajudava. Isak ficou surpreso por ter se fixado naquilo, sempre havia acreditado que não era o tipo de pessoa que se importava com esses detalhes, mas era desconfortável estar sentado em um piso de concreto.

— Coma, filho. Hu é um bom cozinheiro. Sem ele, eu passaria fome — disse Yoo, e começou a comer.

— O senhor acha que a jovem vai parar de sair com o chefe? — perguntou Hu ao pastor Yoo.

— Se ela engravidar, Yoshikawa vai abandoná-la, e então ela não vai poder pagar a escola do irmão. O gerente é apenas um desses velhos românticos tolos que querem estar com uma mulher jovem e se sentir apaixonados. Logo vai querer dormir com ela e em seguida vai perder o interesse. Os homens e as mulheres não são muito difíceis de compreender — respondeu Yoo. — Ela deve parar de se encontrar com o capataz, e o irmão deve arrumar um emprego. Ela precisa mudar de trabalho imediatamente. Juntos, vão ganhar

dinheiro suficiente para se sustentar e enviar uma parte para os pais.

Isak ficou surpreso com a mudança de tom do pastor: ele parecia frio, quase arrogante.

Hu assentiu e comeu seu macarrão em silêncio, como se estivesse refletindo profundamente sobre o assunto.

Yoo se virou na direção de Isak.

— Já vi isso muitas vezes. As garotas acham que estão no controle porque esse tipo de homem parece muito influenciável. Mas, na verdade, são elas que acabam pagando caro por seus erros. Deus perdoa, mas o mundo não.

— Sim — murmurou Isak.

— Como sua esposa está se adaptando? Há espaço suficiente para vocês dois na casa do seu irmão?

— Sim. Na casa do meu irmão há espaço. Minha esposa está esperando um bebê.

— Tão rápido! Que maravilha! — exclamou Yoo, encantado.

— Isso é maravilhoso — disse Hu, animado, parecendo jovem pela primeira vez. Quando ajudava no culto, sua parte favorita era ver as crianças pequenas correndo nos fundos do templo. Antes de ir para o Japão, tinha vivido em um grande orfanato e gostava de ouvir vozes infantis.

— Onde seu irmão mora?

— A apenas alguns minutos da igreja. Fiquei sabendo que é difícil encontrar uma boa casa por aqui.

Yoo riu.

— Ninguém quer alugar para os coreanos. Como pastor, você terá a oportunidade de ver como os coreanos vivem aqui. Não imagina: uma dúzia em um cômodo que deveria ser para duas pessoas, homens e famílias inteiras dormindo em turnos. Porcos e galinhas dentro de casa. Sem água corrente. Sem calefação. Os japoneses acham que os coreanos são sujos, mas eles não têm escolha a não ser viver na imundície. Vi aristocratas de Seul reduzidos a nada, sem dinheiro para um banho, vestindo farrapos, sem sapatos e incapazes de conseguir emprego como carregadores nos mercados. E sem ter para onde ir. Mesmo os que têm trabalho e

dinheiro não conseguem encontrar um lugar para morar. Alguns ocupam imóveis de maneira ilegal.

— Os homens que foram trazidos para cá por empresas japonesas... As empresas não fornecem moradia?

— Há acampamentos junto às minas ou grandes fábricas em lugares como Hokkaido, mas não são para famílias. Os acampamentos são péssimos, as condições são deploráveis — respondeu Yoo sem emoção. Mais uma vez, soou insensível, e isso surpreendeu Isak. Quando os irmãos estavam lá, Yoo parecia preocupado com suas dificuldades.

— Onde o senhor mora? — perguntou Isak.

— Eu durmo no escritório. Naquele canto. — Yoo apontou para a área ao lado da estufa. — E Hu dorme naquele canto.

— Não há tatames nem roupa de cama.

— Estão no armário. Hu arruma as camas todas as noites e as desfaz de manhã. Podemos arrumar espaço para você e sua família, se precisarem ficar aqui. Isso faria parte do seu pagamento.

— Obrigado, senhor. Mas acho que estamos bem por enquanto.

Hu assentiu. Embora fosse gostar de ter um bebê morando com eles, no prédio da igreja havia muitas correntes de ar.

— E como preparam as refeições?

— Hu as prepara no fogão nos fundos da casa. Também temos uma pia com água corrente, a latrina fica na parte de trás. Os missionários instalaram tudo, felizmente.

— O senhor não tem família? — perguntou Isak a Yoo.

— Minha esposa faleceu dois anos depois que chegamos. Isso foi há quinze anos. Não tivemos filhos — explicou ele. — Mas Hu é como um filho para mim. Ele é minha bênção, e agora você chegou para abençoar a nós dois.

Hu corou, feliz por ter sido mencionado.

— Como está de dinheiro? — perguntou Yoo.

— Queria mesmo falar sobre isso com o senhor — disse Isak, sem saber se deveria discutir aquela questão na frente de Hu, mas se dando conta de que o sacristão tinha que estar presente para ser os olhos do pastor.

Yoo levantou a cabeça e falou com firmeza, como um comerciante pragmático:

— Seu salário será de quinze ienes por mês. Não é o suficiente para um homem viver. Hu e eu não recebemos salário, apenas comida e alojamento. Além disso, também não posso garantir que serão quinze ienes todo mês. As igrejas canadenses nos enviam alguma ajuda, mas não é algo constante, e os paroquianos não nos dão muito. Acha que vai ficar bem?

Isak não sabia o que dizer. Não tinha ideia de qual seria sua contribuição para viver na casa do irmão. Não conseguia imaginar pedir a Yoseb que sustentasse ele, a esposa e o filho.

— Sua família pode ajudar?

Isso fez parte dos cálculos de Yoo ao contratar Isak. A família do rapaz possuía terras em Pyongyang. Suas fontes haviam mencionado que tinham dinheiro, então o salário de Isak provavelmente não seria tão importante. Segundo haviam lhe contado, ele não exigira pagamento por seu trabalho como ajudante do pastor. Isak tinha a saúde frágil e não era um empregado forte. Yoo contava com o apoio financeiro de sua família para a igreja.

— Eu... eu não posso pedir ajuda ao meu irmão, senhor.

— Ah, não?

— E meus pais não podem ajudar neste momento.

— Entendo.

Hu sentiu pena do jovem pastor, que parecia atordoado e envergonhado.

— Nossos pais tiveram que vender grandes lotes de suas terras para pagar os impostos, e as coisas não vão bem. Meu irmão tem lhes enviado dinheiro para que possam sobreviver. Acho que também está ajudando a família da minha cunhada.

Yoo assentiu. Aquilo não era esperado, embora fizesse sentido, é claro. A família de Isak não era diferente das outras que vinham sendo escandalosamente tributadas pelo governo colonial. Ele contava que Isak fosse capaz de se sustentar sem depender do salário da igreja. Com a visão tão prejudicada, Yoo precisava de um pastor bilíngue que o ajudasse a escrever sermões e lidar com questões administrativas junto às autoridades locais.

— Suponho que as doações não sejam suficientes — disse Isak.

— Não.

Yoo balançou a cabeça vigorosamente. Nas manhãs de domingo, recebiam entre setenta e cinco e oitenta fiéis regulares, mas, na verdade, apenas cinco ou seis deles, em melhor situação financeira, contribuíam com a maior parte das doações. O restante mal conseguia fazer duas refeições minguadas por dia.

Hu tirou as tigelas vazias da mesa.

— O Senhor sempre nos proveu — disse Hu.

— Sim, meu filho, você disse bem.

Yoo sorriu para o jovem, gostaria de poder ter lhe proporcionado alguma instrução. O garoto era muito inteligente e tinha uma grande aptidão, teria sido um bom estudioso, até mesmo um bom pastor.

— Vamos encontrar uma solução — disse Yoo. — Isso deve ser muito decepcionante para você.

Seu tom de voz foi o mesmo que havia usado com a irmã antes.

— Sou muito grato por este trabalho, senhor. Vou falar com minha família sobre o salário. Hu está certo, é claro. O Senhor proverá — retrucou Isak.

— Tudo de que precisei Vossa mão proveu. Grande é Vossa fidelidade para comigo, Senhor! — entoou o pastor Yoo com sua bela voz de tenor. — O Senhor o enviou a nossa igreja. Certamente, cuidará também de todas as nossas necessidades materiais.



15

O verão chegou rápido. O sol de Osaka parecia mais quente do que o sol na Coreia, e a umidade brutal tornava os pesados movimentos de Sunja ainda mais lentos. No entanto, seus dias de trabalho eram fáceis, já que, até o nascimento do bebê, ela e Kyunghee precisavam cuidar apenas de si mesmas e dos maridos, que só voltavam para casa tarde da noite. Isak passava longos dias e noites na igreja atendendo às necessidades de uma congregação crescente, e Yoseb supervisionava a produção da fábrica de biscoitos durante o dia e consertava máquinas nas fábricas de Ikaino à noite para ganhar um dinheiro extra. As tarefas diárias de cozinhar, lavar as roupas e limpar para quatro pessoas eram consideravelmente menos pesadas do que cuidar de uma pensão. Em comparação com sua antiga vida em Busan, a vida atual de Sunja parecia luxuosa.

Ela adorava passar o dia com Kyunghee, a quem chamava de “irmã”. Depois de apenas dois meses, já haviam se tornado amigas íntimas: um presente inesperado para duas mulheres que não esperavam nem exigiam muita felicidade. Kyunghee não ficava mais sozinha em casa o dia inteiro, e Yoseb ficou feliz por Isak ter trazido a filha da dona da pensão como esposa.

Na mente de Yoseb e Kyunghee, a causa da gravidez de Sunja fora resolvida havia muito tempo com uma racionalização toda própria: a garota inocente fora desonrada sem que tivesse nenhuma culpa, e Isak a resgatara porque era de sua natureza fazer sacrifícios. Ninguém perguntara os detalhes, e Sunja não falava sobre o assunto.

Kyunghee e Yoseb não conseguiam ter filhos, mas Kyunghee não perdia a esperança. Na Bíblia, Sara tem um filho na velhice, e Kyunghee não acreditava que Deus a tivesse esquecido. Era uma mulher devota, que passava o tempo ajudando as mães pobres da igreja, e uma dona de casa econômica, capaz de poupar cada sen extra que o marido lhe confiava. Tinha sido ideia dela comprar a

casa de Ikaino com o dinheiro de seu dote somado ao que o sogro lhe dera, mesmo que Yoseb tivesse dúvidas.

— Se tivermos que pagar aluguel ao senhorio, vamos ficar sem nada no fim do mês — dissera ela.

Como Kyunghee era cuidadosa com o orçamento, eles conseguiam enviar dinheiro para os pais de Yoseb e para os pais dela, já que ambas as famílias haviam perdido quase toda a sua terra cultivável.

O sonho de Kyunghee era ter seu próprio negócio, vendendo *kimchi* e conservas no mercado coberto perto da estação Tsuruhashi, e quando Sunja foi morar com eles, finalmente teve alguém com quem falar sobre seus planos. Yoseb desaprovava a ideia de ela trabalhar para ganhar dinheiro. Gostava de chegar em casa e encontrar sua mulher bonita e descansada, com o jantar pronto... O motivo ideal para um homem trabalhar duro, ele acreditava. Todos os dias, Kyunghee e Sunja preparavam três refeições: um café da manhã tradicional com sopa, um almoço para os homens levarem para o trabalho e um jantar quente. Sem refrigeração e sem o clima frio de Pyongyang, Kyunghee precisava cozinhar com frequência para evitar desperdícios.

Fazia um calor incomum para o início do verão, e preparar sopa no fogão de pedra nos fundos da casa seria desagradável para qualquer dona de casa normal, mas Kyunghee não se importava. Ela gostava de ir ao mercado e pensar no que preparar para comer. Ao contrário da maioria das coreanas em Ikaino, falava um japonês decente e sabia negociar com os comerciantes.

Quando Kyunghee e Sunja entraram no açougue, Tanaka, o jovem e alto proprietário, reparou nas duas e gritou "*Irasshai!*", dando-lhes boas-vindas.

O açougueiro e seu ajudante, Koji, ficaram contentes ao ver a linda coreana e sua cunhada grávida. Elas não eram grandes clientes (na verdade, gastavam muito pouco), mas eram fiéis e, como o pai e o avô de Tanaka haviam ensinado a ele, que pertencia à oitava geração a administrar a loja, as pequenas compras diárias acumuladas eram mais valiosas do que as compras maiores porém ocasionais. As donas de casa eram a espinha dorsal de seu negócio, e as coreanas não protestavam tanto quanto as locais, o

que as tornava clientes preferíveis. Além disso, havia rumores de que um dos bisavôs de Tanaka talvez fosse coreano ou *burakumin*, de modo que os pais ensinaram o jovem açougueiro a ser justo com todos os clientes. Os tempos tinham mudado, era verdade, mas ser açougueiro, uma profissão que exigia tocar em animais mortos, ainda era uma ocupação vergonhosa. Era essa a principal razão dada pela casamenteira para explicar por que tivera tanta dificuldade em arrumar uma *omiai* para ele. Tanaka não podia evitar sentir uma espécie de afinidade com os estrangeiros.

Os homens devoravam Kyunghee com os olhos, ignorando por completo Sunja, que já havia se acostumado a essa invisibilidade sempre que ia com a cunhada a algum lugar. Kyunghee, com seus belos traços e elegante com suas saias até os tornozelos e blusas brancas, passando facilmente por uma professora ou pela modesta esposa de um comerciante, era bem recebida em quase todos os lugares. Até ela abrir a boca, todos achavam que era japonesa; mesmo assim, os homens a tratavam com simpatia. Pela primeira vez na vida, Sunja teve consciência de sua simplicidade inaceitável e seus trajes inadequados. Em Osaka, sentia-se feia. Suas roupas tradicionais e surradas eram uma insígnia inevitável da diferença e, embora os coreanos mais velhos e mais pobres na vizinhança ainda as usassem, com frequência a olhavam com desdém, quando tudo o que mais queria era passar despercebida. Em Ikaino, ninguém era esquadrinhado por usar um *hanbok* branco, mas fora do bairro e mais adiante da estação de trem a frieza em relação aos coreanos era evidente. Sunja teria preferido usar roupas ocidentais ou *mompei*, mas não faria sentido gastar dinheiro com tecido para costurar roupas novas naquele momento. A cunhada havia prometido fazer roupas novas para ela depois que o bebê nascesse.

Kyunghee fez uma reverência educada para os homens, e Sunja se retirou para um canto da loja.

— Como podemos ajudá-la hoje, Boku-*san*? — perguntou Tanaka.

Mesmo depois de dois meses, Sunja ainda se surpreendia ao ouvir o nome da família de seu marido pronunciado por um japonês. Devido às exigências do governo colonial, era normal que os coreanos tivessem dois ou três sobrenomes, mas na Coreia ela

praticamente não usava o *tsumei* japonês que aparecia em seus documentos de identidade (Junko Kaneda), porque não frequentava a escola e não tinha nenhuma relação com instituições oficiais. O sobrenome de nascimento de Sunja era Kim, mas no Japão, onde as mulheres adotavam o nome de família do marido, ela era Sunja Baek, que se traduzia como Sunja Boku, e em seus documentos de identidade seu *tsumei* agora era Junko Bando. Quando os coreanos tiveram que escolher um sobrenome japonês, o pai de Isak escolheu Bando porque soava como a palavra coreana *ban-deh*, que significa "objeção", o que tornava seu sobrenome japonês obrigatório uma espécie de piada. Kyunghee havia assegurado a ela que logo todos aqueles nomes se tornariam normais.

— O que vai cozinhar hoje, Boku-*san*? — perguntou o jovem açougueiro.

— Eu gostaria de alguns ossos de canela e um pouco de carne, por favor. Vou fazer sopa — respondeu Kyunghee em seu japonês de locutora de rádio. Ela aperfeiçoava o sotaque ouvindo regularmente programas japoneses.

— É para já.

Tanaka pegou três grandes pedaços de osso de canela do estoque de ossos e rabos de boi que mantinha na caixa de gelo para os clientes coreanos, os japoneses não usavam aqueles ossos. Em seguida, embrulhou um punhado de carne para ensopado.

— Só isso? — Ela assentiu. — Trinta e seis senes, por favor.

Kyunghee abriu a bolsa de moedas. Dois ienes e sessenta senes ainda teriam que durar por mais oito dias, até que Yoseb lhe desse seu envelope com o pagamento.

— *Sumimasen desu*, quanto custariam apenas os ossos?

— Dez senes.

— Por favor, perdoe meu erro. Hoje vou levar apenas os ossos. Levo a carne da próxima vez, prometo.

— Claro.

Tanaka devolveu a carne para a vitrine. Não era a primeira vez que um cliente não tinha dinheiro suficiente para pagar pela comida, mas, ao contrário do restante, os coreanos não pediam para comprar fiado, o que ele nunca aceitaria, de qualquer forma.

— Vai fazer uma sopa? De que tipo? — Tanaka se perguntou como deveria ser ter uma esposa tão elegante se preocupando com as refeições dele e sendo parcimoniosa com o dinheiro. Ele era o primogênito e, embora estivesse ansioso para se casar, ainda morava com a mãe.

— *Seolleongtang* — respondeu ela, olhando para ele com curiosidade, perguntando-se se saberia o que era.

— E como se prepara essa sopa?

Tanaka cruzou os braços e se inclinou sobre o balcão, olhando atentamente para o rosto adorável de Kyunghee. Ela tinha dentes bonitos e retos, ele pensou.

— Primeiro, você lava os ossos com muito cuidado em água fria. Em seguida, ferve os ossos e joga fora essa primeira água, porque ela contém todo o sangue e as impurezas que não queremos no caldo. Depois, ferve-os novamente com água limpa e fresca e deixa-os cozinhar por um longo, longo tempo, até que o caldo fique branco como tofu. Então acrescenta rabanete *daikon*, cebolinha picada e sal. É delicioso e muito bom para a saúde.

— Ficaria melhor com um pouco de carne, imagino.

— E arroz branco e macarrão! Por que não? — exclamou Kyunghee, rindo e erguendo a mão instintivamente para cobrir os dentes.

Os dois homens riram com prazer, entendendo a piada, já que o arroz branco era caro até mesmo para eles.

— E vocês comem *kimchi* com esse caldo? — perguntou Tanaka, que nunca tivera uma conversa tão longa com Kyunghee. Parecia seguro conversar com ela com seu assistente e a cunhada dela presentes. — O *kimchi* é um pouco picante demais para mim, mas fica bom com frango ou carne de porco grelhada.

— O *kimchi* fica delicioso com todas as refeições. Vou trazer um pouco na próxima vez.

Tanaka abriu de novo o pacote de ossos e colocou de volta metade da carne que tinha acabado de devolver à vitrine.

— Não é muito. Apenas um pouco para o bebê. — Tanaka sorriu para Sunja, que ficou surpresa por o açougueiro tê-la notado. — Uma mãe precisa se alimentar bem se quiser gerar um súdito forte para o imperador.

— Não posso aceitar nada de graça — disse Kyunghee, perplexa. Ela não sabia o que exatamente o açougueiro pretendia, mas com certeza não podia pagar pela carne naquele dia.

Sunja não entendeu muito bem a conversa, apenas que estavam dizendo algo sobre *kimchi*.

— É a primeira venda do dia. Ser generoso vai me trazer sorte — retrucou Tanaka, tão envaidecido quanto qualquer homem que pudesse dar algo de valor a uma mulher atraente quando quisesse.

Kyunghee colocou os dez senes no prato de dinheiro imaculado no balcão, sorriu e fez uma reverência para os dois homens antes de sair.

* * *

Fora da loja, Sunja perguntou o que havia acontecido.

— Ele não nos cobrou pela carne. Eu não pude recusar.

— Ele gosta de você. Foi um presente. — Sunja deu uma risadinha. Sentia-se como Dokhee, a criada da pensão, que fazia piadinhas sobre homens sempre que tinha oportunidade. Embora pensasse na mãe com frequência, já fazia um tempo que não pensava nas irmãs. — Vou chamá-lo de seu namorado a partir de agora.

Kyunghee deu um tapinha no braço de Sunja, balançando a cabeça.

— Ele disse que é para o seu bebê, para que ele possa crescer e se tornar um bom trabalhador para o país. — Kyunghee fez uma careta. — Além disso, Tanaka-*san* sabe que sou coreana.

— Desde quando os homens se importam com essas coisas? A sra. Kim, que mora na casa ao lado, me contou sobre a senhora discreta que mora no fim da rua, que é japonesa e casada com o coreano que destila álcool em casa. Os filhos deles são meio japoneses!

Isso havia chocado Sunja, embora tudo que a sra. Kim, a mulher que criava porcos, lhe contava fosse surpreendente. Yoseb não gostava que Kyunghee e Sunja conversassem com a sra. Kim, que além de tudo não ia à igreja aos domingos. Elas também não tinham

permissão para falar com a japonesa, porque seu marido era rotineiramente mandado para a prisão por contrabando.

— Se você fugir com o bom açougueiro, sentirei sua falta — disse Sunja.

— Mesmo que não fosse casada, não escolheria aquele homem. Ele sorri demais. — Kyunghee piscou para ela. — Gosto do meu marido rabugento, que está sempre me dizendo o que fazer e se preocupa com tudo. Vamos, temos que comprar as verduras agora, por isso não comprei a carne. Temos que achar batatas para assar. Não seria ótimo para o nosso almoço?

— Irmã...

— Sim? — disse Kyunghee.

— Nós não estamos contribuindo com as despesas da casa. A comida, o combustível, o valor cobrado na casa de banhos... Eu nunca tinha visto preços assim na vida. Em casa, tínhamos uma horta, então nunca comprávamos verduras. E o preço do peixe! Minha mãe nunca mais comeria se soubesse quanto custa. Na Coreia, nós economizávamos, mas eu não fazia ideia de como nossa vida era fácil: os hóspedes nos davam peixes de graça, e aqui uma maçã custa mais do que costelas em Busan. Minha mãe era cuidadosa com o dinheiro, assim como você, mas nem mesmo ela seria capaz de fazer as coisas deliciosas que você prepara com um orçamento tão restrito. Isak e eu achamos que vocês deveriam aceitar o dinheiro que ele ganha para ajudar com a comida, pelo menos.

O fato de os cunhados não permitirem que Isak e ela pagassem por nada era difícil de aceitar, mas não tinham dinheiro para alugar uma casa só para eles. Além disso, mesmo que tivessem, a cunhada ficaria profundamente magoada se eles se mudassem.

— Tenho certeza de que na Coreia você comia muito melhor, e coisas mais nutritivas — disse Kyunghee, parecendo triste.

— Não, não. Não foi isso o que eu quis dizer. É que nos sentimos mal por não nos deixarem contribuir com as enormes despesas da casa.

— Yoseb e eu não vamos permitir isso. Vocês precisam economizar dinheiro para o bebê. Teremos que comprar roupas e fraldas para ele, e um dia ele vai frequentar a escola para se tornar

um homem culto. Isso não seria incrível? Espero que ele goste da escola, como o pai, e não se esquive dos livros como o tio!

A ideia de um bebê morando com eles fez Kyunghee sorrir. Aquela criança parecia uma resposta a suas preces.

— Minha mãe me enviou três ienes em sua última carta. E temos o dinheiro que trouxemos e os ganhos recentes de Isak para ajudar. Você não deveria ter que se preocupar tanto com as despesas nem pensar em vender *kimchi* para sustentar mais duas bocas... e em breve três — argumentou Sunja.

— Sunja-*ya*, está sendo desrespeitosa. Eu sou mais velha do que você. Nós vamos dar um jeito. Além disso, se eu não puder falar sobre meu desejo de ganhar dinheiro sem que você diga que quer contribuir com as despesas, então não vou mais poder falar sobre meu sonho impossível de me tornar uma *ajumma* do *kimchi* da estação Tsuruhashi. — Kyunghee riu. — Seja uma boa irmã mais nova e me deixe sonhar em voz alta com o negócio com o qual vou ganhar tanto dinheiro que vou poder comprar um palácio para nós e mandar seu filho para a faculdade de medicina em Tóquio.

— Você acha que as donas de casa comprariam o *kimchi* de outra mulher?

— Por que não? Você não acha que eu faço um *kimchi* muito bom? A cozinheira da minha família fazia as melhores conservas de Pyongyang. — Kyunghee ergueu o queixo e em seguida começou a rir. Sua risada era contagiante. — Eu seria uma ótima *ajumma*. Meu repolho em conserva seria absolutamente delicioso.

— Por que não começa agora? Tenho dinheiro suficiente para comprar repolho e rabanete. E posso ajudá-la a fazer o *kimchi*. Se vendermos muito, será melhor para mim, porque vou poder cuidar do bebê em casa em vez de ter que trabalhar em uma fábrica.

— Sim, seríamos muito boas nisso, mas Yoseb me mataria. Ele diz que nunca aceitaria que a esposa trabalhasse. Nunca. E ele também não gostaria que você trabalhasse.

— Mas eu cresci trabalhando com meus pais. Ele sabe disso. Minha mãe servia os hóspedes e preparava a comida, e eu limpava e lavava...

— Yoseb é antiquado. — Kyunghee suspirou. — Eu me casei com um homem muito bom. A culpa é minha. Se tivesse tido filhos,

não me sentiria tão inquieta, não gosto de ficar ociosa. Não é culpa de Yoseb. Ninguém trabalha mais do que ele. Em outros tempos, um homem na situação dele poderia me renegar por não lhe dar um filho. — Kyunghee assentiu para si mesma, lembrando-se das inúmeras histórias de mulheres estéreis que ouvira quando criança, sem nunca considerar que algo assim pudesse lhe acontecer. — Vou obedecer a meu marido. Ele sempre cuidou muito bem de mim.

Sunja não conseguia concordar nem discordar, então deixou que a declaração pairasse no ar. O que seu cunhado estava dizendo era que uma mulher *yangban* como Kyunghee não podia trabalhar fora de casa. Sunja era filha de uma camponesa comum, então podia trabalhar em um mercado. A distinção não incomodava Sunja, que concordava que Kyunghee era uma pessoa superior a ela em muitos sentidos. No entanto, vivendo com Kyunghee e falando tão abertamente com ela sobre tudo, também sabia que a cunhada sofria pelo que não podia ter e talvez fosse mais feliz tentando a sorte como uma *ajumma* do *kimchi*.

Entretanto, não cabia a ela opinar. Aquilo era o que seu cunhado chamava de “conversa tola de mulheres”. Pelo bem de Kyunghee, Sunja se animou e deu o braço à cunhada, que parecia ter ficado um pouco para trás. De braços dados, elas foram comprar repolho e rabanete *daikon*.



16

Kyunghee não conhecia os dois homens à sua porta, mas eles sabiam o nome dela.

O mais alto, com o rosto pontudo, era sorridente, mas o mais baixo tinha uma expressão mais amável. Eles estavam vestidos de maneira semelhante, com roupas de trabalho (calças escuras e camisas de manga curta), mas ambos usavam sapatos de couro que pareciam caros. O mais alto, que falava com sotaque de Jeju, tirou uma folha de papel dobrada do bolso de trás da calça.

— Seu marido assinou isto — disse ele, mostrando a ela o documento formal. Parte do documento estava escrita em coreano, mas grande parte estava em ideogramas japoneses e chineses. No canto superior direito, Kyunghee reconheceu o nome e o *hanko* de Yoseb. — Ele está atrasado com os pagamentos.

— Eu não sei nada a respeito disso. Meu marido está no trabalho agora. — Kyunghee achou que ia começar a chorar e apoiou a mão na porta, esperando que os homens fossem embora. — Por favor, venham mais tarde, quando ele estiver em casa.

Sunja estava perto dela, com as mãos apoiadas na barriga. Os homens não pareciam perigosos. Fisicamente, se assemelhavam aos hóspedes da pensão, mas a cunhada parecia perturbada.

— Ele vai chegar em casa tarde da noite. Voltem a essa hora — repetiu Sunja, mas muito mais alto do que Kyunghee.

— Você é a cunhada, certo? — perguntou o mais baixo. Ele tinha covinhas quando sorria.

Sunja não disse nada, tentando não parecer surpresa diante do fato de ele saber quem ela era.

O mais alto continuou sorrindo para Kyunghee. Tinha os dentes grandes e quadrados enraizados em gengivas de um tom de rosa pálido.

— Já falamos com seu marido, mas ele não cooperou, então pensamos em vir fazer uma visitinha a vocês. — Ele fez uma pausa e disse o nome dela lentamente: — Baek Kyunghee... Eu tenho uma prima que se chama Kyunghee. Seu *tsumei* é Bando Kimiko, *nee*?

— O homem colocou sua mão larga na porta e pressionou-a levemente na direção dela. Em seguida, olhou para Sunja. — O fato de também estarmos conhecendo sua cunhada apenas dobra nosso prazer. Não é?

Os homens riram alegremente juntos.

Mais uma vez, Kyunghee tentou dar uma olhada no documento diante de si.

— Eu não entendo — disse ela por fim.

— Esta é a parte importante: Baek Yoseb deve a meu chefe cento e vinte ienes. — Ele indicou o número cento e vinte escrito em *kanjis* no segundo parágrafo. — Seu marido deixou de fazer os dois últimos pagamentos. Esperamos que o convença a fazer isso hoje.

— Qual é o valor dos pagamentos? — perguntou Kyunghee.

— Oito ienes mais juros por semana — respondeu o homem mais baixo, que tinha um forte sotaque da região de Kyungsangdo. — Talvez vocês guardem algum dinheiro em casa e possam nos pagar — disse ele. — O total é de mais ou menos vinte ienes.

Yoseb tinha acabado de lhe dar o dinheiro para comprar a comida das próximas duas semanas. Ela tinha seis ienes na bolsa. Se os entregasse aos homens, não teriam dinheiro para comer.

— Então o total da dívida é de cento e vinte ienes? — perguntou Sunja. O documento também não fazia sentido para ela.

O homem mais baixo pareceu um pouco preocupado e balançou a cabeça.

— Agora, é quase o dobro, com os juros. Por quê? Vocês têm dinheiro?

— Hoje, o total seria de duzentos e treze ienes — disse o homem mais alto. Ele sempre fora bom em fazer somas de cabeça.

— *Uh-muh!* — exclamou Kyunghee. Ela fechou os olhos e apoiou o corpo no batente da porta.

Sunja deu um passo à frente.

— Nós vamos conseguir o dinheiro — disse ela, calmamente, da mesma maneira que teria informado a Gordo, o hóspede, quando suas roupas estariam lavadas. Ela nem ao menos olhou na direção deles. — Voltem em três horas. Antes que escureça.

— Nos vemos mais tarde, então — disse o mais alto.

* * *

As cunhadas caminhavam depressa em direção à rua comercial, perto da estação Tsuruhashi. Não se demoraram diante da vitrine da loja de tecidos nem pararam na barraca de *senbei*, não cumprimentaram os amigáveis vendedores de verduras. Em vez disso, seus corpos se moviam em uníssono na direção de seu destino.

— Eu não quero que você faça isso — disse Kyunghee.

— Meu pai me falou sobre esse tipo de gente. Se a dívida inteira não for paga de imediato, os juros aumentarão cada vez mais, e vocês nunca vão conseguir pagar tudo. Meu pai dizia que sempre acabamos devendo muito mais do que pegamos emprestado. Pense bem: como cento e vinte ienes se transformaram em duzentos e treze?

Hoonie Kim havia testemunhado seus vizinhos perderem tudo depois de tomarem emprestado uma pequena quantia de dinheiro para comprar sementes ou maquinário. Quando os agiotas executavam as dívidas, os vizinhos acabavam tendo que entregar a eles toda a colheita, além do empréstimo inicial. O pai de Sunja detestava agiotas e a advertia com frequência sobre os perigos de contrair dívidas.

— Se soubesse, eu teria parado de enviar dinheiro para nossos pais — murmurou Kyunghee para si mesma.

Sunja olhava para a frente, evitando fazer contato visual com qualquer um na rua movimentada que olhasse na direção delas. Estava tentando pensar no que ia dizer ao penhorista.

— Irmã, você viu a placa dele em coreano, não viu? — perguntou Sunja. — Isso significa que ele é coreano, certo?

— Não tenho certeza. Não conheço ninguém que já tenha estado lá.

Seguindo as placas em coreano afixadas na fachada do prédio baixo de tijolos, as mulheres subiram as escadas amplas que levavam ao segundo andar. A porta da loja de penhores tinha uma janela com cortinas, e Sunja a abriu com cuidado.

Era um dia de junho quente e sem vento, mas o homem mais velho atrás da mesa usava um lenço de seda verde enfiado na gola

da camisa branca e um colete de lã marrom. As três janelas quadradas que davam para a rua estavam abertas e dois ventiladores elétricos zumbiam discretamente em cantos opostos do escritório. Dois homens mais jovens, com rostos rechonchudos parecidos, jogavam cartas perto da janela do meio. Eles olharam para cima e sorriram para as duas mulheres.

— Sejam bem-vindas. Como posso ser útil? — perguntou o dono da loja de penhores em coreano. Era difícil identificar sua cidade natal pelo sotaque. — Gostariam de se sentar?

Ele apontou para as cadeiras, e Sunja disse que preferia ficar de pé. Kyunghee ficou parada ao lado dela, recusando-se a olhar para os homens.

Sunja abriu a palma da mão e mostrou o relógio de bolso.

— *Ajeossi*, quanto pode nos dar por este relógio?

O homem ergueu as sobrancelhas grisalhas e tirou uma lupa da gaveta da mesa.

— Onde conseguiu isso?

— Minha mãe me deu. É de prata maciça banhada em ouro — respondeu Sunja.

— Ela sabe que quer vendê-lo?

— Ela me deu para vender. Para o bebê.

— Não prefere fazer um empréstimo dando o relógio como garantia? Assim talvez não precise se desfazer dele — disse o homem. Os empréstimos raramente eram pagos, e ele ainda poderia embolsar a garantia.

— Eu quero vender. Se não quiser comprar, não vou mais incomodá-lo — disse Sunja, devagar.

O penhorista sorriu, perguntando-se se a garota grávida já teria entrado em contato com seus concorrentes. Havia três lojas de penhor a poucas ruas de distância. Nenhum dos outros era coreano, mas, se ela falasse japonês, seria fácil vender o relógio. A bela mulher que acompanhava a grávida diante dele parecia japonesa, pela maneira de se vestir, mas era difícil dizer. Era possível que o relógio, na verdade, pertencesse à mulher bonita e ela tivesse trazido a grávida para negociar com ele.

— Se precisa vendê-lo... — disse o penhorista. — Sempre fico feliz em ajudar um compatriota.

Sunja não disse nada. “No mercado, fale pouco”, o pai ensinara a ela.

Kyunghee estava maravilhada por ver a cunhada parecendo mais calma do que nunca.

O penhorista examinou o relógio com cuidado, abrindo a caixa prateada para estudar as engrenagens visíveis através do vidro na parte de trás. Tratava-se de um relógio de bolso extraordinário e era impossível acreditar que a mãe daquela grávida pudesse ter um objeto daqueles. O relógio tinha talvez um ano, se tanto, e nem um único arranhão. Ele o virou para cima novamente e colocou-o no mata-borrão de couro verde em sua mesa.

— Hoje em dia, os rapazes preferem relógios de pulso. Eu nem sei se consigo vender isso.

Sunja percebeu que o penhorista piscou intensamente depois de dizer isso, mas não tinha piscado nenhuma vez enquanto falara com ela antes.

— Obrigada por examiná-lo — disse Sunja. Em seguida, pegou o relógio, ergueu levemente a barra de sua longa *chima* e se virou, preparando-se para sair do escritório. Kyunghee estava tentando não parecer preocupada. — Agradecemos por seu tempo. Obrigada.

— Gostaria de ajudá-la — disse o penhorista, elevando levemente a voz. Sunja se virou. — Se precisa do dinheiro de imediato, talvez seja mais fácil vendê-lo aqui do que ficar andando por aí em seu estado nesse dia quente. Posso ajudar. Parece que seu filho vai nascer em breve. Espero que seja um menino e que cuide bem da mãe — disse ele. — Cinquenta ienes.

— Duzentos — replicou Sunja. — Vale pelo menos trezentos. Foi fabricado na Suíça e está novo em folha.

Os dois homens perto da janela largaram as cartas e se levantaram de seus assentos. Nunca tinham visto uma garota falar daquele jeito.

— Se acha que vale tanto assim, então por que não o vende por um preço mais alto em outro lugar? — retrucou o penhorista, irritado com a insolência dela. Não suportava mulheres respondonas.

Sunja mordeu a parte interna do lábio inferior. Se o vendesse para um penhorista japonês, temia que ele alertasse a polícia.

Hansu dissera a ela que a polícia se envolvia em quase todos os negócios no Japão.

— Obrigada. Não vou mais tomar o seu tempo — disse Sunja.

O penhorista riu.

De repente, Kyunghee sentiu confiança na cunhada, que, ao chegar a Osaka, parecia tão desamparada que precisava carregar um cartão com o nome e o endereço escritos em japonês, para o caso de se perder.

— O que sua mãe faz na Coreia? — perguntou o penhorista. — Pelo sotaque, você parece ser de Busan.

Sunja fez uma pausa, perguntando-se se deveria responder à pergunta.

— Ela trabalha no mercado?

— Ela administra uma pensão.

— Deve ser uma mulher de negócios esperta — disse ele.

O penhorista tinha imaginado que a mãe fosse prostituta ou uma comerciante de algum tipo que colaborava com o governo japonês. Também existia a possibilidade de que o relógio fosse roubado. A julgar pelo modo de falar e pela forma de se vestir, a garota grávida não era de uma família rica.

— Minha jovem, tem certeza de que sua mãe lhe deu isso para vender? Está ciente de que precisarei do seu nome e endereço para o caso de haver algum problema?

Sunja fez que sim com a cabeça.

— Muito bem, então. Cento e vinte e cinco ienes.

— Duzentos.

Sunja não sabia se conseguiria esse valor, mas tinha certeza de que o penhorista era ganancioso, e, se estava disposto a passar de cinquenta a cento e vinte e cinco ienes, era porque com certeza seus concorrentes japoneses também considerariam o relógio valioso.

O homem começou a rir. Os jovens, que agora estavam de pé junto à mesa, começaram a rir também.

— Você deveria trabalhar aqui — disse o mais jovem.

O penhorista cruzou os braços. Ele queria o relógio, sabia exatamente quem o compraria.

— Pai, o senhor deveria pagar à jovem mãe o que ela está pedindo. Nem que seja pelo fato de ser tão persistente! — disse o jovem, sabendo que o pai não gostava de perder uma negociação e precisaria ser persuadido. Ele sentia pena da garota de rosto inchado. Não era o tipo de garota que costumava ir até lá vender anéis de ouro quando se via em apuros.

— Seu marido sabe que está aqui? — perguntou o filho mais novo do penhorista.

— Sim, sabe — respondeu Sunja.

— Ele bebe ou joga?

Ele havia visto muitas mulheres desesperadas, e a história era sempre a mesma.

— Nenhuma das duas coisas — respondeu ela com uma voz severa, como se quisesse adverti-lo para não fazer mais perguntas.

— Cento e setenta e cinco ienes — disse o penhorista.

— Duzentos.

Sunja sentiu o metal quente e suave na palma da mão. Hansu teria se mantido firme em seu preço.

— Como saberei se vou conseguir vendê-lo? — protestou o penhorista.

— Pai — disse o filho mais velho, sorrindo —, o senhor estaria ajudando uma jovem mãe longe de casa.

A mesa do penhorista era feita de uma madeira que ela não conhecia, marrom-escura com nós em forma de gota do tamanho do punho de uma criança. Ela contou três nós na superfície. Quando ia catar cogumelos com Hansu, havia árvores de todo tipo. O cheiro mofado de folhas molhadas no chão do bosque, as cestas cheias de cogumelos, a dor aguda de se deitar com ele... Essas lembranças não a abandonavam. Tinha que se livrar dele, parar com aquelas evocações intermináveis da única pessoa que desejava esquecer.

Sunja respirou fundo. Kyunghee estava torcendo as mãos.

— Se não deseja comprar o relógio, nós compreendemos — disse ela tranquilamente e se virou para sair.

O penhorista ergueu a mão, fazendo sinal para que esperasse, e foi até a sala dos fundos, onde guardava a caixa de dinheiro.

* * *

Quando os dois homens voltaram à casa para receber o pagamento, as mulheres ficaram na porta e não os convidaram para entrar.

— Se eu lhes der o dinheiro, como vou saber que a dívida está totalmente quitada? — perguntou Sunja ao mais alto.

— Vamos pedir ao chefe que assine a nota promissória dizendo que está tudo resolvido — disse ele. — Como vou saber se têm o dinheiro?

— Seu chefe pode vir até aqui? — perguntou Sunja.

— Você só pode estar louca — disse o mais alto, assombrado com o pedido dela.

Sunja tinha a sensação de que não deveria dar o dinheiro àqueles homens. Tentou fechar a porta um pouco para poder falar com Kyunghee, mas o homem alto a empurrou com o pé.

— Escutem, se realmente têm o dinheiro, podem vir conosco. Podemos levá-las até ele agora.

— Onde? — perguntou Kyunghee, com a voz trêmula.

— Perto da loja de saquê. Não é longe.

* * *

O chefe era um jovem coreano sério, não muito mais velho do que Kyunghee. Parecia um médico ou um professor: usava um terno surrado e óculos de arame dourado; tinha o cabelo preto penteado para trás e uma expressão pensativa. Ninguém pensaria que ele era agiota. O escritório dele era aproximadamente do tamanho do escritório do penhorista e, na parede oposta à porta de entrada, havia uma estante repleta de livros em japonês e coreano. Havia lâmpadas elétricas acesas ao lado de cadeiras de aparência confortável. Um menino trouxe *genmaicha* quente em copos de cerâmica para as mulheres. Kyunghee entendeu por que o marido havia pegado dinheiro emprestado com um homem como aquele.

Quando Kyunghee lhe entregou o dinheiro, o agiota agradeceu e cancelou a nota, colocando seu selo vermelho no documento.

— Se houver mais alguma coisa que eu possa fazer por vocês, por favor, é só me procurar — disse ele, olhando para Kyunghee. —

Enquanto estivermos longe de casa, precisamos ajudar uns aos outros. Estou ao seu dispor.

— Quando? Quando meu marido pegou esse dinheiro emprestado? — perguntou Kyunghee ao agiota.

— Em fevereiro. Somos amigos, então, é claro, eu emprestei.

As mulheres assentiram, compreendendo: Yoseb pegara o dinheiro emprestado para pagar as passagens de Isak e Sunja.

— Obrigada, senhor. Não o incomodaremos novamente — disse Kyunghee.

— Seu marido vai ficar muito satisfeito por terem sanado o problema — disse ele, perguntando-se como aquelas mulheres teriam levantado o dinheiro tão depressa.

As duas não disseram nada e voltaram para casa para preparar o jantar.



17

— Onde você conseguiu o dinheiro? — gritou Yoseb, com a nota promissória cancelada na mão.

— Sunja vendeu o relógio que a mãe deu a ela — respondeu Kyunghee.

Sempre havia alguém gritando ou uma criança chorando todas as noites na rua em que moravam, mas os barulhos altos nunca vinham da casa deles. Yoseb, que não se irritava com facilidade, estava furioso. Sunja estava encolhida no canto mais distante do cômodo principal, com a cabeça baixa, muda como uma pedra. Lágrimas escorriam por suas bochechas avermelhadas. Isak ainda não tinha chegado da igreja.

— Você tinha um relógio de bolso que valia mais de duzentos ienes? Isak sabe disso? — gritou ele para a cunhada.

Kyunghee ergueu as mãos e se interpôs entre ele e Sunja.

— A mãe deu o relógio a ela para vender quando o bebê nascesse.

Sunja deslizou pela parede, incapaz de permanecer de pé. Dores lancinantes atravessavam sua pelve e suas costas. Ela fechou os olhos e cobriu a cabeça com os antebraços.

— Onde vocês venderam o relógio?

— Na loja de penhores perto da barraca de verduras — respondeu Kyunghee.

— Perderam o juízo? Que tipo de mulher vai a uma loja de penhores? — Yoseb olhou para Sunja com severidade. — Como uma mulher pode fazer uma coisa dessas?

Do chão, Sunja olhou para ele.

— Não é culpa da irmã... — suplicou ela.

— E você perguntou ao seu marido se poderia ir a uma casa de penhores?

— Por que está tão irritado? Sunja estava apenas tentando nos ajudar. Ela está grávida. Deixe-a em paz.

Kyunghee desviou o olhar, tentando não retrucar. Ele sabia muito bem que Sunja não havia falado com Isak. Por que Yoseb tinha que

pagar por tudo? Por que controlava todo o dinheiro? A última vez que tinham discutido foi quando ela quis arrumar emprego em uma fábrica.

— Sunja estava preocupada conosco. É uma pena que ela tenha tido que vender aquele lindo relógio. Tente entender, *yobo*.

Kyunghee colocou a mão gentilmente no antebraço do marido.

— Mulheres estúpidas! Como vou encarar esses homens novamente, toda vez que sair na rua, sabendo que duas mulheres estúpidas pagaram minhas dívidas? Minhas bolas vão encolher.

Yoseb nunca havia falado de maneira tão vulgar, e Kyunghee entendeu que ele estava insultando Sunja. Ele a estava chamando de estúpida, idiota. Kyunghee também estava sendo culpada por ter permitido que aquilo acontecesse. Mas o mais inteligente a fazer era pagar a dívida. Se o marido permitisse que ela trabalhasse, eles teriam economias.

Sunja não parava de chorar. As dores agonizantes na parte baixa do abdômen haviam voltado com mais força, e ela não sabia o que dizer. Não entendia ao certo o que estava acontecendo com seu corpo.

— *Yobo*, por favor. Por favor, compreenda — pediu Kyunghee.

Yoseb não disse nada. As pernas de Sunja estavam esparramadas como as de um bêbado na rua, as mãos inchadas segurando a barriga enorme. Ele se perguntou se deveria ter permitido que ela entrasse em sua casa. Como sua mãe tinha conseguido um relógio de bolso de ouro? Fazia muitos anos, mas ele conhecera os pais dela. Hoonie Kim era o filho aleijado de dois camponeses que administrava uma pensão em um minúsculo terreno alugado. Onde sua esposa teria conseguido algo tão valioso? Seus hóspedes eram em sua maioria pescadores ou homens que trabalhavam no mercado de peixe. Ele poderia ter aceitado que a menina tivesse um par de anéis de ouro no valor de trinta ou quarenta ienes dados a ela pela mãe. Talvez um anel de jade no valor de dez ienes. Será que tinha roubado o relógio?, perguntou-se. Seria possível que Isak tivesse se casado com uma ladra ou uma prostituta? Não teve coragem de dizer essas coisas, então abriu a porta de metal corrugado e saiu.

* * *

Ao chegar em casa, Isak ficou alarmado ao ver as duas mulheres chorando. Tentou acalmá-las para que falassem com mais coerência e ouviu suas explicações entrecortadas.

— Então, para onde ele foi? — perguntou Isak.

— Não sei. Ele não costuma sair. Não imaginei que fosse ficar tão... — Kyunghee parou, porque não queria deixar Sunja ainda mais angustiada.

— Ele vai ficar bem — disse Isak, virando-se para a esposa. — Eu não sabia que você tinha trazido uma coisa tão valiosa de casa. Era da sua mãe? — perguntou ele timidamente.

Sunja ainda estava chorando, e Kyunghee fez que sim com a cabeça em seu lugar.

— É? — Isak olhou novamente para Sunja. — Onde sua mãe conseguiu algo assim?

— Eu não perguntei. Talvez alguém devesse dinheiro a ela.

— Entendo. — Isak assentiu, sem saber o que pensar.

Kyunghee acariciou a cabeça febril de Sunja.

— Pode explicar isso a Yoseb? — perguntou ela ao cunhado. — Entende por que fizemos o que fizemos, não entende?

— Sim, claro. Meu irmão tomou o dinheiro emprestado para me ajudar. Sunja vendeu o relógio para pagar essa dívida. Então, na verdade, é como se ela o tivesse vendido para nos ajudar a chegar até aqui. A passagem era cara, e como Yoseb poderia levantar tanto dinheiro tão depressa? Eu deveria ter imaginado. Fui ingênuo e infantil, como sempre, e meu irmão estava apenas cuidando de mim. É uma pena que Sunja tenha sido obrigada a vender o relógio, mas é justo que paguemos nossas dívidas. Vou dizer tudo isso a ele, cunhada. Por favor, não se preocupem mais — disse ele às mulheres.

Kyunghee fez que sim com a cabeça, finalmente sentindo-se um pouco melhor.

Um espasmo atravessou a lateral do corpo de Sunja, quase atirando-a para trás.

— *Uh-muh. Uh-muh!*

— O que foi? Está na hora?

Um líquido morno escorreu pelas pernas dela.

— Devo chamar a parteira? — perguntou Isak.

— Irmã Okja, a três casas daqui, do nosso lado da rua — disse Kyunghee, e Isak saiu correndo da casa.

— Está tudo bem, está tudo bem — murmurou Kyunghee, segurando a mão de Sunja. — Você está em trabalho de parto. As mulheres sofrem, não sofrem? Ah, minha querida Sunja. Sinto muito que esteja sentindo dor. — Então começou a orar por ela: — Senhor, meu Deus, por favor, tenha piedade...

Sunja pegou um punhado do tecido da saia e o colocou na boca para abafar os gritos. A sensação era de que estava sendo apunhalada repetidas vezes. Ela mordeu com força o tecido grosso.

— *Umma, umma* — gemeu.

* * *

Irmã Okja, a parteira, era uma coreana cinquentona de Jeju que havia feito o parto da maioria das crianças do gueto. Bem treinada pela tia, Okja pagava a casa e a comida dos próprios filhos com o que ganhava como parteira, ama de leite e babá. O marido, pai de seus seis filhos, estava praticamente morto para ela, embora estivesse vivo e perambulasse por sua casa vários dias por semana em um estupor embriagado. Quando não estava fazendo partos, Okja cuidava das crianças das mulheres da vizinhança que trabalhavam nas fábricas e nos mercados.

O parto de Sunja foi muito simples. O menino era comprido e bem formado, e o trabalho de parto, por mais aterrador que pudesse ter sido para a mãe de primeira viagem, foi breve. Felizmente para a parteira, o bebê não chegou no meio da noite, mas bem na hora em que ela estava preparando o jantar. Okja esperava que a nora, que morava com eles, não tivesse queimado a cevada de novo.

— Shh, shh. Você se saiu muito bem — disse Okja a Sunja, que gritava pela mãe. — O garoto é muito forte e bonito. Veja só todos esses cabelos pretos! Você precisa descansar um pouco agora. A criança precisará se alimentar em breve — disse ela, antes de se levantar para ir embora. — Malditos joelhos.

A parteira esfregou as patelas e as canelas e se levantou devagar, certificando-se de que a família tivesse tempo suficiente para pegar o dinheiro para pagá-la.

Kyunghee pegou a bolsa e deu três ienes à parteira.

Okja não pareceu impressionada.

— Se tiverem alguma dúvida, mandem me chamar.

Kyunghee agradeceu, ela mesma se sentindo mãe. A criança era linda. Seu coração doeu ao ver o rosto pequenino dele, a mata de cabelos pretos e os olhos azul-escuros. Lembrava o personagem bíblico Sansão.

Depois de banhar o bebê na bacia amassada na qual costumava salgar repolho, Kyunghee o entregou a Isak, embrulhado em uma toalha limpa.

— Você é pai — disse, sorrindo. — Ele é lindo, não é?

Isak assentiu, mais feliz do que imaginava que se sentiria.

— *Uh-muh*, tenho que fazer uma sopa para Sunja. Ela precisa tomar um pouco de sopa imediatamente.

Kyunghee foi ver como estava a cunhada, que já dormia profundamente, deixando Isak com a criança na sala de estar. Na cozinha, enquanto embebia as algas secas em água fria, rezou para que o marido voltasse logo para casa.

* * *

De manhã, a casa parecia diferente. Kyunghee não tinha dormido. Yoseb ainda não voltara. Isak tinha tentado ficar acordado também, mas ela o mandara ir dormir, porque teria que fazer um sermão na manhã seguinte e trabalhar na igreja o domingo inteiro. Sunja dormia tão profundamente que chegava a roncar e só tinha se levantado para amamentar. A criança havia pegado bem o peito e se inquietava muito pouco. Kyunghee havia limpado a cozinha, preparado o café da manhã e costurado camisas para o bebê enquanto esperava por Yoseb. A cada poucos minutos, olhava pela janela.

Quando Isak estava terminando de tomar o café da manhã, Yoseb entrou em casa, cheirando a cigarro. Seus óculos estavam

embaçados e a barba estava por fazer. Assim que o viu, Kyunghee foi para a cozinha pegar o café da manhã dele.

— Irmão, você está bem? — perguntou Isak, levantando-se. Yoseb assentiu. — O bebê nasceu. É um menino — acrescentou ele, sorrindo.

Yoseb se sentou no chão ao lado da mesa baixa de acácia, uma das poucas coisas que havia trazido da Coreia. Tocou a madeira e pensou nos pais.

Kyunghee colocou a bandeja de comida diante dele.

— Sei que está aborrecido comigo, mas precisa comer alguma coisa e descansar — disse ela, acariciando as costas do marido.

— Irmão, sinto muito pelo que aconteceu — disse Isak. — Sunja é muito jovem e ficou preocupada por nós. A dívida, na verdade, é minha...

— Eu sou capaz de cuidar desta família — disse Yoseb.

— É verdade, mas eu coloquei um fardo sobre seus ombros que você não havia previsto. Eu o coloquei nessa situação. A culpa é minha. Sunja achou que estava ajudando.

Yoseb entrelaçou as mãos. Não conseguia discordar de Isak nem ficar chateado com ele. Era difícil ver o rosto triste do irmão. Ele precisava ser protegido, como uma delicada peça de porcelana. Yoseb havia passado a noite bebendo uma garrafa de *doburoku* em um bar frequentado por coreanos, não muito longe da estação de trem, perguntando-se se teria sido uma boa ideia trazer o frágil Isak para Osaka. Quanto tempo Isak viveria? O que aconteceria se Sunja, no fim das contas, não se revelasse uma boa mulher? Kyunghee já estava muito apegada a ela e, agora que o bebê tinha nascido, havia mais uma boca para alimentar. Seus pais e sogros contavam com ele. No bar lotado, os homens bebiam e contavam piadas, mas não havia uma alma sequer naquele ambiente sórdido, que cheirava a lula queimada e álcool, que não estivesse preocupada com dinheiro e aterrorizada por não saber como cuidar de sua família naquela terra estrangeira e difícil.

Yoseb cobriu o rosto com as mãos.

— Irmão, você é um bom homem — disse Isak. — Eu sei o quanto trabalha. — Yoseb estava chorando. — Pode perdoar Sunja?

Por não ter falado com você primeiro? Pode me perdoar por obrigá-lo a contrair uma dívida? Consegue nos perdoar?

Yoseb não disse nada. O agiota o veria como a todos os outros homens que viviam às custas das mulheres que trabalhavam em fábricas ou como empregadas domésticas. Sua esposa e sua cunhada grávida tinham pagado sua dívida com o que provavelmente era um relógio roubado. O que ele poderia fazer?

— Você tem que ir trabalhar, não? — perguntou Yoseb. — É domingo.

— Sim, Kyunghee disse que vai ficar aqui com Sunja e o bebê.

— Então vamos — disse Yoseb.

Ele perdoaria. Era tarde demais para qualquer outra coisa.

* * *

Quando os homens saíram da casa, Yoseb segurou a mão do irmão.

— Agora você é pai.

— Sim. — Isak sorriu.

— Bom — disse Yoseb.

— Quero que escolha o nome dele — pediu Isak. — Demoraria muito escrever a nosso pai e esperar pela resposta. Você é o chefe da nossa família aqui...

— Não deveria ser eu.

— Tem que ser você.

Yoseb respirou fundo e encarou a rua vazia, então escolheu.

— Noa.

— Noa — repetiu Isak, sorrindo. — Sim. É maravilhoso.

— Noa, porque ele obedeceu e fez o que o Senhor pediu. Porque acreditou quando era impossível acreditar.

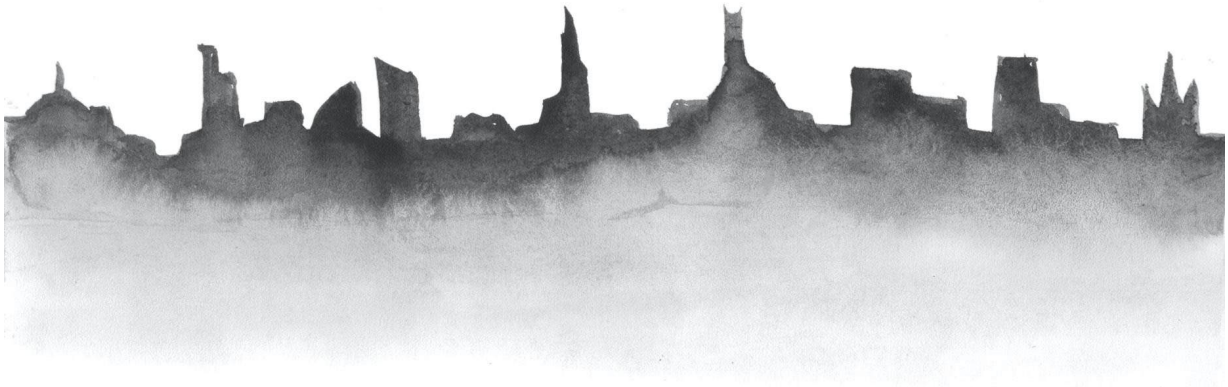
— Talvez você deva se encarregar do sermão hoje — brincou Isak, dando tapinhas nas costas do irmão.

Os dois caminharam depressa em direção à igreja, os corpos próximos. Um alto, frágil e decidido, o outro baixo, vigoroso e rápido.

LIVRO II

Pátria-mãe

1939-1962



Acreditava que, não importava quantas colinas e riachos cruzasse, o mundo inteiro era a Coreia e todos que viviam nele eram coreanos.

— Park Wan-suh



1

Osaka, 1939

Yoseb respirou fundo e fincou os pés no umbral, pronto para receber a investida do garoto de seis anos que havia esperado a semana inteira por seu saquinho de caramelos. Abriu a porta de correr, preparando-se para o que viria.

Mas nada aconteceu.

Não havia ninguém na sala de estar. Yoseb sorriu. Noa devia estar escondido.

— *Yobo!* Cheguei — gritou ele na direção da cozinha.

Entrou e fechou a porta.

Tirando o saquinho de caramelos do bolso do casaco, Yoseb disse de forma dramática:

— Ora, ora, onde estará o Noa. Acho que ele não está em casa, então posso comer seus caramelos. Ou posso guardar para o irmão dele. Quem sabe hoje seja um bom dia para o bebê Mozasu provar seu primeiro caramelo. Nunca se é jovem demais para uma guloseima! Ele já tem um mês. Em um piscar de olhos, Mozasu e eu estaremos brincando de luta também, assim como faço com Noa! Então ele vai precisar de um caramelo de abóbora para ficar mais forte.

Como não ouviu nenhum som, Yoseb desdobrou o papel amarrotado com um floreio e fingiu colocar um caramelo na boca.

— Minha nossa, este é o melhor caramelo de abóbora que a *ajumma* dos porcos já fez! *Yobo!* — gritou ele. — Venha aqui, você precisa provar um pouco! Está muito bom! — disse, fazendo ruídos de mastigação enquanto verificava atrás do baú de roupas e do biombo, os esconderijos habituais de Noa.

A mera menção ao irmão mais novo, Mozasu, teria feito Noa sair correndo do esconderijo. Embora em geral fosse uma criança bem-comportada, Noa vinha sendo repreendido ultimamente por beliscar o irmão sempre que tinha oportunidade.

Yoseb foi até a cozinha, mas não havia ninguém lá. O fogão estava frio e as guarnições, na mesinha ao lado da porta. A panela de arroz estava vazia. O jantar sempre estava pronto quando ele chegava em casa. A caçarola de sopa tinha água até a metade, batatas e cebolas cortadas, pronta para ser colocada no fogo. Os jantares de sábado à noite eram os preferidos de Yoseb, porque ele não trabalhava aos domingos, e ainda não havia nada preparado. Depois de um agradável jantar de sábado, toda a família ia à casa de banhos. Ele abriu a porta dos fundos da cozinha e colocou a cabeça para fora, mas viu apenas as sarjetas imundas. Na casa ao lado, a filha mais velha da *ajumma* dos porcos estava preparando o jantar para sua família e nem sequer olhou pela janela aberta.

Talvez eles tivessem ido ao mercado, pensou. Sentou-se em uma almofada no chão da sala de estar e abriu um de seus muitos jornais. Colunas de palavras impressas sobre a guerra flutuavam diante de seus olhos: o Japão salvaria a China levando avanços tecnológicos a uma economia rural; o Japão acabaria com a pobreza na Ásia e a tornaria próspera; o Japão protegeria a Ásia das mãos perniciosas do imperialismo ocidental; e somente a Alemanha, aliada fiel e destemida do Japão, estava lutando contra os demônios do Ocidente. Yoseb não acreditava em nada disso, mas a propaganda era incontornável. Todos os dias, lia três ou quatro jornais para tentar extrair alguma verdade das lacunas e sobreposições. Naquela noite, todos os jornais repetiam praticamente a mesma coisa. Os censores deviam ter trabalhado muito na noite anterior.

No silêncio da casa, Yoseb começou a ficar impaciente. Queria jantar. Ainda que Kyunghee tivesse ido comprar algo no mercado, não haveria razão para que Sunja, Noa e o bebê tivessem ido também. Isak sem dúvida ainda estava ocupado na igreja. Yoseb calçou os sapatos.

Na rua, ninguém sabia por onde sua esposa andava e, quando chegou à igreja, o irmão não estava lá. O escritório estava vazio, exceto pelo habitual grupo de mulheres que, sentadas no chão com a cabeça baixa, murmuravam suas orações.

Ele esperou um longo tempo até que as mulheres levantassem a cabeça.

— Desculpem incomodá-las, mas viram o pastor Baek ou o pastor Yoo?

As mulheres, *ajummas* de meia-idade que iam à igreja quase todas as noites para orar, o reconheceram como o irmão mais velho do pastor Baek.

— Eles o levaram — revelou a mais velha —, e também o pastor Yoo e o menino chinês Hu. O senhor precisa ajudá-los...

— O quê?

— A polícia os prendeu esta manhã... Quando foram ao santuário xintoísta para a cerimônia, um dos líderes locais notou que Hu murmurava o Pai-Nosso quando deveriam estar jurando lealdade ao imperador. O policial que supervisionava a cerimônia questionou Hu, e o garoto respondeu que aquela cerimônia era idolatria e que não ia mais fazer aquilo. O pastor Yoo tentou explicar ao policial que o rapaz estava mal informado e que não pretendia dizer aquilo, mas Hu se recusou a concordar com ele. O pastor Baek também tentou explicar, mas Hu disse que estava disposto a entrar na fornalha acesa. Assim como Sadraque, Mesaque e Abednego! Conhece essa história?

— Sim, sim — respondeu Yoseb, irritado com o fervor religioso delas. — Eles estão na delegacia agora?

As mulheres fizeram que sim com a cabeça.

Yoseb saiu correndo.

* * *

Noa estava sentado nos degraus da delegacia, com o irmão adormecido em seus braços.

— Tio — sussurrou Noa, sorrindo, aliviado. — Mo está muito pesado.

— Você é um bom irmão, Noa — disse Yoseb. — Onde está sua tia?

— Lá dentro. — Ele inclinou a cabeça em direção à delegacia, pois não podia usar as mãos. — Tio, pode segurar Mozasu? Meus braços estão doendo.

— Pode esperar só mais um pouquinho? Eu volto logo, ou mando sua mãe.

— *Umma* disse que me daria um doce se eu não beliscasse Mozasu e o deixasse dormir. Eles não deixam bebês entrarem — explicou Noa, muito sério. — Mas estou com fome. Estou aqui há muito tempo.

— Eu também vou lhe dar um doce, Noa. Já volto — disse Yoseb.

— Mas, tio... Mo...

— Sim, Noa, mas você é muito forte.

Noa endireitou os ombros e se sentou com a coluna ereta. Não queria decepcionar o tio, que era seu adulto favorito.

Yoseb estava prestes a abrir a porta da delegacia, mas se virou ao ouvir a voz de Noa.

— Tio, o que eu faço se Mozasu chorar?

— Cante para ele enquanto caminha de um lado para o outro. Como eu fazia quando você tinha a idade dele. Lembra?

— Não, não lembro — disse ele, choroso.

— Eu volto logo.

* * *

A polícia não permitiu que elas vissem Isak. As mulheres estavam esperando dentro da delegacia, e Sunja saía a cada poucos minutos para dar uma olhada em Noa e Mozasu, já que as crianças não podiam entrar. Kyunghee havia ficado junto ao balcão da recepção, uma vez que era ela quem falava japonês. Quando Yoseb entrou na sala de espera, Kyunghee ofegou e em seguida expirou lentamente. Sentada ao lado dela, Sunja estava curvada sobre si mesma, chorando.

— Eles prenderam Isak? — perguntou Yoseb.

Kyunghee fez que sim com a cabeça.

— Fale baixo — pediu ela, acariciando as costas de Sunja. — Não sabemos quem pode estar ouvindo.

— As mulheres da igreja me contaram o que aconteceu — sussurrou ele. — Por que aquele garoto criou tanto caso por causa de uma reverência? — Na Coreia, o governo colonial reunia os

cristãos para que se curvassem nos santuários todas as manhãs. No Japão, os líderes comunitários voluntários os obrigavam a fazer isso apenas uma ou duas vezes por semana. — Há alguma fiança que podemos pagar?

— Acho que não — respondeu Kyunghee. — O policial nos disse para irmos para casa, mas ficamos esperando para ver se o soltavam...

— Isak não pode ficar na prisão — disse Yoseb. — Não pode.

* * *

Na recepção, Yoseb se aproximou do balcão e fez uma grande reverência.

— Meu irmão tem a saúde frágil, senhor. É assim desde criança, e será difícil para ele ficar preso. Acaba de se recuperar de uma tuberculose. Existe alguma possibilidade de ele ir para casa e voltar à delegacia amanhã para ser interrogado? — perguntou Yoseb, usando um japonês honorífico.

O policial negou educadamente com a cabeça, indiferente aos apelos. As celas estavam cheias de coreanos e chineses que, de acordo com membros da família, tinham algum problema grave de saúde que os impossibilitava de ficar na prisão. Embora o policial sentisse pena do homem que implorava por seu irmão indolente, não havia nada que ele pudesse fazer. O pastor ficaria preso por um bom tempo — ativistas religiosos sempre ficavam. Em tempos de guerra, era preciso uma repressão severa aos agitadores, pelo bem da segurança nacional. Mas era inútil dizer essas coisas. Os coreanos causavam problemas, depois davam desculpas.

— É melhor o senhor e as mulheres irem para casa. O pastor está sendo interrogado, e não poderão vê-lo. Estão desperdiçando seu tempo.

— Veja, senhor, meu irmão não se opõe ao imperador ou ao governo de forma alguma. Ele nunca se envolveu em nenhum tipo de atividade contra o governo — explicou Yoseb. — Meu irmão não se interessa por política, e tenho certeza de que...

— Ele não tem permissão para receber visitas. Se for inocentado de todas as acusações, pode ter certeza de que será liberado e mandado para casa. — O policial sorriu educadamente. — Ninguém vai querer manter um homem inocente preso.

O policial acreditava nisto: o governo japonês era justo e razoável.

— Há alguma coisa que eu possa fazer? — perguntou Yoseb baixinho, apalpando os bolsos em busca da carteira.

— Não há nada que o senhor ou eu possamos fazer — respondeu o policial, irritado. — E espero que não esteja sugerindo um suborno. Uma tentativa assim apenas agravaria o crime do seu irmão. Ele e seus companheiros se recusaram a mostrar lealdade ao imperador. Trata-se de um delito grave.

— Eu não tive a intenção de ofendê-lo. Peço desculpas por minhas palavras tolas... Jamais insultaria sua honra, senhor.

Yoseb teria se arrastado pelo chão da delegacia se isso fizesse Isak ser libertado. O irmão mais velho deles, Samoel, era o corajoso, aquele que havia enfrentado a polícia com audácia e elegância, mas Yoseb sabia que não era um herói. Teria tomado mais dinheiro emprestado e vendido sua casa se a polícia tivesse aceitado suborno em troca da liberdade de Isak. Não via sentido em uma pessoa morrer por seu país ou por outro grande ideal. Ele entendia apenas de sobrevivência e família.

O policial ajeitou os óculos e olhou por cima do ombro de Yoseb, embora não houvesse mais ninguém ali.

— Talvez seja melhor levar as mulheres para casa. Isto aqui não é lugar para elas. O menino e o bebê estão lá fora. Vocês, coreanos, sempre deixam seus filhos na rua, mesmo à noite. Eles deveriam estar em casa. Se não cuidarem de seus filhos, um dia eles vão acabar na prisão — disse o policial, que parecia exausto. — Seu irmão vai passar a noite aqui. Entendeu?

— Sim, senhor. Obrigado, senhor. Desculpe por incomodá-lo. Posso trazer as coisas dele hoje à noite?

O policial respondeu pacientemente.

— De manhã. Pode trazer roupas e comida para ele. Livros religiosos não são permitidos. Além disso, todo o material de leitura

deve estar em japonês. — O tom de voz do policial era tranquilo e atencioso. — Infelizmente, ele não pode receber visitas. Sinto muito.

Yoseb queria acreditar que aquele homem de uniforme não era mau: era apenas outro homem fazendo um trabalho do qual não gostava, cansado porque era fim de semana. Talvez ele também quisesse jantar e tomar um banho. Yoseb se considerava uma pessoa racional, e era simplista demais acreditar que todos os policiais japoneses fossem maus. Além disso, precisava acreditar que havia pessoas decentes vigiando seu irmão, a alternativa era insuportável.

— Traremos as coisas dele amanhã de manhã, então — disse Yoseb, olhando nos olhos cautelosos do policial. — Obrigado, senhor.

— Disponha.

O homem inclinou de leve a cabeça.

* * *

Noa foi autorizado a comer todo o caramelo e brincar do lado de fora, e, enquanto Sunja preparava o jantar na cozinha, Yoseb respondeu às perguntas de Kyunghee. Ela estava de pé com Mozasu amarrado às costas.

— Você não pode falar com alguém? — perguntou ela, calmamente.

— Quem?

— Os missionários canadenses — sugeriu ela. — Nós os conhecemos há alguns anos. Lembra? Eles foram muito simpáticos, e Isak disse que enviavam dinheiro regularmente para a igreja. Talvez possam explicar à polícia que os sacerdotes não estavam fazendo nada de errado.

Kyunghee andava em pequenos círculos, e Mozasu balbuciava satisfeito.

— Como eu entraria em contato com eles?

— Por carta?

— Vou escrever para eles em coreano? Quanto tempo levaria para receberem a carta e responderem? Quanto tempo Isak vai

sobreviver na...?

Sunja entrou na sala, desamarrou Mozasu das costas de Kyunghee e o levou para a cozinha para amamentá-lo. O aroma de cevada fumegante encheu a pequena casa.

— Acho que os missionários não falam coreano. Tem como arranjar alguém que o ajude a escrever uma carta em japonês? — perguntou Kyunghee.

Yoseb não disse nada. Ia escrever uma carta para eles de alguma forma, mas não entendia por que a polícia ia se importar com o que um missionário canadense tinha a dizer quando havia uma guerra em curso. Uma carta levaria pelo menos um mês para chegar.

Sunja voltou com Mozasu.

— Eu arrumei algumas coisas para ele. Posso levá-las amanhã de manhã? — perguntou ela.

— Eu levo — disse Yoseb. — Antes de ir para o trabalho.

— Não pode pedir ajuda a seu chefe? Talvez escutem um japonês — sugeriu Kyunghee.

— Shimamura nunca ajudaria alguém que está na cadeia. Ele acha que os cristãos são rebeldes. As pessoas que estavam na liderança do Primeiro de Março eram cristãs. Todos os japoneses sabem disso. Eu nem sequer digo a ele que vou à igreja. Ele não sabe de nada, me mandaria embora se achasse que eu estou envolvido em qualquer tipo de atividade de protesto. E então o que seria de nós? Não há emprego para pessoas como eu.

Ninguém disse mais nada depois disso. Sunja chamou Noa para entrar. Estava na hora do jantar.



2

Todas as manhãs, Sunja caminhava até a delegacia e entregava três *onigiris* de cevada e milho. Quando havia dinheiro no orçamento para um ovo de galinha, ela o cozinhava e o mergulhava, descascado, em shoyu avinagrado para complementar a modesta marmita de Isak. Ninguém sabia ao certo se ele recebia a comida, mas ela não tinha nenhuma prova de que não recebia. Todos na vizinhança conheciam alguém que tinha estado na cadeia, e os relatos variados eram, na melhor das hipóteses, preocupantes e, na pior, aterradores. Yoseb não falava sobre o irmão, mas a prisão dele o mudara consideravelmente. Mechas cinza manchavam seus cabelos antes pretos, e ele sofria de intensas dores de estômago. Parou de escrever para os pais, pois não podia lhes contar sobre Isak, então Kyunghee passou a escrever em seu lugar, dando desculpas. Durante as refeições, Yoseb deixava boa parte de sua comida para Noa, que comia ao lado dele em silêncio. Yoseb e Noa compartilhavam uma tristeza indizível pela ausência de Isak.

Apesar dos inúmeros apelos pessoais, ninguém fora autorizado a vê-lo, mas a família acreditava que ele estava vivo, porque a polícia não lhes dissera o contrário. O pastor mais velho e o sacristão também continuavam presos, e a família esperava que os três se apoiassem de alguma maneira, embora ninguém soubesse em que condições os prisioneiros eram mantidos. Um dia depois da prisão, a polícia foi à casa deles e confiscou os poucos livros e documentos de Isak. As idas e vindas da família eram monitoradas, um detetive os visitava a cada poucas semanas para fazer perguntas. A polícia trancou a igreja, apesar de a congregação continuar se reunindo em segredo em pequenos grupos liderados pelos anciãos. Kyunghee, Sunja e Yoseb nunca se encontravam com os paroquianos, por medo de colocá-los em perigo. Àquela altura, a maioria dos missionários estrangeiros na Coreia e no Japão havia retornado a seus países de origem. Era raro ver uma pessoa branca em Osaka. Yoseb havia escrito aos missionários canadenses sobre Isak, mas não obtivera resposta.

Sob considerável pressão, a autoridade competente da Igreja Presbiteriana havia declarado que a cerimônia obrigatória nos santuários xintoístas era um dever cívico e não religioso, embora o imperador, o chefe da religião estatal, fosse considerado uma divindade viva. O pastor Yoo, um sacerdote fiel e pragmático, acreditava que a cerimônia do santuário, na qual as pessoas da vizinhança eram obrigadas a se reunir e realizar ritos, era na realidade um ritual pagão destinado a fomentar o sentimento nacionalista. Embora reverenciar ídolos fosse ofensivo ao Senhor, o pastor Yoo incentivara Isak, Hu e sua congregação a observar o ritual xintoísta, para o bem da comunidade. Ele não queria que seus paroquianos, muitos deles recém-apresentados à fé, fossem penalizados pela previsível resposta do governo à desobediência: prisão e morte. O pastor Yoo encontrava apoio para suas ideias nas cartas do apóstolo Paulo. Portanto, sempre que se celebrava uma dessas cerimônias no santuário mais próximo, um ritual cuja frequência variava de cidade para cidade, o pastor, Isak e Hu compareciam, junto com quem mais estivesse na igreja no momento. Entretanto, devido a sua visão prejudicada, o pastor mais velho não havia notado que, em todas as cerimônias xintoístas, o sacristão Hu murmurava o Pai-Nosso em uma sucessão ininterrupta, enquanto se curvava, aspergia água e batia palmas como todos os demais. Isak havia notado, é claro, mas não dissera nada. Na verdade, admirava a fé e o gesto de resistência de Hu.

* * *

A prisão de Isak obrigou Sunja a pensar no que seria dela se o impensável acontecesse. Será que Yoseb pediria que ela e os filhos fossem embora? Para onde iria e como chegaria lá? Como sustentaria os filhos? Kyunghee nunca pediria que ela fosse embora, mas isso não importava: ela era apenas a esposa. Sunja tinha que ter um plano e dinheiro para o caso de precisar voltar para a casa da mãe com os filhos.

Então tinha que trabalhar. Ia se tornar vendedora ambulante. Uma coisa era uma mulher, como sua mãe, administrar uma pensão

e trabalhar ao lado do marido para ganhar dinheiro, mas uma jovem ficar de pé em um mercado aberto e vender comida para desconhecidos, gritando até ficar rouca, era completamente diferente. Yoseb tentou proibi-la de trabalhar, mas ela não podia obedecê-lo. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, disse ao cunhado que Isak ia querer que ela ganhasse dinheiro para pagar pelos estudos dos meninos. Diante disso, Yoseb cedeu. No entanto, proibiu Kyunghee de trabalhar fora, e a esposa obedeceu. O marido permitiu que ela preparasse as conservas com Sunja, mas não que as vendesse. Yoseb não pôde protestar muito, porque a família precisava desesperadamente de dinheiro. De certa forma, as duas mulheres tentaram obedecê-lo em sua desobediência; não queriam magoá-lo desafiando-o, mas as demandas financeiras tinham se tornado grandes demais para que um homem se encarregasse delas sozinho.

Seu primeiro dia de vendas foi uma semana depois da prisão de Isak. Após deixar a comida dele na prisão, Sunja se dirigiu para o mercado empurrando um carrinho de madeira com um grande pote de barro cheio de *kimchi*. O mercado aberto de Ikaino era um conjunto de tendas modestas onde eram vendidos artigos para o lar, tecidos, esteiras e aparelhos elétricos, e abrigava uma coleção de vendedores ambulantes como ela que vendiam tortas caseiras de cebolinha, sushi e pasta de soja.

Kyunghee ficou em casa, cuidando de Mozasu. Perto dos vendedores de *gochujang* e *doenjang*, Sunja viu duas jovens coreanas vendendo bolachas de trigo fritas. Empurrou o carrinho na direção delas, na esperança de estacionar entre a banca de biscoitos e a senhora que vendia pasta de soja.

— Não pode vir com essa coisa fedorenta para nossa área — disse a mais velha das duas vendedoras de biscoitos. — Vá para o outro lado.

Ela apontou para a seção de peixes.

Quando Sunja se aproximou das vendedoras de anchovas secas e algas marinhas, as coreanas mais velhas foram ainda menos acolhedoras.

— Se não tirar esse carrinho asqueroso daqui, vou mandar meus filhos mijarem no seu pote. Entendeu, caipira? — ameaçou uma

mulher alta, com um lenço branco na cabeça.

Sunja não conseguiu responder porque estava atônita. Nenhuma das duas estava vendendo *kimchi*, e o *doenjang* tinha um cheiro igualmente pungente.

Ela continuou andando até não ver mais *ajummas* e acabou perto da entrada da estação de trem, onde as galinhas vivas eram vendidas. O mau cheiro intenso de carcaças de animais a dominou. Havia um espaço grande o suficiente para seu carrinho entre o vendedor de carne de porco e as galinhas.

Segurando uma faca enorme, o açougueiro japonês estava cortando um porco do tamanho de uma criança. A seus pés, havia um grande balde cheio de sangue. Na mesa à sua frente, duas cabeças de porco. O açougueiro era um senhor mais velho, com braços musculosos e veias saltadas. Suava profusamente e sorriu ao vê-la.

Sunja estacionou o carrinho no espaço vazio ao lado da barraca dele. Sempre que um trem parava na estação, ela sentia a desaceleração sob as sandálias. Os passageiros desembarcavam e muitos entravam no mercado, mas nenhum parava diante do carrinho dela. Sunja tentou não chorar. Tinha os seios cheios de leite e ansiava por estar em casa com Kyunghee e Mozasu. Secou o rosto com as mangas, tentando se lembrar de como as melhores *ajummas* do mercado de sua cidade faziam.

— *Kimchi!* Delicioso *kimchi*! Experimentem este delicioso *kimchi* e nunca mais o façam em casa! — gritou ela. Os transeuntes se viravam para olhá-la, e Sunja, mortificada, desviava o olhar. Ninguém comprava nada. Depois que terminou com o porco, o açougueiro lavou as mãos e lhe deu vinte e cinco senes, e Sunja encheu um recipiente para ele. Ele não pareceu se importar que ela não falasse japonês. Colocou o recipiente de *kimchi* perto das cabeças de porco, em seguida, virou-se para o fundo da barraca para pegar o almoço. Colocou um pouco de *kimchi* em cima do arroz branco com os pauzinhos e provou um bocado na frente dela.

— *Oishi! Oishi nee! Honto oishi* — disse, sorrindo.

Ela fez uma reverência.

Na hora do almoço, Kyunghee levou Mozasu para que ela o amamentasse, e Sunja lembrou que não tinha opção a não ser

recuperar o que gastara em repolho, rabanete e especiarias. No fim do dia, precisava conseguir mais dinheiro do que havia gastado.

Kyunghee cuidou do carrinho enquanto Sunja amamentava o bebê com o corpo virado para o muro.

— Eu teria medo — disse ela. — Lembra quando disse que queria ser uma *ajumma* do *kimchi*? Acho que não pensei em como seria ficar aqui. Você é muito corajosa.

— Que opção temos? — perguntou Sunja, olhando para seu lindo bebê.

— Quer que eu fique aqui? Posso esperar com você.

— Isso lhe traria problemas — disse Sunja. — Precisa estar em casa quando Noa voltar da escola, e tem que preparar o jantar. Sinto muito por não poder ajudá-la, irmã.

— O que tenho que fazer é fácil — retrucou Kyunghee.

Eram quase duas da tarde e o ar parecia ficar mais fresco conforme o sol ia se afastando.

— Só vou voltar para casa depois de vender o jarro inteiro.

— Está falando sério?

Sunja assentiu. Seu bebê, Mozasu, lembrava Isak. Não se parecia em nada com Noa, que tinha a pele morena e os cabelos grossos e reluzentes. Os olhos brilhantes de Noa reparavam em tudo. Exceto pela boca, Noa era quase idêntico a um jovem Hansu. Na escola, ficava quieto durante as aulas, aguardava sua vez e era muito elogiado por ser um excelente aluno. Tinha sido um bebê tranquilo, e Mozasu também era um bebê feliz, encantado por estar nos braços de qualquer desconhecido. Quando pensava em quanto amava os filhos, lembrava-se de seus pais. Sunja se sentia muito distante dos pais. Naquele exato momento, estava ao lado de uma estação de trem, tentando vender *kimchi*. Não havia vergonha naquele trabalho, mas certamente não era aquilo que os pais desejavam para ela. No entanto, sabia que os pais iam querer que ela ganhasse dinheiro, sobretudo naquelas circunstâncias.

Quando Sunja terminou de amamentar, Kyunghee colocou dois bolinhos cobertos de açúcar e uma garrafa de leite em pó reconstituído no carrinho.

— Você precisa comer, Sunja. Está amamentando, e isso não é fácil, não é? Precisa beber muita água e muito leite.

Kyunghee se virou para que Sunja acomodasse Mozasu na faixa de tecido em suas costas. Kyunghee prendeu o bebê com firmeza junto ao torso.

— Vou para casa, esperar Noa e preparar o jantar. Venha logo, está bem? Somos uma bela equipe.

A cabecinha de Mozasu repousava entre as escápulas estreitas de Kyunghee, e Sunja os observou enquanto eles se afastavam. Quando não podiam mais ouvi-la, gritou:

— *Kimchi!* Delicioso *kimchi*! *Kimchi!* Delicioso *kimchi*! *Oishi desu! Oishi kimchi!*

Aquele som, o som de sua própria voz, parecia familiar, mas não por ser sua voz, e sim porque fazia com que se lembrasse de todas as vezes que fora ao mercado quando menina, primeiro com o pai, depois sozinha, quando já era uma moça, mais tarde como uma jovem apaixonada ansiando pelo olhar do amado. O coro de mulheres gritando sempre a havia acompanhado, e agora tinha se juntado a elas.

— *Kimchi! Kimchi! Kimchi* caseiro! O *kimchi* mais delicioso de Ikaino! Mais gostoso do que o da sua avó! *Oishi desu*, *oishi!* — Ela tentava soar alegre porque, na Coreia, sempre comprava das *ajummas* mais simpáticas. Quando os transeuntes olhavam em sua direção, inclinava a cabeça e sorria. — *Oishi! Oishi!*

O açougueiro olhou para ela e sorriu, orgulhoso.

Naquela tarde, Sunja só voltou para casa depois de ver o fundo do jarro de *kimchi*.

* * *

Sunja conseguia vender todo o *kimchi* que ela e Kyunghee preparavam, e essa capacidade de vender lhe dera uma espécie de força. Se pudessem preparar mais, tinha certeza de que também poderia vender, mas a fermentação levava tempo e nem sempre era possível encontrar os ingredientes certos. Apesar de terem um lucro decente, o preço do repolho poderia subir na semana seguinte, ou pior, talvez não encontrassem nenhum para comprar. Quando não havia repolho no mercado, as mulheres faziam conservas com

rabanetes, pepinos, alho ou cebolinha e, às vezes, Kyunghee fazia conservas de cenoura ou berinjela sem alho ou pasta de pimentão, porque os japoneses preferiam esse tipo de preparação. Sunja pensava em sua terra o tempo todo. A pequena horta que a mãe cultivava nos fundos da casa as mantinha alimentadas mesmo quando os hóspedes da pensão comiam o dobro do que pagavam. O preço dos alimentos frescos não parava de subir, e os trabalhadores não conseguiam pagar pelas coisas mais básicas. Ultimamente, alguns clientes pediam para levar apenas uma xícara de *kimchi*, porque não podiam pagar por um vidro inteiro.

Quando não havia *kimchi* nem as demais conservas, Sunja vendia outras coisas. Assava batata-doce e castanhas, cozinhava espigas de milho. Tinha dois carrinhos, que se encaixavam como os vagões de um trem: um carrinho com um fogareiro a carvão improvisado e outro apenas para as conservas. Os carrinhos ocupavam a maior parte da cozinha, já que precisavam guardá-los dentro de casa por medo de que fossem roubados. Ela dividia os lucros igualmente com Kyunghee e guardava todos os senes que podia para pagar pelos estudos dos meninos e pelas passagens para a Coreia, caso tivessem que voltar para casa.

Quando Mozasu completou cinco meses, Sunja também começou a vender doces no mercado. Os legumes e verduras estavam ficando cada vez mais escassos e, por sorte, Kyunghee tinha conseguido duas sacolas grandes de açúcar mascavo com um comerciante coreano cujo cunhado japonês trabalhava no Exército.

Em seu ponto habitual, junto à banca do vendedor de carne de porco, Sunja atiçou as brasas embaixo da panela de metal que usava para derreter o açúcar. A caixa de aço que funcionava como fogareiro vinha lhe causando problemas. Assim que tivesse algum dinheiro, planejava mandar fazer um fogareiro adequado para o carrinho. Arregaçou as mangas e remexeu as brasas para fazer o ar circular e aumentar o calor.

— *Agasshi*, tem *kimchi* hoje?

Era a voz de um homem, e Sunja olhou para cima. Tinha mais ou menos a idade de Isak e se vestia como seu cunhado: elegante, mas sem chamar muita atenção para si. Estava barbeado e com as

unhas limpas. As lentes de seus óculos eram grossas e a armação pesada desvalorizava seus traços.

— Não, senhor. Hoje não tenho *kimchi*, só caramelo. Mas ainda não está pronto.

— Ah. Quando vai ter *kimchi* de novo?

— É difícil dizer. Não há muito repolho para comprar, e a última leva de *kimchi* que preparamos ainda não está pronta — respondeu Sunja, voltando-se para o carvão.

— Um dia ou dois? Uma semana?

Sunja olhou para cima de novo, surpresa com a insistência.

— O *kimchi* deve estar pronto em três dias. Se o tempo continuar quente, então talvez dois, senhor. Mas não acho que seja tão cedo — disse Sunja categoricamente, esperando que ele a deixasse dar início à preparação do doce. Às vezes, vendia alguns saquinhos para as jovens que saíam do trem mais ou menos àquela hora.

— Quanto *kimchi* terá quando estiver pronto?

— Terei o bastante para vender ao senhor. Sabe quanto quer? A maioria dos meus clientes gosta de trazer os próprios recipientes. De quanto acha que precisa? — Suas clientes eram coreanas que trabalhavam em fábricas e não tinham tempo de preparar o próprio *banchan*. Quando vendia doces, os clientes eram crianças e mulheres jovens. — Volte daqui a três dias. Se trouxer seu próprio recipiente...

O homem riu e ajeitou os óculos.

— Bem, eu estava pensando que talvez você pudesse me vender tudo o que tiver.

— Não pode comer tanto *kimchi*! E como manteria o resto fresco? — retrucou Sunja, balançando a cabeça diante daquela tolice. — Em alguns meses o verão vai chegar e já está fazendo calor.

— Desculpe, eu deveria ter explicado. Meu nome é Kim Changho e sou o gerente do restaurante *yakiniku* que fica perto da estação Tsuruhashi. As notícias sobre seu excelente *kimchi* já chegaram até lá.

Sunja limpou as mãos no avental que usava por cima do colete de algodão acolchoado, ficando de olho nas brasas.

— É minha cunhada quem sabe o que fazer na cozinha. Eu apenas vendo e a ajudo a preparar.

— Sim, sim, também fiquei sabendo disso. Bem, estou procurando uma mulher para fazer todo o *kimchi* e todo o *banchan* do restaurante. Posso arrumar repolho e...

— Onde, senhor? Onde consegue repolho? Procuramos por toda parte. Minha cunhada vai ao mercado de manhã bem cedo e mesmo assim...

— Eu consigo — disse ele, sorrindo.

Sunja não sabia o que dizer. A panela de metal para preparar o caramelo já estava quente e era hora de acrescentar açúcar e água, mas ela não queria começar ainda. Se aquele homem estivesse falando sério, era importante ouvir o que tinha a dizer. Ela ouviu o trem chegar. Já havia perdido a primeira leva de clientes.

— Onde disse que fica seu restaurante?

— É o restaurante grande na rua atrás da estação de trem. Na mesma rua da farmácia, você sabe, a de propriedade do farmacêutico japonês magro, Okada. Ele usa óculos de aros escuros como os meus.

Ele empurrou os óculos para cima do nariz novamente e sorriu como um menino.

— Ah, eu sei onde fica a farmácia.

Era o estabelecimento ao qual todos os coreanos iam quando estavam realmente doentes e dispostos a pagar por um bom remédio. Okada não era um homem simpático, mas era honesto e tinha a reputação de ser capaz de curar diversas doenças.

O jovem homem não parecia estar tentando tirar vantagem dela, mas Sunja não podia ter certeza. Desde que começara, poucos meses antes, a trabalhar como vendedora, havia vendido fiado para vários clientes que não pagaram o que lhe deviam. As pessoas estavam dispostas a mentir sobre as menores coisas e ignorar o interesse alheio.

Kim Changho entregou-lhe um cartão.

— Aqui está o endereço. Pode levar o *kimchi* até lá quando estiver pronto? Leve tudo que tiver. Pagarei em dinheiro e lhe darei mais repolho.

Sunja assentiu, sem dizer nada. Se tivesse apenas um comprador para o *kimchi*, teria mais tempo de preparar outras coisas para vender. A parte mais difícil era conseguir repolho.

Portanto, se aquele homem conseguisse encontrá-lo, o trabalho seria muito mais fácil. Kyunghee vinha vasculhando o mercado com Mozasu nas costas para tentar arranjar os escassos ingredientes e muitas vezes voltava para casa com a cesta de compras praticamente vazia. Sunja prometeu levar para ele tudo que tivesse.

* * *

O restaurante tinha a maior fachada da pequena rua paralela à estação de trem. Diferente dos outros estabelecimentos próximos, o letreiro havia sido lindamente desenhado por um pintor de letreiros profissional. As duas mulheres admiraram as grandes letras pretas entalhadas e pintadas em uma enorme placa de madeira. Elas se perguntaram o que significariam aquelas palavras. Era obviamente um restaurante coreano de *galbi* (dava para sentir o cheiro de carne grelhada a dois quarteirões de distância), mas no letreiro havia intrincados caracteres japoneses que nenhuma das duas sabia ler. Sunja agarrou o guidão dos carrinhos carregados com todo o *kimchi* que elas haviam produzido nas últimas duas semanas e respirou fundo. Se as vendas de *kimchi* para o restaurante fossem constantes, teriam uma renda regular. Ela poderia comprar ovos com mais frequência para as refeições de Isak e Noa e arranjar um tecido de lã grosso para Kyunghee, que queria costurar casacos novos para Yoseb e Noa.

Yoseb vinha passando pouco tempo em casa, queixando-se da visão e do cheiro dos ingredientes do *kimchi* espalhados pela cozinha. Não queria morar em uma fábrica de *kimchi*. Sua insatisfação era a principal razão pela qual as mulheres preferiam vender caramelos, mas o açúcar era muito mais difícil de encontrar do que o repolho e a batata-doce. Embora não se queixasse, Noa era o mais afetado pelo odor de *kimchi*. Como todas as outras crianças coreanas da escola local, ele costumava ser insultado e intimidado, mas, agora que suas roupas limpas cheiravam constantemente a cebola, pimentão, alho e pasta de camarão, o próprio professor havia mandado que Noa se sentasse nos fundos da sala de aula, ao lado do grupo de crianças coreanas cujas mães

criavam porcos dentro de casa. Todos na escola chamavam as crianças que viviam com porcos de *buta*. Noa, cujo *tsumei* era Nobuo, sentava-se junto às crianças *buta* e era chamado de “cocô de alho”.

Em casa, pedia à tia lanches e refeições que não contivessem alho, na esperança de que isso evitasse que as outras crianças o ofendessem. Quando Kyunghee perguntou o motivo, Noa contou a verdade. Embora custassem mais, ela comprava pães de leite na padaria para o café da manhã do sobrinho e preparava *korokke* de batata ou *yakisoba* para ele almoçar na escola.

As outras crianças eram implacáveis, mas Noa não se metia em brigas. Ao contrário, dava mais duro nos estudos e, para surpresa dos professores, era sempre o primeiro ou o segundo na classificação acadêmica de sua turma do segundo ano. Na escola, Noa não tinha amigos e, quando as crianças coreanas brincavam na rua, não se juntava a elas. A única pessoa que esperava ansiosamente para encontrar era o tio, mas nos últimos tempos, quando estava em casa, Yoseb não era o mesmo.

Na rua, Kyunghee e Sunja ficaram paradas em silêncio na frente do restaurante, sem conseguir entrar. A porta estava entreaberta, mas o restaurante não estava aberto ao público. Apesar da empolgação inicial de Kyunghee diante da perspectiva de vender mais *kimchi*, ela havia se mostrado razoavelmente cética em relação à oferta e se recusara a deixar que Sunja fosse sozinha a um lugar desconhecido. Insistiu em ir junto, carregando Mozasu nas costas. Não disseram a Yoseb aonde iam, mas planejavam contar tudo a ele depois daquela primeira reunião.

— Vou ficar aqui fora com o carrinho e esperar — disse Kyunghee, dando tapinhas ritmados em Mozasu com a mão direita. O bebê estava descansando calmamente amarrado a suas costas.

— Não é melhor eu levar o *kimchi* lá para dentro? — perguntou Sunja.

— Por que não pede para ele vir aqui fora?

— Nós duas podemos entrar.

— Vou esperar aqui. Mas, se você não voltar logo, eu entro, está bem?

— Mas como vai empurrar o carrinho e...

— Eu consigo empurrar o carrinho. Mozasu está bem.

O bebê estava com a cabeça sonolenta apoiada nas costas dela, que mantinha um balanço constante.

— Entre, vou esperar. Mas peça a Kim Changho para vir até aqui. Não fique falando com ele lá dentro, está bem?

— Mas eu pensei que conversaríamos com ele juntas.

Sunja olhou para a cunhada, sem saber o que fazer, e então lhe ocorreu que Kyunghee estava com medo de entrar no restaurante. Se não entrasse e o marido perguntasse o que havia acontecido, ela poderia responder sinceramente que ficara do lado de fora o tempo todo.



3

Abril de 1940

Aquele era o segundo restaurante no qual ela entrava na vida. O salão principal era quase cinco vezes maior do que o restaurante de *udon* ao qual fora com Isak em Busan. O cheiro persistente de carne queimada e cigarros velhos da noite anterior irritou sua garganta. Havia duas fileiras de mesas em uma plataforma elevada coberta de tatames. Abaixo da plataforma, havia um espaço para que os clientes guardassem os sapatos. Na cozinha aberta, um jovem de camiseta branca lavava copos de cerveja, dois de cada vez. Com a água correndo e o tilintar dos copos, ele não ouviu quando Sunja entrou no restaurante. Ela observou seu perfil anguloso enquanto continuava concentrado no trabalho, esperando que ele a notasse.

O homem do mercado não havia especificado a hora do dia em que Sunja deveria aparecer com o *kimchi*, e não ocorrera a ela perguntar se deveria ir até lá pela manhã ou à tarde. Kim Changho não estava em nenhum lugar à vista. E se ele não estivesse no restaurante naquele dia, ou fosse trabalhar apenas à tarde ou à noite? Se ela saísse sem falar com ninguém, Kyunghee também não saberia o que fazer. A cunhada se preocupava demais, e Sunja não queria aborrecê-la.

A água da pia parou de correr e o garoto, exausto após o turno da madrugada, alongou o pescoço de um lado para o outro. A presença da mulher jovem o surpreendeu. Ela usava calça japonesa e uma jaqueta acolchoada azul desbotada pelo uso.

— *Agasshi*, não estamos abertos no momento — disse ele em coreano. Ela não era cliente, mas também não parecia uma pedinte.

— Desculpe. Lamento incomodá-lo, mas sabe onde está Kim Changho? Ele me pediu que trouxesse o *kimchi*. Eu não tinha certeza quando...

— Ah! É você! — O rapaz sorriu aliviado. — O chefe está aqui na rua, ele me pediu que o chamasse se você viesse hoje. Por que não se senta e espera? Trouxe o *kimchi*? Os clientes vêm se queixando

das guarnições há semanas. Vai trabalhar aqui então? Ei, quantos anos você tem?

O garoto secou as mãos e abriu a porta de trás da cozinha. A nova garota parecia simpática, ele pensou. A última *ajumma* do *kimchi* era uma senhora desdentada que gritava com ele por qualquer motivo e havia sido demitida por beber demais, mas aquela parecia mais jovem do que ele.

Sunja ficou confusa.

— Espere, Kim Changho não está aqui?

— Sente-se. Eu volto já!

O garoto saiu correndo pela porta.

Sunja olhou em volta e, ao se dar conta de que estava sozinha, saiu.

— O bebê está dormindo — sussurrou Kyunghee.

Ela estava sentada no banquinho que costumava ficar pendurado na lateral do carrinho. O sol brilhava e uma brisa suave soprava os tufos de cabelo de Mozasu e sua testa lisa. Era de manhã bem cedo e quase não havia gente na rua. A farmácia ainda não tinha nem aberto.

— Irmã, o gerente está a caminho. Ainda quer esperar do lado de fora? — perguntou Sunja.

— Eu vou ficar bem aqui. Entre e espere junto à janela para que eu possa vê-la. Mas saia quando ele chegar, está bem?

Dentro do restaurante, Sunja teve receio de se sentar, então ficou em pé perto da porta. Sabia que poderiam ter vendido aquele *kimchi* no mercado. Estava ali porque o homem dissera que poderia conseguir repolho: isso por si só era suficiente para fazê-la ficar e esperar por ele. Sem o repolho, não havia acordo.

— Que prazer vê-la! — exclamou Changho, entrando pela porta da cozinha. — Trouxe o *kimchi*?

— Minha cunhada está lá fora, vigiando o carrinho. Trouxemos muito.

— Espero que possam fazer mais.

— O senhor ainda nem provou — disse ela baixinho, confusa com o entusiasmo dele.

— Isso não me preocupa. Eu fiz meu dever de casa. Ouvi dizer que é o *kimchi* mais delicioso de Osaka — retrucou ele, caminhando

rapidamente até ela. — Vamos lá fora, então.

Kyunghee se curvou ao vê-lo, mas não disse nada.

— Olá, meu nome é Kim Changho — disse ele, um pouco surpreso com a beleza da mulher. Não sabia a idade dela, mas o bebê preso a suas costas não tinha mais de seis meses.

Kyunghee ficou em silêncio. Parecia uma muda nervosa e adorável.

— Esse bebê é seu? — perguntou ele.

Kyunghee negou com a cabeça, olhando para Sunja. Aquilo não era como conversar com os comerciantes japoneses, algo que precisava fazer para comprar mantimentos ou coisas necessárias para a casa. Yoseb dissera a ela em inúmeras ocasiões que dinheiro e negócios eram assuntos de homem e, de repente, ela se sentiu incapaz de dizer qualquer coisa. Antes de chegarem ao restaurante, havia planejado ajudar Sunja nas negociações, mas agora sentia que, se dissesse algo, seria inútil ou atrapalharia.

— Sabe quanto *kimchi* vai querer? Regularmente, quero dizer. Deseja esperar para fazer um pedido depois de experimentar esta leva? — perguntou Sunja.

— Vou ficar com tudo que conseguirem fazer, mas preferiria que preparassem o *kimchi* aqui. Temos geladeiras e um porão bem frio que pode ser bom para essa tarefa.

— Na cozinha? Quer que eu prepare o repolho em conserva lá dentro? — Sunja apontou para a porta do restaurante.

— Sim — respondeu ele com um sorriso. — Vocês podem vir de manhã para preparar o *kimchi* e as guarnições. Tenho cozinheiros que vêm à tarde para cortar a carne e preparar as marinadas, mas não conseguem fazer o *kimchi* e o *banchan*. Esse tipo de preparação requer mais habilidade. Os clientes querem pratos mais caseiros para comer com os picles. Qualquer tolo pode fazer uma marinada e grelhar carne, mas os clientes precisam de uma boa variedade de *banchan* para sentirem que estão jantando como reis, não acha? — Ele percebeu que as duas ainda estavam desconfortáveis diante da ideia de trabalhar na cozinha de um restaurante. — Além disso, não iam querer que eu entregasse caixas e mais caixas de repolho e legumes na sua casa, não é? Seria inconveniente.

— Não podemos trabalhar em um restaurante. É melhor fazermos o *kimchi* em casa e trazermos para cá. Ou talvez eles possam enviar o garoto para buscá-lo se não conseguirmos trazer tudo — sussurrou Kyunghee para Sunja.

— Vocês não estão entendendo. Preciso que produzam muito, muito mais do que vinham produzindo antes. Preciso de *kimchi* e *banchan* para outros dois restaurantes também. Este é o mais central e o que tem a maior cozinha. Posso fornecer todos os ingredientes, é só me dizerem do que precisam. Receberiam um bom salário também.

Kyunghee e Sunja olharam para ele, sem entender o que estava querendo dizer.

— Trinta e cinco ienes por semana. Cada uma de vocês receberia a mesma quantia, de forma que seriam setenta ienes no total.

Sunja abriu a boca, surpresa. Yoseb ganhava quarenta ienes por semana.

— E, de vez em quando, podem levar um pouco de carne para casa — acrescentou Kim, sorrindo. — Faremos todo o possível para que gostem de trabalhar aqui. Talvez possamos até acrescentar alguns grãos. E, se precisarem de coisas para seu uso pessoal, posso cobrar o mesmo valor que pagamos. Podemos combinar melhor mais adiante.

Depois de pagar pelos ingredientes, Sunja e Kyunghee conseguiam algo entre dez e doze ienes por semana com as vendas no mercado. Se ganhassem setenta ienes por semana, não teriam mais que se preocupar com dinheiro. Ninguém em casa havia comido frango ou peixe nos últimos seis meses por causa do preço, comprar carne de boi ou de porco era impossível. Uma vez por semana, compravam ossos para sopa e ocasionalmente faziam a extravagância de comprar ovos para os homens, mas Sunja queria que os meninos, Isak e Yoseb comessem outras coisas além de batatas e cevada. Com esse pagamento, poderiam enviar mais dinheiro para os pais, que deviam estar sofrendo muito mais do que deixavam transparecer.

— E eu poderia ir embora a tempo de estar em casa quando meu filho mais velho, Noa, chegar da escola? — Sunja deixou escapar.

— Sim, claro — respondeu Kim, como se já tivesse pensado nisso. — Podem ir embora quando tiverem terminado seu trabalho. Suponho que consigam terminar antes mesmo da hora do almoço.

— E o meu bebê? — Sunja apontou para Mozasu, que dormia nas costas de Kyunghee. — Posso trazê-lo? Ele pode ficar na cozinha conosco.

Sunja era incapaz de imaginar deixá-lo com uma das sobrecarregadas senhoras da vizinhança que cuidavam dos filhos das mulheres que trabalhavam fora. Quando não havia ninguém para cuidar deles em casa, ou se não podiam pagar as senhoras, algumas mulheres do mercado amarravam os filhos pequenos às suas carroças. As crianças, com as cordas amarradas no torso, pareciam felizes em perambular por ali ou ficar sentadas junto às mães enquanto brincavam com seus brinquedos baratos.

— O bebê não dá nenhum trabalho — disse Sunja.

— Por que não? Contanto que o trabalho seja feito, não me importo. Não vai haver clientes aqui no horário em que estiverem trabalhando, então ele não vai atrapalhar — disse ele. — Se precisar ficar até mais tarde e seu filho mais velho quiser vir para cá depois da escola, também não há problema. Os clientes só chegam na hora do jantar.

Sunja assentiu. Não precisaria passar outro inverno frio em pé na rua, atendendo os clientes, o tempo todo preocupada com Noa e Mozasu.

Ao perceber que Kyunghee parecia mais nervosa do que satisfeita com aquela oferta de emprego que mudaria tudo, Sunja disse:

— Temos que perguntar a ele. Pedir permissão...

* * *

Depois que terminou de recolher a louça do jantar, Kyunghee levou para o marido uma xícara de chá de cevada e o cinzeiro, para que ele pudesse fumar. Sentado de pernas cruzadas perto do tio, Noa brincava com o pião de cores vibrantes que Yoseb havia comprado para ele, hipnotizado com a rapidez com que o objeto rodopiava. O

brinquedo de madeira emitia um agradável zumbido contra o chão. Sunja, que segurava Mozasu nos braços, observava Noa brincando e se perguntava como estaria Isak. Desde a prisão dele, ela quase não falava em casa por medo de aborrecer o cunhado, cujo temperamento havia mudado muito. Quando se irritava, ele saía; às vezes, voltava apenas tarde da noite. As mulheres sabiam que Yoseb seria contra a ideia de elas trabalharem no restaurante.

Depois que ele acendeu o cigarro, Kyunghee falou sobre a proposta. Precisavam do trabalho, disse ela, usando a palavra "trabalho" em vez de "dinheiro".

— Perdeu o juízo? Primeiro, prepara comida para vender embaixo de uma ponte perto de uma estação de trem e agora vocês duas querem trabalhar em um restaurante onde os homens bebem e jogam? Sabe que tipo de mulher frequenta esses lugares? O que vai ser em seguida, servir bebidas para...?

O cigarro não fumado de Yoseb se agitava entre seus dedos trêmulos. Ele não era um homem violento, mas já estava no limite.

— Você entrou no restaurante? — perguntou ele, sem acreditar que estavam tendo aquela conversa.

— Não — respondeu Kyunghee. — Fiquei do lado de fora com o bebê, mas era um lugar grande e limpo. Eu vi pela janela. Fui até lá com Sunja para o caso de o lugar não ser aceitável, para que ela não fosse sozinha. O gerente, Kim Changho, é um homem educado, você deveria conhecê-lo. Não vamos trabalhar lá se não nos der permissão. *Yobo*...

Kyunghee podia ver como ele estava aborrecido e se sentia péssima por isso. Não havia ninguém no mundo que ela respeitasse mais do que Yoseb. As mulheres sempre se queixavam dos maridos, mas ela não tinha nada de desabonador a dizer sobre ele, Yoseb era uma pessoa honesta que cumpria sua palavra. Ele trabalhava duro e era um homem honrado. Fazia todo o possível para cuidar deles.

Yoseb apagou o cigarro. Noa parou de girar o pião, assustado.

— Quem sabe, se o conhecesse...

Kyunghee sabia que precisavam aceitar aquele trabalho, mas também sabia que o marido ia se sentir humilhado. Desde que se casaram, ele não havia negado nada a ela, a não ser a possibilidade

de trabalhar para ganhar dinheiro. Yoseb acreditava que um homem devia ser capaz de manter sua família sozinho e que a mulher devia permanecer em casa.

— Em vez de nos entregar o pagamento, ele poderia pagar a você. Nós poderíamos guardar dinheiro para os filhos de Isak e enviar mais para seus pais. Poderíamos comprar uma comida melhor para Isak e mandar roupas para ele. Não sabemos quando ele vai... — Kyunghee se deteve.

Noa tinha se aproximado do tio, como se quisesse protegê-lo. Acariciava a perna dele da mesma maneira que o tio acariciava suas costas quando ele caía ou ficava desanimado com algo na escola.

Embora sua cabeça estivesse cheia de argumentos, Yoseb não conseguia falar. Trabalhava em dois empregos de período integral, supervisionando duas fábricas para Shimamura, que lhe pagava metade do salário de um capataz japonês. Ultimamente, consertava prensas de metal para um dono de fábrica coreano depois do expediente, mas não podia contar com isso como uma renda estável. Não havia mencionado esse trabalho recente para a esposa, porque preferia que ela pensasse nele como capataz de fábrica, em vez de mecânico. Antes de chegar em casa, esfregava as mãos impiedosamente com uma escova e usava soda cáustica diluída para remover as manchas de óleo debaixo das unhas. No entanto, por mais que trabalhasse, nunca havia dinheiro suficiente: as notas e moedas desapareciam como se seus bolsos estivessem cheios de buracos.

O Japão estava enfrentando problemas; o governo sabia disso, mas nunca admitiria a derrota. A guerra na China continuava sem trégua. Os filhos de seu chefe tinham ido lutar pelo Japão. O mais velho, enviado para a Manchúria, perdera uma perna no ano anterior, morrendo em seguida de gangrena, e o mais novo fora enviado a Nanjing para ocupar seu lugar. Shimamura havia mencionado, por alto, que o Japão estava na China para estabilizar a região e promover a paz, mas a maneira como disse isso deu a Yoseb a impressão de que nem mesmo ele acreditava em uma palavra do que tinha acabado de dizer. Os japoneses estavam

afundados até o pescoço na guerra na Ásia e circulavam rumores de que logo se aliariam à Alemanha na guerra na Europa.

Alguma dessas coisas importava para Yoseb? Ele assentia nos momentos certos e grunhia afirmativamente enquanto o chefe japonês falava sobre a guerra, porque supunha que tinha que concordar quando ele contava suas histórias. No entanto, todos os coreanos que conhecia consideravam absurda a guerra que o Japão tinha deflagrado na Ásia. A China não era a Coreia; a China não era Taiwan; a China podia perder um milhão de habitantes e seguir em frente. Algumas regiões podiam cair, mas era uma nação incomensuravelmente vasta, capaz de resistir apenas pela determinação e pelos números. Os coreanos queriam que o Japão ganhasse a guerra? Claro que não, mas o que aconteceria com eles se os inimigos do Japão vencessem? Será que os coreanos conseguiriam se salvar? Não parecia provável. Então salve sua própria pele: era nisso que os coreanos acreditavam intimamente. Salve sua família. Encha sua barriga. Fique atento e seja cético em relação às pessoas que estão no comando. Se os nacionalistas coreanos não conseguirem recuperar seu país, deixe que seus filhos aprendam japonês e tente seguir adiante. Adapte-se. Não era simples assim? Para cada patriota lutando por uma Coreia livre, ou para cada coreano desgraçado lutando em nome do Japão, havia dez mil compatriotas no país e em outros lugares que estavam apenas tentando colocar um prato de comida na mesa. No fim das contas, o estômago era seu imperador.

Yoseb passava todos os minutos do dia preocupado com dinheiro. Se morresse de repente, o que aconteceria? Que tipo de homem deixaria a esposa trabalhar em um restaurante? Ele conhecia aquele lugar de *galbi*... Quem não conhecia? Havia três deles, e o principal ficava perto da estação de trem. Os mafiosos jantavam lá tarde da noite. Os proprietários cobravam preços altos para afugentar as pessoas comuns e os japoneses. Quando precisou pegar dinheiro emprestado para pagar as passagens de Isak e Sunja, Yoseb foi até lá. O que era pior: que sua esposa trabalhasse para agiotas ou que ele lhes devesse dinheiro? Para um coreano, as opções eram sempre péssimas.



4

Maio de 1942

Noa Baek não era como as outras crianças de oito anos da vizinhança. Todas as manhãs, antes de ir para a escola, esfregava o rosto até as bochechas ficarem rosadas, passava três gotas de óleo nos cabelos pretos e os penteava para trás como a mãe o ensinara a fazer. Depois de um café da manhã que consistia em mingau de cevada e sopa de missô, lavava a boca e checava os dentes brancos no pequeno espelho redondo ao lado da pia. Por mais cansada que estivesse, sua mãe sempre se certificava de passar as camisas dele na noite anterior. Com as roupas limpas e passadas, Noa parecia uma criança japonesa de classe média que morava em uma parte mais rica da cidade, sem nenhuma semelhança com as crianças sujas do gueto do lado de fora da porta de sua casa.

Na escola, Noa era bom em matemática e línguas e surpreendia o professor de educação física com sua coordenação e velocidade. Quando as aulas terminavam, arrumava as estantes e varria o chão da sala de aula sem que ninguém lhe pedisse e ia para casa a pé sozinho, tentando não atrair nenhuma atenção. O garoto conseguia aparentar não ter medo dos valentões ao mesmo tempo que mantinha distância deles, um perímetro de privacidade tranquila que não podia ser perturbado. Ao chegar em casa, ia imediatamente fazer as tarefas escolares, sem se demorar na rua com as crianças da vizinhança que brincavam até a hora do jantar.

Quando a mãe e a tia transferiram o negócio de produção de *kimchi* para o restaurante, a casa deixou de cheirar constantemente a repolho fermentando e conservas. Noa teve esperança de que deixassem de chamá-lo de “cocô de alho”. Na verdade, ultimamente, a casa deles cheirava menos a comida do que qualquer outra da vizinhança, porque a mãe e a tia traziam comida pronta do restaurante para as refeições da família. Uma vez por semana, Noa comia carne grelhada e arroz branco.

Como todas as crianças, Noa tinha segredos, mas os seus não eram segredos comuns. Na escola, preferia usar o nome japonês, Nobuo Boku, em vez de Noa Baek, embora todos em sua turma soubessem que ele era coreano por causa do sobrenome adaptado para o japonês. Quando conhecia alguém que não sabia disso, ocultava esse detalhe. Falava e escrevia em japonês melhor do que a maioria das crianças nativas. Em sala de aula, temia a menção da península onde seus pais haviam nascido e olhava para o caderno quando o professor fazia alguma alusão à colônia da Coreia. O outro segredo de Noa era seu pai, um pastor protestante que estava preso havia mais de dois anos.

O garoto tentava se lembrar do rosto de Isak, mas não conseguia. Quando tinha de falar da família durante as aulas, Noa dizia que o pai trabalhava como capataz de uma fábrica de biscoitos e, se alguma das crianças concluía que o tio Yoseb era seu pai, ele não a corrigia. O grande segredo que escondia da mãe, da tia e até do tio tão amado era que não acreditava mais em Deus. Deus havia permitido que seu gentil e bondoso pai fosse preso, mesmo sem ter feito nada de errado. Durante dois anos, Deus não havia atendido suas preces, embora seu pai tivesse garantido que Ele ouvia com muita atenção as preces das crianças. Mas, acima de todos os outros segredos sobre os quais não podia falar, Noa desejava ser japonês. Seu sonho era deixar Ikaino e nunca mais voltar.

* * *

Em uma tarde no fim da primavera, ao voltar da escola, Noa encontrou o lanche deixado pela mãe antes de ir trabalhar esperando por ele na mesa baixa onde a família fazia as refeições e ele fazia a lição de casa. Com sede, foi à cozinha pegar um pouco de água e, ao voltar para a sala, deu um grito. Perto da porta, havia um homem magro e imundo desabado no chão.

Incapaz de se levantar, o homem apoiou o peso do torso no cotovelo esquerdo e tentou se sentar, mas não conseguiu.

Deveria gritar de novo?, perguntou-se Noa. Quem o ajudaria? A mãe e os tios estavam no trabalho e ninguém o ouvira da primeira

vez. O mendigo não parecia perigoso. Parecia doente e sujo, mas também poderia ser um ladrão. O tio alertara Noa sobre gatunos e ladrões que invadiam as casas à procura de comida ou objetos de valor. Ele tinha cinquenta senes no bolso da calça, estava economizando para comprar um livro ilustrado sobre tiro com arco.

O homem começou a chorar, e Noa sentiu pena dele. Havia muitas pessoas pobres em sua rua, mas ninguém tinha um aspecto tão ruim quanto o daquele homem. O rosto do mendigo estava coberto de feridas e crostas pretas. Noa enfiou a mão no bolso e tirou a moeda. Com medo de que o homem agarrasse sua perna, aproximou-se apenas o suficiente para colocar a moeda no chão perto da mão dele. Planejava voltar para a cozinha e sair correndo pela porta dos fundos para chamar ajuda, mas o choro do homem o deteve.

O garoto olhou atentamente para o rosto dele, coberto por uma barba grisalha. Suas roupas estavam rasgadas e sujas, mas lembravam os ternos escuros que o diretor de sua escola usava.

— Sou seu *appa* — disse o homem.

Noa ofegou e balançou a cabeça, incrédulo.

— Onde está sua mãe, filho?

Era a voz dele. Noa deu um passo à frente.

— *Umma* está no restaurante — respondeu ele.

— Onde?

Isak estava confuso.

— Eu vou até lá. Vou chamar a *umma*. Está bem?

O garoto não sabia ao certo o que fazer. Ainda estava um pouco amedrontado, embora aquele homem com certeza fosse seu pai. Os olhos gentis sob as maçãs do rosto salientes e a pele escamosa eram os mesmos. Talvez o pai estivesse com fome. Os ossos do ombro e dos cotovelos pareciam galhos de árvores sob as roupas.

— Quer comer alguma coisa, *appa*?

Noa apontou para o lanche que a mãe havia deixado para ele: dois bolinhos de cevada e milho.

Isak negou com a cabeça, sorrindo diante da preocupação do garoto.

— *Aga*, pode me trazer um pouco de água?

Quando Noa voltou da cozinha com o copo de água fria, encontrou o pai caído no chão, de olhos fechados.

— *Appa! Appa!* Acorde! Eu trouxe água! Beba água, *appa* — gritou ele.

Os olhos de Isak se abriram, ele sorriu ao ver o garoto.

— *Appa* está cansado, Noa. *Appa* vai dormir.

— *Appa*, beba sua água.

O garoto estendeu o copo.

Isak levantou a cabeça e tomou um longo gole, em seguida fechou os olhos novamente.

Noa se inclinou para mais perto da boca do pai, para verificar sua respiração. Foi buscar o próprio travesseiro e o colocou embaixo da espessa cabeleira cinzenta de Isak. Cobriu-o com a colcha grossa e fechou a porta da frente sem fazer barulho. Em seguida, correu para o restaurante o mais rápido que pôde.

* * *

Entrou apressado no salão, mas ninguém reparou nele. Nenhum dos homens que trabalhavam lá se incomodava com a presença do garoto educado que nunca dizia muito além de sim e não. A criança mais nova, Mozasu, estava dormindo no depósito; quando acordado, o menino de dois anos não parava quieto, mas adormecido parecia a estátua de um anjo. O gerente, Kim, nunca reclamava dos filhos de Sunja. Comprava brinquedos e histórias em quadrinhos para eles e de vez em quando tomava conta de Mozasu enquanto trabalhava no escritório.

— *Uh-muh*. — Kyunghee ergueu a cabeça, alarmada ao ver Noa, ofegante e pálido, na cozinha. — Você está suando. Está se sentindo bem? Vamos terminar logo. Está com fome?

Ela estava agachada e se levantou para preparar algo para ele comer, achando que Noa tinha ido até lá porque estava se sentindo sozinho.

— *Appa* voltou para casa. Ele parece doente. Está dormindo no chão da sala.

Sunja, que tinha ficado em silêncio, esperando Noa falar, secou as mãos úmidas no avental.

— Posso ir? Podemos ir agora?

Nunca antes havia saído cedo do trabalho.

— Eu fico aqui e termino. Vá. Depressa. Eu vou assim que terminar — respondeu Kyunghee.

Sunja pegou a mão de Noa.

* * *

Quando estavam no meio da rua, Sunja gritou:

— Mozasu!

Noa olhou para ela.

— *Umma*, a tia vai levá-lo para casa — disse ele calmamente.

Ela apertou a mão dele com mais força e caminhou rapidamente em direção à casa.

— Você sempre me tranquiliza, Noa. Você sempre me tranquiliza.

Quando não havia outras pessoas por perto, ela podia ser carinhosa com o filho. Ela sabia que os pais não deviam elogiar os filhos, fazer isso era um convite ao desastre. Mas o pai sempre a elogiava quando ela fazia algo bem, tinha o hábito de tocar-lhe a coroa da cabeça ou dar uma palmadinha em suas costas, mesmo quando ela não fazia nada de especial. Qualquer outro pai teria sido repreendido pelos vizinhos por mimar a filha, mas ninguém se atrevia a dizer nada àquele pai aleijado, que ficava admirado com as feições simétricas e os membros normais da filha. Tinha prazer em vê-la andar, falar e fazer somas simples de cabeça. Agora que ele se fora, Sunja guardava as palavras gentis e carinhosas do pai como pedras preciosas. Ninguém deveria esperar elogios, muito menos uma mulher, mas, quando criança, ela era adorada. Era a menina dos olhos do pai. Queria que Noa soubesse como era se sentir assim e agradecia a Deus com todo o seu ser por tê-la abençoado com os filhos. Quando parecia impossível viver mais um dia que fosse na casa do irmão de seu marido, quando parecia impensável trabalhar durante o dia inteiro e acordar antes de o sol nascer para ir à prisão entregar a comida do marido, Sunja pensava

no pai, que nunca lhe dissera uma palavra atravessada. Ele havia ensinado a ela que os filhos eram uma alegria, que os filhos dela eram sua alegria.

— O *appa* parecia muito doente? — perguntou Sunja.

— Eu não sabia que era ele. *Appa* costumava andar tão limpo e bem-vestido, *nee*?

Sunja fez que sim com a cabeça, tendo se convencido tempos atrás de que devia esperar pelo pior. Os anciãos da igreja a haviam alertado de que os prisioneiros coreanos costumavam ser mandados para casa quando estavam à beira da morte, para que não morressem na prisão. Os prisioneiros eram espancados, passavam fome e eram obrigados a ficar sem roupa para enfraquecerem. Naquela manhã, Sunja tinha ido à prisão para levar a refeição dele e as camisetas limpas da semana. O cunhado tinha razão: o marido não devia ter recebido nada do que levavam para ele. Enquanto ela e Noa andavam pela rua movimentada, alheios à multidão, ocorreu-lhe que nunca havia pensado em preparar o filho para o retorno de Isak. Na verdade, ficara tão preocupada em se preparar para a morte dele, trabalhando e economizando dinheiro, que não havia pensado no que o garoto ia sentir diante do retorno do pai, ou pior, de sua morte. Sentia muito por não ter conseguido prepará-lo. Devia ter sido um choque terrível para Noa vê-lo daquela forma.

— Comeu seu lanche? — perguntou ela, sem saber o que mais dizer.

— Deixei para o *appa*.

Passaram por um pequeno grupo de estudantes uniformizados que saíam de uma confeitaria, comendo doces alegremente. Noa olhou para baixo, mas não soltou a mão da mãe. Conhecia os garotos, mas nenhum deles era seu amigo.

— Tem dever de casa?

— Sim, vou fazer quando chegar em casa, *umma*.

— Você nunca me dá trabalho — disse ela, sentindo os cinco dedos perfeitos dele entre os seus, e ficou grata por sua solidez.

* * *

Sunja abriu a porta devagar. Isak estava no chão, dormindo. Ela se ajoelhou junto à cabeça dele. A pele escura e manchada se estendia sobre as órbitas oculares e as maçãs do rosto saltadas. Os cabelos e a barba estavam praticamente brancos, ele parecia anos mais velho do que o irmão, Yoseb. Não era mais o jovem bonito que a salvara da desgraça. Sunja tirou os sapatos e as meias esburacadas dele. Crostas de sangue seco cobriam as solas do pé rachadas e em carne viva. O dedo mindinho do pé esquerdo tinha ficado preto.

— *Umma* — chamou Noa.

— Sim? — disse ela, voltando-se para o menino.

— Quer que eu vá chamar o tio?

— Quero — respondeu Sunja, tentando não chorar. — Pode ser que Shimamura não o deixe sair mais cedo, Noa. Se o tio não puder sair, diga a ele que estou com seu pai. Não queremos que ele tenha problemas no trabalho. Entendeu?

Noa saiu correndo da casa, sem se dar ao trabalho de fechar completamente a porta, e a brisa que entrou despertou Isak, que abriu os olhos e viu a esposa sentada a seu lado.

— *Yobo* — disse ele.

Sunja assentiu.

— Você está em casa. Estamos muito felizes por ter você de volta.

Ele sorriu. Os dentes antes brancos e retos agora estavam pretos ou ausentes, a arcada inferior completamente destruída.

— Você sofreu muito.

— O sacristão e o pastor morreram ontem. Eu deveria ter morrido há muito tempo.

Sunja balançou a cabeça, incapaz de falar.

— Estou em casa. Imaginei esse momento todos os dias, todos os minutos. Talvez seja por isso que estou aqui. Como deve ter sido difícil para você — disse ele, olhando para ela afetuosamente.

Sunja balançou a cabeça, secando o rosto com a manga da blusa.

* * *

As mulheres coreanas e chinesas que trabalhavam na fábrica sorriram ao ver Noa. Ele foi recebido pelo delicioso aroma de biscoitos de trigo recém-assados. Uma garota que empacotava biscoitos perto da porta sussurrou em coreano quão alto ele estava e apontou para as costas do tio dele. Yoseb estava agachado sobre o motor da máquina de biscoitos. O galpão da fábrica era longo e estreito, projetado como um túnel amplo para facilitar a supervisão dos trabalhadores. O proprietário havia instalado a imponente máquina de biscoitos junto ao seu escritório, com as esteiras se movendo na direção das operárias, que ficavam em filas paralelas. Yoseb usava óculos de proteção e estava mexendo no painel de controle com um alicate. Ele era o capataz e o mecânico da fábrica.

O barulho do maquinário pesado abafava as vozes. As moças não deveriam conversar dentro da fábrica, mas era quase impossível flagrá-las quando sussurravam e usavam expressões faciais mínimas. Quarenta moças solteiras, contratadas por seus dedos ágeis e seu asseio geral, embalavam vinte biscoitos finos de trigo em caixas de madeira que seriam enviadas a oficiais do Exército servindo na China. A cada dois biscoitos quebrados, era descontado um sen do salário das moças, o que as obrigava a trabalhar com cuidado, além de rapidez. A operária que comesse uma lasca quebrada que fosse de um biscoito era mandada embora na mesma hora. No fim do dia, a operária mais jovem juntava os biscoitos quebrados em uma cesta forrada com tecido, embalava-os em pequenos sacos e ia para o mercado vendê-los com desconto. Quando não eram vendidos, Shimamura cedia os biscoitos por um valor mínimo às moças que embalassem mais caixas sem cometer erros. Yoseb nunca levava biscoitos quebrados para casa, porque as moças ganhavam tão pouco que até aquelas migalhas significavam muito para elas.

Shimamura, o dono da fábrica, estava sentado em seu escritório envidraçado, do tamanho de um armário de suprimentos. As vidraças permitiam que ele supervisionasse o trabalho das moças. Quando via algo inadequado, chamava Yoseb e lhe dizia para dar um primeiro aviso à moça em questão. Na segunda advertência, ela era mandada para casa sem remuneração, mesmo que tivesse trabalhado seis dias. Shimamura mantinha um livro de capa azul no

qual listava as advertências ao lado dos nomes das moças, escritos com sua linda caligrafia. O capataz, Yoseb, não gostava de punir as garotas, e Shimamura encarava isso como mais um exemplo da fraqueza coreana. O dono da fábrica acreditava que, se todos os países asiáticos fossem administrados com a eficiência, a atenção aos detalhes e o alto nível de organização dos japoneses, a Ásia como um todo prosperaria e cresceria, tornando-se capaz até mesmo de derrotar o imoral Ocidente. Shimamura se considerava uma pessoa justa, com um coração mole demais, o que explicava por que contratava estrangeiros quando muitos de seus amigos não o faziam. Quando apontavam a natureza desleixada dos estrangeiros, Shimamura argumentava que eles nunca iam aprender se os japoneses não os ensinassem a repudiar a incompetência e a preguiça. Ele acreditava que era preciso manter alguns padrões pelo bem da posteridade.

Noa havia entrado na fábrica apenas uma vez, e Shimamura não ficara nada satisfeito. Cerca de um ano antes, Kyunghee tivera febre alta e desmaiara no mercado, e Noa fora enviado para chamar Yoseb. Shimamura permitira, com relutância, que Yoseb fosse cuidar da esposa. Na manhã seguinte, explicou ao capataz que aquele incidente nunca mais ia se repetir. Como ele poderia administrar duas fábricas movidas a máquinas sem a presença de um mecânico competente?, questionou Shimamura. Se a esposa de Yoseb ficasse doente de novo, teria que recorrer a um vizinho ou membro da família, ele não podia simplesmente deixar a fábrica no meio do expediente. Os biscoitos eram pedidos de guerra que precisavam ser atendidos prontamente. Homens estavam arriscando a vida lutando por seu país, todas as famílias deviam fazer sacrifícios.

De modo que, quando avistou o garoto de novo, apenas um ano depois daquela conversa desconfortável que não desejara ter, Shimamura ficou furioso. Abriu o jornal, fingindo não ver o garoto, que dava tapinhas nas costas do tio.

Yoseb se virou, sobressaltado com o toque leve de Noa.

— *Uh-muh*, Noa, o que está fazendo aqui?

— *Appa* voltou para casa.

— Está falando sério?

— Pode vir para casa agora? — perguntou Noa. Sua boca formou um pequeno “o” vermelho.

Yoseb tirou os óculos e suspirou.

Noa fechou a boca e baixou o olhar. O tio teria que pedir permissão, do mesmo modo que a mãe tivera que pedir a tia Kyunghee ou ao sr. Kim e do mesmo modo que ele tinha de pedir ao professor quando queria ir ao banheiro. Às vezes, quando o dia estava ensolarado, Noa sonhava em ir até a baía de Osaka sem dizer nada a ninguém. Tinha estado lá uma vez com o pai, em uma tarde de sábado, quando era muito pequeno, e sempre pensava em como seria bom voltar.

— Ele está bem?

Yoseb estudou a expressão de Noa.

— O cabelo do *appa* ficou cinza. Ele está muito sujo. *Umma* está com ele. Ela disse que tudo bem se não puder vir para casa, mas ela queria que você soubesse. Soubesse que o *appa* está em casa agora.

— Sim, está certo. Fico feliz em saber.

Yoseb olhou para Shimamura, que estava segurando o jornal, fingindo ler, mas sem dúvida o observava atentamente. O chefe nunca permitiria que ele fosse para casa àquela hora. Além disso, diferentemente do dia em que Kyunghee desmaiou, Shimamura sabia que Isak estava na prisão porque o sacristão havia se recusado a observar a cerimônia xintoísta. Periodicamente, a polícia ia à fábrica interrogar Yoseb e falar com Shimamura, que o defendia e assegurava que ele era um coreano exemplar. Se fosse para casa, perderia o emprego e, se a polícia o levasse para ser interrogado, perderia também a referência de caráter.

— Ouça, Noa, terminarei meu trabalho em menos de três horas e então irei correndo para casa. Seria irresponsabilidade da minha parte sair agora. Assim que terminar meu trabalho, voltarei para casa mais rápido do que você pode correr. Diga à sua *umma* que eu irei imediatamente. E, se o seu *appa* perguntar, diga que o irmão dele chegará logo.

Noa assentiu, sem entender por que o tio estava chorando.

— Tenho que terminar meu trabalho, Noa, então corra para casa. Entendeu?

Yoseb recolocou os óculos de segurança e se virou.

Noa se dirigiu rapidamente para a entrada. O aroma doce dos biscoitos flutuou porta afora. O garoto nunca tinha provado um daqueles biscoitos, nunca havia pedido um.



5

Noa entrou em casa com a cabeça e o coração latejando por causa da longa corrida esbaforida. Após engolir grandes lufadas de ar, o menino disse à mãe:

— O tio não pode sair do trabalho agora.

Sunja assentiu, pois já esperava por isso. Ela estava limpando Isak com uma toalha molhada.

Os olhos dele estavam fechados, mas seu peito subia e descia discretamente, movimento pontuado vez ou outra por uma dolorosa crise de tosse. Um cobertor leve cobria suas longas pernas. Cicatrizes volumosas atravessavam na diagonal os ombros e o torso descolorido de Isak, formando interseções aleatórias em forma de diamante. Toda vez que Isak tossia, seu pescoço ficava vermelho.

Noa se aproximou do pai em silêncio.

— Não, não. Afaste-se — disse Sunja com severidade. — *Appa* está muito doente. Ele está com um resfriado forte.

Ela puxou o cobertor até os ombros de Isak, embora ainda não estivesse nem perto de terminar de limpá-lo. Apesar do sabão e de ter trocado várias vezes a água da bacia, seu corpo exalava um odor azedo e os cabelos e a barba estavam repletos de piolhos.

Isak tinha permanecido desperto por alguns instantes, depois que as violentas crises de tosse o acordavam, mas naquele momento, ao abrir os olhos, não disse nada e olhou para ela sem parecer reconhecê-la.

Sunja mudou a compressa sobre a testa febril de Isak. O hospital mais próximo ficava a uma longa viagem de bonde e, mesmo que conseguisse deslocá-lo sozinha, poderiam passar a noite inteira lá sem a garantia de que ele seria examinado por um médico. Se conseguisse colocá-lo no carrinho de *kimchi* e levá-lo até a parada do bonde, possivelmente conseguiria entrar com ele no vagão, mas o que faria com o carrinho? Não passaria pela porta do bonde. Noa talvez conseguisse empurrá-lo de volta para casa, mas então como ela levaria Isak da parada até o hospital? E se o condutor não os deixasse embarcar? Mais de uma vez, ela havia testemunhado o

condutor pedindo que um homem ou mulher doentes saltassem do bonde.

Noa se sentou junto às pernas do pai para ficar longe da tosse. Tinha vontade de acariciar o joelho saliente dele, de tocá-lo, para ter certeza de que era real. O garoto tirou o caderno da pasta para fazer a lição de casa, sem deixar de vigiar a respiração de Isak.

— Noa, calce os sapatos. Vá à farmácia e peça ao farmacêutico Kong para vir até aqui. Diga a ele que é importante, que *umma* vai pagar o dobro.

Sunja havia decidido que, se o farmacêutico coreano não aparecesse, pediria a Kyunghee que suplicasse ao farmacêutico japonês para ir até a casa deles, embora fosse improvável que fizesse isso.

O garoto se levantou e saiu sem um murmúrio. Sunja ouviu seus passos rápidos e constantes pela rua.

Ela torceu a toalha de mão que estava usando para limpar Isak sobre a bacia de latão. Vergões frescos de espancamentos recentes e várias cicatrizes mais antigas cobriam suas costas largas e ossudas. Sunja sentia-se nauseada enquanto lavava o corpo escuro e machucado dele. Não havia ninguém tão bom quanto Isak. Ele tinha tentado entendê-la, respeitar seus sentimentos. Nem uma única vez mencionara sua desonra e a havia consolado pacientemente quando ela perdeu bebês entre Noa e Mozasu. Finalmente, quando deu à luz o filho deles, ele ficou exultante, enquanto ela ficou preocupada demais, pensando em como sobreviveriam com tão pouco dinheiro, para desfrutar da felicidade dele. Agora que Isak tinha voltado para casa, à beira da morte, que importância tinha o dinheiro? Ela deveria ter feito mais por ele, deveria ter tentado conhecê-lo da mesma maneira que ele tentara conhecê-la, mas agora era tarde demais. Mesmo com o corpo ferido e extenuado, sua beleza era notável. Ele era o oposto dela: Sunja era roliça e baixa, Isak era esbelto e tinha pernas longas... Até os pés machucados tinham um belo contorno. Ao passo que os olhos dela eram pequenos e ansiosos, os dele eram grandes e compreensivos. A água da bacia estava cinza, e Sunja se levantou para trocá-la de novo.

Isak despertou. Viu que Sunja vestia calças de camponesa e se afastava dele. Chamou-a:

— *Yobo*.

Mas ela não se virou. Isak não conseguiu falar mais alto. Era como se sua voz estivesse morrendo enquanto sua mente ainda permanecia viva.

— *Yobo* — murmurou, estendendo o braço, mas ela já estava quase na cozinha. Ele estava na casa de Yoseb, em Osaka. Isso tinha que ser a realidade, porque ele estava despertando de um sonho em que era menino. No sonho, Isak estava sentado em um galho baixo do castanheiro no jardim de sua infância, o aroma das flores ainda perdurava em suas narinas. Era como muitos dos sonhos que tivera na prisão, nos quais, enquanto sonhava, tinha consciência de que o sonho não era real. Na vida real, nunca tinha subido em uma árvore. Quando era mais novo, o jardineiro da família o ajudava a sentar-se embaixo daquela mesma árvore para que respirasse um pouco de ar puro, mas ele nunca fora forte o suficiente para escalá-la como Yoseb fazia. O jardineiro costumava dizer que Yoseb era um macaco. No sonho, Isak se agarrava aos galhos grossos com força, incapaz de se desvencilhar do abraço da folhagem verde-escura, dos cachos de flores brancas com o miolo rosa-escuro. Da casa, as vozes alegres das mulheres o chamaram. Queria ver a antiga babá e a irmã, embora estivessem mortas havia anos. No sonho, elas riam como meninas.

— *Yobo*...

— *Uh-muh*. — Sunja pousou a bacia junto à porta da cozinha e correu de volta para ele. — Você está bem? Quer alguma coisa?

— Minha esposa — disse ele lentamente. — Como tem passado?

Isak se sentia sonolento e confuso, mas aliviado. O rosto de Sunja estava diferente do que ele lembrava, um pouco mais velho, mais cansado.

— Como você deve ter enfrentado dificuldades. Eu sinto muito.

— Shhh... Você precisa descansar — disse ela.

— Noa. — Ele disse o nome do garoto como se estivesse se lembrando de algo bom. — Onde ele está? Ele estava aqui antes.

— Ele foi buscar o farmacêutico.

— Ele parece muito saudável. E inteligente. — Era difícil pronunciar as palavras, mas sua mente de repente havia clareado, e ele queria dizer todas as coisas que havia guardado para ela. — Está trabalhando em um restaurante agora? Está cozinhando lá?

Isak começou a tossir e não conseguiu parar. Gotículas de sangue salpicaram a blusa de Sunja e ela limpou a boca dele com uma toalha.

Quando ele tentou se sentar, ela colocou a mão esquerda sob sua cabeça e a direita sobre o peito para acalmá-lo, com medo de que ele se machucasse. As tosses destroçavam seu corpo. Dava para sentir sua pele quente, mesmo através dos cobertores.

— Por favor, descanse. Mais tarde. Podemos conversar mais tarde.

Ele balançou a cabeça.

— Não, não. Eu... Eu quero lhe dizer uma coisa.

Sunja pousou as mãos no colo.

— Minha vida não foi importante — disse ele, tentando ler os olhos dela, cheios de angústia e exaustão. Precisava que ela compreendesse que ele era grato a ela por ter esperado por ele, por ter cuidado de sua família. Doía pensar nela trabalhando e ganhando o sustento da família porque ele não tinha sido capaz de sustentá-los. Sem ele e com a inflação provocada pela guerra, devia ter sido muito difícil ganhar algum dinheiro. Os guardas da prisão reclamavam incessantemente do preço das coisas; ninguém tinha o bastante para comer, diziam. *Parem de reclamar dos insetos no mingau*. Isak rezava constantemente para que nada faltasse a sua família.

— Eu trouxe você para cá e tornei sua vida mais difícil.

Sunja sorriu para ele, sem saber o que dizer. *Você me salvou*. Em vez disso, disse:

— Você precisa ficar bom. — Sunja o cobriu com um cobertor mais grosso. Seu corpo estava ardendo de febre, mas ele tremia. — Pelos meninos, por favor, melhore.

Como vou criá-los sem você?

— Mozasu... onde ele está?

— No restaurante, com Kyunghee. Nosso chefe permite que ele fique lá enquanto trabalhamos.

Isak parecia alerta e concentrado, como se toda a sua dor tivesse desaparecido. Ele queria saber mais sobre os filhos.

— Mozasu — disse Isak, sorrindo. — Moisés. Ele salvou seu povo da escravidão...

A cabeça latejava tanto que ele teve que fechar os olhos de novo. Queria ver os dois filhos crescerem, terminarem os estudos e se casarem. Nunca antes se interessara tanto pela vida, e agora, justo quando queria viver até ficar muito velho, havia sido mandado para casa para morrer.

— Eu tenho dois filhos — disse ele. — Eu tenho dois filhos. Noa e Mozasu. Que o Senhor abençoe meus filhos.

Sunja observou-o atentamente. Em seu rosto havia uma expressão estranha, mas ele parecia estar em paz. Sem saber o que fazer, ela começou a falar.

— Mozasu está crescendo... Está sempre alegre e é muito extrovertido. Tem uma risada maravilhosa. Corre por toda parte. É muito rápido!

Ela agitou os braços para imitar a criança correndo e começou a rir, e Isak riu com ela. Ocorreu-lhe então que havia apenas outra pessoa no mundo que se interessava tanto quanto ela por ouvir que Mozasu estava crescendo bem e que em sua ausência havia se esquecido da alegria de demonstrar orgulho dos filhos. Apesar de os cunhados ficarem encantados com os meninos, Sunja não podia ignorar a tristeza do casal por não terem filhos. Às vezes, tentava esconder sua alegria, por medo de que pensassem que ela estava se exibindo. Em sua cidade natal, ter dois filhos saudáveis e bons era o equivalente a ter grandes riquezas. Ela não tinha casa nem dinheiro, mas tinha Noa e Mozasu.

Os olhos de Isak se abriram e ele olhou para o teto.

— Eu não posso ir sem vê-los, Senhor. Não posso ir sem ver meus filhos e abençoá-los. Senhor, não me deixe ir...

Sunja inclinou a cabeça e orou também.

Isak fechou os olhos novamente, os ombros estremecendo de dor.

Sunja colocou a mão direita no peito dele para verificar sua respiração fraca.

* * *

A porta se abriu e, como era de se esperar, Noa tinha voltado para casa sozinho. O farmacêutico não podia ir até lá naquele momento, mas tinha prometido passar na casa deles mais tarde naquela noite. O garoto retomou seu lugar aos pés de Isak e fez suas contas enquanto o pai dormia. Noa queria mostrar seu trabalho escolar a Isak. Até Hoshii, o professor mais rigoroso de sua série, dissera a Noa que ele era bom na escrita e que deveria se esforçar para melhorar sua raça analfabeta.

— Um coreano diligente pode inspirar dez mil a rejeitar sua natureza indolente! — dissera.

Isak continuou a dormir, e Noa se concentrou no dever de casa.

Mais tarde, quando Kyunghee chegou com Mozasu, a casa pareceu ganhar vida pela primeira vez desde a prisão de Isak. Ele despertou brevemente para ver o filho mais novo, que não chorou ao ver o homem esquelético. Mozasu o chamou de “papá” e tocou o rosto dele com ambas as mãos, como fazia quando gostava de alguém. Deu tapinhas nas bochechas encovadas do pai com as mãos brancas e gorduchas. A criança ficou sentada diante dele por alguns minutos, mas, assim que Isak fechou os olhos, Kyunghee o tirou de lá, porque não queria que o menino ficasse doente.

Quando Yoseb chegou do trabalho, a casa ficou sombria outra vez, porque ele não podia ignorar o óbvio.

— Como puderam fazer isso? — disse Yoseb, olhando com dureza para o corpo de Isak. — Meu irmão, não podia simplesmente dizer a eles o que queriam ouvir? Não podia dizer que adorava o imperador, mesmo que não fosse verdade? Não sabe que o mais importante é permanecer vivo?

Isak abriu os olhos, mas não disse nada e os fechou de novo. Suas pálpebras pareciam tão pesadas que era doloroso mantê-las abertas. Ele queria falar com Yoseb, mas as palavras ficaram presas na garganta.

Kyunghee levou para o marido uma tesoura, uma lâmina de barbear comprida, um copo de óleo e uma bacia com vinagre.

— As lêndeas e os piolhos não vão morrer. Precisamos raspar o cabelo e fazer a barba dele. Deve sentir muita coceira — disse ela,

com os olhos marejados.

Grato à esposa por lhe dar algo que fazer, Yoseb arregaçou as mangas e derramou o copo de óleo na cabeça de Isak, massageando seu couro cabeludo.

— Isak, não se mexa — pediu ele, tentando manter a voz sob controle. — Vou acabar com esses bichos malditos.

Yoseb desferiu golpes precisos sobre a cabeça de Isak e jogou o cabelo cortado na bacia de metal.

— *Yah*... Isak. Lembra-se de como o jardineiro costumava cortar nosso cabelo quando éramos crianças? Eu gritava como um animal enlouquecido, mas você não. Você ficava sentado lá como um pequeno monge, tranquilo e pacífico e nunca reclamava. — Yoseb sorriu diante daquela lembrança. Em seguida ficou em silêncio, desejando que o que via à sua frente não fosse verdade. — Isak, por que fui trazê-lo para este inferno? Eu sentia tanto a sua falta. Foi um erro trazê-lo para cá, e agora estou sendo punido pelo meu egoísmo. — Ele pousou a lâmina na bacia. — Não vou ficar bem se você morrer. Entende? Você não pode morrer, meu irmão. Isak, por favor, não morra. Como vou seguir em frente sem você? O que vou dizer a nossos pais?

Isak continuou dormindo, alheio à família em torno de sua cama.

Yoseb enxugou os olhos e fechou a boca, cerrando a mandíbula com força. Pegou de novo a lâmina, trabalhando incessantemente para eliminar os tufos de cabelo grisalho restantes em sua cabeça. Quando a cabeça de Isak ficou lisa, Yoseb derramou óleo na barba do irmão.

Yoseb, Kyunghee e Sunja passaram o resto da noite removendo as lêndeas e os piolhos e jogando os insetos em potes de querosene, parando apenas para colocar os meninos na cama. Mais tarde, o farmacêutico apareceu para lhes dizer o que eles já sabiam. Não havia nada que um hospital ou um médico pudesse fazer por Isak.

* * *

Ao amanhecer, Yoseb voltou ao trabalho. Sunja ficou com Isak e Kyunghee foi para o restaurante. Yoseb nem se deu ao trabalho de reclamar do fato de Kyunghee ter que ir trabalhar sozinha. Estava cansado demais para discutir, e eles precisavam muito do dinheiro. Do lado de fora da casa, a rua estava tomada pela agitação matinal de homens e mulheres indo para o trabalho e crianças correndo para a escola. Isak dormia na sala da frente, sua respiração era rápida e superficial. Ele estava limpo e macio como uma criança, tinham raspado todos os pelos de seu corpo.

Depois de terminar o café da manhã, Noa pousou os pauzinhos e olhou para a mãe.

— *Umma*, posso ficar em casa? — perguntou ele. Nunca tinha ousado pedir algo assim, nem mesmo quando as coisas estavam péssimas na escola.

Sunja ergueu os olhos da costura, surpresa.

— Está se sentindo mal?

Ele negou com a cabeça.

Isak, que estava meio acordado, ouviu o pedido do garoto.

— Noa.

— Sim, *appa*.

— *Umma* me disse que você é um bom aluno.

O garoto sorriu, mas, por hábito, olhou para os próprios pés.

Quando recebia notas altas na escola, a primeira pessoa em que pensava era no pai.

Yoseb havia contado ao garoto diversas vezes que seu pai era um prodígio, que havia aprendido coreano, chinês clássico e japonês a partir dos livros, com quase nenhuma orientação de professores. Quando foi para o seminário, Isak já havia lido a Bíblia várias vezes.

Quando as coisas na escola ficavam difíceis, saber que seu pai era um homem instruído fortalecia sua determinação de aprender.

— Noa.

— Sim, *appa*?

— Deve ir à escola hoje. Quando era menino, eu queria muito ir à escola com as outras crianças.

O garoto assentiu, tinha ouvido esse detalhe sobre o pai antes.

— O que mais podemos fazer além de perseverar, meu filho? Nós devemos cultivar nossos talentos. Nada deixaria seu *appa* mais feliz do que vê-lo continuar a se sair tão bem quanto tem feito até agora. Aonde quer que vá, você representa nossa família e por isso deve ser uma pessoa excelente: na escola, na cidade e no mundo. Não importa o que as pessoas digam ou façam — disse Isak, em seguida fez uma pausa para tossir. Ele sabia que devia ser difícil para o filho frequentar uma escola japonesa. — Você deve ser uma pessoa diligente com coração humilde. Tenha compaixão por todos. Até por seus inimigos. Compreende isso, Noa? Os homens podem ser injustos, mas o Senhor é justo. Você vai ver. Você vai... — disse Isak, a voz exausta desvanecendo.

— Sim, *appa*.

O professor Hoshii também lhe dissera que ele tinha um dever para com os coreanos: um dia, serviria sua comunidade e faria dos coreanos bons filhos do benevolente imperador. O garoto olhou para a cabeça recém-raspada do pai. A careca era branca e contrastava com as bochechas escuras e encovadas. Ele parecia ao mesmo tempo jovem e velho.

Sunja teve pena do filho, que nunca havia passado um dia a sós com ambos os pais. Durante toda a infância de Sunja, mesmo quando havia outras pessoas por perto, tinham sido apenas os três: o pai, a mãe e ela, um triângulo invisível. Quando pensava na vida que deixara para trás na Coreia, era dessa proximidade que sentia falta. Isak estava certo em relação à escola, mas não restava muito tempo. Logo ele morreria. Ela daria tudo para estar com o pai novamente, mas como poderia contrariar os desejos do marido? Sunja pegou a pasta de Noa e a entregou ao garoto, que estava cabisbaixo.

— Depois da escola, venha direto para casa, Noa. Estaremos aqui — disse Isak.

Noa ficou parado, incapaz de tirar os olhos de Isak por medo de que ele desaparecesse. Não havia se dado conta do quanto sentia falta do pai até ele voltar. A dor de sentir a falta dele ressurgira em seu pequeno peito côncavo, e ele estava ansioso porque sabia que a dor ia voltar. Se ficasse em casa, teria certeza de que o pai estaria bem. Os dois não precisavam nem sequer conversar. Por que ele

não podia estudar em casa, como o pai tinha feito? Noa queria perguntar a ele, mas não era de sua natureza contra-argumentar.

Isak, no entanto, não queria que Noa o visse mais daquela forma. O garoto já estava com medo e não havia necessidade de fazê-lo sofrer mais do que já tinha sofrido. Havia muitas coisas que ele ainda não dissera ao filho sobre a vida, sobre aprender, sobre como falar com Deus.

— É muito difícil na escola? — perguntou Isak.

Sunja se virou para olhar o rosto do garoto, nunca tinha pensado em perguntar isso a ele.

Noa deu de ombros. Com os estudos ia tudo bem, nada impossível. Os melhores alunos, que admirava, eram todos japoneses e não falavam com ele. Nem sequer olhavam para ele. Noa acreditava que, se fosse uma pessoa comum e não um coreano, talvez gostasse de ir à escola. Não podia dizer isso ao pai nem a mais ninguém, porque era certo que nunca seria um japonês comum. Um dia, tio Yoseb dizia, eles iam voltar para a Coreia. Noa imaginava que a vida seria melhor lá.

Carregando a pasta com os livros e o almoço, ele se demorou na porta da frente, memorizando o rosto amável do pai.

— Venha aqui, filho — pediu Isak.

Noa se aproximou dele e se ajoelhou ao seu lado. *Por favor, Deus, por favor. Por favor, faça meu pai ficar bom. Vou pedir isso só mais uma vez. Por favor.* Noa fechou os olhos com força.

Isak tomou a mão dele.

— Você é muito corajoso, Noa. Muito, muito mais corajoso do que eu. Viver todos os dias na presença daqueles que se recusam a reconhecer sua humanidade exige muita coragem.

Noa mordeu o lábio inferior e não disse nada. Ele limpou o nariz com a mão.

— Meu filho — disse Isak, soltando a mão dele. — Meu filho querido. Minha bênção.



6

Dezembro de 1944

Como a maioria das lojas em Osaka que não tinham nada para vender, o restaurante ficava fechado com frequência, mas os três funcionários remanescentes apareciam para trabalhar seis dias por semana. A comida praticamente desaparecera dos mercados, e mesmo quando as porções racionadas chegavam e as lojas abriam durante metade do dia, as filas eram longas e os produtos disponíveis eram inacreditavelmente escassos e de baixa qualidade. Uma pessoa podia esperar seis horas na fila para comprar peixe e voltar para casa com um mísero punhado de anchovas secas, ou pior, sem absolutamente nada. Para quem tinha conexões militares no alto escalão, era possível obter parte do que se precisava — e, é claro, para quem tinha muito dinheiro, sempre havia o mercado negro. As crianças da cidade eram enviadas sozinhas para o campo de trem a fim de conseguir um ovo ou uma batata em troca do quimono da avó. Kim Changho, encarregado de comprar alimentos para o restaurante, mantinha duas despensas: uma, que podia ser inspecionada com segurança pelos líderes da associação do bairro, que gostavam de fazer visitas surpresa às cozinhas dos restaurantes, e outra, que ficava atrás de uma parede falsa no porão, onde guardava os alimentos comprados no mercado negro. Às vezes, os clientes (em geral empresários endinheirados de Osaka e viajantes estrangeiros) levavam a própria carne e as próprias bebidas para o restaurante. Os cozinheiros tinham sido mandados embora e Kim era agora o único encarregado do trabalho no turno da noite: era ele quem cozinhava as carnes e lavava a louça dos clientes ocasionais.

* * *

Era uma manhã amena e fria do décimo segundo mês do ano. Quando Sunja e Kyunghee chegaram para trabalhar, Kim pediu às mulheres que se sentassem à mesa quadrada encostada na parede do lado de fora da cozinha. Era ali que costumavam fazer as refeições e descansar nos intervalos. Ele já havia colocado um bule de chá na mesa. Depois de se sentar, Kyunghee serviu uma xícara para cada um deles.

— O restaurante vai fechar amanhã — anunciou Kim.

— Por quanto tempo? — perguntou Sunja.

— Até o fim da guerra. Hoje de manhã, entreguei os últimos utensílios de metal que restavam. A cozinha está praticamente vazia agora. Todas as tigelas de aço, bacias, panelas, utensílios e pauzinhos foram levados. Mesmo que eu pudesse comprar utensílios novos para manter o restaurante aberto, a polícia descobriria que deixamos de declarar coisas e as confiscariam. O governo não nos paga pelo que leva. Não podemos continuar substituindo os utensílios... — Kim tomou um gole de chá. — Bem, não há outro jeito.

Sunja assentiu, sentindo-se mal por Kim, que parecia chateado. Ele olhou brevemente para Kyunghee.

— E o que você vai fazer? — perguntou ela.

Kim, que era mais novo do que Isak, se dirigia a ela como a uma irmã. Ultimamente, sempre iam juntos ao mercado, para que ela comprovasse que ele era um civil caso fosse detido. Suspeitando de deserções do serviço militar, a polícia e os líderes das associações de bairro interrogavam qualquer homem que não estivesse de uniforme. Para livrar-se deles, Kim Changho passou a usar óculos escuros como os de um cego na rua.

— Vai arranjar outro trabalho? — perguntou Kyunghee.

— Não se preocupe comigo. Pelo menos não tenho que lutar. — Ele riu, tocando os óculos. Sua má visão o livrara de ir para a guerra e de trabalhar nas minas quando outros coreanos foram convocados. — O que é bom, pois sou um covarde.

Kyunghee balançou a cabeça.

Kim se levantou.

— Esta noite receberemos alguns clientes vindos de Hokkaido. Guardei duas panelas e algumas tigelas para a refeição, podemos

usá-las. Irmã, pode vir comigo ao mercado? — pediu ele, em seguida se virou para Sunja. — Pode ficar aqui e esperar o homem das bebidas? Ele ficou de trazer uma encomenda. Ah, o cliente pediu que prepare seu *doraji muchim* hoje à noite. Deixei um pacote de raízes de campânula secas na despensa lá de baixo. Os outros ingredientes estão lá também.

Sunja assentiu, perguntando-se como ele teria conseguido raízes de campânula secas e óleo de gergelim.

Kyunghee se levantou e vestiu o velho casaco azul por cima do suéter e da calça de trabalho. Ainda era uma mulher bonita, esbelta e de pele clara, mas agora tinha rugas finas ao redor dos olhos e linhas de expressão surgiam ao redor da boca quando sorria. O trabalho pesado na cozinha arruinara suas mãos alvas e macias, mas ela não se importava. Yoseb, que segurava sua pequena mão direita para dormir, não parecia notar as manchas vermelhas e escamosas nas palmas, resultado de dia após dia preparando conservas. Depois da morte de Isak, Yoseb tinha se tornado um homem diferente: taciturno, melancólico e desinteressado de tudo que não fosse o trabalho. Sua mudança havia transformado o lar e o casamento deles. Kyunghee tentava animar o marido, mas pouco podia fazer para dissipar sua tristeza e seu silêncio. Em casa, ninguém parecia falar, exceto os meninos. Yoseb estava praticamente irreconhecível, tão diferente do homem que ela amara desde menina. Ele se tornara um homem cínico e amargurado, algo que ela nunca teria previsto. Kyunghee era ela mesma apenas no restaurante. Ali, implicava com Kim como se ele fosse um irmão mais novo e ria com Sunja enquanto cozinhavam. E agora até aquele lugar ia deixar de existir.

Depois que Kim e sua cunhada saíram para ir ao mercado, Sunja fechou a porta. Quando se virou em direção à cozinha, ouviu a batida.

— Esqueceram alguma coisa? — perguntou, abrindo a porta.

Hansu estava diante dela, vestindo um sobretudo preto sobre um terno de lã cinza. Seus cabelos ainda eram escuros e seu rosto mais ou menos o mesmo, um pouco mais largo na mandíbula. Instintivamente, Sunja verificou se ele estava usando os sapatos de

couro branco que costumava usar no passado. Ele estava com sapatos de couro preto de cadarço.

— Há quanto tempo — disse Hansu tranquilamente, entrando no restaurante.

Sunja deu vários passos para longe dele.

— O que você está fazendo aqui?

— Este restaurante é meu. Kim Changho trabalha para mim.

Sua cabeça começou a rodar, e Sunja se deixou cair na almofada mais próxima.

* * *

Hansu a localizara onze anos antes, quando Sunja vendeu o relógio de bolso que ele lhe dera de presente. O penhorista tinha tentado vender o relógio para ele, e o resto fora um simples trabalho de detetive. Desde então, Hansu acompanhava seus passos diariamente. Depois que Isak foi preso, soube que ela ia precisar de dinheiro e criou aquele posto de trabalho para ela. Sunja descobriu que o agiota que emprestara o dinheiro para Yoseb também trabalhava para ele. Na verdade, a esposa de Hansu era a filha mais velha de Morimoto, um poderoso agiota japonês de Kansai que havia adotado Hansu legalmente porque não tinha filhos homens. Koh Hansu, cujo nome legal era Haru Morimoto, morava em uma casa enorme nos arredores de Osaka com a esposa e as três filhas.

Hansu a levou de volta para a mesa à qual ela havia se sentado pouco tempo antes com Kim e Kyunghee.

— Vamos tomar um chá. Você fica aqui e eu vou pegar uma xícara. Você parece perturbada pela minha aparição.

Familiarizado com os lugares onde todas as coisas ficavam, Hansu voltou da cozinha depressa com uma xícara.

Sunja olhou para ele, ainda incapaz de falar.

— Noa é um garoto muito inteligente — disse ele com orgulho. — É muito bonito e um excelente corredor.

Sunja tentou não parecer assustada. Como ele sabia todas aquelas coisas? Ela se lembrou então de todas as conversas que tivera com Kim a respeito dos filhos. Em inúmeras ocasiões, Noa e

Mozasu tinham estado com ela no restaurante, quando não havia aula.

— O que você quer? — perguntou ela por fim, tentando parecer mais calma do que estava.

— Você tem que sair de Osaka imediatamente. Convença sua irmã e seu cunhado. Em nome da segurança dos meninos. Mas, se eles não quiserem ir, não há muito que possa fazer. Tenho um lugar para você e os meninos.

— Por quê?

— Porque bombardeios de verdade vão atingir a cidade em breve.

— Do que você está falando?

— Os americanos vão bombardear Osaka em questão de dias. Os B-29 estão na China. Agora eles encontraram mais bases nas ilhas. Os japoneses estão perdendo a guerra. O governo sabe que não pode vencer, mas não vai admitir isso. Os americanos sabem que o Exército japonês precisa ser detido, mas os militares japoneses preferem matar todos os jovens japoneses a admitir seu erro. Felizmente, a guerra vai terminar antes que Noa seja convocado.

— Mas todos dizem que o Japão está indo bem.

— Você não deve acreditar no que ouve dos vizinhos nem no que dizem os jornais. Eles não sabem de nada.

— Shhh...

Sunja olhou instintivamente para a janela de vidro e a porta da frente. Se fosse pego dizendo aquelas coisas, Hansu poderia ser mandado para a prisão por traição. Ela repetia sem parar para os filhos que eles jamais deveriam dizer algo negativo sobre o Japão ou a guerra.

— Não deveria falar assim. Pode ter problemas...

— Ninguém está nos ouvindo.

Ela mordeu o lábio inferior e o encarou, ainda sem conseguir acreditar que estava diante dele. Doze anos haviam se passado. No entanto, ali estava o mesmo rosto que ela tanto amara. Havia amado o rosto dele da mesma maneira que amava o brilho da lua e a água fria e azul do mar. Hansu estava sentado diante dela e retribuiu o olhar com amabilidade. Contudo, permaneceu sereno,

seguro de cada palavra que proferia. Nunca tinha havido hesitação da parte dele. Ele era diferente de seu pai, de Isak, de seu cunhado e de Kim. Era diferente de todos os homens que ela já conhecera.

— Sunja, você tem que sair de Osaka. Não há tempo para pensar a respeito. Eu vim aqui para avisá-la, porque as bombas vão destruir a cidade.

Por que ele não tinha aparecido antes? Por que se mantivera à margem, como uma sombra vigilante sobre sua vida? Quantas vezes ele a tinha visto sem que ela o visse?

A raiva que sentiu dele a surpreendeu.

— Eles não vão querer ir embora, e eu não posso simplesmente...

— Você está se referindo a seu cunhado. Ele pode ser um tolo, mas isso não é problema seu. Sua cunhada vai com você se contar a ela. Esta cidade é feita de madeira e papel, basta um fósforo para incinerá-la. Imagine o que vai acontecer com uma bomba americana. — Ele fez uma pausa. — Seus filhos vão morrer. É isso que você quer? Já mandei minhas filhas para longe daqui há muito tempo. Os pais precisam tomar as decisões, as crianças não sabem se proteger sozinhas.

Então ela compreendeu: Hansu estava preocupado com Noa. Ele tinha uma esposa japonesa e três filhas, mas não tinha um filho homem.

— Como você sabe? Como você sabe o que vai acontecer?

— Como eu sabia que você precisava de trabalho? Como sei qual escola Noa frequenta, que o professor de matemática dele é um coreano que finge ser japonês, que seu marido morreu porque não conseguiu sair da prisão a tempo e que você está sozinha no mundo? Como sei o que tenho que fazer para manter minha família segura? Meu trabalho é saber o que os outros não sabem. Como você sabia que devia fazer *kimchi* e vendê-lo na esquina para ganhar dinheiro? Você sabia porque queria sobreviver. Eu também quero sobreviver e, para isso, tenho que saber coisas que os outros não sabem. Agora estou lhe dizendo algo valioso, estou lhe dizendo algo que pode salvar a vida de seus filhos. Não desperdice essa informação. O mundo pode acabar, mas você precisa proteger seus filhos.

— Meu cunhado não vai abandonar a casa dele.

Hansu riu.

— A casa dele vai se transformar em um monte de cinzas. Os japoneses não vão lhe dar um sen sequer por ela quando tudo tiver acabado.

— Os vizinhos disseram que a guerra vai acabar logo.

— A guerra vai acabar logo, mas não da maneira que eles pensam. Os japoneses ricos já enviaram suas famílias para o campo. Já converteram seu dinheiro em ouro. Os ricos não se preocupam com política, diriam qualquer coisa para salvar a própria pele. Você não é rica, mas é inteligente, e eu estou lhe dizendo que precisa ir embora hoje.

— Como?

— Kim levará você, seus cunhados e os meninos para uma fazenda fora do distrito de Osaka. Um produtor de batata-doce da região me deve um favor. Ele tem uma casa grande e comida de sobra. Todos vocês terão que trabalhar para ele até que a guerra termine, mas terão um lugar para dormir e mais do que o suficiente para comer. Tamaguchi não tem filhos, vai tratá-los bem.

— Por que você apareceu?

Sunja começou a chorar.

— Não é hora de discutir isso. Por favor, não seja tola. Você é esperta. É hora de agir. O restaurante será destruído, da mesma forma que a sua casa — disse ele, falando depressa. — Este edifício é feito de madeira e uns poucos tijolos. Seu cunhado deve vender a casa dele imediatamente para o primeiro idiota que aparecer e ir embora. Ou, pelo menos, deve levar com ele os documentos que atestam a propriedade. Em breve, as pessoas estarão fugindo daqui como ratos, então vocês têm que sair agora, antes que seja tarde demais. Os americanos vão acabar com esta guerra estúpida. Talvez hoje à noite, talvez em algumas semanas, mas esta guerra sem sentido não vai durar mais muito tempo. Os alemães também estão perdendo.

Sunja entrelaçou as mãos. Aquela guerra já estava durando tempo demais. Todos estavam fartos. Sem o restaurante, a família teria morrido de fome, mesmo que todos estivessem trabalhando e ganhando dinheiro. Suas roupas estavam surradas e cheias de

buracos. Não havia mais tecido, linha e agulhas disponíveis no mercado. Como os sapatos de Hansu estavam tão lustrosos se ninguém mais encontrava graxa? Ela e Kyunghee detestavam as intermináveis reuniões da associação do bairro, mas, se não comparecessem, os líderes descontavam de sua parcela no racionamento. Os últimos exercícios militares tinham sido ridículos: nas manhãs de domingo, avós e crianças pequenas eram obrigadas a praticar técnicas de combate com lanças de bambu afiadas. Diziam que os soldados americanos estupravam as mulheres e as meninas e que era melhor se matar do que se render a esses bárbaros. No escritório nos fundos do restaurante, havia um estoque de lanças de bambu para os funcionários e clientes, caso os americanos invadissem o país. Kim guardava duas facas de caça na gaveta de sua mesa.

— Posso voltar para casa? Para Busan?

— Não há nada para comer lá e não é seguro para você. Cada vez mais mulheres estão sendo levadas das aldeias menores.

Sunja pareceu desconcertada.

— Eu já lhe disse isto antes: nunca acredite em ninguém que lhe diga que há um bom emprego em uma fábrica na China ou em alguma das outras colônias. Esses empregos não existem. Você está me entendendo?

A expressão dele ficou mais séria.

— Minha mãe está bem?

— Ela não é jovem, então eles não a levarão. Vou tentar descobrir.

— Obrigada — disse ela baixinho.

Sunja tinha ficado tão preocupada com os filhos que não dera atenção suficiente ao bem-estar da mãe. Nas esparsas cartas que enviava, escritas para ela por um professor da aldeia, Yangjin dizia que estava bem, demonstrando mais preocupação com Sunja e os meninos do que consigo mesma. Não via a mãe havia quase o mesmo tempo que não via Hansu.

— Consegue preparar tudo para partir hoje à noite?

— Por que meu cunhado iria me ouvir? Como vou explicar...

— Diga a ele que Kim lhe disse que você tem que ir embora hoje. Ele está conversando com sua cunhada agora. Diga a ele que Kim

obteve essa informação privilegiada com o chefe. Posso mandá-lo até sua casa para falar com seu cunhado.

Sunja não disse nada. Não acreditava que houvesse alguém capaz de convencer Yoseb a partir.

— Você não deve hesitar. Precisa proteger seus filhos.

— Mas minha irmã...

— O que é que tem ela? Escute: seus filhos devem vir antes de qualquer outra pessoa. Ainda não sabe disso? — Ela fez que sim com a cabeça. — Traga todos para cá ao entardecer. Kim deixará o restaurante aberto. Ninguém deve saber para onde vocês estão indo. O ideal é saírem daqui antes que todo mundo tente sair também. — Hansu se levantou e olhou para ela, sério. — Deixe os outros para trás se necessário.



7

1945

No dia em que Hansu disse a ela para levar os meninos para o campo, Yoseb recebeu uma oferta de trabalho. Naquela mesma tarde, o amigo de um amigo havia passado na fábrica de biscoitos e falara com ele sobre o emprego: uma fábrica de aço em Nagasaki estava precisando de um capataz para supervisionar os trabalhadores coreanos. Havia um alojamento onde os homens podiam ficar, e cama e comida estavam incluídas, mas Yoseb não poderia levar a família. O salário era quase o triplo do seu salário atual. A família teria que ficar separada por um tempo. Quando Yoseb chegou em casa, animado com a oferta, Kyunghee e Sunja também tinham notícias. Hansu estava por trás de tudo, mas o que Sunja podia dizer?

Ao entardecer, Kim levou as mulheres e os meninos para a fazenda de Tamaguchi. Na manhã seguinte, Yoseb deixou o emprego na fábrica, fez uma mala e trancou a casa. Naquela mesma tarde, partiu para Nagasaki, recordando o momento em que partira de Pyongyang para Osaka — a última vez que partira sozinho em uma jornada.

Poucos meses se passaram até o início dos bombardeios, mas, uma vez que começaram, eles se estenderam durante todo o verão. Hansu estava errado sobre o momento, mas estava certo ao dizer que o bairro seria reduzido a cinzas.

Tamaguchi, um produtor de batata-doce de cinquenta e oito anos, ficou satisfeito por ter aqueles pares de mãos extras. Seus trabalhadores regulares e temporários haviam sido recrutados anos antes, e não havia homens em boas condições físicas para substituí-los. Vários de seus antigos funcionários já tinham morrido na Manchúria, dois tinham ficado gravemente feridos em batalha e havia poucas notícias sobre os demais, enviados para Cingapura e para as Filipinas. Todas as manhãs, quando se levantava do futon, Tamaguchi sofria das dores que costumam acompanhar o

envelhecimento. No entanto, ficava aliviado por ser velho e não precisar lutar naquela guerra estúpida. A escassez de homens prejudicava suas ambições em relação à fazenda, especialmente em um momento em que havia uma demanda crescente por batatas. Tamaguchi podia cobrar o preço que quisesse, ainda que fosse ilegal. Tinha acumulado tanta riqueza que fora forçado a esconder seu butim em várias partes da fazenda e estava disposto a fazer o que fosse preciso para espremer cada gota de ouro daquela desgraça nacional.

Noite e dia, Tamaguchi colhia batatas, arava a terra e plantava. Sem homens, era quase impossível concluir as tarefas intermináveis da fazenda, e sem homens também não havia pretendentes para se casarem com as duas irmãs de sua esposa, que tinha sido forçado a acolher, duas garotas da cidade inúteis, que não estavam acostumadas com nenhum tipo de trabalho. Com suas conversas e doenças inventadas, as irmãs distraíam sua esposa do trabalho, e ele esperava não ter que ficar com elas por muito mais tempo. Felizmente, os pais de sua esposa estavam mortos. Para o trabalho sazonal, Tamaguchi tivera de contratar homens de mais idade e mulheres, que se queixavam sem parar da dificuldade de plantar no calor do verão e colher no frio do inverno.

Não tinha ocorrido a ele contratar coreanos ou abrigá-los em sua fazenda quando se negara a receber tantos japoneses da cidade em busca de refúgio, mas não podia recusar um pedido de Koh Hansu.

Depois de receber o telegrama dele, o fazendeiro e sua sobrecarregada esposa, Kyoko, arrumaram o celeiro de forma a torná-lo habitável para a família coreana de Osaka. No entanto, apenas alguns dias após sua chegada, Tamaguchi descobriu que tinha sido ele quem ficara com a melhor parte da barganha. Hansu havia lhe fornecido duas mulheres fortes que sabiam cozinhar, limpar e arar; um homem jovem que não enxergava bem, mas conseguia cavar e carregar peso; e dois meninos inteligentes que obedeciam às instruções com perfeição. Os coreanos comiam muito, mas faziam seu trabalho e não incomodavam ninguém. Além disso, nunca reclamavam.

Desde o primeiro dia, Tamaguchi deixou Noa e Mozasu encarregados de alimentar as três vacas, oito porcos e trinta

galinhas; ordenhar as vacas; recolher os ovos e limpar o galinheiro. Os meninos falavam japonês como nativos, de forma que podia levá-los ao mercado para ajudá-lo a vender, o mais velho era excelente em cálculo e sua caligrafia era clara o suficiente para que cuidasse do livro de registros. As duas coreanas, que eram cunhadas, eram boas empregadas domésticas e muito trabalhadoras. A mais magra e casada não era jovem, mas era muito bonita e seu japonês era bom o suficiente para que Kyoko a deixasse encarregada de cozinhar, lavar e remendar as roupas. A mais baixa, a viúva calada, cuidava com destreza da horta e trabalhava no campo ao lado do homem jovem. Os dois trabalhavam como um par de bois. Pela primeira vez em anos, Tamaguchi se sentiu relaxado. Até a esposa estava menos irritada e repreendia as irmãs e ele menos do que o habitual.

Quatro meses após a chegada dos coreanos, o caminhão de Hansu chegou à fazenda ao entardecer. Hansu saiu do veículo acompanhado de uma coreana mais velha. Tamaguchi correu ao encontro dele. Os homens de Hansu costumavam ir até lá à noite para pegar as mercadorias e vender na cidade, era raro o chefe aparecer pessoalmente.

— Tamaguchi.

Hansu fez uma reverência. A velha se curvou diante do fazendeiro. Usava um vestido tradicional e levava duas trouxas de tecido, uma em cada mão.

— Koh-*san*.

Tamaguchi se curvou, sorrindo para a anciã. Ao se aproximar, percebeu que a mulher não era muito velha. Na verdade, talvez fosse mais jovem do que ele. Seu rosto bronzeado estava macilento e desnutrido.

— Esta é a mãe de Sunja. Kim Yangjin *desu* — apresentou Hansu. — Ela chegou hoje cedo de Busan.

— Kim-*u* Yangjin-*san*.

O fazendeiro pronunciou cada sílaba devagar, enquanto assimilava a ideia de que teria uma nova hóspede. Ele examinou o rosto dela, procurando alguma semelhança com a jovem viúva, mãe dos dois meninos. Havia alguma semelhança na boca e no queixo. Suas mãos morenas eram fortes como as de um homem, com

grandes dedos cheios de calos. Ela seria uma boa trabalhadora, pensou.

— A mãe de Sunja? É mesmo? Seja bem-vinda, seja bem-vinda — disse ele, sorrindo.

Yangjin, com os olhos baixos, parecia assustada. Também estava exausta.

Hansu limpou a garganta.

— E como estão os meninos? Espero que não estejam dando trabalho.

— Não, não. De jeito nenhum. São excelentes trabalhadores! Meninos maravilhosos.

Tamaguchi estava sendo sincero. Ele não esperava que os meninos fossem tão capazes. Como não tinha filhos, havia imaginado que os garotos da cidade fossem mimados e preguiçosos como suas cunhadas. Em sua aldeia, até os agricultores prósperos se queixavam de seus filhos tolos, de forma que Tamaguchi e a esposa não invejavam muito aqueles que eram pais. Além disso, Tamaguchi não tinha ideia de como seriam os coreanos. Não era um homem intolerante, mas o único coreano que havia conhecido pessoalmente era Koh Hansu, e a relação deles, pouco usual, tinha começado com a guerra. Era um segredo conhecido que vários dos maiores fazendeiros vendiam seus produtos no mercado negro da cidade por intermédio de Koh Hansu e sua rede de distribuição, mas ninguém falava sobre isso. Os estrangeiros e a *yakuza* controlavam o mercado negro e havia sérias repercussões em vender produtos para eles. Ajudar Koh Hansu era uma honra, favores criavam dívidas, e o fazendeiro estava determinado a fazer o que pudesse por ele.

— Koh-*san*, por favor, entre para tomar um chá. Deve estar com sede. Hoje está fazendo muito calor.

Tamaguchi entrou na casa e, antes de tirar os próprios sapatos, ofereceu chinelos para as visitas.

À sombra de choupos antigos e robustos, o interior da enorme casa estava agradavelmente fresco. O aroma de erva dos novos tatames recebeu os convidados. Na sala principal, com painéis de cedro, a esposa de Tamaguchi, Kyoko, estava sentada em uma almofada de seda azul, costurando uma camisa do marido. As duas

irmãs, deitadas de bruços com os tornozelos cruzados, folheavam uma antiga revista de cinema lida tantas vezes que já sabiam o texto de cor. As três mulheres, extremamente bem-vestidas para ninguém em particular, pareciam deslocadas na casa da fazenda. Apesar do racionamento de tecidos, a esposa do fazendeiro e suas irmãs não tinham passado por nenhuma privação. Kyoko usava um elegante quimono de algodão, mais adequado para a esposa de um comerciante de Tóquio, e as irmãs vestiam elegantes saias azul-marinho e blusas de algodão, como universitárias de filmes americanos.

Quando as irmãs ergueram o queixo para ver quem havia entrado na casa, seus rostos pálidos e bonitos emergiram debaixo da longa franja dos modernos cortes de cabelo. A guerra havia levado tesouros de valor inestimável para a casa de Tamaguchi: valiosos pergaminhos de caligrafia, rolos de tecido, mais quimonos do que as mulheres jamais poderiam usar, armários laqueados, joias e pratos, relíquias de família que os moradores da cidade estavam dispostos a trocar por um saco de batatas e uma galinha. Ainda assim, as irmãs sentiam falta da vida na cidade: os novos filmes, as lojas de Kansai e as luzes elétricas que não piscavam. Estavam cansadas da guerra, dos intermináveis campos verdes e da vida na fazenda de modo geral. De barriga cheia e bem instaladas, sentiam apenas desprezo pelo cheiro de óleo da lamparina, pelos animais barulhentos e pelo cunhado rústico, que não parava de falar sobre o preço das coisas. As bombas americanas haviam destruído os cinemas, as lojas de departamento e suas amadas confeitarias, mas as lembranças cintilantes desses prazeres urbanos ainda exerciam fascínio sobre elas, alimentando seu crescente descontentamento. Elas se queixavam diariamente à irmã mais velha, a mais simples e sacrificada das três, da qual haviam zombado no passado por ter se casado com um primo distante do campo e que agora reunia ouro e quimonos para seus dotes.

Quando Tamaguchi limpou a garganta, as meninas se sentaram e tentaram parecer ocupadas. Assentiram para Hansu e olharam para a bainha imunda da saia longa da coreana sem conseguir reprimir uma careta.

Yangjin fez uma grande reverência diante das três mulheres e permaneceu junto à porta, sem esperar ser convidada para entrar, o que de fato não aconteceu. De onde estava, Yangjin podia ver uma parte das costas curvadas de uma mulher que trabalhava na cozinha, mas não parecia Sunja.

Hansu também viu a mulher.

— Aquela na cozinha é Sunja-*san*? — perguntou ele à esposa de Tamaguchi.

Kyoko voltou a se curvar diante dele. O coreano parecia arrogante demais para o seu gosto, mas ela sabia que o marido precisava daquele sujeito mais do que nunca.

— Koh-*san*, seja bem-vindo. É muito bom vê-lo — disse Kyoko, levantando-se da cadeira. Ela lançou um olhar de reprovação para as irmãs, o que fez com que se levantassem e se curvassem diante do convidado. — A mulher na cozinha é Kyunghee-*san*. Sunja-*san* está no campo, plantando. Por favor, sente-se. Vamos buscar algo fresco para o senhor beber.

Ela se virou para Ume-*chan*, a mais nova das duas irmãs, que foi até a cozinha buscar um *oolong-cha* frio.

Hansu assentiu, tentando não demonstrar irritação. Ele esperava que Sunja trabalhasse, mas não lhe ocorrera que fosse trabalhar no campo.

Kyoko percebeu o descontentamento do homem.

— Imagino que queira ver sua filha, senhora. Tako-*chan*, por favor, acompanhe nossa convidada até a filha dela.

Tako, a irmã do meio, obedeceu porque não tinha escolha, era inútil desafiar Kyoko, que podia guardar rancor por dias, punindo-a com seu silêncio. Hansu disse a Yangjin em coreano que seguisse a garota, que a levaria até Sunja. Enquanto calçava os sapatos no vestíbulo de pedra, Tako sentiu o cheiro peculiar e azedo da mulher, intensificado por dois dias de viagem. Imunda, pensou. Tako caminhou rapidamente à frente dela, mantendo o máximo de distância possível entre elas.

* * *

Depois que Kyoko serviu o chá que Ume tinha ido buscar na cozinha, as mulheres desapareceram, deixando os homens sozinhos na sala de estar.

O fazendeiro perguntou a Hansu se ele tinha notícias da guerra.

— Não deve durar muito mais. Os alemães estão sendo esmagados, e os americanos apenas começaram. O Japão vai perder esta guerra. A questão é apenas quando — disse Hansu, sem nenhum vestígio de pesar ou satisfação. — Quanto antes essa loucura acabar, melhor, antes que mais bons rapazes percam a vida, não acha?

— Sim, sim. É isso mesmo — respondeu Tamaguchi em um sussurro, desanimado.

Ele queria que o Japão vencesse, é claro, e sem dúvida Hansu conhecia a realidade, mas, mesmo que o Japão não vencesse, o fazendeiro não queria que a guerra terminasse ainda. Falava-se em fermentar batata-doce para produzir combustível de avião. Se isso acontecesse, mesmo que o governo pagasse pouco (ou nada), o agricultor esperava que os preços aumentassem ainda mais no mercado negro, porque as cidades estavam desesperadas por comida e álcool. Com apenas mais uma ou duas colheitas, Tamaguchi teria ouro suficiente para comprar os dois vastos lotes de terra ao lado do dele. O dono da terra estava ficando velho e cada vez menos interessado em trabalhar. Ser proprietário de todo o sul da região em um lote único tinha sido o maior desejo de seu avô.

Hansu interrompeu os devaneios do fazendeiro.

— Então, como está sendo a vida com eles aqui?

Tamaguchi assentiu.

— Eles são de grande ajuda. Gostaria que não tivessem que trabalhar tanto, mas, como você sabe, me faltam homens...

— Eles sabiam que precisariam trabalhar.

Hansu assentiu para tranquilizá-lo, consciente de que com seu trabalho eles estavam pagando pelo alojamento e pela comida, além de proporcionar um grande lucro ao fazendeiro, mas ele não via problema nisso, desde que Sunja e sua família não fossem maltratados.

— Vai ficar aqui esta noite? — perguntou Tamaguchi. — Está muito tarde para viajar, e assim janta conosco. Kyunghee-*san* é uma

cozinheira excepcional.

* * *

Tako não precisou levar a velha muito longe. Quando viu Sunja curvada no vasto campo escuro, Yangjin agarrou a barra da longa saia, enrolou-a ao redor do corpo para liberar as pernas e correu o mais depressa que pôde na direção da filha.

Ao ouvir os passos apressados, Sunja levantou a cabeça. Uma mulher minúscula vestindo um *hanbok* cru corria até ela. Sunja deixou a enxada cair. Os ombros pequenos, o coque grisalho na nuca, o laço da blusa curta cuidadosamente atado em um retângulo: *Umma*. Como aquilo era possível? Sunja pisou nas mudas de batata em seu caminho para alcançá-la.

— Ah, minha filha. Minha filha. Ah, minha filha.

Sunja a abraçou com força, sentindo as clavículas pontudas de Yangjin sob o tecido da blusa. Sua mãe havia encolhido.

* * *

Hansu jantou apressado, em seguida foi ao celeiro falar com os demais. Queria apenas ficar um pouco com eles, sem incomodá-los com sua presença. Teria preferido jantar com Sunja e a família dela, mas não queria ofender Tamaguchi. Durante a refeição, pensou apenas nela e no garoto. Nunca haviam feito uma refeição juntos. Seu desejo de estar com eles era difícil de explicar até para si mesmo. Quando chegou ao celeiro, se deu conta de que Kyunghee havia preparado duas refeições na cozinha de Tamaguchi: um jantar japonês para a família Tamaguchi e um coreano para os demais. No celeiro, os coreanos comiam em uma mesa baixa, que Kim construíra para eles com restos de vigas, coberta com uma toalha impermeável. Sunja tinha acabado de recolher a louça do jantar. Todos ergueram o olhar quando ele entrou.

Os animais ficavam mais calmos à noite, mas não em silêncio. Os odores eram mais fortes do que Hansu se lembrava, mas sabia que logo ficariam menos perceptíveis. Os coreanos viviam nos

fundos do celeiro, e os animais ficavam na parte da frente, com fardos de feno entre eles. Kim havia construído uma divisória de madeira — ele e os meninos dormiam de um lado; as mulheres, do outro.

Yangjin, que estava sentada no chão entre os netos, levantou-se e fez uma reverência. No caminho para a fazenda, havia agradecido a ele inúmeras vezes e agora, reunida com sua família, continuava a repetir “obrigada, obrigada”, enquanto abraçava os netos, que pareciam envergonhados. Ela berrava como uma velha coreana.

Kyunghee ainda estava na cozinha da casa, lavando a louça do jantar. Quando terminasse, ia preparar o quarto de hóspedes para Hansu. Kim estava no galpão atrás do celeiro, onde eles tomavam banho, ocupado em aquecer a água para o banho de todos. Kyunghee e Kim haviam assumido as tarefas noturnas de Sunja para permitir que ela ficasse com a mãe. Nenhum deles suspeitava das razões pelas quais Hansu se esforçara para tirar Yangjin da Coreia. Enquanto Yangjin chorava, Sunja observou Hansu, incapaz de compreender aquele homem que nunca havia saído de sua vida.

Hansu se sentou na grande pilha de feno diante dos meninos.

— Comeram todo o jantar? — perguntou-lhes em coreano.

Os meninos olharam para ele, surpresos por ouvi-lo falar coreano tão bem. Achavam que o homem que tinha trazido a avó era japonês, porque estava muito bem-vestido e Tamaguchi o havia tratado com muita deferência.

— Você é Noa — disse Hansu, examinando atentamente o rosto do garoto. — E tem doze anos.

— Sim, senhor — respondeu Noa.

O homem usava roupas muito elegantes e lindos sapatos de couro. Parecia um juiz ou alguém importante saído do pôster de um filme.

— O que está achando de morar na fazenda?

— É bom, senhor.

— Tenho quase seis anos — interveio Mozasu, algo que tinha o costume de fazer sempre que o irmão mais velho estava falando. — Comemos muito arroz aqui. Eu poderia comer tigelas e mais tigelas de arroz. Tamaguchi-*san* disse que preciso comer bem para crescer. Ele me disse para não comer batatas, e sim arroz! Gosta de arroz,

senhor? — perguntou o garoto a Hansu. — Noa e eu vamos tomar banho hoje à noite. Em Osaka, não podíamos tomar banho com frequência porque não havia combustível para esquentar a água. Gosto mais dos banhos na fazenda, porque a banheira é menor que a do *sento*. O senhor gosta de banho? A água é muito quente, mas a gente se acostuma, *nee*, e as pontas dos meus dedos ficam enrugadas como as de um homem velho quando fico muito tempo no banho. — Mozasu arregalou os olhos. — Mas meu rosto não enruga, porque sou jovem.

Hansu riu. A criança mais nova não tinha nada da formalidade de Noa. Ele parecia um espírito livre.

— Fico feliz que estejam comendo bem aqui. É bom saber. Tamaguchi-*san* disse que são excelentes trabalhadores.

— Obrigado, senhor — disse Mozasu. Queria fazer mais perguntas ao homem, mas se conteve quando ele se dirigiu ao irmão.

— Quais são as suas tarefas, Noa?

— Limpamos os estábulos, alimentamos os animais e cuidamos das galinhas. Também faço registros para Tamaguchi-*san* quando vamos ao mercado.

— Sente falta da escola?

Noa não respondeu. Sentia falta de resolver problemas de matemática e de escrever em japonês. Sentia falta do silêncio enquanto fazia os deveres de casa, porque ninguém o incomodava quando ele estava estudando. Nunca sobrava muito tempo para ler na fazenda e, além disso, não tinha livros.

— Fiquei sabendo que você é muito bom aluno.

— No ano passado, quase não tive aulas.

Em Osaka, as aulas eram canceladas com frequência. Ao contrário dos outros meninos, Noa não gostava dos treinamentos com baionetas e das inúteis simulações de ataques aéreos. Embora não quisesse se separar do tio Yoseb, estar na fazenda era melhor do que ficar na cidade, porque ali se sentia seguro. Na fazenda, nunca ouvia aviões, e havia muito menos simulações de bombardeios. A comida era abundante e deliciosa. Comiam ovos todos os dias e bebiam leite fresco. Dormia profundamente e acordava sentindo-se bem.

— Quando a guerra terminar, suponho que vá voltar para a escola. Gostaria de voltar? — perguntou Hansu.

Noa fez que sim com a cabeça.

Sunja se perguntou como iriam viver então. Depois da guerra, havia planejado voltar para Yeongdo, mas a mãe lhe disse que não havia mais nada lá. O governo tinha aumentado os impostos cobrados do proprietário da pensão, que vendera a casa a uma família japonesa. As criadas tinham arranjado emprego em uma fábrica na Manchúria, e não tinha notícias delas. Quando Hansu localizou Yangjin, ela estava trabalhando como empregada doméstica para um comerciante japonês em Busan, dormindo na despensa.

Hansu tirou duas revistas de histórias em quadrinhos do bolso do paletó.

— Tome.

Noa as aceitou com ambas as mãos, como sua mãe havia ensinado. As histórias estavam escritas em coreano.

— Obrigado, senhor.

— Sabe ler em coreano?

— Não, senhor.

— Poderia aprender — sugeriu Hansu.

— Tia Kyunghee pode nos ajudar a ler — disse Mozasu. — Tio Yoseb não está aqui, mas da próxima vez que o encontrarmos, podemos surpreendê-lo.

— Vocês deveriam aprender a ler em coreano. Um dia talvez possam voltar — sugeriu Hansu.

— Sim, senhor — disse Noa.

O menino imaginava que a Coreia seria um lugar pacífico onde ele seria normal. Seu pai lhe contara que Pyongyang, onde havia nascido, era uma cidade bonita, e Yeongdo, cidade natal de sua mãe, era uma ilha tranquila, com pesca abundante em águas azul-esverdeadas.

— De onde o senhor é? — perguntou Noa.

— De Jeju. Não é longe de Busan, cidade de sua mãe. É uma ilha vulcânica. As pessoas cultivam laranjas lá. Dizem que o povo de Jeju é descendente de deuses. — Ele piscou. — Um dia vou levar você lá.

— Eu não quero morar na Coreia. Quero ficar aqui na fazenda! — exclamou Mozasu. Sunja deu tapinhas em suas costas. — *Umma*, devíamos morar na fazenda para sempre. Tio Yoseb vai vir para cá em breve, não vai?

Kyunghee surgiu então, após terminar suas tarefas. Mozasu correu até ela com os quadrinhos.

— Pode ler para mim?

Mozasu a levou até a pilha de futons dobrados que usavam como cadeiras.

Kyunghee fez que sim com a cabeça.

— Noa, venha. Vou ler para vocês, meninos.

Noa se curvou rapidamente diante de Hansu e se juntou a Kyunghee e Mozasu. Yangjin seguiu o neto, deixando Sunja na mesa. Quando ela fez menção de se levantar, Hansu fez um gesto para que se sentasse.

— Fique. — Ele parecia sério. — Fique um pouco mais. Quero saber como você está.

— Estou bem. Obrigada — respondeu ela, com a voz trêmula. — Obrigada por trazer minha mãe.

Havia mais coisas que precisava dizer, mas era difícil.

— Você pediu notícias dela, e achei que seria melhor que ela viesse para cá. As coisas estão muito ruins no Japão, mas estão piores na Coreia. Talvez a situação melhore quando a guerra terminar, mas as coisas vão piorar antes de se estabilizarem.

— Como assim?

— Quando os americanos vencerem, não sabemos o que os japoneses vão fazer. Vão sair da Coreia, mas quem vai ficar responsável pelo país? O que vai acontecer com todos os coreanos que apoiaram os japoneses? O caos vai se instalar. Haverá mais derramamento de sangue. Você não vai querer estar por perto. Não vai querer que seus filhos estejam por perto.

— O que você vai fazer? — perguntou ela.

Ele a encarou.

— Vou cuidar de mim e dos meus. Acha que confiaria minha vida a um bando de políticos? As pessoas que estão no comando não sabem de nada. E aqueles que sabem não se importam.

Sunja refletiu sobre isso. Talvez Hansu tivesse razão, mas por que deveria confiar nele? Apoiou as mãos no chão para se levantar, mas ele balançou a cabeça.

— É tão difícil assim conversar comigo? Por favor, sente-se.

Sunja se sentou.

— Tenho que cuidar dos meus filhos. Você deveria entender.

Os meninos olhavam atentamente para as páginas dos quadrinhos. Kyunghee lia os diálogos com emoção, e até Yangjin, que não sabia ler, ria com as crianças das tolices que os personagens diziam. Eles estavam absortos na história e seus rostos pareciam de alguma maneira mais suaves, como se estivessem tranquilos.

— Eu vou ajudá-la — disse Hansu. — Não precisa se preocupar com dinheiro nem...

— Está nos ajudando agora porque não tenho escolha. Quando a guerra terminar, vou trabalhar para sustentá-los. Estou trabalhando para ganhar nosso sustento...

— Quando a guerra terminar, posso arranjar uma casa para você e lhe dar dinheiro para cuidar dos meninos. Eles deveriam ir para a escola em vez de ficar limpando esterco de vaca. Sua mãe e sua cunhada também podem morar com vocês. Posso arranjar um bom emprego para o seu cunhado.

— Não tenho como explicar você para minha família — disse Sunja.

Ela se sentia como se estivesse mentindo o tempo todo. No que Hansu estaria pensando?, perguntou-se. Com certeza não a desejava mais. Ela era uma viúva de vinte e nove anos, com dois filhos pequenos para alimentar e educar. Sunja não era velha, mas não conseguia imaginar que um homem a desejasse. Se antes não era bonita, agora não era nem sequer atraente. Era uma mulher normal, com rosto de camponesa e a pele manchada e enrugada pelo sol. Seu corpo era forte e robusto, maior do que quando ela era menina. Na vida, fora desejada por dois homens, era difícil imaginar que isso voltasse a acontecer. Às vezes, sentia-se como um animal de fazenda que um dia se tornaria inútil. Antes que esse dia chegasse, tinha que garantir que seus filhos ficariam bem depois que ela partisse.

— Você tem filhos, não é?

— Três filhas.

— E o que suas filhas achariam de mim? De nós? — sussurrou ela.

— Minha família não tem nada a ver com vocês.

— Entendo. — Sunja engoliu, a boca seca. — Sou grata por esta oportunidade... de trabalhar e estar em segurança. Mas, quando a guerra terminar, vou conseguir outro trabalho e sustentar os meninos e minha mãe. Vou trabalhar até não poder mais.

Sunja se levantou do chão e tirou o feno da calça de trabalho.

Incapaz de respirar normalmente, virou-se e olhou para o boi — seus enormes olhos escuros, cheios de um sofrimento sem fim. Será que os outros teriam notado os dois conversando? Eles pareciam estar concentrados nos quadrinhos. Sunja cobriu a mão esquerda com a direita. Apesar de tê-las lavado, as cutículas ainda estavam cheias de terra.



8

Mais uma vez, Hansu não estava errado. A guerra de fato terminou — mais rápido do que ele havia previsto —, mas nem mesmo ele poderia ter imaginado os bombardeios finais. Um *bunker* protegera Yoseb do pior, mas, quando ele finalmente saiu para a rua, a parede em chamas de um galpão de madeira próximo atingiu o lado direito de seu corpo e chamas azuis e laranja o engoliram. Um conhecido que trabalhava com ele na fábrica apagou o fogo, e os homens de Hansu por fim o encontraram em um hospital precário em Nagasaki.

Foi em uma noite estrelada, animadoramente silenciosa depois de uma longa temporada de cigarras, que Hansu chegou à fazenda de Tamaguchi levando Yoseb em um caminhão militar americano. Mozasu foi o primeiro a avistar o caminhão e, pequeno e ligeiro, disparou até o chiqueiro para pegar as lanças de bambu. A família ficou junto à porta entreaberta do celeiro, observando enquanto o veículo se aproximava.

— Tomem — disse Mozasu, entregando as lanças ocas e barulhentas à mãe, à avó, ao irmão e à tia, e ficando com duas para si. Kim Changho estava tomando banho. Mozasu sussurrou para o irmão: — Você precisa avisar o *ajeossi*, tirá-lo do banho. Entregue uma arma a ele.

O garoto entregou a Noa uma lança para Kim e guardou a outra para si. Mozasu agarrou sua lança com força, preparado para atacar. O suéter de segunda mão e cheio de furos que havia herdado de Noa pendia frouxamente sobre as calças de trabalho, feitas de sacos de farinha. Ele era alto para um garoto de seis anos.

— A guerra acabou — lembrou Noa com firmeza. — Provavelmente são os homens de *ajeossi* Hansu. Abaixe essa coisa antes que se machuque.

O caminhão parou e dois coreanos que trabalhavam para Hansu pegaram a maca na qual estava Yoseb, enfaixado e fortemente sedado.

Kyunghee soltou a lança, deixando-a cair na terra macia, e colocou a mão no ombro de Mozasu para manter o equilíbrio.

Hansu saiu da cabine do caminhão enquanto o motorista, um soldado americano de cabelos ruivos, ficou lá dentro esperando. Mozasu olhou de soslaio para ele. O motorista tinha a pele clara e coberta de sardas e cabelos louro-avermelhados como fogo — ele não parecia mau, e *ajeossi* Hansu não parecia estar com medo. Em Osaka, Haru-*san*, o líder da associação de bairro, que costumava ficar encarregado do racionamento, tinha dito às crianças da vizinhança que os americanos matavam indiscriminadamente, de modo que todos deveriam fugir caso vissem um soldado americano. Era preferível se suicidar a ser capturado. Quando percebeu que Mozasu estava olhando para ele, o motorista acenou, mostrando os dentes brancos e retos.

Kyunghee se aproximou lentamente da maca. Ao ver as queimaduras de Yoseb, cobriu a boca com as mãos. Apesar das terríveis notícias sobre os bombardeios, ela acreditava que Yoseb estava vivo, que não morreria sem que ela soubesse. Tinha rezado por ele continuamente, e agora ele estava em casa. Kyunghee caiu de joelhos e baixou a cabeça. Todos ficaram em silêncio até ela se levantar. Até Kim estava chorando.

Hansu assentiu para a mulher delicada e bonita que chorava e lhe entregou um grande embrulho de papel e um tubo de pomada para queimaduras fornecido pelo Exército americano.

— Há remédios no pacote. Misture uma colher bem pequena do pó com água ou leite e dê a ele à noite para que consiga dormir. Quando acabar, não haverá mais, então terá que ir diminuindo aos poucos a quantidade. Ele vai implorar por mais, mas você precisa dizer que está tentando fazer com que dure.

— O que é? — perguntou ela.

Sunja estava ao lado da cunhada, em silêncio.

— Ele precisa disso, por causa da dor, mas não é bom tomar por muito tempo, porque vicia. De qualquer forma, troque os curativos constantemente. Precisam estar esterilizados. Ferva o tecido antes de usá-lo. Há mais no pacote. Ele vai precisar do unguento porque a pele está esticando. Consegue fazer isso?

Kyunghee assentiu, ainda olhando para Yoseb. Metade da boca e da bochecha tinham praticamente desaparecido, como se ele tivesse sido devorado por um animal. Yoseb era um homem que

havia feito tudo o que podia pela família, aquilo tinha acontecido porque ele os havia deixado em busca de trabalho.

— Obrigada, senhor. Obrigada por tudo que faz por nós — disse Kyunghee a Hansu, que balançou a cabeça e não disse nada. Ele os deixou e foi falar com o fazendeiro. Kim, que àquela altura já havia saído do banho, seguiu Hansu até a casa.

As mulheres e os meninos conduziram os homens que carregavam a maca para dentro do celeiro e abriram espaço para acomodar Yoseb em uma baia vazia. Kyunghee mudou sua cama para lá.

Pouco depois, Hansu e os homens foram embora sem se despedir.

* * *

O fazendeiro não reclamou de ter mais um coreano em sua propriedade, porque os demais se encarregavam da parte de Yoseb, assim como das suas próprias; a época da colheita estava chegando e ia precisar deles. Embora ninguém tivesse tocado no assunto, Tamaguchi sentia que não demoraria muito para que lhe pedissem dinheiro e fossem embora, e estava determinado a fazer com que executassem o máximo de trabalho possível antes de voltarem para Osaka. Dissera a eles que podiam ficar pelo tempo que quisessem e estava sendo sincero. Tamaguchi vinha contratando veteranos para executar pequenos trabalhos, mas eles reclamavam das tarefas mais pesadas e se recusavam a trabalhar ao lado de estrangeiros. E, mesmo que substituísse todos os coreanos por veteranos japoneses, Tamaguchi precisava de Hansu para transportar suas batatas para os mercados. Os coreanos podiam ficar.

O caminhão voltava regularmente, mas Hansu ficou semanas sem aparecer. Yoseb sofria. Havia perdido a audição do ouvido direito. Passava o tempo gritando de raiva ou chorando de dor. O pó medicinal havia acabado, e Yoseb não estava muito melhor. À noite, chorava como uma criança, e não havia muito que se pudesse fazer para ajudá-lo. Durante o dia, ele tentava ajudar na fazenda,

consertando ferramentas ou tentando separar as batatas, mas a dor era tão intensa que o impedia de trabalhar. De vez em quando, Tamaguchi, que abominava o álcool, dava a ele um pouco de saquê, por piedade. No entanto, quando Kyunghee passou a implorar-lhe diariamente por mais, ele lhe disse que não podia dar — não porque fosse um homem mesquinho, o que não era, mas porque não tinha nenhuma intenção de manter um bêbado em sua propriedade.

Um mês depois, Hansu voltou. O sol da tarde havia começado a baixar e os trabalhadores acabavam de retornar ao campo depois do almoço, para começar o segundo turno. Yoseb estava sozinho no celeiro frio, deitado no seu colchão de palha.

Ao ouvir os passos, ergueu a cabeça, em seguida a apoiou de novo no travesseiro de palha.

Hansu colocou duas caixas enormes ao seu lado e se sentou no grande bloco de madeira junto à cama que era usado como banco. Apesar do terno de corte elegante e dos sapatos de couro engraxados, Hansu parecia à vontade no celeiro, indiferente ao forte odor dos animais e às correntes de ar frio.

— Você é o pai do garoto, não é? — perguntou Yoseb.

Hansu estudou o rosto coberto de cicatrizes do homem, as bordas irregulares de uma mandíbula que antes tinha contornos lisos. A orelha direita de Yoseb era agora um botão de flor, dobrada sobre si mesma.

— Foi por isso que fez tudo que fez — acrescentou.

— Noa é meu filho — disse Hansu.

— Temos uma dívida com você... algo que talvez nunca sejamos capazes de pagar.

Hansu ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada. Era sempre melhor não falar muito.

— Mas não deve se aproximar dele. Meu irmão deu um sobrenome ao garoto. Ele nunca deve saber a verdade.

— Eu também posso dar um sobrenome a ele.

— Ele já tem um sobrenome. Seria errado fazer isso com o garoto.

Yoseb franziu a testa, o menor movimento doía. Noa tinha os maneirismos de seu irmão caçula: desde a forma de falar, com a cadência contida de Isak, até o jeito de comer as refeições, em

pedaços pequenos, mastigando com muito cuidado. Ele se comportava exatamente como Isak. Sempre que tinha algum tempo livre, pegava os velhos cadernos da escola e praticava caligrafia, sem que ninguém precisasse lhe dizer para fazê-lo. Yoseb nunca teria acreditado que aquele mafioso era o pai biológico de Noa, a não ser pelo fato de a metade superior do rosto do garoto ser praticamente uma imagem espelhada de Hansu. Com o tempo, Noa também se daria conta. Ele não falara sobre isso com Kyunghee, mas, mesmo que ela tivesse descoberto a verdade, teria ocultado suas suspeitas do marido para proteger Sunja, a quem amava mais do que a uma irmã.

— Você não tem um filho homem — disse Yoseb, fazendo mais uma suposição.

— Seu irmão foi generoso ao ajudar Sunja, mas eu teria cuidado dela e do meu filho.

— Parece que ela não quis que fizesse isso.

— Eu me ofereci para cuidar dela, mas ela não quis ser minha esposa na Coreia, porque tenho uma esposa japonesa em Osaka.

Deitado no colchão de palha, Yoseb olhou fixamente para o teto do celeiro. Lâminas entrecortadas de luz atravessavam as vigas. Colunas de poeira flutuavam para cima em linhas diagonais. Antes do incêndio, nunca havia prestado atenção em coisas tão pequenas, também não havia odiado alguém. Embora não devesse, Yoseb odiava aquele homem: suas roupas caras, seus sapatos reluzentes, sua confiança inabalável, que exalava uma invulnerabilidade diabólica. Ele o odiava por não sentir dor. Aquele homem não tinha o direito de reivindicar o filho de seu irmão.

Hansu podia ver a raiva de Yoseb.

— Ela pediu que eu fosse embora, então eu fui, a princípio, mas planejava voltar. Quando voltei, ela tinha partido. E já estava casada. Com o seu irmão.

Yoseb não sabia em que acreditar. Isak não lhe contara quase nada a respeito de Sunja, o irmão parecia crer que era melhor esquecer a origem de Noa.

— Você deveria deixar Noa em paz. Ele tem família. Depois da guerra, faremos todo o possível para pagar o que lhe devemos.

Hansu cruzou os braços e sorriu antes de falar.

— Seu filho da puta, eu paguei. Eu paguei pela sua vida. Paguei pela vida de todos vocês. Sem mim, estariam todos mortos.

Yoseb se virou um pouco de lado e estremeceu de dor. Às vezes, tinha a sensação de que ainda estava em chamas.

— Sunja lhe contou? — perguntou Hansu.

— Basta olhar para o rosto do garoto. Não faria sentido alguém fazer tudo que você fez, e eu sei que não é nenhum santo. Eu sei o que você é...

Hansu soltou uma gargalhada. Fez isso quase por respeito à franqueza de Yoseb.

— Nós vamos voltar para a Coreia — disse Yoseb, fechando os olhos.

— Pyongyang está sob controle dos russos, e os americanos estão encarregados de Busan. É para um lugar assim que querem voltar?

— Não vai ser assim para sempre — argumentou Yoseb.

— Vocês vão morrer de fome lá.

— Não suporto mais viver no Japão.

— E como vai voltar para Pyongyang ou Busan? Não consegue nem ao menos sair desta fazenda andando.

— A fábrica me deve os meus salários. Quando me recuperar, voltarei a Nagasaki para receber o meu dinheiro.

— Quando foi a última vez que leu um jornal?

Hansu tirou dos caixotes uma pilha de jornais coreanos e japoneses que trouxera para Kim. Colocou a pilha ao lado da cama de Yoseb.

Yoseb olhou para os jornais, mas se recusou a pegá-los.

— Não há dinheiro para pagá-lo — disse Hansu lentamente, como se Yoseb fosse uma criança. — A empresa nunca vai pagá-lo. Nunca. Não há nenhum registro do seu trabalho, e você não tem como provar que trabalhou. O que o governo mais quer é que todos os coreanos pobres deixem o país, mas não vai pagar a passagem nem lhes dar um sen sequer por seu esforço.

— O que quer dizer com isso? Como pode saber? — questionou Yoseb.

— Eu sei. Eu conheço o Japão — respondeu Hansu, parecendo pessoalmente decepcionado. Tinha vivido entre os japoneses

durante toda a vida adulta. Seu sogro era sem dúvida o agiota japonês mais poderoso de Kansai. Hansu podia dizer com segurança que os japoneses eram patologicamente intratáveis quando queriam ser. Nesse sentido, eram iguais aos coreanos, exceto pelo fato de que sua teimosia era mais silenciosa, mais difícil de detectar.

— Sabe como é difícil arrancar dinheiro de um japonês? Se não quiserem lhe pagar, nunca pagarão. Vai perder seu tempo.

O corpo inteiro de Yoseb ardia e coçava.

— Todos os dias, para cada barco que zarpa rumo à Coreia cheio de idiotas querendo voltar para casa, dois barcos lotados de refugiados voltam porque não há nada para comer lá. As pessoas que vêm da Coreia estão ainda mais desesperadas do que vocês. Estão dispostas a trabalhar em troca de um pedaço de pão velho. As mulheres se prostituem depois de dois dias sem ter o que comer, um, se tiverem filhos para alimentar. Você está sonhando com um país que não existe mais.

— Meus pais estão lá.

— Não. Eles não estão.

Yoseb se virou para olhar nos olhos de Hansu.

— Por que acha que eu trouxe apenas a mãe de Sunja? Realmente acha que não fui capaz de encontrar seus pais e seus sogros?

— Você não sabe o que aconteceu a eles — disse Yoseb. Já fazia mais de um ano que nem ele nem Kyunghee tinham notícias dos pais.

— Eles foram fuzilados. Todos os proprietários de terra tolos o suficiente para permanecer lá foram fuzilados. Os comunistas dividem as pessoas em categorias simples.

Yoseb começou a chorar e cobriu os olhos.

A mentira tinha que ser contada, e Hansu não se importava de contá-la. Se os pais deles ainda não estivessem mortos, inevitavelmente morreriam de fome ou de velhice. Era bem provável que tivessem sido fuzilados. As condições no Norte ocupado pelos comunistas eram terríveis. Diversos proprietários de terra haviam sido presos, mortos e atirados em valas comuns. Não, ele não sabia ao certo se os pais de Yoseb estavam vivos ou não, e sim, poderia

ter descoberto se não se importasse em arriscar alguns de seus homens para encontrá-los, mas não via sentido em fazer isso. Não via como a vida deles poderia ser útil a seus propósitos. Encontrar a mãe de Sunja tinha sido fácil: foram necessários apenas dois dias do tempo de seus homens. No esquema geral, era preferível que Yoseb e Kyunghee tivessem perdido os pais, porque Sunja os teria seguido cegamente para a Coreia, imbuída de algum senso de dever absurdo. Seria melhor que Yoseb e Kyunghee ficassem no Japão, por enquanto, de qualquer maneira. Hansu nunca permitiria que seu filho fosse para Pyongyang.

Ele abriu um dos pacotes e retirou uma garrafa grande de *soju*. Destampou-a e a passou para Yoseb, então deixou o celeiro para falar com Tamaguchi sobre um pagamento.

* * *

Depois de terminar seu trabalho, Sunja enfim voltou ao celeiro e encontrou Hansu esperando por ela. Ele estava sentado sozinho ao lado dos comedouros, no extremo oposto, a uma boa distância dos meninos, que estavam lendo. Yoseb dormia profundamente. Kyunghee e Yangjin estavam na casa, preparando o jantar, enquanto Kim carregava sacos de batatas para o galpão. Hansu a cumprimentou primeiro, em seguida gesticulou para que ela se aproximasse, já não sentia necessidade de ser discreto.

Sunja ficou de pé junto ao banco diante de Hansu.

— Sente-se, sente-se — insistiu ele, mas Sunja recusou. — Tamaguchi me disse que quer adotar seus filhos — disse ele tranquilamente, com um sorriso.

— O quê?

— Eu disse a ele que você nunca abriria mão deles. Ele se ofereceu até mesmo para adotar apenas um deles. Pobre homem. Não se preocupe. Ele não pode fazer isso.

— Em breve, iremos para Pyongyang — disse ela.

— Não. Isso não vai acontecer.

— Como assim?

— Todos em Pyongyang estão mortos. Os pais de Kyunghee. Seus sogros. Todos fuzilados por possuírem propriedades. Essas coisas acontecem quando o governo muda. É preciso se livrar dos inimigos, e os proprietários de terra são inimigos dos trabalhadores — disse Hansu.

— *Uh-muh*.

Sunja finalmente se sentou.

— Sim, é triste, mas não há nada que se possa fazer.

Sunja era uma mulher pragmática, mas até ela achava que Hansu era incomumente cruel. Quanto mais convivia com ele, mais se convencia de que o homem que amava na juventude era apenas uma ideia que havia criado dele, sentimentos sem nenhuma relação com a realidade.

— Você deveria estar pensando na educação de Noa. Eu trouxe alguns livros para ele começar a estudar para os exames de admissão na faculdade.

— Mas...

— Vocês não podem voltar para a Coreia. Terão que esperar até as coisas ficarem mais estáveis.

— Não cabe a você decidir isso. Meus filhos não têm futuro aqui. Se não pudermos voltar agora, voltaremos quando for mais seguro.

Sua voz vacilou, mas ela disse o que precisava dizer.

Hansu ficou em silêncio por um momento.

— O que você decidir fazer depois é outra coisa, mas, enquanto isso, Noa deveria estar estudando para a faculdade. Ele já tem doze anos.

Sunja vinha pensando sobre a educação de Noa, mas não sabia como ajudá-lo. Além disso, como ia pagar pela faculdade? Eles não tinham dinheiro suficiente nem para a passagem de volta para casa. Sem que Yoseb ouvisse, as três mulheres conversavam sobre isso o tempo todo. Tinham que voltar para Osaka para arranjar uma maneira de ganhar dinheiro novamente.

— Enquanto estiver neste país, Noa deve estudar. A Coreia ficará mergulhada no caos por muito tempo. Além disso, ele já é um bom aluno japonês. Quando voltar, terá um diploma de uma boa universidade japonesa. É o que todos os coreanos ricos estão fazendo, de qualquer maneira: enviando os filhos para o exterior. Se

Noa conseguir passar para uma universidade, eu pago. Pago os estudos de Mozasu também. Posso arranjar professores particulares quando voltarem...

— Não — disse Sunja em voz alta. — Não.

Ele decidiu não discutir, porque sabia que Sunja era teimosa. Tinha aprendido isso. Hansu apontou para os caixotes ao lado da cama de Yoseb.

— Eu trouxe carne e peixe seco. Também há frutas enlatadas e barras de chocolate dos Estados Unidos. Trouxe as mesmas coisas para a família de Tamaguchi, de forma que não precisam compartilhar com eles. Há tecido na caixa de baixo, todos vocês precisam de roupas, imagino. Há tesouras, linha e agulhas — acrescentou, orgulhoso de si mesmo por ter levado aquelas coisas. — Da próxima vez, vou trazer lã.

Sunja já não sabia como agir. Não se tratava de ingratidão. Na verdade, sentia vergonha de sua vida, de sua impotência. Tocou os cabelos despenteados com as mãos queimadas pelo sol e as unhas sujas. Não queria que ele a visse daquela maneira. De repente, ocorreu-lhe que nunca mais voltaria a ser bonita.

— Eu trouxe alguns jornais. Peça que alguém leia para você. As histórias são todas iguais... Vocês não podem voltar agora. Seria péssimo para os meninos.

Sunja o encarou.

— Foi assim que você me fez vir para cá e é assim que está tentando me fazer ficar no Japão. Você disse que seria melhor para os meninos, então eu os trouxe para a fazenda.

— Eu não estava errado.

— Eu não confio em você.

— Você está tentando me magoar, Sunja, mas isso não faz sentido. — Ele balançou a cabeça. — Lembre-se: seu marido ia querer que os meninos fossem para a faculdade. Eu também quero o melhor para eles e para você, Sunja. Você e eu... somos bons amigos — disse ele, tranquilamente. — Sempre seremos bons amigos. Sempre teremos Noa. — Ele esperou para ver se ela ia dizer alguma coisa, mas era como se seu rosto tivesse se fechado como uma porta. — Seu cunhado sabe. Sobre Noa. Eu não contei, ele deduziu.

Sunja cobriu a boca com a mão.

— Não precisa se preocupar. Vai ficar tudo bem. Se quiser voltar para Osaka, Kim cuidará de tudo. Recusar minha ajuda seria egoísta da sua parte. Você deveria dar a seus filhos todas as oportunidades. Posso proporcionar muitas coisas a eles.

Antes que ela pudesse falar, Kim voltou ao celeiro. Ele passou pelos meninos, que continuavam absortos em seus livros.

— Chefe — disse. — Que bom vê-lo. Gostaria de beber alguma coisa?

Hansu respondeu que não.

Sunja então se deu conta de que não havia oferecido nada a ele.

— Então, está pronto para voltar para Osaka? — perguntou Hansu.

— Sim, senhor — respondeu ele, sorrindo.

Sunja parecia angustiada, mas ele preferiu não dizer nada a ela por enquanto.

— Meninos — gritou Hansu para o outro lado do celeiro —, o que estão achando dos livros?

Kim acenou para que eles se aproximassem, e os meninos correram até ele.

— Noa, quer voltar para a escola? — perguntou Hansu.

— Sim, senhor. Mas...

— Se quiser voltar para a escola, precisa voltar para Osaka imediatamente.

— Mas e a fazenda? E a Coreia? — perguntou Noa, endireitando as costas.

— Ainda vai demorar um pouco até poderem voltar para a Coreia, mas, enquanto isso, não pode deixar sua mente ficar ociosa — retrucou Hansu, sorrindo. — O que achou dos livros que eu trouxe? São difíceis?

— Sim, senhor, mas quero aprender. Acho que preciso de um dicionário.

— Vou arranjar um para você — disse Hansu, orgulhoso. — Você estuda, e eu pago a faculdade. Um garoto não deveria ter que se preocupar com o preço da mensalidade. É importante que os coreanos mais velhos apoiem os jovens coreanos em seus estudos.

Como vamos ser uma grande nação se não apoiarmos nossos filhos?

Noa sorriu, e Sunja não conseguiu dizer nada.

— Mas eu quero ficar na fazenda — interveio Mozasu. — Isso não é justo. Eu não quero voltar para a escola. Eu odeio a escola.

Hansu e Kim riram.

Noa puxou Mozasu em sua direção e se curvou. Em seguida, eles foram para o outro lado do celeiro.

* * *

Quando estavam longe o suficiente dos adultos, Mozasu disse a Noa:

— Tamaguchi-*san* disse que podemos morar aqui para sempre. Ele disse que nos considera como filhos.

— Mozasu, não podemos continuar morando neste celeiro.

— Eu gosto das galinhas. Hoje de manhã, quando fui pegar os ovos, elas não me bicaram nem uma vez. É bom dormir no celeiro, principalmente depois que tia Kyunghee fez cobertores de feno para nós.

— Bem, você vai pensar diferente quando ficar mais velho — disse Noa, segurando os grossos volumes dos livros nos braços. — *Appa* ia querer que fôssemos para a faculdade e nos tornássemos pessoas cultas.

— Eu odeio livros — retrucou Mozasu, carrancudo.

— Eu adoro livros. Poderia passar o dia todo lendo e não fazer mais nada. *Appa* também gostava de ler.

Mozasu se jogou sobre Noa na tentativa de começar uma luta, e Noa riu.

— Irmão, como era o *appa*?

Mozasu se sentou e olhou para Noa com seriedade.

— Ele era alto. E tinha a pele clara como a sua. Usava óculos, como eu. Era muito bom nos estudos e em aprender coisas sozinho, só lendo nos livros. Ele adorava aprender. Era feliz quando estava lendo, ele me contou.

Noa sorriu.

— Como você — observou Mozasu. — Não como eu. Bem, eu gosto de mangá.

— Isso não é leitura de verdade.

Mozasu deu de ombros.

— Ele sempre foi bom com *umma* e comigo. Costumava provocar tio Yoseb e fazê-lo rir. *Appa* me ensinou a escrever e a memorizar as tabelas de multiplicação. Fui o primeiro na escola a sabê-las de cor.

— Ele era rico?

— Não. Pastores não podem ser ricos.

— Eu quero ser rico — disse Mozasu. — Quero ter um caminhão grande e um motorista.

— Achei que você queria morar em um celeiro — disse Noa, sorrindo — e recolher ovos de galinha todas as manhãs.

— Prefiro ter um caminhão, como *ajeossi* Hansu.

— Prefiro ser um homem culto, como *appa*.

— Eu não — disse Mozasu. — Eu quero ganhar muito dinheiro para que *umma* e tia Kyunghee não precisem mais trabalhar.



9

Osaka, 1949

Depois que a família voltou para Osaka, Hansu deixou Kim encarregado de cobrar as taxas dos proprietários de barracas do mercado Tsuruhashi. Em troca, os homens de Hansu davam aos proprietários proteção e apoio. Naturalmente, ninguém queria pagar essas taxas, que não eram nada insignificantes, mas não havia muita escolha. Nas raras ocasiões em que alguém chorava miséria ou cometia a tolice de se recusar a pagar, Hansu mandava outros homens no lugar de Kim para resolver a situação. Para os comerciantes, os pagamentos eram uma prática estabelecida havia muito tempo, apenas mais um dos custos de manter o negócio.

Todos que trabalhavam para Hansu tinham que transmitir a imagem adequada da organização. Os homens que trabalhavam para ele, tanto japoneses quanto coreanos, se esforçavam para ser discretos, evitando atrair qualquer tipo de atenção negativa desnecessária. Exceto por sua miopia, corrigida pelos óculos grossos, Kim era um homem de aparência agradável: humilde, trabalhador e educado. Hansu preferia que ele se encarregasse da cobrança, porque era eficaz e sempre muito gentil — ele era a embalagem limpa de um trabalho sujo.

Era noite de sábado, e Kim havia acabado de recolher os pagamentos da semana: mais de sessenta pacotes de dinheiro, cada um embrulhado em papel novo e etiquetado com o nome do negócio. Ninguém havia deixado de pagar. Quando se aproximou do carro de Hansu, Kim fez uma reverência para o chefe, que estava saindo do veículo. O motorista voltaria para pegá-los mais tarde.

— Vamos tomar alguma coisa — disse Hansu, dando tapinhas nas costas de Kim.

Eles caminharam na direção do mercado. No trajeto, homens se curvavam continuamente para Hansu, que retribuía com um aceno de cabeça. No entanto, não parou para falar com ninguém.

— Vou levá-lo a um lugar novo. Tem garotas bonitas lá. Imagino que esteja querendo uma depois de viver em um celeiro por tanto tempo.

Kim riu, surpreso. Seu chefe não costumava discutir esse tipo de coisa.

— Você gosta da mulher casada, eu sei — disse Hansu.

Kim continuou andando, incapaz de responder.

— A cunhada de Sunja — continuou Hansu, olhando para a frente enquanto os dois caminhavam pela rua estreita do mercado — ainda é muito bonita. O marido dela não consegue mais. Está bebendo cada vez mais, *nee*?

Kim tirou os óculos e limpou as lentes com o lenço. Ele gostava de Yoseb e se sentia mal por não defendê-lo. Yoseb bebia muito, mas não era um homem ruim. Era evidente que os homens da vizinhança ainda o admiravam. Em casa, quando estava se sentindo bem, ajudava os meninos com as tarefas da escola e lhes ensinava coreano. Às vezes, consertava máquinas para alguns donos de fábricas que conhecia, mas, devido a sua condição, não podia trabalhar regularmente.

— Como está a casa? — perguntou Hansu.

— Nunca vivi tão bem — respondeu Kim, e estava dizendo a verdade. — As refeições são deliciosas e a casa está sempre muito limpa.

— As mulheres precisam de um homem trabalhador que cuide delas. Mas me preocupo que você esteja apegado demais à mulher casada.

— Chefe, tenho pensado em voltar para a Coreia. Não para Daegu, mas para o Norte.

— Isso de novo? Não. Fim da discussão. Não me importo que você frequente essas reuniões socialistas, mas não comece a acreditar nessa palhaçada sobre voltar para a pátria-mãe. Os líderes da Mindan[1] não valem nada. Além disso, no Norte vão matá-lo e no Sul vai morrer de fome. Todos odeiam os coreanos que vivem no Japão. Eu sei. Se for, não conte comigo. Para nada.

— O líder Kim Il Sung lutou contra o imperialismo japonês...

— Eu conheço os homens dele. Alguns podem até acreditar na mensagem, mas a maioria está apenas interessada em receber o

pagamento semanal. Os que estão no comando e moram aqui nunca mais vão voltar. Pode apostar.

— Mas não acha que devemos fazer algo pelo nosso país? Esses estrangeiros estão retalhando a nação em...

Hansu colocou as mãos nos ombros de Kim e o encarou.

— Faz tanto tempo que não fica com uma garota que não está conseguindo raciocinar direito. — Hansu sorriu e em seguida ficou sério de novo. — Ouça, eu conheço os líderes tanto da Associação[2] quanto da Mindan. — Ele bufou. — Eu os conheço muito, muito bem...

— Mas a Mindan não passa de uma marionete dos americanos.

Hansu sorriu para Kim, divertindo-se com a ingenuidade do jovem.

— Há quanto tempo trabalha para mim?

— Eu devia ter doze ou treze anos quando me deu um trabalho.

— Quantas vezes conversei sobre política com você? — Kim tentou se lembrar. — Nunca. Não de verdade. Eu sou um homem de negócios. E quero que você seja um homem de negócios. E, sempre que for a essas reuniões, quero que pense por si mesmo e quero que pense em seus próprios interesses, acima de tudo. Todas essas pessoas, tanto os japoneses quanto os coreanos, estão ferradas porque continuam pensando no coletivo. Mas a verdade é que não existem líderes benevolentes. Eu o protejo porque você trabalha para mim. Se começar a se comportar como um idiota e contrariar meus interesses, então não vou poder mais protegê-lo. Quanto a esses grupos coreanos, você precisa lembrar que, não importa o que digam, os homens no comando são apenas homens, portanto, não são muito mais inteligentes do que porcos. E nós comemos porcos. Você viveu com aquele fazendeiro, Tamaguchi, que vendia batatas a preços obscenos enquanto japoneses morriam de fome durante a guerra. Ele violou os regulamentos de guerra, e eu o ajudei, porque ele queria dinheiro e eu também. Ele provavelmente acredita que é um japonês respeitável e decente, até mesmo um patriota orgulhoso. Não é o que todos pensam? Ele é um péssimo japonês, mas um homem de negócios inteligente. Eu não sou um bom coreano, também não sou japonês. Mas sou muito bom em ganhar dinheiro. Este país desmoronaria se todos

acreditassem nessas bobagens samurais. O imperador também não se importa com ninguém. Então, não vou dizer a você para não ir a nenhuma reunião e não participar de nenhum grupo, mas não esqueça: aqueles comunistas não se importam com você. Eles não se importam com ninguém. Está louco se acha que eles se importam com a Coreia.

— Às vezes sinto vontade de ver minha pátria novamente — disse Kim baixinho.

— Pessoas como nós não têm pátria.

Hansu pegou um cigarro, e Kim se apressou para acendê-lo.

Já fazia mais de vinte anos que Kim não voltava à Coreia. Sua mãe tinha morrido quando ele era pequeno e seu pai, um agricultor que arrendava terra, morreu pouco depois. A irmã mais velha fez o que pôde por ele, mas acabou se casando e em seguida desapareceu, deixando-o à própria sorte. Kim queria ir para o Norte para ajudar nos esforços de reunificação, mas também queria ir para Daegu para limpar as sepulturas dos pais e realizar um *jesa* adequado, agora que podia pagar.

Hansu deu uma longa tragada no cigarro.

— Você acha que eu gosto daqui? Não, eu não gosto daqui. Mas aqui eu sei o que esperar. Você não vai querer voltar a ser pobre. Changho, você trabalha para mim, tem comida e dinheiro suficientes, então começou a ter ideias... isso é normal. O patriotismo é apenas uma ideia, assim como o capitalismo ou o comunismo. Mas ideias podem fazer os homens esquecerem seus próprios interesses. E aqueles que estão no comando exploram os que acreditam demais em ideias. Você não pode resolver os problemas da Coreia. Nem uma centena de homens como você ou eu seriam capazes de resolver os problemas da Coreia. Os japoneses foram embora, e agora a Rússia, a China e os Estados Unidos estão brigando pelo nosso pequeno país de merda. Acha que pode lutar contra eles? Esqueça a Coreia. Concentre-se em algo que pode ter. Você quer a mulher casada? Ótimo. Então, livre-se do marido ou espere até ele morrer. Isso é algo que você pode resolver.

— Ela nunca vai deixá-lo.

— Ele é um fracassado.

— Não, não, ele não é — retrucou Kim, sério. — E ela não é o tipo de mulher que simplesmente...

Ele não conseguiu mais falar. Podia esperar até Yoseb morrer, mas era errado desejar a morte de um homem. Kim Changho acreditava em muitas coisas, inclusive na ideia de que uma esposa deve ser fiel ao marido. Se deixasse um homem arruinado, Kyunghee seria menos digna de sua devoção.

No fim da rua, Hansu parou e inclinou a cabeça, indicando um bar de aparência simples.

— Você quer uma garota agora ou quer voltar para casa e desejar a esposa de outro homem?

Kim olhou para a maçaneta da porta e a abriu, deixando o chefe entrar antes de segui-lo.

* * *

A nova casa em Osaka era mais sólida e dois tatames maior do que a antiga — tinha sido construída com tijolos, madeira maciça e telhas. Como Hansu havia previsto, os bombardeios tinham destruído a casa original. Kyunghee havia costurado a escritura no forro de seu melhor casaco e, quando chegou a hora, o advogado de Hansu fez com que o governo municipal reconhecesse os direitos de propriedade de Yoseb. Com o dinheiro que Tamaguchi lhes deu quando deixaram a fazenda, Yoseb e Kyunghee compraram o lote adjacente. Reconstruíram a casa com a ajuda da construtora de Hansu. Mais uma vez, Yoseb não disse a nenhum dos vizinhos que era o proprietário, era sempre prudente parecer mais pobre do que se era. O exterior da casa era quase idêntico às outras residências na rua em que moravam em Ikaino. A família tinha concordado que Kim deveria morar com eles e, quando Yoseb fez a proposta, ele não pôde recusar. As mulheres cobriram as paredes com papel de boa qualidade e compraram vidro forte e grosso para as pequenas janelas. Gastaram um pouco mais com tecidos mais nobres para fazer colchas e almofadas quentes e compraram uma mesa coreana baixa para as refeições e para que os meninos fizessem a lição de casa.

Pela fachada, a casa aparentava não ser nada além de um barraco espaçoso, mas por dentro ela era excepcionalmente limpa e bem organizada, com uma boa cozinha, onde havia espaço suficiente para guardar os carrinhos de comida durante a noite. Havia um banheiro anexo, que podia ser acessado pela porta da cozinha. Yangjin, Sunja e os meninos dormiam no cômodo central, que durante o dia servia como sala de estar; Yoseb e Kyunghee dormiam no grande cômodo ao lado da cozinha, que servia de despensa; e Kim dormia no pequeno quarto da frente, cujas duas paredes eram feitas de portas de correr de papel. Os sete — três gerações e um amigo da família — moravam na casa de Ikaino. Considerando o bairro em que estavam, as acomodações eram quase luxuosas.

Tarde da noite, quando Kim finalmente voltou do bar, todos já estavam dormindo. Hansu havia pagado por uma garota coreana excepcionalmente atraente, e Kim fora para um dos quartos dos fundos com ela. Depois, quis ir a uma casa de banhos, mas as casas da vizinhança onde morava já estavam fechadas. Ele se lavou o melhor que pôde na pia perto do banheiro externo, mas ainda sentia o sabor ceroso do batom rosa da garota.

A garota era jovem, vinte anos se tanto, e, quando não estava nos quartos dos fundos, trabalhava como garçonete. A guerra e a ocupação americana a haviam endurecido, como as outras garotas que trabalhavam no bar, e, por ser tão bonita, já tinha estado com muitos homens. Atendia pelo nome de Jinah.

Em um dos quartos reservados para clientes pagantes, Jinah fechou a porta e tirou o vestido de estampa floral. Ela não usava roupa íntima. Seu corpo era comprido e delgado, com os seios redondos e altos de uma jovem que não precisava de sutiã e as pernas magras de uma camponesa faminta. Ela se sentou no colo de Kim, esfregando-se de leve nele para deixá-lo duro, em seguida o conduziu cuidadosamente a um colchão vermelho no chão. Ela o despiu, o limpou habilmente com uma toalha quente e úmida, colocou um preservativo nele com a boca pintada. Fazia muito tempo desde a última vez que ele estivera com uma garota. Em toda a sua vida, só havia estado com prostitutas, mas aquela era a que tinha o rosto e o corpo mais bonitos, e Kim entendia por que ela

custava tão caro, embora não estivesse pagando dessa vez. Jinah o chamou de *oppa* e perguntou se ele queria penetrá-la, e ele fez que sim, espantado com a habilidade da garota, ao mesmo tempo encantadora e profissional. Ela o empurrou gentilmente para que se deitasse e subiu nos quadris dele, fazendo com que a penetrasse em um único movimento. Beijou a testa e os cabelos dele e deixou que enterrasse a cabeça entre seus seios enquanto transavam. Ele não sabia se a garota estava fingindo, mas ela parecia gostar do que estava fazendo, ao contrário das outras prostitutas, que fingiam ser virginais. Não houve falsos protestos, e Kim estava tão excitado que gozou quase que de imediato. Ela ficou deitada nos braços dele por um instante, em seguida se levantou para pegar uma toalha. Enquanto o limpava, disse que ele era bonito e pediu que voltasse para vê-la logo, porque ela ficaria pensando em sua enguia. Kim quase desejou passar a noite lá para se deitar mais uma vez com ela, mas Hansu estava esperando no bar, então ele prometeu voltar.

* * *

No quarto, alguém já havia arrumado sua cama. Kim se deitou no colchão limpo de algodão engomado e imaginou os dedos delgados de Kyunghee alisando os lençóis nos quais estava deitado. Como sempre, imaginou como seria fazer amor com ela. Uma mulher casada não se surpreenderia com o sexo, pensou, mas se perguntou se ela gostava do mesmo modo que Jinah parecia gostar. O que ele pensaria dela se fosse assim? No celeiro, sempre ia dormir antes das mulheres e ficava satisfeito com essa rotina, porque não suportava pensar em Yoseb se deitando com ela. Felizmente, no celeiro nunca ouviu ruídos, assim como não os ouvia na casa. Tinha certeza de que Yoseb não dormia mais com a mulher, e isso lhe permitia amá-la sem ter de odiá-lo. Dessa forma, ela também era dele. Hansu percebera seus sentimentos porque eram óbvios, ele não conseguia resistir a observar seu rosto delicado, seus movimentos tranquilos e graciosos. Achava que, se um dia pudesse estar com ela, morreria. Como seria dormir com ela todas as noites? Quando trabalhavam juntos no restaurante e

quando ficavam a sós na fazenda, a ideia de não poder abraçá-la quase o deixava louco. O que o impedia de fazer isso era a certeza de que ela nunca corresponderia: amava o marido e amava Yesu Kuristo, seu deus, em quem Kim não acreditava e que não permitia que seus seguidores fizessem sexo fora do casamento.

Kim fechou os olhos, desejando que Kyunghee abrisse a fina porta de papel do quarto dele. Ela tiraria o vestido da mesma maneira que a prostituta tinha feito e o beijaria. Ele a puxaria para mais perto e a aconchegaria junto ao seu corpo. Faria amor com ela e desejaria morrer, porque naquele momento sua vida seria perfeita. Imaginou os seios pequenos, a barriga e as pernas pálidas, a sombra do púbis. Voltou a ter uma ereção e riu baixinho, pensando que naquela noite estava se comportando como um menino, porque sentia que poderia fazer aquilo repetidas vezes sem nunca se cansar. Hansu estava errado por achar que uma bela prostituta faria com que ele deixasse de pensar em Kyunghee. Na verdade, naquele momento, desejava-a ainda mais, muito mais do que já havia desejado. Havia provado algo doce e fresco naquela noite e agora queria uma tina imensa daquilo, grande o suficiente para submergir nela.

Kim se masturbou e adormeceu ainda de óculos.

* * *

Na manhã seguinte, se levantou antes dos demais e saiu para trabalhar sem tomar café da manhã. À noite, enquanto voltava para casa, notou um par de ombros estreitos empurrando um carrinho de doces pela rua. Correu para alcançá-la.

— Deixe-me ajudá-la.

— Ah, olá — disse Kyunghee, com um sorriso de alívio. — Ficamos preocupados quando não o encontramos hoje de manhã. Não o vimos ontem à noite. Você comeu alguma coisa?

— Estou bem. Não precisa se preocupar comigo.

Ele reparou que a pilha de sacolas que ela usava para embrulhar os doces havia desaparecido.

— Acabaram as sacolas. Vendeu bem hoje?

Ela assentiu, sorrindo de novo.

— Vendi tudo, mas o preço do açúcar subiu mais uma vez. Talvez eu devesse fazer compotas, elas levam menos açúcar. Preciso arranjar receitas novas.

Kyunghee parou de andar para limpar a testa com as costas da mão.

Kim pegou o carrinho para empurrá-lo.

— Sunja já está em casa? — perguntou ele.

Kyunghee assentiu, parecendo preocupada.

— O que houve?

— Espero que não discutam hoje à noite. Meu marido está sendo muito duro com todo mundo ultimamente. Além disso, ele está...

Ela não disse mais nada. A saúde de Yoseb estava se deteriorando depressa, mas infelizmente ele ainda estava bem o suficiente para sentir o terrível desconforto de suas queimaduras e ferimentos. Tudo o irritava e, quando ficava com raiva, não fazia mais nenhum esforço para se conter. A baixa audição o obrigava a gritar, algo que nunca havia feito antes da guerra.

— É por causa da escola dos meninos. Você sabe.

Kim assentiu. Yoseb vinha dizendo a Sunja que os meninos deveriam frequentar uma escola coreana no bairro porque a família tinha que estar pronta para voltar a seu país. Os meninos tinham que aprender coreano. Hansu dizia o contrário. Sunja não dizia nada, mas todos sabiam que era uma péssima hora para voltar.

A rua que levava à casa deles estava vazia. Conforme o sol se punha, o crepúsculo emitia uma tênue luz rosa-acinzentada.

— É bom quando tudo fica silencioso — comentou ela.

— É sim.

Kim agarrou o guidão do carrinho com um pouco mais de força.

Algumas mechas tinham se soltado do coque, e Kyunghee ajeitou os cabelos atrás das orelhas. Mesmo no fim de um longo dia de trabalho, ainda havia algo limpo e iluminado em sua expressão, algo que não se deixava ser profanado.

— Ontem à noite, ele gritou com Sunja de novo por causa da escola. Meu marido tem boas intenções. Mas também sofre muito com as dores. Noa quer frequentar a escola japonesa. Ele quer ir para a Universidade de Waseda. Já imaginou? Uma universidade

grande como aquela! — Ela sorriu, orgulhosa do sonho grandioso do sobrinho. — E Mozasu, bem, ele não quer frequentar escola nenhuma. — Kyunghee riu. — Claro, não temos certeza de quando poderemos voltar, mas os meninos precisam aprender a ler e escrever. Não acha?

Kyunghee começou a chorar, mas não sabia explicar por quê.

Kim tirou do bolso do casaco o lenço que usava para limpar os óculos e o ofereceu a ela.

— Há tantas coisas que não podemos controlar — disse ele. Kyunghee assentiu. — Você quer voltar para a Coreia?

Ela respondeu sem encará-lo.

— Não consigo acreditar que meus pais estejam mortos. Nos meus sonhos, eles ainda estão vivos. Gostaria de vê-los novamente.

— Mas não pode voltar agora. É perigoso. Quando as coisas melhorarem...

— Você acha que vai demorar muito?

— Bem, você sabe como nós somos.

— Nós quem? — perguntou ela.

— Os coreanos. Nós gostamos de discutir. Todos acham que são mais espertos do que os demais. Imagino que quem estiver no comando vai lutar com todas as forças para manter o poder. — Ele apenas repetiu o que Hansu havia lhe dito, porque o chefe estava certo, sobretudo no que dizia respeito a enxergar o pior das pessoas. Nisso ele sempre estava certo.

— Então você não é comunista? — perguntou ela.

— O quê?

— Você frequenta essas reuniões políticas. Achei que, já que as frequenta, talvez não sejam tão ruins. Eles são contra o governo japonês e querem reunificar o país, não é? Quer dizer, os americanos não estão tentando dividir o país? Eu ouço o que as pessoas dizem no mercado, mas é difícil saber em quem acreditar. Meu marido diz que os comunistas não prestam, que foram eles que fuzilaram nossos pais. Sabe, meu pai sorria para todo mundo. Ele era uma pessoa muito boa.

Kyunghee não conseguia entender por que seus pais tinham sido mortos. Seu pai era o terceiro filho, de modo que seu lote de terra era muito pequeno. Os comunistas tinham matado todos os

proprietários de terras? Até os insignificantes? Ela também estava curiosa para saber o que Kim pensava, porque ele era um homem bom e sabia muito sobre o mundo.

Kim se apoiou no carrinho e olhou para ela com atenção, querendo confortá-la. Ele sabia que Kyunghee estava buscando seus conselhos, e isso fazia com que se sentisse importante. Ele se perguntou se ainda se interessaria por política com uma mulher como aquela ao seu lado.

— Existem tipos diferentes de comunistas? — perguntou ela.

— Acho que sim. Não sei se sou comunista. Sou contra a ideia de os japoneses dominarem a Coreia novamente e também não quero que os russos e os chineses controlem nosso país. Nem os americanos. Eu me pergunto por que não podem deixar a Coreia em paz.

— Mas você acabou de dizer: porque nós discutimos. Suponho que seja como quando duas senhorinhas brigam, e os moradores da aldeia sussurram constantemente em seus ouvidos sobre a maldade uma da outra. Se as senhorinhas quiserem ter paz, precisarão esquecer todo o resto e lembrar que costumavam ser amigas.

— Acho que devíamos colocá-la no comando — disse ele, empurrando o carrinho em direção à casa.

Mesmo que tivesse sido apenas uma breve caminhada, estar com ela fazia com que se sentisse feliz, embora também o fizesse desejá-la ainda mais. Kim frequentava aquelas reuniões para sair de casa, porque às vezes ficar perto dela era insuportável. Morava lá porque precisava vê-la todos os dias. Ele a amava. Isso nunca ia mudar, pensou. Sua situação era impossível.

A poucos metros de casa, os dois caminhavam devagar, murmurando coisas aleatórias sobre o dia, contentes e apenas um pouco menos tímidos. Kim continuaria sofrendo por amor.



10

Osaka, janeiro de 1953

Preocupada com dinheiro, Sunja acordou no meio da noite para fazer caramelos. Quando notou que a filha não estava na cama, Yangjin foi até a cozinha.

— Você não dorme mais — disse. — Vai ficar doente se não dormir.

— *Umma*, eu estou bem. Você deveria voltar para a cama.

— Estou velha. Não preciso mais dormir tanto — retrucou Yangjin, vestindo o avental.

Sunja estava tentando ganhar dinheiro extra para pagar pelas aulas particulares de Noa. Ele havia sido reprovado nos exames de admissão da Universidade de Waseda por apenas alguns pontos e tinha certeza de que conseguiria passar na próxima tentativa se fizesse aulas particulares de matemática. O preço cobrado pelos professores particulares era exorbitante. As mulheres estavam tentando ganhar mais dinheiro para que Noa pudesse deixar seu emprego como contador e se dedicar exclusivamente aos estudos, mas já era difícil cobrir os gastos da família e as contas médicas de Yoseb com o salário dele e o que elas ganhavam vendendo comida. Toda semana, Kim pagava pelo quarto e pelas refeições. Ele havia tentado contribuir para as aulas de Noa, mas Yoseb proibiu as mulheres de aceitarem um centavo que fosse além do que era razoável. Yoseb não permitia que Sunja aceitasse dinheiro de Hansu para custear a educação do filho.

— Conseguiu dormir um pouco na noite passada? — perguntou Yangjin.

Sunja fez que sim com a cabeça, colocando um pano limpo sobre os grandes pedaços de açúcar mascavo a fim de abafar o som do almofariz e do pilão.

Yangjin estava exausta. Em três anos, seria uma mulher de sessenta. Quando era menina, acreditava ser capaz de trabalhar mais do que qualquer outra pessoa em qualquer circunstância, mas

não se sentia mais assim. Ultimamente, estava sempre cansada e impaciente, as menores coisas a incomodavam. Com a idade, as pessoas supostamente ficavam mais pacientes, mas ela se sentia apenas mais irritada. Às vezes, quando um cliente reclamava do tamanho pequeno das porções, ela tinha vontade de destratá-lo. Nos últimos tempos, no entanto, o que mais a perturbava era o insuportável silêncio da filha. Yangjin tinha vontade de sacudi-la.

A cozinha era o cômodo mais quente da casa, e as luzes elétricas emitiam uma luz constante. As duas lâmpadas que pendiam do teto projetavam sombras grosseiras nas paredes de papel que lembravam duas cabaças solitárias pendendo de trepadeiras sem folhas.

— Eu ainda penso nas nossas meninas — disse Yangjin.

— Dokhee e Bokhee? Elas não arranjaram trabalho na China?

— Eu não deveria ter deixado que elas fossem com aquela mulher de fala mansa de Seul. Mas as meninas ficaram tão empolgadas com a ideia de viajar para a Manchúria e ganhar dinheiro... Prometeram voltar quando tivessem ganhado o suficiente para comprar a pensão. Eram boas garotas.

Sunja assentiu, lembrando-se da doçura das duas. Ela não conhecia mais pessoas assim. Era como se a ocupação e a guerra tivessem mudado a todos, e agora a guerra na Coreia estava piorando ainda mais as coisas. Pessoas que antes eram amáveis pareciam desconfiadas e insensíveis. Só restava inocência nas crianças pequenas.

— No mercado, soube que as meninas que iam trabalhar em fábricas eram levadas para outro lugar e tinham que fazer coisas terríveis com soldados japoneses. — Yangjin fez uma pausa, ainda frustrada. — Acha que isso pode ser verdade?

Sunja tinha ouvido as mesmas histórias e Hansu a alertara em mais de uma ocasião sobre os recrutadores coreanos que trabalhavam para o Exército japonês e faziam promessas falsas de bons empregos, mas não queria que a mãe se preocupasse ainda mais. Moeu o açúcar o mais fino que pôde.

— E se as meninas tiverem sido levadas para isso? — perguntou Yangjin.

— *Umma*, nós não sabemos — sussurrou Sunja. Ela acendeu o fogo e colocou açúcar e água na panela.

— Foi o que aconteceu. Eu sinto. — Yangjin assentiu para si mesma. — Seu *appa* ficaria tão triste por termos perdido a pensão... *Aigoo*. E agora esse conflito na Coreia. Não podemos voltar, porque o Exército recrutaria Noa e Mozasu. Não é isso?

Sunja assentiu. Não podia deixar que seus filhos se tornassem soldados.

Yangjin estremeceu. A corrente de ar que penetrava pela fresta da janela arrepiou sua pele morena e ressecada, então ela colocou um pano no parapeito. Puxou o colete de algodão gasto firmemente sobre as roupas de dormir e começou a moer açúcar para outra leva de caramelo, enquanto Sunja vigiava a panela borbulhante na chama baixa.

Sunja mexeu o açúcar na panela até que caramelizasse. Busan parecia pertencer a outra vida em comparação com Osaka. Yeongdo, sua pequena ilha rochosa, permanecia impossivelmente fresca e ensolarada em sua memória, embora fizesse vinte anos que não colocava os pés lá. Quando Isak tentou lhe explicar como era o Céu, ela imaginou o lugar onde nascera como o Paraíso, de uma beleza límpida e resplandecente. Até a lembrança da lua e das estrelas na Coreia parecia diferente da lua fria do Japão. Por mais que as pessoas reclamassem de como as coisas estavam ruins em seu país, era difícil para Sunja imaginar qualquer coisa que não fosse a casinha sólida e iluminada da qual seu pai cuidara tão bem, junto ao mar verde e vítreo, a horta abundante que lhes dava melancias, alface e abóboras, e o mercado ao ar livre onde as delícias nunca se esgotavam. Quando morava lá, não tinha amado aquele lugar o suficiente.

As notícias que chegavam da Coreia eram tão horríveis (cólera, fome e soldados que sequestravam meninos, incluindo os muito pequenos) que sua exígua vida em Osaka parecia luxuosa, mesmo com as tentativas patéticas de conseguir dinheiro suficiente para mandar Noa para a universidade. Pelo menos estavam juntos. Pelo menos podiam trabalhar para ter uma vida melhor. A guerra na Coreia havia estimulado o comércio no Japão, e havia mais empregos para todos. Os americanos ainda estavam no comando,

de forma que as mulheres conseguiam comprar açúcar e trigo. Embora Yoseb tivesse proibido Sunja de aceitar dinheiro de Hansu, quando, graças a seus contatos, Kim arranjava algum dos escassos ingredientes dos quais as mulheres precisavam, elas tomavam o cuidado de não fazer muitas perguntas nem falar a respeito com Yoseb.

Assim que o caramelo esfriou na panela de metal, as mulheres trabalharam rapidamente para cortá-lo em quadrados uniformes.

— Dokhee costumava zombar de mim pela forma displicente como eu cortava cebola — comentou Sunja, sorrindo. — E não suportava a lentidão com que eu lavava as panelas de arroz. Todas as manhãs, quando eu ia limpar o chão, ela dizia: “Sempre use dois panos para limpar o chão. Primeiro, varra, depois passe um pano limpo, em seguida limpe de novo com outro pano limpo!” Dokhee era a pessoa mais limpa que já conheci.

Enquanto falava, Sunja se lembrou do rosto redondo e simples de Dokhee ficando sério enquanto dava as instruções. Suas expressões, seus maneirismos e sua voz também voltaram a sua memória, e Sunja, que não orava com frequência, pediu a Deus por elas em seu coração. Orou para que elas não tivessem sido levadas pelos soldados. Isak costumava dizer que não nos cabia saber por que alguns sofriam mais do que outros, ele dizia que nunca devíamos nos apressar em julgar quando outras pessoas estavam em agonia. Por que ela havia sido poupada e as outras não?, perguntou-se Sunja. Por que estava naquela cozinha com a mãe quando tantos estavam morrendo de fome na Coreia? Isak costumava dizer que Deus tinha um plano, e Sunja acreditava que poderia ser assim, mas isso lhe proporcionava pouco consolo quando pensava nas garotas. Elas eram mais inocentes do que seus filhos quando ainda eram muito pequenos.

Quando levantou a cabeça, Sunja viu que a mãe estava chorando.

— Aquelas garotas perderam a mãe, depois o pai. Eu deveria ter feito mais por elas. Tentei ajudá-las a se casar, mas não tínhamos dinheiro. O destino da mulher é sofrer. Nós devemos sofrer.

Sunja sabia que a mãe tinha razão, que as meninas haviam sido enganadas. Provavelmente estavam mortas àquela altura. Ela

colocou a mão no ombro de Yangjin. Seus cabelos já estavam quase todos brancos e, durante o dia, ela os prendia em um coque antiquado na nuca. Era noite, e a trança grisalha e rala pendia sobre suas costas. Os anos de trabalho ao ar livre haviam vincado seu rosto oval e moreno, marcando a testa e o contorno da boca com rugas profundas. Desde que Sunja conseguia se lembrar, a mãe era a primeira a se levantar e a última a ir para a cama; mesmo quando as garotas trabalhavam com elas, Yangjin trabalhava tanto quanto a mais nova. Nunca fora de falar muito, mas, conforme ia ficando mais velha, tinha cada vez mais a dizer. Já Sunja nunca parecia saber o que dizer a ela.

— *Umma*, lembra-se de quando colhíamos batatas com *appa*? As belas batatas de *appa*. Eram gordas e brancas e ficavam tão gostosas quando você as assava na brasa. Não como batatas assim desde aquela época...

Yangjin sorriu. Tinha havido épocas mais felizes. A filha não esquecera Hoonie, que tinha sido um pai maravilhoso. Muitos de seus bebês haviam morrido, mas eles tiveram Sunja. Ela ainda a tinha.

— Pelo menos os meninos estão seguros. Talvez seja por isso que estamos aqui. Sim. — Yangjin fez uma pausa. — Talvez seja por isso que estamos aqui. — Seu rosto se iluminou. — Sabe, Mozasu é muito engraçado. Ontem, ele disse que quer morar nos Estados Unidos e usar terno e chapéu, como nos filmes. Disse que quer ter cinco filhos!

Sunja riu, porque isso era a cara de Mozasu.

— Estados Unidos? E o que você disse?

— Eu disse a ele que tudo bem, desde que venha me visitar com seus cinco filhos!

A cozinha cheirava a caramelo, e as mulheres trabalharam agilmente até a luz do sol inundar a casa.

* * *

A escola era um pesadelo. Mozasu era alto para um garoto de treze anos. Com ombros largos e braços musculosos, parecia mais viril do

que alguns de seus professores. Como não sabia ler nem escrever no mesmo nível dos garotos de sua idade, apesar dos prodigiosos esforços de Noa para ensinar-lhe os *kanji*, Mozasu havia sido colocado em uma turma cheia de meninos de dez anos. Ele falava japonês tão bem quanto os colegas; na verdade, possuía uma grande agilidade verbal, que lhe era muito útil nas discussões constantes com os colegas mais velhos. Em matemática, conseguia acompanhar a turma, mas tinha uma dificuldade brutal de ler e escrever em japonês. Os professores diziam que era um coreano idiota, e Mozasu contava os minutos para aquele inferno acabar. Apesar da guerra e das privações educacionais, Noa havia terminado a escola e, quando não estava trabalhando, estudava para os exames de admissão na universidade. Nunca saía de casa sem um livro para estudar e um dos antigos romances em inglês que comprava com o livreiro.

Seis dias por semana, Noa trabalhava para Hoji-*san*, o japonês alegre que era proprietário da maioria das casas do bairro onde moravam. Corria o boato de que Hoji-*san* era parte *burakumin* ou coreano, mas ninguém falava muito sobre sua linhagem humilhante, já que ele era o dono das casas em que moravam. Era possível que o boato maldoso de que ele não era um japonês puro tivesse sido iniciado por um inquilino insatisfeito, mas Hoji-*san* não parecia se importar. Como contador e secretário, Noa mantinha seus livros em excelente ordem e escrevia, em um japonês elegante, cartas aos departamentos municipais em nome do chefe. Apesar dos sorrisos e piadas, Hoji-*san* era implacável quando se tratava de cobrar o dinheiro do aluguel. Pagava muito pouco a Noa, mas o rapaz não reclamava. Poderia ganhar mais trabalhando para coreanos nos negócios de *pachinko* ou nos restaurantes *yakiniku*, mas não queria isso: ele queria trabalhar em uma empresa japonesa e fazer trabalho administrativo. Como quase todos os empresários japoneses, Hoji-*san* não costumava empregar coreanos, mas seu sobrinho tinha sido professor de Noa na escola, e Hoji-*san*, um homem que sabia encontrar boas barganhas, contratou aquele que seu sobrinho lhe recomendou como seu aluno mais brilhante.

À noite, Noa ajudava Mozasu com os deveres da escola, embora ambos soubessem que era inútil, já que Mozasu não tinha nenhum

interesse em memorizar os *kanji*. Como seu sofrido tutor, Noa se concentrava em ensinar o irmão a somar e escrever o básico. Com uma paciência admirável, nunca ficava chateado quando Mozasu se saía mal nas provas. Ele sabia como era para a maioria dos coreanos na escola: quase todos abandonavam os estudos, e ele não queria que isso acontecesse com Mozasu, por isso não se concentrava nas notas das provas. Inclusive pedia ao tio Yoseb e à mãe que não se aborrecessem com os boletins do irmão. Ele dizia que o objetivo era garantir que as habilidades de Mozasu fossem superiores às da média dos trabalhadores. Se Noa não tivesse se esforçado tanto e não tivesse lhe ensinado com tanto empenho, Mozasu teria feito o que quase todos os outros meninos coreanos do bairro faziam em vez de ir à escola: recolheria sucata para vender, procuraria comida podre para os porcos que as mães criavam em casa ou, pior, teria problemas com a polícia por causa de pequenos delitos.

Aluno dedicado, depois de ajudar Mozasu, Noa estudava inglês com um dicionário e uma gramática. Nessa hora, invertiam-se os papéis e Mozasu, que se interessava mais por inglês do que por japonês ou coreano, ajudava o irmão mais velho a ampliar o vocabulário, sabatinando Noa sobre palavras e expressões em inglês.

Na horrível escola local, Mozasu se sentava nos fundos e ficava sozinho durante o almoço e o recreio. Havia mais quatro coreanos na turma, mas todos usavam o nome japonês e se recusavam a falar de sua origem, especialmente na presença de outros coreanos. Mozasu sabia quem eles eram, porque moravam em sua rua e ele conhecia suas famílias. Todos eram mais novos, tinham apenas dez anos, então Mozasu se mantinha longe deles, sentindo ao mesmo tempo pena e desprezo.

A maioria dos coreanos no Japão tinha pelo menos três nomes. Mozasu era Mozasu Boku, a forma japonesa de Moses Baek, e raramente usava seu sobrenome japonês, Bando, o *tsumei* que aparecia nos documentos escolares e de residência. Com o primeiro nome de uma religião ocidental, o sobrenome obviamente coreano e seu endereço no gueto, todos sabiam o que ele era, não fazia sentido negar. Os garotos japoneses o ignoravam, mas Mozasu não

dava a mínima. Antes, mais novo, costumava se irritar quando zombavam dele, embora muito menos do que Noa, que compensava superando os colegas de classe nos âmbitos acadêmico e esportivo. Todos os dias, antes do início e após o término das aulas, os meninos maiores gritavam para Mozasu:

— Volte para a Coreia, seu idiota fedorento.

Quando havia muitos deles, Mozasu continuava andando. Quando eram apenas um ou dois, ele os golpeava o mais forte que podia até arrancar sangue.

Mozasu sabia que estava se tornando um dos maus coreanos. Os policiais prendiam coreanos com frequência por roubar ou destilar álcool em casa. Toda semana, alguém em sua rua tinha problemas com a polícia. Noa costumava dizer que, porque alguns coreanos violavam a lei, todos pagavam o preço. Em todas as ruas de Ikaino, havia um homem que batia na esposa e meninas que trabalhavam em bares onde, segundo os rumores, aceitavam dinheiro em troca de favores. Noa argumentava que os coreanos tinham que mudar essa imagem trabalhando mais e sendo pessoas melhores. Mozasu só queria bater em todos que diziam coisas maldosas a seu respeito. Em Ikaino, havia velhas senhoras que xingavam e homens bêbados que dormiam fora de casa. Os japoneses não queriam que os coreanos morassem perto deles, porque não eram limpos, criavam porcos em casa e as crianças tinham piolhos. Além disso, diziam que os coreanos eram piores do que os *burakumin*, porque os *burakumin* pelo menos tinham sangue japonês. Noa contou a Mozasu que seus antigos professores diziam que ele era um bom coreano, e Mozasu compreendeu que, com suas notas ruins e péssimas maneiras, esses mesmos professores pensariam que ele era um péssimo coreano.

Então por que se importar? Se garotos de dez anos achavam que ele era estúpido, tudo bem. Se achavam que ele era violento, tudo bem. Se fosse preciso, arrancaria todos os dentes deles. *Vocês acham que sou um animal*, pensava Mozasu, *então posso ser um animal e machucá-los*. Ele não tinha intenção de ser um bom coreano. Qual era o sentido disso?

Perto da primavera, alguns meses antes do fim da guerra na Coreia, um novo garoto de Kyoto ingressou em sua classe. Ele tinha

onze anos, prestes a completar doze. Haruki Totoyama era obviamente um garoto pobre, a julgar pelo uniforme surrado e pelos sapatos gastos. Também era magro e míope. Tinha um rosto pequeno e triangular e poderia ter sido aceito pelos demais se alguém não tivesse espalhado que ele morava na rua que ficava no limite entre o gueto coreano e o bairro onde moravam os japoneses pobres. Boatos de que Haruki era *burakumin* logo se espalharam, embora ele não fosse. Em seguida, descobriram que Haruki tinha um irmão mais novo cuja cabeça tinha a forma de um melão amassado. Apesar de ser japonesa, a mãe de Haruki não conseguira arranjar nenhum lugar melhor para eles morarem, porque muitos dos proprietários japoneses achavam que a família era amaldiçoada. Haruki não tinha pai, sua ausência seria compreensível se ele tivesse morrido na guerra, mas a verdade era que, quando seu irmão nasceu, o pai olhou para o filho e os abandonou.

Ao contrário de Mozasu, Haruki queria ser aceito e se esforçava muito, mas nem mesmo os garotos mais pobres lhe davam uma chance. Ele era tratado como um animal doente. Os professores, que seguiam o exemplo dos alunos populares, mantinham distância de Haruki. O garoto novo tinha esperanças de que aquela escola fosse diferente de sua antiga escola em Kyoto, mas logo percebeu que também não teria chance ali.

Na hora do almoço, Haruki se sentava na extremidade da longa mesa, com dois assentos vazios de cada lado, como parênteses invisíveis, enquanto os outros garotos de uniformes escuros se apinhavam lado a lado, como uma fileira apertada de grãos de milho pretos. Não muito longe da mesa, Mozasu, que sempre se sentava sozinho, observava o garoto novo, que de vez em quando tentava dizer alguma coisa aos demais, embora, é claro, nunca recebesse resposta.

Depois de um mês disso, Mozasu finalmente disse algo a ele no banheiro.

— Por que tenta fazer aqueles garotos gostarem de você? — perguntou.

— Que alternativa eu tenho? — respondeu Haruki.

— Você pode mandá-los à merda e seguir com a sua vida, como eu.

— E que tipo de vida você tem? — perguntou Haruki. Não pretendia ser antipático, queria apenas saber se havia alternativa.

— Veja, se as pessoas não gostam de você, nem sempre é sua culpa. Meu irmão me disse isso.

— Você tem um irmão?

— Tenho. Ele trabalha para Hoji-*san*, você sabe, o senhorio.

— Seu irmão é o rapaz de óculos? — perguntou Haruki. Hoji-*san* também era proprietário da casa em que ele morava.

Mozasu fez que sim com a cabeça, sorrindo. Tinha orgulho de Noa, que causava uma ótima impressão no bairro. Todos o respeitavam.

— É melhor eu voltar para a aula — disse Haruki. — Posso ter problemas se me atrasar.

— Você é um maricas — provocou Mozasu. — Realmente se importa se o professor vai gritar com você? Kara-*sensei* é ainda mais covarde do que você. — Haruki engoliu em seco. — Se quiser, pode se sentar comigo no recreio.

Ele nunca havia feito uma oferta assim antes, mas não achava que seria capaz de assistir mais uma vez a Haruki tentando conversar com aqueles idiotas e sendo ignorado. De uma maneira estranha, assistir a seus esforços era doloroso e constrangedor.

— Sério? — disse Haruki, sorrindo.

Mozasu assentiu e, mesmo depois de adultos, nenhum dos dois jamais esqueceu como se tornaram amigos.



11

Outubro de 1955

Mozasu tinha uma fotografia do lutador profissional Rikidozan colada na parte interna da tampa do baú onde guardava suas coisas especiais, como as revistas em quadrinhos favoritas, moedas antigas e os óculos do pai. Ao contrário do lutador coreano, Mozasu não gostava de se aproximar muito de seu oponente nem de lutar por muito tempo. Rikidozan era conhecido por seu famoso golpe de karatê e, como ele, Mozasu tinha uma mira mortal em seus ataques.

Ao longo dos anos, tinha batido em muitos tipos de garotos: ele os golpeava quando o insultavam, quando implicavam com seu amigo Haruki e quando importunavam sua mãe ou sua avó na banca de doces da estação Tsuruhashi. Àquela altura, Sunja já tinha se acostumado com os bilhetes e visitas de professores, conselheiros e pais furiosos. Não havia muito que pudesse fazer para impedir o filho de brigar, e morria de medo de que ele acabasse tendo problemas sérios ou discutisse com o garoto errado. Depois de cada incidente, Yoseb e Noa conversavam com ele, e as brigas paravam por um tempo. No entanto, quando era provocado, Mozasu socava qualquer um que merecesse.

Quando Sunja perguntava o que havia acontecido, sempre podia esperar duas coisas: um pedido sincero de desculpas por causar vergonha a ela e à família e a justificativa de que não tinha começado a briga. Sunja acreditava nele. O filho, que já tinha dezesseis anos, não era violento por natureza. Evitava brigas sempre que podia, mas, quando as coisas ficavam muito ruins, acabava com as provocações com um soco rápido e eficaz na cara do instigador. Mozasu já tinha quebrado o nariz de vários garotos e deixado muitos de olho roxo. Àquela altura, apenas um idiota teimoso ou um valentão novato na escola teriam coragem de se meter com ele. Até os professores respeitavam a autoridade física do garoto, e todos sabiam que ele não abusava de seu poder e preferia que o deixassem em paz.

Para que ficasse longe de encrencas, Mozasu era obrigado a ir para a banca de doces depois da escola. Kyunghee ficava em casa com Yoseb, e Noa queria que o irmão ajudasse a mãe e a avó. Quando a família tivesse dinheiro suficiente para comprar uma loja, esperava-se que Mozasu a administrasse com a mãe e a avó. Não era o que ele queria. Trabalhar no mercado era tarefa de mulheres e, embora as respeitasse, ele não queria fazer caramelos nem vender *taiyaki* pelo resto da vida.

Por enquanto, não se importava de ajudar, buscando mais carvão para o fogareiro que ficava embaixo da grelha de *taiyaki* e do queimador no qual preparavam os caramelos. No fim do dia, Sunja e Yangjin ficavam aliviadas por ter um garoto forte para empurrar os carrinhos até em casa, já que elas trabalhavam desde o amanhecer. No entanto, Mozasu não tinha muito o que fazer entre as quatro e as sete, porque Sunja e Yangjin podiam preparar os doces e atender os clientes sem sua ajuda. Nunca havia muito movimento naquele horário.

Era uma tarde de fim de outono, o movimento estava muito fraco e as mulheres do mercado conversavam umas com as outras, pois havia poucos clientes. Mozasu deu a desculpa de ir comprar *gimbap* do outro lado do mercado, e ninguém pareceu se importar. Na verdade, foi ver Chiyaki, a garota que vendia meias.

Ela era uma órfã japonesa de dezoito anos cujos pais haviam morrido na guerra. Morava e trabalhava com os avós idosos, donos da grande loja de meias. Pequena e cheia de curvas, Chiyaki gostava de flertar. Não gostava muito das outras garotas, preferia a companhia dos garotos que trabalhavam no mercado. Chiyaki provocava Mozasu, porque era dois anos mais velha do que ele, mas de todos os garotos dos quais gostava, achava que ele era o mais bonito. Era uma pena, pensava, que ele fosse coreano, porque seus avós a deserdariam se o namorasse. Ambos sabiam disso, mas não havia mal nenhum em conversar.

Quando os avós de Chiyaki iam para casa, à tarde, e a deixavam sozinha para atender os clientes e fechar a loja, Mozasu e outros garotos iam até lá para fazer companhia a ela. Chiyaki havia abandonado os estudos anos antes, porque odiava as garotas metidas que mandavam na escola. Além disso, seus avós achavam

que não fazia sentido ela terminar os estudos. Eles estavam arranjando o casamento dela com o segundo filho de um fabricante de tatames, um rapaz que Chiyaki achava extremamente chato. Ela gostava de rapazes bem-vestidos e bons de conversa. Apesar de seu interesse por garotos, era muito inocente e nunca havia feito nada com ninguém. Ia herdar a loja dos avós e era bonita o suficiente para fazer com que um rapaz a levasse a um café se quisesse. Seu valor era evidente, e o que ela mais gostava era de fazer um homem lhe dedicar devoção.

Quando Mozasu bateu no batente da porta e entregou a ela o famoso *taiyaki* da avó ainda quente, Chiyaki sorriu e lambeu os lábios. Primeiro sentiu o aroma, depois deu uma mordida.

— *Oishi! Oishi!* Muito obrigada, Mo-*san* — disse. — Um jovem bonito que sabe preparar doces. Você é perfeito, *nee*?

Mozasu sorriu. Ela era adorável, não havia nenhuma outra garota como ela. Diziam que dava conversa para muitos garotos, mas ainda assim ele gostava de estar em sua companhia. Além disso, nunca a vira com outro rapaz, de forma que não sabia se os boatos eram verdadeiros. Tinha um corpo bonito e usava um batom cor de framboesa que fazia com que sua boca pequena parecesse deliciosa.

— Como vão as vendas? — perguntou ele.

— Nada mal. Eu não me preocupo. Sei que ganhamos o suficiente para a semana, porque meu avô me disse.

— A senhora das sandálias está olhando para nós — alertou Mozasu.

Watanabe-*san* era dona da loja em frente e era a melhor amiga da avó de Chiyaki.

— Essa velha bruxa. Eu a detesto. Ela vai fazer fofoca para minha avó sobre mim de novo, mas eu não ligo.

— Não vai ter problemas por falar comigo?

— Não. Só vou ter problemas se continuar deixando que traga doces para mim — respondeu ela.

— Bem, vou parar então.

— *Iyada!*

Chiyaki comeu mais um pedaço do bolinho e balançou a cabeça como uma garotinha voluntariosa.

Os dois olharam quando um homem vestido como funcionário de escritório parou diante da loja. Chiyaki apontou para o banco vazio no canto, e Mozasu se sentou e começou a ler o jornal.

— Posso ajudá-lo, senhor? — perguntou Chiyaki. Ele tinha ido à loja mais cedo, quando os avós dela ainda estavam lá, mas tinha voltado. — O senhor gostaria de ver aquelas meias pretas de novo?

— Você se lembra de mim? — perguntou o homem, animado.

— Claro. O senhor esteve aqui hoje de manhã.

— Uma garota bonita como você se lembrou de mim... Gosto disso. Fico feliz por ter voltado.

Mozasu ergueu os olhos do jornal, em seguida voltou a baixá-los.

— Quantas vai querer?

— Quantas você tem?

— Pelo menos vinte pares do seu tamanho — respondeu ela.

Às vezes, uma pessoa comprava dez pares. Certa vez, uma mãe comprou duas caixas para o filho que estava indo para a faculdade.

— Vou querer dois pares, mas levo mais se os colocar em mim.

Mozasu dobrou o jornal e olhou para o homem, que não parecia ter notado sua irritação.

— Vou embrulhar esses dois então — disse a garota.

— Qual é o seu nome? — perguntou ele.

— Chiyaki.

— Eu tenho uma prima com esse nome. Minha nossa, você é muito bonita. Tem namorado?

Chiyaki não respondeu.

— Não? Então deveria ser minha namorada.

O homem colocou o dinheiro na mão dela e a segurou.

Chiyaki sorriu. Já havia lidado com aquele tipo de sujeito e sabia o que ele estava sugerindo, mas fingiu não entender. Mozasu estava com ciúmes, mas ela não se importava e estufou de leve o peito. Na casa de banho, as mulheres mais velhas sempre olhavam para seus seios redondos e firmes e diziam que tinha sorte.

O homem olhou exatamente para onde Chiyaki queria e disse:

— Ótimo. A que horas posso buscá-la hoje à noite? Eu lhe pago alguns *yakitori*.

— Hora nenhuma — respondeu ela, guardando o dinheiro no caixa. — O senhor é velho demais para mim.

— Sua provocadora.

— O senhor não faz o meu tipo — retrucou Chiyaki, sem medo.

— Você é jovem demais para ter um tipo. Eu ganho bem e sei foder. — O homem a puxou para junto dele, colocou as mãos em suas nádegas e as apertou. — Tem um belo traseiro. Belos peitos também. Feche a loja. Vamos.

Mozasu se levantou da cadeira em silêncio, foi até o homem e o acertou na boca o mais forte que pôde. O homem caiu no chão, com sangue escorrendo do lábio. Pela dor nos nós dos dedos, Mozasu sabia que havia deixado pelo menos alguns dos dentes dele moles.

— É melhor pegar as meias e ir para casa — disse ele.

O homem olhou para o sangue na camisa azul e na calça como se pertencesse a outra pessoa.

— Vou chamar a polícia — ameaçou.

— Vá em frente, chame a polícia — disse Chiyaki. Ela acenou freneticamente para a senhora das sandálias, que foi correndo até a loja. — Mo-*san*, vá embora. Depressa, saia. Vá embora. Eu cuido disso.

Mozasu caminhou depressa em direção à banca de doces.

* * *

A polícia o encontrou em pouco tempo. Minutos antes, Mozasu tinha voltado à banca com a mão ensanguentada e contara à mãe e à avó o que havia acontecido com Chiyaki.

O policial confirmou a história.

— Seu filho bateu em um cavalheiro que estava comprando meias. Esse tipo de comportamento requer uma explicação. A moça disse que o homem estava tentando molestá-la e que seu filho a protegeu, mas o cliente nega — disse o policial.

Goro-*san*, o proprietário do salão de *pachinko*, que estava indo até a banca para comprar o lanche da tarde, correu na direção deles quando viu o policial.

— Olá, policial — cumprimentou ele, piscando para Sunja. — Está tudo bem?

Mozasu estava sentado no velho tamborete de madeira ao lado do carrinho. Parecia se sentir culpado por causar problemas à mãe e à avó.

— Mozasu defendeu uma jovem que trabalha na loja de meias de um homem que tentou abusar dela. Deu um soco na cara dele — contou Sunja com tranquilidade. Ela manteve a cabeça erguida e se recusou a se desculpar por medo de que isso significasse admitir a culpa em nome do filho. Seu coração batia tão forte que ela achou que os outros podiam ouvir. — Ele só estava tentando ajudar.

Yangjin assentiu com firmeza e deu um tapinha nas costas de Mozasu.

— *Maji?* — disse Goro, rindo. — Foi isso mesmo, policial?

— Bem, foi o que a moça disse na loja, e Watanabe-*san* confirmou a versão dela. O homem que levou o soco nega, mas ouvi de alguns outros comerciantes que ele é um depravado que costuma incomodar as meninas mais jovens que trabalham aqui. — O policial deu de ombros. — No entanto, o homem acha que fraturou a mandíbula. E dois dentes inferiores estão moles. Preciso advertir o jovem de que ele não pode simplesmente sair por aí batendo nas pessoas, mesmo que elas estejam fazendo coisas erradas. Ele deveria ter chamado a polícia.

Ao ouvir isso, Mozasu concordou com a cabeça. Ele já havia se metido em brigas antes, mas ninguém nunca tinha chamado a polícia. Durante toda a vida, soubera o que havia acontecido ao pai, que fora preso injustamente. Nos últimos tempos, Noa vinha alertando-o para o fato de que, como os coreanos que viviam no Japão não eram mais cidadãos, quem tinha problemas com a polícia podia ser deportado. Noa dizia que, não importava o que acontecesse, Mozasu tinha que respeitar a polícia e ser muito educado, mesmo que fossem rudes ou injustos com ele. Apenas um mês antes, dissera que um coreano tinha que ser uma pessoa melhor do que a média. Mais uma vez, Mozasu se sentiu mal por fazer besteira e temeu a expressão de decepção que com certeza apareceria no rosto de Noa.

Goro avaliou o garoto e Sunja, uma de suas *ajummas* preferidas do mercado.

— Policial, conheço essa família. São muito trabalhadores, e Mozasu é um bom rapaz. Ele não vai se meter em encrenca de novo. Certo, Mozasu?

Goro o encarou.

— *Hai* — respondeu Mozasu.

O policial repetiu seu discurso sobre como os cidadãos nunca deveriam tentar fazer justiça com as próprias mãos, e Mozasu, Sunja e Goro concordaram assentindo, como se o policial fosse o próprio imperador. Depois que ele foi embora, Goro bateu de leve na parte de trás da cabeça de Mozasu com o chapéu de feltro. Mozasu estremeceu, embora, claramente, não tivesse doído.

— O que vocês vão fazer com esse garoto? — perguntou Goro às mulheres, com um misto de humor e exasperação.

Sunja olhou para as próprias mãos. Ela já havia tentado de tudo e agora estava prestes a pedir a ajuda de um estranho. Yoseb e Noa iam ficar bravos com ela, mas tinha que tentar algo diferente do que tinham tentado até então.

— Será que o senhor poderia ajudá-lo? — perguntou Sunja. — Ele poderia trabalhar para o senhor. Não teria que pagar muito...

Goro acenou para ela e balançou a cabeça, voltando sua atenção para Mozasu. Era tudo o que ele precisava ouvir.

— Escute, amanhã de manhã você vai largar a escola e começar a trabalhar para mim. Sua mãe não precisa lidar com esse tipo de coisa. Depois de avisar na escola que não vai mais frequentar as aulas, vai para a minha loja. Vai trabalhar duro e vou lhe pagar o que merece. Eu não exploro meus funcionários. Quem trabalha recebe. Entendeu? E fique longe da garota das meias. Ela é encrenca.

— Precisa de um rapaz novo em seu salão? — perguntou Sunja.

— Sim, mas não para brigar. Essa não é a única maneira de ser homem — respondeu ele, com pena do garoto, que não tinha pai. — Ser homem significa saber controlar seu temperamento. Você precisa cuidar da sua família. É isso que um bom homem faz. Entendeu?

— Senhor, é muita generosidade sua dar uma oportunidade a ele. Garanto que ele vai trabalhar muito...

— Eu sei que vai — disse Goro a Sunja, sorrindo. — Vamos fazer dele um garoto do *pachinko* e mantê-lo longe das ruas.

Mozasu se levantou do banquinho e curvou-se diante do novo chefe.



12

Março de 1956

Goro era um coreano gordo e elegante, muito popular entre as mulheres bonitas. Sua mãe tinha sido uma mergulhadora coletora de abalone na ilha de Jeju e na vizinhança de Ikaino, onde Goro morava sozinho em uma casa modesta. Corriam boatos de que um dia ele também havia sido um nadador ágil e vigoroso. Contudo, era muito difícil imaginá-lo fazendo qualquer coisa além de contar histórias engraçadas e comer os saborosos lanches que gostava de preparar em sua cozinha. Havia algo atraente e sensual em seus grandes braços rechonchudos e na barriga inchada, talvez fosse a suavidade de sua pele bronzeada e sem manchas ou como lhe caíam bem os ternos bem cortados que o faziam parecer uma foca vaidosa deslizando pelas ruas da cidade. Ele tinha lábia, era o tipo de homem capaz de vender lenha para um lenhador. Embora ganhasse dinheiro de sobra com seus três salões de *pachinko*, levava uma vida simples e preferia evitar hábitos caros. Era conhecido por ser generoso com as mulheres.

Fazia seis meses que Mozasu trabalhava para Goro em seu salão principal, fazendo o que fosse necessário. Nesse período, o garoto de dezesseis anos havia aprendido mais sobre o mundo do que em todos os anos de escola. Ganhar dinheiro era dez vezes mais fácil e mais agradável do que tentar enfiar na cabeça *kanji* que não tinham nenhuma utilidade para ele. Foi um tremendo alívio esquecer os livros e as provas. No trabalho, quase todos eram coreanos, então ele não precisava ouvir nada estúpido sobre sua origem. Quando estava na escola, Mozasu achava que as provocações não o incomodavam muito, mas, assim que os comentários maldosos desapareceram por completo de sua vida diária, percebeu que era possível viver em tranquilidade. Não tinha se envolvido em uma única briga desde que começara a trabalhar para Goro.

Todo sábado à noite, Mozasu entregava à mãe o envelope com seu pagamento, e ela, por sua vez, lhe dava uma mesada. Sunja usava o que precisava para as despesas da casa, mas economizava o máximo que podia, porque Mozasu queria ter seu próprio negócio um dia. Todas as manhãs, ele corria para o trabalho e ficava lá até não conseguir mais manter os olhos abertos, ficava satisfeito em varrer as pontas de cigarro ou lavar as xícaras sujas quando Kayoko, a garota que cuidava da cozinha, estava ocupada.

Em uma manhã amena de março, apenas algumas horas depois do amanhecer, Mozasu entrou pela porta dos fundos do salão e deu de cara com Goro calibrando os pinos em uma das máquinas. Todos os dias, antes da abertura do salão, Goro golpeava suavemente alguns dos pinos das máquinas de *pachinko* com seu pequeno martelo de borracha. Ele golpeava os pinos muito levemente para alterar o curso das bolas de metal, de forma a afetar os prêmios das máquinas. Ninguém sabia qual máquina Goro ia escolher nem em que direção ia mover os pinos. Havia outros salões de *pachinko* na região que tinham um lucro decente, mas o de Goro era o mais bem-sucedido, porque ele tinha uma espécie de talento, um verdadeiro dom de posicionar os pinos. Os ajustes minúsculos que fazia eram suficientes para frustrar os clientes regulares que estudavam as máquinas antes do fechamento para obter os melhores prêmios pela manhã, mas ainda havia previsibilidade suficiente para produzir prêmios inesperados, o que atraía os clientes de volta para tentar a sorte repetidas vezes. Goro estava ensinando Mozasu a calibrar os pinos e, pela primeira vez na vida, alguém lhe disse que ele era um bom aluno.

— Bom dia, Goro-*san* — cumprimentou Mozasu, entrando no salão.

— Chegou cedo de novo, Mozasu. Que bom. Kayoko fez arroz com frango, tome café da manhã. Você é um garoto grande, mas precisa engordar um pouco mais. As mulheres gostam de ter o que pegar! — Goro riu com entusiasmo, erguendo as sobrancelhas. — Não é mesmo?

Mozasu sorriu, sem se importar com as provocações. Goro-*san* falava com ele como se Mozasu também tivesse estado com muitas mulheres, quando, na verdade, nunca tinha estado com uma garota.

— Minha mãe fez sopa hoje de manhã, então eu já comi. Obrigado.

Ele se sentou ao lado do chefe.

— Como está sua mãe?

— Bem, bem.

Apesar de Noa desaprovar a ideia de Mozasu trabalhar em um salão de *pachinko*, Sunja cedeu, permitindo que ele trabalhasse com Goro, que era um homem muito respeitado em Ikaino. Mozasu se metia em brigas com tanta frequência que ela temia por sua segurança e, por isso, deixou que ele abandonasse a escola. Mozasu não ia terminar os estudos, mas Noa ainda estava tentando passar para a Universidade de Waseda, e este era o consolo da família: pelo menos um dos meninos seria um homem culto como o pai.

— Como estão os negócios dela? O açúcar é uma substância viciante. Bom para ganhar dinheiro, *nee*? — Ele riu enquanto batia bem de leve em um pino depois do outro.

Mozasu assentiu. Orgulhava-se da barraca de doces que a mãe, a tia e a avó administravam no mercado aberto ao lado da estação de trem. Elas queriam ter uma loja própria, mas teriam que esperar até juntarem dinheiro para comprar o imóvel, porque ninguém alugava bons pontos para coreanos. Mozasu queria ganhar dinheiro suficiente para pagar as aulas particulares de Noa e comprar uma bela loja para a mãe.

Goro entregou o martelo a ele.

— Tente.

Mozasu bateu nos pinos enquanto Goro o observava.

— Então, ontem à noite, eu me encontrei com minha amiga Miyuki e bebemos além da conta. Mozasu, não seja como eu e não gaste todo o seu tempo livre com garotas fáceis — aconselhou Goro, sorrindo. — Bem, a menos que sejam muito bonitas.

— Miyuki-*san* é bonita — observou Mozasu.

— *Soo nee*. Tem seios bonitos e o ventre de uma sereia. As mulheres são deliciosas. Como caramelo! Não sei como vou sossegar um dia — disse Goro. — Embora, pensando bem, não veja por que deveria. Sabe, Mozasu, eu não tenho mais pai nem mãe, e, ainda que isso me entristeça, a verdade é que ninguém se

importa se vou me casar ou não, ninguém está preocupado em me arranjar uma esposa. — Ele acenou positivamente com a cabeça, mas não parecia nem um pouco preocupado com isso. — E com quem você saiu ontem à noite?

Mozasu sorriu.

— O senhor sabe que fiquei aqui até a hora do fechamento. Depois fui para casa.

— Então nem ao menos perseguiu Kayoko pela cozinha?

— Não — respondeu Mozasu, rindo.

— Ah, sim, acho que fui eu. Pobre garota. Ela sente muitas cócegas. Não é feia e um dia vai ter um belo corpo, mas, por enquanto, é jovem demais para mim. Um dia, alguém vai comprar para ela *rouge* e pó, e ela vai nos deixar. As mulheres são assim.

Mozasu não conseguia entender por que o chefe estaria interessado na garota da cozinha quando costumava sair com atrizes e dançarinas.

— Mas Kayoko é perfeita para fazer cócegas. Ela tem uma risada engraçada. — Goro bateu com o joelho no joelho de Mozasu. — Sabe, Mozasu, eu gosto de ter jovens aqui. Faz com que este lugar pareça mais alegre.

Goro mantinha Mozasu no salão principal porque dizia que ele tinha uma energia maravilhosa. Agora podia contratar funcionários suficientes para todos os seus estabelecimentos. Não fazia muito tempo que, pouco depois de abrir seu primeiro salão, fazia o mesmo trabalho que Mozasu. Goro olhou o garoto de cima a baixo e franziu o cenho.

Mozasu olhou para o chefe, desconcertado.

— Você veste a mesma camisa branca e a mesma calça preta todos os dias. Tem uma aparência asseada, mas parece um zelador. Tem apenas duas camisas e dois pares de calças, não é? — perguntou Goro com gentileza.

— Sim, senhor.

Mozasu olhou para baixo. Sua mãe havia passado a camisa na noite anterior. Ele não tinha uma aparência ruim, mas Goro-*san* estava certo: não parecia alguém importante. Não sobrava dinheiro para roupas. Depois da comida, das aulas particulares e do transporte, as despesas médicas do tio Yoseb consumiam cada

centavo que restava. Ele havia piorado e passava a maior parte do dia na cama.

— Você precisa de mais roupas. Vamos. Kayo-*chan* — gritou Goro —, vou sair com Mozasu por alguns minutos. Não deixe ninguém entrar. Entendeu?

— Sim, senhor — gritou Kayoko da cozinha.

— Mas preciso arrumar as bandejas de bolas e varrer a entrada do salão. As máquinas precisam ser limpas, e eu queria ajudar Kayoko com as toalhas de mão... — Mozasu listou suas tarefas matinais, mas o chefe já estava na porta.

— Vamos, Mozasu! Não tenho o dia todo. Você não pode mais andar assim! — gritou Goro, sorrindo, nem um pouco perturbado pela confusão do garoto.

* * *

A mulher que atendeu à pequena porta de madeira ficou surpresa ao ver o garoto alto ao lado de seu cliente, Goro-*san*.

Mozasu reconheceu a mãe de Haruki de imediato. Nunca tinha estado na casa do amigo, mas já a vira na rua várias vezes, e Haruki os havia apresentado.

— Totoyama-*san*! Olá. — Mozasu fez uma grande reverência.

— Mozasu-*san*, olá. Seja bem-vindo. Ouvi dizer que você está trabalhando para Goro-*san*.

Goro sorriu.

— Ele é um bom garoto. Desculpe-me por vir tão cedo, Totoyama-*san*, mas Mozasu precisa de umas coisas.

Ao entrar, Mozasu ficou surpreso com o tamanho diminuto da residência. O espaço tinha um terço do tamanho de sua casa. Era basicamente uma pequena sala dividida por um biombo que ia de parede a parede — na parte da frente ficavam a máquina de costura, os manequins, a mesa de trabalho e os tecidos. Algum tipo de incenso de sândalo disfarçava o cheiro de *shoyu* e *mirin* da comida. O ambiente estava meticulosamente limpo. Era difícil acreditar que Haruki morava em um lugar tão apertado com a mãe e o irmão. Ver aquilo fez com que ele sentisse ainda mais a falta do

amigo. Mozasu não via Haruki desde que deixara a escola para começar a trabalhar.

— Mozasu vai ser meu novo encarregado na parte da manhã. O mais jovem até agora.

— É? — exclamou Mozasu em voz alta.

— Mas um encarregado não pode parecer o garoto que limpa as máquinas e distribui toalhas de mão e xícaras de chá — continuou Goro. — Totoyama-*san*, por favor, faça para ele dois paletós adequados e calças combinando.

Totoyama assentiu com seriedade e pegou a fita métrica para medir os ombros e braços de Mozasu. Com um lápis pequeno, anotou as medidas em um bloco feito de papel de embrulho usado.

— Mamãe! Mamãe! Posso sair agora?

Era a voz de um rapaz mais velho, mas com o tom suplicante de um garotinho.

— Desculpem. Meu filho é curioso. Não costumamos receber clientes tão cedo.

Goro-*san* acenou para ela, indicando que fosse ver o que o filho queria.

Quando ela saiu, Goro fez uma cara triste.

— O menino é...

Mozasu fez que sim com a cabeça, porque sabia sobre o irmão mais novo de Haruki. Fazia quase seis meses desde a última vez que vira o amigo, que ainda frequentava a escola. Ele queria se tornar policial. Nenhum dos dois tinha se dado conta de que a escola havia tornado sua amizade possível até um deles ter de deixá-la. Não haviam tido oportunidade de se ver desde então, porque Mozasu trabalhava o tempo todo.

As paredes de correr entre os cômodos eram feitas de papel e finas ripas de madeira, por isso Goro e Mozasu podiam ouvir tudo.

— Daisuke-*chan*, a mamãe já volta, está bem? Estou aqui ao lado. Consegue me ouvir, *nee*?

— Mamãe, meu irmão já voltou da escola?

— Não, não, Daisuke-*chan*. Haruki saiu faz apenas uma hora. Devemos esperar por ele com paciência. Ele só vai voltar muito mais tarde. Mamãe precisa fazer alguns paletós para o bom amigo de Haruki. Você pode ficar aqui e montar o seu quebra-cabeça?

— Mozasu-*san* está aqui? — Surpreso ao ouvir seu nome, Mozasu olhou para a porta fechada. — Quero conhecê-lo, mamãe. Ele é o garoto coreano. Posso conhecê-lo, por favor? Meu irmão disse que Mozasu fala muito palavrão. Eu quero ouvir!

Daisuke começou a rir.

Goro deu tapinhas nas costas de Mozasu, como se tentasse confortá-lo de alguma forma. Mozasu sentiu sua simpatia e sua bondade.

— Mamãe! Mamãe! Eu quero conhecer o amigo coreano de Haruki. Ah, mamãe, por favor!

De repente, tudo ficou silencioso, e a voz de Totoyama baixou para um murmúrio, como um pássaro arrulhando.

— Daisuke-*chan*, Daisuke-*chan*, Daisuke-*chan* — cantarolou ela. E repetiu o nome até o garoto se acalmar. — Você deve ficar aqui e montar seu quebra-cabeça para ajudar a mamãe. Está bem? Você é um bom filho. Haruki estará em casa em algumas horas. Ele vai querer ver seu progresso nos quebra-cabeças.

— Sim, mamãe, sim. Primeiro vou brincar com meu pião. Depois vou montar meus quebra-cabeças. Acha que podemos comer arroz hoje? Se temos clientes, podemos comer arroz? Às vezes você compra arroz quando temos clientes. Quero uma bola de arroz grande, mamãe.

— Mais tarde, Daisuke-*chan*. Falaremos sobre isso mais tarde. Daisuke-*chan*, Daisuke-*chan*, Daisuke-*chan* — murmurou ela.

Totoyama voltou para a sala e se desculpou. Goro disse que não tinha problema. Pela primeira vez, Mozasu reparou que ele parecia perturbado. Sorria muito para Totoyama, mas seus olhos caídos mostravam angústia diante da expressão estoica e amável da mulher.

— Talvez seja melhor fazer para o rapaz dois paletós, duas calças e um casaco de inverno. Ele está sempre vestindo coisas surradas. Quero que meus clientes vejam que os funcionários dos meus estabelecimentos estão sempre arrumados e bem-vestidos.

Goro-*san* entregou-lhe algumas notas, e Mozasu se virou. Procurou sinais do amigo na pequena sala, mas não havia fotografias, livros nem imagens. Havia apenas um espelho do

tamanho de um porta-retrato na parede, ao lado da cortina do provador.

— Vou mandar que Kayoko venha aqui mais tarde para que você faça algo para ela que combine com o uniforme de Mozasu. Acho que eles deveriam usar uma gravata listrada ou alguma outra coisa listrada que os faça combinar. Vi isso em um salão de Tóquio mês passado. Ela deve usar um vestido elegante com um avental. Talvez o avental pudesse ser listrado. O que acha? Bem, vou deixar isso a seu critério. Faça dois ou três uniformes para ela. Devem ser de um tecido resistente.

Goro tirou mais algumas notas do bolso e as entregou à costureira.

Totoyama se curvou diversas vezes.

— Isso é demais — disse ela, olhando para o dinheiro.

Goro se dirigiu a Mozasu.

— Precisamos ir agora. Os clientes devem estar com as mãos coçando para tocar as máquinas!

— Goro-*san*, os paletós e as calças devem ficar prontos até o fim da semana. Vou trabalhar no casaco por último. Mozasu-*san* precisa vir novamente para experimentar os paletós. Por favor, pode vir daqui a três dias?

Mozasu olhou para Goro, que assentiu com firmeza.

— Vamos, Mozasu. Não podemos deixar os clientes esperando.

Ele seguiu o chefe porta afora. Não fora capaz de encontrar ali um rastro que fosse do amigo, que àquela hora deveria estar sofrendo nas aulas da manhã.

Totoyama se curvou quando eles saíram e permaneceu no umbral até que dobrassem a esquina e não pudessem mais vê-la. Então fechou a porta e a trancou. Naquele mês, teriam dinheiro para o aluguel e a comida. Totoyama se sentou diante da porta e chorou de alívio.



13

1957

— Tem que haver uma maneira de conseguirmos esse dinheiro — disse Kyunghee.

— Temos o que resta das economias para comprar a loja — disse Yangjin.

— A maior parte já se foi — sussurrou Sunja.

Tentar economizar dinheiro enquanto pagavam despesas médicas era como derramar óleo em uma jarra rachada.

As mulheres estavam na cozinha, falando baixinho por medo de acordar Yoseb. Sua última infecção de pele causava coceiras terríveis que o impediam de descansar. Ele tinha acabado de ir para a cama depois de tomar uma boa dose de remédio chinês. O herborista havia lhe dado uma dose muito forte daquela vez e tinha funcionado. Depois de todos aqueles anos, as mulheres tinham se acostumado com o preço alto dos medicamentos, mas aquela mistura havia sido assombrosamente cara. Os medicamentos regulares não faziam mais efeito, e ele sofria muito. Mozasu, que toda semana entregava à mãe um envelope com o seu salário inteiro, dizia que tudo o que sobrasse depois de pagarem as despesas da casa deveria ser destinado a proporcionar os melhores cuidados possíveis ao tio. Noa pensava da mesma forma. Apesar da austeridade e da diligência da família, as economias pareciam desaparecer a cada ida à farmácia. Como iam pagar a matrícula de Noa na Universidade de Waseda?

Noa finalmente havia passado no exame de admissão. Aquele deveria ter sido um grande dia, talvez o mais importante da vida da família, mas eles não sabiam como iam pagar nem sequer uma parte da primeira taxa do curso. Além disso, a universidade ficava em Tóquio, e ele ia precisar de dinheiro para pagar por alojamento e alimentação na cidade mais cara do país.

Noa pretendia continuar trabalhando para Hoji-*san* até quase o primeiro dia de aula e depois, quem sabe, arranjar um emprego em

Tóquio. Sunja não sabia como isso seria possível. Os coreanos não conseguiam emprego com tanta facilidade, e eles não conheciam ninguém em Tóquio. O chefe de Noa, Hoji-*san*, ficou furioso quando soube que seu melhor contador ia deixar de trabalhar para estudar algo tão inútil quanto literatura inglesa. Hoji-*san* nunca o ajudaria a arranjar um emprego em Tóquio.

Kyunghee achava que eles deveriam comprar outro carrinho e montar mais uma barraca em outra parte da cidade para tentar dobrar os ganhos, mas Yoseb não podia ficar sozinho em casa. Ele não conseguia mais andar, e os músculos de suas pernas tinham se atrofiado tanto que o que antes eram panturrilhas grossas e poderosas agora não passavam de caniços ossudos cobertos de cicatrizes.

Yoseb não estava dormindo e ouviu enquanto elas conversavam. As mulheres estavam na cozinha, preocupadas com o custo dos estudos de Noa. Já estavam preocupadas enquanto ele estudava para os exames e, agora que enfim havia passado, não sabiam como iam pagar. De alguma forma, teriam que viver sem o salário de Noa, cobrir os gastos com sua educação e comprar os remédios dele. Seria melhor que estivesse morto. Todos sabiam disso. Na juventude, a única coisa que Yoseb desejava era cuidar de sua família. Agora que não podia mais fazer isso, era incapaz até mesmo de morrer para ajudá-los. O pior tinha acontecido: ele estava destruindo o futuro da família. Na Coreia, nos velhos tempos, poderia ter pedido que alguém o levasse para as montanhas para morrer, quem sabe devorado por tigres. Mas estavam em Osaka, e ali não havia animais selvagens, somente herboristas e médicos caros que não podiam ajudá-lo a melhorar, apenas o poupavam do sofrimento o suficiente para que temesse a morte ao mesmo tempo que odiava a si mesmo.

O que o surpreendeu foi que, ao sentir a proximidade da morte, ficou aterrorizado com o seu caráter definitivo. Havia muitas coisas que não conseguira fazer e ainda mais coisas que nunca deveria ter feito. Pensou nos pais, que não deveria ter abandonado; no irmão, que não deveria ter trazido para Osaka; e no trabalho em Nagasaki, que não deveria ter aceitado. Ele não tinha filhos. Por que Deus o mantinha vivo? Estava sofrendo e, em certo sentido, podia lidar com

isso; mas estava causando sofrimento aos outros e não sabia por que tinha que continuar vivendo e relembrando a sucessão de decisões terríveis que não haviam parecido tão terríveis assim quando foram tomadas. Será que a vida era assim para a maioria das pessoas? Desde o incêndio, nos poucos momentos em que se sentia lúcido e grato por respirar sem dor, Yoseb tentava enxergar o que existia de bom em sua vida, mas não conseguia. Ficava deitado no colchão bem lavado, repassando mentalmente os erros que, em retrospecto, pareciam tão óbvios. Não sentia mais raiva da Coreia nem do Japão; acima de tudo, sentia raiva da própria estupidez. Ele orava para que Deus o perdoasse por ser um velho tão ingrato.

* * *

— *Yobo* — chamou ele, baixinho. Não queria acordar os meninos, que estavam dormindo no quarto dos fundos, nem Changho, que dormia no quarto da frente. Yoseb bateu de leve no chão para o caso de Kyunghee não conseguir ouvi-lo.

Quando a viu na porta, pediu que ela chamasse Sunja e Yangjin.

As três mulheres se sentaram no chão ao lado de sua cama.

— A primeira coisa que têm que fazer é vender minhas ferramentas — disse. — Elas valem alguma coisa. Talvez o suficiente para pagar pelos livros e pela mudança. Vendam todas as joias que tiverem, isso também vai ajudar.

As mulheres assentiram. Entre as três, restavam apenas dois anéis de ouro.

— Mozasu deve pedir ao chefe, Goro-*san*, um adiantamento de salário equivalente ao valor de que Noa vai precisar para pagar a matrícula, a comida e o alojamento. Vocês três e ele terão que trabalhar para pagar a dívida. Durante as férias escolares, Noa terá que arranjar um trabalho temporário e economizar. O garoto tem que ir para Waseda. Ele merece ir. Mesmo que ninguém contrate coreanos aqui, com o diploma ele pode voltar para a Coreia e trabalhar por um salário melhor. Ou se mudar para os Estados Unidos. Ele vai aprender a falar inglês. Temos que pensar na educação dele como um investimento.

Yoseb queria dizer mais. Queria se desculpar por não conseguir sustentá-las e pelas despesas que havia gerado, mas não conseguiu.

— O Senhor proverá — disse Kyunghee. — Ele sempre cuidou de todas as nossas necessidades. Quando salvou sua vida, salvou também as nossas.

— Peçam a Mozasu que venha falar comigo quando chegar em casa. Vou explicar que ele precisa pedir um adiantamento a Goro-*san* para poder pagar a matrícula.

Sunja balançou a cabeça de leve.

— Noa não vai permitir que o irmão mais novo pague por seus estudos — disse, sem olhar para ele enquanto falava. — Ele já me disse isso. Koh Hansu se ofereceu para pagar a matrícula e o alojamento. Mesmo que Mozasu pegue um adiantamento...

— Não. Isso são tolices de uma mulher que fala sem pensar! Não pode aceitar o dinheiro daquele canalha! É dinheiro sujo.

— Shhh. Por favor, não se exalte — pediu Kyunghee baixinho. Ela não queria que Kim Changho os ouvisse falando sobre seu chefe. — Noa disse que vai arranjar um emprego em Tóquio, e é verdade: ele realmente disse que não vai aceitar que Mozasu pague por sua educação. Disse que vai dar um jeito. Você sabe que Noa não irá se Mozasu tiver que pagar.

— Eu deveria estar morto — disse Yoseb. — Preferia estar morto a ter que ouvir isso. Como ele vai trabalhar enquanto estuda em uma universidade como Waseda? É impossível. Um garoto que estudou tanto quanto ele deve ir. Vou pedir eu mesmo a Goro-*san* o dinheiro emprestado para Noa. Vou dizer que ele tem que aceitar.

— Mas não sabemos se Goro-*san* vai nos emprestar o dinheiro. E pedir isso a ele pode prejudicar Mozasu no trabalho. Também não quero deixar que Koh Hansu pague os estudos de Noa, mas que alternativa temos? Podemos pegar o dinheiro com ele como um empréstimo e pagar com juros para que Noa não lhe deva nada — sugeriu Sunja.

— Pegar o dinheiro emprestado com Goro e prejudicar o futuro de Mozasu no *pachinko* é muito melhor do que aceitar dinheiro de Koh Hansu — argumentou Yoseb com firmeza. — Koh Hansu não presta. Se pegar dinheiro com ele para Noa, ele nunca mais vai sair

de perto. Ele quer controlar o garoto. Você sabe disso. Para Goro, seria apenas dinheiro.

— Mas por que o dinheiro que Goro ganha com os salões de *pachinko* seria mais limpo do que o dinheiro de Koh Hansu? Koh Hansu possui construtoras e restaurantes. Não há nada de errado com essas coisas — observou Kyunghee.

— Cale-se.

Kyunghee franziu os lábios. A Bíblia diz que uma pessoa sábia deve controlar a língua. Nem tudo o que se quer dizer deve ser dito.

Sunja também não disse nada. Nunca quisera nada de Hansu, mas achava preferível pedir a um homem que já havia oferecido o dinheiro do que incomodar um completo estranho. Goro já tinha sido tão generoso com Mozasu, e o garoto estava muito feliz no emprego. Ela não queria envergonhá-lo justo quando havia acabado de começar. O garoto vinha falando em abrir seu próprio salão um dia. Além disso, ela sabia que Noa não permitiria que Mozasu pegasse aquele dinheiro emprestado. Yoseb podia insistir o quanto quisesse, mas Noa não ia ceder.

— E Kim Changho? Ele não pode ajudar? — perguntou Yangjin.

— Esse homem trabalha para Koh Hansu. Changho não tem tanto dinheiro assim e, se tivesse, teria recebido do chefe. Essas dívidas não são fáceis, mas Goro-*san* é a melhor opção. Não vai cobrar juros exorbitantes, nem fazer mal a Noa. Mozasu vai ficar bem — respondeu Yoseb. — Agora vou descansar.

As mulheres saíram do quarto e fecharam a porta.

* * *

No dia seguinte, Hansu pediu que Noa fosse a seu escritório em Osaka com a mãe. À noite, sem dizer nada à família, mãe e filho foram encontrá-lo. No escritório havia duas recepcionistas vestindo terninho preto e camisa branca, e uma delas lhes serviu chá em elegantes xícaras de porcelana azul em uma bandeja laqueada forrada com folhas de ouro. A sala de espera estava repleta de belos arranjos florais. Assim que a ligação de Hansu terminou, a mais velha os conduziu ao seu imenso escritório com painéis de

madeira. Ele estava sentado em uma cadeira de couro preta atrás de uma mesa de mogno trazida da Inglaterra.

— Parabéns! — disse Hansu, levantando-se da grande cadeira. — Estou muito feliz que puderam vir. Devíamos ir comer sushi! Podem ir?

— Não, não, obrigada. Temos que voltar para casa — respondeu Sunja.

Noa olhou para a mãe, perguntando-se por que não poderiam sair para jantar. Eles não tinham outro compromisso. Depois daquela reunião, provavelmente voltariam para casa e comeriam algo simples preparado pela tia Kyunghee.

— Pedi que vocês viessem até aqui hoje porque quero que Noa saiba que ele conseguiu algo notável. Não apenas para ele e sua família, mas para todos os coreanos. Você vai para a faculdade! E para Waseda, uma excelente universidade japonesa! Está fazendo exatamente o que um grande homem deve fazer na juventude: investindo em sua educação. Muitos coreanos não conseguem fazer faculdade, mas você continuou estudando. E, mesmo quando não se saiu bem nos exames, perseverou. Merece uma grande recompensa! Que maravilha! Estou muito orgulhoso. Muito orgulhoso.

Hansu sorriu.

Noa abriu um sorriso tímido. Ninguém tivera uma reação tão efusiva quanto a dele. Em casa, todos se alegraram, mas, acima de tudo, ficaram preocupados com os custos. Noa também ficara preocupado com o dinheiro, mas sentia que, de algum modo, tudo ia ficar bem. Trabalhava desde os tempos do colégio e ia continuar trabalhando enquanto estivesse em Waseda. Depois de ser aprovado nos exames de admissão, ele se sentia capaz de fazer qualquer coisa. Estava disposto a aceitar qualquer tipo de trabalho, desde que pudesse frequentar as aulas e estudar.

— Lamento ter que pedir isso, mas há um tempo você disse que poderia ajudar Noa com o dinheiro para a faculdade — disse Sunja. — Acha que pode nos ajudar?

— *Umma*, não. — Noa corou. — Eu vou arranjar um emprego. Não foi para isso que viemos até aqui. Kim-*san* disse que Koh-*san* queria que viéssemos para me parabenizar. *Nee?*

Noa ficou surpreso com o pedido da mãe. Ela não gostava de pedir nada. Não gostava nem mesmo de aceitar amostras de degustação na padaria.

— Noa, estou pedindo um empréstimo. Vamos pagar tudo de volta. Com juros — explicou Sunja. Ela não pretendia pedir naquele momento, mas era melhor assim, pensou. Desse modo, Noa conheceria os termos desde o início. Não havia maneira perfeita de fazer aquilo, então tentaria fazer da melhor maneira possível. — Temos que pagar a matrícula e, se puder nos ajudar, podemos redigir um documento e eu o carimbo com meu *hanko*. Eu o trouxe.

Sunja assentiu para enfatizar suas palavras. Por um segundo, se perguntou: O que faria se ele dissesse não?

Hansu riu e balançou a cabeça.

— Isso não será necessário, e Noa não vai precisar se preocupar com matrícula, alojamento e demais gastos. Já cuidei de tudo. Assim que Kim Changho me deu essa excelente notícia, enviei o dinheiro para a universidade. Liguei para um amigo em Tóquio e encontrei um bom quarto perto da universidade, vou levá-los para vê-lo na semana que vem. Depois, pedi a Kim Changho que dissesse para você e Noa virem até aqui para que eu pudesse convidá-los para jantar. Então, agora, vamos comer sushi. O garoto merece uma refeição magnífica!

Hansu olhou para Sunja com súplica nos olhos. Queria muito celebrar a grande conquista do filho.

— Você enviou o dinheiro? E encontrou um quarto em Tóquio? Sem a minha permissão? Era para ser um empréstimo — disse ela, sentindo-se ainda mais angustiada.

— Senhor, é muita generosidade de sua parte. Minha mãe tem razão. Temos que lhe devolver o dinheiro. Vou arranjar um emprego em Tóquio. Talvez possa me ajudar com isso em vez de pagar minhas despesas. Eu gostaria de ganhar meu próprio dinheiro. Sinto que posso fazer isso.

— Não. Você tem que estudar. Precisou fazer o exame de admissão mais de uma vez, e não porque não seja inteligente. Você é muito inteligente. Mas não teve tempo de estudar como um estudante normal. Demorou muito mais do que precisava porque não tinha professores particulares e tinha que trabalhar em tempo

integral para sustentar sua família. Não teve toda a ajuda que um jovem de classe média japonesa costuma ter. E, durante a guerra, ficou naquela fazenda, sem frequentar a escola. Não. Não vou continuar assistindo calado enquanto você e sua mãe fingem que as regras do desempenho humano não se aplicam a vocês. Um estudante dedicado não deveria ter que se preocupar com dinheiro. Eu deveria ter feito isso antes. Por que você deveria demorar mais para terminar a faculdade? Quer ser um velho quando sair de Waseda? Estude e aprenda o máximo que puder. Eu pago — disse Hansu, sorrindo. — Vamos fazer do meu jeito. Seja esperto, Noa. Isso é o mínimo que eu posso fazer pela próxima geração, é o que faria qualquer coreano responsável.

Noa se curvou.

— Senhor, foi muito generoso com nossa família. Fico muito grato.

Em seguida, ele olhou para a mãe, que permanecia sentada em silêncio a seu lado. Suas mãos retorciam a alça da bolsa de lona caseira, costurada com as sobras de tecido do casaco de Mozasu. Sentiu-se mal por ela, porque Sunja era uma mulher orgulhosa e considerava aquilo uma humilhação. Ele sabia que a mãe queria pagar seus estudos.

— Noa, você poderia sair e pedir a Mieko-*san* que ligue para o restaurante? — pediu Hansu.

Noa olhou novamente para a mãe, que parecia perdida em sua pesada cadeira de espaldar alto.

— *Umma?*

Sunja olhou para o filho, que já estava perto da porta. Viu que ele queria sair para jantar com Hansu. O garoto estava tão bonito e parecia tão satisfeito. Ela não conseguia imaginar o que aquilo significava para ele. Noa não havia recusado a oferta de Hansu, ele havia aceitado o dinheiro, porque queria muito ir para aquela universidade. Em sua mente, podia ouvir Yoseb gritando com ela: que pusesse fim àquilo imediatamente, que ela era uma mulher tola que não raciocinava direito. Mas o menino, seu primogênito, estava feliz. Havia conseguido algo incrível, quase impossível, e ela não conseguia imaginar as coisas voltando a ser o que eram no dia anterior, antes de ele ser aprovado, aquilo não podia ser tomado

dele de repente por falta de dinheiro. Ela assentiu, e o filho entendeu que eles iriam jantar com Hansu.

Quando a porta se fechou e Hansu e Sunja ficaram sozinhos no escritório, ela insistiu.

— Quero que seja um empréstimo. E quero que fique documentado, para poder mostrar a Noa que paguei pelos estudos dele.

— Não, Sunja. Isso é o que eu tenho que fazer. Ele é meu filho. Se não me deixar ajudá-lo, vou contar a ele.

— Ficou louco?

— Não. Pagar os estudos dele não significa nada para mim financeiramente, mas significa tudo para mim como pai.

— Você não é o pai dele.

— Você não sabe o que está dizendo — retrucou Hansu. — Ele é meu filho. Tem a minha ambição. Tem as minhas habilidades. Não vou deixar o sangue do meu sangue apodrecer nas sarjetas de Ikaino.

Sunja pegou a bolsa e se levantou. Yoseb não estava errado, mas ela não podia voltar atrás.

— Vamos então. O garoto está esperando lá fora. Ele deve estar com fome — disse Hansu.

Ele abriu a porta e deixou que Sunja saísse primeiro.



14

Dezembro de 1959

Um sábado pela manhã, quando os outros estavam no trabalho, Kyunghee quis ir à igreja. Missionários americanos que falavam japonês, mas não coreano estavam visitando a paróquia, e o pastor havia pedido que ela o ajudasse a recebê-los, já que seu japonês era muito bom. Normalmente, ela não podia sair de casa para não deixar Yoseb sozinho, mas Changho se ofereceu para ficar de olho nele. Não seria por muito tempo, e ele queria fazer uma última coisa por ela.

Changho estava sentado de pernas cruzadas no chão aquecido perto da cama de Yoseb, ajudando-o a fazer alguns dos alongamentos que o médico havia recomendado.

— Então já se decidiu? — perguntou Yoseb.

— Irmão, preciso ir. Está na hora de voltar para casa.

— Vai mesmo amanhã?

— De manhã, vou pegar o trem para Tóquio, depois partirei de lá para Niigata. O navio parte semana que vem.

Yoseb não disse nada. Seu rosto se contorceu um pouco de dor quando ele levantou a perna direita em direção ao teto. Changho manteve a mão direita sob a coxa de Yoseb para ajudá-lo a baixá-la devagar. Em seguida, passaram à perna esquerda.

Yoseb exalou sonoramente depois de fazer mais duas repetições.

— Se esperar até eu morrer, pode levar minhas cinzas e enterrá-las lá. Seria bom, suponho, embora eu ache que no final não faz muita diferença. Você sabe, eu ainda acredito no Céu. Ainda acredito em Jesus, mesmo depois de tudo isso. Acho que é porque sou casado com Kyunghee: a fé dela me aproxima de Deus. Não sou um bom homem, mas acho que vou me salvar. Meu pai disse uma vez que, quando morremos e vamos para o Céu, abandonamos o corpo terreno. Finalmente vou poder me livrar deste. Isso vai ser bom. Também sinto que estou pronto para voltar para casa.

Changho colocou o braço direito debaixo da cabeça de Yoseb, que ergueu os braços sobre a cabeça lentamente, depois os abaixou. Os braços dele eram muito mais fortes do que as pernas.

— Irmão, não deve falar assim. Não chegou a hora. Você ainda está aqui, e ainda posso sentir a força em seu corpo.

Changho agarrou a mão boa de Yoseb, que não havia sido danificada pelas queimaduras. Sentiu os ossos delicados do homem. Como ele havia sobrevivido por tanto tempo?

— E... se esperar... se esperar até eu morrer, poderá se casar com ela — disse Yoseb. — Mas não pode levá-la para lá. Eu lhe peço. É a única coisa que vou lhe pedir.

— O quê?

Changho balançou a cabeça.

— Não confio nos comunistas. Não quero que Kyunghee volte para a Coreia enquanto eles estiverem no comando. Isso não vai durar para sempre. O Japão logo voltará a ser um país rico, e a Coreia não ficará dividida para sempre. Você ainda tem saúde. Pode ganhar dinheiro aqui e cuidar da minha... — Yoseb não conseguiu dizer o nome dela. — Eu a fiz sofrer muito. Ela me ama desde que eu era menino. Eu sempre soube que ficaríamos juntos, mesmo quando ainda éramos crianças. Ela era a garota mais bonita que eu já tinha visto. Sabe, nunca quis estar com nenhuma outra mulher. Nunca. Não só porque ela é tão bonita, mas porque é muito boa. Nunca, nem uma única vez, se queixou de mim. E já não sou um marido para ela há muito tempo. — Ele suspirou. Tinha a boca seca. — Eu sei que gosta dela. Confio em você. Preferiria que não trabalhasse para aquele bandido, mas não há muitos empregos aqui. Eu compreendo. Por que não espera até eu morrer? — Quanto mais falava, mais tinha certeza de que aquilo era o certo a fazer. — Fique. Eu vou morrer em breve, sinto isso. Eles precisam de você aqui. Você não pode consertar aquele país. Ninguém pode.

— Irmão, você não vai morrer.

— Não, eu devo. Temos que tentar reconstruir a nação. Não podemos pensar apenas em nosso próprio bem-estar.

Enquanto Yoseb dizia isso, Changho pensou novamente na possibilidade de estar com ela, algo a que havia renunciado.

* * *

Quando voltava da igreja, Kyunghee viu Changho sentado no banco em frente à loja de conveniência, a uma quadra da casa. Estava lendo o jornal e bebendo suco de uma garrafa de vidro. Changho era amigo do proprietário e gostava daquele local tranquilo, sob o toldo de lona, no cruzamento movimentado.

— Olá — disse ela, feliz em vê-lo. — Ele está bem? Não é fácil ficar preso, não é? Muito obrigada por cuidar dele. É melhor eu voltar. Você fica aqui.

— Ele está bem. Eu acabei de sair. Antes de dormir, ele me pediu que comprasse alguns jornais para ler quando acordar. Ele queria que eu saísse para tomar um pouco de ar.

Kyunghee assentiu e se virou, apressada para chegar em casa.

— Irmã, eu gostaria de conversar com você.

— É? Então vamos para casa. É melhor eu começar a preparar o jantar. Yoseb vai acordar com fome.

— Espere. Pode se sentar um pouco comigo? Posso pegar um suco na loja para você?

— Não, não. Não precisa.

Ela sorriu e se sentou, com as mãos entrelaçadas no colo. Vestia o casaco de inverno de domingo sobre o vestido de lã azul-marinho e belos sapatos de couro.

Sem demora, Changho contou a ela o que o marido tinha dito, praticamente palavra por palavra. Ele estava nervoso, mas sabia que tinha que fazer aquilo naquele momento.

— Você poderia vir comigo. O primeiro navio sai na semana que vem, mas podemos ir mais tarde. A Coreia precisa de pessoas com energia para reconstruir o país. Podemos ter nosso próprio apartamento, com todos os eletrodomésticos mais modernos, e estaremos em nosso país. Comeremos arroz branco três vezes ao dia. Podemos levar as cinzas dele para lá e visitar a sepultura de seus pais. Faremos um *jesa* adequado. Nós podemos voltar para casa. Você pode ser minha esposa.

Atordoada, Kyunghee não disse nada. Não conseguia acreditar que Yoseb a tivesse oferecido a outro homem, mas também não achava que Changho estivesse mentindo. A única coisa que fazia

sentido era que Yoseb estivesse tão preocupado com ela que não havia se importado de sugerir algo assim. Depois que a reunião na igreja terminou, ela pediu ao pastor que orasse pela viagem e pelo bem-estar de Changho em Pyongyang. Changho não acreditava em Deus nem no cristianismo, mas Kyunghee quis orar por ele, porque não sabia o que mais poderia fazer. Se o Senhor estivesse olhando por ele, ela não se preocuparia tanto.

Ele tinha lhe dito que ia embora na semana anterior, e foi difícil pensar em sua partida, mas era o certo a fazer. Changho era um homem jovem que acreditava em construir um bom país para seus compatriotas. Ela o admirava, porque ele não precisava fazer isso. Tinha um bom trabalho e amigos. Pyongyang nem sequer era sua cidade natal — Changho era de Kyungsangdo. Era ela quem era do Norte.

— Seria possível? — perguntou ele.

— Mas você disse... Você disse que queria partir. Achei que ia se casar com alguém na Coreia.

— Mas você sabe que... eu gosto de você. Que eu sempre gostei...

Kyunghee olhou em volta. O dono da loja de conveniência estava sentado nos fundos e não podia ouvi-los com o barulho do rádio. Na rua, passavam alguns carros e bicicletas, mas não muitos, porque era sábado de manhã. Os cata-ventos vermelhos e brancos presos ao toldo da loja giravam devagar com a leve brisa invernal.

— Se você me disser que é possível...

— Você não pode dizer essas coisas — censurou ela baixinho.

Kyunghee não queria magoá-lo. Durante todos aqueles anos, havia se nutrido de sua adoração e gentileza, mas isso também lhe causava muita angústia, porque não podia sentir o mesmo por ele. Seria errado.

— Changho, você tem toda a vida pela frente. Deve encontrar uma mulher jovem e ter filhos com ela. Não há um dia em que eu não lamente por meu marido e eu não termos filhos. Sei que esse foi o plano do Senhor para mim, mas acho que você deve ter filhos. Vai ser um marido e um pai maravilhoso. Não posso pedir que espere. Seria imoral.

— E porque não quer que eu espere? Porque eu esperaria se você me pedisse.

Kyunghee mordeu o lábio. De repente, sentiu frio e vestiu as luvas de lã azul.

— Eu tenho que preparar o jantar.

— Vou partir amanhã. Seu marido disse que eu deveria esperar. Não era isso que você queria? Que ele lhe desse permissão? Isso não faria com que ficasse tudo bem aos olhos do seu Deus?

— Não cabe a Yoseb mudar as leis de Deus. Meu marido está vivo, e eu não quero apressar sua morte. Gosto muito de você, Changho. Você tem sido meu melhor amigo. Não sei se vou suportar sua partida, mas sei que não podemos ser marido e mulher. Só falar sobre isso enquanto ele ainda está vivo já não pode estar certo. Espero que compreenda.

— Não. Eu não compreendo. Nunca vou compreender. Como sua fé pode permitir tanto sofrimento?

— Não é apenas sofrimento. Não é. Espero que me perdoe. Que...

Changho pousou a garrafa de suco com cuidado no banco e se levantou.

— Eu não sou como você — disse ele. — Eu sou apenas um homem. Não quero ser santo. Sou apenas um homem sem importância que ama seu país.

Ele saiu, caminhando na direção contrária à casa, e voltou apenas tarde da noite, quando todos já estavam dormindo.

* * *

No início da manhã, quando foi à cozinha buscar água para Yoseb, Kyunghee viu que a porta do quarto de Changho estava aberta. Ela olhou lá dentro e constatou que ele tinha partido. A roupa de cama estava cuidadosamente dobrada. Changho nunca tivera muitos pertences pessoais, mas o quarto parecia ainda mais vazio sem sua pilha de livros com os óculos sobre eles. A família tinha combinado de acompanhá-lo até a estação de Osaka para se despedir, mas ele resolveu pegar o trem mais cedo.

Kyunghee estava junto à porta, chorando, quando Sunja tocou seu braço. Ela estava usando o avental de trabalho por cima das roupas de dormir.

— Ele partiu no meio da noite. Pediu que eu dissesse adeus a todos. Só o vi porque me levantei para fazer caramelos.

— Por que ele não esperou? Por que não nos deixou ir com ele até a estação de trem?

— Ele disse que não queria causar incômodo, que tinha que ir. Eu tentei preparar o café da manhã, mas ele disse que compraria algo depois. Que não conseguia comer.

— Ele queria se casar comigo. Depois que Yoseb morresse. Yoseb disse a ele que tudo bem.

— *Uh-muh* — ofegou Sunja.

— Mas isso não estaria certo, estaria? Ele deveria se casar com alguém jovem. Ele tem o direito de ter filhos, e eu não poderia dar filhos a ele. Nem sangro mais.

— Talvez você seja mais importante para ele do que filhos.

— Não. Eu não poderia desapontar dois homens — retrucou ela. — Kim é um bom homem.

Sunja segurou a mão da cunhada.

— Você disse não a ele?

O rosto da cunhada estava molhado de lágrimas, e Sunja o secou com uma ponta do avental.

— Eu tenho que pegar água para Yoseb — disse Kyunghee, lembrando-se de repente do motivo por que havia se levantado.

— Irmã, ele não teria se importado de não ter filhos. Ficaria feliz apenas por estar com você. Você é como um anjo neste mundo.

— Não. Eu sou egoísta. Yoseb não é.

Sunja não compreendeu.

— Foi egoísta manter Kim aqui, mas fiz isso porque ele significava muito para mim. Orava todos os dias pedindo coragem para deixá-lo partir, pois sei que o Senhor queria que eu o deixasse ir. Não pode estar certo ter dois homens que gostem de você dessa maneira e permitir isso.

Sunja assentiu, mas aquilo não fazia sentido. Deveríamos ter apenas uma pessoa na vida? A mãe dela tivera o pai e mais ninguém. Quem havia sido essa pessoa para ela: Hansu ou Isak?

Hansu a amava ou apenas quisera usá-la? Se o amor exigia sacrifício, então Isak a amara de verdade. Kyunghee havia servido fielmente ao marido sem reclamar. Não havia ninguém tão bondoso e amável quanto a cunhada... Por que não podia ser amada por mais de um homem? Por que os homens iam embora sempre que não conseguiam o que queriam? Ou será que Changho tinha se cansado de sofrer? Sunja queria que a cunhada tivesse pedido a ele que esperasse, mas, se tivesse feito isso, não seria Kyunghee. Changho havia amado uma mulher que não trairia o marido, e talvez essa fosse a razão por que a amava. Ela não era capaz de trair a si mesma.

Kyunghee foi para a cozinha, e Sunja a seguiu, pouco depois. A luz da manhã entrava pela janela, cegando-a e projetando um halo cintilante em torno do corpo esbelto da cunhada.



15

Tóquio, 1960

Foi necessário um tempo, mas, depois de dois anos em Waseda, Noa finalmente se sentia à vontade lá. Sempre um excelente aluno, com bons hábitos, depois de alguns percalços e várias tentativas frustradas, aprendeu a escrever ensaios sobre literatura inglesa e a fazer provas de nível universitário. A vida universitária era o paraíso em comparação com a escola, onde havia aprendido e memorizado muitas coisas que não valorizava mais. Nenhuma das matérias que estudava parecia trabalho, Waseda era pura felicidade para ele. Lia o máximo que podia sem forçar os olhos, e havia tempo para ler, escrever e pensar. Os professores de Waseda tinham um profundo apreço pelo que ensinavam, e Noa não entendia como alguém poderia reclamar.

Hansu havia arrumado para ele um apartamento bem equipado e lhe dava uma mesada generosa, portanto não precisava se preocupar com alojamento, dinheiro ou comida. Vivia de maneira simples e conseguia enviar algum dinheiro para casa todos os meses.

— Apenas estude — dissera Hansu. — Aprenda tudo. Encha sua mente de conhecimento. Esse é o único poder que ninguém pode tirar de você.

Hansu nunca dizia a ele para estudar, mas para aprender, e ocorreu a Noa que havia uma grande diferença entre as duas coisas. Aprender era uma diversão, não um trabalho.

Noa podia comprar todos os livros de que precisava para as aulas e, quando não encontrava algum na livraria, bastava ir à imensa biblioteca da universidade, que quase não era utilizada por seus colegas. Ele não compreendia os estudantes japoneses ao seu redor, que pareciam muito mais interessados em coisas fora da universidade do que em aprender. Ele sabia muito bem, por sua experiência na escola, que os japoneses não gostavam de se relacionar com os coreanos, por isso se mantinha reservado, não

muito diferente de quando era menino. Havia alguns coreanos em Waseda, mas ele também os evitava, porque pareciam interessados demais em política. Durante um de seus almoços mensais, Hansu tinha dito que os militantes de esquerda eram “um bando de chorões” e os de direita, “completamente estúpidos”. Noa passava a maior parte do tempo sozinho, mas não se sentia solitário. Mesmo depois de dois anos, continuava fascinado por estar em Waseda, por ter um quarto silencioso onde podia ler em paz. Como um homem faminto, Noa saciava sua mente, ávida por bons livros. Leu Dickens, Thackeray, Hardy, Austen e Trollope, depois seguiu para o continente e leu muito Balzac, Zola e Flaubert antes de se apaixonar por Tolstoi. Seu favorito era Goethe — devia ter lido *Os sofrimentos do jovem Werther* pelo menos umas seis vezes.

Se tinha um desejo constrangedor, era este: ser um europeu de uma época passada. Não queria ser rei nem general, estava velho demais para desejos tão simples. Na verdade, queria uma vida muito simples, repleta de natureza, livros e quem sabe filhos. Sabia que mais tarde também ia querer ficar sozinho para poder ler em silêncio. Em sua nova vida em Tóquio, havia descoberto o jazz e gostava de ir a bares e ouvir os discos que os proprietários selecionavam. Ouvir música ao vivo era muito caro, mas ele esperava poder ir a um clube de jazz um dia, quando voltasse a ter um emprego. No bar, pedia uma bebida apenas para pagar pelo assento, mal a tocava, depois voltava para o quarto, lia mais um pouco, escrevia cartas para a família e ia dormir.

A cada poucas semanas, economizava parte da mesada e comprava uma passagem de trem barata para ir ver a família. No início de cada mês, Hansu o levava para almoçar sushi e lembrar Noa de sua missão no mundo, que tinha algum propósito mais elevado que nenhum dos dois conseguia articular por completo. Sua vida parecia ideal, e Noa se sentia grato por tudo.

Naquela manhã, quando atravessava o *campus* para ir ao seminário sobre George Eliot, ouviu alguém chamando seu nome.

— Bando-*san*, Bando-*san* — gritou uma mulher.

Era a beleza mais radical do *campus*: Akiko Fumeki.

Noa se deteve e esperou. Ela nunca tinha falado com ele antes. Na verdade, ele tinha um pouco de medo dela. Akiko estava sempre

discutindo com a professora Kuroda, uma mulher de fala suave que havia crescido e estudado na Inglaterra. Embora fosse educada, Noa percebia que a professora não gostava muito dela. Os outros alunos, especialmente as mulheres, mal conseguiam tolerá-la. Noa sabia que o mais seguro era manter distância dos alunos dos quais os professores não gostavam. Em sala de aula, se sentava na primeira fileira, enquanto Akiko ficava no fundo da sala, embaixo das janelas altas.

— Olá, Bando-*san*, como você está? — perguntou Akiko, corando e sem fôlego. Ela falou com ele casualmente, como se já tivessem se falado muitas vezes.

— Bem, obrigado. E você?

— Então, o que achou da obra-prima final de Eliot? — perguntou ela.

— É excelente. Tudo de George Eliot é perfeito.

— Que bobagem. *Adam Bede* é um tédio. Eu quase morri lendo aquela coisa. *Silas Marner* é apenas tolerável.

— Bem, *Adam Bede* não é tão empolgante e sofisticado quanto *Middlemarch*, mas ainda é uma representação maravilhosa de uma mulher corajosa e um homem honrado...

— Ah, por favor.

Akiko revirou os olhos e riu dele.

Noa também riu. Ele sabia que ela estava cursando sociologia, porque todos tiveram que se apresentar no primeiro dia de aula.

— Você leu toda a obra de George Eliot? É impressionante — disse ele, pois não conhecia ninguém que tivesse feito isso.

— É você quem lê absolutamente tudo. É doentio, e eu fico quase irritada com você por isso. Mas também o admiro. Embora, se gosta de tudo que lê, não possa levá-lo a sério. Talvez não tenha refletido o suficiente sobre essas leituras.

Ela disse isso com uma expressão séria, sem se preocupar nem um pouco se ia ofendê-lo.

— *Soo nee*.

Noa sorriu. Nunca tinha lhe ocorrido que um livro escolhido e admirado por uma professora pudesse ser inferior, mesmo em relação a outras obras do mesmo autor. A professora deles amava *Adam Bede* e *Silas Marner*.

— Você se senta muito perto da professora. Acho que ela está apaixonada por você.

Surpreso, Noa parou.

— Kuroda-*san* tem sessenta anos. Talvez setenta.

Ele se aproximou da porta do prédio e a abriu para Akiko.

— Você acha que as mulheres perdem a vontade de fazer sexo depois dos sessenta? Que absurdo. Ela é provavelmente a mulher mais romântica de Waseda. Leu romances demais. Você é perfeito para ela. Aposto que se casaria com você amanhã. Ah, que escândalo! Sua querida George Eliot também se casou com um homem jovem, sabia? Embora o noivo tenha tentado se matar na lua de mel!

Akiko riu alto, e os estudantes que subiam as escadas a caminho da sala de aula se viraram para olhar. Todos pareceram intrigados com a interação, já que Noa era quase tão famoso por seu comportamento reservado quanto Akiko por sua beleza.

Quando chegaram à sala de aula, ela se sentou em seu habitual assento nos fundos e Noa voltou a seu lugar junto à professora. Ele abriu o caderno e pegou a caneta-tinteiro, em seguida olhou para a folha em branco coberta de linhas azuis pálidas. Estava pensando em Akiko: de perto, ela era ainda mais bonita.

Kuroda-*san* se sentou para iniciar a aula. Ela usava um suéter verde-ervilha por cima de uma blusa branca com colarinho arredondado e uma saia de *tweed* marrom. Seus pés minúsculos estavam calçados em um par infantil de sapatos Mary Jane. Ela era tão pequena e magra que dava a impressão de poder sair voando como um pedaço de papel ou uma folha seca.

A aula de Kuroda-*san* foi fundamentalmente uma longa análise psicológica da heroína de *Daniel Deronda*, a egocêntrica Gwendolen Harleth, que se transforma em consequência de seu sofrimento e da bondade de Daniel. A professora deu bastante ênfase ao fato de o destino de uma mulher ser determinado por sua posição econômica e suas perspectivas de matrimônio. Como era de se esperar, comparou Gwendolen à vaidosa e gananciosa Rosamond Vincy, de *Middlemarch*, mas argumentou que, diferentemente dela, Gwendolen alcança a anagnórise e a peripeteia aristotélicas. Kuroda-*san* passou a maior parte da aula falando sobre Gwendolen

e, pouco antes de terminar, falou um pouco sobre Mirah e Daniel, os judeus do livro, discorrendo um pouco sobre o sionismo e o papel dos judeus nos romances vitorianos.

— Os homens judeus são com frequência mostrados como pessoas excepcionalmente brilhantes, e as mulheres são quase sempre bonitas e trágicas. Aqui temos uma situação em que um homem desconhece sua própria condição de forasteiro. É como Moisés, o bebê do Gênesis que descobre que é judeu e não egípcio...

Enquanto dizia isso, Kuroda-*san* olhou para Noa, mas ele não percebeu, porque estava tomando notas.

— No entanto, quando descobre que na verdade é judeu, Daniel se sente livre para amar a virtuosa Mirah, uma cantora tão talentosa quanto sua mãe judia, e juntos eles vão para Israel.

Kuroda-*san* suspirou baixinho, como se estivesse satisfeita com o final de Eliot.

— Então está dizendo que é melhor que as pessoas amem apenas pessoas de sua própria raça? Que os judeus devem viver isolados em seu próprio país? — questionou Akiko, sem levantar a mão. Ela parecia não acreditar nessa formalidade.

— Bem, acho que George Eliot está argumentando que há uma grande nobreza em ser judeu e querer fazer parte de um Estado judeu. Eliot reconhece que esse povo foi muitas vezes perseguido injustamente. Eles têm o direito a seu próprio Estado. A guerra nos mostrou que eles sofreram muito, e que isso não pode voltar a acontecer. Os judeus não fizeram nada de errado, já os europeus... — A professora baixou a voz, como se tivesse medo de que alguém a ouvisse e isso lhe causasse problemas. — É complicado, mas Eliot se adiantou a seus contemporâneos ao pensar sobre o tema da discriminação com base na religião. *Nee?*

Havia nove alunos na turma, e todos concordaram, incluindo Noa, mas Akiko mesmo assim pareceu irritada.

— O Japão foi aliado da Alemanha — argumentou ela.

— Isso não tem a ver com esta discussão, Akiko-*san*.

A professora abriu o livro, nervosa, querendo mudar de assunto.

— Eliot está errada — disse Akiko, sem se deixar intimidar. — Talvez os judeus tenham o direito a seu próprio Estado, mas não

vejo necessidade de Mirah e Daniel deixarem a Inglaterra. Acho que esse argumento da nobreza ou de uma nação melhor para um povo perseguido é um pretexto para expulsar todos os estrangeiros indesejados.

Noa não ergueu o olhar. Ele se viu escrevendo tudo o que Akiko estava dizendo, porque ficava incomodado em pensar que poderia ser verdade. Ele havia admirado a coragem e a bondade de Daniel ao longo do livro, e não havia pensado muito na posição política de Eliot. Seria possível que Eliot estivesse sugerindo que os estrangeiros, por mais admiráveis que fossem, deveriam deixar a Inglaterra? Àquela altura, todos na sala desprezavam Akiko, mas de repente ele admirou sua coragem de pensar de maneira diferente e sugerir uma verdade difícil. Sentiu-se afortunado por estar na universidade e não na maioria dos outros lugares, onde a pessoa no comando tinha sempre razão. No entanto, até ouvir Akiko discordar da professora, não tinha pensado por conta própria, e nunca lhe ocorrera demonstrar discordância em público.

Depois da aula, ele voltou para casa sozinho, pensando profundamente nela, e soube que queria estar com Akiko, mesmo que não fosse fácil. Na terça-feira seguinte, antes do início da aula, Noa chegou cedo à sala para se sentar a seu lado. A professora tentou não se mostrar magoada com essa deserção, mas era evidente que estava.



16

Osaka, abril de 1960

Nos quatro anos anteriores, Mozasu havia trabalhado, em algum momento, como encarregado em todos os seis salões de *pachinko* de Goro. Seu chefe havia inaugurado novos salões em um tempo curto, e Mozasu o ajudara a abrir todos eles. Tinha vinte anos e não fazia quase nada além de cuidar dos estabelecimentos e consertar o que fosse necessário, enquanto Goro procurava novos locais e aparecia com ideias inspiradas para seu crescente império, e, por mais estranhas que elas parecessem, funcionavam. Ao que parecia, Goro não errava nos negócios e creditava parte desse sucesso à disposição de Mozasu de trabalhar sem cessar.

Era abril e bem cedo pela manhã quando Mozasu chegou ao escritório da gerência no Paradaisu Seis, o mais novo salão de *pachinko*.

— *Ohayo*. O carro está esperando. Vou levá-lo até Totoyama-*san* para mandar fazer roupas novas. Vamos — disse Goro.

— *Maji?* Por quê? Tenho ternos suficientes para este ano e o próximo. Sou o encarregado mais bem-vestido de Osaka — disse Mozasu, rindo.

Ao contrário do irmão, Noa, Mozasu nunca tinha se interessado por roupas elegantes. Vestia as roupas bem cortadas que Goro queria que usasse apenas porque seu chefe era meticuloso quanto à aparência de sua equipe. Goro acreditava que os funcionários eram uma extensão dele mesmo e também era rigoroso com a própria higiene pessoal.

Mozasu tinha muito o que fazer e não estava com vontade de ir à casa de Totoyama-*san*. Estava ansioso para telefonar para os jornais e publicar anúncios de vagas para novos funcionários. Precisavam de homens para cuidar do salão no turno da noite no Paradaisu Seis e, como o Paradaisu Sete ficaria pronto em um mês, tinha que começar a pensar em contratar gente para lá também.

— Você tem roupas adequadas para um encarregado, mas vai precisar de ternos novos para ser o gerente do Sete.

— O quê? Não posso ser gerente do Sete! — exclamou Mozasu, surpreso. — Esse é o trabalho de Okada-*san*.

— Ele foi embora.

— O quê? Por quê? Ele estava ansioso para ser gerente.

— Ele estava me roubando.

— O quê? Não acredito.

— *Honto desu* — disse Goro, assentindo. — Eu o peguei. Já suspeitava, apenas confirmei.

— Isso é horrível. — Mozasu não conseguia imaginar por que alguém roubaria Goro. Seria como roubar do próprio pai. — Por que ele fez isso?

— Jogo. Ele devia dinheiro a uns capangas. Disse que ia me pagar, mas foi perdendo cada vez mais. Você sabe como é. Enfim, a amante veio até aqui hoje de manhã para se desculpar por ele. Ela está grávida. Ele finalmente a engravida e em seguida perde o emprego. Idiota.

— Ah, merda.

Mozasu se lembrou de todas as vezes que Okada tinha mencionado que queria um filho. Até uma filha serviria, ele dissera. Okada era louco por crianças e *pachinko*. Mas, apesar de toda a sua experiência, nenhum salão em Osaka o contrataria se Goro o tivesse mandado embora por roubar. Ninguém roubava Goro.

— Ele pediu perdão?

— Claro. Chorou como uma criança. Eu disse para ele sumir de Osaka. Nunca mais quero ver a cara dele.

— *Soo nee* — disse Mozasu, sentindo-se mal por Okada, que sempre tinha sido amável com ele. Ele era filho de mãe coreana e pai japonês, mas sempre dizia que se sentia coreano, porque era um homem passional. — A esposa dele está bem?

Mozasu sabia que Goro se dava bem com ambas as mulheres.

— Sim. A esposa e a amante estão bem — respondeu Goro. — Mas eu disse à amante para se certificar de que ele não apareça mais aqui. Não serei tão generoso da próxima vez.

Mozasu assentiu.

— Vamos até a casa de Totoyama-*san*. Estou cansado de me sentir triste. Ver as meninas dela vai me alegrar — disse Goro.

Mozasu seguiu o chefe até o carro. Ele sabia que não deveria perguntar sobre seu novo salário — por mais estranho que fosse, Goro não gostava de falar de dinheiro. O salário de gerente seria melhor do que o de encarregado. Mozasu estava economizando para a confeitaria da mãe e estavam bem perto de ter o suficiente para comprar uma pequena loja perto da estação de trem. Com a piora na saúde do tio Yoseb, a tia Kyunghee não podia mais preparar doces para vender quando estava em casa. Com apenas a mãe e a avó trabalhando na barraca e Noa cursando o terceiro ano em Waseda, em Tóquio, qualquer dinheiro extra seria bem-vindo para a família, pensou. Todo sábado à noite, Mozasu ficava orgulhoso ao entregar à mãe o gordo envelope com seu salário. Ela tinha tentado aumentar sua mesada, mas ele recusara, negando-se a aceitar mais do que o suficiente para a passagem de ônibus. Não precisava de muito, pois fazia as refeições no refeitório dos funcionários e Goro comprava suas roupas de trabalho. Mozasu trabalhava sete dias por semana e dormia em casa; quando ficava muito tarde, dormia em um dos quartos no alojamento dos funcionários do salão.

A porta do salão se fechou atrás deles depois que saíram.

— Chefe, eu não sei. Acha que os outros rapazes vão me obedecer? Como faziam com Okada? — perguntou Mozasu. Ele tinha ambição, mas gostava de ser o encarregado da manhã ou da noite nos salões. Era muito bom nisso. Ser gerente era algo mais sério, todos respeitavam o gerente. Ele ficaria no comando sempre que Goro estivesse ausente. Okada tinha quase trinta e cinco anos e era alto como um jogador de beisebol.

— Fico lisonjeado e grato, mas, você sabe, acho que os outros gerentes podem...

— Cale a boca, garoto. Eu sei o que estou fazendo. Você é mais esperto do que os outros gerentes e sabe resolver problemas sozinho. O Sete é o salão mais importante. Como vou ficar supervisionando os outros, preciso que você seja astuto.

— Mas o Sete vai precisar de quase cinquenta funcionários. Como vou arranjar cinquenta homens?

— Na verdade, você vai precisar de pelo menos sessenta homens e de vinte garotas bonitas para os balcões de prêmios.

— Está falando sério? — Mozasu sempre apoiava os planos mirabolantes de Goro, mas aquilo parecia um pouco demais até mesmo para ele. — Como vou arranjar...

— Você vai conseguir. Sempre consegue. E pode contratar as garotas que quiser para os balcões de prêmios: naturais de Okinawa, *burakumin*, coreanas, japonesas... Não me importo. Elas só precisam ser simpáticas e bonitas, mas não atiradas demais a ponto de assustar os homens. As garotas são sempre importantes.

— Eu não sabia que o dormitório podia acomodar tantos...

— Você se preocupa demais. É por isso que vai ser perfeito para o trabalho.

Goro sorriu de orelha a orelha.

Mozasu pensou a respeito e teve que concordar. Ninguém se preocupava tanto com os salões quanto ele.

* * *

No percurso de carro até o ateliê de Totoyama, o motorista e Goro conversaram sobre luta livre, enquanto Mozasu permaneceu em silêncio. Estava fazendo listas mentais de todas as coisas que deveriam ser providenciadas para o Sete. Enquanto ponderava sobre quais dos homens poderia remanejar dos outros salões, ele percebeu que talvez estivesse pronto para se tornar gerente de um dos salões, e isso fez com que desse um leve sorriso. Goro nunca se equivocava, talvez não estivesse errado a respeito dele também. Mozasu não era inteligente como o irmão, que estava estudando literatura inglesa em Waseda, em Tóquio, e lia grossos romances em inglês sem consultar o dicionário. Noa queria trabalhar para uma empresa japonesa, nunca havia desejado trabalhar em um salão de *pachinko*. Noa achava que, depois que comprassem a confeitaria, Mozasu deveria trabalhar com a família. Como a maioria dos japoneses, seu irmão achava que os salões de *pachinko* não eram respeitáveis.

O carro parou diante de um prédio baixo de tijolos vermelhos que havia abrigado uma fábrica têxtil antes da guerra. Um grande caquizeiro protegia do sol a porta de metal cinza. Totoyama, que confeccionava todos os uniformes dos negócios de Goro, havia ganhado e economizado o suficiente para transferir sua produção do ateliê improvisado na casa perto de Ikaino para aquele local. Ela e os filhos, Haruki e Daisuke, viviam agora em três cômodos nos fundos, e ela usava o restante do prédio como local de trabalho. Empregava meia dúzia de assistentes, que trabalhavam seis dias por semana costurando uniformes. Por causa do boca a boca, passou a prestar serviços para outros empresários coreanos em Osaka e agora fazia uniformes para restaurantes de *yakiniku* e outros salões de *pachinko* da região de Kansai, mas os pedidos de Goro sempre tinham prioridade, porque havia sido ele quem dissera aos outros para contratá-la.

Quando Goro tocou a campainha, Totoyama atendeu a porta. Uma aprendiz lhes serviu um chá aromático e bolachas de trigo importadas em uma bandeja laqueada. Totoyama levou Mozasu até o espelho para poder tomar as medidas dele. Com alfinetes na boca, mediu o comprimento de seus longos braços.

— Você emagreceu, Mozasu-*san* — comentou ela.

— *Soo nee* — respondeu ele. — Goro-*san* sempre me diz que preciso comer mais.

Goro assentiu enquanto mordiscava os biscoitos e bebia uma segunda xícara de *genmaicha*. Ele estava sentado em um banco de cedro coberto com almofadas de um tecido índigo. Sentiu-se tranquilo observando Totoyama trabalhar. Sempre se sentia melhor quando resolvia problemas. Okada se revelara um ladrão, então tinha se livrado dele. E agora ia promover Mozasu.

A ampla e arejada sala de trabalho havia sido pintada de branco recentemente, mas o piso de madeira ainda estava gasto e velho. O chão era varrido todos os dias, mas os retalhos de tecido e pedaços de fio da manhã se espalhavam pelas áreas ao redor das mesas. Uma pálida coluna de partículas de poeira atravessava a sala, iluminada pelo feixe de luz diagonal que entrava pela claraboia. No salão comprido havia seis máquinas de costura e uma garota sentada atrás de cada uma delas. Elas tentavam não olhar para os

homens, mas não podiam deixar de se sentir atraídas pelo jovem que ia ao ateliê pelo menos uma vez por ano. Mozasu tinha se tornado um rapaz muito atraente. Tinha o olhar decidido do pai e um sorriso agradável. Gostava de rir, e essa era uma das razões pelas quais Goro o apreciava tanto. Mozasu era entusiasmado e pouco propenso a mudanças de humor. Estava vestindo um uniforme de encarregado que havia sido produzido no ateliê, e as garotas que haviam costurado suas roupas se sentiam ligadas a ele, embora não admitissem. Elas sabiam que Mozasu não tinha namorada.

— Há um rosto novo aqui — comentou Goro, cruzando os braços. Ele examinou as meninas com atenção e sorriu. Levantou-se e caminhou até elas. Fez uma grande reverência, o que foi engraçado, porque ele era uma pessoa muito importante. As garotas se levantaram todas ao mesmo tempo e fizeram uma reverência. Goro balançou a cabeça e fez uma cara engraçada, franzindo o nariz para fazê-las rir.

— Sentem-se, sentem-se — disse ele.

Tinha uma espécie de habilidade cômica combinada com certa delicadeza física. Para fazer as mulheres rirem, andava balançando os ombros. Era um homenzinho robusto que se movia de um jeito engraçado e gostava de flertar com todo tipo de mulher. Você se lembrava dele. Queria que ele gostasse de você. Como fazia muitas brincadeiras, era fácil esquecer que ele era um empresário poderoso e rico o suficiente para possuir sete salões de *pachinko*. Bastava uma palavra sua para que um homem adulto deixasse Osaka para sempre.

— Eriko-*san*, Reiko-*san*, Midori-*san*, Hanako-*san* e Motoko-*san*, *nee*? — recitou Goro perfeitamente antes de parar diante da garota nova. — Goro *desu* — disse, apresentando-se. — Você tem lindas mãos.

— Yumi *desu* — respondeu a jovem, ligeiramente irritada com ele por distraí-la do trabalho.

Totoyama deixou de tomar as medidas e olhou para a garota nova com o cenho franzido. Yumi costurava melhor do que todas as outras, mas costumava ser muito reservada, almoçando sozinha ou lendo durante os intervalos, em vez de conversar com as companheiras. Sua destreza e sua natureza pessoal eram

secundárias diante do fato de que ela tinha que respeitar Goro-*san*, até mesmo paparicá-lo. Para Totoyama, Goro-*san* era um grande homem, verdadeiramente bom. Embora brincasse com as garotas, nunca fazia nada inapropriado. Goro nunca havia convidado nenhuma delas para sair nem feito nenhuma das coisas ruins que seus outros clientes masculinos tentavam fazer. Yumi trabalhava para ela havia dois meses. Por seus documentos, Totoyama sabia que ela era coreana, mas usava o nome japonês e nunca falava de sua origem. Totoyama não se importava com nada disso, desde que a funcionária fizesse seu trabalho. Yumi era uma garota elegante, com pele boa e seios firmes. Não tinha um corpo bonito para usar quimono, mas tinha o tipo de curvas das quais os homens gostam. Era natural que Goro-*san* a tivesse notado.

— Goro-*san*, então Mozasu-*san* vai ser o novo gerente do Sete? — perguntou Totoyama. — Que feito maravilhoso para um homem tão jovem.

Mozasu baixou os olhos, evitando os olhares de curiosidade e admiração das costureiras, exceto Yumi, que continuou costurando.

— Sim. Mozasu-*san* vai precisar de três ternos escuros. Use um bom tecido, por favor. Ele vai precisar de algumas gravatas bonitas também, diferentes das demais. Algo elegante, que o faça parecer mais velho.

Mozasu se deteve diante do espelho triplo e olhou para Yumi, que trabalhava diligentemente. Ela era linda. Tinha os ombros delgados e largos e o pescoço comprido, que o fazia lembrar o desenho de um cisne em uma caixa de detergente.

Quando Totoyama terminou de tomar as medidas de Mozasu, os homens voltaram para o carro.

— Yumi-*san*, a garota nova, é muito bonita. Tem um belo traseiro — disse Goro.

Mozasu concordou.

Goro riu.

— Finalmente, o garoto trabalhador se interessa por alguém! Essa garota seria boa para você.

* * *

Na semana seguinte, quando voltou sozinho para mais uma prova, Totoyama estava terminando de atender um cliente e pediu a Yumi que buscasse o terno dele.

Yumi entregou a ele o terno parcialmente acabado e apontou para o provador atrás da cortina de tecido índigo.

— Obrigado — disse Mozasu em japonês.

Ela não disse nada, simplesmente ficou parada, impassível, esperando que Totoyama a dispensasse daquela tarefa.

Quando Mozasu saiu, Yumi estava em pé diante do espelho, segurando uma almofada de alfinetes de lã escarlate. Totoyama ainda estava ocupada com o outro cliente.

Yumi olhou para a gola do terno e inclinou a cabeça. A lapela precisava de ajustes.

— Meu nome é Mozasu Boku. É um prazer conhecê-la.

Yumi franziu o cenho para a lapela e tirou um alfinete da almofada para marcar o local.

— Não vai me espetar, vai? — disse ele, rindo.

Yumi contornou o corpo dele para verificar a pala.

— Não vai falar comigo? Sério?

— Não estou aqui para falar com você, e sim para fazer os ajustes necessários no terno.

— Se eu a levar para jantar, talvez possamos conversar — disse Mozasu, repetindo uma frase que ouvira Goro usar com as mulheres. Mozasu nunca havia convidado uma garota para sair, mas agora era gerente do Paradaisu Sete. Uma garota poderia ficar impressionada com isso, ele pensou.

— Não, obrigada. Não vou jantar com você.

— Vamos lá, todo mundo precisa comer. — Essa era mais uma das frases de Goro. — Você sai do trabalho por volta das sete e meia. Eu sei porque já estive aqui antes para pegar uniformes.

— Depois do trabalho, vou estudar. Não tenho tempo para bobagens.

— Eu sou bobagem?

— Sim, é.

Mozasu sorriu. Ela não falava como ninguém que ele conhecesse.

— O que você está estudando?

— Inglês.

— Eu sei falar inglês. Posso ajudá-la.

— Você não sabe falar inglês.

— *Hello, Miss Yumi. My name is Moses Baek. How are you?* — perguntou ele, repetindo as frases que tinha praticado com Noa. — *What kind of weather are you having in Tulsa, Oklahoma? Is it rainy or dry? I like hamburgers. Do you like hamburgers? I work at a place called Paradise.*[3]

— Onde aprendeu isso? Você nem terminou o ensino médio — questionou Yumi.

— Como sabe disso? — perguntou ele, sorrindo.

— Não importa — disse ela, vendo que Totoyama estava se aproximando.

— *Miss Yumi, do you like the fascinating novels of Mr. Charles Dickens? He is my brother's favorite author. I think his books are very long. There are no pictures in his books*.[4]

Yumi deu um leve sorriso, em seguida fez uma reverência para a chefe e apontou as áreas que precisavam de ajustes. Ela se curvou de novo antes de deixá-los e voltar para sua máquina de costura.

— Sinto muito por fazê-lo esperar, Mozasu-*san*. Como você está? Como está Goro-*san*?

Mozasu respondeu com educação e, quando ela estava quase terminando de colocar os alfinetes, virou-se e espirrou de forma exagerada, curvando as costas, dobrando-se sobre si mesmo e desfazendo as costuras alinhavadas com tanto cuidado.

— Ah, eu sou um idiota. Sinto muito — disse, olhando para Yumi, que estava tentando não rir. — Devo voltar amanhã ou depois de amanhã? Talvez eu consiga passar aqui antes que fechem.

— Ah, sim, por favor — disse Totoyama, avaliando as costuras rasgadas, alheia aos olhares trocados pelos dois jovens. — Vai estar pronto amanhã à noite.



17

Outubro de 1961

Mozasu se apoiou no bordo que ficava em frente ao ateliê de Totoyama, com a silhueta parcialmente encoberta pelo tronco. Aquele era o local onde tinham combinado de se encontrar. Três noites por semana, Mozasu encontrava Yumi depois do trabalho. Já fazia mais de um ano que a acompanhava às aulas de inglês na igreja, depois voltavam para o quarto que Yumi alugava e ela preparava um jantar simples para os dois. Muitas vezes, faziam amor antes de Mozasu retornar ao Paradaisu Sete, onde trabalhava até o fechamento antes de ir dormir em seu quarto no alojamento dos funcionários.

Já era outubro e, embora a brisa do início da noite ainda não tivesse perdido o calor suave do verão, as folhas nas árvores estavam começando a ficar douradas. A árvore alta acima dele formava uma renda metálica resplandecente contra o céu nublado da noite. Trabalhadores e outros homens de uniforme voltavam do trabalho, e crianças pequenas saíam de casa para receber os pais. No ano anterior, a rua onde ficava o ateliê de Totoyama havia melhorado, com famílias se mudando para as casas abandonadas perto do rio. Um vendedor de verduras local tinha se saído tão bem naquele ponto antes desolado que agora alugava o lote adjacente para o cunhado vender produtos secos. A nova padaria, cujo pão-de-ló perfumava a rua de maneira convidativa, havia alcançado tanta fama em Osaka que longas filas se formavam na porta todas as manhãs.

As costureiras de Totoyama estavam trabalhando até mais tarde do que o habitual, então Mozasu estudou sua amarrotada lista de palavras do dever de casa. Nunca tinha dado muito valor a sua memória quando estava na escola, mas descobrira que era bom em memorizar palavras e frases em inglês. Aquilo era útil para impressionar Yumi. Diferentemente da maioria das garotas, que gostavam de presentes em dinheiro, vestidos ou bugigangas, a

namorada de Mozasu se interessava apenas por aprender e parecia mais satisfeita quando ele dava as respostas certas ao professor, o reverendo John Maryman. Yumi, que desejava morar nos Estados Unidos, acreditava que precisava aprender bem o inglês.

Restava apenas um pouco de luz natural para ler. Quando a sombra de um homem passou ao seu lado, Mozasu não conseguiu distinguir as palavras. Ao notar o elegante par de sapatos masculinos a alguns passos dele, levantou a cabeça.

— É possível que você esteja estudando, Mo-*san*? *Honto?*

— Ei, Haruki! — exclamou Mozasu. — É você? Há quanto tempo não o vejo! — Ele tomou a mão do amigo com entusiasmo e a apertou. — Sempre pergunto a sua mãe por você. Ela está muito orgulhosa do filho. Não a ponto de se gabar, mas, você sabe, do jeito discreto e educado de Totoyama-*san*. E olhe só para você! Haruki, o policial! — Mozasu assobiou enquanto avaliava o uniforme da academia. — Você parece realmente sério. Me dá até vontade de cometer um crime. Não vai me denunciar, vai?

Haruki sorriu e bateu de leve no ombro de Mozasu com o punho, ficando tímido diante do velho amigo da escola. Havia sido difícil, mas Haruki se mantivera longe de Mozasu porque seus sentimentos por ele eram fortes demais. Ao longo dos anos, houvera outras paixões e encontros com desconhecidos. Recentemente, tinha um colega na academia, Koji, um sujeito durão e engraçado. Como fizera com Mozasu, Haruki se esforçava ao máximo para se manter longe de Koji, porque sabia que era preciso traçar uma linha bem distinta entre o público e o privado.

— O que diabos está fazendo por aqui? Você não mora perto da academia?

Haruki fez que sim com a cabeça.

— Esta semana estou de folga.

— E então? Quando vai se tornar policial? Quero dizer, detetive.

Mozasu riu, fingindo fazer uma reverência formal.

— Em dois anos.

Ao ver Mozasu junto ao bordo, Haruki teve medo de atravessar a rua. A simples visão dele era avassaladora. Quando menino, Haruki idolatrava Mozasu, que o havia salvado da angústia da escola. Quando ele largou os estudos para trabalhar com Goro-*san* e foi

absorvido pelo trabalho, Haruki sentiu a perda como um golpe letal no peito. Depois que Mozasu foi trabalhar nos salões de *pachinko*, os carneirinhos, as bruxas e os demônios de sua escola voltaram à cena, forçando Haruki a se refugiar em qualquer santuário disponível. Passava os intervalos preenchendo seus cadernos de rascunho com desenhos a lápis na segurança da sala de aula de uma amável professora de arte. Em casa, era sempre a mesma coisa: o irmão mais novo nunca cresceria e a mãe trabalharia até seus olhos não enxergarem mais. O marido e os irmãos da professora de arte eram detetives, e ela havia sugerido a Haruki que fosse para a academia de polícia. Curiosamente, a professora não estava errada. Haruki amava a academia, com suas regras e hierarquias. Fazia o que era instruído a fazer, e muito bem. Além disso, foi mais fácil começar de novo em um lugar onde ninguém o conhecia.

— O que está fazendo aqui fora? — perguntou Haruki. O sol estava se pondo, e sua luz laranja-avermelhada o comovia.

— Estou esperando Yumi. Ela trabalha para sua mãe. Mas ninguém pode saber sobre nós. Acho que sua mãe não se importaria. Eu não sou um cara tão ruim assim.

— Não vou contar a ninguém — disse Haruki, achando que Mozasu estava ainda mais atraente. Ele sempre havia admirado sua testa lisa, o nariz pronunciado e os dentes brancos, mas com o terno de gerente ele parecia um homem adulto no comando da própria vida. Haruki queria ser como ele.

As janelas do ateliê ainda estavam iluminadas, e as garotas trabalhavam com as cabeças escuras inclinadas sobre as mesas. Mozasu imaginou os dedos finos de Yumi percorrendo o tecido. Quando estava concentrada no trabalho, era impossível distraí-la. Ela era assim em relação a tudo e podia ficar sozinha trabalhando por horas. Mozasu não conseguia imaginar ficar parado por tanto tempo, sentiria falta da agitação do salão de *pachinko*. Amava todas as peças que compunham seu grande e barulhento negócio. Seu pai, um pastor presbiteriano, acreditava nos desígnios divinos, mas Mozasu acreditava que a vida era como um jogo em que o jogador podia ajustar os pinos e ao mesmo tempo contar com a incerteza dos fatores que não podia controlar. Ele compreendia por que seus

clientes queriam jogar algo que parecia fixo, mas que também deixava espaço para o acaso e a esperança.

— Está vendo? — Mozasu apontou com orgulho. — Ali! Na quarta mesa da...

— Yumi-*san*. Sim, eu sei quem é. É uma boa costureira. Uma pessoa muito elegante. Você tem sorte — disse Haruki. — E como está o seu trabalho? Já fez fortuna?

— Você deveria ir até lá. Agora estou no Paradaisu Sete. Passe lá amanhã. Estou no salão quase todos os dias e quase todas as noites, exceto quando encontro Yumi para acompanhá-la à aula de inglês.

— Não sei. Tenho que ficar com meu irmão enquanto estiver em casa.

— Ouvi dizer que ele anda um pouco triste.

— Foi por isso que vim. Minha mãe disse que ele anda um pouco estranho. Não está dando trabalho, mas fala cada vez menos. Os médicos não sabem o que fazer. Querem que ele vá para uma instituição. Dizem que talvez seja mais feliz morando com outras pessoas como ele, mas eu duvido. Esses lugares podem ser... — Haruki sugou o ar por entre os dentes cerrados. — É claro que nossa mãe jamais permitiria. Daisuke é um filho muito bom.

Haruki disse isso em voz baixa, pois sempre soubera que Daisuke seria sua responsabilidade depois que a mãe não pudesse mais cuidar dele. Ele só se casaria com alguém que estivesse disposto a cuidar bem de Daisuke e de sua mãe idosa.

— Yumi diz que talvez as coisas fossem melhores para ele nos Estados Unidos, mas ela acha que todo mundo teria uma vida melhor lá. Ela diz que lá não é como aqui, no Japão, onde uma pessoa não pode ser diferente.

Mozasu achava que a namorada tinha uma predileção irracional pelos Estados Unidos e por tudo que vinha de lá. Como seu irmão, Noa, Yumi achava que o inglês era a língua mais importante e que os Estados Unidos eram o melhor país.

— Yumi diz que há médicos melhores nos Estados Unidos — disse Mozasu, dando de ombros.

— Provavelmente é verdade.

Haruki sorriu, havia desejado muitas vezes morar em um lugar onde ninguém o conhecesse.

Enquanto se dirigia ao local do encontro, Yumi reconheceu o filho mais velho da patroa. Teria sido estranho dar meia-volta, então ela continuou caminhando.

— Já conhece Haruki-*san* — disse Mozasu, sorrindo. — Ele era meu único amigo no ensino médio. E agora vai combater o crime!

Yumi assentiu, abrindo um sorriso sem graça.

— Yumi-*san*, é bom vê-la de novo. Graças a você estou vendo meu amigo novamente depois de muitos, muitos anos.

— Está de férias da academia, Haruki-*san*? — perguntou Yumi, mantendo a postura formal e recatada.

Haruki fez que sim com a cabeça, em seguida se desculpou, dizendo que Daisuke o esperava em casa. Antes de deixá-los, prometeu visitar Mozasu no salão de *pachinko* na manhã seguinte.

* * *

As aulas de inglês eram dadas na grande sala de reunião do escritório da nova igreja coreana, construída recentemente graças a grandes doações de famílias endinheiradas proprietárias de restaurantes de *yakiniku*. Apesar do nome europeu, o professor, John Maryman, era um coreano que fora adotado por missionários americanos quando criança. O inglês era sua primeira língua. Devido a sua dieta superior, rica em proteínas e cálcio, John era significativamente mais alto do que os coreanos e japoneses. Com quase um metro e oitenta, causava assombro aonde quer que fosse, como se um gigante tivesse descido dos céus. Embora fosse fluente em japonês e coreano, falava ambos os idiomas com sotaque americano. Além do tamanho, seus maneirismos eram claramente estrangeiros. Gostava de brincar com pessoas que não conhecia bem e, se algo era engraçado, ria mais alto do que a maioria. Se não fosse por sua paciente esposa coreana, que possuía um grande *noonchi* e conseguia explicar com tato que John simplesmente não sabia se comportar de outra forma, ele teria se metido em muito mais problemas devido a suas gafes culturais. Para um pastor

presbiteriano, John parecia brincalhão demais. Era um bom homem, de fé e inteligência irrepreensíveis. Sua mãe, Cynthia Maryman, herdeira de fabricantes de pneus para automóveis, o enviara a Princeton e Yale para estudar teologia e, para deleite de seus pais, ele retornou à Ásia para pregar o Evangelho. A bela cor de sua pele era mais morena do que dourada, e seus olhos com cílios grandes, pretos como tinta, pareciam constantemente admirados e convidavam as mulheres a desejar sua presença.

Apesar de ser uma garota difícil de conquistar, Yumi admirava o professor, que todos os alunos chamavam de reverendo John. Para ela, John representava um mundo melhor onde os coreanos podiam ser algo além de prostitutas, bêbados ou ladrões. A mãe de Yumi, prostituta e alcoólatra, dormia com homens em troca de dinheiro ou bebida, e seu pai, cafetão e bêbado violento, tinha sido preso diversas vezes por causa de suas atividades criminosas. Yumi achava que suas três meias-irmãs mais velhas eram promíscuas e ordinárias como animais de estábulo. Seu irmão mais novo havia morrido quando criança e, pouco depois, aos catorze anos, Yumi fugira de casa com a irmã mais nova. Elas conseguiram sobreviver com pequenos trabalhos em fábricas têxteis, até que a irmã morreu. Com o passar dos anos, Yumi se tornou uma excelente costureira. Recusava-se a falar da família, que vivia nos piores bairros de Osaka. Quando via uma mulher que tinha alguma semelhança, mesmo que remota, com a mãe, atravessava a rua ou dava meia-volta e ia na direção contrária. Depois de assistir a filmes americanos, havia decidido que um dia ia morar na Califórnia e tinha planos de se tornar costureira em Hollywood. Ela conhecia alguns coreanos que haviam voltado para o norte da Coreia e muitos mais que haviam retornado para o sul, mas não conseguia sentir apego por nenhuma das duas nações. Para ela, ser coreana era apenas mais um terrível ônus, como ser pobre ou ter uma família indigna da qual não podia se livrar. Por que iria viver lá? Também não se imaginava apegada ao Japão, que era como uma madrasta que se recusava a amá-la, então Yumi sonhava com Los Angeles. Até conhecer Mozasu, com sua fanfarronice e seus grandes sonhos, nunca havia se deitado com um homem e, agora que havia se apegado a ele, queria que os dois fossem para os Estados Unidos

construir uma nova vida onde não fossem desprezados nem ignorados. Ela não conseguia imaginar como seria criar um filho no Japão.

Na turma de inglês havia quinze alunos, que tinham aulas três noites por semana. Até Mozasu aparecer, Yumi era a melhor aluna do reverendo John. Mozasu tinha uma enorme vantagem sobre ela, uma vez que tinha estudado involuntariamente com o irmão, Noa, durante anos, mas Yumi não se importava. Era um alívio que ele fosse melhor no inglês, que ganhasse mais dinheiro e que fosse incansavelmente gentil com ela.

No começo das aulas, o reverendo John percorria a sala fazendo uma série de perguntas a cada aluno.

— *Moses* — disse o pastor John em sua voz professoral —, *how is the pachinko parlor? Did you make a lot of money today?*[5]

Mozasu riu.

— *Yes, Pastor John. Today, I earned lot money. Tomorrow, I make more! Do you need money?*

— *No, thank you, Moses. But please remember to help the poor, Moses. There are many among us*.

— *The pachinko money isn't mine, Pastor John. My boss is rich, but I am not a rich man yet*. *One day, I will rich*.

— *You will* be *rich.*

— *Yes, I will be rich man, Pastor John. A man must have money.*[6]

John sorriu para Mozasu com amabilidade, desejando tirar da cabeça dele aquelas ideias idólatras, mas se dirigiu a Yumi.

— *Yumi, how many uniforms did you make today?*[7]

Yumi sorriu e seu rosto ruborizou.

— *Today, I made two vests, Pastor John.*[8]

John passou para os outros alunos, incentivando os mais reservados a conversar entre si, bem como com o restante da classe. Ele queria que os coreanos falassem bem, não queria que ninguém os menosprezasse. Havia deixado sua vida confortável em Princeton, New Jersey, porque sentia compaixão pelos coreanos pobres do Japão. Durante sua maravilhosa infância, repleta do afeto de seus pais amorosos, sempre se sentira mal pelos coreanos que haviam perdido sua nação para sempre. Por pessoas como Mozasu e Yumi, que nunca haviam estado na Coreia. Falava-se sempre em

coreanos voltando para a pátria-mãe, mas, de certa forma, todos haviam perdido esse conceito para sempre. Seus pais o adotaram sozinho e, até onde sabia, ele não tinha irmãos. Como sempre havia sido muito feliz com os pais, sentia-se culpado por todos os outros que não tinham sido escolhidos. Por que ele? Gostaria de saber. Havia adoções infelizes, decerto, mas John sabia que sua sorte havia sido melhor do que a de muitos outros. “Escolhido” era a palavra que a mãe sempre usava para se referir a ele.

— Nós o escolhemos, querido John. Você tinha o sorriso mais adorável, mesmo quando ainda pequeno. As mulheres do orfanato adoravam segurá-lo no colo, porque você era uma criança muito afetuosa.

Dar aulas de inglês não fazia parte de seu trabalho como pastor. Ele não tentava converter seus alunos, cuja maioria não era paroquiana. John amava o som das palavras em inglês, a maneira de falar dos americanos, e queria transmitir isso aos coreanos pobres de Osaka. Queria que eles soubessem falar outro idioma que não fosse o japonês.

Como seus alunos, John havia nascido no Japão, filho de pais coreanos. Seus pais biológicos o haviam deixado com o senhorio. John não sabia quantos anos tinha exatamente. Os pais adotivos lhe deram o mesmo dia de aniversário que Martinho Lutero: 10 de novembro. A única coisa que sabia sobre os pais biológicos era que eles haviam abandonado o quarto no qual moravam nas primeiras horas da manhã, sem pagar o aluguel e deixando-o para trás. Sua mãe adotiva dizia que eles provavelmente tinham feito isso porque o proprietário tinha dinheiro e uma casa e no lugar para onde estavam indo talvez não pudessem dar essas coisas a ele. O sacrifício de deixá-lo tinha sido um ato de amor, dizia sua mãe toda vez que John perguntava sobre eles. Ainda assim, sempre que via um coreano que talvez tivesse a mesma idade de seus pais, ele se perguntava se seria seu pai ou sua mãe. Não conseguia evitar. Gostaria de poder dar-lhes dinheiro agora, pois era um homem muito rico. Gostaria de conhecê-los e dar-lhes uma casa para mantê-los aquecidos e comida para quando tivessem fome.

Enquanto o pastor provocava as duas irmãs sentadas ao fundo por causa de sua predileção por doces, Mozasu bateu levemente o

joelho contra o de Yumi. Mozasu tinha coxas longas e bastou mover uma delas um pouco para roçar o tecido da saia que cobria as belas pernas de Yumi. Ela bateu de volta, ligeiramente irritada, embora na verdade não se importasse.

O reverendo John tinha perguntado à irmã mais nova o que ela fazia quando chovia e, em vez de ouvir a garota tropeçar no inglês enquanto tentava encontrar a palavra "*umbrella*",[9] Mozasu se pegou olhando para Yumi. Ele adorava admirar seu perfil delicado, a maneira como seus olhos escuros e tristes encontravam as maçãs do rosto altas.

— *Moses, how can you learn English if you are just staring at Yumi?*[10] — perguntou John, rindo.

Yumi corou novamente.

— Comporte-se — sussurrou ela para Mozasu em japonês.

— *I cannot stop, Pastor John. I love her*[11] — declarou Mozasu, e John bateu palmas, encantado.

Yumi olhou para suas anotações.

— *Will you two marry?*[12] — perguntou o pastor.

Yumi pareceu desconcertada com a pergunta, embora não devesse ter ficado. Era possível esperar qualquer coisa do pastor John.

— *She will marry me* — disse Mozasu. — *I am confident*.[13]

— O quê?! — exclamou Yumi.

As mulheres no fundo da sala estavam quase chorando de tanto rir. Dois homens no meio bateram nas mesas, gritando com entusiasmo.

— *This is fun* — disse John. — *I think we are witnessing a proposal*.[14] "*Pro-po-sal*" significa pedido de casamento.

— *Of course you will marry me, Yumi-chan. You love me, and I love you very much. We will marry. You see* — disse Mozasu calmamente em inglês. — *I have a plan*.[15]

Yumi revirou os olhos. Mozasu sabia que ela queria ir para os Estados Unidos, mas ele queria ficar em Osaka e abrir seu próprio salão de *pachinko* em alguns anos. Quando fosse rico, pretendia comprar uma casa enorme para a mãe, os tios e a avó. Ele dizia que, se eles quisessem voltar para a Coreia, ganharia tanto dinheiro

que construiria um palácio para eles lá. Mozasu não conseguiria ganhar tanto dinheiro assim em Los Angeles, tinha explicado a ela. Ele não podia deixar sua família, e Yumi sabia disso.

— Você e eu nos amamos. *Soo nee*, Yumi-*chan*? — disse Mozasu, sorrindo para ela e pegando sua mão.

Os outros alunos aplaudiram e bateram com os pés no chão como se estivessem assistindo a uma partida de beisebol.

Yumi inclinou a cabeça, mortificada por aquele comportamento, mas não conseguia ficar brava com ele. Ela nunca conseguia ter raiva de Mozasu. Ele era o único amigo que ela já tivera.

— Vamos ter que planejar um casamento então — disse John.



18

Tóquio, março de 1962

— Ele é casado? — perguntou Akiko, cujos olhos brilhavam de expectativa.

— Sim. Ele é casado, e sua esposa vai dar à luz em alguns meses — respondeu Noa, com a voz vacilando.

— Quero saber mais sobre sua família. Por favor — implorou ela.

Noa se levantou para se vestir.

Akiko não conseguia evitar, estava estudando para ser socióloga. Gostava de reunir dados, e o amante era seu quebra-cabeça favorito. No entanto, quanto mais ela perguntava, mais reticente ele se mostrava. Quando ele respondia de modo conciso, Akiko tinha o hábito de dizer "*Sooo?*", como se os detalhes de sua vida fossem algo assombroso. Tudo a respeito dele era fascinante para ela, mas Noa não queria ser fascinante. Ele queria apenas estar com ela. Não se importava quando Akiko voltava os holofotes para estranhos, era muito mais interessante ouvir suas tentativas de desmistificar os outros.

Ele era seu primeiro amante coreano. Na cama, ela pedia para ele falar coreano.

— Como se diz "bonita"? — perguntara ela algumas horas antes.

— *Yeh-puh-dah*.

Uma palavra tão simples parecia estranha quando ele a pronunciava para ela. Akiko era belíssima, "bonita" não dava conta de descrever sua beleza. Ele deveria ter dito *ah-reum-dop-da*, mas não disse. E Akiko provou ser uma excelente socióloga ao não perguntar qual era a palavra coreana para "amor", porque sem dúvida Noa teria revelado sua hesitação na tradução.

Como não desejava ser um espécime sob as lentes dela, Noa não falava sobre a mãe, que vendera *kimchi* e, posteriormente, doces para que ele pudesse ir para a faculdade, nem sobre o pai, que morrera devido às duras condições na prisão durante a época colonial. Para ele, esses aspectos de sua biografia tinham ficado em

um passado distante. Não tinha vergonha de seu passado. Não era isso. Mas ficava incomodado com a curiosidade dela. Akiko era uma garota japonesa de uma família de classe alta que crescera no rico bairro de Minami-Azabu; o pai dela era dono de uma empresa e a mãe jogava tênis com expatriados em um clube privado. Akiko adorava fazer sexo violento, ler livros estrangeiros e conversar. Ela havia corrido atrás dele, e Noa, que nunca tivera uma namorada séria, não sabia o que pensar dela.

— Volte para mim — disse ela de maneira sedutora, passando os dedos sobre o sutiã de algodão branco.

Noa voltou para a cama.

Depois de fazer amor no intervalo entre as aulas, eles estavam descansando no quarto alugado de Noa, um espaço excepcionalmente grande para um estudante universitário, com duas janelas quadradas por onde entrava a luz da manhã e um espaço imenso para um colchão duplo e um tapete de pelo bege. Grandes pilhas de romances cobriam sua ampla mesa de pinho: Dickens, Tolstoi, Balzac e Victor Hugo. A luminária sofisticada, com cúpula de vidro verde, estava apagada. Noa não conseguia imaginar nada tão agradável quanto aquele quarto e não acreditava na sorte que tivera pelo aluguel ser tão baixo. O proprietário era um amigo de Hansu que havia alugado o quarto mobiliado com móveis novos e elegantes, ideais para um estudante que se dedicava à literatura e à língua inglesa. Noa tivera que levar apenas as roupas na antiga mala do pai.

Akiko dizia que nenhum dos outros estudantes vivia em um lugar tão bonito, nem mesmo os que moravam com a família em Tóquio. Ela morava em um lindo apartamento em Minami-Azabu com os pais, mas em um quarto com metade do tamanho daquele; passava todo o tempo livre entre as aulas no quarto de Noa. Havia coisas dela na mesa, no banheiro e no armário. O lugar-comum de que as moças são mais organizadas do que os rapazes não se aplicava a ela.

Apesar dos esforços de Akiko, Noa não conseguiu fazer aquilo novamente em tão pouco tempo. Envergonhado, terminou de se vestir. Ela também se levantou para preparar uma xícara de chá.

Não havia cozinha, mas Noa tinha uma chaleira elétrica que Hansu comprara para ele. Tudo o que ele precisava fazer era estudar, dissera Hansu.

— Aprenda tudo o que puder. Aprenda em nome de todos os coreanos, aprenda por cada coreano que não pôde frequentar uma universidade como Waseda.

Hansu pagava as mensalidades de uma só vez antes do início de cada semestre. Sem precisar se preocupar com dinheiro, Noa estudava com mais fervor do que nunca. Relia livros e revisava todos os ensaios críticos que encontrava. Seu único refresco do trabalho era aquela garota adorável por quem tinha se apaixonado. Ela era inteligente, sensual e criativa.

— Como ele é? — perguntou Akiko, jogando folhas de chá no bule.

— Quem?

— Koh Hansu, seu benfeitor. Vai me deixar em dez minutos para se encontrar com ele. Faz isso no primeiro dia de cada mês.

Noa não tinha dito nada a ela, mas, é claro, ela havia adivinhado. Akiko queria conhecer Hansu. Havia perguntado diversas vezes se podia acompanhá-lo, mas Noa não achava apropriado.

— Ele é um bom amigo da família, eu já disse. Minha mãe e minha avó o conheceram antes de virem para o Japão. Ele é de Jeju, que não fica muito longe de Busan. É dono de uma construtora.

— Ele é bonito?

— O quê?

— Como você. Os homens coreanos são muito bonitos.

Noa sorriu. O que poderia dizer a esse respeito? É claro que nem todos os coreanos eram bonitos, também não eram todos feios. Eram apenas homens. Akiko gostava de fazer generalizações positivas sobre os coreanos e outros estrangeiros. Reservava suas palavras mais duras para os japoneses ricos.

Ela pousou a xícara de chá, empurrou-o de maneira brincalhona, e Noa caiu de costas no colchão. Akiko montou nele e tirou a blusa. Estava usando sutiã e calcinha de algodão branco. Era linda, pensou Noa. Seus cabelos pretos caíam como penas reluzentes e iridescentes ao redor do rosto.

— Ele é parecido com você?

Akiko se esfregou nele.

— Não, não. Somos muito diferentes. — Noa suspirou e a tirou com delicadeza de cima de seus quadris, intrigado com a própria resposta. — Quer dizer, não sei. É um homem generoso. Eu já disse: ele não tem filhos, e as filhas não querem ir para a faculdade, então ele tem financiado meus estudos. Pretendo pagá-lo de volta. Ele ajudou minha família em tempos difíceis. É meu benfeitor, só isso.

— Por que tem que pagá-lo de volta? Ele não é rico?

— Não sei. — Noa foi pegar um par de meias na cômoda. — Não importa. É uma dívida. Vou pagar.

— Não quer ficar comigo? — perguntou Akiko, tirando o sutiã e revelando os seios do tamanho de taças de champanhe.

— É tentador, minha linda, mas preciso ir. Nos vemos amanhã, *nee*?

Não havia tempo para fazer sexo de novo, pensou ele, mesmo que conseguisse ter outra ereção, o que achava improvável.

— Não posso ir conhecê-lo, Noa-*chan*? Quando vou conhecer sua família?

— Ele não é da minha família, e eu não sei. Eu também não conheço a sua.

— Você não vai querer conhecer meus pais. Eles são racistas. *Honto desu* — disse ela.

— Ah — disse Noa. — Bem, nos vemos amanhã. Tranque a porta depois de sair, por favor.

* * *

O restaurante de sushi ficava a menos de dois quilômetros de sua casa. O interior tinha sido revestido recentemente com cedro e as paredes exalavam um tênue aroma de madeira nova e limpa. Hansu preferia encontrar Noa ali todos os meses, na sala reservada nos fundos. Ninguém os perturbava, exceto para servir-lhes prato após prato de iguarias excepcionais, trazidas de várias aldeias de pescadores remotas no Japão.

Normalmente, os dois conversavam sobre as aulas de Noa, porque Hansu tinha curiosidade de saber como era frequentar uma universidade tão maravilhosa e lendária como Waseda. Ele nunca havia frequentado a escola nem a universidade. Hansu tinha aprendido a ler e escrever em coreano e japonês sozinho e, assim que conseguiu algum dinheiro, contratou professores particulares para aprender os *kanji* e *hanja* necessários para ler os difíceis jornais japoneses e coreanos. Ele conhecia muitos homens ricos, fortes e corajosos. No entanto, o que mais o impressionava eram os homens cultos que sabiam escrever bem. Buscava fazer amizade com grandes jornalistas, porque admirava a clareza com que expressavam suas ideias e pontos de vista sobre as notícias do dia. Hansu não acreditava em nacionalismos nem em religiões, não acreditava nem mesmo no amor, mas confiava na educação. Acima de tudo, acreditava que um homem devia aprender constantemente. Detestava desperdícios de qualquer tipo e, quando as três filhas abandonaram os estudos em troca de tolices e fofocas, passou a desprezar a esposa, que havia permitido que aquilo acontecesse. As meninas tinham mentes capazes e recursos ilimitados, e ela havia deixado que jogassem tudo isso fora. Suas filhas eram um caso perdido, mas agora ele tinha Noa. Ficava emocionado com o fato de ele ler e escrever em inglês com perfeição, um idioma que sabia ser essencial no mundo. Noa havia recomendado livros, e Hansu os lera, porque queria saber as mesmas coisas que o filho.

A capacidade extraordinária do jovem era algo que Hansu sabia que tinha que apoiar. Não tinha certeza do que queria que Noa fizesse depois de se formar — tinha o cuidado de não dizer muito, porque sabia que ele tinha as próprias ideias. Hansu queria respaldá-lo da mesma maneira que fazia com bons planos de negócios.

Os dois estavam sentados de pernas cruzadas no chão de tatame, com uma mesa baixa de madeira de acácia entre eles.

— Você deveria comer mais ouriço. O chef mandou trazer de Hokkaido para nós ontem à noite — disse Hansu. Ele gostava de ver Noa, um estudante pobre, comendo aquelas coisas raras que ele consumia regularmente.

Noa assentiu em agradecimento e terminou sua porção. Não gostava de comer daquela maneira, muito menos aquele tipo de comida. Noa sabia como os japoneses educados se comportavam e sabia imitar seus maneirismos com perfeição, de forma que aceitava o que quer que fosse colocado diante dele e ficava grato. Entretanto, preferia comer depressa uma tigela de comida simples e nutritiva. Alimentava-se como a maioria dos coreanos: uma comida saborosa era apenas um combustível necessário, algo a ser consumido às pressas antes de voltar ao trabalho. Os japoneses ricos consideravam essa maneira de comer (muita quantidade, sabores fortes e velocidade considerável) absolutamente vulgar. Na presença de seu benfeitor, Noa imitava os japoneses de classe alta, pois não queria decepcioná-lo, ainda que não se interessasse por comida nem gostasse de ficar sentado muito tempo durante uma refeição. Akiko também o provocava por causa disso, mas eles não iam a restaurantes luxuosos, de forma que essa diferença tinha pouca importância no relacionamento deles.

Noa gostava de estar com Hansu, mas era entediante ver outra pessoa beber enquanto comia tão pouco. Obviamente, Hansu era capaz de beber bastante e, ainda assim, administrar uma construtora bem-sucedida, mas Noa desconfiava de qualquer hábito de consumir álcool. Quando menino, a caminho da escola, costumava ter que desviar de homens que dormiam na rua depois da bebedeira na noite anterior. Na época em que trabalhava como contador do senhorio de Ikaino, tinha visto muitos pais que não conseguiam pagar o aluguel e, consequentemente, muitas famílias sendo despejadas — e o problema começava sempre com algumas doses inofensivas no dia do pagamento. Todo inverno, coreanos alcoólatras que não tinham onde morar morriam congelados às margens do rio Sumida, os corpos alheios ao frio mortal. Noa não bebia. Já Hansu podia beber garrafas inteiras de saquê ou *soju* sem que houvesse nenhum efeito visível. Portanto, de acordo com a tradição coreana, Noa servia a bebida do homem mais velho, dose após dose, prolongando ainda mais a refeição.

Enquanto servia o saquê de Hansu, uma batida suave na porta de correr de papel o sobressaltou.

— Entre — disse Hansu.

— Com licença, Koh-*san* — disse a jovem garçonete, que não usava maquiagem. Ela usava um quimono índigo simples e um *obi* cor de cogumelo.

— Sim? — perguntou Hansu.

Noa sorriu para a garçonete, que tinha a aparência e o comportamento de uma menininha bem-educada.

— Há uma dama que diz que gostaria de cumprimentá-lo.

— É mesmo? — disse Hansu. — Me cumprimentar?

— Sim — respondeu a garçonete.

— Muito bem.

Poucas pessoas sabiam que ele comia naquele restaurante. Talvez fosse uma das secretárias de seu chefe trazendo uma mensagem privada, mas isso seria estranho, porque em geral enviavam rapazes para tais tarefas. O motorista e o guarda-costas de Hansu estavam montando guarda do lado de fora do restaurante e teriam impedido qualquer pessoa perigosa de chegar até ele. Sem dúvida tinham avaliado a mulher.

A garçonete fechou a porta e, em alguns segundos, bateu novamente.

Dessa vez, Noa se levantou e abriu a porta. Foi bom esticar as pernas.

— Akiko — disse ele, por um instante confuso.

— Olá — disse ela, em pé ao lado da garçonete, esperando que a convidassem a entrar.

— É sua amiga, Noa? — perguntou Hansu, sorrindo para a linda moça que parecia japonesa.

— Sim.

— Seja bem-vinda. Por favor, sente-se. Queria me ver?

— Noa achou que eu deveria dar uma passada e cumprimentar seu benfeitor, então eu vim, por insistência dele — explicou Akiko, sorrindo.

— Sim — disse Noa, sem saber por que estava confirmando aquela mentira, mas sem ter uma versão alternativa. — Eu deveria ter avisado que Akiko ia passar aqui. Desculpe se o peguei de surpresa.

— De modo algum. Fico muito feliz por conhecer uma amiga sua. Almoce conosco.

Hansu olhou para a garçonete, que ainda estava de pé junto à porta.

— Por favor, arrume mais um lugar à mesa e traga um copo de saquê para a amiga de Noa — pediu, curioso e satisfeito com o fato de o garoto querer que ele conhecesse sua namorada. Ele queria que ela se sentisse bem-vinda.

Na mesma hora, um lugar à mesa foi arrumado e um copo surgiu diante de Akiko. O próprio chef trouxe para eles um prato de ostras fritas polvilhadas com grânulos transparentes de sal inglês. Noa serviu vinho para Hansu, em seguida Hansu serviu Akiko.

— Aos novos amigos — disse Hansu, erguendo o copo.



19

O jovem casal permaneceu junto à porta do restaurante enquanto Hansu entrava no carro. Akiko e Noa fizeram uma grande reverência na direção do banco do passageiro, onde Hansu estava sentado. O motorista fechou a porta do carro, fez uma reverência para o casal e se sentou ao volante para levar Hansu para sua próxima reunião.

— Não entendo por que está tão chateado — disse Akiko, ainda sorrindo como uma colegial japonesa, embora Hansu já tivesse ido embora. — Koh-*san* é maravilhoso. Fiquei feliz por conhecê-lo.

— Você mentiu — retrucou Noa, com a voz trêmula. Ele não queria falar por medo de dizer algo terrível, mas não conseguiu se conter. — Eu... Eu não a convidei. Por que disse isso a Koh-*san*? O almoço poderia ter terminado mal. Aquele homem é importante para nossa família. Ele está patrocinando a minha educação. Eu devo muito a ele.

— Não aconteceu nada. Foi um almoço comum em família em um *sushi-ya* elegante. Grande coisa. Já fui a dezenas de almoços assim. Eu me comportei perfeitamente, e ele gostou de mim — argumentou Akiko, intrigada com a irritação dele. Sempre havia confiado em sua capacidade de conquistar os adultos. — Você tem vergonha de mim? — perguntou ela, rindo.

Estava estranhamente satisfeita por ter uma discussão com Noa, que em geral era tão calmo e calado que ela não sabia o que passava por sua mente. Além disso, a culpa era dele: era tão reservado que ela se sentiu obrigada a ir ao almoço sem ter sido convidada. Não tinha feito isso para irritá-lo. Ele devia ter ficado satisfeito por ela se importar a ponto de querer conhecer seus amigos.

— Você nunca teria me convidado. Eu fiz bem em vir.

Ela tocou o braço de Noa, que se afastou.

— Akiko, por quê? Por que você sempre tem que estar certa? Por que sempre tem que estar no controle? Por que não posso decidir quando e onde você vai conhecer alguém do meu círculo pessoal? Eu nunca faria isso com você. Eu respeitaria sua privacidade.

Noa estava falando de forma rápida e incoerente e colocou a mão na boca.

Akiko olhou para ele, sem entender. Não estava acostumada a ouvir não de um homem. As bochechas dele estavam vermelhas, Noa tinha dificuldade de encontrar as palavras. Aquele não era o mesmo homem que explicava os trechos complexos de seus textos de sociologia e a ajudava com os trabalhos de estatística. Seu amável e prudente Noa estava furioso.

— O que foi? Você tem vergonha de ser coreano?

— O quê? — Noa deu um passo para trás. Olhou em volta para ver se alguém estava assistindo à discussão deles. — O que você está dizendo?

Ele olhou para Akiko como se ela estivesse louca.

Akiko se acalmou e falou devagar.

— Eu não tenho vergonha de você ser coreano. Eu acho ótimo que você seja coreano. Isso não me incomoda nem um pouco. Poderia incomodar pessoas ignorantes e até mesmo meus pais, que são racistas, mas eu adoro o fato de você ser coreano. Os coreanos são inteligentes e trabalhadores, e os homens são muito bonitos — disse ela, sorrindo para Noa como se estivesse flertando. — Você está chateado. Ouça, se quiser, posso marcar de você conhecer toda a minha família. Eles teriam sorte de conhecer um coreano tão maravilhoso. Quem sabe isso mude a maneira como...

— Não — disse ele, balançando a cabeça. — Não. Chega.

Akiko se aproximou dele. Uma mulher mais velha passou e olhou para os dois, mas Akiko não deu atenção.

— Noa-*chan*, por que está tão bravo comigo? Você sabe que eu o acho incrível. Vamos para casa e você pode me foder.

Noa a encarou. Akiko sempre acreditaria que ele era outra pessoa — não ele mesmo, mas sua ideia fantasiosa de um estrangeiro. Akiko sempre se sentiria especial por ter aceitado ficar com alguém que todos odiavam. A presença de Noa provaria ao mundo que ela era uma boa pessoa, uma pessoa esclarecida, liberal. Noa não se importava de ser coreano quando estava com ela. Na verdade, não se importava de ser coreano nem japonês, de modo geral. Queria ser apenas ele mesmo, o que quer que isso

significasse; queria esquecer quem era de vez em quando. Mas isso não era possível. Isso nunca seria possível com ela.

— Vou arrumar suas coisas e pedir que um mensageiro as entregue na sua casa. Nunca mais quero vê-la. Por favor, não me procure.

— Noa, o que está dizendo? — perguntou Akiko, estupefata. — É esse o famoso temperamento coreano que nunca vi antes?

Ela riu.

— Você e eu. Não é para ser.

— Por quê?

— Porque não é.

Ele não conseguia pensar em mais nada e queria poupá-la da crueldade do que havia compreendido, porque ela não ia acreditar que não era diferente dos pais, que vê-lo apenas como um bom coreano era o mesmo que vê-lo apenas como um mau coreano. Ela não conseguia enxergar sua humanidade, e Noa se deu conta de que isto era o que ele mais desejava: ser visto como um ser humano.

— Ele é seu pai, não é? — perguntou Akiko. — Ele é igual a você. Você me disse que seu pai morreu, mas ele não está morto. Você só não queria que ele me conhecesse porque não queria que eu soubesse que ele é da *yakuza*. Não queria que eu soubesse que ele é um mafioso. De que outra forma explicar aquele carro ridículo e o motorista uniformizado? De que outra forma ele poderia instalá-lo naquele apartamento enorme? Nem mesmo meu pai pode pagar por um apartamento como aquele, e ele é dono de uma empresa de exportação! Vamos, Noa, como pode ficar bravo comigo quando tudo que eu queria era saber mais a seu respeito? Eu não ligo para o que ele faz. Isso não importa. Não me importo que seja coreano. Você não vê?

Noa se virou e saiu andando. Andou até não poder mais ouvi-la gritar seu nome. Caminhava rígida e calmamente, sem conseguir acreditar que uma pessoa que havia amado (sim, ele a amava) poderia acabar se revelando alguém que ele não conhecia. Talvez soubesse o tempo todo quem ela era, mas não conseguisse enxergar. Simplesmente não conseguia. Quando chegou à estação

de trem, Noa desceu as escadas devagar até a plataforma. Tinha a sensação de que ia desabar. Ia pegar o primeiro trem para Osaka.

* * *

Era começo da noite quando chegou em casa. A tia Kyunghee ficou surpresa ao abrir a porta. Noa estava perturbado e queria falar com a mãe. O tio Yoseb estava dormindo no quarto dos fundos, e a mãe estava na sala da frente, costurando. Ele não quis tirar o casaco. Quando Sunja apareceu à porta, Noa perguntou se eles poderiam sair para conversar.

— O que foi? O que aconteceu? — perguntou Sunja, colocando os sapatos.

Noa não respondeu. Saiu para esperar por ela.

Ele foi caminhando à frente pela rua comercial, até um local onde havia poucas pessoas.

— É verdade? — perguntou à mãe. — Sobre Koh Hansu.

Ele não conseguia dizer as palavras em voz alta, mas tinha que saber.

— É por isso que ele paga os meus estudos e é por isso que sempre esteve por perto. Vocês ficaram juntos — afirmou ele. Era mais fácil dizer isso do que a outra coisa.

Sunja, que estava abotoando o casaco de lã, parou de andar e olhou para o rosto do filho. Então compreendeu. Yoseb estava certo o tempo todo. Ela não deveria ter permitido que Hansu pagasse pelos estudos dele, mas não tinha sido capaz de encontrar outra maneira. Noa tinha trabalhado todos os dias, tinha economizado cada centavo do que ganhava, tinha estudado todas as noites até os olhos ficarem vermelhos e cansados pela manhã e finalmente tinha passado no exame de admissão de Waseda.

Como ela poderia ter dito não? Não podiam pedir um empréstimo para aquilo. Ninguém mais poderia ajudá-los. Ela sempre teve medo da presença de Hansu na vida de Noa. Será que aquele dinheiro o manteria ligado a Hansu?, ela se perguntara. Mas não aceitar o dinheiro... Seria possível?

Um filho como Noa, que tinha se esforçado tanto, merecia realizar seu desejo de estudar e se tornar alguém. Ao longo da vida, os professores diziam que ele era um aluno ideal, muito mais inteligente do que todos os outros. “Um motivo de orgulho para seu país”, diziam eles, e isso agradava muito o marido, Isak, porque ele sabia que os japoneses achavam que os coreanos não valiam nada e eram dignos apenas das tarefas mais sujas, perigosas e humilhantes. Isak dizia que Noa ia ajudar o povo coreano com a excelência de seu caráter e seu trabalho e ninguém poderia menosprezá-lo. Isak havia encorajado o garoto a aprender tudo da melhor maneira que pudesse, e Noa, um bom filho, tinha se esforçado ao máximo para ser o melhor. Isak amava tanto o garoto. Sunja não conseguia dizer nada, tinha a boca seca. A única coisa na qual conseguia pensar era em como Isak tinha sido bom em dar um sobrenome a Noa e protegê-los.

— Como pôde fazer isso? — Noa balançou a cabeça. — Como pôde traí-lo?

Sunja sabia que ele estava se referindo a Isak e tentou explicar.

— Eu o conheci antes de conhecer seu pai. Não sabia que Koh Hansu era casado. Eu era uma menina e achei que ele ia se casar comigo. Mas ele não podia, porque já era casado. Quando eu estava grávida de você, seu pai, Isak, se hospedou em nossa pensão. Ele se casou comigo mesmo sabendo de tudo. Baek Isak quis você como filho. O sangue não importa. Consegue entender isso? Quando jovem, uma pessoa pode cometer erros graves. Às vezes confiamos nas pessoas erradas, mas sou muito grata por você ser meu filho e muito grata a seu pai por ter se casado comigo...

— Não. — Noa olhou para ela com desdém. — Não posso entender esse tipo de erro. Por que não me contou antes? Quem mais sabe?

Sua voz soou mais fria.

— Não achei necessário contar a ninguém. Ouça-me, Noa, o homem que escolheu ser seu pai foi Baek...

Noa agiu como se não a estivesse ouvindo.

— Então tio Yoseb e tia Kyunghee... eles sabem?

Noa não conseguia aceitar que ninguém tivesse lhe contado.

— Nunca falamos sobre isso.

— E Mozasu? Ele é filho de Baek Isak? Ele não se parece comigo.

Sunja fez que sim com a cabeça. Noa tinha chamado o pai de Baek Isak, ele nunca tinha feito isso antes.

— Então é meu meio-irmão...

— Eu conheci Koh Hansu antes do seu pai. Sempre fui fiel a Baek Isak, meu único marido. Koh Hansu nos encontrou quando seu pai estava na prisão. Ele ficou preocupado porque não tínhamos dinheiro.

Uma parte dela sempre temera que Noa descobrisse, mas, mesmo diante dessa possibilidade, confiava que o filho ia compreender, porque era muito inteligente e sempre tinha sido uma criança tão dócil, que nunca lhe dava preocupações. Mas o jovem que estava diante dela era como metal frio e a encarava como se não lembrasse quem ela era.

Noa parou de se mover e respirou fundo, em seguida expirou. Estava tonto.

— É por isso que ele está sempre nos ajudando, foi por isso que nos levou para aquela fazenda durante a guerra. Por isso nos levava coisas.

— Ele estava tentando se certificar de que você estava bem. Queria ajudá-lo. Não tinha nada a ver comigo. Eu era alguém que ele havia conhecido muito tempo antes.

— Você sabia que ele é da *yakuza*? Isso é verdade?

— Não. Não, eu não sabia. Eu não sei o que ele faz. Quando o conheci, ele era um negociante que vivia em Osaka e comprava peixe na Coreia para empresas japonesas. Era um empresário. Tem uma construtora e alguns restaurantes, acho. Não sei o que mais ele faz. Eu mal falo com ele. Você sabe disso...

— Os membros da *yakuza* são as pessoas mais imundas do Japão. São bandidos, criminosos comuns. Extorquem os comerciantes, vendem drogas, controlam a prostituição e machucam pessoas inocentes. Todos os piores coreanos são membros dessas gangues. Peguei dinheiro para pagar meus estudos com um membro da *yakuza* e você achou isso aceitável? Nunca vou conseguir lavar essa mancha do meu nome. Você não

pode ser muito inteligente. Não dá para produzir uma coisa limpa de algo sujo. E agora você me deixou sujo — disse Noa calmamente, como se estivesse se dando conta à medida que falava com ela. — Durante toda a minha vida, ouvi de japoneses que meu sangue é coreano e que os coreanos são agressivos, violentos, ardilosos, criminosos traiçoeiros. Suportei isso durante toda a minha vida. Tentei ser tão honesto e humilde quanto Baek Isak e nunca elevei a voz. Mas esse sangue, meu sangue é coreano, e agora descubro que tenho sangue da *yakuza*. Nunca poderei mudar isso, não importa o que faça. Teria sido melhor não ter nascido. Como pôde arruinar assim a minha vida? Como pôde ser tão imprudente? Uma mãe idiota e um pai criminoso. Eu sou amaldiçoado.

Sunja olhou para ele em choque. Se fosse um garotinho, teria mandado que se calasse, que tivesse modos, teria dito que ele jamais poderia faltar ao respeito com os pais. Mas agora não podia dizer nada disso. Como poderia defender um mafioso? Havia crime organizado em toda parte, ela supunha, e sabia que esses criminosos faziam coisas ruins, mas sabia também que muitos coreanos eram obrigados a trabalhar para as gangues porque não havia outros empregos para eles. O governo e as boas empresas não contratavam coreanos, nem mesmo os que haviam estudado. Todos aqueles homens tinham que trabalhar, e havia muitos deles que moravam na vizinhança e que eram muito mais gentis e respeitosos do que os homens que não trabalhavam. No entanto, não podia dizer isso ao filho, porque Noa era alguém que tinha estudado, trabalhado e tentado sair daquele bairro e achava que todos os que não haviam feito o mesmo não eram muito inteligentes. Ele não entenderia. O filho dela não era capaz de sentir compaixão por aqueles que não se esforçavam.

— Noa — disse Sunja —, me perdoe. *Umma* sente muito. Eu só queria que você fosse para a faculdade. Sei o quanto você queria isso. Sei o duro que...

— Você. Você me tirou a minha vida. Não sou mais eu mesmo — cortou ele, apontando o dedo para Sunja. Em seguida, lhe deu as costas e caminhou de volta para a estação de trem.



20

Osaka, abril de 1962

Eles não recebiam cartas com frequência e, quando uma chegava, a família se reunia em torno da cama de Yoseb para que todos ouvissem a leitura. Yoseb estava deitado de costas, com a cabeça apoiada em um travesseiro recheado de trigo-sarraceno. É claro que Sunja tinha reconhecido a caligrafia do filho no envelope. Embora fosse analfabeta, sabia ler seu nome tanto em japonês quanto em coreano. Em geral, era Kyunghee quem lia as cartas em voz alta, pedindo ajuda a Yoseb quando havia caracteres difíceis que não reconhecia. A visão de Yoseb havia se deteriorado: não conseguia mais ler seus amados jornais, então Kyunghee os lia para ele. Às vezes, quando ela descrevia o caractere, Yoseb conseguia adivinhar qual era pelo contexto. Kyunghee começou a ler em sua voz clara e suave. Sunja estava pálida de medo, e Yangjin olhava fixamente para a fina folha de papel, perguntando-se o que o neto teria a dizer. Os olhos de Yoseb estavam fechados, mas ele estava acordado.

Umma,

Abandonei Waseda. Saí do apartamento. Estou em outra cidade e arranjei um emprego.

Talvez seja muito difícil para você compreender, mas peço que não me procure. Refleti muito a respeito. É a única maneira de viver comigo mesmo e manter minha integridade. Quero começar uma vida nova e, para fazer isso, não há outro caminho.

Precisei pagar algumas despesas nesse começo, mas, assim que ganhar mais dinheiro, enviarei algo para vocês sempre que puder. Não vou negligenciar meus deveres. Além disso, vou ganhar dinheiro suficiente para pagar Koh Hansu. Por favor, certifique-se de que ele nunca entre em contato comigo. Não desejo vê-lo.

Envio cumprimentos a você, tio Yoseb, tia Kyunghee, à avó e a Mozasu. Lamento não ter tido a oportunidade de me despedir de

maneira adequada, mas não voltarei. Por favor, não se preocupem comigo. Tem que ser assim.

Seu filho,

Noa

Noa tinha escrito sua breve mensagem em japonês simples, e não em coreano, idioma no qual nunca havia escrito bem. Quando Kyunghee terminou de ler, ninguém disse nada. Yangjin deu tapinhas no joelho da filha, depois se levantou e foi para a cozinha preparar o jantar, deixando que Kyunghee abraçasse a cunhada, que agora estava sentada, muda e pálida.

Yoseb expirou. Nada traria o garoto de volta?, perguntou-se. Ele achava que não. Havia muitas perdas na vida. Quando Isak morreu, Yoseb pensou nos filhos do irmão e prometeu cuidar deles. Noa e Mozasu não eram seus filhos, mas que importância isso tinha? Ele queria ser um bom pai para eles. Então, depois da guerra, depois do acidente, havia se resignado com a morte e ansiava apenas pelo futuro dos meninos. Seu coração estúpido não conseguia não ter esperança. A vida tinha parecido quase suportável — embora Yoseb estivesse praticamente desconectado dos vivos, preso à cama, sua família havia persistido. A vida continuava. Noa era tão parecido com Isak que dava para esquecer que o pai de sangue dele era outra pessoa, um homem totalmente diferente de seu amável Isak. Mas agora o pobre garoto havia descoberto de alguma maneira que seu progenitor era outro. Tinha decidido deixá-los, e sua partida era uma punição. Yoseb entendia a raiva do sobrinho, mas queria mais uma oportunidade de conversar com ele, de dizer a Noa que um homem deve aprender a perdoar, a discernir o que é importante, pois viver sem perdão era uma espécie de morte com respiração e movimento. No entanto, não tinha energia suficiente para se levantar da cama, muito menos para procurar seu querido sobrinho, o garoto que era como sangue do seu sangue.

— Será que ele foi para o Norte? — perguntou Kyunghee ao marido. — Ele não faria algo assim, não é?

Sunja olhou para o cunhado.

— Não, não.

O travesseiro de Yoseb fez um ruído quando ele mexeu a cabeça de um lado para o outro.

Sunja cobriu os olhos com as mãos. Ninguém que ia para a Coreia do Norte voltava. Se Noa não tivesse ido para lá, ainda havia esperança. Kim Changho havia partido no último mês de 1959 e, em mais de dois anos, tiveram notícias dele apenas duas vezes. Kyunghee raramente falava dele, mas fazia sentido que a primeira coisa em que ela tivesse pensado fosse Pyongyang.

— E Mozasu? O que vamos dizer a ele? — perguntou Kyunghee.

Ainda segurando a carta de Noa, ela acariciou as costas de Sunja com a mão livre.

— Vamos esperar até ele perguntar sobre o irmão. O garoto anda muito ocupado. Se ele perguntar, basta dizer que não sabe. Mais tarde, se for necessário, diga a ele que Noa fugiu — disse Yoseb, com os olhos ainda fechados. — Diga que a faculdade foi difícil demais para ele, que deixou Tóquio e ficou com vergonha de voltar para casa depois de todas as tentativas de ser aprovado nos exames sem sucesso. Até onde sabemos, essa poderia ser a razão.

Yoseb ficou enojado ao dizer essas palavras, então não disse mais nada.

Sunja não conseguia falar. Mozasu nunca acreditaria nisso, mas também não podia lhe dizer a verdade, porque ele ia querer procurar o irmão. Também não podia contar a ele sobre Hansu. Mozasu mal dormia ultimamente, porque tinha muitas responsabilidades no trabalho, e Yumi havia sofrido um aborto apenas algumas semanas antes. Ele não precisava de mais preocupações.

Desde a noite em que Noa fora até lá para falar com ela, Sunja pensava diariamente em ir a Tóquio para conversar com o filho, mas não conseguia. Um mês havia se passado, e agora isso. O que ele tinha dito a ela? *Você me tirou a minha vida.* Ele havia abandonado Waseda. Sunja não conseguia pensar, mal conseguia respirar. Tudo o que queria era ver Noa outra vez. Se isso não fosse possível, seria melhor morrer.

Secando as mãos úmidas no avental, Yangjin veio da cozinha e disse que o jantar estava pronto. Yangjin e Kyunghee olharam para Sunja.

— Você deveria comer alguma coisa — disse Kyunghee.

Sunja balançou a cabeça.

— Eu tenho que ir. Eu tenho que encontrá-lo.

Kyunghee segurou seu braço, mas Sunja se desvencilhou e se levantou.

— Deixe-a ir atrás dele — disse Yangjin.

* * *

Ela descobriu que Hansu morava a apenas trinta minutos de trem de Osaka. Sua casa, desproporcionalmente imensa, se destacava na rua tranquila. Um par de portas de mogno altas e entalhadas, ladeadas por grandes janelas panorâmicas, ocupava o centro da construção de pedra calcária de dois andares como as mandíbulas de um gigante. A casa tinha sido a residência de um diplomata americano depois da guerra. Cortinas pesadas protegiam o interior, fazendo com que fosse impossível espiar lá dentro. Quando jovem, Sunja havia se perguntado onde ele viveria, mas nunca poderia ter imaginado algo assim. A impressão era de que ele vivia em um castelo. O taxista garantiu que aquele era o endereço.

Uma criada jovem, de cabelos curtos, com um avental branco cintilante, atendeu a porta, abrindo-a apenas parcialmente.

— O dono da casa não está — informou ela em japonês.

— Quem é? — perguntou uma mulher mais velha, surgindo da sala da frente. Deu tapinhas de leve na criada, que se afastou. A porta se abriu por completo, revelando a entrada grandiosa.

Sunja se deu conta de quem deveria ser.

— Koh Hansu, por favor — disse ela em seu melhor japonês. — Por favor.

— Quem é você?

— Meu nome é Boku Sunja.

A esposa de Hansu, Mieko, assentiu. Aquela pedinte era sem dúvida uma coreana que queria dinheiro. Os coreanos eram numerosos e sem vergonha e se aproveitavam da boa vontade do marido em relação aos compatriotas. Ela não reprovava a generosidade dele, mas desaprovava a ousadia dos pedintes. Já

era noite, não era hora de uma mulher, qualquer que fosse sua idade, sair por aí pedindo dinheiro.

Mieko se voltou para a criada.

— Dê o que ela quer e mande-a embora. Há comida na cozinha se ela estiver com fome.

Era o que o marido teria feito. Seu pai também acreditava na hospitalidade para com os pobres.

A criada se curvou enquanto a patroa se afastava.

— Não, não — disse Sunja em japonês. — Nada de dinheiro, nada de comida. Falar Koh Hansu, por favor. Por favor.

Ela uniu as mãos como se estivesse implorando.

Mieko voltou, com passos determinados. Os coreanos podiam ser insistentes como crianças indisciplinadas. Eram ruidosos e desesperados e não tinham a frieza e a serenidade dos japoneses. Suas filhas tinham parte desse sangue, mas, felizmente, não levantavam a voz nem tinham hábitos desleixados. Seu pai amava Hansu, dizia que ele não era como os outros e que seria um bom marido, porque era um homem de verdade e cuidaria bem dela. Ele não estava errado: sob a direção do marido, a organização se tornara ainda mais poderosa e próspera. Ela e as filhas tinham uma fortuna enorme na Suíça, além de inúmeros e gordos pacotes de ienes escondidos nas paredes de pedra da casa. Não lhes faltava nada.

— Como descobriu que ele mora aqui? De onde conhece meu marido? — perguntou Mieko a Sunja.

Sunja balançou a cabeça, porque não compreendeu bem o que a mulher estava perguntando. Ela entendeu a palavra “marido”. A esposa dele era claramente japonesa, uma mulher de sessenta e poucos anos, cabelos grisalhos, cortados curtos. Era muito bonita, com grandes olhos escuros e cílios incrivelmente longos. Ela usava um quimono verde-claro sobre a silhueta elegante. O vermelho nos lábios era da cor de *umeboshi*. Parecia uma modelo.

— Vá chamar o jardineiro. Ele fala coreano.

A esposa de Hansu estendeu a mão esquerda e gesticulou para que Sunja esperasse junto à porta. Ela notou as roupas de algodão desbotadas e puídas e as mãos maltratadas e manchadas pelo trabalho ao ar livre. A coreana não podia ser muito velha, ainda

tinha olhos bonitos, mas sua juventude havia desaparecido. A cintura era larga por ter tido filhos. Não era bonita o suficiente para ser uma das putas de Hansu. Que ela soubesse, todas as amantes de Hansu eram prostitutas japonesas, algumas mais jovens do que suas filhas, mas elas sabiam muito bem que não deveriam bater à sua porta.

O jardineiro chegou correndo à frente da casa, vindo do quintal dos fundos, onde estava arrancando ervas daninhas.

— Pois não, senhora — disse, curvando-se diante da dona da casa.

— Ela é coreana — disse Mieko. — Pergunte como ela descobriu onde o patrão mora.

O garoto olhou para Sunja, que parecia aterrorizada. Ela usava um casaco cinza-claro sobre as roupas de trabalho de algodão. Era mais nova do que a mãe dele.

— *Ajumoni* — disse ele a Sunja, tentando não assustá-la. — Como posso ajudá-la?

Sunja sorriu para o garoto e, em seguida, vendo a preocupação em seus olhos, começou a chorar. Ele não tinha a frieza da criada e da esposa de Hansu.

— Estou procurando meu filho e acho que seu patrão talvez saiba onde ele está. Eu preciso falar — ela teve que parar para respirar entre os soluços chorosos — com seu patrão. Sabe onde ele está?

— Como ela sabe que meu marido mora aqui? — perguntou calmamente a esposa de Hansu mais uma vez.

Em seu desejo de ajudar a mulher desesperada, o garoto havia esquecido o pedido da patroa.

— A patroa quer saber como você sabe que o patrão mora aqui. *Ajumoni*, tenho que dar uma resposta a ela. A senhora entende?

O garoto olhou para o rosto de Sunja.

— Eu trabalhei para Kim Changho em um dos restaurantes do seu patrão. Kim Changho me deu o endereço daqui antes de partir para a Coreia do Norte. Você conhece o sr. Kim? Ele foi para Pyongyang.

O garoto fez que sim, lembrando-se do homem alto com óculos de lentes grossas que sempre lhe dava dinheiro para doces e jogava futebol com ele no quintal. Kim tinha se oferecido para levar

o garoto com ele para a Coreia do Norte no navio da Cruz Vermelha, mas o patrão o proibiu. O patrão nunca falava sobre o sr. Kim e ficava bravo quando alguém mencionava o nome dele.

Sunja olhou fixamente para o garoto, como se ele mesmo pudesse encontrar Noa.

— Veja, talvez seu patrão saiba onde meu filho está. Eu preciso encontrá-lo. Acha que pode me dizer onde ele está? Ele está aqui agora? Eu sei que ele me receberia.

O garoto baixou o olhar e balançou a cabeça e, naquele momento, Sunja levantou os olhos e observou o interior da casa de Hansu.

O magnífico e amplo vestíbulo atrás do garoto lembrava o interior de uma antiga estação ferroviária, com o pé-direito alto e as paredes brancas. Ela imaginou Hansu descendo a escada de cerejeira entalhada para perguntar o que estava acontecendo. Daquela vez, ia implorar pela ajuda dele como nunca havia feito antes. Ia suplicar por sua misericórdia, pediria que usasse todos os seus recursos e não sairia do lado dele até seu filho ser encontrado.

O garoto se virou para a patroa e traduziu tudo o que Sunja tinha dito.

A esposa de Hansu examinou a mulher chorosa.

— Diga a ela que ele não está. Que vai demorar para voltar. — Mieko se virou e, enquanto se afastava, acrescentou: — Se ela precisar de dinheiro para a passagem de trem ou para comprar comida, mande-a para os fundos da casa e dê o que ela precisa. Caso contrário, mande-a embora.

— *Ajumoni*, precisa de dinheiro ou comida? — perguntou ele.

— Não, não. Eu só preciso falar com seu patrão. Por favor, meu filho. Por favor, me ajude — pediu Sunja.

O garoto encolheu os ombros, porque não sabia onde Hansu estava. A criada, com o avental branco cintilando sob as luzes elétricas do vestíbulo, ficou parada junto à porta como uma sentinela, olhando em outra direção, como se quisesse dar privacidade àquelas pobres pessoas.

— *Ajumoni*, desculpe, mas a patroa quer que vá embora. Gostaria de ir até a cozinha? Fica nos fundos da casa. Posso pegar algo para a senhora comer. A patroa disse...

— Não. Não.

A criada fechou a porta da frente silenciosamente, enquanto o garoto permaneceu do lado de fora. Ele nunca havia atravessado aquela porta, nem esperava fazê-lo.

Sunja se virou para a rua escura. Havia uma meia-lua visível no céu noturno. A patroa tinha voltado para a sala, para folhear suas revistas de flores, e a criada retomara o trabalho na despensa. Da casa, o garoto observou Sunja caminhando em direção à rua principal. Ele queria dizer a ela que o patrão aparecia apenas de vez em quando e que raramente passava a noite. Ele viajava por todo o país a trabalho. O patrão e a patroa eram muito educados um com o outro, mas não pareciam marido e mulher. Talvez as pessoas ricas fossem assim, pensou. Eles não se pareciam em nada com seus pais. O pai dele era carpinteiro antes de morrer de uma doença do fígado. A mãe, que nunca parava de trabalhar, o adorava, embora ele nunca tivesse ganhado dinheiro. O jardineiro sabia que o patrão às vezes ficava hospedado em um hotel em Osaka. Os criados e o cozinheiro falavam sobre seu impressionante apartamento em Tóquio, mas nenhum deles tinha estado lá, exceto o motorista, Yasuda. O garoto nunca havia pensado muito nisso. Nunca tinha estado em Tóquio nem em nenhum outro lugar além de Osaka, onde havia nascido, e Nagoya, onde sua família morava agora. As únicas pessoas que sabiam com certeza onde o patrão estava eram Yasuda e seu guarda-costas musculoso, Chiko, mas nunca ocorrera ao garoto perguntar-lhes o paradeiro dele. Às vezes, o patrão ia para a Coreia ou para Hong Kong, eles diziam.

A rua estava vazia, a não ser pela pequena figura da coreana, que caminhava lentamente em direção à estação de trem, e o jardineiro correu para alcançá-la.

— *Ajumoni*, *ajumoni*, onde a senhora mora?

Sunja parou e se virou para o garoto, perguntando-se se ele teria se lembrado de algo.

— Em Ikaino. Conhece a rua do comércio?

O garoto fez que sim, curvando-se e apoiando-se nos joelhos para recuperar o fôlego. Ele olhou para o rosto redondo da mulher.

— Moro a três quadras da rua do comércio, perto da grande casa de banhos. Meu nome é Baek Sunja ou Sunja Boku. Moro em uma

casa com minha mãe e meus cunhados, Baek Yoseb e Choi Kyunghee. Basta perguntar a qualquer um onde mora a senhora que vende doces. Também vendo doces no mercado perto da estação de trem com minha mãe. Estou sempre no mercado. Pode me avisar se souber onde Koh Hansu está? E, quando o vir, pode dizer que preciso falar com ele? — perguntou Sunja.

— Sim, vou tentar. Não o vemos com frequência. — O garoto se deteve, porque não parecia certo dizer a ela que Hansu nunca estava em casa. Fazia muitos meses que não o via, talvez até mesmo um ano. — Mas, se eu vir o patrão, direi a ele que você o procurou. Tenho certeza de que a patroa também dirá.

— Tome.

Sunja enfiou a mão na bolsa e pegou dinheiro para dar ao garoto.

— Não, não, obrigado. Eu tenho tudo de que preciso. Estou bem.

O garoto olhou para as solas de borracha desgastadas dos sapatos de Sunja: eram idênticos aos que sua mãe usava no mercado.

— Você é um bom garoto — disse ela, e começou a chorar novamente, porque durante toda a sua vida Noa tinha sido sua alegria. Ele tinha sido uma fonte constante de força para ela, que esperava tão pouco da vida.

— Minha *umma* trabalha em um mercado em Nagoya. Ela ajuda outra senhora que vende verduras. — Ele se viu dizendo a Sunja. Não via a mãe e as irmãs desde o Ano-Novo. A única pessoa com quem falava em coreano ali era o patrão.

— Ela deve estar querendo vê-lo também.

Sunja deu um sorriso amarelo, sentindo pena do garoto. Tocou o ombro dele e em seguida caminhou até a estação de trem.

LIVRO III

Pachinko

1962-1989



Proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada — e imaginada tanto como inerentemente limitada quanto soberana.
É imaginada *porque até os membros da menor nação nunca conhecerão a maioria de seus compatriotas, nunca os verão nem ouvirão falar deles, ainda que na mente de cada um viva a imagem de sua comunidade...*
A nação é imaginada como limitada *porque mesmo a maior delas, que abriga talvez um bilhão de seres humanos, possui limites finitos, ainda que elásticos, além dos quais há outras nações...*
É imaginada como soberana *porque o conceito nasceu em uma época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico e divinamente ordenado...*
Por fim, é imaginada como uma comunidade *porque, independentemente da desigualdade e da exploração que possam prevalecer em cada uma delas, uma nação é sempre concebida como uma camaradagem profunda e horizontal. Em última instância, foi essa fraternidade que tornou possível, nos últimos dois séculos, que tantos milhões de pessoas estejam dispostas não apenas a matar, mas a morrer de bom grado por essa imaginação limitada.*

— Benedict Anderson



1

Nagano, abril de 1962

Noa não pretendia ficar no café perto da estação de trem de Nagano, mas não sabia ao certo para onde ir. Não tinha elaborado um plano, o que não era do seu feitio, mas, depois que deixou Waseda, seus dias passaram a fazer pouco sentido. Reiko Tamura, uma alegre professora do ensino médio que tinha sido muito gentil com ele, era de Nagano e, por alguma razão, ele sempre havia considerado sua cidade natal um lugar povoado por japoneses amáveis e benevolentes. Noa se lembrou das histórias que a professora contava sobre sua infância, sobre nevascas tão severas que, quando saía de sua pequena casa para ir à escola, mal conseguia enxergar as luzes da rua. Em Osaka nevava ocasionalmente, mas nada parecido com as tempestades descritas por Tamura-*san*. Ele sempre quisera visitar a cidade natal de sua professora — em sua imaginação, ela estava sempre coberta de neve branca. Naquela manhã, quando o homem na bilheteria lhe perguntou para onde ia, ele respondeu:

— Nagano, por favor.

Por fim, estava lá. Sentia-se seguro. Tamura-*san* também havia falado sobre as excursões escolares ao famoso templo Zenkoji, onde comia seu modesto almoço ao ar livre com os colegas de classe.

Sentado sozinho em uma pequena mesa não muito longe do balcão, Noa bebeu seu chá marrom e comeu apenas alguns pedaços do omelete de arroz enquanto considerava uma visita ao templo. Ele havia sido criado como cristão, mas tinha respeito pelos budistas, sobretudo aqueles que haviam renunciado aos prazeres do mundo. O Senhor estava em toda parte, era o que Noa havia aprendido na igreja, mas será que Deus se mantinha afastado de templos e santuários? Esses lugares ofendiam a Deus ou será que Ele compreendia aqueles que desejavam orar para algo, o que quer que fosse? Como sempre, Noa desejou ter passado mais tempo

com Isak. Pensar nele o entristecia, e pensar em Hansu, seu pai biológico, o envergonhava. Koh Hansu não acreditava em nada além de seu próprio esforço: nem em Deus, nem em Jesus, nem em Buda, nem no imperador.

O garçom corpulento se aproximou com um bule de chá.

— Está tudo do seu agrado, senhor? — perguntou, enquanto enchia a xícara de Noa. — Não está gostando da comida? Cebolinha demais? Eu sempre digo ao cozinheiro que ele coloca muita...

— O arroz está muito bom, obrigado — respondeu Noa, percebendo que fazia um tempo desde a última vez que havia falado com alguém. O garçom tinha um sorriso largo, olhos pequenos como girinos e dentes tortos. Suas orelhas eram grandes e os lóbulos, grossos; características físicas que os budistas admiravam. O garçom olhou fixamente para Noa, embora a maioria dos japoneses tivesse desviado o olhar, por educação.

— Vai ficar um tempo na cidade?

O garçom olhou para a mala de Noa, que estava ao lado da cadeira vazia.

— Hum?

Noa ficou surpreso com a pergunta pessoal.

— Peço desculpas por ser tão intrometido. Minha mãe sempre dizia que eu ia acabar tendo problemas porque sou curioso demais. Perdoe-me, senhor, sou apenas um camponês tagarela — disse o homem, rindo. — Nunca o vi por aqui antes. Sinto muito que o café esteja tão silencioso. Normalmente, temos mais clientes, pessoas muito interessantes e respeitáveis. Quando conheço alguém novo, não consigo deixar de fazer perguntas, mas sei que não deveria.

— Não, não. É natural querer saber das coisas. Eu compreendo. Vim apenas visitar a cidade, mas ouvi coisas tão agradáveis sobre Nagano que acho que gostaria de morar aqui.

Noa ficou surpreso ao se ouvir dizendo isso. Era fácil conversar com aquele desconhecido. Não lhe ocorrera antes morar em Nagano, mas por que não? Por que não ficar ali um ano, pelo menos? Não ia voltar para Tóquio nem para Osaka, isso estava decidido.

— Mudar-se para cá? Viver aqui? *Honto?* Que maravilha. Nagano é um lugar muito especial — disse o garçom com orgulho. — Toda a minha família é daqui. Sempre fomos daqui. Dezoito gerações, e eu sou o mais idiota da minha família. Este pequeno café é meu. Minha mãe o comprou para mim, para me manter longe de problemas! — contou ele, rindo. — Todos me chamam de Bingo. É um jogo dos Estados Unidos. Eu já joguei uma vez.

— Nobuo *desu* — disse Noa, sorrindo. — Nobuo Ban *desu*.

* * *

— Ban-*san*, Ban-*san* — disse Bingo alegremente. — Uma vez me apaixonei por uma garota baixinha de Tóquio chamada Chie Ban, mas ela não me amava. Claro que não! As garotas bonitas não me amam. Minha esposa, que é muito alta, não é bonita, mas me ama! — Ele riu mais uma vez. — Sabe, é uma decisão acertada se instalar em Nagano. Estive em Tóquio apenas uma vez, e foi o suficiente para mim. É uma cidade suja, cara e cheia de... — O garçom se deteve. — Espere, o senhor não é de Tóquio, é?

— Não. Sou de Kansai.

— Ah, eu adoro Kansai. Já estive em Kyoto duas vezes, embora seja uma cidade muito cara para um homem simples como eu. Eu gosto de um *udon* verdadeiramente delicioso e acho que lá dá para comer um *udon* delicioso por um preço razoável. Prefiro o tipo de *udon* mais duro.

Noa sorriu. Era agradável ouvi-lo falar.

— Então, com o que vai trabalhar? — perguntou o garçom. — Um homem deve ter trabalho. Minha mãe também sempre diz isso.

Bingo colocou a mão direita na boca, envergonhado por ser tão direto, mas não conseguia deixar de falar tanto. O desconhecido era bonito e parecia humilde, e Bingo admirava pessoas caladas.

— Você tinha um emprego do qual gostava em Kansai? — perguntou ele, as sobrancelhas esparsas erguidas.

Noa olhou para a refeição, quase intocada.

— Bem, eu trabalhava como contador. Também sei ler e escrever em inglês. Talvez uma empresa pequena precise de um contador ou

de alguém que traduza documentos comerciais...

— Um homem jovem como o senhor poderia trabalhar em muitos lugares. Deixe-me pensar. — O rosto redondo de Bingo ficou sério. Ele bateu no queixo pequeno com o dedo indicador. — O senhor parece muito inteligente.

— Não sei se sou tão inteligente, mas é gentil da sua parte dizer isso.

Noa sorriu.

— Hum. — O garçom fez uma careta. — Senhor, não sei se é muito exigente, mas, se estiver precisando de um trabalho imediato, o salão de *pachinko* contrata pessoas de fora da cidade. Trabalhos de escritório não são tão comuns ultimamente.

— *Pachinko?*

Noa tentou não parecer ofendido. O garçom achava que ele era coreano? A maioria dos japoneses não percebia que ele era coreano até que lhes dissesse seu sobrenome coreano: Boku. No cartão de identificação de Waseda, aparecia seu *tsumei*: Nobuo Bando. Noa não sabia por que havia omitido o "-do" do sobrenome quando se apresentou a Bingo, mas agora era tarde demais para voltar atrás.

— Não sei muito sobre *pachinko*. Nunca...

— Ah, não quis ofendê-lo. Ouvi dizer que pagam muito bem. Takano-*san*, gerente do melhor salão de Nagano, é um grande cavalheiro. Talvez o senhor não queira trabalhar em um salão de *pachinko* qualquer, mas o Cosmos Pachinko é um grande estabelecimento administrado por uma família antiga da região. Eles trocam de máquinas com muita frequência! No entanto, não contratam estrangeiros.

— Ah?

— Não contratam coreanos nem chineses, mas isso não importa para o senhor, que é japonês.

Bingo assentiu várias vezes.

— *Soo desu* — concordou Noa.

— Takano-*san* está sempre procurando funcionários inteligentes. Ele paga muito bem. Só não contrata estrangeiros.

Bingo assentiu novamente.

— Sim, sim — disse Noa com simpatia, como se o compreendesse. Havia muito tempo que aprendera a continuar fazendo que sim com a cabeça, mesmo quando não concordava, porque percebeu que esse movimento fazia com que as pessoas continuassem falando.

— Takano-*san* é um cliente regular. Esteve aqui hoje de manhã mesmo. Todos os dias, toma seu café na mesa junto à janela. — Bingo apontou. — Café preto com dois cubos de açúcar. Sem leite. Hoje de manhã, ele me disse: "Bingo-*san*, estou com uma dor de cabeça que não passa, porque é muito difícil encontrar bons funcionários. Os idiotas daqui têm abóboras no lugar da cabeça e as sementes não são cérebro." — O garçom pressionou a cabeça com os dedos grossos e carnudos em uma imitação cômica do angustiado Takano-*san*. — Ouça, por que não vai até lá e diz a Takano-*san* que eu o enviei? — sugeriu ele, sorrindo.

Este era o tipo de coisa que ele mais gostava de fazer: ajudar as pessoas e fazer apresentações. Já havia arranjado casamento para três de seus amigos da escola.

Noa assentiu e agradeceu. Anos depois, Bingo diria a todo mundo que tinha sido o primeiro amigo de Ban-*san* em Nagano.

* * *

O escritório comercial de Takano-*san* ficava em outro prédio, a quase dois quarteirões de distância do imenso salão de *pachinko*. Pela aparência conservadora da construção de tijolos, seria impossível dizer o que funcionava lá dentro. Noa o teria ignorado por completo se Bingo não tivesse desenhado um mapa para ele em uma folha de papel. Exceto pelo número, não havia nenhuma placa no edifício.

Hideo Takano, gerente do salão, era um japonês de aparência elegante, beirando os quarenta anos. Usava um belo terno de lã escura com uma gravata roxa listrada e um lenço de bolso combinando. Toda semana, pagava um garoto da vizinhança para que engraxasse seus sapatos de couro até ficarem brilhando. Vestia-se tão bem que mais parecia o vendedor de uma loja de

roupas em vez de um homem que trabalhava em um escritório. Atrás de sua mesa havia dois cofres pretos, do tamanho de portas. Seu grande escritório contava com meia dúzia de salas adjacentes de tamanho modesto, todas cheias de funcionários vestindo camisa branca, a maioria homens jovens e secretárias de rosto comum. Takano tinha uma pequena protuberância na ponte do belo nariz e olhos pretos que se curvavam para baixo. Quando falava, seus olhos delicados eram expressivos e diretos.

— Sente-se — disse ele. — Minha secretária disse que está procurando um emprego de auxiliar de escritório.

— Meu nome é Nobuo Ban *desu*. Bingo-*san*, do café, me disse que estavam precisando de pessoal. Cheguei recentemente de Tóquio, senhor.

— Ah! Bingo o enviou? Mas não preciso de ninguém que me sirva café aqui. — De trás de sua grande mesa de metal, Takano se inclinou para a frente. — Veja só, parece que Bingo ouve meus problemas, no fim das contas. Achei que era apenas eu quem ouvia os dele.

Noa sorriu. O homem parecia bastante simpático, não parecia alguém que odiava coreanos. Ficou satisfeito por ter vestido uma camisa limpa e gravata. Koh Hansu dizia com frequência que um homem deveria ter a melhor aparência possível todos os dias. Para os coreanos, isso era ainda mais importante: parecer limpo e estar bem-vestido. Em todas as situações, mesmo naquelas em que tem o direito de ficar com raiva, um coreano deve falar com sobriedade e calma, ele dizia.

— Então, amigo do Bingo-*san*, o que sabe fazer? — perguntou Takano.

Noa se endireitou na cadeira.

— Tenho experiência como contador e trabalhei para um senhorio em Kansai. Cobrei os aluguéis e cuidei dos livros contábeis por vários anos antes de ir para a universidade...

— Ah. Universidade? É mesmo? Qual?

— Waseda — respondeu Noa. — Mas não concluí minha licenciatura em literatura. Estudei lá por três anos.

— Literatura? — Takano balançou a cabeça. — Não preciso de um funcionário que fique lendo romances quando deveria estar

trabalhando. Preciso de um contador inteligente, meticuloso e honesto. Ele precisa se apresentar ao trabalho todas as manhãs no horário, nunca ficar de ressaca nem ter problemas com garotas. Não quero fracassados. Eu demito imediatamente os fracassados.

Depois de dizer tudo isso, Takano inclinou a cabeça. Noa parecia muito respeitável, ele entendia por que Bingo o havia mandado até lá.

— Sim, senhor. Claro. Sou um contador muito preciso e também sou muito bom em redigir cartas, senhor.

— Modesto.

Noa não se desculpou.

— Farei o meu melhor se me contratar, senhor.

— Qual é o seu nome mesmo?

— Nobuo Ban *desu*.

— Não é daqui.

— Não, senhor. Sou de Kansai.

— Por que deixou a universidade?

— Minha mãe morreu e eu não tinha dinheiro suficiente para terminar a graduação. Espero ganhar o bastante para voltar à universidade um dia.

— E seu pai?

— Está morto.

Takano nunca acreditava quando pessoas de fora da cidade diziam que os pais estavam mortos, mas não se importava.

— Então, por que eu deveria treiná-lo se a qualquer momento pode sair para continuar seus estudos de literatura? Não estou interessado em ajudá-lo a terminar sua educação universitária. Preciso de um contador que fique. Pode fazer isso? Não vou pagar muito no começo, mas será o suficiente para sobreviver. O que diabos ia fazer com a literatura, afinal? Isso não dá dinheiro. Eu nunca terminei a escola e posso contratá-lo e demiti-lo cem vezes. Sua geração está repleta de tolos.

Noa não respondeu. Sua família achava que ele queria trabalhar em uma empresa, mas isso não era inteiramente verdade. Um de seus sonhos secretos era ser professor de inglês em uma escola secundária. Ele acreditava que, depois de se formar em Waseda, poderia arranjar um bom emprego em uma escola particular. As

escolas públicas não contratavam coreanos, mas ele achava que essa lei talvez mudasse um dia. Tinha considerado até mesmo se tornar cidadão japonês. Ele sabia que poderia pelo menos trabalhar como professor particular.

— Bem, agora não tem dinheiro para frequentar a universidade e precisa de um emprego, do contrário não estaria aqui. Então, onde mora?

— Cheguei a Nagano hoje. Eu ia procurar uma pensão.

— Pode dormir no alojamento nos fundos do salão. No começo, terá que compartilhar um quarto. Nos quartos, é proibido fumar e receber garotas. Pode fazer três refeições no refeitório. Coma tanto arroz quanto quiser. Tem carne duas vezes por semana. Quanto às mulheres, há hotéis para esse tipo de coisa. Não me importo com o que faz no seu tempo livre, mas seu primeiro dever é com a empresa. Sou um gerente muito generoso, mas, se fizer besteira, será demitido na mesma hora sem nenhum pagamento retroativo.

Noa se perguntou se seu irmão mais novo falava assim com os funcionários. O fato de que ia trabalhar para uma empresa de *pachinko*, como Mozasu, um garoto que havia abandonado a escola, era desconcertante para ele.

— Pode começar hoje mesmo. Fale com Ikeda-*san* na sala ao lado. É um sujeito de cabelos grisalhos. Faça o que ele mandar. Ele é o chefe da contabilidade. Vai ficar em experiência por um mês. Caso se saia bem, pagarei um bom salário. Não terá despesas, então vai poder economizar um pouco.

— Obrigado, senhor.

— De onde é sua família?

— De Kansai — respondeu Noa.

— É verdade, você me disse. De que parte de Kansai?

— Kyoto — respondeu Noa.

— O que seus pais fazem?

— Eles estão mortos — respondeu, na esperança de encerrar as perguntas.

— Sim, você disse. Então, o que faziam antes de morrer?

— Meu pai trabalhava em uma loja de *udon*.

— Ah, é? — Takano pareceu perplexo. — Então, um homem que vende macarrão conseguiu enviar o filho para Waseda? É mesmo?

Noa não disse nada, desejando ser um mentiroso melhor.

— Você não é estrangeiro, é? Jure que não.

Noa tentou parecer surpreso com a pergunta.

— Não, senhor. Sou japonês.

— Bom, bom — respondeu Takano. — Saia do meu escritório e vá falar com Ikeda-*san*.

* * *

No alojamento do salão de *pachinko*, dormiam sessenta funcionários. Em sua primeira noite, Noa dormiu em um dos quartos menores, compartilhando-o com um funcionário mais velho que roncava como um motor quebrado. Depois de uma semana, havia estabelecido uma rotina. Ao acordar, lavava o rosto depressa, depois de ter tomado banho na noite anterior na casa de banhos pública; em seguida, ia ao refeitório, onde o cozinheiro servia arroz, cavala e chá. Noa trabalhava de forma metódica e conquistou Ikeda-*san*, que nunca havia encontrado um contador tão inteligente. Quando o mês de experiência passou, Noa foi mantido no emprego. Anos depois, soube que o proprietário japonês havia gostado dele desde o início. Depois do primeiro mês, o proprietário disse a Takano para dar um aumento e um quarto melhor para Noa no fim daquele ano, mas não antes, porque os outros poderiam ficar incomodados com o favoritismo. O proprietário suspeitava de que Nobuo Ban fosse coreano, mas não disse nada, porque, desde que ninguém mais soubesse, isso não importava.



2

Osaka, abril de 1965

Em três anos, Yumi havia perdido dois bebês e estava grávida pela terceira vez. Contrariando os conselhos do marido, Mozasu, ela tinha trabalhado durante as gestações anteriores. Com seu jeito discreto e deliberado, a chefe de Yumi, Totoyama-*san*, insistira em que ela trabalhasse de casa durante aquela gravidez. Yumi recusou.

— Yumi-*chan*, não há muito trabalho nessa época do ano, e você precisa descansar — dizia Totoyama-*san*, mas só às vezes Yumi voltava para casa antes de escurecer.

Era uma tarde no fim da primavera. Yumi tinha acabado de finalizar um pedido de gravatas-borboleta para os uniformes de um hotel quando sentiu fortes dores na parte baixa do abdômen. Dessa vez, Totoyama-*san* se recusou a ouvir uma palavra que fosse de protesto. Mandou chamar Mozasu, que pegou a esposa e a levou a um famoso obstetra japonês no centro de Osaka, do qual Totoyama-*san* havia ouvido falar, em vez de ao médico habitual de Yumi em Ikaino.

* * *

— É óbvio, Boku-*san*. Você está com a pressão muito alta. Mulheres como você costumam lutar contra a gravidez — disse o médico tranquilamente.

Ele se afastou da cama de exames e voltou para sua mesa. O consultório havia sido pintado recentemente e ainda perdurava um leve cheiro de tinta. Exceto por um pôster médico que reproduzia os órgãos reprodutivos femininos, tudo no consultório era branco ou de aço inoxidável.

Yumi não disse nada e pensou no que o médico tinha acabado de dizer. Será que era verdade?, perguntou-se. Seria possível que

tivesse abortado das duas últimas vezes porque tinha lutado contra suas gestações?

— Os abortos anteriores não me preocupam. É triste, evidentemente, mas os abortos revelam a sabedoria da natureza. É melhor não dar à luz quando isso não vai fazer bem à saúde. Um aborto indica que a mulher pode conceber, portanto não é necessariamente uma questão de fertilidade. No que diz respeito a esta gestação, não vejo muito perigo para a criança. Existe perigo apenas para a mãe, de modo que deve passar o restante da gravidez em repouso.

— Mas eu tenho que trabalhar — disse Yumi, parecendo aterrorizada.

O médico negou com a cabeça.

— Yumi-*chan* — disse Mozasu —, você precisa ouvir o médico.

— Eu posso trabalhar menos. Voltarei para casa cedo, como Totoyama-*san* me sugere sempre.

— Boku-*san*, a mãe pode morrer de pré-eclâmpsia. Como seu médico, não posso permitir que trabalhe. Meus pacientes precisam me ouvir, caso contrário, não poderemos trabalhar juntos.

O médico famoso desviou o olhar, fingindo examinar os poucos papéis em sua mesa, confiante de que Yumi continuaria sendo sua paciente. Ela seria uma tola se não fizesse isso. Fez algumas recomendações sobre sua dieta, aconselhando-a a evitar doces e a não comer muito arroz. Não deveria ganhar muito peso, pois isso a faria reter uma enorme quantidade de líquido, e o bebê poderia ficar grande demais para um parto vaginal.

— Por favor, me ligue sempre que sentir algum desconforto. Isso é muito importante. Se tivermos que antecipar o parto, precisaremos tomar precauções. Boku-*san*, não há necessidade de ser estoica. Pode fazer isso depois que tiver o bebê. Toda mulher tem o direito de ser um pouco difícil antes de ter o primeiro filho. — O médico sorriu para o casal. — Tenha todos os desejos que quiser e exija travesseiros extras à noite.

Mozasu assentiu, grato pelo humor e pelo tom inflexível do médico. Qualquer bom médico precisaria estar à altura da teimosia de sua esposa. Mozasu nunca tivera motivos para discordar de Yumi em relação a nada importante, mas se perguntava se não

havia se comportado assim porque sabia que ela não teria lhe dado ouvidos.

Quando o casal voltou para casa, Yumi se deitou na cama, os cabelos escuros despenteados e espalhados pelo travesseiro estreito. Mozasu ficou sentado ao lado dela na cama, de pernas cruzadas, sem saber o que mais dizer à esposa, que não queria um copo d'água nem nada para comer. Diante dela, se sentia um pouco idiota, porque ela era sempre muito forte e inteligente. Seus objetivos sempre lhe pareciam absurdamente fantásticos. Às vezes, ele se perguntava como ela se permitia sonhar tanto. Nunca a vira chorar nem se queixar de algo difícil. Sabia que Yumi não queria ficar em casa sozinha, sem poder trabalhar nem frequentar as aulas de inglês.

— Quer que eu pegue seus livros de inglês?

— Não — respondeu ela, sem olhar para ele. — Você precisa voltar ao trabalho, *nee*? Eu vou ficar bem. Pode ir.

— Não quer que eu pegue nada para você? Nada mesmo?

— Por que não podemos ir para os Estados Unidos? Poderíamos ter uma vida boa lá.

— Você se lembra do que o advogado de imigração disse? Seria quase impossível.

— Talvez o reverendo Maryman possa nos dar uma carta de recomendação.

— Por que ele faria isso? Não vamos nos tornar missionários. Você nem sequer acredita em Deus. Além disso, o que eu poderia fazer nos Estados Unidos que me permitiria ganhar tanto dinheiro quanto aqui? Eu não vou voltar a estudar. Não sou um cara estudioso, eu sou seu idiota. Conto com você para pensar por nós dois e, em breve, por nós três. — Ele riu, esperando que ela sorrisse. — Yumi-*chan*, em pouco tempo abrirei meu próprio salão em Yokohama e, se for bem-sucedido, ganharei mais dinheiro do que vinte homens formados na universidade juntos. Consegue imaginar? Vou poder comprar qualquer coisa que queira. Se não der certo, posso continuar trabalhando para Goro-*san* e garantir uma vida confortável para nós.

— Eu posso ganhar meu próprio dinheiro.

— Sim, eu sei. Sei que você é independente. Mas seria um prazer para mim comprar algo que você não pudesse comprar com seu dinheiro. E prometo que vai gostar de Yokohama, ela é uma cidade internacional. Há muitos americanos lá. Assim que o bebê nascer e o médico disser que está tudo bem, vou levá-la para conhecer. Ficaremos hospedados em um lindo hotel, e você poderá ver como é. E vai ser mais fácil estudar inglês lá. Podemos contratar um professor particular, e você pode frequentar a universidade se quiser — disse Mozasu.

Embora tentasse não pensar em Noa, porque isso o entristecia, Mozasu não conseguia deixar de se lembrar do irmão, que havia abandonado Waseda e desaparecido sem explicação.

— Os japoneses não gostam de nós. Como nosso filho vai viver aqui? — questionou Yumi.

— Alguns japoneses gostam muito de nós. Nossa filha vai morar aqui conosco. Ela vai viver como nós.

Desde a primeira gravidez, Mozasu tinha decidido que o bebê seria uma menina, uma criança igual a Yumi.

Ele acariciou a testa da mulher. Sua mão escura parecia enorme sobre a testa pequena e pálida. Apesar de ser uma mulher muito jovem, Yumi podia ser tão severa quanto uma anciã, capaz de executar as tarefas mais difíceis, mas, quando ficava triste, tinha o rosto de uma criança decepcionada, perdida e desamparada. Ele amava o rosto dela, a maneira como demonstrava cada um de seus sentimentos. Ela podia ficar calada, mas era incapaz de esconder o que sentia dos outros.

— O que mais podemos fazer? — perguntou Mozasu, olhando para ela à espera da resposta. — Além de ir para os Estados Unidos?

Ele nunca havia entendido o que ela esperava encontrar lá. Às vezes, se perguntava se Noa não teria ido para aquele país, aquele lugar mágico que tantos coreanos que viviam no Japão idealizavam.

— O que mais, Yumi-*chan*, o que mais gostaria de fazer?

Ela encolheu os ombros.

— Eu não quero ficar em casa até o bebê nascer. Não gosto da ideia de me tornar uma pessoa preguiçosa.

— Você nunca vai ser preguiçosa. É impossível. — Ele riu. — Quando nossa filha chegar, o que vai acontecer em breve, você vai ficar o tempo todo atrás dela. Vocês duas serão as mulheres mais rápidas de Osaka, nunca ficarão presas em casa.

— Mozasu, estou sentindo ela se mexendo. Eu não perdi o bebê.

— Claro que não perdeu. O médico disse que o bebê está bem. O bebê-*chan* vai ser igualzinho a você. Vamos dar a ela um lar maravilhoso. Você vai ser uma mãe maravilhosa.

Ela sorriu, sem acreditar nele, mas querendo que estivesse certo.

— Liguei para minha mãe. Ela vai vir para cá hoje à noite.

Yumi franziu os olhos, preocupada.

— Você gosta dela, *nee*?

— Sim, gosto.

Era verdade: Yumi admirava a sogra, ainda que fossem estranhas uma para a outra. Sunja não era como a maioria das mães de filhos homens; ela nunca dizia nada invasivo e sua relutância em expressar sua opinião só havia aumentado depois do desaparecimento de Noa. Quando Mozasu e Yumi convidaram ela e Yangjin para morarem com eles, Sunja recusou a oferta, alegando que seria melhor para o jovem casal que vivessem sozinhos, sem duas velhas incomodando.

— Eu pensei que ela queria ficar com a mãe e tia Kyunghee.

— Sim, mas ela quer nos ajudar. Ela virá sozinha. Não vai ser permanente. Minha avó vai ficar com tia Kyunghee para ajudar na loja. Vou contratar algumas garotas para substituírem minha mãe enquanto ela estiver aqui.

* * *

Após duas semanas de repouso na cama, Yumi achou que ia enlouquecer. Mozasu havia comprado uma televisão, mas ela não tinha interesse em assistir e a azia a impedia de ler. Seus pulsos e tornozelos estavam tão inchados que, ao pressionar de leve o polegar no pulso, deixava uma marca profunda na pele. Apenas os movimentos e soluços ocasionais do bebê mantinham Yumi colada à cama e a impediam de sair correndo de casa. Desde a sua

chegada, a sogra passava a maior parte do tempo sozinha no pequeno quarto ao lado da cozinha, não importava quantas vezes Mozasu tivesse insistido para que ela ficasse no quarto maior, que ninguém usava, ao lado do quarto principal. Sunja cozinhava e limpava. Independentemente da hora que Mozasu chegasse em casa, o jantar estava sempre pronto.

* * *

Era de manhã quando Sunja bateu à porta do quarto de Yumi levando o café.

— Entre, *omoni* — disse Yumi.

Sua própria mãe não era capaz de preparar uma panela de arroz ou uma xícara de chá, ao contrário da mãe de Mozasu, que havia sustentado toda a família com o que cozinhava.

Como sempre, Sunja carregava uma bandeja com uma variedade de pratos tentadores, todos cobertos com um pano branco limpo. Ela sorriu para a nora.

Yumi, que em geral se refestelaria com refeições tão deliciosas, sentia-se mal, porque ultimamente a única coisa que conseguia comer sem vomitar era mingau de arroz.

— Sinto-me péssima por ficar o dia todo na cama enquanto você trabalha — disse, esperando que Sunja ficasse e conversasse com ela. — Já tomou o café da manhã?

— Sim, já comi. Você trabalha muito o tempo todo, mas agora precisa ficar de repouso. Uma gravidez não é algo fácil. Minha mãe teve seis abortos antes de eu nascer — contou Sunja. — Ela queria vir cuidar de você, mas eu disse a ela para ficar em casa.

— Seis abortos... Eu só tive dois.

— Dois também não é fácil. Você deveria tomar seu café da manhã. Você e o bebê precisam se alimentar.

Yumi se sentou um pouco.

— Mozasu partiu hoje cedo para Yokohama.

Sunja assentiu. Ela havia preparado o café da manhã antes que o filho pegasse o trem.

— Você o viu, então. — Yumi admirou a bandeja. — Isso parece delicioso.

Sunja esperava que a nora comesse. Ela temia que Yumi abortasse novamente, mas não queria parecer preocupada. Arrependeu-se de ter mencionado o número de abortos da mãe. O pastor da igreja havia advertido os fiéis contra os pecados da língua descuidada, era sempre melhor falar menos, pensou Sunja.

— Obrigada por cuidar tão bem de nós.

Sunja balançou a cabeça.

— Isso não é nada. Você vai fazer o mesmo por seus filhos — disse ela.

Ao contrário das *ajummas* do mercado, com suas ondas de permanente pretas, Sunja não pintava os cabelos grisalhos e os mantinha curtos como os de um homem. Sua figura madura era sólida, nem pequena nem grande. Havia trabalhado ao ar livre por tantos anos que o sol escavara sulcos finos em seu rosto redondo e moreno. Como uma monja budista, Sunja não usava maquiagem, nem sequer passava hidratante. Era como se tivesse decidido algum tempo antes que não ia mais se preocupar com sua aparência para além de estar limpa, como se cumprisse uma penitência por um dia ter se importado com essas coisas, quando na verdade nunca havia se importado.

— Mozasu contou sobre minha mãe? — perguntou Yumi, pegando a colher.

— Ele disse que ela trabalhava em um bar — respondeu Sunja.

— Ela era prostituta. Meu pai era o cafetão dela. Eles não eram casados.

Sunja assentiu e olhou para a bandeja de comida intocada. Quando Mozasu contou a ela sobre a família de Yumi, Sunja imaginou algo do tipo. A ocupação e a guerra tinham sido difíceis para todos.

— Tenho certeza de que ela era uma boa pessoa. Tenho certeza de que gostava muito de você.

Sunja acreditava nisso. Ela havia amado Hansu, depois havia amado Isak. No entanto, o que sentia pelos filhos, Noa e Mozasu, era maior do que o amor que sentira pelos homens, o amor pelos filhos era como a vida e a morte. Depois da partida de Noa, ela se

sentia metade morta. Não conseguia imaginar que uma mãe se sentisse de outra forma.

— Minha mãe não é uma boa pessoa. Ela batia em nós. Só se importava com beber e ganhar dinheiro. Depois que meu irmão morreu, se minha irmã e eu não tivéssemos fugido, ela teria nos colocado para trabalhar. Fazendo o mesmo que ela. Ela nunca me dirigiu uma palavra carinhosa — disse Yumi.

Ela nunca havia contado isso a ninguém.

— Mozasu me contou que sua irmã morreu.

Yumi fez que sim com a cabeça. Depois que fugiram de casa, ela e a irmã encontraram abrigo em uma fábrica têxtil abandonada. No inverno, as duas ficaram doentes, com febre alta, e a irmã morreu enquanto dormia. Yumi passou quase um dia inteiro deitada ao lado do cadáver da irmã, esperando para morrer.

Sunja se aproximou dela.

— Minha filha, você sofreu muito.

* * *

Yumi não deu à luz uma menina. Seu bebê, Solomon, era um menino enorme, de mais de quatro quilos, ainda maior do que o famoso obstetra esperava. O parto demorou mais de trinta horas, e o médico precisou chamar um colega para ajudá-lo durante a noite. O bebê nasceu forte e com saúde. Em um mês, Yumi se recuperou por completo e voltou ao trabalho, levando Solomon com ela para o ateliê. Na celebração do seu aniversário de um ano, Solomon agarrou uma nota de dinheiro em vez do pincel, do barbante ou dos bolos, o que significava que ele teria uma vida rica.



3

Yokohama, novembro de 1968

Quando o encarregado do salão foi avisar a Mozasu que a polícia o esperava no escritório, ele imaginou que fosse algo relacionado às licenças das máquinas de *pachinko*. Era aquela época do ano. Quando chegou ao escritório, reconheceu os jovens da delegacia e os convidou a se sentarem, mas eles permaneceram de pé e se curvaram, sem dizer uma palavra. O encarregado, que havia permanecido junto à porta, não conseguia encará-lo — por causa da preocupação, Mozasu não havia notado que o rosto dele estava muito sério.

— Senhor — disse o mais baixo dos dois policiais —, sua família está no hospital e viemos buscá-lo para levá-lo até lá. O capitão teria vindo pessoalmente, mas...

— O quê?

Mozasu saiu do lado da mesa e foi em direção à porta.

— Sua esposa e seu filho foram atropelados por um táxi esta manhã. A uma quadra da escola do seu filho. O motorista estava embriagado e adormeceu ao volante.

— Eles estão bem?

— Seu filho fraturou o tornozelo. Fora isso, está bem.

— E minha esposa?

— Ela morreu na ambulância, a caminho do hospital.

Mozasu saiu correndo do escritório sem pegar o casaco.

* * *

O funeral foi realizado em Osaka, e Mozasu sempre se lembraria de algumas partes vividamente, mas outras foram apagadas por completo de sua memória. Durante a cerimônia, ele segurou a mãozinha de Solomon, temendo que, se a soltasse, ele desapareceria. O menino de três anos e meio ficou de pé, apoiado

nas muletas, insistindo em cumprimentar cada uma das pessoas que tinha ido prestar seus sentimentos à sua mãe. Depois de uma hora, concordou em se sentar, mas não saiu do lado do pai. Várias testemunhas relataram que Yumi empurrou o filho para a calçada quando o táxi perdeu o controle. No funeral, o amigo de infância de Mozasu, Haruki Totoyama, comentou que Yumi tivera reflexos incríveis em um momento de pressão intensa.

Centenas de pessoas compareceram. Eram pessoas que Mozasu conhecia por intermédio de seus negócios e muitas mais da igreja de seu pai, que a avó e a tia Kyunghee ainda frequentavam. Mozasu fez o possível para cumprimentar a todos, mas mal conseguia falar, era como se tivesse esquecido o coreano e o japonês. Sem Yumi, não desejava mais viver, mas isso era algo que não podia dizer. Ela era sua amante, mas, acima de tudo, tinha sido sua sábia amiga. Nunca poderia substituí-la. E sentia que havia cometido uma grande injustiça por nunca ter dito isso a ela. Mozasu esperava ter uma vida longa ao lado dela, não apenas alguns anos. A quem iria contar quando um cliente fizesse algo engraçado? A quem ia dizer que o filho o deixara orgulhoso, ficando de pé apoiado nas muletas, apertando as mãos dos adultos e sendo mais corajoso do que qualquer outra pessoa presente? Quando as pessoas choravam ao ver o menino de terno preto, Solomon dizia:

— Não chore.

Ele acalmou uma mulher que chorava sem parar dizendo:

— Mamãe está na Califórnia.

Quando a mulher olhou para ele, desconcertada, nem Solomon nem Mozasu explicaram o que aquilo queria dizer.

Ele nunca a levara até lá. Eles pretendiam ir. Com alguma dificuldade, era possível agora obter os passaportes, mas ele não havia tomado nenhuma providência. A maioria dos coreanos no Japão não podia viajar. Se quisesse um passaporte que lhe permitisse entrar novamente no país sem ter problemas, era preciso se tornar cidadão japonês, algo que era quase impossível e que ninguém que ele conhecia faria. Caso contrário, se quisesse viajar, era possível obter um passaporte sul-coreano através da Mindan, mas poucos queriam ser afiliados à República da Coreia, já que o país empobrecido era comandado por um ditador. Os coreanos que

eram afiliados à Coreia do Norte não podiam ir a lugar algum, embora alguns tivessem permissão para viajar ao país. Apesar de a maioria dos que tinham retornado para lá estar sofrendo, havia muito mais coreanos no Japão cuja cidadania estava afiliada ao Norte do que ao Sul. Pelo menos o governo norte-coreano ainda enviava dinheiro para que estudassem, todos diziam. Mozasu, no entanto, não queria deixar o país onde tinha nascido. Para onde iria, afinal? Era verdade, o Japão não os queria, mas que importância isso tinha?

Imagens dela preenchiam sua mente e, enquanto as pessoas falavam com ele, a única coisa que ouvia era ela praticando as frases em inglês de seus livros de idiomas. Não importava quantas vezes Mozasu dissesse que não iria emigrar para os Estados Unidos, Yumi não havia perdido a esperança de um dia morar na Califórnia. Ultimamente, vinha sugerindo Nova York.

— Mozasu, não acha que seria maravilhoso morar em Nova York ou San Francisco? — perguntava ela de tempos em tempos, e era seu trabalho dizer que não conseguia se decidir entre as duas costas...

— Lá, ninguém se importaria de não sermos japoneses — dizia ela.

Hello, my name is Yumi Baek. This is my son Solomon. He is three years old. How are you?[16] Certa vez, quando Solomon lhe perguntou o que era a Califórnia, ela respondera: “O paraíso.”

Depois que a maior parte das pessoas que tinha comparecido ao funeral havia ido embora, Mozasu e Solomon se sentaram nos fundos do salão. Mozasu acariciou as costas do garoto, e o filho se aconchegou junto a ele, encaixando-se na dobra do braço direito do pai.

— Você é um bom filho — disse Mozasu a ele em japonês.

— Você é um bom pai.

— Quer comer alguma coisa?

Solomon balançou a cabeça e olhou para cima quando um homem mais velho se aproximou deles.

— Mozasu, você está bem? — perguntou o homem em coreano.

Era um cavalheiro de aparência viril, entre o fim da casa dos sessenta e o início da casa dos setenta, vestindo um terno preto

caro com lapelas estreitas e gravata escura.

O rosto era familiar, mas Mozasu não conseguiu identificá-lo. Também não conseguiu responder. Como não queria ser rude, sorriu, mas preferia ficar sozinho. Talvez fosse um cliente ou um funcionário do banco, Mozasu não conseguia raciocinar naquele momento.

— Sou eu. Koh Hansu. Envelheci tanto assim? — Hansu sorriu. — Seu rosto continua o mesmo, é claro, mas você se tornou um homem. E este é seu filho?

Hansu tocou a cabeça de Solomon. Ao longo do dia, quase todos haviam acariciado os cabelos castanhos e brilhosos do menino.

Mozasu se levantou da cadeira.

— *Uh-muh*. Claro, eu sei quem você é. Faz muito tempo. Minha mãe procurou por você faz um tempo, mas não conseguiu encontrá-lo. Para ver se você sabia onde Noa está. Ele desapareceu.

— Faz muito tempo, é verdade. — Hansu apertou a mão dele. — Tiveram notícias de Noa?

— Bem, sim e não. Ele envia dinheiro para minha mãe todos os meses, mas não diz onde está. Na verdade, ele envia bastante dinheiro, então não deve estar mal. Eu só gostaria de saber onde...

Hansu assentiu.

— Ele me enviou dinheiro também. Para saldar a dívida comigo, ele disse. Eu quis devolver, mas não sei como. Pensei em dar o dinheiro à sua mãe, para que guarde para ele.

— Ainda mora em Osaka? — perguntou Mozasu.

— Não, não. Eu moro em Tóquio agora. Perto das minhas filhas.

Mozasu assentiu. De repente, sentiu-se fraco e precisou se sentar novamente. Quando o motorista de Hansu apareceu, ele prometeu voltar a procurar Mozasu outro dia.

* * *

— Senhor, lamento incomodá-lo, mas há um probleminha lá fora. A jovem disse que é uma emergência.

Hansu assentiu e saiu do prédio com o motorista.

Enquanto se aproximava do carro, a nova garota de Hansu, Noriko, acenou para ele lá de dentro.

A bela garota de cabelos compridos aplaudiu quando o viu abrir a porta. O esmalte cor-de-rosa perolado brilhava nas pontas de seus dedos.

— O tio voltou! — exclamou ela alegremente.

— O que houve? — perguntou Hansu. — Eu estava ocupado.

— Nada. Eu estava entediada e senti falta do meu tio — respondeu ela. — Leve-me às compras, por favor. Esperei por tanto tempo e com tanta paciência que você voltasse para o carro. E o motorista não é divertido! Minhas amigas de Ginza me disseram que esta semana chegaram bolsas lindas da França!

Hansu fechou a porta do carro. As janelas à prova de balas bloqueavam a luz do sol. As luzes do interior do Mercedes iluminaram o rosto ovalado de Noriko.

— Você me chamou aqui porque quer fazer compras, *nee*?

— Sim, tio — respondeu ela com doçura e estendeu a mãozinha sobre o colo dele como se fosse a pata de um gatinho.

Seus clientes ricos adoravam aquela encenação de sobrinha petulante. Os homens gostavam de comprar coisas bonitas para as garotas. Se ele quisesse tirar sua calcinha de algodão branco, teria que comprar para ela todos os itens de luxo franceses que ela quisesse por meses e meses. Koh Hansu era o cliente mais importante do bar de acompanhantes onde Noriko trabalhava. A madame havia prometido a Noriko que Koh Hansu gostava de mimar suas novas garotas. Aquele era o segundo almoço deles e, no primeiro, ele havia comprado para ela uma bolsa Christian Dior. Noriko, uma ex-participante de concursos de beleza de dezoito anos, não estava acostumada a ficar esperando no carro. Estava usando seu vestido de seda *georgette* cor de pêssego mais caro, com saltos combinando e um colar de pérolas verdadeiras, emprestado pela madame.

— Você terminou o ensino médio? — perguntou ele.

— Não, tio. Eu não sou uma boa aluna — respondeu ela, sorrindo.

— Não, claro que não é. Você é estúpida. E eu não suporto gente estúpida.

Hansu golpeou o rosto da garota com tanta força que sangue escorreu de sua boca rosada.

— Tio, tio! — gritou ela, dando um tapa no punho cerrado dele.

Ele a golpeou repetidas vezes, batendo a cabeça dela contra a lateral do carro até que ela ficou em silêncio. Seu rosto e a frente do vestido cor de pêssego estavam cobertos de sangue. O colar estava salpicado de pontos vermelhos. O motorista ficou imóvel no banco da frente até que Hansu terminasse.

— Leve-me para o escritório, depois leve-a de volta à sua *mama-san*. Diga a ela que não importa quão bonitas sejam suas garotas, não suporto mulheres sem bom senso. Eu estava em um funeral. Não voltarei ao bar até que essa coisa ignorante esteja longe das minhas vistas.

— Sinto muito, senhor. Ela disse que era uma emergência. Que tinha que falar com o senhor ou então começaria a gritar. Eu não soube o que fazer.

— Nenhuma puta deve ter precedência sobre um funeral. Se estivesse doente, então deveria tê-la levado a um hospital. Caso contrário, devia tê-la deixado gritar até perder a voz. Que importância isso tem, seu idiota?

A garota ainda estava viva. Estava encolhida e meio inconsciente no canto do amplo banco traseiro, como uma mariposa esmagada.

O motorista estava aterrorizado, porque ainda podia ser punido. Nunca deveria ter dado ouvidos às histórias de uma prostituta. Um tenente da organização havia perdido parte do dedo anelar por não ter alinhado os sapatos dos convidados da maneira certa do lado de fora do apartamento de Koh Hansu quando ele era muito mais jovem e ainda não havia ascendido na organização.

— Sinto muito, senhor. Sinto muito. Por favor, me perdoe.

— Cale-se. Leve-me para o escritório.

Hansu fechou os olhos e encostou a cabeça no descanso de couro.

Depois de deixar Hansu, o motorista levou Noriko para o bar onde ela trabalhava. Horrorizada, a madame a levou para o hospital e, mesmo depois que os cirurgiões fizeram seu trabalho, o nariz da garota nunca mais foi o mesmo. Noriko estava arruinada. A madame não conseguiu recuperar os gastos, então a mandou para um

toruko, onde teria que dar banho e servir homens nua até estar velha demais para trabalhar naquele ramo. Na água quente, seus seios e seu traseiro durariam no máximo uns seis anos. Então ela teria que arranjar outra coisa para fazer.

* * *

Seis dias por semana, Sunja levava o neto para a escola e mais tarde o buscava. Solomon frequentava uma pré-escola internacional onde se falava apenas inglês. Na escola, ele falava inglês e em casa, japonês. Sunja falava com ele em coreano, e ele respondia em japonês salpicado com algumas palavras em coreano. Solomon adorava ir à escola, e Mozasu achava que era bom mantê-lo ocupado. Ele era uma criança alegre que gostava de agradar os professores e os mais velhos. Aonde quer que fosse, as notícias da morte da mãe o precediam, envolvendo o garoto em uma espécie de nuvem protetora — as professoras e as mães de seus amigos estavam sempre preocupadas com seu bem-estar. Solomon tinha certeza de que reencontraria a mãe no Céu, ele acreditava que ela podia vê-lo de lá. A mãe o visitava em seus sonhos, ele contava, e dizia que sentia saudade de abraçá-lo.

À noite, avó, pai e filho jantavam juntos, mesmo que Mozasu tivesse que voltar ao trabalho imediatamente após a refeição. Por duas vezes, o amigo de Mozasu, Haruki Totoyama, tinha vindo de Osaka para visitá-los, e uma vez eles foram a Osaka para ver a família, já que o tio Yoseb estava muito frágil para viajar.

No fim de mais um dia de aula, Sunja esperava pacientemente do lado de fora da pré-escola, junto das doces babás filipinas e das simpáticas mães ocidentais, que também aguardavam para pegar os filhos. Sunja não podia falar com elas, mas sorria e assentia ao vê-las. Como sempre, Solomon foi um dos primeiros a sair em disparada. Ele gritou adeus aos professores e saiu correndo para abraçar a avó antes de se juntar aos outros meninos para correr até a loja de doces da esquina. Ela tentou acompanhar seu ritmo. Estava alheia a Hansu, que a observava do carro.

Sunja usava um casaco de lã preto, nada caro, mas tampouco surrado. Parecia comprado em uma loja. Havia envelhecido consideravelmente, e Hansu sentiu pena dela. Tinha pouco mais de cinquenta anos, mas parecia muito mais velha. Quando jovem, ela era luminosa e firme, muito atraente. A lembrança de sua plenitude e vitalidade o deixou excitado. Os anos sob o sol tinham escurecido seu rosto e coberto suas mãos de manchas marrons pálidas. Sulcos rasos haviam surgido em sua testa antes lisa. No lugar das tranças escuras e brilhantes, ela agora tinha os cabelos grisalhos e curtos. A cintura havia engrossado. Hansu se lembrou de seus seios grandes e dos lindos mamilos rosados. Nunca haviam passado mais do que algumas horas juntos, e ele sempre havia desejado fazer amor com ela mais de uma vez no decorrer de um dia. Estivera com muitas mulheres e meninas, mas a inocência e a confiança de Sunja o haviam excitado mais do que as prostitutas mais sensuais, que estavam dispostas a fazer qualquer coisa.

Seus lindos olhos ainda eram os mesmos, reluzentes e duros como as pedras de um rio — a luz brilhava neles. Ele a amara apaixonadamente, como apenas um homem mais velho pode amar uma jovem capaz de lhe devolver sua juventude e seu vigor. Ele a amara com uma espécie de gratidão. Sabia que a havia amado mais do que a qualquer outra. Sunja já não era bonita, mas ele ainda a desejava. A lembrança do dia em que a tomou no bosque o deixava excitado com frequência e, se estivesse sozinho no carro, teria se masturbado, feliz pela rara ereção.

Hansu pensava nela várias vezes ao dia. O que estaria fazendo naquele momento? Será que estava bem? Será que pensava nele? Sua mente se voltava para ela tantas vezes quantas se voltava para o pai morto. Quando soube que ela o estava procurando para tentar descobrir o paradeiro de Noa, ele não a contatou, porque também não tinha notícias dele. Não suportava a ideia de desapontar Sunja. Havia lançado mão de todos os recursos para localizar o filho, mas tinha sido em vão. Noa desaparecera de maneira tão perfeita que, se Hansu não mandasse checar regularmente os registros de óbitos em todo o Japão, teria achado que o filho estava morto. No funeral de Yumi, ficara sabendo que Noa ainda mandava dinheiro para a mãe. Isso foi um alívio: significava que estava vivo e morando em

algum lugar no Japão. O plano de Hansu era encontrar Noa primeiro, depois entrar em contato com Sunja, mas o funeral de Yumi o fizera lembrar que o tempo nem sempre jogava a seu favor. Então, um mês antes, o médico o diagnosticara com câncer de próstata.

Quando Sunja passou ao lado do carro, Hansu baixou o vidro da janela.

— Sunja, Sunja.

Ela ofegou.

Hansu disse ao motorista para esperar e abriu a porta do carro ele mesmo.

— Escute, cheguei tarde ao funeral de Yumi. Mozasu me disse que você já tinha ido embora. Está morando com ele agora, certo?

Sunja ficou parada na calçada e olhou para ele. Os anos pareciam não passar para Hansu. Tinham realmente se passado nove anos desde a última vez que o vira? No escritório dele, com Noa, depois naquele jantar caro para celebrar a admissão dele em Waseda. Fazia seis anos desde que Noa desaparecera. Sunja olhou na direção do neto, que havia entrado na loja com os outros garotos para folhear histórias em quadrinhos e debater quais doces iam comprar. Sem responder, Sunja andou na direção de Solomon. Mozasu havia comentado que Hansu tinha ido ao funeral e que, quando lhe perguntou sobre Noa, ele não disse nada.

— Não pode parar um segundo para falar comigo? O menino está bem. Está na loja. Você pode vê-lo através da vitrine.

Solomon estava com um grupo de garotos em pé diante da prateleira giratória de quadrinhos.

— Eu implorei à sua esposa que lhe dissesse que eu estava procurando por você. O garoto do jardim. Tenho certeza de que ele lhe deu meu recado, mesmo que ela não tenha dado. Desde que o conheci, fiz tudo o que pude para nunca ser um fardo para você. Nunca pedi nada. Seis anos se passaram desde que fui à sua casa. Seis.

Hansu abriu a boca, mas Sunja continuou falando.

— Você sabe onde ele está?

— Não.

Sunja caminhou em direção à loja de doces.

Hansu tocou o braço dela, e Sunja o empurrou com a palma da mão, fazendo com que retrocedesse um passo. O motorista e o guarda-costas, que estavam parados perto do carro, correram na direção dele, que fez um gesto para que não se aproximassem.

— Eu estou bem — murmurou para os dois.

— Volte para o seu carro — disse ela. — Volte para sua vida desonesta.

— Sunja...

— Por que veio me incomodar agora? Não vê que me destruiu? Por que não me deixa em paz? Noa me deixou. Não há mais nada entre nós.

Seus olhos marejados e reluzentes piscavam, acesos como lanternas. Seu rosto jovem brilhou através do velho.

— Posso levar você e Solomon para casa? Talvez possamos ir a um café? Preciso falar com você.

Sunja olhou para os grandes quadrados de concreto sob seus pés, incapaz de conter as lágrimas.

— Eu quero meu filho. O que você fez com ele?

— Como pode me culpar por isso? Eu só queria que ele fosse para a faculdade.

Sunja soluçou.

— A culpa foi minha por ter deixado que ele o conhecesse. Você é uma pessoa egoísta que se apossa do que quer sem se importar com as consequências. Eu gostaria de nunca tê-lo conhecido.

Os transeuntes os observaram até Hansu os encarar de volta, forçando-os a desviar o olhar. O garoto ainda estava na loja.

— Você é o pior tipo de homem, porque não desiste até conseguir o que quer.

— Sunja, eu estou morrendo.



4

Segurando seus exemplares de *Tetsuwan Atomu* e *Ultraman* junto ao peito, Solomon estava sentado em silêncio entre Sunja e Hansu, no banco de trás do automóvel enorme.

— Quantos anos você tem? — quis saber Hansu.

Solomon ergueu três dedos.

— *Soo nee*. Vai ler esses quadrinhos? — perguntou Hansu, apontando para as novas revistas do garoto. — Já sabe ler?

Solomon negou com a cabeça.

— Vou esperar Toto chegar hoje à noite para lê-los para mim.

Ele abriu a mochila vermelha e guardou os quadrinhos lá dentro.

— Quem é Toto? — perguntou Hansu.

— Ele é amigo do meu pai, de quando eram pequenos. Ele é um policial japonês de verdade. Prende assassinos e ladrões. Eu o conheço desde que nasci.

— É mesmo? Todo esse tempo?

Hansu sorriu.

O menino assentiu, sério.

— Vovó, o que vai fazer para Toto jantar? — perguntou Solomon.

— *Jeon* de peixe e *jorim* de frango — respondeu Sunja.

Haruki Totoyama, o amigo de Mozasu, ia chegar naquela noite e ficaria o fim de semana com eles. Ela já havia planejado todas as refeições.

— Mas Toto gosta de *bulgogi*. É o prato favorito dele.

— Posso fazer *bulgogi* amanhã à noite. Ele só vai embora domingo à tarde.

Solomon parecia preocupado.

Hansu, que observava o garoto com atenção, disse:

— Adoro *jorim* de frango. É o tipo de coisa que só se come em uma boa casa. Qualquer um pode comer *bulgogi* em um restaurante, mas só sua avó sabe fazer...

— Quer conhecer Toto? Ele é meu melhor amigo adulto.

Sunja negou com a cabeça, mas Hansu a ignorou.

— Conheço seu pai desde que ele tinha a sua idade. Eu adoraria jantar em sua casa. Obrigado, Solomon.

* * *

Na entrada da casa, Sunja tirou o casaco e ajudou Solomon com o dele. Com o braço direito levantado e o esquerdo dobrado junto ao corpo, o garoto correu para a saleta para assistir a *Tetsuwan Atomu*. Hansu seguiu Sunja até a cozinha.

Ela despejou salgadinhos de camarão em uma cesta pequena, pegou uma bebida à base de iogurte na geladeira e colocou tudo em uma bandeja redonda do Ultraman.

— Solomon — chamou.

O garoto foi até a cozinha pegar a bandeja e a levou com cuidado de volta para a saleta, para assistir a seus programas.

Hansu se sentou à mesa de café da manhã em estilo ocidental.

— É uma boa casa.

Sunja não respondeu.

Era uma casa nova, de três quartos, no bairro de Yokohama, onde viviam os ocidentais. Obviamente, Hansu havia passado por ali antes, conhecia o exterior de todos os lugares em que ela já havia morado. Com exceção da fazenda durante a guerra, aquele era o primeiro no qual ele entrava. Os móveis lembravam cenários de filmes americanos: sofás estofados, mesas altas de madeira, lustres de cristal e poltronas de couro. Hansu imaginou que a família dormisse em camas em vez de no chão ou em futons. Não havia nada antigo na casa: nenhum vestígio da Coreia ou do Japão. A cozinha espaçosa, com janelas, dava para o jardim de pedras dos vizinhos.

Sunja não estava falando, mas também não parecia zangada. Ela estava de frente para o fogão, de costas para ele. Hansu via o contorno de seu corpo sob o suéter cor de camelo e a calça de lã marrom. Na primeira vez que a vira, ele havia se fixado nos seios volumosos sob a blusa tradicional coreana. Sempre havia preferido as mulheres de seios grandes e traseiro volumoso. Nunca a vira completamente nua — tinham feito amor apenas ao ar livre, e ela

estava sempre usando uma *chima*. Sua esposa, conhecida pela grande beleza, não tinha peito, quadril nem bunda, e ele tinha pavor de transar com ela porque ela detestava ser tocada. Antes de ir para a cama, ele tinha que tomar banho; depois de fazer amor, ela passava um longo tempo na banheira, não importava a hora. Depois que ela deu à luz três meninas, Hansu parou de tentar um filho; nem mesmo o sogro, a quem Hansu amava, dissera nada sobre suas outras mulheres.

Ele achava que Sunja tinha sido tola por se recusar a ser sua esposa na Coreia. Que importância tinha que ele fosse casado no Japão? Teria cuidado muito bem dela e de Noa. Teriam tido outros filhos. Ela nunca teria precisado trabalhar no mercado ou na cozinha de um restaurante. No entanto, a admirava por não ter aceitado seu dinheiro — como qualquer jovem daqueles dias faria. Em Tóquio, um homem podia comprar uma garota por um frasco de perfume francês ou um par de sapatos italianos.

Enquanto Hansu estava confortável, relembrando o passado em sua cozinha, Sunja estava mais do que inquieta ao vê-lo sentado à mesa do café. Desde o momento em que o conhecera, sentia a presença dele ao seu redor. Ele era uma constante indesejada em sua imaginação. E, depois que Noa desapareceu, era como se pai e filho a assombrassem. Hansu estava agora em sua cozinha, esperando pacientemente sua atenção. Ele ia ficar para jantar. Em todos aqueles anos, nunca tinham feito uma refeição juntos. Por que ele tinha aparecido? Quando iria embora? Ele tinha o costume de aparecer e desaparecer, e, enquanto fervia água para o chá, Sunja pensou que, quando se virasse, ele não estaria mais lá. O que ia acontecer então?

Sunja abriu uma lata azul de biscoitos amanteigados importados e colocou um punhado em um prato. Encheu o bule com água quente e uma porção generosa de folhas de chá. Era fácil recordar uma época em que não havia dinheiro para comprar chá e uma época em que não havia chá para comprar.

— No primeiro dia de cada mês, Noa me envia dinheiro com um breve bilhete dizendo que está bem. Os carimbos são sempre diferentes — disse ela.

— Eu procurei por Noa, mas ele não quer ser encontrado. Ainda estou procurando por ele. Sunja, ele também é meu filho.

Como pode me culpar por isso?, Hansu lhe dissera. Ela lhe serviu uma xícara de chá e pediu licença.

* * *

O reflexo no espelho do banheiro a frustrou. Tinha cinquenta e dois anos. A cunhada, Kyunghee, que sempre havia usado chapéu e luvas para se proteger de manchas e rugas, parecia muito mais jovem do que ela, embora fosse catorze anos mais velha. Sunja tocou os cabelos curtos e grisalhos. Nunca tinha sido bonita e agora tinha certeza de que nenhum homem a desejaria. Essa parte de sua vida havia terminado com a morte do pai de Mozasu. Ela era feia e estava cheia de rugas, a cintura e as coxas estavam grossas. Tinha o rosto e as mãos de uma mulher pobre e trabalhadora, e, não importava quanto dinheiro tivesse agora, nada poderia torná-la atraente. Muito tempo atrás, havia desejado Hansu mais do que a própria vida. Mesmo depois de romper com ele, havia desejado que ele voltasse, a encontrasse, ficasse com ela.

Hansu tinha setenta anos, mas havia mudado pouco — na verdade, sua aparência havia melhorado. Ainda mantinha os cabelos brancos e espessos bem cortados e penteados com óleo perfumado; com o elegante terno de lã e os sapatos feitos à mão, parecia um diplomata refinado, um senhor atraente. Ninguém diria que ele era um chefão da *yakuza*. Sunja não queria sair do banheiro. Antes de sair de casa, nem sequer se dera ao trabalho de se olhar no espelho. Não era horrorosa nem vergonhosa de se olhar, mas havia chegado prematuramente ao estágio na vida de uma mulher em que ninguém nota quando ela entra ou sai de um recinto.

Sunja abriu a torneira de água fria e lavou o rosto. Apesar de tudo, queria que ele a desejasse um pouco, admitir isso era constrangedor. Em sua vida, ela tivera dois homens — era melhor que nada, supunha, e, portanto, tinha que ser suficiente. Sunja secou o rosto em uma toalha de mão e apagou a luz.

* * *

Hansu estava comendo um biscoito na cozinha.

— Gosta de morar aqui?

Ela fez que sim com a cabeça.

— O garoto é muito bem-educado.

— Mozasu se preocupa com isso o tempo todo.

— Quando ele vai chegar em casa?

— Daqui a pouco. É melhor eu preparar o jantar.

— Posso ajudá-la a cozinhar?

Hansu fingiu tirar o paletó. Sunja riu.

— Finalmente. Achei que você tinha esquecido como sorrir.

Os dois desviaram o olhar.

— Você está morrendo? — perguntou ela.

— Câncer de próstata. Tenho médicos excelentes e não acho que vou morrer disso. Não tão cedo, pelo menos.

— Então mentiu.

— Não, Sunja. Estamos todos morrendo.

Sunja ficou com raiva dele por mentir, mas ao mesmo tempo se sentiu aliviada. Ela o havia amado e não suportava a ideia de ele sair definitivamente de sua vida.

* * *

Solomon deu gritinhos de felicidade quando a porta se abriu. Arregaçou as mangas do suéter vermelho às pressas, levantou o braço esquerdo, dobrado em um L, e com a mão direita dividiu o antebraço esquerdo, formando uma cruz descentralizada. Fez sons estáticos para anunciar os raios laser emitidos pela mão esquerda e manteve sua pose de ataque.

Haruki caiu no chão. Ele gemeu, em seguida fez o som de uma explosão.

— Ah, o *kaiju* foi derrotado! — gritou Solomon, em seguida pulou em cima de Haruki.

— É muito bom vê-lo novamente — disse Mozasu a Hansu. — Este é meu amigo Haruki Totoyama.

— *Hajimemashite*. Totoyama *desu*.

Solomon retomou sua pose.

— Tenha piedade, Ultraman. O *kaiju* Toto precisa cumprimentar sua avó.

— Que bom vê-lo — disse Sunja.

— Obrigado por me receber.

Solomon se moveu entre Sunja e Haruki.

— *Kaiju* Toto!

— *Hai!* — gritou Haruki.

— Papai comprou um Ultraman novo para mim ontem.

— Que sortudo, que sortudo — disse Haruki, fingindo invejá-lo.

— Eu vou lhe mostrar. Vamos!

Solomon puxou Haruki, que disparou dramaticamente em direção ao quarto do garoto.

Hansu tinha dossiês sobre todas as pessoas que faziam parte da vida de Sunja. Sabia tudo sobre o detetive Haruki Totoyama, o filho mais velho de uma costureira proprietária de um ateliê de uniformes em Osaka. Ele não tinha pai e tinha um irmão mais novo com deficiência mental. Haruki era homossexual, mas estava noivo de uma mulher mais velha que trabalhava para sua mãe. Apesar de ser relativamente jovem, tinha uma reputação elevada em sua delegacia.

A conversa à mesa de jantar foi alegre e descontraída.

— Por que não pode se mudar para Yokohama e morar aqui em casa? — perguntou Solomon a Haruki.

— Hum. Tentador, *nee*? Assim eu poderia brincar de Ultraman todos os dias. *Soooo*. Mas, Soro-*chan*, minha mãe e meu irmão moram em Osaka. Acho que devo morar lá também.

— Ah. — Solomon suspirou. — Eu não sabia que você tinha irmão. Ele é mais velho ou mais novo?

— Mais novo.

— Gostaria de conhecê-lo — disse o garoto. — Nós poderíamos ser amigos.

— *Soo nee*, mas ele é muito tímido.

Solomon assentiu.

— A vovó também é tímida.

Sunja balançou a cabeça, e Mozasu sorriu.

— Eu queria que você se mudasse para cá com seu irmão — disse Solomon em voz baixa.

Haruki assentiu. Antes de Solomon nascer, não tinha muito interesse por crianças. Ter um irmão com deficiência o fez temer desde cedo as responsabilidades de cuidar de outra pessoa.

— Minha namorada, Ayame, prefere Tóquio a Osaka. Talvez ela também fosse mais feliz aqui — comentou Haruki.

— Então você pode se mudar para cá depois de se casar — disse Solomon.

Mozasu riu.

— *Soo nee*.

Hansu endireitou a coluna.

— O chefe de polícia de Yokohama é meu amigo. Por favor, me avise se eu puder ajudar, caso queira se transferir para cá — ofereceu Hansu. Ele pegou um cartão de visita e o entregou ao jovem policial, que o recebeu com ambas as mãos e uma pequena reverência de cabeça.

Mozasu ergueu as sobrancelhas.

Sunja, que estava em silêncio, continuou a observar Hansu. Naturalmente, suspeitava da ajuda dele. Hansu não era uma pessoa comum e era capaz de coisas que ela não conseguia prever nem compreender.



5

Nagano, janeiro de 1969

Um labirinto de arquivos e mesas de metal criava um viveiro de funcionários nos escritórios do Cosmos Pachinko. No emaranhado de móveis, Risa Iwamura, a chefe dos arquivistas, não se destacava muito. De acordo com qualquer parâmetro convencional, Risa tinha um rosto bonito e um corpo atraente. No entanto, era distante e evitava contato ou intimidade com as pessoas ao seu redor. Era como se a jovem mulher apagasse as próprias luzes para minimizar qualquer possibilidade de atração ou interesse. Vestia-se com sobriedade: blusas brancas e saias baratas de poliéster preto, que exigiam pouca manutenção, sapatos de couro preto de senhora. No inverno, um de seus dois casacos de lã cinza cobria seus ombros estreitos como uma capa, o único acessório que usava era um relógio de pulso prateado barato, que consultava com frequência, embora nunca parecesse ter para onde ir. Enquanto trabalhava, Risa precisava de pouca orientação, antecipava as necessidades dos chefes de maneira infalível e executava as tarefas sem precisar ser lembrada.

Havia quase sete anos que Noa morava em Nagano, passando-se por um japonês chamado Nobuo Ban. Trabalhava diligentemente para o dono do Cosmos Pachinko e tinha estabelecido uma vida modesta e invisível. Era um funcionário valioso, e o proprietário o deixava em paz. A única coisa que o chefe mencionava todo mês de janeiro, quando entregava a Noa seu bônus e fazia o discurso de Ano-Novo, era o casamento: um homem com a idade e a posição dele deveria ter um lar e filhos. Noa comandava o escritório comercial desde que Takano, o homem que o havia contratado, se mudara para Nagoya para administrar os múltiplos negócios do Cosmos lá. Entretanto, continuava morando no alojamento do salão de *pachinko* e fazendo as refeições no refeitório dos funcionários. Embora já tivesse pagado de volta a Hansu as mensalidades e a hospedagem do período em que frequentara Waseda, Noa ainda

enviava dinheiro para a mãe todos os meses. Não gastava quase nada consigo mesmo além do estritamente necessário.

Depois do discurso daquele ano, Noa refletiu sobre os conselhos do chefe. Ele havia notado Risa. Embora nunca tivesse falado a respeito, todos sabiam que ela vinha de uma família de classe média com um triste escândalo no passado.

Quando Risa tinha catorze anos, seu pai, um respeitado médico da clínica local, prescreveu medicamentos inadequados a dois pacientes durante uma epidemia de gripe, resultando na morte deles. Pouco tempo depois, o médico tirou a própria vida, deixando a família sem nada e com a reputação manchada. Risa era, na prática, uma mulher com quem ninguém ia querer se casar, pois um suicídio na família poderia indicar um distúrbio mental hereditário — pior: muitos acreditavam que seu pai havia feito algo tão vergonhoso que sentira que precisava se matar. Os parentes não compareceram ao funeral e não tiveram mais contato com Risa nem com a mãe dela. A mãe de Risa nunca se recuperou do choque e não saía mais de casa para nada. Depois que ela terminou a escola, Takano, um antigo paciente de seu pai, a contratou para fazer trabalho administrativo no escritório.

Noa reparou em sua bela caligrafia nos arquivos antes mesmo de notá-la. Era possível que estivesse apaixonado pela maneira como ela escrevia o número dois: suas linhas paralelas expressavam uma espécie de movimento livre dentro da caixa invisível que continha os traços do ideograma. Quando Risa escrevia, mesmo que fosse apenas uma descrição comum em uma fatura, Noa a lia com atenção, não por causa do que dizia, mas porque detectava que havia uma espécie de espírito dançante na mão que escrevia de modo tão elegante.

Quando, em uma noite de inverno, Noa a convidou para jantar, ela respondeu, surpresa:

— *Maji?*

Entre as funcionárias do arquivo, Nobuo Ban tinha sido um tópico de discussão fascinante, mas depois de tantos anos, com tão poucas mudanças de comportamento, as garotas interessadas já haviam desistido. Foram necessários dois jantares, talvez até

menos, para que Risa se apaixonasse por Noa, e os dois jovens profundamente reservados se casaram naquele mesmo inverno.

Na noite de núpcias, Risa ficou com medo.

— Vai doer?

— Você pode me pedir para parar. Prefiro me machucar do que machucá-la, minha esposa.

Nenhum dos dois havia se dado conta da solidão na qual tinham vivido por tanto tempo até ela ser interrompida por um afeto genuíno.

Quando engravidou, Risa deixou o emprego e passou a ficar em casa, cuidando da família com a mesma competência com a qual administrara os arquivos do negócio bem-sucedido de *pachinko*. Primeiro, tiveram gêmeas; um ano depois, Risa deu à luz um menino; depois de mais um ano, outra menina.

Todo mês, Noa passava dois dias viajando a trabalho, mas, fora isso, mantinha uma rotina estável, que permitia que trabalhasse seis dias por semana para a Cosmos e cuidasse da família. Curiosamente, ele não bebia nem frequentava clubes, nem mesmo para entreter a polícia ou negociar com os vendedores de máquinas de *pachinko*. Noa era honesto, preciso e capaz de lidar com qualquer complicação relacionada ao negócio, desde os impostos até as licenças das máquinas. Além disso, não era ganancioso. O dono do Cosmos respeitava o fato de Noa evitar o *mizu shobai*. Naturalmente, Risa ficava feliz; era fácil perder os afetos de um marido diante de uma ambiciosa acompanhante de bar.

Como todas as mães japonesas, Risa realizava trabalho voluntário na escola das crianças e fazia todo o possível para garantir que os quatro filhos estivessem bem. Ocupar-se dos filhos pequenos evitava que ela tivesse de se envolver com pessoas de fora da família. Se a morte do pai a expulsara do convívio com as pessoas comuns da classe média, ela havia produzido com eficiência sua própria tribo.

* * *

O casamento era estável, e oito anos se passaram depressa. O casal não brigava. Noa não amava Risa da mesma maneira que havia amado sua namorada da faculdade, mas isso era uma coisa boa, ele achava. Jurou que nunca mais ficaria tão vulnerável. Noa permaneceu cauteloso em relação a sua nova família. Embora considerasse a mulher e os filhos uma espécie de segunda chance, não encarava sua vida atual como um renascimento. Ainda carregava a história de sua vida como coreano como uma rocha escura e pesada dentro do peito. Não passava um dia sem que tivesse medo de ser descoberto. A única coisa que continuava a fazer como antes era ler seus romances em inglês.

* * *

Depois de se casar, deixou de comer no refeitório dos funcionários. Agora se permitia almoçar em um restaurante barato, onde comia sozinho. Na hora do almoço, durante trinta minutos por dia, relia Dickens, Trollope ou Goethe e se lembrava de quem era em seu interior.

Era primavera quando as gêmeas completaram sete anos, e a família foi ao castelo Matsumoto para um piquenique de domingo. Risa havia planejado o passeio para animar a mãe, que parecia cada vez mais retraída. As crianças ficaram muito felizes, pois iam tomar sorvete no caminho de volta para casa.

A viúva do médico, Iwamura-*san*, nunca tinha sido uma mulher forte; na verdade, muitas vezes parecia desamparada. Seguia tendo uma beleza infantil: bochechas delicadas e pálidas, lábios naturalmente vermelhos e cabelos tingidos de preto. Usava vestidos e cardigãs bege simples, fechados apenas no botão superior. Sua expressão era perpetuamente a de uma criança pequena que havia se decepcionado com o presente de aniversário. Apesar disso, não era nem um pouco ignorante. Tinha sido esposa de um médico e, embora a morte dele tivesse destruído suas ambições sociais, ela não havia renunciado aos desejos para a única filha. Já era ruim o bastante que ela trabalhasse no *pachinko*, mas agora também estava casada com um homem que também trabalhava naquele

negócio sórdido, cimentando sua casta na vida. No primeiro encontro com Nobuo Ban, desconfiou que houvesse algo incomum em seu passado, já que ele dizia não ter família. Sem dúvida, era estrangeiro. Ela suspeitava de seu caráter. No entanto, havia algo triste por trás de suas maneiras refinadas que lembrava seu querido marido, e a viúva se sentiu obrigada a ignorar seu passado, desde que ninguém o descobrisse.

* * *

Uma pequena multidão estava reunida na frente do Matsumoto-*jo*. Um famoso docente, muito popular entre os moradores locais, estava prestes a começar uma palestra sobre o castelo mais antigo do Japão. O velho, de sobrancelhas brancas despenteadas e com uma leve corcunda, tinha levado um cavalete consigo e estava arrumando fotografias do tamanho de pôsteres e outros recursos visuais. O filho de Noa, que não havia comido quase nada além de meio bolinho de arroz, saltou do banco e correu em direção ao guia. Risa estava arrumando os potes de comida vazios e pediu que Noa ficasse perto de Koichi, um menino minúsculo de seis anos com rosto e cabeça de traços excepcionalmente bonitos. Ele não tinha medo de desconhecidos e falava com qualquer um. Certa vez, no mercado, disse ao verdureiro que sua mãe havia queimado a berinjela na semana anterior. Os adultos gostavam de conversar com Koichi.

— *Sumimasen*, *sumimasen!* — gritou o garoto enquanto abria caminho através do grupo que ouvia atentamente a introdução do guia sobre a história do castelo.

A multidão se afastou para permitir que ele passasse. O guia sorriu para Koichi e continuou.

O garoto ouvia tudo ligeiramente boquiaberto, e o pai ficou observando de longe.

O guia se voltou para a imagem seguinte no cavalete. Na velha fotografia em preto e branco, o castelo se inclinava dramaticamente, como se a construção estivesse prestes a desmoronar. A multidão ofegou com educação ao ver a famosa imagem. Turistas e crianças

que nunca o tinham visto antes olharam para a imagem com atenção.

— Quando este magnífico castelo começou a se inclinar, todos se lembraram da maldição de Tada Kasuke!

O guia arregalou os olhos de pálpebras pesadas para dar ênfase a suas palavras.

Os adultos da região assentiram. Não havia ninguém em Nagano que não tivesse ouvido falar do líder de Matsumoto que, no século XVII, comandou a Revolta de Jokyo contra impostos injustos e foi executado com outros vinte e sete revoltosos, incluindo seus dois filhos pequenos.

— O que é uma maldição? — perguntou Koichi.

Noa franziu a testa, porque havia repetido diversas vezes ao menino que não devia fazer perguntas sempre que tivesse vontade.

— Uma maldição? — repetiu o guia, e em seguida fez uma pausa para obter um efeito dramático. — Uma maldição é algo terrível, terrível. E uma maldição com poder moral é a pior de todas! Tada Kasuke foi perseguido injustamente quando estava apenas tentando salvar as pessoas boas de Nagano da exploração daqueles que viviam neste castelo! No momento de sua morte, Tada Kasuke proferiu uma maldição contra o ganancioso clã Mizuno!

O guia parecia ficar cada vez mais inflamado pelo próprio discurso.

Koichi queria fazer outra pergunta, mas suas irmãs gêmeas, que agora estavam de pé ao lado dele, beliscaram a pele de seu cotovelo direito. Koichi tinha que aprender a não falar tanto, elas achavam. Policiá-lo era um dever da família.

— Quase duzentos anos depois da morte de Tada Kasuke, o clã dominante tentou tudo que estava ao seu alcance para apaziguar o espírito do mártir e pôr fim à maldição. Deve ter funcionado, porque a estrutura do castelo está reta de novo!

O guia ergueu os dois braços dramaticamente e gesticulou em direção à construção atrás dele. A multidão riu.

Koichi olhou para o pôster com a imagem do castelo inclinado.

— Como? Como se reverte uma maldição? — perguntou, incapaz de se conter.

Sua irmã Ume pisou em seu pé, mas Koichi não se importou.

— Para apaziguar os espíritos, o clã dominante proclamou Tada Kasuke um mártir e concedeu a ele um título após a morte. Também mandaram fazer uma estátua. Finalmente, a verdade foi reconhecida!

Koichi abriu a boca de novo, mas desta vez Noa se aproximou, pegou o filho gentilmente no colo e o levou de volta para junto da mãe, que estava sentada com a avó em um banco. Mesmo que já estivesse no jardim de infância, Koichi ainda adorava ser pego no colo. A multidão sorriu.

— Papai, isso foi muito interessante, *nee*?

— *Hai* — respondeu Noa.

Quando segurava o filho nos braços, sempre se lembrava de Mozasu, que adormecia com facilidade, com a cabeça redonda apoiada em seu ombro.

— Posso amaldiçoar alguém? — perguntou Koichi.

— O quê? Quem você quer amaldiçoar?

— Umeko. Ela pisou no meu pé de propósito.

— Isso não foi muito legal, mas não merece uma maldição, *nee*?

— Mas posso reverter a maldição se quiser.

— Ah, não é tão fácil assim, Koichi-*chan*. E o que você faria se alguém o amaldiçoasse?

— *Soo nee*.

Koichi ficou sério ao pensar nisso, em seguida abriu um sorriso quando viu a mãe, a quem amava mais do que tudo. Risa estava tricotando um suéter enquanto conversava com a mãe. As sacolas de piquenique estavam aos seus pés.

A família Ban caminhou pelo terreno do castelo e, quando as crianças ficaram entediadas, Noa as levou para tomar sorvete, como havia prometido.



6

Yokohama, julho de 1974

Haruki Totoyama se casou com Ayame, a encarregada do ateliê de uniformes, para atender a vontade da mãe. E isso acabou se revelando uma sábia decisão. Quando Totoyama-*san* foi diagnosticada com câncer de estômago e não pôde mais administrar o ateliê nem cuidar do irmão de Haruki, Daisuke, Ayame soube exatamente o que fazer. Durante dois anos, conduziu o negócio habilmente, cuidou da sogra enferma e de Daisuke. Quando Totoyama-*san* finalmente morreu, depois de muito sofrimento, Haruki perguntou à esposa exausta o que deviam fazer com o ateliê da mãe, e a resposta de Ayame o surpreendeu.

— Devemos vendê-lo e nos mudar para Yokohama. Não quero mais morar em Osaka. Nunca gostei de trabalhar no ateliê. Fiz isso porque não queria decepcionar sua mãe. Não precisamos mais nos preocupar com dinheiro. Se houver tempo livre, quero aprender a assar bolos. Daisuke gosta de bolo. Vou ficar em casa e cuidar dele.

Haruki não soube o que pensar sobre isso, mas não podia recusar o pedido dela. Com o dinheiro da venda do negócio e sua herança, comprou um luxuoso apartamento de três quartos perto do antigo cemitério de Yokohama. No apartamento havia um forno duplo para Ayame. Bastou um telefonema para Mozasu e o chefe de polícia de Yokohama ofereceu a Haruki o mesmo posto que ele tinha em Osaka. Naturalmente, Mozasu e Solomon ficaram felizes por Haruki enfim se mudar para Yokohama. Contudo, após a chegada da família de Haruki, Solomon não pôde visitar sua casa nem conhecer seu irmão mais novo, que tinha pavor de crianças.

Daisuke tinha quase trinta anos, embora sua idade mental correspondesse à de um garoto de não muito mais do que cinco ou seis anos. Não podia sair com frequência, porque barulho, multidões e luzes muito fortes o perturbavam. A doença e a morte da mãe tinham sido catastróficas para ele, mas Ayame, que era funcionária de longa data do ateliê, soube como tranquilizá-lo. Criou uma rotina

previsível para ele na casa nova e, como havia muitos estrangeiros em Yokohama, arranjou uma professora de educação especial americana que estava disposta a ir ao apartamento e trabalhar com ele cinco dias por semana. Daisuke nunca poderia frequentar uma escola regular, ter um emprego ou morar sozinho, mas Ayame acreditava que poderia fazer e saber mais do que se esperava dele, que era muito pouco. Haruki era grato pela consideração dela. Admirava a capacidade da esposa de resolver problemas e lidar com tantas coisas novas sem nunca reclamar. Ela era cinco anos mais velha do que ele, a primogênita de uma família budista extremamente conservadora, e ele imaginava que sua criação rigorosa tinha muito a ver com sua paciência e tolerância. Sua mãe lhe disse em mais de uma ocasião que Ayame o amava, embora ele não merecesse.

* * *

Daisuke tirava uma soneca no fim da manhã, almoçava tarde e em seguida passava três horas tendo aulas, jogando ou ouvindo histórias com a professora particular, a srta. Edith. Durante as aulas, Ayame ia à casa de banho e depois comprava comida. O calor de julho em Yokohama era mais ameno do que em Osaka, e Ayame não se importava em caminhar depois do banho. Invariavelmente, a poeira e a umidade das ruas arruinavam a sensação de limpeza, mas Ayame ficava feliz por estar sozinha. Faltava mais de uma hora para a srta. Edith ir embora, então ela tomou o caminho mais arborizado, que cortava o parque ao lado do cemitério. Ainda não tinha começado a anoitecer e o dia tinha uma luz azulada. Sob o dossel de folhas verdes, Ayame se sentia limpa e satisfeita. Para o jantar, havia planejado comprar um pouco do *yakitori* de que Daisuke tanto gostava, que um casal de idosos vendia a poucas quadras do apartamento.

Ao passar junto a um arbusto, ouviu o leve farfalhar de galhos. Desde a infância, Ayame adorava pássaros, até os enormes corvos pretos que a maioria das crianças temia, de modo que se aproximou cuidadosamente do denso aglomerado de árvores. Ao se aproximar

dos sons, viu um homem bonito encostado no tronco de uma árvore, de olhos fechados. Suas calças estavam abaixadas até os joelhos e havia outro homem ajoelhado à sua frente, com a cabeça na altura de seus quadris pálidos. Ayame prendeu a respiração e se retirou em silêncio. Os homens não a tinham visto. Não estava em perigo, mas acelerou o passo, o coração batendo como se fosse sair do corpo. A grama seca atravessava as sandálias e espetava seus pés. Ayame correu até chegar à calçada pavimentada, onde havia outros pedestres.

Na rua cheia de gente em frente ao cemitério, ninguém a notou. Ayame secou o suor da testa. Quando tinha sido a última vez que o marido a desejara? Tinha sido sugestão da mãe dele que se casassem e, durante o breve namoro, Haruki foi atencioso e gentil. Ela não era virgem quando se casou, já tinha feito sexo com dois homens que se recusaram a se casar com ela. Houvera outro, um distribuidor de tecidos que a perseguiu por meses, mas, quando descobriu que ele era casado, Ayame se recusou a ir para o motel com ele, porque só tinha ido para a cama com os outros por ter esperanças de se casar, e com aquele isso não fazia sentido. Ao contrário dos outros homens, Haruki nunca a convidara para ir com ele a um motel. Ayame tinha concluído que isso talvez fosse estranho para ele, já que ela trabalhava com sua mãe. Não pôde deixar de admirar sua nobreza e suas boas maneiras.

O casamento deles foi consumado. No começo, quando estavam tentando ter um bebê, faziam amor regularmente; de forma rápida e limpa, respeitando os desejos de Ayame quando não era o momento certo do mês. Depois de tentarem por dois anos, os médicos determinaram que ela era estéril, e parecia que Daisuke se tornaria de fato seu filho. Eles não voltaram a fazer amor. Ela nunca tinha se interessado em ser uma mulher sensual, e ele não a procurava para essas coisas.

Ayame cumpria a rotina de Daisuke e ia dormir cedo, enquanto Haruki acordava tarde e ia para a cama tarde. Os horários de dormir desencontrados impediam encontros regulares na cama. Ela podia não estar interessada, mas sabia que, em geral, os homens precisavam de sexo e que era preferível ter um marido que quisesse fazer amor periodicamente com a esposa. Ayame se culpava por

Haruki não se interessar mais por ela. Era mais velha. Seu rosto amarelado era comum e redondo, e ela estava magra demais, com pernas e braços finos. Na tentativa de engordar, comia o máximo que podia, especialmente doces, mas não conseguia ganhar peso. Na adolescência, seus irmãos a provocavam, dizendo que seu peito era mais plano do que o chão. Se quisesse, poderia usar roupas para meninas do ensino fundamental. Todos os dias, por hábito e praticidade, Ayame usava um dos muitos vestidos de cor escura que ela mesma havia costurado. Tinha vestidos de comprimento médio de todos os tecidos e cores. No verão, eram de linho ou anarruga.

Quando chegou à barraca de *yakitori* favorita de Daisuke, Ayame tirou a bolsinha de moedas da sacola na qual levava as roupas de banho e pediu à vendedora asa de frango grelhada, moela e pedaços de peito de frango com cebolinha. Enquanto a senhora atrás da barraca enfumaçada providenciava o pedido, Ayame se lembrou do rosto extasiado do homem apoiado na árvore. Será que Haruki queria que ela se ajoelhasse diante dele? Evidentemente, ela sabia de muitas coisas que homens e mulheres faziam, mas nunca tinha visto mais ninguém fazer amor. Tinha lido dois romances de D.H. Lawrence. Aos trinta e sete anos, Ayame queria saber mais sobre as coisas que nunca havia feito. Será que Haruki se envergonharia dela?

Ayame verificou o relógio de pulso fino com um mostrador pequeno, um presente de aniversário da mãe de Haruki. Ainda faltavam quarenta minutos para o horário em que precisava estar em casa. Ayame deu meia-volta.

Quando chegou aos arbustos, os dois homens não estavam mais lá, mas havia pelo menos cinco outros casais: mulheres e homens estavam deitados juntos nas áreas mais isoladas, e dois homens sem calça acariciavam um ao outro enquanto sussurravam. Um casal estava deitado em grossas folhas de papel pardo que faziam barulho cada vez que se moviam. Uma mulher alta a viu olhando, mas não se encolheu — ao contrário, fechou os olhos e gemeu de prazer enquanto o homem a seu lado massageava seus seios pequenos. Era como se ela quisesse que Ayame os observasse, o que a encorajou a se aproximar. Os sons dos gemidos suaves dos

amantes eram como o canto dos pássaros no fim da tarde. Ela se lembrou de Daisuke, que ia querer jantar.

* * *

Três dias depois, após outro banho longo, Ayame foi diretamente para o parque atrás do cemitério. Reconheceu a mulher e o homem da ocasião anterior e viu também outros que não pareciam se importar com sua presença solitária. Todos ali faziam parte do segredo dos demais, e Ayame se sentia segura entre eles. Quando estava prestes a ir embora, uma linda garota se aproximou.

— Por que você vem tão cedo? À noite é muito melhor.

Ayame não sabia o que dizer, mas achou que seria indelicado não responder.

— Como assim?

— Se quiser fazer coisas, mais tarde tem mais gente. — A garota riu. — Você não gosta de fazer coisas?

Ayame balançou a cabeça.

— Eu, eu... Não.

— Se tiver dinheiro, posso fazer coisas com você. Prefiro fazer coisas com garotas.

Ayame prendeu a respiração. A garota era curvilínea de uma maneira muito bonita e tinha as bochechas rosadas. Tinha belos braços pálidos, cheios e suaves como os de uma mulher em uma pintura italiana. Com a blusa de crepe semitransparente e a saia estampada azul-marinho, ela parecia uma atraente funcionária de escritório. A garota pegou a mão esquerda de Ayame e a deslizou por baixo da blusa. Ayame sentiu o suave aumento do grande mamilo dela.

— Gosto desse osso entre seu pescoço e seus ombros. Você é muito bonita. Venha me ver. Vou estar aqui à noite. Hoje comecei cedo porque tenho um encontro, mas ele está um pouco atrasado. Costumo ficar perto dos arbustos. — Ela riu. — Adoro colocar coisas na boca. *Nee*? — Ela umedeceu os lábios com a língua cor de morango. — E posso trazer uns brinquedinhos para você — disse ela, antes de voltar ao seu lugar.

Atordoada, Ayame assentiu e caminhou de volta para casa. Sua mão esquerda queimava e com ela acariciou a clavícula, algo em que nunca havia reparado antes.

* * *

Nos três meses seguintes, Ayame retomou seu antigo caminho para o *sento* e de lá ia direto para as ruas do mercado fazer compras. Voltou fielmente a suas rotinas com Daisuke e, enquanto tomava banho no *sento*, tentava não pensar na garota. Ayame não era ignorante: mesmo quando menina, sabia que as pessoas faziam muitas coisas curiosas. O que a intrigava era aquele desejo tardio de saber mais, embora não tivesse a quem perguntar. O marido não parecia mudar: era trabalhador, educado e raramente estava em casa. Era carinhoso com Daisuke. Quando tinha uma folga, ia visitar o amigo coreano, Mozasu, e seu filho, Solomon, ou levava o irmão ao parque ou ao *sento* para que ela tivesse um tempo sozinha. De vez em quando, os três iam a um restaurante de *yakiniku* onde o proprietário lhes dava uma sala privada nos fundos. Daisuke gostava de cozinhar a própria comida na grelha. Depois que ele ia dormir, suas noites eram tranquilas. Ayame lia livros de receitas e revistas de costura e crochê.

Apesar de seus esforços, não acontecia somente no *sento*. Ayame pensava na garota o dia inteiro: enquanto assava um pão de ló dourado ou tirava o pó dos móveis. O que a deixava confusa era o fato de a garota de blusa verde parecer tão saudável e divertida, ela não se parecia em nada com o que vira em filmes sobre mulheres desencaminhadas de famílias ruins. A garota era sedutora como um melão caro vendido em uma loja de departamentos.

Era uma noite de sábado no fim de novembro e Daisuke havia adormecido mais cedo do que o habitual. Haruki estava colocando os relatórios em dia na delegacia, onde era silencioso o suficiente para que ele trabalhasse sem ser perturbado. Ayame estava na sala de estar, tentando ler um livro sobre técnicas culinárias inglesas, mas sua mente não parava de divagar. Ela fechou o livro e decidiu

tomar outro banho, embora tivesse tomado um mais cedo naquele dia. Daisuke roncava baixinho quando ela saiu de casa.

No *sento*, Ayame mergulhou na água quente, temendo que alguém percebesse o desejo em seu rosto. Perguntou a si mesma se teria coragem de pedir ao marido que fizesse amor com ela. Quando as pontas de seus dedos estavam completamente enrugadas, ela se vestiu e penteou os cabelos. Do lado de fora, os postes brilhavam intensamente e a calçada preta cintilava na noite. Ela caminhou em direção ao cemitério.

Apesar do frio, havia tantos amantes que era impossível contar. Casais observavam outros pares fazendo amor e se masturbavam. Havia corpos nus arqueados sob árvores grandes e uma fileira de homens com outros ajoelhados diante deles. Observar os rostos dos homens a deixou excitada. Queria que Haruki a tomasse nos braços e fizesse amor com ela violentamente, bem ali. O céu noturno estava iluminado apenas por uma pequena lua disforme e estrelas invernais salpicadas. Ayame caminhou entre os homens e mulheres. Junto a um carvalho imponente, dois homens faziam amor, e o mais alto, cujos braços rodeavam o mais jovem, usava um terno cinza muito parecido com o que ela havia feito para o marido. Ayame olhou mais de perto e o viu, os olhos fechados enquanto abraçava o jovem de camiseta branca de algodão que ofegava de prazer. Ela se escondeu do outro lado da folhagem. Prendeu a respiração e observou o marido fazendo amor. Sim. Era ele.

Quando terminaram, Haruki e o rapaz de camisa branca se vestiram sem dizer nada e se afastaram um do outro sem uma reverência ou um adeus. Ela não viu Haruki dar dinheiro ao jovem, mas isso poderia ter acontecido antes, ela não sabia ao certo como funcionavam aquelas coisas. Faria diferença se o homem tivesse sido pago?, ela se perguntou.

Ayame se sentou nas raízes de uma velha árvore, não muito longe de um casal ofegante que fazia sexo, e olhou para as pontas dos dedos, que estavam lisas novamente. Não tinha escolha a não ser esperar até que ele se afastasse, mas, se Haruki chegasse em casa antes dela, teria que dizer a ele que estava no *sento*, o que não era verdade.

— Oi.

Dessa vez, a garota usava uma blusa branca que brilhava no escuro, fazendo com que parecesse um anjo.

— Trouxe dinheiro?

A garota se agachou até ficar na altura de Ayame e ergueu o peito em direção ao rosto dela, como se fosse amamentá-la. Ela abriu a blusa e exibiu os seios sobre os bojos de tecido do sutiã.

A garota era linda. Ayame se perguntou por que não possuía traços tão belos e atraentes em vez daquele corpo murcho que não podia conceber nem ser amado.

— Pode me pagar depois se quiser. — A garota olhou para a bolsa de Ayame. — Você tomou banho, como uma boa menina, e está limpa. Venha com a mamãe. Pode lambê-los. Eu gosto. Depois posso fazer o mesmo com você. *Aka-chan*, parece assustada, mas por quê? Vai ser muito bom e doce.

A garota pegou a mão direita de Ayame e a colocou debaixo de sua saia, e ela sentiu outra mulher pela primeira vez. Era delicada e úmida.

— *Daijoubu?*

De joelhos, a garota se aproximou, pegou a mão esquerda de Ayame e colocou o dedo anelar dela na boca enquanto subia em seu colo. Ela cheirou o cabelo úmido de Ayame.

— Eu poderia beber seu xampu. Você cheira tão bem... *Aka*, *aka*, vai se sentir melhor quando fizermos amor. Vai se sentir no paraíso.

Ayame se deixou envolver pelo calor do corpo da garota.

Quando abriu a boca, a garota puxou a sacola.

— Tem dinheiro aqui? Preciso de muito. Mamãe tem que comprar muitas coisas para ficar bonita para sua bebê.

Ayame recuou e empurrou a garota para longe, fazendo-a cair de costas.

— Você é nojenta. Nojenta.

Ela se levantou.

— Sua vadia esquelética! — gritou, e Ayame ouviu sua risada gutural enquanto se afastava. — Você é tão feia que tem que pagar para ter amor!

Ayame correu de volta para o *sento*.

* * *

Quando finalmente voltou para casa, Haruki estava preparando um lanche para o irmão.

— *Tadaima* — disse ela em voz baixa.

— Onde você estava, A-*chan*? — perguntou Daisuke, o rosto crispado de preocupação. Ele tinha o rosto assimétrico de um homem pálido e magro, com olhos extraordinários de uma criança muito pequena: inocentes e capazes de expressar alegria. Estava usando o pijama amarelo que ela havia passado para ele naquela manhã.

Haruki assentiu e sorriu. Nunca antes havia encontrado o irmão sozinho. Quando chegou, Daisuke estava chorando na cama, chamando a mãe. Ele não quis contar isso a Ayame por medo de que ela se sentisse mal por chegar tarde.

— Eu estava no *sento*, Dai-*chan*. Sinto muito por chegar tarde. Pensei que você estivesse dormindo e estava sentindo tanto frio que fui tomar outro banho.

— Eu fiquei com medo. Eu fiquei com medo — disse Daisuke, seus olhos se umedecendo novamente. — Eu queria a mamãe.

Ela não conseguia encarar Haruki. Ele ainda não havia tirado o paletó.

Daisuke foi até ela, e Haruki ficou junto à bancada da cozinha, guardando a caixa de *senbei*.

— A-*chan* está limpa. Ela tomou banho. A-*chan* está limpa. Ela tomou banho. — Ele cantarolou a frase que gostava de repetir depois que ela chegava em casa vinda do *sento*.

— Está cansado? — perguntou ela.

— Não.

— Quer que eu leia uma história para você?

— *Hai*.

Haruki os deixou na sala de estar, lendo um livro com figuras sobre trens antigos, e ela assentiu quando o marido deu boa-noite e foi para a cama.



7

Yokohama, março de 1976

Um detetive que havia acabado de se aposentar não tinha conseguido concluir o relatório de um suicídio e, no fim das contas, ele acabou indo parar na mesa de Haruki. Um menino coreano de doze anos tinha pulado do telhado de seu prédio. A mãe estava abalada demais para concluir o depoimento na época, mas os pais estavam dispostos a receber Haruki naquela noite, depois do trabalho.

Os pais do menino moravam não muito longe do bairro chinês. O pai era assistente de encanador e a mãe trabalhava em uma fábrica de luvas. Tetsuo Kimura, o garoto que se suicidara, era o mais velho de três filhos e tinha duas irmãs.

Antes mesmo de a porta do apartamento se abrir, Haruki foi recebido no corredor úmido pelos odores familiares do alho, do *shoyu* e do missô forte de que os coreanos tanto gostavam. Todos os inquilinos do prédio de seis andares eram coreanos, assim como o proprietário do edifício. A mãe do garoto, com o rosto abatido e triste, convidou-o a entrar no apartamento de três cômodos. Haruki tirou os sapatos da rua e calçou os chinelos que ela lhe ofereceu. O pai, vestindo um macacão de trabalho limpo, estava sentado na sala de estar com as pernas cruzadas sobre uma almofada azul. A mãe trouxe uma bandeja com xícaras de chá e biscoitos embrulhados comprados na *conbini*. O pai segurava um livro de capa dura no colo.

Depois de entregar o cartão de visita ao pai com ambas as mãos, Haruki se sentou em uma almofada. A mãe serviu uma xícara de chá e se sentou sobre os joelhos dobrados.

— O senhor ainda não teve oportunidade de ver isto. — O pai entregou o livro a Haruki. — O senhor precisa saber o que aconteceu. Esses garotos têm que ser punidos.

O pai, um homem de torso largo, pele morena e mandíbula quadrada, não olhou para ele ao falar.

O livro era o anuário de formatura do ensino fundamental. Haruki abriu o volume grosso na página marcada com um pedaço de papel. Havia fileiras e colunas de fotografias em preto e branco dos estudantes, todos vestindo uniforme: alguns sorriam, outros mostravam os dentes, com poucas variações em geral. Ele identificou de imediato Tetsuo, que tinha o rosto comprido da mãe e a boca pequena do pai: era um garoto de aparência tranquila e ombros estreitos. Havia algumas mensagens escritas à mão sobre os rostos nas fotografias.

“Tetsuo, boa sorte no ensino médio. Hiroshi Noda.”

“Você desenha muito bem. Kayako Mitsuya.”

Haruki provavelmente parecia confuso, porque não tinha notado nada de incomum. Então o pai pediu que ele olhasse a última página.

“Morra, seu coreano de merda.”

“Pare de viver de dinheiro do governo. Os coreanos estão arruinando este país.”

“Pessoas pobres cheiram a peido.”

“Se você se matar, será um coreano a menos em nossa escola no próximo ano.”

“Ninguém gosta de você.”

“Coreanos são encrenqueiros e porcos. Dê o fora do nosso país. Por que está aqui, afinal?”

“Você cheira a alho e lixo!!!”

“Se pudesse, cortaria sua cabeça fora, mas não quero sujar minha faca!”

A caligrafia era variada e parecia ter sido forjada. Algumas se inclinavam para a direita ou para a esquerda, vários autores tinham tentado ocultar de propósito sua identidade.

Haruki fechou o anuário e o colocou a seu lado no chão limpo. Ele tomou um gole de chá.

— Seu filho nunca mencionou que os outros o maltratavam?

— Não — respondeu a mãe rapidamente. — Ele nunca reclamou. Nunca. Dizia que nunca tinha sido discriminado.

Haruki acenou positivamente com a cabeça.

— Não foi porque ele era coreano. Esse tipo de coisa ficou no passado. A situação está melhor agora. Conhecemos muitos

japoneses de bom coração — disse a mãe.

Mesmo com o anuário fechado, Haruki podia ver as palavras em sua mente. O ventilador no chão fazia circular um fluxo constante de ar quente.

— Falaram com os professores dele? — perguntou a mãe.

O detetive aposentado tinha falado. Os professores disseram que o garoto era um bom aluno, mas muito calado.

— Ele tinha as melhores notas. Os outros alunos tinham inveja porque ele era mais inteligente. Meu filho aprendeu a ler com três anos — contou a mãe.

O pai suspirou e colocou a mão gentilmente no antebraço da esposa, que não disse mais nada.

— No inverno passado, Tetsuo perguntou se poderia parar de frequentar a escola para trabalhar na mercearia do tio — disse o pai. — É um pequeno estabelecimento perto do parque, descendo a rua. Meu cunhado estava precisando de um garoto para abrir engradados e cuidar do caixa. Tetsuo disse que queria trabalhar com ele, mas não deixamos. Nenhum de nós terminou o ensino médio e não queríamos que ele abandonasse os estudos. Não fazia sentido ele fazer um trabalho como aquele e abandonar a escola sendo tão bom aluno. Meu cunhado mal consegue se sustentar, então meu filho não ia ganhar muito. Minha esposa queria que ele arranjasse um bom emprego em uma fábrica de eletrônicos. Se ele tivesse terminado a escola, então...

O pai cobriu a cabeça com as mãos grandes e ásperas, pressionando os cabelos espessos.

— Trabalhar no porão de uma mercearia, fazendo inventário. Não é uma vida fácil, sabe? Meu filho era talentoso. Era capaz de se lembrar de qualquer rosto e desenhá-lo com perfeição. Podia fazer muitas coisas que não sabíamos fazer.

— Meu filho era trabalhador e honesto. Nunca machucou ninguém — disse a mãe calmamente. — Ele ajudava as irmãs a fazer a lição de casa...

A voz dela falhou.

De repente, o pai se virou para encarar Haruki.

— Os garotos que escreveram isso precisam ser punidos. Não quero que vão para a cadeia, mas eles não podem escrever coisas

assim. — Ele balançou a cabeça. — Ele deveria ter abandonado os estudos. Teria sido melhor que trabalhasse no porão de uma mercearia ou descascando cebolas em um restaurante de *yakiniku*. Preferiria que meu filho vivesse assim a não ter filho. Minha esposa e eu somos maltratados aqui, mas é porque somos pobres. Há coreanos ricos que estão em melhor situação. Achávamos que as coisas poderiam ser diferentes para nossos filhos.

— Vocês nasceram aqui? — perguntou Haruki.

O sotaque deles não era diferente do sotaque dos japoneses nascidos em Yokohama.

— Sim, claro. Nossos pais vieram de Ulsan.

Ulsan ficava no que era agora a Coreia do Sul, mas Haruki imaginou que a família fosse afiliada ao governo norte-coreano, como a maioria dos coreanos. A Mindan era muito menos popular. Os Kimura provavelmente não tinham dinheiro para as mensalidades das escolas norte-coreanas, então os haviam mandado para a escola japonesa local.

— Vocês são *chosenjin*?

— Sim, mas que importância isso tem? — questionou o pai.

— Não tem nenhuma. Não deveria ter. Me desculpe. — Haruki olhou para o anuário. — A escola sabe? Sobre isto? Não havia nada no relatório a respeito de outros alunos.

— Tirei a tarde de folga para mostrar as mensagens ao diretor. Ele disse que era impossível saber quem escreveu essas coisas — disse o pai.

— *Soo*, *soo* — disse Haruki.

— Por que quem escreveu isso não pode ser punido? Por quê? — indagou a mãe.

— Várias testemunhas o viram pular do telhado sem que houvesse mais ninguém por perto. Seu filho não foi empurrado. Não podemos prender todo mundo que diz ou escreve algo maldoso...

— Por que a polícia não pode obrigar o diretor... — O pai olhou para Haruki e, ao ver sua expressão de derrota, desviou o olhar. — Vocês trabalham para garantir que nada mude. *Sho ga nai*. *Sho ga nai*. É o que sempre ouço.

— Eu sinto muito. Sinto muito — disse ele antes de sair.

* * *

Às oito da noite, o Paradaisu Yokohama estava lotado. A torrente vulcânica de sinetas, o tilintar de martelos minúsculos contra tigelas de metal em miniatura, os bipes e o piscar de luzes coloridas e os gritos de boas-vindas da obsequiosa equipe foram um alívio para o doloroso silêncio em sua mente. Haruki nem sequer se importou com as grossas espirais de fumaça de cigarro que se erguiam como uma névoa cinza acima das cabeças dos jogadores sentados diante de fileiras e mais fileiras de máquinas verticais animadas. Assim que Haruki entrou no salão, o encarregado japonês correu até ele e perguntou se gostaria de tomar um chá. Boku-*san* estava no escritório, em uma reunião com um fornecedor de máquinas, e desceria em breve. Haruki e Mozasu saíam para jantar juntos toda quinta-feira, e Haruki estava lá para buscá-lo.

É plausível dizer que quase todos no salão desejavam ganhar um dinheiro extra apostando. No entanto, os jogadores também iam até lá para escapar das ruas assustadoramente silenciosas, onde poucos diziam olá; para fugir dos lares sem amor, onde esposas dormiam com os filhos em vez de com o marido; e para evitar os sufocantes vagões do trem na hora do rush, onde era aceitável empurrar, mas não falar com estranhos. Quando mais jovem, Haruki não se interessava muito por *pachinko*, mas, desde que se mudara para Yokohama, se permitia encontrar algum conforto ali.

* * *

Não demorou muito para que ele perdesse vários milhares de ienes, então comprou mais uma bandeja de bolas. Haruki não era imprudente com relação a sua herança, mas sua mãe havia economizado tanto que ele teria o suficiente mesmo que fosse demitido e perdesse uma fortuna. Quando pagava rapazes para dormirem com ele, Haruki podia se dar ao luxo de ser generoso. Entre todos os vícios, o *pachinko* parecia insignificante.

As pequenas bolas de metal ziguezagueavam ritmadamente pela face retangular da máquina, e Haruki movimentava os pinos com

firmeza para continuar jogando. *Não*, ele queria ter dito ao pai de Tetsuo, *como posso encontrar o culpado por um crime que não existe? Não posso punir e não poderia ter evitado.* Não, ele não podia dizer essas coisas. A ninguém. Havia tantas coisas que nunca poderia dizer. Desde criança, Haruki tinha vontade de se enforcar, e esse pensamento ainda o visitava. De todos os crimes, os homicídios seguidos de suicídio eram os que compreendia melhor — se pudesse, teria matado Daisuke e em seguida tirado a própria vida. Mas nunca seria capaz de matar Daisuke. E agora não seria capaz de fazer algo tão abominável com Ayame. Eles eram inocentes.

A máquina desligou de repente. Ele olhou para cima e viu Mozasu segurando o fio do plugue. Ele usava um terno preto com um broche vermelho do Paradaisu Yokohama na lapela do paletó.

— Quanto já perdeu, tonto?

— Muito. Metade do meu salário.

Mozasu pegou a carteira e entregou a Haruki um maço de notas de ienes, mas ele não aceitou.

— A culpa é minha. Às vezes eu ganho, certo?

— Não acontece muito.

Mozasu colocou o dinheiro no bolso do paletó de Haruki.

* * *

No *izakaya*, Mozasu pediu uma garrafa de cerveja e serviu Haruki. Eles estavam sentados junto ao balcão, em bancos de madeira entalhada. O proprietário lhes serviu um prato de grãos de soja quentes e salgados, porque sempre começavam com eles.

— O que houve? — perguntou Mozasu. — Você está com uma cara péssima.

— Um garoto se atirou de um prédio. Tive que falar com os pais dele hoje.

— Minha nossa. Quantos anos?

— Estava no ensino fundamental. Era coreano.

— *Ehh?*

— Você deveria ter visto o que as malditas crianças escreveram no anuário dele.

— Provavelmente as mesmas merdas que escreviam no meu.

— *Maji?*

— Sim, todo ano, um bando de idiotas me dizia para voltar para a Coreia ou morrer de morte lenta. Coisas de valentões.

— Quem? Alguém que eu conheça?

— Foi há muito tempo. Além disso, o que vai fazer? Prendê-los? — Mozasu riu. — Então, você está triste por causa disso? Por causa do garoto?

Haruki fez que sim com a cabeça.

— Você tem um fraco por coreanos — disse Mozasu, sorrindo. — Seu idiota.

Haruki começou a chorar.

— O que foi? Ei, ei.

Mozasu deu tapinhas nas costas dele.

O proprietário atrás do balcão desviou o olhar e limpou o espaço de um cliente que acabara de sair.

Haruki segurou a cabeça com a mão direita e fechou os olhos úmidos.

— O pobre garoto não aguentou.

— Escute, cara, não há nada que você possa fazer. Este país não vai mudar. Coreanos como eu não podem ir embora. Para onde iríamos? Mas os coreanos em nosso país também não estão mudando. Em Seul, pessoas como eu são chamadas de bastardos japoneses e, no Japão, não passo de mais um coreano sujo, não importa quanto dinheiro eu ganhe ou quão educado eu seja. Então por que se importar? Todas aquelas pessoas que voltaram para a Coreia do Norte estão mortas de fome ou mortas de medo. — Mozasu apalpou os bolsos em busca de cigarros. — As pessoas são horríveis em toda parte. Beba um pouco de cerveja.

Haruki tomou um gole e engasgou.

— Quando era garoto, eu queria morrer — confessou.

— Eu também. Todo maldito dia, eu pensava que seria melhor se eu morresse, mas não podia fazer isso com a minha mãe. Depois que saí da escola, não me sentia mais assim. Mas, depois que Yumi morreu, eu não sabia se ia conseguir. Sabe? Só que eu não podia

fazer isso com Solomon. E minha mãe, bem, você sabe, ela mudou depois que Noa desapareceu. Não posso decepcioná-la dessa maneira. Minha mãe disse que meu irmão foi embora porque se sentia inferior em Waseda e teve vergonha. Não acho que isso seja verdade. Ele nunca teve dificuldade na escola. Está vivendo em algum lugar e não quer que o encontremos. Eu acho que ele simplesmente se cansou de tentar ser um bom coreano e desistiu. Eu nunca fui um bom coreano. — Mozasu acendeu o cigarro. — Mas as coisas melhoram. A vida é uma merda, mas não o tempo todo. Etsuko é ótima. Eu não esperava encontrar alguém como ela. Sabe, vou ajudá-la a abrir um restaurante.

— Ela é uma mulher agradável. Quem sabe você não se casa de novo.

Haruki gostava da nova namorada japonesa de Mozasu.

— Etsuko não quer se casar de novo. Os filhos já a odeiam o suficiente. Fariam da vida dela um inferno se ela resolvesse se casar com um coreano do *pachinko*.

Mozasu bufou.

Haruki ainda estava triste.

— Cara, a vida nunca para de nos sacanear, mas temos que continuar dançando conforme a música.

Haruki assentiu.

— Eu costumava pensar que, se meu pai não tivesse ido embora, tudo ficaria bem — disse ele.

— Esqueça seu pai. Sua mãe era uma grande mulher. Minha mulher achava que ela era o máximo: forte, inteligente e sempre justa com todos. Ter sua mãe foi melhor do que ter cinco pais. Yumi dizia que ela era a única japonesa para quem trabalharia.

— Sim. Minha mãe era uma grande mulher.

O proprietário trouxe as ostras fritas e as pimentas *shishito*.

Haruki enxugou os olhos com um guardanapo, e Mozasu lhe serviu outro copo de cerveja.

— Eu não sabia que os outros garotos escreviam essas coisas no seu anuário. Você sempre me protegeu. E eu não sabia.

— Esqueça. Estou bem. Agora estou bem.



8

Nagano, agosto de 1978

O motorista de Hansu a encontrou esperando no portão norte da estação de Yokohama, como ele havia pedido, e conduziu Sunja até o carro preto. Hansu estava sentado no banco de trás.

Sunja se acomodou no banco de veludo, puxando o casaco para cobrir sua barriga de *ajumma*. Estava usando um vestido importado de uma grife francesa e sapatos de couro italiano que a namorada de Mozasu, Etsuko, havia escolhido para ela. Aos sessenta e dois anos, Sunja parecia o que era: mãe de dois homens adultos, avó e uma mulher que havia passado a maior parte da vida trabalhando sob o sol. Apesar das roupas de uma matrona rica de Tóquio, a pele enrugada e manchada e os cabelos brancos e curtos faziam com que parecesse velha e comum.

— Para onde vamos?

— Nagano — respondeu Hansu.

— É onde ele está?

— Sim. Ele se passa por Nobuo Ban. Está vivendo lá há dezesseis anos. É casado com uma japonesa e tem quatro filhos.

— Solomon tem quatro primos! Por que ele não nos contou?

— Noa agora é japonês. Ninguém em Nagano sabe que ele é coreano. A esposa e os filhos não sabem. Em seu mundo, todos pensam que ele é japonês.

— Por quê?

— Porque ele não quer que ninguém saiba sobre seu passado.

— É tão fácil assim fazer isso?

— É fácil o bastante e, além do mais, no mundo dele ninguém se importa o suficiente para investigar.

— O que quer dizer com isso?

— Ele dirige um salão de *pachinko*.

— Como Mozasu?

Havia coreanos em todos os aspectos do negócio de *pachinko*, dos salões e *keihin* aos fabricantes de máquinas, mas ela nunca

esperaria que Noa fizesse a mesma coisa que Mozasu.

— *Soo nee*. Como está Mozasu? — perguntou Hansu.

— Bem.

Sunja acenou positivamente com a cabeça, com dificuldade de se concentrar.

— Os negócios dele vão bem?

— Ele comprou outro salão em Yokohama.

— E Solomon? Ele deve estar enorme.

— Está indo bem na escola. Estudando muito. Eu quero saber mais sobre Noa.

— Ele está rico — respondeu Hansu, sorrindo.

— Ele sabe que estamos indo vê-lo?

— Não.

— Mas...

— Ele não quer nos ver. Bem, ele não quer me ver. Talvez queira vê-la, mas, se quisesse mesmo, teria contado onde está.

— Então...

— Não devemos falar com ele hoje, mas achei que ia querer vê-lo com seus próprios olhos. Ele vai estar no escritório.

— Como sabe disso?

— Eu simplesmente sei — respondeu Hansu, fechando os olhos e apoiando a cabeça no encosto coberto de renda branca. Ele estava tomando vários medicamentos que faziam com que se sentisse mareado.

Seu plano era esperar até que Noa saísse do escritório, como costumava fazer, para almoçar no *soba-ya* do outro lado da rua. A cada dia da semana, ele comia um almoço simples em um restaurante diferente e, às quartas-feiras, comia *soba*. Os investigadores particulares de Hansu haviam detalhado a vida de Noa em Nagano em um relatório de vinte e seis páginas, e o mais notável era sua necessidade inabalável de rotina. Noa não bebia, não apostava nem se divertia com mulheres. Não tinha religião aparente e sua esposa e seus quatro filhos viviam como uma família japonesa de classe média em uma casa modesta.

— Você acha que ele vai almoçar sozinho?

— Ele sempre almoça sozinho. Hoje é quarta-feira, então ele vai comer *zaru soba*. Vai terminar em menos de quinze minutos, vai ler

um pouco de seu romance em inglês, depois vai voltar para o escritório. É por isso que ele é tão bem-sucedido, acho. Ele não comete erros. Noa tem um plano.

Havia uma espécie de orgulho territorial na voz de Hansu.

— Você acha que ele vai querer me ver?

— É difícil dizer — respondeu ele. — É melhor você esperar no carro e vê-lo de longe, depois o motorista nos levará de volta a Yokohama. Podemos voltar na semana que vem se quiser. Talvez você possa escrever para ele primeiro.

— Qual é a diferença entre hoje e semana que vem?

— Talvez, se o vir e tiver certeza de que ele está bem, não precise falar com ele. Ele escolheu essa vida, Sunja, e talvez queira que respeitemos isso.

— Ele é meu filho.

— Meu também.

— Noa e Mozasu são a minha vida.

Hansu assentiu. Ele nunca tinha se sentido assim em relação aos filhos. Não de verdade.

— Eu vivi apenas para eles.

Era errado dizer isso. Na igreja, o pastor dizia que as mães se preocupavam demais com os filhos e que adorar a família era uma espécie de idolatria. Não se deve amar a família acima de Deus, ele alertava. O pastor dizia que a família nunca poderia nos dar o que somente Deus pode dar. Mas ser mãe e amar muito os filhos a havia ajudado a entender um pouco do que Deus havia passado. Noa agora tinha filhos, talvez compreendesse o quanto ela havia vivido por ele.

— Veja. Ele está saindo — disse Hansu.

O rosto do filho tinha mudado apenas um pouco. Os cabelos grisalhos ao longo das têmporas a surpreenderam, mas Noa tinha quarenta e cinco anos e não era mais um estudante universitário. Usava óculos redondos de armação dourada, muito parecidos com os que Isak costumava usar, e o terno preto caía com simplicidade sobre seu corpo magro. O rosto era uma cópia do de Hansu.

* * *

Sunja abriu a porta do carro e saiu.

— Noa! — gritou, correndo na direção dele.

Noa se virou e olhou para a mãe, que estava a menos de dez passos dele.

— *Umma* — murmurou.

Ele se aproximou dela e tocou seu braço. Não via a mãe chorar desde o funeral de Isak. Ela não era do tipo que chorava com facilidade, e Noa se sentiu mal. Tinha imaginado que aquele dia chegaria e tinha se preparado para isso, mas, agora que ela estava ali, ele ficou surpreso com a própria sensação de alívio.

— Não fique assim. Vamos para o meu escritório — disse ele. — Como chegou até aqui?

Sunja não conseguia falar porque estava ofegante. Ela respirou fundo.

— Koh Hansu me trouxe. Ele o encontrou e me trouxe aqui porque eu queria vê-lo. Ele está no carro.

— Entendo — retrucou Noa. — Bem, ele pode ficar lá.

* * *

Quando entrou no escritório, os funcionários se curvaram e Sunja o seguiu. Noa ofereceu a ela um assento em sua sala e fechou a porta.

— Você parece bem, *umma* — disse Noa.

— Faz tanto tempo, Noa. Eu me preocupei tanto com você. — Ao ver sua expressão magoada, ela se conteve. — Mas fico feliz que tenha me escrito. Guardei todo o dinheiro que enviou. Foi muito atencioso da sua parte.

Noa assentiu.

— Hansu me disse que você é casado e tem filhos.

Noa sorriu.

— Eu tenho um menino e três meninas. São crianças muito boas. Todos são estudiosos, exceto meu filho, que é um bom jogador de beisebol. Ele é o favorito da minha esposa. Se parece com Mozasu e age como ele também.

— Eu sei que Mozasu gostaria de vê-lo. Quando pode ir nos visitar?

— Não sei. Não sei se posso.

— Já não perdemos tempo suficiente? Todos esses anos. Noa, tenha piedade. Tenha piedade, por favor. Eu era uma garota quando conheci Hansu. Não sabia que ele era casado e, quando descobri, me recusei a ser sua amante. Então seu pai se casou comigo para que você pudesse ter um sobrenome. Durante toda a minha vida, fui fiel a seu pai, Baek Isak, que era um grande homem. Mesmo depois que ele morreu, fui fiel a sua...

— Eu entendo o que você fez. Mas meu pai biológico é Koh Hansu. Isso nunca vai mudar — argumentou Noa categoricamente.

— Sim.

— Sou coreano e trabalho neste negócio imundo. Suponho que, quando se tem a *yakuza* no sangue, ela nos controle. Eu nunca vou me livrar dele. — Noa riu. — Essa é a minha maldição.

— Mas você não é um *yakuza* — protestou ela. — Não é? Mozasu é dono de salões de *pachinko* e é muito honesto. Ele sempre diz que é possível ser um bom empregador e evitar as pessoas más contanto que...

Noa balançou a cabeça.

— *Umma*, eu sou honesto, mas neste negócio há pessoas que não se pode evitar. Eu dirijo uma empresa muito grande e faço o que tem que ser feito.

Ele fez uma careta, como se tivesse provado algo amargo.

— Você é um bom garoto, Noa. Eu sei que é... — disse ela, e se sentiu tola por tê-lo chamado de garoto. — Quero dizer, tenho certeza de que você é um bom homem de negócios. E honesto.

Os dois ficaram em silêncio. Noa cobriu a boca com a mão direita. Sua mãe parecia uma velha exausta.

— Quer um chá? — ofereceu ele.

Ao longo dos anos, Noa havia imaginado a mãe ou o irmão aparecendo em sua casa, encontrando-o lá, e não em seu escritório branco e ensolarado. Sunja havia facilitado as coisas para ele indo até ali. Será que Hansu apareceria em seu escritório em seguida?, perguntou-se. Ele havia demorado mais tempo para encontrá-lo do que Noa esperava.

— Quer comer alguma coisa? Eu posso pedir...

Sunja balançou a cabeça.

— Você deveria voltar para casa.

Noa riu.

— Esta é a minha casa. Não sou mais criança.

— Eu não me arrependo de ter tido você. Você é um tesouro para mim. Não vou embora...

— Aqui ninguém sabe que sou coreano. Nem uma única pessoa.

— Não vou contar a ninguém. Eu compreendo. Eu farei o que...

— Minha esposa não sabe. A mãe dela nunca aceitaria algo assim. Meus próprios filhos não sabem, e não vou contar a eles. Meu chefe me demitiria. Ele não emprega estrangeiros. *Umma*, ninguém pode saber...

— É tão horrível assim ser coreano?

— É horrível ser eu.

Sunja assentiu e olhou para as mãos entrelaçadas.

— Eu orei por você, Noa. Orei para que Deus o protegesse. É tudo que uma mãe pode fazer. Fico feliz que esteja bem.

Todas as manhãs, ela ia à igreja e pedia pelos filhos e pelo neto. Havia orado para que aquele momento chegasse.

— As crianças... como se chamam?

— Que importância isso tem?

— Noa, sinto muito. Seu pai nos trouxe para o Japão, e então, você sabe, não podíamos ir embora por causa da guerra aqui e depois por causa da guerra lá. Não havia vida para nós na Coreia e agora é tarde demais. Até para mim.

— Eu voltei — revelou Noa.

— Como assim?

— Agora sou cidadão japonês e posso viajar. Eu fui à Coreia do Sul. Para conhecer minha suposta pátria.

— Você é cidadão japonês? De verdade? Como isso é possível?

— É possível. Sempre é possível.

— E esteve em Busan?

— Sim, e visitei Yeongdo. É pequena, mas muito bonita — disse ele. Os olhos de Sunja se encheram de lágrimas. — *Umma*, tenho uma reunião agora. Sinto muito. Por que não nos vemos na semana

que vem? Eu vou até sua casa. Quero ver Mozasu. Agora tenho que cuidar de alguns assuntos urgentes.

— De verdade? Você vem? — Sunja sorriu. — Ah, obrigada, Noa. Estou tão feliz. Você é um bom...

— É melhor você ir agora. Ligo para você mais tarde, hoje à noite, quando tiver chegado em casa.

Sunja se levantou rapidamente, e Noa a acompanhou até o local onde tinham se encontrado. Ele não olhou para o carro de Hansu.

— Conversamos mais tarde — disse ele, e atravessou a rua em direção ao prédio.

* * *

Sunja observou o filho entrar no prédio de escritórios e bateu na porta do passageiro do carro de Hansu. O motorista saiu e abriu a porta para ela.

Hansu acenou com a cabeça.

Sunja sorriu, sentindo-se leve e esperançosa.

Hansu olhou para o rosto dela com atenção e franziu o cenho.

— Não deveria ter se encontrado com ele.

— Foi bom. Ele irá a Yokohama na semana que vem. Mozasu vai ficar muito feliz.

Hansu disse ao motorista para partir e ouviu enquanto ela contava sobre o encontro dos dois.

* * *

Naquela noite, quando Noa não ligou, Sunja se deu conta de que não havia lhe dado o número da sua casa em Yokohama. Pela manhã, Hansu telefonou para ela. Noa tinha se matado minutos depois que ela saiu de seu escritório.



9

Yokohama, 1979

Etsuko Nagatomi amava os três filhos, mas não os amava da mesma forma. Ser mãe tinha lhe ensinado que esse tipo de injustiça emocional talvez fosse inevitável.

No meio da manhã, Etsuko havia terminado tudo o que precisava preparar para a festa de Solomon e estava sentada em seu escritório nos fundos do restaurante arejado, com paredes cobertas de painéis de madeira de bétula. Ela tinha quarenta e dois anos, era natural de Hokkaido e havia se mudado para Yokohama depois do divórcio, seis anos antes. Mantinha uma beleza jovial que considerava importante para ser dona de um restaurante. Etsuko usava os cabelos pretos presos em um penteado *chignon* que destacava seu rosto alegre e oval. De longe, podia parecer severa, mas de perto seu rosto era cheio de vida e seus olhos pequenos e amigáveis não deixavam nada passar. Ela sabia se maquiar com destreza, pois usava ruge e pó desde a época do colégio, e o terno Saint Laurent de lã vermelha que Mozasu havia comprado para ela valorizava sua figura esguia.

Embora Etsuko em geral ficasse satisfeita consigo mesma por estar tão adiantada, naquele dia não estava. Ela continuou a olhar para a mensagem da filha adolescente, Hana, enviada de um número desconhecido de Tóquio. Como Hana tinha ido de Hokkaido até lá? Ligações com a filha podiam levar cinco minutos ou uma hora, dependendo da ocasião, e Mozasu ia chegar para buscá-la em breve. O namorado dela era um homem paciente em relação a muitas coisas, mas gostava que ela fosse pontual. Etsuko discou mesmo assim, e Hana atendeu ao primeiro toque.

— Eu estava esperando.

— Sinto muito. Acabei de receber a mensagem.

Etsuko tinha medo da filha de quinze anos, mas tentou soar firme, da mesma maneira que fazia com sua equipe.

— Onde você está?

— Estou grávida de quatro meses.

— *Nani?*

Etsuko quase podia ver os olhos grandes e imperturbáveis da filha. Hana se parecia com as garotas dos quadrinhos, com sua linda cabeça de pirulito e seu corpo pequeno e infantil. Vestia-se para chamar atenção (saias curtas, blusas transparentes e botas de salto alto) e, consequentemente, recebia essa atenção de todo tipo de homem. Esse era seu *unmei*, pensou Etsuko — seu ex-marido costumava negar essa ideia de destino como uma explicação preguiçosa para as más escolhas que as pessoas faziam. Apesar disso, a vida só confirmara sua crença de que havia realmente um padrão em tudo aquilo. Para Etsuko, aquilo tinha que acontecer porque, quando menina, ela não era diferente. Aos dezessete anos, engravidou de Tatsuo, o irmão mais velho de Hana.

Etsuko e Hana ficaram em silêncio, mas a ligação telefônica de má qualidade crepitava como uma fogueira.

— Estou em Tóquio, na casa de uma amiga.

— Quem?

— É só a prima de uma amiga que mora aqui. Escute, quero ir para sua casa imediatamente.

— Por quê?

— Por que você acha? Você precisa me ajudar com isso.

— Seu pai sabe?

— Você é burra?

— Hana...

— Eu sei como chegar à sua casa. Tenho dinheiro. Ligo para você quando chegar.

Hana desligou.

* * *

Dois anos depois do divórcio, quando tinha onze anos, Hana perguntou a Etsuko se elas poderiam falar uma com a outra como amigas, em vez de como mãe e filha, e Etsuko concordou porque ficou feliz com o fato de a filha querer continuar falando com ela. Além disso, concordou porque, quando era menina, mentia para os

pais a respeito de tudo. Mas Etsuko descobriu que ser uma mãe desprendida tinha seus próprios inconvenientes. Não podia fazer perguntas indiscretas e, se parecesse preocupada demais (algo que Hana detestava), a filha desligava o telefone e passava semanas sem ligar.

Etsuko se arrependia de muitas coisas no que dizia respeito a sua vida em Hokkaido, mas o que mais lamentava era o que sua reputação havia feito aos filhos. Os filhos mais velhos, já adultos, ainda se recusavam a falar com ela. E o relacionamento com Mozasu só tinha piorado as coisas. Sua irmã Mari e sua mãe imploravam para que ela terminasse a relação. O negócio de *pinball* era sujo, diziam; o *pachinko* exalava um forte odor de pobreza e criminalidade. Mas ela não podia abrir mão dele. Mozasu mudara sua vida. Ele era o único homem que ela nunca havia traído, algo que Etsuko nunca acreditou ser possível.

Na primavera antes de seu aniversário de trinta e seis anos, quando ainda era casada e morava em Hokkaido, Etsuko havia seduzido outro de seus namorados do colegial. Fazia quase três anos que vinha tendo uma série de aventuras com diversos homens de sua adolescência. O que a deixava mais admirada era quão difícil tinha sido da primeira vez, mas quão fácil tinham sido todas as outras que se seguiram. Os homens casados gostavam de receber ligações de mulheres casadas. Não foi difícil telefonar para um homem com quem ela havia dormido vinte anos antes e convidá-lo para almoçar na casa dela enquanto seus filhos estavam na escola.

Naquela primavera, ela começou a dormir com um namorado do primeiro ano do ensino médio. Ele havia se tornado um mulherengo atraente e casado que ainda tinha tendência a falar demais. Certa tarde, em sua pequena sala de estar em Hokkaido, enquanto se vestia para voltar para o escritório, o casanova se queixou do fato de ela não deixar o marido, que preferia a companhia dos colegas de trabalho à da própria esposa. Pousou a cabeça entre os seios pequenos dela e disse:

— Mas eu posso deixar minha esposa. É só me pedir.

Ela não disse nada. Etsuko não tinha intenção de deixar Nori e as crianças. A queixa dela em relação ao marido não era que ele fosse chato ou que não ficasse em casa o suficiente. Nori não era má

pessoa. Mas ela tinha a sensação de que não o conhecia, mesmo depois de dezenove anos de casamento, e duvidava que algum dia fosse conhecê-lo. Ele não parecia precisar dela, exceto para representar o papel de esposa e mãe de seus filhos. Para Nori, isso era suficiente.

Não havia uma boa desculpa para seu comportamento. Ela sabia disso. Mas à noite, quando Nori se sentou à mesa da cozinha para comer o jantar que havia esfriado porque ele tinha chegado em casa tarde mais uma vez depois de outra reunião na empresa, ela esperou que algo surgisse, alguma percepção, algum sentimento. Enquanto o observava comer, com os olhos fixos na tigela de arroz, teve vontade de sacudi-lo, porque em toda a sua vida nunca havia esperado aquele tipo de solidão. Naquela época, alguém lhe entregou um folheto religioso quando saía do supermercado. Na capa, uma dona de casa de meia-idade era representada como metade esqueleto, metade carne. No pé da página estava escrito: “Todos os dias você se aproxima mais da morte. Já está meio morta. De onde vem sua identidade?” Ela jogou o panfleto fora logo depois de recebê-lo, mas a imagem permaneceu com ela por muito tempo.

Na última vez que se encontrou com o casanova, ele lhe entregou um maço de poemas que havia escrito para ela. Ao sair pela porta da cozinha, confessou que ela era a única mulher que havia amado. Seus olhos se encheram de lágrimas quando ele disse que seu coração era dela. Durante o resto do dia, Etsuko ignorou as tarefas domésticas e leu e releu os poemas piegas e eróticos. Não sabia dizer se eram bons ou não, mas gostou deles. Intimamente, ficou admirada com o esforço que deviam ter exigido e concluiu que, à sua maneira espalhafatosa, ele a amava. Por fim, aquela aventura lhe dera o que ela esperava de todas as demais: uma garantia de que tudo o que havia distribuído com tanta liberdade na juventude não havia morrido nem desaparecido.

Naquela noite, enquanto a família dormia, Etsuko mergulhou na banheira de madeira e se deliciou com o que lhe pareceu uma vitória. Depois do banho, vestiu sua *yukata* azul e branca e foi para o quarto, onde seu inocente marido roncava suavemente. Uma coisa triste estava clara: se precisasse que todos os homens que já a haviam amado continuassem a amá-la, sempre estaria dividida.

Sempre seria infiel e nunca seria uma boa pessoa. Ocorreu-lhe então que ser uma boa pessoa era algo de que, no fim das contas, não tinha desistido por completo. Será que ia morrer vivendo daquela forma? De manhã, pediu ao casanova que não a procurasse mais, e ele não a procurou. Simplesmente passou para a próxima dona de casa bonita da cidade.

Mas alguns meses depois Nori encontrou os poemas que ela deveria ter destruído e bateu nela pela primeira vez desde que tinham se casado. Os filhos tentaram detê-lo, e Hana, que tinha apenas nove anos na época, berrou sem parar. Naquela noite, Nori a expulsou de casa e ela foi para a casa da irmã. Mais tarde, o advogado lhe disse que seria inútil tentar obter a guarda das crianças, já que ela não tinha emprego nem habilidades. Ele tossiu com o que pareceu ser educação ou desconforto e disse que, além disso, seria inútil por causa do que ela havia feito. Etsuko assentiu e decidiu abrir mão dos filhos, achando que assim não os prejudicaria ainda mais. Depois, atendendo ao anúncio de uma vaga de recepcionista em um restaurante, mudou-se para Yokohama, onde não conhecia ninguém.

Etsuko queria acreditar que a relação com Mozasu a estava mudando. O fato de ser fiel a ele era uma prova disso. Certa vez, tentou explicar isso à irmã, mas Mari respondeu:

— Uma cobra que troca de pele continua sendo uma cobra.

E sua mãe, ao saber que Mozasu queria se casar com ela, disse:

— *Honto?* Com um coreano do *pachinko*? Já não causou mal o suficiente a seus pobres filhos? Por que não os mata de uma vez?

O preço pelos erros cometidos tinha de ser pago integralmente aos membros da família. Mas ela não acreditava que um dia fosse capaz de quitar aquela dívida.

* * *

Ao meio-dia, Mozasu chegou para buscá-la. Iam pegar Solomon na escola e levá-lo para tirar o cartão de registro de estrangeiro. Os coreanos nascidos no Japão depois de 1952 tinham que se apresentar à subprefeitura local no aniversário de catorze anos a fim

de solicitar permissão para permanecer no Japão. A cada três anos, Solomon teria que renová-la, a menos que deixasse o país para sempre.

Assim que entrou no carro, Mozasu a lembrou de colocar o cinto de segurança. Etsuko ainda estava pensando em Hana. Antes de sair, havia telefonado para o médico e o procedimento estava marcado para o fim da semana.

Mozasu pegou a mão dela. Etsuko achava que havia força em seu rosto e poder em seu pescoço reto. Não tinha conhecido muitos coreanos antes dele, mas imaginava que suas feições faciais quadradas fossem tradicionalmente coreanas: o maxilar largo, os dentes brancos e alinhados, os cabelos pretos e espessos e os olhos rasos, estreitos e sorridentes. Ele tinha um corpo magro e flexível que lembrava metal. Quando fazia amor com ela, ficava sério, quase como se estivesse com raiva, e ela descobriu que isso lhe dava um intenso prazer. Os movimentos físicos dele eram deliberados e vigorosos, e ela queria se render a eles. Sempre que lia sobre algo ou alguém coreano, ela se perguntava como seria a Coreia. O falecido pai de Mozasu, um pastor cristão, era do Norte, e sua mãe, que era dona de uma loja de doces, do Sul. Sunja era tão humilde nas maneiras e nas roupas que podia ser confundida com uma modesta empregada doméstica, em vez de mãe de um milionário proprietário de vários salões de *pachinko*.

Mozasu estava segurando um presente embrulhado, do tamanho de um bloco de tofu. Ela reconheceu o papel prateado de sua joalheria favorita.

— Isso é para Solomon?

— Não. É para você.

— *Ehh?* Por quê?

Era um relógio de ouro e diamante em uma caixa de veludo vermelho-escuro.

— É um relógio de amante. Comprei na semana passada e mostrei a Kuboda-*san*, o novo encarregado do turno da noite, e ele disse que esses relógios sofisticados são o que se dá a uma amante, porque custam o mesmo que um anel de diamante, mas você não pode dar um anel à sua amante, uma vez que já é casado.

Ele ergueu as sobrancelhas com uma expressão divertida.

Etsuko verificou se a divisória de vidro que os separava do motorista estava totalmente fechada — estava. Ela corou.

— Peça para ele parar o carro.

— O que houve?

Etsuko afastou a mão. Queria dizer que não era a amante dele, mas, em vez disso, começou a chorar.

— Por quê? Por que está chorando? Todos os anos, nos últimos três anos, eu lhe ofereci um anel de diamante, cada um maior do que o anterior, e todas as vezes você recusou. Todas as vezes, voltei ao joalheiro e tomamos um porre juntos. Nada mudou para mim. — Ele suspirou. — É você quem diz que não, que recusa o *yakuza* do *pachinko*.

— Você não é da *yakuza*.

— Eu não sou da *yakuza*. Mas todo mundo acha que os coreanos são bandidos.

— Nada disso importa para mim. O problema é a minha família.

Mozasu olhou pela janela e, quando viu o filho, acenou para ele.

O carro parou e Solomon se sentou no banco do passageiro. A divisória de vidro se abriu e ele enfiou a cabeça para dizer oi. Etsuko estendeu a mão para endireitar a gola amarrotada de sua camisa branca.

— Muito *arigato* — disse ele.

Ele costumava misturar palavras em diferentes línguas como uma brincadeira. Virou-se para a frente e fechou a divisória de vidro para poder conversar com o motorista, Yamamoto-*san*, sobre o jogo dos Tigers na noite anterior. Os Tigers tinham um técnico americano naquele ano, e Solomon estava esperançoso em relação à temporada. Já Yamamoto não estava tão otimista.

Mozasu pegou delicadamente o pulso esquerdo dela e colocou o relógio nele.

— Você é uma mulher engraçada. Comprei um presente para você, apenas diga obrigada. Eu não quis dizer que você era...

A ponte do nariz de Etsuko doía e ela achou que ia começar a chorar outra vez.

— Hana ligou. Ela está vindo para Yokohama. Hoje.

— Ela está bem?

Mozasu pareceu surpreso.

Etsuko ia a Hokkaido duas vezes por ano para ver os filhos. Mozasu não os conhecia.

— Talvez ela possa ir à festa de Solomon. Ver o cantor famoso — disse Mozasu.

— Eu não sei se ela gosta de Hiromi-*san* — retrucou ela.

Etsuko não tinha ideia se Hana gostava de música pop. Quando criança, ela não era do tipo que cantava ou dançava. Etsuko olhou para a nuca grisalha do motorista. Ele assentia educadamente enquanto Solomon falava e seus gestos silenciosos pareciam íntimos. Ela gostaria de ter alguma coisa como beisebol sobre a qual pudesse falar com a filha, um assunto seguro sobre o qual pudessem conversar sem subtextos ou agressões.

Etsuko disse a Mozasu que Hana tinha uma consulta com um médico em Yokohama. Quando ele perguntou se ela estava doente, Etsuko negou com a cabeça.

Era isso que tinha se tornado sua vida. O filho mais velho, Tatsuo, tinha vinte e cinco anos e já levava oito anos para se formar em uma faculdade de quinta categoria. O segundo filho, Tari, um garoto tímido de dezenove anos, havia sido reprovado nos exames de admissão para a universidade e trabalhava como bilheteiro em um cinema. Ela não tinha o direito de esperar que os filhos tivessem as mesmas aspirações de outras pessoas de classe média: se formar na Universidade de Tóquio, arranjar um emprego no Banco Industrial do Japão, se casar com alguém de boa família. Ela os transformara em párias e não havia a menor possibilidade de se tornarem gente de bem.

Etsuko tirou o relógio e o guardou de volta na caixa de veludo. Em seguida, colocou a caixa no espaço entre eles, sobre a renda branca e engomada que cobria os assentos de couro preto. Mozasu devolveu o relógio a ela.

— Não é um anel. Poupe-me uma ida ao joalheiro.

Etsuko segurou a caixa nas mãos e se perguntou como era possível que continuassem juntos, ele sem desistir e ela sem ceder.

* * *

A subprefeitura de Yokohama era uma enorme caixa cinza com um letreiro ilegível. O primeiro funcionário que viram foi um homem alto, com o rosto estreito e chumaços de cabelos pretos nas laterais. Ele olhou para Etsuko descaradamente, percorrendo com os olhos seus seios, quadris e dedos cheios de joias. Ela estava muito bem-vestida em comparação com Mozasu e Solomon, que usavam camisa branca, calça escura e sapatos pretos. Pareciam os gentis missionários mórmons que costumavam cruzar o povoado de bicicleta quando ela era menina.

— Seu nome... — O funcionário estreitou os olhos para o formulário que Solomon havia preenchido. — So-ro-mon. Que tipo de nome é esse?

— É da Bíblia. Salomão era um rei. Filho do rei Davi. Um homem de grande sabedoria. Meu tio-avô me deu esse nome.

Solomon sorriu para o funcionário como se estivesse compartilhando um segredo com ele. Era um garoto educado, mas, como tinha estudado com americanos e outros estrangeiros em uma escola internacional, às vezes dizia coisas que um japonês jamais diria.

— So-ro-mon, um rei. De grande sabedoria. — O funcionário sorriu. — Os coreanos não têm mais reis.

— O que você disse? — questionou Etsuko.

Na mesma hora, Mozasu a fez recuar.

Ela olhou para ele. Seu temperamento era muito pior do que o dela. Certa vez, quando um cliente tentou fazê-la sentar-se com ele, Mozasu, que por acaso estava presente naquela noite, se aproximou, agarrou o sujeito e o atirou para fora do restaurante, quebrando-lhe as costelas. Ela esperava uma reação não menos contundente naquela hora, mas ele apenas desviou o olhar do funcionário e olhou para a mão direita de Solomon.

Mozasu sorriu.

— Com licença, senhor — disse, sem nenhum traço de irritação ou raiva. — Estamos com pressa de voltar para casa, porque é aniversário do garoto. Há mais alguma coisa que devemos fazer? — Mozasu entrelaçou as mãos nas costas. — Muito obrigado pela compreensão.

Confuso, Solomon se voltou para Etsuko, que lhe lançou um olhar de advertência.

O funcionário apontou para o fundo da sala e mandou que Mozasu e Etsuko se sentassem. Solomon permaneceu parado diante dele. Na sala longa e retangular, que tinha o formato de um vagão de trem, com guichês paralelos junto à parede, havia meia dúzia de pessoas sentadas em bancos, lendo jornais ou mangás. Etsuko se perguntou se eram coreanos. De onde estavam, ela e Mozasu podiam ver Solomon conversando com o atendente, mas não conseguiam ouvir nada.

Mozasu se sentou e em seguida se levantou novamente. Perguntou se ela queria uma latinha de chá da máquina, e ela fez que sim com a cabeça. Tinha vontade de esbofetear o funcionário. No ensino médio, uma vez dera uma bofetada em uma garota mandona e tinha sido um prazer.

Quando Mozasu voltou com o chá, ela agradeceu.

— Você devia saber... — Ela fez uma pausa. — Você devia ter avisado a ele. Quero dizer, disse a ele que hoje não seria tão fácil?

Não queria ser crítica, mas, depois que saíram de sua boca, as palavras soaram severas, e ela se arrependeu.

— Não. Eu não disse nada a ele. — Mozasu abriu e fechou os punhos ritmadamente. — Eu vim aqui com minha mãe e meu irmão, Noa, para tirar minha primeira permissão de residência. O funcionário nos tratou normalmente. Foi gentil até. Por isso pedi que você viesse, achei que talvez vir acompanhado de uma mulher ajudasse. — Ele expirou pelas narinas. — Foi estúpido esperar gentileza.

— Não. Não. Você não deveria ter dito nada. Eu não deveria ter dito isso.

— É inútil. Não posso mudar o destino dele. Ele é coreano. Precisa obter esses documentos e seguir todos os passos da lei. Uma vez, em uma repartição como esta, um funcionário me disse que eu era um visitante em seu país.

— Você e Solomon nasceram aqui.

— Sim, meu irmão Noa também nasceu aqui. E agora ele está morto.

Mozasu cobriu o rosto com as mãos.

Etsuko suspirou.

— Seja como for, o funcionário não estava errado. E isso é algo que Solomon precisa entender. Nós podemos ser deportados. Não temos pátria. A vida é cheia de coisas que ele não vai poder controlar, então ele precisa se adaptar. Meu garoto tem que sobreviver.

* * *

Solomon voltou para junto deles. Em seguida, ia tirar uma fotografia; depois teria que ir para outra sala, tirar as impressões digitais. Então poderiam ir para casa. A última funcionária era uma mulher gorda, o uniforme verde-claro achatava seus seios grandes e seus ombros redondos. Ela pegou o dedo indicador esquerdo de Solomon e o mergulhou com cuidado no vidro cheio de uma tinta preta espessa. Solomon pressionou o dedo em um cartão branco como se fosse uma criança pintando. Mozasu desviou o olhar e suspirou. A funcionária sorriu para o garoto e lhe disse para pegar o cartão de registro na sala ao lado.

— Vamos pegar suas plaquinhas de identificação — disse Mozasu.

Solomon encarou o pai.

— Hum?

— É o que nós, cachorros, precisamos ter.

A funcionária de repente pareceu furiosa.

— As impressões digitais e os cartões de registro são de vital importância para os registros governamentais. Não há necessidade de se sentir insultado por isso. É um regulamento de imigração necessário para estrangeiros...

Etsuko deu um passo à frente.

— Mas você não tem que levar seus filhos para tirarem impressões digitais no aniversário deles, não é?

O pescoço da funcionária ficou vermelho.

— Meu filho está morto.

Etsuko mordeu o lábio. Não queria sentir pena da mulher, mas sabia como era perder um filho: era como se você tivesse sido

amaldiçoada e nada fosse capaz de restaurar a desolação que era sua vida.

— Os coreanos fazem muitas coisas boas para este país — disse Etsuko. — Eles fazem os trabalhos difíceis que os japoneses não querem fazer, pagam impostos, obedecem a leis, formam boas famílias e criam empregos...

A funcionária assentiu, com compaixão.

— Vocês, coreanos, sempre me dizem isso.

— Ela não é coreana. — Solomon deixou escapar.

Etsuko tocou seu braço, e os três saíram da sala sufocante. Ela queria sair daquela caixa cinza e ver a luz do dia novamente. Ansiava pelas montanhas brancas de Hokkaido. E, embora nunca tivesse feito isso na infância, queria caminhar pelos bosques frios e nevados sob as fileiras escuras de árvores sem folhas. Na vida, havia tanto insulto e sofrimento, e ela não tinha escolha a não ser aceitar a parte que lhe cabia. Mas agora também queria acolher a vergonha de Solomon e adicioná-la ao seu fardo, embora já estivesse sobrecarregada.



10

Uma das garçonetes da mãe havia lhe servido uma Coca-Cola, e Hana estava sentada a uma mesa perto do bar, brincando com o canudo. Sem o permanente, seus cabelos tinham voltado a ser lisos e da cor natural, um preto acobreado. Tinham um corte reto e se espalhavam sobre seus pequenos ombros. Ela usava uma blusa de algodão branca bem passada e uma saia plissada escura até os joelhos, com meias de lã cinza e sapatos de colegial sem salto. Não se vestia assim desde a época da escola primária. A barriga estava lisa, mas os seios pequenos pareciam mais cheios. Fora isso, não dava para saber que estava grávida.

Fechado para o evento privado, o salão do restaurante estava arrumado para a festa. Toalhas de linho branco cobriam uma dúzia de mesas redondas e no centro de cada uma delas havia um elegante arranjo floral e castiçais. No canto do salão, um funcionário enchia um balão vermelho após o outro com um tanque de gás hélio. Depois de cheios, ele deixava que flutuassem até o teto.

Etsuko e Solomon entraram no restaurante em silêncio. Ele tinha insistido em ir até lá para cumprimentar a filha dela antes de voltar para casa e trocar de roupa. A princípio, ficou boquiaberto ao ver a decoração e a transformação drástica do salão. Então, ao ver a garota na mesa vazia, perguntou:

— É ela?

— Sim.

Hana sorriu timidamente para eles.

Solomon e Hana se cumprimentaram formalmente. A curiosidade mútua era evidente. Hana apontou para os balões que cobriam o teto e, antes que Etsuko tivesse a oportunidade, Solomon respondeu em japonês:

— É meu aniversário. Por que você não vem à festa? Vai haver um jantar americano, depois vamos a uma discoteca de verdade.

— Já que está me convidando, talvez eu venha — retrucou Hana.

Etsuko franziu a testa. Tinha que falar com o chef sobre o cardápio, mas estava relutante em deixá-los sozinhos. Alguns

minutos depois, quando voltou da cozinha, os dois estavam sussurrando como um casal de jovens amantes. Etsuko olhou para o relógio e disse a Solomon que ele precisava se apressar e ir para casa.

— Ei, vejo você na festa! — gritou ele da porta.

E Hana sorriu como uma cortesã enquanto acenava para ele.

— Por que o mandou embora? Eu estava me divertindo.

— Porque ele tem que se arrumar.

— Eu dei uma olhada dentro.

Hana indicou as sacolas perto da entrada. Havia cem sacolas de lembranças em quatro longas fileiras que precisavam ser transportadas para a discoteca (em cada uma havia fitas, um toca-fitas Sony Walkman, revistas adolescentes importadas e uma caixa de chocolates).

— Quem me dera que meu pai fosse um *yakuza*.

— Hana, ele não é...

Etsuko olhou em volta para ver se alguém as estava ouvindo.

— O filho do seu namorado não parece um pirralho.

— Ele não teve uma vida fácil.

— Não teve uma vida fácil? Escolas particulares americanas, milhões no banco e um motorista. Você precisa rever seus conceitos, mãe.

— Hoje, ele teve que ir à subprefeitura solicitar permissão para permanecer no Japão por mais três anos. Se a permissão fosse negada, ele poderia ser deportado. Tem que carregar um cartão de registro de estrangeiro e...

— É mesmo? Mas ele não foi deportado, foi? E agora vai ter uma festa chique, melhor do que a maioria das festas de casamento.

— Ele nasceu neste país e hoje, no dia do seu aniversário, teve que registrar as impressões digitais como se fosse um criminoso. Ele é apenas uma criança. Não fez nada de errado.

— Somos todos criminosos. Mentirosos, ladrões, prostitutas... é o que somos. — Os olhos cor de carbono da garota pareciam duros e antigos. — Ninguém é inocente aqui.

— Por que você tem que ser tão insensível?

— Eu sou a única que ainda fala com você.

— Eu já pedi perdão várias vezes.

Etsuko tentou controlar a voz, mas as garçonetes estavam ouvindo tudo e de repente não importava mais.

— Marquei a consulta.

Hana olhou para ela.

— Depois de amanhã, vamos cuidar do seu problema. — Etsuko olhou diretamente para o rosto pálido e furioso da filha. — Você não está pronta para ser mãe. Não faz ideia de como é difícil ter filhos.

A linha rígida dos lábios de Hana se franziu, ela cobriu o belo rosto de mangá com as mãos e começou a chorar.

Etsuko não sabia se deveria dizer alguma coisa. Em vez disso, colocou a mão na cabeça da filha. Hana estremeceu, mas ela não recolheu a mão de imediato. Fazia tanto tempo que não tocava os cabelos sedosos da filha.

Quando Etsuko vivia na casa apertada de três quartos em Hokkaido, com o telhado gotejante e uma cozinha minúscula, certas tarefas a ajudavam a manter a sanidade. Naquele momento, com uma espécie de dor pungente, lembrou-se de ver os filhos devorarem o camarão que ela tinha fritado para o jantar, arrumado em pilhas altas em pratos forrados de papel. Mesmo em meados de julho, valia a pena ficar na frente de uma panela quente de tempura, jogando camarão empanado no óleo de amendoim borbulhante, porque, para os filhos, o camarão da mãe era melhor do que doce, eles diziam. E a lembrança do quanto adorava pentear os cabelos recém-lavados de Hana quando suas bochechas ainda estavam rosadas pela água quente do banho a engoliu como uma onda alta e escura.

— Eu sei que você não nos queria. Meus irmãos me disseram, e eu disse que eles estavam errados, mesmo sabendo que não estavam. Eu me aferrei a você porque não ia deixar que simplesmente abandonasse o que tinha começado. Como pode me dizer que ter filhos é difícil? Você nem ao menos tentou ser mãe. Que direito tem? O que faz de você uma mãe?

Etsuko ficou em silêncio, totalmente paralisada ao descobrir que a maneira como se via também era a maneira como os filhos a viam. Eles achavam que ela era um monstro.

— Como pode pensar que eu não queria vocês três?

Ela se lembrou de todas as cartas, todos os presentes e todo o dinheiro que havia enviado e que os meninos tinham devolvido. E pior: os telefonemas para saber como eles estavam, quando o marido não dizia nada além de *moshi-moshi*, em seguida passava o telefone para Hana, porque era a única que aceitava falar com ela. Etsuko queria se justificar, falar de suas numerosas e repetidas tentativas, oferecer provas. Ser mãe era o que a definia mais do que qualquer outra coisa: mais do que ser filha, esposa, mulher divorciada, namorada ou dona de um restaurante. Ela não tinha se saído bem, mas era quem ela era, e isso a havia mudado para sempre. Desde o momento em que Tatsuo nasceu, ela vivia cheia de tristeza e insegurança, porque sabia que nunca seria boa o bastante. Mesmo que tivesse fracassado, ser mãe era uma condição eterna, uma parte de sua vida que não terminaria nem com a morte.

— Mas... mas eu não me casei com Mozasu. Eu nem moro com ele. Para não piorar as coisas para você e seus irmãos.

Hana jogou a cabeça para trás e riu.

— Devo agradecer por esse grande sacrifício? Então você não se casou com um mafioso coreano e quer que eu a parabenize por isso? Não se casou com ele porque não queria sofrer. Você é a pessoa mais egoísta que eu conheço. Se quer dormir com ele e usar o dinheiro dele para ter um lugar chique sem se casar, essa escolha egoísta é sua. Não fez isso por mim nem pelos meus irmãos. — Hana secou o rosto com a manga da camisa. — Você não quer ser julgada, por isso não se casou com ele. Por isso foi embora de Hokkaido para se esconder na cidade grande. Você pensa que é uma vítima, mas não é. Você foi embora porque teve medo e dormiu com todos aqueles homens porque estava com medo de se sentir velha. Você é fraca e patética. Não venha me falar sobre sacrifícios, porque eu não acredito nessa merda.

Hana começou a chorar novamente.

Etsuko desabou na cadeira. Se aceitasse se casar com Mozasu, provaria a todos em Hokkaido que nenhum japonês decente tocaria uma mulher como ela. Diriam que tinha se casado com um mafioso. Se aceitasse se casar com ele, não seria mais considerada a elegante proprietária de um restaurante de sucesso no melhor bairro

de Yokohama, uma imagem na qual nem mesmo ela acreditava por completo. Mozasu achava que ela era uma pessoa melhor do que de fato era, mas Hana não se deixava enganar. Etsuko pegou a mala da filha ao lado da cadeira e fez sinal para que se levantasse.

* * *

O apartamento de Etsuko ficava em um prédio de luxo a quatro quadras do restaurante. No caminho, Hana disse que não queria mais ir à festa. Queria ficar sozinha e dormir até a manhã seguinte. Etsuko abriu a porta do apartamento e levou Hana até o quarto. Naquela noite, ela ia dormir no sofá.

Hana se deitou no futon, e Etsuko cobriu seu corpo delgado com uma colcha leve e apagou a luz. Hana se encolheu em posição fetal, seus olhos ainda estavam abertos, mas ela não disse nada. Etsuko não queria deixá-la. Apesar de tudo, sentia uma espécie de satisfação por estarem juntas novamente. Hana a havia procurado para que cuidasse dela. Etsuko se sentou na beirada da cama e acariciou os cabelos da filha.

— Você tem um cheiro — disse Hana baixinho —, eu costumava pensar que era o seu perfume. Se chamava Joy, *nee*?

— Eu ainda uso.

— Eu sei — disse Hana, e Etsuko resistiu ao impulso de cheirar os próprios pulsos. — Mas não é só o perfume, são todos os cremes e outras coisas que você usa que compõem esse cheiro. Eu costumava andar pelas lojas de departamentos tentando adivinhar o que era. O cheiro da *mamãe*.

Etsuko queria dizer muitas coisas, mas, acima de tudo, queria assegurá-la de que ia tentar não cometer mais erros.

— Hanako...

— Eu quero dormir agora. Vá para a festa daquele garoto e me deixe sozinha.

A voz de Hana era fria, mas estava mais suave.

Etsuko se ofereceu para ficar, mas a filha recusou. Ela mencionou então que sua agenda no dia seguinte estava livre.

Talvez as duas pudessem sair para comprar uma cama e uma cômoda.

— Assim você poderá voltar para me visitar sempre que quiser. Posso arrumar um quarto para você — disse ela.

Hana suspirou, mas sua expressão estava vazia.

Etsuko não sabia o que a filha queria.

— Não estou dizendo que você tem que ir. Especialmente depois de... — Ela colocou as pontas dos dedos nos lábios, mas logo as tirou. — Você pode ficar. Começar a estudar aqui, quem sabe.

Hana mexeu a cabeça no travesseiro e inspirou, mas não disse nada.

— Eu posso ligar para o seu pai. Perguntar.

Hana puxou o cobertor até o queixo.

— Se você quiser...

Etsuko tinha que voltar para o restaurante, mas ficou sentada no sofá por alguns minutos. Quando era uma jovem mãe, costumava haver apenas um momento em suas horas de vigília em que sentia uma espécie de paz, e era sempre depois que os filhos iam para a cama. Desejou vê-los como eram naquela época: as pernas gordinhas e brancas, os cortes de cabelo desiguais, porque nunca paravam quietos no cabeleireiro. Desejou poder desfazer as vezes em que os havia repreendido só porque estava cansada. Havia cometido tantos erros. Se a vida permitisse revisões, ela os deixaria ficar um pouco mais no banho, leria mais uma história para eles antes de dormir e prepararia mais um prato de camarão.



11

Os adolescentes convidados para a festa de Solomon eram filhos e filhas de diplomatas, banqueiros e expatriados ricos dos Estados Unidos e da Europa. Todos falavam inglês em vez de japonês. Mozasu havia escolhido a escola internacional de Yokohama porque gostava da ideia de que o filho estudasse com ocidentais. Tinha ambições específicas para ele: Solomon falaria tanto inglês quanto japonês com perfeição, cresceria entre pessoas cosmopolitas de classe alta e, finalmente, trabalharia para uma empresa americana em Tóquio ou Nova York, cidade na qual Mozasu nunca havia estado mas que imaginava como um lugar onde todos eram tratados de maneira justa. Ele queria que o filho fosse um homem do mundo.

Uma fila de limusines pretas serpenteava pela rua. Ao deixar o restaurante, os adolescentes agradeceram a Mozasu e Etsuko pelo jantar delicioso. Mozasu enfileirou-os em frente ao restaurante e instruiu: "*Ladies first*", expressão que havia aprendido assistindo a filmes americanos. As meninas entraram nos carros reluzentes de seis em seis e foram embora. Os meninos foram em seguida. Solomon foi no último carro com os melhores amigos: Nigel, filho de um banqueiro inglês, e Ajay, filho de um executivo de uma companhia de navegação indiana.

* * *

A discoteca era sofisticada e pouco iluminada. Do teto alto, cerca de vinte globos espelhados pendiam de alturas diferentes, inundando o grande salão com seus minúsculos painéis de luz que brilhavam e balançavam com o movimento. Eles faziam com que qualquer um que atravessasse a pista brilhasse como um peixe debaixo d'água. Depois que todos chegaram e se sentaram às mesas, o mestre de cerimônias, um belo filipino, subiu ao palco. Ele tinha uma voz bonita e melodiosa.

— Caros amigos de Solomon Baek! Bem-vindos à Ringo! — exclamou, e fez uma pausa para os aplausos. — Para celebrar o aniversário de Solomon, a Ringo tem o prazer de apresentar a estrela mais brilhante do Japão... e em breve do mundo: Ken Hiromi e os Sete Cavalheiros!

Os adolescentes pareciam não acreditar. A cortina subiu, revelando a banda de rock composta por sete integrantes, e o cantor surgiu por trás deles. Hiromi parecia completamente normal, de uma maneira quase decepcionante. Vestia-se como um homem de negócios que havia esquecido a gravata e usava óculos de armação grossa, iguais aos que usava nas capas de seus discos. Seus cabelos estavam impecavelmente penteados. Não podia ter mais de trinta anos.

Solomon não parava de balançar a cabeça, surpreso e encantado. A banda começou a tocar, e os adolescentes correram para o palco para dançar freneticamente. Quando o longo set terminou, o mestre de cerimônias pediu que todos se reunissem ao redor do palco, e Ichiro, o cozinheiro, entrou empurrando um espetacular bolo de sorvete no formato de um campo de beisebol na direção de Solomon. Velas altas e finas iluminavam a grande superfície do bolo. Uma garota gritou:

— Não se esqueça de fazer um pedido, *baby*!

Solomon apagou as velas de uma só vez, e todos aplaudiram e gritaram.

Etsuko entregou a ele a faca para que cortasse a primeira fatia. Um holofote o iluminou enquanto ele posicionava a lâmina longa e serrilhada sobre o bolo.

— Precisa de ajuda? — perguntou ela.

— Acho que consigo — disse ele, usando ambas as mãos para fazer um corte reto.

— Oh — sussurrou Etsuko ao ver a tinta sob as unhas de Solomon. Ele havia removido a maior parte, mas uma sombra da mancha permanecia nas pontas dos dedos.

Ele olhou para ela e sorriu.

Etsuko guiou o braço dele com delicadeza para fazê-lo retomar a tarefa. Depois da primeira fatia, Solomon devolveu a faca a ela, que cortou os pedaços restantes. Os garçons distribuíram o bolo e

Hiromi, que estava sentado sozinho, aceitou um pedaço. Mozasu entregou a Solomon um gordo envelope azul cheio de notas de iene e disse-lhe que o entregasse ao cantor. Ken Hiromi gesticulou para que Solomon se sentasse com ele. Sob aquela luz, Etsuko pensou, ninguém mais ia notar a tinta.

* * *

A banda tocou outro set, depois um DJ tocou músicas populares entre os adolescentes. Quando a festa chegou ao fim, Etsuko se sentia agradavelmente exausta, como quando fechava o restaurante. Mozasu estava sentado a uma mesa, bebendo champanhe sozinho, e ela se sentou ao seu lado. Ele encheu novamente a taça e a entregou a ela, que bebeu o champanhe em dois goles. Ela riu. Mozasu disse que ela tinha feito um bom trabalho organizando a festa para Solomon, e Etsuko balançou a cabeça.

— *Iie*. — Sem pensar, acrescentou: — Acho que ela teria gostado.

Mozasu pareceu confuso. No instante seguinte, assentiu.

— Sim, ela teria ficado muito feliz por ele.

— Como ela era?

Etsuko virou o corpo para ver o rosto dele. Pequenos quadrados de luz dançavam em suas feições angulosas.

— Eu já disse. Ela era uma boa mulher. Como você.

Era difícil dizer mais do que isso sobre Yumi.

— Não, me conte algo concreto sobre ela. — Etsuko queria saber no que eram diferentes, não no que eram parecidas. — Eu quero saber mais.

— Por quê? Ela está morta.

Depois de dizer isso, Mozasu pareceu triste. Ele notou que Solomon estava dançando com uma chinesa alta, de cabelos curtos. Sua testa brilhava de suor enquanto ele acompanhava os movimentos elegantes da garota. Etsuko olhou para a taça de champanhe vazia.

— Ela queria que ele se chamasse Sejong — disse ele. — Mas é uma tradição o pai do marido escolher o nome do neto. Meu pai está

morto, então meu tio Yoseb deu a ele o nome de Solomon. — Ele fez uma pausa. — Sejong foi um rei da Coreia. Ele inventou o alfabeto coreano. Mas tio Yoseb deu a ele o nome de um rei da Bíblia. Acho que fez isso porque meu pai era pastor.

Ele sorriu.

— Por que você está sorrindo?

— Porque Yumi — Mozasu disse o nome dela em voz alta e se surpreendeu ao ouvir o som das duas sílabas — tinha muito orgulho dele. Do filho. Ela queria que ele tivesse uma vida de rei. Ela era como meu pai e meu tio, acho. Orgulhosa. Tinha orgulho de mim e do meu trabalho. Era bom. Mas, agora que estou mais velho, me pergunto por quê. — Mozasu pareceu melancólico. — Do que nós, coreanos, devemos nos orgulhar?

— É bom ter orgulho dos filhos.

Etsuko alisou a saia. Quando seus filhos nasceram, o que ela sentiu foi assombro diante da perfeição física deles. Ficava maravilhada com sua forma humana em miniatura e com sua boa saúde. Mas nem uma única vez considerou dar a eles um nome histórico... O nome de um rei. Nunca havia se orgulhado de sua família ou de seu país. Na verdade, sentia vergonha deles.

— Uma daquelas garotas se aproximou de mim hoje e disse que Solomon era parecido com a mãe — disse ele, apontando para um grupo de garotas no canto do salão. Elas usavam tops curtos e sem alça e saias de jérsei sobre os quadris estreitos.

— Como ela poderia saber disso?

— Ela estava se referindo a você.

— Ah. — Etsuko assentiu. — Eu gostaria de ser mãe dele.

— Não. Não, você não gostaria.

Mozasu disse isso calmamente, e ela sentiu que merecia.

— Eu não sou muito melhor do que aquela funcionária de hoje à tarde, *nee*?

Mozasu negou com a cabeça e colocou a mão sobre a dela.

Por que sua família achava o *pachinko* tão terrível? Seu pai, que era representante comercial, vendia apólices de seguro de vida caras para donas de casa isoladas que não podiam pagar por elas. Mozasu criava espaços onde homens e mulheres adultos podiam jogar *pinball* por dinheiro. Ambos os homens tinham ganhado

dinheiro à custa da sorte, do medo e da solidão. Todas as manhãs, Mozasu e seus homens mexiam nas máquinas para ajustar os resultados: havia poucos vencedores e muitos perdedores. E ainda assim continuávamos jogando, porque tínhamos esperança de sermos os sortudos. Como era possível ter raiva de quem queria participar do jogo? Etsuko havia fracassado neste aspecto importante: ela não havia ensinado os filhos a ter esperança, a acreditar na possibilidade, talvez absurda, de ganhar. O *pachinko* era um jogo tolo, mas a vida não era.

Etsuko tirou o relógio novo do pulso e o colocou na mão de Mozasu.

— Não é que eu não queira um anel...

Mozasu não olhou para ela, mas colocou o relógio no bolso.

— Está tarde. É quase meia-noite — disse ele com amabilidade. — As crianças têm que ir para casa.

Etsuko se levantou e foi distribuir as sacolas com lembranças da festa.

* * *

Como não queria que a noite terminasse, Solomon disse que estava com fome, e os três voltaram para o restaurante. O local estava limpo novamente e parecia aberto para receber clientes.

— Um pouco de tudo — respondeu Solomon quando Etsuko perguntou o que ele queria comer.

Ele parecia muito feliz, e ela gostava de vê-lo assim. Sempre podia contar com sua alegria. Talvez fosse isso que Solomon representava para ela e Mozasu.

No fundo do salão, Mozasu se sentou a uma mesa para quatro e abriu a edição vespertina do jornal. Parecia um homem de meia-idade esperando tranquilamente a chegada do trem. Etsuko foi para a cozinha, e Solomon a seguiu.

Ela colocou três pratos brancos no balcão de preparação. Da geladeira, tirou a bandeja de frango frito e a tigela de salada de batata, pratos que Ichiro havia preparado seguindo um livro de receitas americano.

— Por que Hana não veio? Ela está doente?

— Não.

Etsuko não gostava de mentir quando lhe faziam uma pergunta direta.

— Ela é bonita, sabia?

— Bonita demais. Esse é o problema.

Sua própria mãe tinha dito a mesma coisa a respeito dela uma vez, quando foi elogiada por um amigo da família.

— Você se divertiu hoje à noite? — perguntou ela.

— Sim. Ainda não consigo acreditar. Hiromi-*san* falou comigo!

— O que ele disse? — Ela colocou dois pedaços grandes de frango nos pratos de Mozasu e Solomon e uma coxa pequena no dela. — Ele é simpático?

— Muito simpático e muito legal. Ele disse que seus melhores amigos são coreanos. Ele me disse para ser bom com meus pais.

Solomon não havia negado que ela fosse sua mãe e, embora isso fosse algo bom, só fez com que ela se sentisse mais ansiosa.

— Seu pai me disse hoje à noite que sua mãe tinha orgulho de você. Desde o momento em que nasceu.

Solomon não disse nada.

Etsuko não achava que ele ainda precisasse de uma mãe: já era crescido e estava melhor do que a maioria dos jovens que ela conhecia cujas mães ainda estavam vivas. Ele era quase um homem.

— Venha até a pia. Estenda a mão esquerda.

— Vai me dar um presente?

Ela riu, colocou a mão esquerda dele sobre a pia e abriu a torneira.

— Ainda tem tinta.

— Eles podem me obrigar a ir embora? Podem realmente me deportar?

— Tudo correu bem hoje — respondeu ela enquanto esfregava suavemente as pontas dos dedos e as unhas dele com uma escova de lavar louça. — Não precisa se preocupar, Solomon-*chan*.

Ele pareceu satisfeito com a resposta dela. Então perguntou:

— Hana me disse que veio para Yokohama para se livrar de um probleminha. Ela está grávida? Nigel engravidou a namorada e ela

teve que fazer um aborto.

— Seu amigo Nigel?

Ela se lembrava do garoto de cabelos loiros que jogava Atari com ele nos fins de semana. Ele era apenas um ano mais velho do que Solomon.

— Sim. — Ele assentiu. — Hana parece uma garota muito legal.

— Meus filhos me odeiam.

Solomon terminou de tirar a tinta de debaixo das unhas.

— Seus filhos a odeiam porque você foi embora. — O rosto dele ficou sério. — Eles não podem evitar. Sentem sua falta.

Etsuko mordeu o interior do lábio inferior. Podia sentir os pequenos músculos dentro da boca, e se conteve antes de tirar sangue. Temia olhar nos olhos dele e, embora tivesse tentado se conter, começou a chorar.

— O que foi? Por que está chorando? — perguntou ele. — Me desculpe.

Os olhos de Solomon se encheram de lágrimas.

Ela inspirou para acalmar a respiração.

— Quando Hana nasceu, as enfermeiras imprimiram as solas de seus pezinhos em um cartão. Elas lavaram a tinta, mas não muito bem, então, quando voltei para casa, tive que tirar o que restou. Acho que ela não viu nada, porque tinha acabado de nascer, mas senti que olhava para mim como se eu a estivesse machucando, e ela simplesmente não parava de chorar...

— Etsuko-*chan*, Hana vai ficar bem. A namorada de Nigel está bem. Talvez se casem depois da faculdade. Foi o que ele disse...

— Não, não. Não é isso. É só que eu sinto muito que você tenha pensado que eu não queria ser sua mãe. — Ela apertou a barriga e tentou acalmar a respiração. — Eu já magoei muitas pessoas. E você é um menino tão bom, Solomon. Eu gostaria de poder me orgulhar de você.

Seus cabelos escuros e lisos estavam grudados nas laterais do rosto, mas ele não os afastou. Seus olhos estavam arregalados de preocupação.

— Hoje é meu aniversário. Não é engraçado como ninguém se lembra do momento em que nasceu nem de quem estava lá? Só

sabemos o que nos contam. Mas você está aqui agora. É como uma mãe para mim.

Etsuko cobriu a boca com a palma da mão e deixou que as palavras dele a inundassem. Em algum lugar depois do arrependimento tinha de haver um novo dia, e mesmo depois de uma condenação podia haver algo de bom no julgamento. Por fim, Etsuko fechou a torneira e colocou a esponja amarela na pia. Da torneira curva de metal caíram as últimas gotas e a cozinha ficou em silêncio. Etsuko estendeu os braços para abraçar o garoto em seu aniversário.



12

Osaka, 1979

Quando soube que a mãe estava com câncer de estômago, Sunja deixou o filho e o neto em Yokohama e voltou para Osaka. Durante o outono e o inverno, dormiu aos pés da cama da mãe para aliviar sua cunhada exausta, Kyunghee, que vinha cuidando fielmente de Yangjin depois que seu próprio marido, Yoseb, enfim morrera.

Yangjin vivia em seu colchão de algodão grosso, mais ou menos imóvel, na sala de estar, que havia se tornado seu quarto. O maior cômodo da casa cheirava a eucalipto e tangerina. O chão havia sido revestido recentemente com tatames novos e uma fileira dupla de plantas em vasos de cerâmica florescia junto às duas janelas. Em uma cesta grande ao lado da cama, as tangerinas Kyushu (um presente caro de paroquianos da igreja coreana em Osaka) exalavam um perfume maravilhoso. A nova televisão em cores da Sony estava ligada, no volume baixo, enquanto as três mulheres esperavam para assistir ao programa favorito de Yangjin: *Outras Terras*.

Sunja sentara-se no chão ao lado da mãe, que estava recostada o melhor que podia, e Kyunghee estava em seu lugar habitual, do outro lado da cama, perto da cabeceira de Yangjin. Tanto Sunja quanto Kyunghee tricotavam partes de um suéter de lã azul-marinho para Solomon.

Curiosamente, conforme os membros e as articulações de Yangjin foram cedendo, um após o outro, e seus músculos ficaram moles como gelatina, sua mente foi ficando mais clara e mais livre. Ela podia se imaginar deixando o corpo e correndo, rápida como um cervo. No entanto, na realidade, mal conseguia se mover e dificilmente conseguia comer algo que se parecesse com comida. Mas o dividendo inesperado da doença era que, pela primeira vez na vida, talvez desde o momento em que aprendera a andar e realizar tarefas, Yangjin não se sentia compelida a trabalhar. Não podia mais cozinhar, lavar a louça, varrer o chão, costurar, limpar os

banheiros, cuidar das crianças, lavar roupa, preparar comida para vender ou fazer qualquer outra coisa que fosse necessária. Seu trabalho era descansar antes de morrer. A única coisa que tinha a fazer era absolutamente nada. Na melhor das hipóteses, ainda lhe restavam alguns dias de vida.

Yangjin não sabia ao certo o que aconteceria depois que aquilo terminasse, mas acreditava que iria para junto de todos aqueles que haviam morrido antes ou para junto de *Yesu Kuristo* em seu reino. Ela queria voltar a ver o marido, Hoonie; uma vez tinha ouvido um sermão na igreja que dizia que no Céu os coxos podiam andar e os cegos podiam ver. Seu marido se opunha à ideia de Deus, mas ela esperava que, se houvesse um Deus, Ele compreenderia que Hoonie era um bom homem, que já havia suportado o suficiente com as restrições de seu corpo e merecia ficar bem. Sempre que Yangjin tentava falar sobre sua morte, Kyunghee e Sunja mudavam de assunto.

— Então, enviaram o dinheiro para Solomon? — perguntou Yangjin. — Eu queria que vocês enviassem cédulas novas do banco.

— Sim, eu enviei o dinheiro ontem — respondeu Sunja enquanto ajeitava o travesseiro da mãe para que ela pudesse ver melhor a tela da TV.

— Quando ele vai receber? Não tive notícias dele.

— *Umma*, ele vai receber o cartão hoje à noite ou amanhã.

Solomon não havia telefonado para falar com a bisavó naquela semana, mas isso era compreensível. Ele tinha acabado de dar uma grande festa de aniversário, e era Sunja quem o lembrava de escrever uma carta ou telefonar para as pessoas para agradecer ou apenas saber como estavam.

— Provavelmente está ocupado com a escola. Mais tarde ligo para ele.

— Então, o cantor era realmente um artista famoso? — perguntou Yangjin.

Mozasu havia mobiliado a casa e pagava todos os custos de manutenção desde que as mulheres tinham fechado a confeitaria. Yangjin ainda tinha dificuldade para compreender que seu neto

Mozasu tinha tanto dinheiro que podia contratar uma estrela pop para a festa de aniversário do filho.

— Isso deve ser muito caro! Ele é mesmo uma celebridade?

— Bem, foi o que Etsuko disse.

Sunja também queria saber como Solomon estava: ele tinha tirado o cartão de estrangeiro pela primeira vez. Isso a preocupava.

O programa começou e Kyunghee se levantou rapidamente para ajustar a antena. A imagem melhorou. A conhecida música popular japonesa invadiu a sala.

— Para onde será que Higuchi-*san* vai hoje?

Yangjin sorriu de orelha a orelha.

Em *Outras Terras*, a apresentadora, Higuchi-*san*, uma mulher vivaz e de idade indeterminada, com os cabelos tingidos de preto, viajava por todo o mundo entrevistando japoneses que haviam emigrado para outros países. A apresentadora não era uma mulher comum de sua geração: solteira e sem filhos, era uma jornalista experiente, que já tinha viajado o mundo inteiro e era capaz de fazer qualquer pergunta íntima. Diziam que tinha sangue coreano, e só esse boato já era o suficiente para que Yangjin e Kyunghee se identificassem com a coragem e o desejo de viajar de Higuchi-*san*. Elas eram fiéis admiradoras da mulher. Quando ainda dirigiam sua pequena confeitaria, as mulheres corriam para casa assim que fechavam para não perder nem um minuto do programa. Sunja nunca havia se interessado pela atração, mas agora a assistia por causa da mãe.

— Travesseiros! — exclamou Yangjin, e Sunja os ajeitou.

Kyunghee bateu palmas enquanto os créditos de abertura rolavam. Apesar de todas as restrições, sempre esperava que Higuchi-*san* conseguisse ir à Coreia do Norte. Koh Hansu tinha dito a seu marido que seus pais e sogros estavam mortos, mas ela ainda ansiava por ter notícias de casa. Além disso, queria saber se Kim Changho estava a salvo. Não importava quantas histórias tristes ouvisse de outras pessoas cujos parentes haviam voltado, ela não conseguia aceitar que o jovem bonito de óculos grossos tivesse morrido.

Quando a música de abertura terminou, uma voz masculina anunciou que naquele dia Higuchi-*san* estava em Medellín para

conhecer uma impressionante família rural que agora possuía a maior fazenda de criação de galinhas da Colômbia. Higuchi-*san*, vestindo uma capa de chuva de cor clara e seu famoso *boshi* verde, ficou admirada com a decisão da família Wakamura de emigrar para a América Latina no fim do século XIX e os louvou por terem criado tão bem os filhos para que fossem bons japoneses.

— *Minna nihongo hanase-masu!* — A voz de Higuchi-*san* estava cheia de assombro e admiração.

A câmera deu um zoom na *señora* Wakamura, a matriarca, uma mulher minúscula e enrugada que aparentava ser muito mais velha do que sua idade real de sessenta e sete anos. Seus grandes olhos rasgados, enterrados sob camadas de pele dobrada e encarquilhada, pareciam sábios e amáveis. Como os irmãos, ela havia nascido em Medellín.

— As coisas foram muito difíceis para os meus pais, é claro. Eles não falavam espanhol e não sabiam nada sobre galinhas. Meu pai morreu de ataque cardíaco quando eu tinha seis anos, e então minha mãe nos criou sozinha. Meu irmão mais velho ficou aqui com nossa mãe, e nossos outros dois irmãos foram estudar em Montreal, depois voltaram. Minhas irmãs e eu sempre trabalhamos na fazenda.

— Deve ter sido uma tarefa muito, muito difícil! — exclamou Higuchi-*san*, sem fôlego.

— O destino de uma mulher é sofrer — disse a *señora* Wakamura.

— *Soo*, *soo*.

A câmera fez uma tomada panorâmica para mostrar o interior da granja cavernosa, um mar em movimento composto pelas penas brancas de dezenas de milhares de galinhas, com algumas cristas vermelhas brilhantes riscando a massa pálida e esvoaçante.

A pedido de Higuchi-*san*, a *señora* Wakamura listou as tarefas que tinha de executar desde que ficou alta o suficiente para alimentar as galinhas sem ser bicada.

— Como tudo isso deve ter sido difícil — repetiu Higuchi-*san*, tentando não fazer uma careta diante dos odores nauseabundos.

A *señora* Wakamura deu de ombros. Seu estoicismo era inegável enquanto mostrava todo o trabalho envolvido em uma fazenda de

criação de galinhas, incluindo o levantamento de maquinário pesado enquanto andava pelos campos enlameados.

No fim do programa de trinta minutos, Higuchi-*san* pediu à *señora* Wakamura que dissesse algo em japonês aos telespectadores.

A mulher olhou timidamente para a câmera, em seguida desviou o olhar como se estivesse pensando.

— Eu nunca fui ao Japão — disse ela, franzindo o cenho —, mas espero que onde quer que esteja e o que quer que faça na vida, eu possa ser uma boa japonesa. Espero nunca causar vergonha ao meu povo.

Higuchi-*san* ficou com os olhos cheios de lágrimas e se despediu. Enquanto os créditos finais rolavam, o locutor disse que Higuchi-*san* estava agora se dirigindo ao aeroporto, rumo ao próximo destino de *Outras Terras*.

— Até os compatriotas se encontrarem novamente! — disse o locutor, animado.

Sunja se levantou e desligou a televisão. Ela queria ir para a cozinha ferver um pouco de água para o chá.

— *Go-saeng* — disse Yangjin em voz alta. — O destino de uma mulher é sofrer.

— Sim, *go-saeng* — concordou Kyunghee, repetindo a palavra para “sofrer”.

Durante toda a vida, Sunja tinha ouvido aquilo de outras mulheres, que elas deveriam sofrer: sofrer quando meninas, sofrer como esposas, sofrer como mães, morrer sofrendo. *Go-saeng*, essa palavra a deixava nauseada. O que mais havia além disso? Ela tinha sofrido para dar uma vida melhor a Noa, e ainda assim não fora o suficiente. Deveria ter ensinado o filho a sofrer as humilhações que ela havia bebido como água? No fim, ele tinha se negado a sofrer por causa das condições de seu nascimento. As mães falhavam ao não dizer aos filhos que o sofrimento viria?

— Você está triste por causa de Noa — disse Yangjin. — Eu sei. Só pensa nele. Primeiro foi Koh Hansu, e agora é Noa. Você está sofrendo porque se apaixonou por aquele homem horrível. Uma mulher não pode cometer um erro assim.

— O que eu deveria ter feito? — retrucou Sunja, e na mesma hora se arrependeu.

Yangjin deu de ombros, quase em uma imitação cômica da criadora de galinhas.

— Você envergonhou seu filho ao dar a ele aquele homem como pai. Causou seu próprio sofrimento. Noa, aquele pobre garoto, veio de uma semente ruim. Teve sorte por Isak ter se casado com você. Que bênção foi aquele homem! Mozasu veio de um sangue melhor, por isso teve tanta sorte no trabalho.

Sunja cobriu a boca com ambas as mãos. Dizia-se com frequência que as mulheres idosas falavam demais e diziam bobagens, mas parecia que a mãe tinha guardado aqueles pensamentos especialmente para ela. Era como uma espécie de herança mesquinha que ela havia planejado lhe deixar. Sunja não podia discutir com a mãe. De que adiantaria?

Yangjin franziu os lábios, em seguida inspirou profundamente pelo nariz.

— Aquele homem era mau.

— *Umma*, ele a trouxe para cá. Se não a tivesse trazido...

— É verdade que ele me trouxe para cá, mas ainda assim era um homem horrível. Você não pode mudar isso. Aquele pobre garoto não tinha a menor chance — cortou Yangjin.

— Se Noa não tinha a menor chance, então por que eu sofri? Por que eu deveria ter tentado? Se sou tão tola, se cometi erros imperdoáveis, será que parte da culpa não é sua? — questionou Sunja. — Eu não, eu não... eu não vou culpá-la.

Kyunghee olhou para Yangjin, suplicante, mas a velha parecia alheia a suas súplicas silenciosas.

— Yangjin — disse Kyunghee gentilmente —, quer que eu pegue alguma coisa para você beber?

— Não. — Ela se virou para Sunja, apontando para Kyunghee. — Ela tem sido melhor para mim do que minha própria família. Ela se importa mais comigo do que você. Você só se importa com Noa e Mozasu. Só voltou quando soube que eu ia morrer, mas não se preocupa comigo. Não se importa com mais ninguém além dos seus filhos! — gritou.

Kyunghee tocou o braço de Yangjin com delicadeza.

— Isso não é verdade. Sunja teve que cuidar de Solomon. Você sabe disso. Você mesma disse isso muitas vezes. E Mozasu

precisou da ajuda da mãe depois da morte de Yumi — disse ela calmamente. — Sunja sofreu muito. Especialmente depois que Noa... — Kyunghee mal conseguia pronunciar o nome dele. — E você, você teve tudo o que precisava aqui, certo?

Yangjin tentou soar o mais apaziguadora possível.

— Sim, sim, você sempre fez o melhor por mim. Eu gostaria que Kim Changho tivesse ficado no Japão. Então ele teria se casado com você depois da morte do seu marido. Eu me preocupo com quem vai cuidar de você depois que eu morrer. Sunja-*ya*, você deve cuidar de Kyunghee. Ela não pode ficar aqui sozinha. *Aigoo*, se Kim Changho não tivesse corrido para o Norte, onde provavelmente morreu. *Aigoo*. O pobre homem provavelmente morreu por nada.

Kyunghee se contorceu.

— *Umma*, seu remédio está fazendo você dizer coisas sem sentido — disse Sunja.

— Kim Changho só foi para a Coreia porque não podia se casar com a nossa Kyunghee e não aguentou mais sofrer enquanto esperava — disse Yangjin, depois de parar de chorar. Era como assistir a uma criança cujas lágrimas podiam parar conforme sua vontade. — Ele era muito melhor do que Yoseb. Depois do acidente, Yoseb virou um bêbado, mas Kim Changho era um homem de verdade. Ele teria feito nossa maravilhosa Kyunghee feliz, mas agora está morto. Pobre Kim Changho. Pobre Kyunghee.

Ao ver a expressão chocada de Kyunghee, Sunja disse com firmeza:

— *Umma*, você deveria dormir. Nós vamos deixá-la descansar. Deve estar cansada. Vamos lá, vamos para a sala dos fundos terminar o tricô — disse Sunja enquanto ajudava Kyunghee a se levantar. Ao chegar à porta, ela apagou a luz.

— Eu não estou cansada! Você vai embora de novo, não vai? Quando as coisas ficam difíceis, é mais fácil ir embora. Tudo bem. Vou morrer agora, assim não terá que ficar aqui e poderá voltar correndo para o seu precioso Mozasu! Eu não fui um fardo para você nem um único dia da minha vida. Até não poder mais me mover, todos os minutos que passei aqui trabalhei para me sustentar. Nunca gastei um iene acima do que precisava para comer

e para pôr um teto sobre nossas cabeças. Sempre cumpri a minha parte, você sabe. Eu a criei depois que seu bondoso pai morreu...

Ao mencionar o marido, Yangjin voltou a chorar e Kyunghee correu para ela, pois não conseguia vê-la tão infeliz.

Sunja observou Kyunghee abraçar delicadamente a mãe até que ela se acalmasse. Ela não a reconhecia. Teria sido fácil dizer que a doença a havia mudado, mas não era tão simples, era? A doença e a morte haviam revelado seus pensamentos mais verdadeiros, aqueles dos quais ela havia protegido a filha. Sunja tinha cometido um erro, mas não acreditava que o filho tivesse vindo de uma semente ruim. Os japoneses diziam que os coreanos tinham muita raiva e paixão no sangue. Sementes, sangue... Como lutar contra ideias tão absurdas? Noa era um rapaz sensível que acreditava que, se seguisse todas as regras e fosse o melhor, de alguma forma o mundo deixaria de ser hostil. A morte dele talvez tivesse sido culpa dela, por ter permitido que o filho acreditasse em ideais tão cruéis.

Sunja se ajoelhou junto à cama da mãe.

— Sinto muito, *umma*. Eu sinto muito. Sinto muito por ter me afastado. Me perdoe por tudo.

A velha olhou para a única filha, de repente odiando a si mesma. Queria dizer a ela que também sentia muito, mas a força havia abandonado seu corpo, forçando-a a fechar os olhos.



13

— Você não é cristão, é? — perguntou Hana a Solomon.

Ela estava sentada ao lado dele no banco. O pastor tinha acabado de fazer a eulógia de sua bisavó, e o organista começou a tocar “Temos um amigo em Jesus”. O funeral terminaria após a música e uma oração de encerramento.

Solomon tentou silenciar Hana educadamente, mas, como sempre, a garota foi insistente.

— Isso é como uma seita, *nee*? Mas vocês não fazem nada interessante como ficar nus ao ar livre em grupo ou sacrificar bebês? Eu li que os verdadeiros cristãos fazem coisas assim nos Estados Unidos. Mas vocês não parecem ser como eles. Como é rico, provavelmente tem que doar grande parte do seu dinheiro, certo?

Hana estava sussurrando em japonês com os lábios perto de sua orelha, e Solomon fez uma cara séria, como se estivesse tentando se concentrar. Podia sentir o cheiro do brilho labial de morango dela.

Ele não sabia como responder. Alguns japoneses realmente acreditavam que o cristianismo era uma seita. Seus amigos da escola, que eram estrangeiros, não viam as coisas dessa maneira, mas ele não conhecia muitos japoneses que fossem cristãos.

Hana o cutucou nas costelas com o dedo mindinho esquerdo enquanto olhava para o coro à frente deles, que cantava o hino favorito de sua bisavó. Ela costumava cantarolá-lo com frequência.

Como todos em sua família, Solomon era cristão. Seu avô paterno, Baek Isak, fora um dos primeiros pastores presbiterianos de Osaka. Quando Solomon era pequeno, as pessoas na igreja se referiam a seu avô como um mártir, porque ele havia sido preso por causa de sua fé e morrido depois de ser libertado. Sunja, Mozasu e Solomon iam ao culto todos os domingos.

— Está quase acabando, *nee*? Eu preciso de uma cerveja, Solomon. Vamos? Eu fui uma boa menina, fiquei sentada aqui durante toda essa coisa.

— Hana, ela era minha bisavó — disse ele por fim.

Solomon se lembrava dela como uma senhora amável que cheirava a óleo de laranja e biscoitos. Não falava muito japonês, mas sempre tinha guloseimas e moedas para ele nos bolsos do colete azul-escuro.

— Deveríamos ser mais respeitosos.

— Sua bisavó agora está no Céu. Não é isso que os cristãos dizem?

Hana imitou um rosto pacífico.

— Seja como for, ela está morta.

— Bem, você não parece muito chateado. Sua avó Sunja também não parece muito triste — sussurrou ela. — Enfim, você é cristão, certo?

— Sim, eu sou cristão. Por que se importa tanto?

— Quero saber o que acontece depois que morremos. O que acontece com os bebês que morrem?

Solomon não sabia o que responder.

Depois do aborto, Hana foi morar com a mãe. Ela havia se recusado a voltar para Hokkaido e passava os dias no restaurante de Etsuko, entediada e irritada com tudo. Não conseguia acompanhar as aulas em inglês na escola de Solomon, detestava os adolescentes de sua idade e se negava a frequentar a escola local. Etsuko estava tentando descobrir o que fazer com ela, mas, nesse meio-tempo, Hana tinha decidido que Solomon seria seu projeto e o seguia em todas as oportunidades.

Como todo mundo, Solomon achava que Hana era excepcionalmente bonita, mas Etsuko havia alertado que a filha era problemática e que ele deveria sair com as garotas de sua escola.

— Finalmente! A oração acabou. Vamos, vamos dar o fora agora, antes que as saídas fiquem congestionadas.

Hana lhe deu uma leve cotovelada, em seguida o puxou para que se levantasse, e Solomon deixou que ela o levasse para fora do prédio.

* * *

No beco bem iluminado atrás da igreja, Hana apoiou as costas e uma das pernas flexionada contra a parede. Ela estava fumando um cigarro. Mais uma vez, perguntou por que não podiam ir comprar cerveja.

Em sua escola, havia adolescentes que bebiam, mas Solomon não gostava muito do sabor, e seus amigos sempre se metiam em problemas quando ficavam bêbados. O pai não teria ficado bravo com ele por causa de algo assim e, de certa forma, Solomon se sentia livre para dizer não aos amigos porque não era importante. Mas era difícil dizer não a Hana, porque ela era implacável quando queria algo. Hana achava que ele era careta demais.

Ela deu uma tragada profunda no cigarro, fazendo um biquinho adorável ao expelir a fumaça.

— Nada de cerveja. Respeita o funeral da bisavó. Nunca tem raiva do pai. Ah, Solomon, você deveria ser pastor.

Ela uniu as mãos em oração e fechou os olhos.

— Eu não vou ser pastor. Mas o que devo fazer quando for adulto? — perguntou ele.

Um garoto mais velho da escola tinha dito a seu grupo de amigos que todas as mulheres são putas e todos os homens, assassinos. Disse que as garotas se preocupam com seu futuro emprego porque querem se casar com caras ricos.

— Eu não sei, pastor *Pachinko*. — Ela riu. — Ei, os cristãos não podem transar antes do casamento, certo?

Solomon abotoou o paletó. Estava frio do lado de fora, e seu casaco ainda estava pendurado no armário do corredor no andar de cima.

— Você ainda é virgem — disse ela, sorrindo. — Eu sei. Não tem problema. Você só tem catorze anos. Quer fazer?

— O quê?

— Comigo. Eu posso fazer, sabe. — Ela tragou o cigarro novamente, de maneira ainda mais sugestiva. — Já fiz. Muitas vezes. Sei do que você vai gostar.

Hana segurou o nó da gravata que o pai havia ajeitado para ele naquela manhã e em seguida o soltou lentamente.

Solomon se recusou a olhar para o rosto dela.

A porta dos fundos da igreja se abriu lentamente. Etsuko acenou para eles do umbral.

— Está frio. Por que não entram? Solomon, você deveria estar com seu pai, para cumprimentar os convidados, não acha?

Solomon notou a inquietude na voz de Etsuko. Hana jogou o cigarro fora e o seguiu para dentro.

* * *

Durante a recepção, Hana continuou a perseguir Solomon. Pediu que ele adivinhasse o tamanho de seu sutiã. Solomon não fazia ideia, mas agora estava pensando nos seios dela.

Os presentes, a maioria idosos, os deixaram em paz, então os dois perambularam pelo salão.

— Vamos comprar cerveja no 7-Eleven. Podemos beber na minha casa. Ou podemos ir ao parque.

— Não estou a fim de beber cerveja.

— Talvez esteja a fim de uma boceta.

— Hana!

— Ah, pare com isso. Você gosta de mim. Eu sei.

— Por que tem que falar assim?

— Porque eu não sou uma boa menina e porque você não quer transar com uma boa menina. Especialmente na primeira vez. Ninguém quer. Não quero me casar com você, Solomon. Não preciso do seu dinheiro.

— Do que está falando?

— Vá se foder — disse Hana, e se afastou dele.

Solomon a alcançou e a segurou pelo braço.

Hana dirigiu ao garoto um sorriso frio. Era como se ela tivesse se tornado outra pessoa. Estava usando um vestido de lã azul-marinho com um colarinho branco arredondado que a fazia parecer mais jovem do que Solomon.

Sua avó Sunja apareceu.

— *Halmoni* — disse Solomon, aliviado ao vê-la.

Ele ficava excitado quando estava perto de Hana, mas ela também o deixava nervoso e assustado. Na presença dela, parecia

mais seguro ter um adulto por perto. No dia anterior, ele a havia flagrado roubando um pacote de biscoitos de chocolate no *conbini*. Quando ela saiu da loja, Solomon se deteve para dar o dinheiro dos biscoitos ao balconista, pois temia que o rapaz tivesse problemas. Nos negócios do pai, quando faltavam itens, os funcionários responsáveis eram demitidos de imediato.

Sunja sorriu. Tocou o braço de Solomon como se quisesse acalmá-lo. Ele parecia atordoado.

— Você está muito bonito com esse terno.

— Esta é Hana — disse Solomon, e Hana curvou-se formalmente diante dela.

Sunja acenou com a cabeça. A menina era muito bonita, mas tinha um queixo desafiador.

Ela estava indo falar com Mozasu, mas ficou receosa de deixar Solomon com a garota bonita.

— Vejo você em casa mais tarde? — perguntou ela.

Solomon assentiu.

Assim que Sunja se virou na outra direção, a garota o levou para fora do prédio.

* * *

Koh Hansu caminhava com uma bengala. Quando viu Sunja andando pelo salão de recepção, ele a chamou.

Sunja ouviu sua voz, aquilo era demais.

— Sua mãe era uma mulher forte. Sempre achei que ela era mais forte do que você.

Sunja o encarou. Minutos antes de morrer, a mãe tinha dito que aquele homem havia arruinado sua vida, mas será que era verdade? Ele lhe dera Noa. Se não tivesse engravidado, não teria se casado com Isak e, sem Isak, não teria Mozasu e agora seu neto, Solomon. Ela não queria mais odiá-lo. O que José disse aos irmãos, que o venderam como escravo, quando os encontrou novamente? “Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem, para que hoje fosse preservada a vida de muitos.” Isso fora algo que Isak lhe ensinara quando ela perguntou sobre o mal no mundo.

— Eu vim ver se você está bem. Se está precisando de alguma coisa.

— Obrigada.

— Minha esposa faleceu.

— Sinto muito.

— Eu não podia me divorciar porque o pai dela era meu chefe. Ele me adotou.

Já fazia um tempo que Mozasu explicara a ela que, depois que o sogro de Hansu se aposentou, ele se tornara o chefe da segunda família *yakuza* mais poderosa de toda Kansai.

— Não precisa me explicar nada. Você e eu não temos nenhum assunto em comum. Obrigada por ter vindo hoje.

— Por que você tem que ser tão fria? Eu pensei que se casaria comigo agora.

— O quê? Estamos no funeral da minha mãe. Por que você continua vivo e meu Noa se foi? Eu não pude nem sequer ir ao funeral do meu filho...

— Ele era meu único...

— Não, não, não. Ele era meu filho. Meu.

Sunja marchou para a cozinha, deixando-o apoiado na bengala. Ela não parava de soluçar e, quando a viram, as mulheres a abraçaram. Uma mulher que ela não conhecia acariciou suavemente suas costas. Elas pensavam que Sunja estava chorando pela mãe.



14

Yokohama, 1980

Solomon nunca tinha estado com ninguém e foi muito excitante. Hana tinha experiência e o ensinou a pensar em outras coisas e fechar os olhos se ficasse muito excitado, porque era importante que ele esperasse até ela ter terminado. As garotas não iam querer transar com ele de novo se gozasse em um minuto, explicou ela. Solomon fazia tudo o que Hana mandava, não apenas porque a admirava, mas porque queria fazê-la feliz. Ele teria feito quase qualquer coisa para fazê-la rir, porque, embora fosse inteligente, apaixonante e quase insuportavelmente bonita, também era melancólica e inquieta. Não conseguia ficar parada, não suportava passar um dia que fosse sem beber. O sexo também era importante para ela, então durante seis meses Hana o transformou em seu amante ideal, mesmo que ele ainda não tivesse completado quinze anos. Ela tinha quase dezessete.

Tudo começou depois do funeral de Yangjin. Hana comprou cerveja, e eles foram para o apartamento de Etsuko. Ela tirou o vestido e a blusa, em seguida tirou as roupas dele. Levou-o para a cama, colocou uma camisinha em seu pênis e mostrou-lhe o que fazer. Solomon ficou maravilhado com o corpo dela, e sua felicidade divertiu Hana. Ela não ficou irritada por ele ter gozado imediatamente, pois era o esperado, mas, depois que ele gozou, deu início às lições.

Quase todos os dias, eles se encontravam na casa de Etsuko e faziam amor várias vezes. A mãe de Hana nunca estava em casa, e Solomon dizia à avó que ia sair com os amigos. Ele voltava para casa a tempo do jantar, porque o pai o esperava à mesa, e ela costumava ir ao restaurante de Etsuko para comer.

Depois de estar com Hana, Solomon se sentia diferente. Sentia-se mais velho e mais seguro em relação à vida. Ainda era um menino, sabia disso, mas começou a pensar em como seria ficar com ela o tempo todo, não apenas depois da escola e durante os

intervalos. Quando estava na escola, se dedicava ao máximo para poder ficar com ela sem se preocupar com as tarefas de casa. Seu pai esperava boas notas, e Solomon era bom aluno. Quando não estava com Hana, imaginava o que ela estaria fazendo. Muitas vezes, temia perdê-la para um garoto mais velho, mas ela dizia que não havia nada com que se preocupar.

Etsuko e Mozasu não sabiam que os filhos estavam dormindo juntos, e Hana disse a Solomon que eles nunca deveriam saber.

— Eu sou sua garota secreta e você é meu garoto secreto, *nee*? — disse a ele.

Certa tarde, cerca de quatro meses depois que tudo começou, Solomon foi ao apartamento e encontrou Hana esperando por ele vestindo lingerie cor da pele e salto alto. Ela parecia uma pequena página central da *Playboy*.

— Tem dinheiro, Solomon? — perguntou.

— Sim, claro. Por quê?

— Eu quero que me dê. Tenho que comprar coisas para deixá-lo excitado. Coisas como estas. São bonitas, *nee*?

Solomon tentou abraçá-la, mas ela estendeu delicadamente a mão esquerda.

— O dinheiro, por favor.

Solomon pegou a carteira e sacou uma nota de mil ienes.

— Por que precisa do dinheiro? — perguntou ele.

— Porque sim. Tem mais?

— Uh, claro.

Solomon pegou a nota de emergência de cinco mil ienes que mantinha dobrada na carteira, atrás da fotografia da mãe. Seu pai dizia que ele sempre tinha que ter algum dinheiro para o caso de surgir um imprevisto.

— Dê para Hana-*chan*, por favor.

Solomon entregou o dinheiro a Hana, que a colocou na mesa junto à nota de mil ienes.

Em seguida, ela caminhou lentamente até a prateleira onde estava o rádio e passeou pelos canais até encontrar uma música pop da qual gostava. Inclinou-se e começou a balançar os quadris no ritmo da música, certificando-se de que ele a estava observando. Solomon foi até ela, que se virou e desabotoou o jeans dele. Sem

dizer uma palavra, ela o empurrou para a poltrona e se ajoelhou. Solomon nunca sabia o que Hana ia fazer.

Ela deslizou as alças do sutiã de renda sobre os ombros e colocou os seios para fora dos pequenos bojos para que ele visse seus mamilos. Solomon tentou tocá-los, mas ela deu um tapa em sua mão. Com as mãos no traseiro dele, começou a chupá-lo.

Quando terminou, ele viu que ela estava chorando.

— Hana-*chan*, o que houve?

— Vá para casa, Solomon.

— O quê?

— Você gozou.

— Eu vim para vê-la. O que está acontecendo?

— Vá para casa, Solomon! Você não passa de um moleque que quer transar. Eu preciso de dinheiro, e isso não é suficiente. O que vou fazer?

— Do que está falando?

— Vá para casa e faça seu dever de casa. Vá jantar com seu pai e sua avó! Vocês são todos iguais. Eu sou apenas uma filha de pais divorciados. Você acha que eu não sou nada. Acha que sou uma fracassada porque minha mãe era a vadia da cidade.

— Do que você está falando? Por que está chateada comigo? Eu não acho nada disso, Hana. Eu nunca acharia isso. Você pode vir comigo até minha casa. Pensei que fosse para o restaurante da sua mãe depois que eu fosse embora.

Hana cobriu os seios e foi ao banheiro pegar o roupão e voltou, vestindo uma *yukata* vermelha. Ficou calada, em seguida disse a ele para arranjar mais dinheiro e voltar no dia seguinte.

— Hana, somos amigos, *nee*? Eu a amo. Pode ficar com todo o meu dinheiro. Tenho dinheiro em casa, dinheiro que ganhei de aniversário, mas minha avó guarda para mim em sua cômoda. Não dá para pegar tudo de uma vez. Para que precisa de dinheiro?

— Eu tenho que ir embora, Solomon. Não posso mais ficar aqui. Tenho que ser independente.

— Por quê? Não. Você não pode ir.

Solomon passava dias e noites pensando no que poderia trabalhar para que os dois pudessem viver juntos. Eles eram jovens demais para se casar, mas ele achava que, depois de terminar a

escola, poderia arranjar um emprego e cuidar dela. Ele queria se casar com ela. Certa vez, Hana dissera que, se um dia se casasse, nunca se divorciaria, porque não seria capaz de fazer isso com os filhos. Os irmãos e ela tinham sido tratados pior do que leprosos depois que a mãe foi embora, ela contou. Mas o pai queria que ele fosse para a faculdade nos Estados Unidos. Como poderia deixá-la para trás? Solomon se perguntou se ela iria com ele. Poderiam se casar depois que se formasse.

— Solomon, eu vou para Tóquio ter uma vida de verdade. Não vou ficar neste apartamento esperando que um garoto de quinze anos venha me foder.

— O quê?

— Tenho que fazer algo da minha vida. Yokohama é uma cidade horrível, e prefiro morrer a voltar para Hokkaido.

— E aquela escola que sua mãe encontrou?

— Não posso ir para a escola. Eu não sou inteligente como você. Quero aparecer na televisão, como aquelas garotas nas séries, mas não sei atuar. Também não sei cantar. Minha voz é horrível.

— Talvez você possa aprender a atuar e cantar. Não existem escolas para isso? Não podemos pedir à sua mãe que a matricule em uma delas?

Hana se iluminou por um momento, em seguida pareceu desapontada outra vez.

— Ela ia achar uma tolice. Não me ajudaria. Não para isso. Além do mais, eu não sei ler bem e para ser atriz é preciso ler as falas e decorá-las. Uma vez vi uma atriz muito boa sendo entrevistada na televisão, e ela disse que trabalha muito duro lendo e decorando. Eu não sou boa em nada... exceto sexo. Mas o que vou fazer quando não for mais bonita?

— Você sempre será linda, Hana.

Ela riu.

— Não, bobo. As mulheres perdem a beleza rapidamente. Minha mãe já está velha. É melhor ela ficar com seu pai, porque não vai arrumar nada melhor.

— Por que não trabalha para sua mãe?

— Não, prefiro morrer. Odeio o cheiro de *shoyu* e óleo no meu cabelo. É nojento. Não consigo me imaginar trabalhando o dia

inteiro para clientes gordos e preguiçosos que se queixam de tudo. Ela também odeia os clientes. É uma hipócrita.

— Etsuko não é assim.

— Você diz isso porque não a conhece.

Solomon acariciou seus cabelos, e Hana abriu o roupão e tirou a calcinha.

— Consegue fazer agora? De novo? — perguntou ela. — Preciso senti-lo dentro de mim, sabe? É sempre melhor na segunda vez, porque dura mais.

Solomon a tocou e conseguiu.

* * *

Todos os dias, ela pedia dinheiro, e todos os dias ele lhe dava parte do dinheiro que havia ganhado de aniversário, até não restar mais nada. Sempre que ia vê-la, ela queria experimentar coisas novas, mesmo que a machucassem muito, porque dizia que tinha que aprender bem. Mesmo que ele não gostasse de algumas coisas, Hana o obrigava a praticar e desempenhar determinados papéis. Ela aprendeu a gemer e a falar como as garotas dos filmes pornô. Uma semana depois que o dinheiro acabou, Solomon achou um bilhete que ela havia escondido em seu estojo: “Um dia, você vai encontrar uma garota realmente boa, alguém diferente de mim. Prometo. Mas foi divertido, *nee*? Eu sou sua flor impura, Soro-*chan*.” Naquela tarde, Solomon correu para o apartamento de Etsuko e descobriu que ela tinha ido embora. Só voltou a vê-la três anos depois, quando ela o encontrou em um famoso *unagiya* em Tóquio para lhe dar um suéter antes de ele ir para a faculdade em Nova York.



15

Nova York, 1985

— Onde você está? — perguntou Solomon em japonês. — Sua mãe não sabe onde você está. Todos estão preocupados.

— Eu não quero falar dela — respondeu Hana. — Então, você tem uma namorada agora?

— Sim — respondeu Solomon sem pensar. — Hana, você está bem?

Por mais que tivesse bebido, ela costumava parecer sóbria.

— Conte-me sobre ela. Ela é japonesa?

— Não.

Solomon queria que Hana continuasse na linha. Depois de deixar o apartamento de Etsuko, cerca de cinco anos antes, ela iniciou uma longa série de trabalhos como acompanhante em bares de Tóquio, recusando-se a revelar a quem quer que fosse onde morava. Etsuko não sabia mais o que fazer — tinha contratado um detetive, mas não teve muita sorte em localizá-la.

— Hana, me diga onde você está e, por favor, ligue para sua mãe.

— Cale a boca, universitário. Ou então eu desligo.

— Ô, Hana. Por quê? — perguntou ele sorrindo, pois sentia falta até da petulância dela. — Por que você é tão difícil, Hana-*chan*?

— E por que você está tão longe?

Hana se serviu de uma dose pequena de vinho, e Solomon ouviu o barulho do líquido sendo despejado na taça. Era manhã em Tóquio, e ela estava sentada no chão do apartamento minúsculo em Roppongi que dividia com outras três acompanhantes. Duas estavam dormindo depois de um porre de uísque na noite anterior, e a terceira ainda não tinha voltado para casa depois de um encontro.

— Sinto sua falta, Solomon. Sinto falta do meu velho amigo. Você foi meu único amigo. Sabia disso?

— Você está bebendo. Está tudo bem?

— Eu gosto de beber. Beber me deixa feliz. Sou muito boa em beber. — Ela riu e engoliu um pouco de vinho. Queria que a garrafa durasse. — Eu sou boa em beber e foder. *Soo desu nee*.

— Pode, por favor, me dizer onde está?

— Estou em Tóquio.

— Ainda trabalha em um clube noturno em Roppongi?

— Sim, mas em outro. Você não sabe qual. — Havia sido demitida duas noites antes, mas sabia que arranjaria outro emprego. — Eu sou uma excelente acompanhante.

— Tenho certeza de que você seria excelente no que quer que decidisse fazer.

— Você não aprova o meu trabalho, mas eu não ligo. Eu não sou prostituta. Sirvo bebidas, converso com homens incrivelmente chatos e faço com que se sintam fascinantes.

— Eu não disse que não aprovava.

— Mentiroso.

— Hana-*chan*, por que não vai para a faculdade? Eu acho que você gostaria da universidade. Você é mais inteligente do que a maioria dos alunos daqui. Talvez possa estudar nos Estados Unidos. Pode aprender inglês primeiro, depois se inscrever em uma faculdade daqui. Sua mãe e meu pai pagariam. Você sabe.

— Por que não termino o ensino médio primeiro? — retrucou Hana com amargura. — Espere, sua namorada está com você agora?

— Não, mas eu tenho que sair para encontrá-la em alguns minutos. Preciso desligar.

— Não, você não vai encontrá-la, Solomon. Vai continuar falando comigo porque é meu velho amigo, e quero falar com meu velho amigo. Pode cancelar o encontro? Eu ligo de volta.

— Eu ligo para você. Sim, vou cancelar, depois ligo para você.

— Eu não vou lhe dar meu número. Cancele com a sua namorada, e eu ligo daqui a cinco minutos.

— Você está bem, Hana?

— Por que não diz que também sente minha falta, Solomon? Você costumava sentir desesperadamente a minha falta. Não se lembra?

— Sim, eu me lembro de tudo.

Quando se encontraram para almoçar depois de três anos sem se ver, ela lhe deu um suéter de caxemira vermelho da Burberry como presente de formatura.

— Faz muito frio em Manhattan, *nee*? O suéter é vermelho e quente, ardente como nosso amor.

Mas durante a refeição ela não se aproximou dele. Nem sequer tocou seu braço. Hana tinha um cheiro maravilhoso, uma mistura de jasmim e sândalo.

— Como eu poderia esquecê-la? — disse Solomon baixinho.

Phoebe chegaria em alguns minutos. Ela tinha a chave do quarto dele.

— Ah, agora sim. Aí está o meu Solomon. Eu sei quando tem fome de mim.

Solomon fechou os olhos. Ela estava certa: aquilo era como a fome. Quando Hana o deixou, ele sentiu uma dor quase física e não encontrou palavras para descrever sua partida. Amava Phoebe, mas não era o mesmo que sentia por Hana.

— Hana-*chan*, tenho que desligar agora, mas posso telefonar mais tarde? Pode me dar seu número, por favor?

— Não, Solomon. Não vou lhe dar o meu número. Eu ligo quando quiser falar com você. Você não me liga. Ninguém me liga.

— E você pode ir embora quando quiser ir embora — disse ele.

— Sim, eu vou embora quando quero, mas, Solomon, você nunca vai se cansar de mim, porque nunca pedirei nada a você. Exceto hoje. Hoje quero que fale comigo até eu dormir. Não consigo mais dormir, Solomon. Não sei por quê, mas não consigo mais dormir. Hana-*chan* está muito cansada.

— Por que não deixa sua mãe ajudá-la? Eu estou em Nova York. Você se recusa a me dar seu número. Como vou ajudá-la a...

— Eu sei, eu sei, você está estudando e se tornando um homem de negócios internacional! É isso que seu papai rico quer, e Solomon é um bom menino que vai deixar seu papai-*pachinko* orgulhoso!

— Hana, você precisa ter cuidado com a bebida, *nee*?

Ele tentou parecer calmo. Se parecesse zangado, ela desligaria.

A porta se abriu e era Phoebe, que parecia feliz a princípio, mas então ficou confusa ao ver que ele estava ao telefone. Solomon

sorriu e fez um gesto para que ela se sentasse a seu lado. No quarto do alojamento havia apenas uma cama estreita e uma escrivaninha, mas ele tinha sorte de ter um quarto individual. Colocou o dedo sobre os lábios e Phoebe perguntou, sem emitir nenhum som, se deveria ir embora. Ele fez uma pausa e balançou a cabeça negativamente.

— Vai cancelar com sua namorada e me ajudar a dormir? — perguntou Hana. — Se estivesse aqui, você me foderia, e eu adormeceria em seus braços. Nunca tivemos a oportunidade de dormir na mesma cama, porque você ainda era um menino. Agora tem vinte anos. Eu quero chupar seu pau de homem.

— O que você quer que eu faça, Hana? Como posso ajudá-la?

— So-lo-mon-Ul-tra-man. Você deveria cantar. Deveria cantar para mim. Você sabe, a música sobre os raios de sol. Eu gosto daquela canção infantil sobre os raios de sol.

— Eu canto se você me der seu número de telefone.

— Você tem que me prometer que não vai dar o número para minha mãe.

— Tudo bem. Qual é? — Solomon anotou os números no verso de seu livro de macroeconomia. — Vou desligar e ligo de volta em alguns segundos, está bem?

— Tudo bem — respondeu ela, com a voz fraca. Já havia terminado a segunda garrafa. Sentia-se desperta, mas pesada, como se seus membros estivessem encharcados. — Vou desligar. Me ligue. Quero ouvi-lo cantar.

Quando ele desligou, Phoebe perguntou:

— Ei, o que está acontecendo?

— Um minuto, só um minuto. Eu vou explicar.

Ele ligou para o pai, e Mozasu atendeu.

— Pai, este é o número da Hana. Eu acho que ela não está bem. Consegue descobrir onde ela está apenas com esse número? Pode falar com Haruki ou com o detetive particular de Etsuko? É melhor eu desligar. Tenho que ligar para ela agora. Ela parecia estar bêbada ou drogada.

Solomon discou o número. Era de um restaurante chinês em Roppongi.

* * *

Phoebe tirou o sobretudo, despiu-se e deitou-se na cama. Os cabelos escuros se espalharam ao redor da clavícula pálida.

— Quem era?

— Hana. Filha da minha madrasta.

— O que a torna sua irmã adotiva? Aquela que trabalha como prostituta.

— Ela não é prostituta. É acompanhante.

— Elas fazem sexo por dinheiro, certo?

— Não. Nem sempre. Às vezes. Depende.

— Bem, nossa, isso faz uma grande diferença. Mais uma vez, você me esclareceu sobre um dos aspectos mais sutis da cultura japonesa. Obrigada.

O telefone tocou e Solomon correu para atender. Dessa vez era Etsuko.

— Solomon. O número. Era de um restaurante chinês.

— Sim, sinto muito. Mas falei com ela, Etsuko. Ela estava muito bêbada. Disse que está trabalhando em outro clube. Sua antiga madame não disse nada sobre onde ela está agora?

— Não conseguimos descobrir nada. Ela foi demitida de outros dois lugares. Toda vez que chegamos perto, ela é demitida por beber demais.

— Se souber de alguma coisa, eu a aviso imediatamente, está bem?

— Já é noite aí, *nee*?

— *Hai*. Hana disse que não conseguia dormir. Eu fiquei com medo de ela estar bebendo e tomando anfetaminas. Fiquei sabendo que as garotas costumam fazer isso nos clubes.

— É melhor você ir dormir, Solomon. Mozasu disse que você está indo bem na faculdade. Estamos orgulhosos de você — disse ela. — Boa noite, Solomon-*chan*.

* * *

Phoebe sorriu.

— Então você perdeu a virgindade com sua irmã adotiva prostituta e agora ela está com problemas.

— Quanta compaixão.

— É bastante liberal e tolerante da minha parte não ficar chateada por sua ex estar ligando para você bêbada, sendo ela uma profissional do sexo. Ou estou muito segura do meu valor, ou estou muito segura do nosso relacionamento, ou simplesmente ignoro que você vai me fazer sofrer quando voltar para uma donzela problemática que eu sei que está interessado em salvar.

— Eu não posso salvá-la.

— Você acabou de tentar e fracassou, porque ela não quer sua ajuda. Ela quer morrer.

— O quê?

— Sim, Solomon. Essa garota quer morrer. — Ela afastou as mechas de cabelo da testa dele e o encarou carinhosamente. Em seguida o beijou na boca. — Há muitas jovens problemáticas neste mundo. Não podemos salvar todas elas.

* * *

Hana não ligou mais. Meses depois, Etsuko descobriu que ela estava trabalhando em um *toruko-buro* de Kabukicho, onde dava banho em homens por dinheiro. O detetive informou a que horas terminava seu turno, e Etsuko esperou por ela do lado de fora do prédio. Várias garotas surgiram, e Hana foi a última a sair. Etsuko não conseguia acreditar no quanto a filha havia envelhecido. O detetive tinha explicado que talvez não a reconhecesse, porque ela pareceria muito mais velha. O rosto de Hana estava seco e enrugado. Ela não usava maquiagem e suas roupas não pareciam limpas.

— Hana — chamou Etsuko.

Hana a viu e saiu andando na direção oposta.

— Me deixe em paz.

— Hana, ah, por favor, Hana.

— Vá embora.

— Hana, podemos esquecer tudo isso. Começar de novo. Eu não deveria ter tentado forçá-la a voltar a estudar. Sinto muito.

— Não.

— Você não precisa trabalhar aqui. Eu tenho dinheiro.

— Eu não quero o seu dinheiro. Não quero o dinheiro do homem do *pachinko*. Posso ganhar meu próprio dinheiro.

— Onde você mora? Podemos ir à sua casa para conversar?

— Não.

— Eu não vou embora.

— Sim, sim, você vai. Você é uma egoísta.

Etsuko ficou parada, acreditando que, se simplesmente ouvisse e sofresse, talvez pudesse salvar a filha.

— Eu sou uma pessoa horrível. *Soo desu*. Perdoe-me, Hana. Qualquer coisa, menos isso.

Hana deixou cair a sacola grande que carregava no ombro e as duas garrafas de vinho enroladas em uma toalha emitiram um som abafado ao cair no chão. Ela chorou sem pudor, os braços pendendo junto ao corpo, e Etsuko se ajoelhou no chão e agarrou os joelhos da filha, recusando-se a deixá-la ir.



16

Tóquio, 1989

Solomon ficou feliz por estar novamente em casa. O trabalho no Travis Brothers estava sendo melhor do que o esperado. Para um emprego que conseguira apenas um ano após se formar na faculdade, o salário era mais do que ele merecia. Além disso, desfrutava dos inúmeros benefícios de ser contratado como expatriado em vez de funcionário local. O pessoal do RH do Travis arranjou para ele um corretor sofisticado que encontrou um apartamento de um quarto decente em Minami-Azabu, que Phoebe não considerou horrível demais. Como seu empregador corporativo, o Travis era o fiador do aluguel, uma vez que legalmente Solomon era um estrangeiro no Japão. Solomon, que crescera na casa do pai em Yokohama, nunca havia alugado um apartamento antes. Para os locatários que não eram japoneses, exigir um fiador era prática comum, o que, é claro, enfureceu Phoebe.

Depois de alguma persuasão, Phoebe decidiu ir com ele para Tóquio. Os dois tinham planos de se casar, e se mudar juntos para o Japão era o primeiro passo. Agora que estavam lá, Solomon se sentia mal por ela. Ele era funcionário da sucursal japonesa de um banco de investimentos britânico, portanto trabalhava ao lado de ingleses, americanos, australianos, neozelandeses e por vezes sul-africanos, sem contar os funcionários japoneses que tinham recebido uma educação ocidental e eram menos provincianos do que os demais. Como um coreano-japonês educado nos Estados Unidos, Solomon era ao mesmo tempo local e estrangeiro, com o conhecimento útil de um nativo e os privilégios financeiros de um expatriado. Phoebe, no entanto, não gozava de seu status e de seus privilégios. Em vez disso, passava os dias lendo em casa ou perambulando por Tóquio, sem saber qual era seu papel ali, uma vez que Solomon raramente estava em casa. Era impossível que conseguisse um visto de trabalho, pois não eram casados. Ela estava pensando em dar aulas de inglês, mas não sabia como

encontrar trabalho de professora particular. De vez em quando, se um japonês fazia uma pergunta inocente, por exemplo, se ela era sul-coreana, Phoebe tendia a reagir de maneira exagerada.

— Nos Estados Unidos, não existe esse negócio de *kankokujin* ou *chosenjin*. Por que diabos eu seria sul-coreana ou norte-coreana? Isso não faz sentido! Nasci em Seattle, e meus pais foram para os Estados Unidos quando havia apenas uma Coreia — gritou ela, ao relatar um dos episódios de intolerância de seu dia. — Por que no Japão ainda distinguem residentes coreanos que estão aqui há quatro malditas gerações? Você nasceu aqui. Não é estrangeiro! Isso é insano. Seu pai nasceu aqui. Por que vocês dois têm passaportes sul-coreanos? É absurdo.

Ela sabia tão bem quanto ele que, depois que a península foi dividida, os coreanos no Japão tiveram que escolher um lado, o que muitas vezes afetava seu status de residência. Ainda era difícil para um coreano se tornar cidadão japonês, e havia muitas pessoas que consideravam isto vergonhoso: um coreano se tornar cidadão do país de seus antigos opressores. Quando contou a seus amigos em Nova York sobre essa curiosa anomalia histórica e sobre o preconceito étnico generalizado, eles ficaram incrédulos diante da ideia de que os amigáveis e bem-educados japoneses que conheciam pudessem pensar que ela era desonesta, preguiçosa, suja ou agressiva, as características negativas e estereotipadas dos coreanos no Japão.

— Bem, todo mundo sabe que os coreanos não se dão bem com os japoneses — diziam seus amigos, inocentemente, como se as duas coisas fossem equivalentes. Logo, Phoebe parou de falar sobre isso com os amigos americanos.

Solomon achava peculiar que Phoebe se revoltasse tanto com a história dos coreanos no Japão. Depois de três meses morando em Tóquio e de ter lido alguns livros de história, ela concluiu que os japoneses nunca mudariam.

— O governo ainda se recusa a reconhecer seus crimes de guerra!

Curiosamente, naquelas discussões, Solomon acabava defendendo os japoneses.

Eles planejavam visitar Seul juntos por uma semana quando a temporada de negociações terminasse e o trabalho diminuísse. Ele tinha esperança de que Seul fosse uma espécie de território neutro, um lugar onde pudessem se sentir normais, já que ambos eram, cada um à sua maneira, imigrantes coreanos. E o fato de Phoebe falar coreano muito bem ajudava; o coreano dele era patético, na melhor das hipóteses. Havia visitado a Coreia do Sul com o pai várias vezes, e lá todos sempre os tratavam como se fossem japoneses. Não era um regresso à pátria, mas era bom visitar o país. Depois de um tempo, ficou mais fácil simplesmente agir como se fossem turistas japoneses que tinham ido até lá desfrutar um bom churrasco do que tentar explicar àqueles coreanos orgulhosos e hipócritas por que sua primeira língua era o japonês.

Solomon era apaixonado por Phoebe. Estavam juntos desde o segundo ano da faculdade. Ele não conseguia imaginar a vida sem ela e, ainda assim, ver seu desconforto ali o fazia perceber como eram diferentes. Ambos eram etnicamente coreanos e tinham crescido fora da Coreia, mas não eram iguais. Em casa, no Japão, suas diferenças pareciam muito mais pronunciadas. Não faziam sexo havia duas semanas. Seria assim quando estivessem casados? Ficaria pior? Solomon pensava nessas coisas enquanto se dirigia ao jogo.

Aquela era sua quarta noite de pôquer com os colegas de trabalho. Solomon e outro recém-chegado, Louis, um *hapa* de Paris, tinham sido convidados a participar; o restante dos jogadores eram diretores-executivos e gerentes de projeto. O elenco mudava um pouco, mas em geral havia seis ou sete caras. Nunca garotas. Solomon era um jogador de pôquer brilhante. No primeiro jogo, ele se conteve e ficou no zero a zero; na segunda noite, quando já estava mais à vontade, ficou em segundo e, depois da terceira noite, foi para casa com quase trezentos e cinquenta mil ienes. Os outros ficaram irritados, mas ele achou que valia a pena deixar uma coisa clara: quando queria vencer, ele vencia.

Naquela noite, planejava perder um pouco. Os caras formavam um bom grupo — não havia maus perdedores, e Solomon queria continuar jogando com eles. Sem dúvida, eles o haviam convidado pensando que era um trouxa, não sabiam que tinha se formado em

economia na Columbia University, com dupla especialização em pôquer e bilhar.

Eles jogavam Anaconda, também chamado de “Passe o Lixo”, porque você pode se livrar das cartas ruins transferindo-as para a pessoa à sua esquerda: primeiro três cartas, depois duas, e por fim uma, apostando o tempo todo. Até um idiota poderia vencer o jogo, porque havia muita sorte envolvida, mas o que Solomon gostava era das apostas. Ele gostava de ver os outros apostando ou saindo do jogo.

Os jogadores se reuniam no porão com painéis de madeira de um *izakaya* sem nome em Roppongi. O proprietário era amigo de Kazu-*san*, o chefe de Solomon e o executivo sênior mais antigo do Travis, e os deixava usar a sala uma vez por mês, desde que bebessem o suficiente e pedissem muita comida. A cada mês, um deles pagava a conta. No início, os diretores achavam que não era justo fazer com que os assistentes pagassem, pois ganhavam muito menos, mas, depois que Solomon ganhou a terceira partida, vários deles disseram:

— O garoto pode pagar o jantar.

Solomon ia pagar a conta naquele dia.

Havia seis jogadores, e o prêmio era de trezentos mil ienes. Depois de três rodadas, Solomon estava sendo prudente: não tinha ganhado nem perdido nada.

— Ei, Solly — disse Kazu —, o que está acontecendo? A sorte o abandonou, amigo?

Seu chefe, Kazu, era um japonês que tinha sido educado na Califórnia e no Texas e, apesar de seus ternos sob medida e do elegante dialeto de Tóquio, falava inglês como um universitário americano. A árvore genealógica de sua família estava repleta de duques e condes que haviam sido despojados de seus títulos após a guerra, e a família materna vinha de ramos conectados com famílias de *shoguns*. No Travis, Kazu gerava muito lucro. Cinco das seis transações bancárias mais importantes do ano anterior tinham acontecido graças a ele. Foi também Kazu quem levara Solomon para o jogo. Os mais velhos se queixaram de perder para o garoto, mas Kazu fez com que se calassem, dizendo que a competição era boa para todos.

Solomon gostava do chefe, todos gostavam dele. Ele teve sorte de ser um dos preferidos de Kazu e de ter sido convidado para os famosos jogos mensais de pôquer. Havia caras em sua equipe que trabalhavam para o Travis havia dez anos e nunca tinham sido convidados. Sempre que Phoebe dizia que os japoneses eram racistas, Solomon mencionava Etsuko e Kazu como exemplos do contrário. Etsuko era o exemplo mais óbvio de uma japonesa amável e sem preconceitos étnicos, mas Phoebe mal a entendia, pois o inglês de Etsuko era terrível. Kazu era japonês e tinha sido mais gentil com Solomon do que a maioria dos coreanos no Japão, que às vezes o olhavam com suspeita por ser filho de um homem rico ou um rival na faculdade. Sim, alguns japoneses achavam que os coreanos eram escória, mas alguns coreanos realmente eram, disse ele a Phoebe. Alguns japoneses também eram escória. Não havia necessidade de continuar discutindo o passado, ele esperava que Phoebe superasse aquilo algum dia.

Era hora de descartar, pegar cartas novas e fazer apostas. Solomon jogou fora um nove de ouros e um dois de copas inúteis, em seguida pegou o valete e o três do qual precisava para fazer um *full house*. A sorte nunca o abandonava. Sempre que jogava cartas, Solomon se sentia forte e tranquilo, como se não pudesse perder. Ele se perguntava se isso acontecia porque não se importava com o dinheiro. Gostava de estar à mesa, gostava das bobagens que os homens diziam. Com aquela mão, tinha uma boa oportunidade de ficar com o dinheiro das apostas, que superava os cem mil ienes. Solomon apostou mais trinta mil. Louis e Yamada-*san*, o australiano japonês, desistiram, deixando no jogo apenas Solomon, Ono, Giancarlo e Kazu. O rosto de Ono estava inexpressivo e Giancarlo coçou a orelha.

Ono apostou mais vinte mil e, imediatamente, Kazu e Giancarlo desistiram.

— Vocês são dois idiotas — disse Giancarlo, rindo, em seguida tomou um longo gole de uísque. — Tem mais daquelas coisas de frango em palitos?

— *Yakitori* — disse Kazu. — Você mora no Japão, cara, aprenda como se chamam os espetinhos de frango.

Giancarlo levantou o dedo médio para ele, sorrindo e revelando dentes pequenos e alinhados.

Kazu chamou o garçom e pediu comida para todos.

Chegou a hora de mostrar as cartas, e Ono tinha apenas dois pares. Ele estava blefando.

Solomon mostrou suas cartas.

— Que filho da puta — disse Ono.

— Desculpe, senhor — disse Solomon, varrendo o dinheiro em sua direção com um movimento rápido e familiar.

— Nunca peça desculpas por vencer, Solly — disse Kazu.

— Ele pode se desculpar um pouco por pegar meu dinheiro — retrucou Giancarlo, e os outros riram.

— Cara, mal posso esperar para ter você trabalhando em uma das minhas negociações. Vai passar o fim de semana cercado de caixas de auditoria, e vou garantir que só trabalhe com garotas feias — disse Ono. Ele tinha doutorado em economia pelo MIT e estava no quarto casamento. Cada nova mulher era ainda mais bonita do que a anterior. Como banqueiro de alto escalão do setor eletrônico, Ono tinha ganhado uma quantidade obscena de dinheiro durante o boom do Japão, mas continuava trabalhando sem parar. Ele dizia que o propósito do trabalho duro era simples: o sexo com mulheres bonitas compensava tudo.

— Vou encontrar o pior negócio com o máximo de auditorias. Só para você, meu amiguinho.

Ono esfregou as mãos.

— Ele é mais alto do que você — disse Giancarlo.

— O status supera o tamanho — respondeu Ono.

— *Gomen nasai*, Ono-*san*, *gomen nasai*.

Solomon fez uma reverência teatral.

— Não se preocupe, Solly — disse Kazu. — Ono tem um coração de ouro.

— Não é verdade. Sou capaz de guardar rancor para me vingar no momento mais oportuno — retrucou Ono.

Solomon ergueu as sobrancelhas e estremeceu.

— Sou apenas um garoto, senhor — implorou. — Tenha piedade. — Ele começou a fazer pilhas cuidadosas com o dinheiro que tinha

diante de si. — Um garoto rico que merece um pouco de misericórdia.

— Ouvi dizer que você é podre de rico — comentou Giancarlo. — Seu pai é um empresário do *pachinko*, certo?

Solomon fez que sim com a cabeça, sem saber como ele sabia.

— Eu namorei uma *hapa* japonesa gostosa que jogava muito *pachinko*. Era um vício caro. Está explicado por que você sabe jogar. Deve ser o sangue coreano — disse Giancarlo. — Cara, aquela garota falava sem parar sobre como os coreanos donos dos salões eram espertos e trapaceiros e faziam os japoneses de trouxas... Mas, cara, ela costumava fazer uma coisa muito louca com os peitos...

— Impossível — disse Kazu. — Você nunca saiu com uma garota gostosa.

— É verdade, me pegou, *sensei*. Eu namorei sua mulher, e ela não é muito gostosa. É apenas uma verdadeira...

Kazu riu.

— Ei, que tal jogarmos pôquer? — sugeriu ele, despejando água com gás no uísque e diluindo a cor consideravelmente. — Solly ganhou de forma justa e honesta.

— Não estou dizendo nada de mau. É um elogio. Os coreanos aqui são inteligentes e ricos, como o nosso garoto Solomon. Eu não quis dizer que ele seja um *yakuza*! Não vai mandar me matar, vai, Solly? — perguntou Giancarlo.

Solomon sorriu timidamente. Não era a primeira vez que ouvia essas coisas, mas fazia muito tempo desde a última vez que alguém mencionara os negócios de seu pai. Nos Estados Unidos, ninguém sabia o que era *pachinko*. Seu pai acreditava que haveria menos preconceito nos escritórios de um banco ocidental e o encorajara a aceitar o emprego. Giancarlo não estava dizendo nada diferente do que outros japoneses de classe média pensavam ou sussurravam. Só era estranho ouvir uma coisa daquelas vinda de um italiano branco que vivia no Japão havia vinte anos.

Louis cortou o baralho, e Kazu embaralhou e distribuiu uma nova mão para cada um.

Solomon tinha três reis, mas os descartou um a um em três rodadas consecutivas e em seguida desistiu, perdendo cerca de dez

mil ienes. No fim da noite, pagou a conta. Kazu disse que queria falar com ele, então os dois foram para a rua chamar um táxi.



17

— Você perdeu de propósito. Os três reis eram seus — disse Kazu a Solomon.

Eles estavam do lado de fora do *izakaya*. Kazu acendeu um Marlboro Light.

Solomon deu de ombros.

— Foi uma idiotice. Giancarlo é um boçal. Ele é um desses brancos que têm que viver na Ásia porque os brancos de seu país não o suportam. Ele está no Japão há tanto tempo que pensa que, quando os japoneses o bajulam, é porque ele é muito especial. Que porra de fantasia. Fora isso, de modo geral não é um cara ruim. É competente. Resolve as coisas. A essa altura, você já deve saber que as pessoas daqui, mesmo os que não são japoneses, fazem os comentários mais idiotas sobre os coreanos, mas você precisa esquecer. Quando eu estava nos Estados Unidos, as pessoas costumavam falar as piores asneiras sobre os asiáticos, como se todos falássemos chinês e comêssemos sushi no café da manhã. Quando ensinam a história dos Estados Unidos, eles se esquecem dos campos de concentração e de Hiroshima. Que importância isso tem, certo?

— Essas coisas não me aborrecem — disse Solomon, vasculhando as ruas escuras em busca de um táxi. Os trens tinham parado de circular meia hora antes. — Eu não me importo.

— Tudo bem, cara durão — disse Kazu. — Escute, o sucesso tem um preço, sabe?

— Hã?

— Quando se sai bem em alguma coisa, precisa pagar por todas as pessoas que se saíram pior do que você. Em contrapartida, quando se sai mal, a vida também o obriga a pagar um imposto sobre a merda. No fim das contas, todo mundo paga alguma coisa.

Kazu olhou para ele com seriedade.

— Claro, o pior de todos é o imposto sobre a mediocridade. Esse é uma desgraça. — Kazu jogou o cigarro fora e cruzou os braços. — Preste atenção: os que pagam o imposto sobre a merda são quase

sempre pessoas que nasceram no lugar errado na hora errada e se agarram ao planeta com as unhas quebradas. Nem sequer conhecem as malditas regras do jogo. Você não pode nem ficar irritado com eles quando perdem. A vida simplesmente fode, fode e fode esses desgraçados. — Kazu franziu a testa com resignação, como se estivesse preocupado com as desigualdades da vida, mas não muito. Ele respirou fundo. — Então, esses perdedores têm que escalar o Everest para sair do inferno, e talvez um ou dois em quinhentos mil consigam, mas o resto paga o imposto sobre a merda durante a vida inteira, depois morre. Se Deus existe e é justo, então faz sentido que, na vida após a morte, esses caras fiquem com os melhores lugares.

Solomon assentiu, sem entender aonde ele queria chegar com aquela conversa.

Kazu continuou a olhar fixamente para ele.

— Mas todas essas pessoas normais de classe média que têm medo até da própria sombra, bem, elas pagam o imposto sobre a mediocridade em parcelas trimestrais com juros compostos. É isso que acontece quando você joga sem arriscar, meu amigo. Então, se eu fosse você, não entregaria nenhum jogo. Eu aproveitaria todas as vantagens que encontrasse. Acabe com a raça de qualquer um que foda com você e não tenha piedade dos idiotas, especialmente se não merecerem. Faça os desgraçados chorarem.

— Então o imposto sobre o sucesso vem da inveja, e o imposto sobre a merda, da exploração. Tudo bem. — Solomon assentiu, como se estivesse começando a entender. — Então, o que é o imposto sobre a mediocridade? Como pode estar errado...?

— Boa pergunta, jovem Jedi. O imposto sobre a mediocridade é cobrado por você e por todas as outras pessoas que sabem que você é medíocre. É um imposto mais pesado do que você imagina.

Solomon nunca havia pensado nisso. Não que se considerasse incrivelmente especial, mas também não se considerava medíocre. Talvez fosse algo que nunca havia admitido, nem para si mesmo, mas ele queria ser bom em alguma coisa.

— Jedi, entenda o seguinte: não há nada pior do que saber que você é como todo mundo. Que existência patética e horrível. E neste grande país que é o Japão, o berço de todos os meus

elegantes ancestrais, todo mundo, todo mundo quer ser como todos os outros. É por isso que é um lugar tão seguro para se viver, mas também é uma cidade de dinossauros. Está extinta, amigo. Faça seu pé de meia e invista em outro lugar. Você é jovem, e alguém precisa lhe contar a verdade sobre este país. O Japão não está fodido porque perdeu a guerra ou fez coisas ruins. O Japão está fodido porque não há mais guerra e, em tempos de paz, todo mundo quer ser medíocre e morre de medo de ser diferente. O outro problema é que a elite japonesa quer ser inglesa e branca. E isso é patético, delirante e merece toda uma outra discussão.

Solomon achava que algumas daquelas coisas faziam sentido. Todos os japoneses que conhecia achavam que eram de classe média, mesmo que não fossem. Os garotos ricos de sua escola cujos pais possuíam vários títulos de clubes de campo no valor de milhões e milhões se consideravam de classe média. Seu tio Noa, que ele nunca conhecera, aparentemente havia se suicidado porque queria ser um japonês normal.

Um táxi vazio se aproximou deles, mas Solomon não o chamou. Kazu sorriu.

— Então, sim, idiotas vão vasculhar sua vida e descobrir que seu pai é dono de salões de *pachinko*. E como as pessoas descobrem essas coisas?

— Eu nunca falo sobre isso.

— Todo mundo sabe, Solomon. No Japão, ou você é um coreano rico, ou um coreano pobre, e, se é um coreano rico, há um salão de *pachinko* em algum lugar do seu passado.

— Meu pai é um homem de bem. Ele é incrivelmente honesto.

— Eu tenho certeza de que ele é.

Kazu o encarou, com os braços ainda cruzados.

Solomon hesitou, mas disse mesmo assim:

— Ele não é um gângster. Ele não faz coisas ruins. É um homem de negócios comum. Paga todos os seus impostos e faz tudo dentro da lei. Há alguns caras desonestos no negócio, mas meu pai é meticuloso e honesto. Ele é dono de três salões. Não é como... — Kazu meneou a cabeça para tranquilizá-lo. — Meu pai nunca tomou nada que não fosse dele, ele nem se importa com dinheiro. Distribui grande parte...

Etsuko tinha lhe contado que Mozasu pagava as contas do asilo de idosos de vários de seus funcionários aposentados.

— Solly, Solly. Não, cara, não precisa me dar explicações. Afinal, os coreanos nunca tiveram muitas opções de profissões regulares. Tenho certeza de que ele escolheu o *pachinko* porque não havia muitas outras opções. Provavelmente é um excelente homem de negócios. Você acha que suas habilidades no pôquer vieram do nada? Talvez seu pai pudesse ter trabalhado para a Fuji ou a Sony, mas essas empresas não contratariam um coreano, certo? Duvido que o contratassem agora, sr. Columbia University. O Japão ainda não contrata coreanos para serem professores, policiais ou enfermeiros. Você nem sequer pôde alugar seu próprio apartamento em Tóquio, mesmo tendo um bom salário. Estamos na porra de 1989! Enfim, você pode tentar ser educado, mas isso é uma merda. Sou japonês, mas não sou burro. Morei nos Estados Unidos e na Europa por um bom tempo, e é uma loucura o que os japoneses fazem com os coreanos e chineses que nasceram aqui. É uma loucura, vocês deveriam se rebelar. Vocês não protestam o suficiente. Você e seu pai nasceram aqui, certo?

Solomon assentiu, sem entender por que Kazu estava tão inflamado com aquela questão.

— Mesmo que seu pai fosse um assassino de aluguel, eu não daria a mínima. E não o entregaria.

— Mas ele não é.

— Não, garoto, é claro que ele não é — disse Kazu, sorrindo. — Vá para casa ficar com sua namorada. Ouvi dizer que ela é bonita e inteligente. Isso é bom, porque, no fim das contas, a inteligência importa mais do que você pensa — disse ele, rindo.

Kazu chamou um táxi e disse a Solomon para pegá-lo. Todos diziam que Kazu não era um chefe comum, e era verdade.

* * *

Uma semana depois, Kazu colocou Solomon para trabalhar em uma nova negociação imobiliária. Ele era o mais jovem da equipe. Aquela era a transação milionária que todos os caras do escritório

queriam. Um dos maiores clientes do Travis queria comprar terras em Yokohama para construir um campo de golfe de nível internacional. Quase todos os detalhes tinham sido acertados, mas eles precisavam fazer com que três dos proprietários restantes assinassem. Dois não eram impossíveis, apenas custariam dinheiro, mas o terceiro era uma dor de cabeça: a velha não estava interessada em dinheiro e não queria vender. O terreno dela era onde ficaria o décimo primeiro buraco. Na reunião da manhã, com o cliente presente, dois dos diretores financeiros fizeram uma apresentação convincente sobre os benefícios de estruturar a hipoteca, e Solomon tomou notas com atenção. Pouco antes de a reunião terminar, Kazu mencionou de passagem que a velha ainda estava impedindo que o negócio fosse adiante. O cliente sorriu para Kazu e disse:

— Sem dúvida, você será capaz de resolver essa questão. Estamos confiantes.

Kazu sorriu educadamente.

O cliente foi embora, e todos deixaram a sala de conferências logo em seguida. Kazu deteve Solomon antes que ele retornasse à sua mesa.

— O que vai fazer na hora do almoço, Solly?

— Eu ia comprar alguma coisa lá embaixo. Por quê? O que houve?

— Vamos dar uma volta.

* * *

O motorista os levou até o terreno da velha em Yokohama. A construção de concreto cinza estava em boas condições e o jardim da frente parecia bem conservado. Não havia ninguém em casa. Um velho pinheiro projetava sua sombra triangular na fachada da estrutura quadrada e um riacho borbulhava nos fundos da casa. Antes uma antiga fábrica de tingimento de tecidos, agora era a residência da mulher. Os filhos dela estavam mortos e não havia herdeiros conhecidos.

— Então, como consegue que uma pessoa faça o que você quer quando ela se recusa a fazê-lo? — perguntou Kazu.

— Não sei — respondeu Solomon.

Ele tinha imaginado que aquilo fosse uma espécie de trabalho de campo e que o chefe quisesse companhia. Kazu raramente ia a algum lugar sozinho.

O carro estava estacionado na rua larga e empoeirada em frente ao terreno da velha. Se estivesse em casa, ela teria notado o carro preto parado a menos de dez metros de sua casa. Mas ninguém saiu nem houve movimento lá dentro.

Kazu olhou para a casa.

— Então é aqui que mora Sonoko Matsuda. O cliente está confiante de que consigo convencer Matsuda-*san* a vender.

— E consegue? — perguntou Solomon.

— Acho que sim, mas não sei como — respondeu Kazu.

— Isso vai soar estúpido, mas como vai convencê-la a assinar se não sabe como? — perguntou Solomon.

— Vou fazer um pedido, Solly. Vou fazer um pedido. Às vezes, é assim que começa.

Kazu pediu ao motorista que os levasse a um restaurante *unagi* não muito longe dali.



18

Yokohama, 1989

No domingo de manhã, depois de ir à igreja, Solomon e Phoebe pegaram o trem para Yokohama para almoçar com a família dele.

Como sempre, a porta da frente da casa estava fechada, mas destrancada, e eles entraram sem bater. Um decorador amigo de Etsuko havia reformado o imóvel recentemente, e o lugar onde Solomon tinha passado a infância, outrora cheio de móveis americanos escuros, estava irreconhecível. O decorador havia removido a maioria das paredes internas originais e substituído as janelas pequenas por grandes vidraças. Agora dava para ver o jardim de pedras da frente da casa. Móveis de cor clara, piso de carvalho branco e luminárias de papel esculturais ocupavam o vasto quadrante perto da lareira, deixando a ampla sala de estar iluminada e organizada. No canto oposto, galhos altos de forsítia floresciam em um vaso enorme de cerâmica celadon. A casa parecia um glamouroso templo budista.

Mozasu surgiu da saleta para cumprimentá-los.

— Vocês chegaram! — disse ele a Phoebe em coreano.

Quando ela estava com a família de Solomon, o grupo falava três idiomas. Phoebe falava coreano com os mais velhos e inglês com Solomon, enquanto Solomon falava quase sempre japonês com os mais velhos e inglês com Phoebe. Todos traduziam trechos da conversa e faziam com que funcionasse de alguma maneira.

Mozasu abriu a sapateira junto à porta e ofereceu-lhes chinelos.

— Minha mãe e minha tia passaram a semana cozinhando. Espero que estejam com fome.

— O cheiro está maravilhoso — disse Phoebe, alisando a saia plissada azul-marinho. — Estão todas na cozinha?

— Sim. Quero dizer, desculpe, não. Etsuko não pôde vir hoje. Ela está muito triste por não ver você e me pediu que transmitisse suas desculpas.

Phoebe assentiu, olhando brevemente para Solomon. Pareceu-lhe indelicado perguntar por Etsuko, mas não entendia por que Solomon não perguntava ao pai onde ela estava. Phoebe tinha curiosidade em relação a Etsuko. Ela era a única pessoa com quem não conseguia se comunicar diretamente, porque nenhuma das duas falava a língua da outra. Além disso, queria conhecer Hana, que nunca estava presente.

Solomon tomou a mão de Phoebe e a levou para a cozinha. Quando estava em família, ele parecia mais jovem do que o habitual, quase atordoado. Os aromas de todos os seus pratos favoritos enchiam o amplo corredor que ligava a sala de estar à cozinha.

* * *

— Solomon chegou! — gritou ele, como fazia quando era menino e chegava da escola.

Kyunghee e Sunja pararam o que estavam fazendo e olharam para ele, radiantes. Mozasu sorriu ao ver a felicidade delas.

— Phoebe também veio! — exclamou Kyunghee.

Ela limpou as mãos no avental e saiu de trás do grosso balcão de mármore para abraçá-lo.

Sunja a seguiu e colocou o braço em torno da cintura de Phoebe. Sunja era um palmo mais baixa do que a namorada do neto.

— Isso é para vocês duas.

Phoebe entregou a ela uma caixa de doces da filial de Tóquio de uma sofisticada loja de chocolates francesa.

Sunja sorriu.

— Obrigada.

Kyunghee desamarrou a fita para dar uma olhada. Era uma caixa grande de frutas cristalizadas com cobertura de chocolate.

— Isso parece caro — disse ela, encantada. — Na sua idade, vocês deveriam estar economizando. Mas os doces parecem deliciosos! Obrigada.

Ela inspirou o aroma de chocolate de forma teatral.

— É tão bom tê-los aqui — disse Sunja em coreano, envolvendo os ombros magros de Phoebe em um abraço apertado.

Phoebe adorava estar com a família de Solomon. Era muito menor do que a dela, mas todos pareciam muito unidos, como se cada membro estivesse organicamente ligado a um só corpo indivisível, sem costuras, enquanto sua extensa família parecia um monte de peças de Lego soltas em um balde grande. Os pais de Phoebe tinham pelo menos cinco ou seis irmãos cada, e ela havia crescido com mais de uma dúzia de primos só na Califórnia. Havia parentes em Nova York e New Jersey, na capital e no estado de Washington e em Toronto. Ela tinha namorado dois coreanos americanos e conhecera suas famílias, mas a família de Solomon era diferente. A família dele era calorosa, mas muito discreta e atenta. Nada parecia lhes escapar.

— Isso é para o *pajeon*? — perguntou Phoebe.

A tigela estava repleta de uma massa cremosa de panqueca salpicada com fatias finas de cebolinha e pedaços de vieiras.

— Você gosta de *pajeon*? Solomon também! Como sua *umma* o prepara? — perguntou Kyunghee. Seu tom era casual, embora tivesse opiniões firmes sobre a proporção de cebolinha e marisco.

— Minha mãe não cozinha — respondeu Phoebe, parecendo ligeiramente envergonhada.

— O quê? — Kyunghee ofegou, horrorizada, e se virou para Sunja, que ergueu as sobrancelhas, tão surpresa quanto a cunhada.

Phoebe riu.

— Eu cresci comendo pizza e hambúrguer. E muito frango do Kentucky Fried Chicken. Eu amo a espiga de milho do KFC — disse ela, sorrindo. — Minha mãe trabalhava no consultório médico do meu pai como gerente-administrativa e nunca chegava em casa antes das oito.

As mulheres assentiram, tentando entender.

— Minha mãe trabalhava o tempo todo. Cuidava de toda a papelada médica na mesa de jantar ao nosso lado enquanto fazíamos a lição de casa. Acho que ela nunca foi dormir antes da meia-noite...

— Mas vocês não comiam comida coreana?

Kyunghee não conseguia entender.

— Nos fins de semana, sim. Em um restaurante.

As mulheres compreendiam que a mãe dela trabalhasse muito e estivesse sempre ocupada, mas parecia inconcebível para elas que uma mãe coreana não cozinhasse para sua família. O que Solomon ia comer depois de se casar com aquela garota? O que seus filhos iam comer?

— Ela não tinha tempo. Isso é compreensível, mas sua mãe sabe cozinhar? — perguntou Kyunghee timidamente.

— Ela nunca aprendeu. E nenhuma de suas irmãs sabe preparar comida coreana.

Phoebe riu, porque o fato de nenhuma delas fazer comida coreana era motivo de orgulho. Sua mãe e suas tias tendiam a menosprezar as mulheres que cozinhavam muito e ficavam o tempo todo tentando fazer as pessoas comerem. As quatro eram muito magras. Como Phoebe, eram o tipo de mulher que estava o tempo todo em movimento e não parecia interessada em comer porque estava absorvida demais pelo trabalho.

— Minha tia favorita cozinha apenas nos fins de semana e apenas para reuniões e festas. Ela geralmente prepara comida italiana. Nossa família sempre se reúne em restaurantes.

Phoebe achou divertido ver o assombro e a incredulidade delas diante de um detalhe tão mundano de sua infância. Qual era o problema? Por que as mulheres tinham que cozinhar, afinal? Sua mãe era a pessoa que ela mais amava no mundo.

— Meu irmão e minhas irmãs nem gostam de *kimchi*. Minha mãe nunca tem *kimchi* na geladeira por causa do cheiro.

— Ah — suspirou Sunja. — Você é realmente americana. Suas tias são casadas com americanos?

— Todos os meus tios e tias são casados com não coreanos. Meu irmão e minhas irmãs se casaram com coreanos que nasceram nos Estados Unidos, como eu. Meu cunhado mais velho, que é advogado, fala fluentemente português, mas não coreano. Ele cresceu no Brasil. Os Estados Unidos estão cheios de pessoas assim.

— Sério? — exclamou Kyunghee.

— Com quem suas tias são casadas?

— Tenho tias e tios brancos, negros, holandeses, judeus, filipinos, mexicanos, chineses, porto-riquenhos e, vejamos, tenho um tio e três tias coreanos nascidos nos Estados Unidos. E tenho muitos primos. Todos são misturados — acrescentou ela, sorrindo para as mulheres mais velhas, que usavam aventais brancos imaculados e prestavam tanta atenção ao que ela estava dizendo que pareciam estar tomando notas mentais. — Quando nos reunimos, no Dia de Ação de Graças e no Natal, é muito divertido.

— Eu conheci vários deles — disse Solomon, preocupado que a avó e a tia-avó não aprovassem a família dela, embora soubesse que seus olhares eram mais de curiosidade do que de reprovação. Nenhuma das duas jamais dissera que ele tinha que se casar com uma coreana, mas ele sabia que o relacionamento de seu pai com Etsuko as deixava desconfortáveis.

Quando a frigideira estava quente o suficiente, Sunja despejou uma xícara rasa da massa de panqueca nela. Verificou as bordas e abaixou o fogo. Phoebe era alegre e boa para seu neto, pensou. Sua mãe costumava dizer que a vida de uma mulher era sofrer, mas essa era a última coisa que ela desejava para aquela garota doce que tinha um sorriso fácil e caloroso para todos. E daí se ela não cozinhasse? Se cuidasse bem de Solomon, nada mais importava, embora ela esperasse que Phoebe quisesse ter filhos. Ultimamente, Sunja ansiava por ter um bebê nos braços. Como seria bom não ter que lidar com uma guerra nem se preocupar se haveria abrigo ou comida suficiente. Solomon e Phoebe não teriam que trabalhar como ela e Kyunghee, poderiam apenas desfrutar de seus filhos.

— Quando vai se casar com Solomon? — perguntou Sunja, sem desviar a atenção da frigideira. Uma mulher mais velha tinha o direito de perguntar esse tipo de coisa, embora ela ainda temesse um pouco fazê-lo.

— Sim, quando vocês dois vão se casar? O que estão esperando? Minha irmã e eu não temos nada para fazer, podemos nos mudar para Tóquio se quiserem ajuda com os bebês e com a comida! — disse Kyunghee, rindo.

Solomon balançou a cabeça e sorriu para as três mulheres.

— É a deixa para eu ir para a sala conversar com meu pai sobre assuntos de homem.

— Muito obrigada, Solomon — disse Phoebe.

Na verdade, ela não se importava com aquelas perguntas, já que também se questionava a mesma coisa.

Mozasu sorriu e deixou as mulheres na cozinha.

* * *

Pai e filho se sentaram em poltronas no meio da grande sala. Na mesa de centro de aço inoxidável e vidro diante do grande sofá de encosto baixo, havia tigelas com frutas e nozes e uma pilha dos jornais do dia, coreanos e japoneses, lida pela metade.

Mozasu ligou a televisão e diminuiu o volume do noticiário. Ele estava acompanhando o letreiro que corria pela tela com os preços das ações. Os dois conversavam frequentemente com a televisão ligada.

— Como vai o trabalho? — perguntou Mozasu.

— Muito mais fácil do que a faculdade. Meu chefe é muito legal. Ele é japonês, mas fez faculdade na Califórnia.

— Califórnia? Sua mãe teria gostado disso — disse Mozasu baixinho. O garoto se parecia muito com ela, especialmente a testa e o nariz.

— Onde está Etsuko? — Solomon olhou para o fundo azul da tela do noticiário. Os apresentadores estavam falando de uma inundação em Bangkok. — E a Hana? Ela está bem?

Mozasu suspirou.

— Etsuko vai lhe contar. Ligue para ela.

Solomon queria saber mais, porém o pai não sabia o que havia acontecido entre as duas. Mozasu não gostava de falar sobre Hana, porque ela chateava Etsuko.

— Sua avó e sua tia-avó gostam de Phoebe. Elas querem que vocês se casem.

— Sim, eu ouvi isso. Cinco minutos atrás.

Mozasu encarou o filho.

— Phoebe quer morar no Japão?

— Não tenho certeza. Ela odeia não saber japonês.

— Ela pode aprender.

Solomon parecia duvidar.

— Ela quer trabalhar. Não é fácil encontrar emprego no Japão logo depois de sair da faculdade. E ela não sabe o idioma. Phoebe não gosta de ficar em casa.

Mozasu assentiu. A mãe de Solomon era parecida com ela.

— Está precisando de dinheiro?

— Não, pai — respondeu ele, quase achando graça da preocupação do pai. — Eu tenho um bom emprego. Ei, pai, você conhece uma senhora chamada Sonoko Matsuda? Ela é proprietária de uma antiga fábrica têxtil em Yokohama. Não muito longe da casa de Goro-*san*.

— Não. — Mozasu balançou a cabeça. — Por quê?

— Kazu, meu chefe, está tentando fechar uma transação imobiliária, e a senhora Matsuda se recusa a vender sua propriedade. Isso está impedindo o negócio. Pensei que talvez conhecesse alguém. Você conhece muitas pessoas em Yokohama.

— Eu não a conheço, mas com certeza posso encontrar alguém que a conheça. Isso não é difícil. Seu chefe quer que a senhora venda?

— Sim. O lote dela é a última peça importante para a construção do campo de golfe.

— Ah, tudo bem. Esse tipo de coisa acontece. Vou perguntar a Goro-*san* ou Haruki. Um deles saberá. Goro acabou de vender seu último salão de *pachinko*. Agora vai ficar apenas no ramo da demolição, da construção e das transações imobiliárias. Ele quer que eu seja sócio dele, mas estou muito ocupado. É muito tarde para começar algo novo. Não compreendo esse negócio tão bem quanto o *pachinko*.

— Por que você não vende os salões também, pai? Talvez possa se aposentar. Você tem dinheiro suficiente, não tem? O *pachinko* dá muito trabalho.

— O quê? Abandonar os negócios? O *pachinko* colocou comida na mesa e mandou você para a faculdade. Sou jovem demais para me aposentar! — Ele encolheu os ombros. — E o que aconteceria se eu vendesse meus salões? Meus funcionários podem ser demitidos. Para onde iriam meus funcionários mais velhos? Também damos trabalho para as pessoas que fabricam as máquinas. No

Japão, o *pachinko* é um negócio maior do que a fabricação de automóveis.

Mozasu parou de falar e aumentou o volume do noticiário. Os apresentadores estavam falando sobre o valor do iene.

Solomon acenou com a cabeça e olhou para a tela, tentando prestar atenção nas notícias sobre a moeda. Seu pai não parecia se envergonhar nem um pouco do que fazia para ganhar a vida.

Mozasu notou a expressão sombria do filho.

— Vou ligar para Goro hoje à noite e perguntar sobre a senhora. Seu chefe quer que ela venda, certo?

— Isso seria ótimo. Obrigado, pai.

* * *

Na segunda-feira à tarde, Mozasu ligou para Solomon no escritório. Ele havia falado com Goro-*san*. A velha era coreana, uma *chongryon* cujos filhos haviam retornado a Pyongyang e morrido lá; Matsuda era seu *tsumei*. Ela não queria vender a propriedade para os japoneses. Goro-*san* achava que a velha estava sendo teimosa, ele disse que poderia comprar o imóvel, porque ela assegurou que o venderia para ele. Depois Goro o venderia para o cliente de Kazu pelo mesmo preço.

Depois de desligar, Solomon correu para a sala de Kazu para lhe contar a boa notícia.

Kazu ouviu atentamente, em seguida entrelaçou as mãos e sorriu.

— Excelente trabalho, Jedi. Eu sempre soube identificar um vencedor.



19

Tóquio, 1989

Mesmo em sua condição, Hana não podia deixar de flertar.

— Você não deveria ter vindo — disse ela. — Estou feia. Eu queria estar bonita quando me visse novamente.

— Eu queria ver você — retrucou Solomon. — E você é linda, Hana. Isso nunca vai mudar.

Ele sorriu, reprimindo o choque diante da aparência dela. Etsuko o alertara, mas ainda assim era difícil reconhecer suas feições originais sob as crostas avermelhadas e os cabelos ralos. Dava para distinguir seu corpo esquelético através do fino lençol azul do hospital.

— Mamãe me disse que você trouxe sua namorada para Tóquio — disse Hana. Apenas sua voz não havia mudado. Era difícil saber se ela estava brincando ou não. — E eu que pensei que você estava voltando para mim. Vai se casar com ela, *nee*? É claro que tentarei perdoá-lo, porque sei que foi a mim que amou primeiro.

Com a cortina fechada, a lâmpada do teto apagada e apenas a luz que vinha da lâmpada elétrica de baixa potência ao lado da cama dela, o quarto do hospital estava escuro como a noite, ainda que fizesse sol do lado de fora.

— Quando você vai melhorar? — perguntou ele.

— Venha aqui, Solomon. — Hana ergueu o braço direito, magro e pálido. Ela acenou como se o braço fosse uma elegante varinha da morte. — Senti muito a sua falta. Se não o tivesse deixado naquele verão... Bem, teria feito você se casar comigo. Mas eu teria arruinado sua vida... Eu estrago tudo. Eu estrago tudo.

Solomon se sentou na cadeira ao lado da cama. Etsuko tinha dito que nenhum dos medicamentos estava funcionando. Os médicos diziam que ela tinha apenas algumas semanas, talvez dois meses de vida. Lesões escuras cobriram seu pescoço e seus ombros. A mão esquerda estava intacta, mas a direita estava seca como o

rosto. Sua beleza física tinha sido tão extraordinária que, para Solomon, seu estado atual parecia particularmente cruel.

— Hana-*chan*, por que não vai para os Estados Unidos se consultar com médicos de lá? Houve muitos avanços nos Estados Unidos. Eu sei que as coisas estão muito melhores lá para essa...

Ele não queria jogar aquele jogo estúpido de não falar sobre o que era real. Apenas ouvir sua voz e ficar sentado em seu quarto, de onde ela não podia fugir para longe dele, fez com que se lembrasse de todas as coisas mágicas e incríveis a respeito dela. Ele tinha ficado à mercê dela e, mesmo agora, sentia muitas coisas. Não conseguia imaginá-la morrendo. Queria pegá-la e levá-la para Nova York. Nos Estados Unidos, tudo parecia ter conserto; no Japão, os problemas e dificuldades deviam ser suportados. *Sho ga nai*, *sho ga nai*. Quantas vezes tinha ouvido essas palavras? *Não há o que fazer*. Sua mãe aparentemente detestava essa expressão e, naquele momento, ele compreendeu sua raiva diante daquela resignação cultural que violava suas crenças e seus desejos.

— Ah, Solomon. Não quero ir para os Estados Unidos. — Hana exalou alto. — Eu não quero viver. Estou pronta para morrer, sabe? Você já quis morrer, Solomon? Há muitos anos que desejo morrer, mas fui covarde demais para dizer isso ou fazer alguma coisa para realizar meu desejo. Talvez você pudesse ter me salvado, mas, sabe, nem mesmo uma pessoa maravilhosa como você, meu Solomon, nem mesmo você teria conseguido. Todos desejamos morrer em algum momento, *nee*?

— Naquela primavera. Quando você foi embora. Eu quis morrer.

Solomon ficou em silêncio. Nunca tinha admitido aquilo para ninguém. Às vezes se esquecia daquele momento, mas estar com ela tornava a lembrança nítida e cruel.

Hana franziu a testa e começou a chorar.

— Se eu tivesse ficado, nós teríamos nos amado muito, mas eu tinha certeza de que faria mal a você. Veja, eu não sou uma boa pessoa, e você é. Você não devia ficar comigo. É simples. Minha mãe disse que você fez o teste nos Estados Unidos para o seu seguro de vida e que está bem. Fico feliz. Você é a única pessoa a quem eu nunca quis fazer mal. Minha mãe também disse que sua namorada é uma garota simpática e educada como você. Não quero

saber se ela é bonita. Diga-me que ela é horrorosa, mas tem um bom coração. Eu sei que ela é coreana. *Tsugoi*, Solomon. Isso é incrível. Você deveria se casar com ela. Talvez as pessoas devessem se casar com outras pessoas da mesma origem. Talvez a vida seja mais fácil assim. Vou imaginar que vocês terão três ou quatro filhos coreanos lindos, com uma pele linda e cabelos coreanos lindos. Você tem um cabelo maravilhoso, Solomon. Eu gostaria de ter conhecido sua mãe. Dê o meu nome a uma de suas filhas, *nee*? Porque, como você vê, eu não terei nenhuma. Prometa que vai amar a pequena Hana e que vai pensar em mim.

— Cale a boca — disse ele baixinho, sabendo que ela não obedeceria. — Por favor, cale a boca.

— Você sabe que foi o único que eu amei. *Hatsukoi* era uma ideia tão estúpida para mim até conhecê-lo. Estive com muitos homens, Solomon, e eles eram nojentos. Todas as coisas imundas que deixei que fizessem... Me arrependo muito de tudo. Você eu amei, porque você é bom.

— Hana, você é boa.

Ela negou com a cabeça, mas por um momento pareceu em paz.

— Fiz coisas ruins com garotos depois que mamãe foi embora. Por isso vim para Tóquio. Eu estava com muita raiva quando o conheci. Mas, quando estava com você, eu esquecia a raiva. Mas não aguentei, então fui embora e comecei a trabalhar como acompanhante. Eu não queria amar ninguém. Depois você foi para os Estados Unidos e eu fiquei, eu fiquei... — Hana fez uma pausa. — Quando bebia muito, eu imaginava que você iria me buscar. Como naquele filme americano. Eu imaginava que você ia descobrir onde eu morava, subir uma escada até a minha janela e me levar embora. Eu costumava dizer às garotas que você ia me buscar. Todas queriam que você fosse me buscar.

Solomon olhou fixamente para sua boca enquanto ela falava. Hana tinha a boca mais bonita do mundo.

— É nojento, não é?

— O quê?

Ele teve a sensação de que alguém o havia esbofeteado.

— Isso.

Ela apontou para as lesões no queixo.

— Não. Eu não estava olhando para isso.

Ela não acreditou. Suas pálpebras se fecharam suavemente, e ela se recostou no travesseiro.

— Quero descansar agora, Solomon. Vai voltar logo?

— Sim, eu vou voltar — disse ele, levantando-se da cadeira.

* * *

Quando voltou para o escritório, Solomon não conseguia parar de pensar nela. Por que Etsuko não a ajudara? Algo dentro dele doía, e a dor parecia familiar. Ele não conseguia ler os documentos à sua frente. Tinha que analisar projeções para o projeto do campo de golfe, mas era como se tivesse esquecido como usar o Excel. O que teria acontecido se ela não o tivesse deixado naquele verão? Teria conseguido ir para Nova York e ficar longe dela por tanto tempo?

Phoebe queria se casar com ele. Solomon sabia, mas ela nunca falava a respeito porque era orgulhosa e queria que ele fizesse o pedido. Quando ouviu a voz de Kazu no corredor, Solomon olhou para cima e viu o chefe parado diante dele. Os colegas de escritório de Solomon estavam fora. Kazu fechou a porta, foi até a estante perto da mesa dele e ficou no espaço entre ela e a janela enorme.

— Ela está morta — disse Kazu.

— O quê? Acabei de vê-la.

— Quem?

— Hana. Meu pai ligou para você?

— Não sei quem é essa, cara, mas Matsuda-*san*, a velha, está morta, e a situação não é nada boa. Quando o cliente disse que queria a propriedade, não esperava que a vendedora morresse alguns dias depois.

— O quê? — Solomon piscou. — A vendedora morreu?

— Sim. Vendeu o imóvel para o amigo do seu pai, Goro-*san*, depois nosso cliente comprou o imóvel dele. Nosso cliente não está em apuros, mas a coisa toda cheira mal. Entende o que quero dizer?

Kazu disse tudo isso com uma voz tranquila enquanto olhava fixamente para o rosto de Solomon. Ele pegou a bola de beisebol

dos Tigers de Hanshin na estante, jogou-a para cima e a agarrou.

— Como ela morreu?

— Não tenho certeza. Pode ter sido um ataque cardíaco ou um derrame. Não se sabe. Aparentemente, a velha tinha duas sobrinhas. Não sei se elas vão causar problemas ou o que a polícia vai fazer.

— Ela pode ter morrido de causas naturais. Não era velha?

— Sim, espero que seja isso. Ainda assim, nosso cliente cancelou a transação por ora, porque as notícias podem afetar sua oferta pública na bolsa na primavera.

— Que oferta pública?

— Isso não importa. — Kazu suspirou. — Escute, cara, vou ter que demiti-lo. Sinto muito, Solomon. De verdade.

— O quê? O que foi que eu fiz?

— Nós temos que fazer isso. Não há outra opção. Acho que o amigo do seu pai reagiu com um pouco de entusiasmo demais à proposta da venda do terreno, *nee*?

— Mas você não tem provas e está acusando o amigo do meu pai de algo impossível. Goro nunca faria mal...

— Não estou acusando o amigo do seu pai de nada. Mas o fato é que há uma mulher morta que não queria vender sua propriedade. Todo mundo sabia que ela não queria vender e, pouco depois de vender, ela morreu.

— Mas Goro pagou muito dinheiro pela propriedade. Foi o valor justo, de mercado, e ele é coreano. Ela não se importava de vender para um coreano. Eu pensei que dessa forma conseguiríamos contornar a recusa dela. Ele não mataria uma velha por algo assim. Durante toda a vida, ele ajudou pessoas pobres. O que está dizendo? Que Goro fez isso como um favor para meu pai e eu...

Kazu segurou a bola entre as mãos e olhou para o carpete.

— Solly, não diga mais nada. Entendeu? Os investigadores vão querer saber o que aconteceu. Pode ser que não deem muita importância ao caso, mas o cliente está muito assustado, cara. O cliente queria construir um clube de campo, não queria envolvimento com os *yaks*. Você sabe o inferno que pode se instaurar nas assembleias de acionistas?

— *Yaks?* Goro não é da *yakuza*.

Kazu assentiu, jogou a bola para o alto novamente e a pegou.

— Infelizmente, a transação está contaminada, portanto, está temporariamente suspensa. Isso vai implicar um grande custo financeiro para o cliente e nos deixará em uma péssima posição como entidade financeira. Minha reputação...

— Mas o cliente conseguiu a propriedade.

— Sim, mas ninguém deveria morrer. Eu não queria isso.

Kazu fez uma careta, como se tivesse provado algo amargo.

Solomon balançou a cabeça. A única coisa na qual conseguia pensar era nas inúmeras vezes que ouvira as histórias hilárias de Goro sobre suas muitas namoradas e seus constantes incentivos ao futuro de Solomon. Goro tinha uma lucidez extraordinária em relação ao mundo. Um grande homem, seu pai sempre dizia, um homem nobre, um verdadeiro *bushi* que entendia de sacrifício e liderança. Fora Goro quem construíra o negócio de uniformes da mãe de Haruki Totoyama do zero, e tudo porque teve pena de uma mãe criando sozinha os dois filhos. Seu pai dizia que ele sempre fazia coisas boas pelos pobres sem dizer nada. Era absurdo achar que Goro pudesse ter sido responsável pela morte da senhora. A mulher tinha vendido a propriedade para Goro porque todos sabiam que ele era um bom empresário coreano. Todos sabiam disso.

— Duas funcionárias do RH estão esperando lá fora. Solomon, você não sabe como funciona, imagino, porque este é seu primeiro emprego, mas, quando se é demitido de um banco de investimentos, precisa sair do prédio imediatamente por razões de segurança interna. Eu sinto muito.

— Mas o que eu fiz?

— A transação foi adiada por enquanto, e não vamos precisar de uma equipe tão grande. Terei prazer em lhe dar referências. Pode citar meu nome para o que quiser. Eu nunca mencionarei isso a seus futuros empregadores.

Solomon se recostou na cadeira e olhou para o queixo endurecido de Kazu. Ele fez uma pausa antes de falar:

— Você me colocou no negócio de propósito, porque queria que eu convencesse a coreana a vender. Você sabia...

Kazu colocou a bola de volta na estante e foi até a porta.

— Irmão, eu lhe dei um emprego. Considere-se um cara de sorte por isso.

Solomon cobriu a boca com as mãos.

— Você é um bom garoto, Solomon, e tem futuro no mercado financeiro, mas não aqui. Se está insinuando que está sendo discriminado, algo em que os coreanos tendem a acreditar, saiba que isso seria incorreto e injusto comigo. Na verdade, você teve preferência em relação aos nativos. Eu gosto de trabalhar com coreanos. Todos sabem disso. Todo o departamento achava que você era meu funcionário favorito. Eu não queria demiti-lo, mas não concordo com as táticas do seu pai.

— Meu pai? Ele não teve nada a ver com isso.

— Sim, claro. Foi aquele homem, Goro — disse Kazu. — Eu acredito em você. De verdade. Boa sorte, Solomon.

Kazu abriu a porta do escritório e deixou as duas mulheres do RH entrarem antes de ir para sua próxima reunião.

* * *

O discurso do RH foi rápido e pareceu estática aos ouvidos de Solomon. Elas pediram seu cartão de identificação e ele o entregou automaticamente. Sua mente não parava de voltar para Hana, embora achasse que deveria ligar para Phoebe para explicar o que tinha acontecido. Ele precisava de ar. Jogou algumas coisas em uma caixa de papelão branco, mas deixou a bola na estante.

As funcionárias do RH o escoltaram até o elevador e se ofereceram para enviar a caixa para seu apartamento por um mensageiro, mas Solomon recusou. Na sala de conferências com paredes de vidro, viu os caras do jogo de pôquer, mas não Kazu. Giancarlo o viu segurando a caixa branca contra o peito e abriu um meio sorriso, depois voltou ao que estava fazendo. Na rua, Solomon pegou um táxi e pediu ao motorista que o levasse para Yokohama. Ele não achava que fosse capaz de caminhar até a estação de trem.



20

Yokohama, 1989

O Café Empire era um restaurante japonês de *curry* tradicional, perto do bairro chinês, um lugar ao qual Solomon costumava ir com o pai nas tardes de sábado quando era menino. Mozasu ainda comia lá às quartas-feiras, com Goro e Totoyama. O Café Empire servia cinco tipos de *curry*, apenas um tipo de cerveja de barril e a quantidade de chá e picles que o cliente quisesse. O cozinheiro, que estava sempre de mau humor, era hábil com os temperos, e seus pratos não tinham rival na cidade.

Naquela tarde, bem depois da hora do almoço, o café estava quase vazio, exceto pelos três velhos amigos sentados à mesa de canto perto da cozinha. Goro estava contando uma de suas histórias engraçadas enquanto fazia caretas hilárias e gestos dramáticos com as mãos. Mozasu e Totoyama comiam o *curry* quente e bebiam cerveja. O tempo todo, assentiam e sorriam para Goro, encorajando-o a continuar.

Quando Solomon abriu a porta da frente, sempre emperrada, os sinos baratos tocaram.

Sem se dar ao trabalho de parar de limpar as mesas, a pequena garçonete berrou:

— *Irasshai!*

Mozasu ficou surpreso ao ver o filho. Solomon se curvou diante dos homens.

— Está matando o trabalho? — perguntou Mozasu.

Os cantos de seus olhos se enrugaram profundamente quando ele sorriu.

— Bom, bom. Mate o trabalho — interrompeu Goro. Ele ficou feliz ao ver o garoto. — Ouvi dizer que você vai para o escritório até nos fins de semana. Isso não está certo. Um garoto bonito como você deveria estar ocupado correndo atrás de rabos de saia. Se eu tivesse sua altura e seu diploma, nenhuma mulher do Japão me

escaparia. Eu partiria corações a um ritmo que escandalizaria um bom garoto como você.

Goro esfregou as mãos.

Totoyama não disse nada. Ele estava olhando para a metade inferior do rosto de Solomon, que parecia tensa: os lábios do garoto formavam uma linha fina e retesada acima do queixo. O rosto de Totoyama estava corado, pois bastava meia cerveja para que suas orelhas, suas bochechas e seu nariz ficassem vermelhos.

— Solomon, sente-se — disse Totoyama. — Você está bem?

Ele ergueu a maleta apoiada na cadeira vazia e a colocou no chão de linóleo.

— Eu... — Solomon tentou falar, mas não conseguiu.

— Está com fome? Foi Etsuko quem disse a você que nos encontraria aqui fofocando como velhas? — perguntou Mozasu.

Ele balançou a cabeça negativamente.

Mozasu tocou o antebraço do filho. Ele havia comprado o terno azul-escuro que Solomon estava usando na Brooks Brothers quando foi visitá-lo em Nova York. Tinha sido uma sensação agradável poder comprar para o filho todos os ternos para as entrevistas e o que mais ele precisasse em uma loja americana tão elegante. Era para isso que o dinheiro servia, não era: poder comprar para o filho tudo de que ele precisasse?

— Coma um pouco de *curry* — disse Mozasu.

Solomon negou com a cabeça.

Goro franziu a testa e acenou para a garçonete.

— Kyoko-*chan*, traga um chá para o garoto, por favor.

Solomon levantou os olhos e encarou o antigo chefe do pai.

— Eu não sei como começar, Goro-*san*.

— Claro que sabe. Fale de uma vez.

— Meu chefe, Kazu, disse que a senhora, você sabe, a proprietária, ela morreu. Isso é verdade?

— É verdade. Eu fui ao funeral — respondeu Goro. — Ela era muito idosa. Morreu de ataque cardíaco. Tinha duas sobrinhas que herdaram todo o dinheiro. Garotas simpáticas. Uma é casada e a outra, divorciada. Pele boa, testa bonita e ampla. Verdadeiros rostos coreanos. Elas me lembraram minha mãe e minha tia.

A garçonete trouxe o chá e Solomon segurou a pequena caneca marrom entre as mãos. Usavam a mesma caneca no Café Empire desde que ele se lembrava.

Totoyama deu tapinhas de leve no ombro do garoto, como se quisesse acordá-lo.

— Quem foi que morreu?

— A senhora. A senhora coreana que vendeu a propriedade para Goro-*san*. Um cliente do meu chefe queria essa propriedade, e a senhora se recusava a vender para um japonês, então Goro-*san* a comprou e a revendeu, mas agora a senhora está morta, e o cliente suspendeu o negócio. Algo sobre ter uma oferta pública limpa e possíveis investigações.

Totoyama olhou para Mozasu, que parecia igualmente intrigado.

— Ela morreu? Mesmo?

Mozasu olhou para Goro, que acenou calmamente com a cabeça.

— Ela tinha noventa e três anos e morreu alguns dias depois de me vender a propriedade. O que uma coisa tem a ver com a outra?

Goro deu de ombros. Piscou para a garçonete e deu batidinhas na borda da caneca para pedir outra cerveja. Quando apontou para as canecas vazias de Mozasu e Totoyama, os homens negaram com a cabeça. Totoyama cobriu o topo da caneca com a mão.

— Quanto pagou pela propriedade? — perguntou Mozasu.

— Um preço muito bom, mas não absurdo. Em seguida, vendi para esse tal cliente pelo mesmo preço que paguei. Enviei ao chefe de Solomon as cópias do contrato. Não ganhei um único iene. Era a primeira negociação de Solomon e...

Mozasu e Totoyama assentiram. Era impensável que Goro tentasse se beneficiar do trabalho de Solomon.

— O cliente pagou menos do que teria pago se ele próprio tivesse comprado — disse Solomon lentamente, como se Kazu estivesse no recinto.

— O cliente conseguiu um imóvel que nunca teria adquirido de outra forma, porque é japonês, e ela se recusou em várias ocasiões a vender para ele. Ele pagou barato. — Goro resmungou, incrédulo. — E agora está dizendo que não vai construir o country clube? Bobagem.

— Kazu disse que o projeto vai ser suspenso porque eles não querem que as más notícias contaminem a oferta pública na bolsa.

— Que más notícias? A velha senhora morreu em paz. Embora vá levar algum tempo para eliminar aquele cheiro horrível de coreano — disse Goro. — Estou farto disso.

Totoyama franziu o cenho.

— Se houvesse algo questionável na morte dela, eu saberia. Não foi aberta nenhuma investigação.

— Ouça, o acordo está feito. Se esse idiota quiser embolsar a sua parte, tudo bem. Eu não esperava que ele lhe desse um bônus justo, mas lembre-se: esse canalha não vai mais se aproveitar de você. Vou ficar de olho nesse filho da puta até o dia em que morrer.

Goro inspirou, depois sorriu tranquilamente para o garoto.

— Agora, Solomon, você deveria comer um pouco de *curry* e me falar sobre essa garota americana, Phoebe. Eu sempre quis ir para os Estados Unidos conhecer as mulheres de lá. São lindas, muito lindas. — Ele estalou a língua. — Eu quero uma namorada americana loira com uma bunda grande!

Os homens sorriram, mas não riram como antes. Solomon parecia inconsolável.

A garçonete trouxe uma cerveja para Goro e voltou para a cozinha. Goro observou enquanto ela se afastava.

— Magra demais — disse ele, alisando o topete tingido de preto com as mãos morenas.

— Fui demitido — revelou Solomon.

— *Nani?* — disseram os três homens ao mesmo tempo. — Por quê?

— Kazu disse que o cliente vai paralisar o negócio. Eles não precisam mais de mim. Ele disse que, se houver uma investigação por causa da...

Solomon se deteve antes de dizer a palavra *yakuza*, porque, de repente, não teve mais certeza. Seu pai não teria se associado a criminosos. Será que deveria estar falando assim na frente de Totoyama? Ele era japonês e tinha um alto cargo na polícia de Yokohama, não seria amigo de criminosos. A sugestão por si só teria magoado profundamente os três homens.

Goro estudou o rosto de Solomon e acenou com a cabeça de maneira quase imperceptível, porque compreendeu o silêncio do garoto.

— Ela foi cremada? — perguntou Totoyama.

— Provavelmente, mas alguns coreanos são enterrados na Coreia — disse Mozasu.

— *Soo nee* — disse Totoyama.

— Solomon, a senhora morreu de causas naturais. A sobrinha disse que foi o coração. Ela tinha noventa e três anos. Eu não tive nada a ver com a morte dela. Escute, seu chefe não acha de verdade que eu matei a velha. Se achasse, teria medo de demiti-lo. O que me impediria de matá-lo? Isso são sandices das séries de televisão. Ele usou suas conexões, depois o demitiu inventando uma desculpa. O cliente só queria se livrar da merda coreana.

— Você vai conseguir um emprego melhor na área financeira. Tenho certeza disso — disse Mozasu.

Goro, no entanto, estava visivelmente irritado.

— Você nunca mais deveria voltar a trabalhar para um banco sujo.

— *Iie*. Solomon se formou em economia. Ele estudou nos Estados Unidos para trabalhar em um banco americano.

— O Travis é um banco britânico — corrigiu Solomon.

— Bem, talvez esse tenha sido o problema. Talvez você devesse trabalhar em um banco americano. Existem muitos bancos de investimentos americanos, *nee*? — disse Mozasu.

Solomon estava se sentindo péssimo. Os homens sentados àquela mesa o haviam criado. Podia ver como estavam chateados.

— Não se preocupem comigo. Vou arranjar outro emprego. Além disso, tenho economias. É melhor eu ir agora. — Ele se levantou da cadeira. — Pai, deixei uma caixa no seu escritório. Pode mandá-la para mim em Tóquio? Não é nada importante.

Mozasu fez que sim com a cabeça.

— Por que não me deixa levá-lo para casa? Podemos ir de carro até Tóquio.

— Não, está tudo bem. Eu vou pegar o trem. É mais rápido. Phoebe deve estar se perguntando onde estou.

* * *

Como ela não atendeu ao telefone, Solomon voltou ao hospital. Hana estava acordada. Música pop tocava no rádio. O quarto continuava escuro, mas o hit dançante fazia com que parecesse animado como uma boate.

— Já voltou? Deve ter realmente sentido minha falta, Solomon.

Ele contou tudo que havia acontecido, e ela ouviu sem interrompê-lo.

— Você deveria assumir os negócios do seu pai.

— *Pachinko?*

— Sim, *pachinko*. Por que não? Todos os idiotas que dizem coisas ruins a respeito do *pachinko* são uns invejosos. Seu pai é uma pessoa honesta. Poderia ser mais rico se fosse desonesto, mas é rico o suficiente. Goro também é um cara legal. Ele pode ser um *yak*, mas e daí? Eu não dou a mínima. E, se não for, tenho certeza de que conhece todos eles. O mundo é imundo, Solomon. Ninguém está limpo. Viver nos deixa sujos. Eu conheci muitas pessoas elegantes do Banco Industrial do Japão e do Banco do Japão, membros das melhores famílias, e que na cama gostam de fazer coisas doentias. Vários fazem coisas muito ruins nos negócios, mas não são pegos. A maioria dos caras com quem eu fodi roubaria se tivesse a chance. Eles são covardes demais para ter uma ambição real. Escute, Solomon, nada vai mudar aqui. Entende?

— O que você quer dizer com isso?

— Você é um tolo — disse ela, rindo —, mas é o meu tolo.

As brincadeiras dela o entristeceram. Ele já sentia sua falta. Solomon não conseguia se lembrar de ter se sentido tão solitário antes.

— O Japão nunca vai mudar. Os *gaijin* nunca vão se integrar e, meu querido, aqui você sempre será um *gaijin*, nunca um japonês. *Nee?* Os *zainichi* não podem deixar o país, *nee?* Mas não é só você. No Japão, pessoas como minha mãe nunca serão aceitas na sociedade, pessoas como eu nunca serão aceitas. E nós somos japonesas! Eu estou doente. Peguei de um cara japonês que era dono de uma empresa de exportação. Ele morreu. Mas ninguém se importa. Nem mesmo os médicos, que querem apenas que eu

morra logo. Então ouça, Solomon, você deve ficar aqui e não voltar para os Estados Unidos, e deve assumir os negócios do seu pai. Ficar tão rico que possa fazer o que quiser. Mas, meu querido Solomon, eles nunca vão nos aceitar. Entende o que quero dizer? — Hana o encarou. — Faça o que estou lhe dizendo.

— Meu pai não quer isso para mim. Até Goro-*san* vendeu seus salões e está no ramo imobiliário agora. Meu pai queria que eu trabalhasse em um banco de investimentos americano.

— Para quê? Para ser como Kazu? Eu conheço mil Kazus. Eles não servem nem para limpar a bunda do seu pai.

— Também há pessoas boas nos bancos.

— E também há pessoas boas no *pachinko*. Como seu pai.

— Eu não sabia que você gostava do meu pai.

— Sabe, depois que eu vim para cá, ele me visita todos os domingos, quando minha mãe precisa de um descanso. Às vezes, quando fingia estar dormindo, eu o via orando por mim nessa cadeira. Não acredito em Deus, mas acho que isso não importa. Nunca ninguém orou por mim antes, Solomon.

Solomon fechou os olhos e assentiu.

— Sua avó Sunja e sua tia-avó Kyunghee me visitam aos sábados. Sabia disso? Elas também oram por mim. Eu não entendo essas coisas de Jesus, mas é um milagre que alguém o toque quando você está doente. As enfermeiras daqui têm medo de me tocar. Sua avó Sunja segura minhas mãos e sua tia-avó Kyunghee coloca toalhas frias na minha cabeça quando tenho febre. Eles são amáveis comigo, apesar de eu ser uma pessoa ruim...

— Você não é ruim. Isso não é verdade.

— Eu fiz coisas horríveis — retrucou ela com amargura. — Solomon, quando eu era acompanhante, vendi drogas para uma garota que acabou tendo uma overdose. Roubei dinheiro de muitos homens. Contei tantas mentiras... — Ela fez uma pausa. Solomon não disse nada. — Eu mereço isso.

— Não. É um vírus. Todo mundo fica doente em algum momento da vida.

Solomon acariciou a testa dela e a beijou.

— Tudo bem, Solomon. Não faço mais coisas ruins. Tive tempo de pensar na minha vida estúpida.

— Hana...

— Eu sei, Solomon. *Otomodachi*, *nee?*

Ela fingiu fazer uma reverência formal, mesmo deitada, e pegou o canto do cobertor como se estivesse segurando uma dobra da saia. Havia um traço de flerte em seus movimentos ainda ágeis. Ele queria se lembrar daquele pequeno gesto para sempre.

— Vá para casa, Solomon.

— Tudo bem — disse ele, e nunca mais a viu.



21

Tóquio, 1989

— Nunca gostei dele — disse Phoebe. — Bajulador demais.

— Bem, devo ser um idiota, porque eu gostava — disse Solomon. — Além disso, como teve essa impressão de Kazu no pouco tempo em que esteve com ele? Você o viu por cerca de dois minutos quando o encontramos na Mitsukoshi. E nunca mencionou isso.

Afundado na poltrona de couro alugada, Solomon mal conseguia olhar para Phoebe. Não tinha certeza de que tipo de reação esperava dela, mas ficou surpreso com a serenidade com a qual recebeu a notícia. Parecia quase satisfeita. Phoebe estava sentada no banco junto à janela, com os joelhos dobrados junto ao peito.

— Eu realmente gostava dele — disse ele.

— Solomon, esse cara ferrou você.

Solomon olhou para o perfil plácido dela e jogou a cabeça para trás, apoiando-a novamente no encosto da poltrona.

— Ele é um idiota.

— Eu me sinto bem melhor agora.

— Eu estou do seu lado.

Phoebe não sabia se devia se levantar e se sentar ao lado dele. Não queria que Solomon pensasse que sentia pena dele. Sua irmã mais velha costumava dizer que os homens detestam a piedade — na verdade, desejam compreensão e admiração, uma combinação nada fácil.

— Ele era um falso. Falava com você como se fosse seu colega, como se ele fosse alguém importante no *campus* e você fosse um dos seus “garotos”. Essas coisas ainda existem? Odeio essas porcarias de fraternidades.

Phoebe revirou os olhos.

Solomon estava perplexo. Ela havia sintetizado toda a sua relação com Kazu com base naquele breve, quase inexistente, encontro na praça de alimentação da loja de departamentos Mitsukoshi. Como havia feito isso?

Phoebe abraçou os joelhos, entrelaçando os dedos.

— Você não gosta dele porque é japonês.

— Não fique bravo comigo. Não é que eu desconfie dos japoneses, mas não sei se posso confiar neles completamente. Você vai dizer que tenho lido coisas demais sobre a Guerra do Pacífico. Eu sei, eu sei, pareço um pouco intolerante.

— Um pouco? Os japoneses também sofreram. Nagasaki. Hiroshima. E, nos Estados Unidos, os descendentes de japoneses foram enviados para campos de concentração, mas os descendentes de alemães não. Como explica isso?

— Solomon, já passei muito tempo aqui. Podemos voltar para casa, por favor? Você vai conseguir uma dúzia de ofertas de emprego incríveis em Nova York. Você é bom em tudo. Ninguém se sai melhor do que você em entrevistas.

— Não tenho visto para trabalhar nos Estados Unidos.

— Há outras maneiras de obter cidadania.

Ela sorriu.

A família de Solomon havia sugerido em inúmeras ocasiões que ele queria se casar com ela e que deveria fazê-lo, a única pessoa que não tinha dito isso explicitamente fora ele próprio.

A cabeça de Solomon permaneceu imóvel no encosto da poltrona. Phoebe viu que ele estava olhando para o teto. Ela se levantou do banco e foi até o armário da frente. Abriu as portas e tirou suas duas malas. As rodas rolaram com estrépito pelo piso de madeira, e Solomon levantou a cabeça.

— Ei, o que você está fazendo?

— Vou voltar para casa — respondeu ela.

— Não faça isso.

— Bem, me ocorreu que perdi minha vida quando vim para cá com você, e você não vale esse sacrifício.

— Por que está agindo assim?

Solomon se levantou da poltrona e ficou de pé onde ela estivera apenas alguns segundos antes. Phoebe arrastou as malas até o quarto e fechou a porta silenciosamente.

O que ele poderia dizer? Não ia se casar com ela. Soube disso assim que aterrissaram em Narita. A autoconfiança e o autocontrole de Phoebe o haviam fascinado na faculdade. Sua equanimidade,

que lhe parecia tão importante nos Estados Unidos, parecia indiferença e arrogância em Tóquio. Ela havia desperdiçado sua vida ali, isso era verdade, mas casar-se com ela não era a solução.

Além disso, havia toda aquela conversa sobre o Japão ser ruim. Claro, havia idiotas no Japão, mas havia idiotas por toda parte, *nee*? Desde que tinham chegado ao país, ou ela havia mudado, ou seus sentimentos por ela haviam mudado. Ele não estivera propenso a pedi-la em casamento antes? No entanto, quando ela propôs a ideia de se casar para obter cidadania, Solomon se deu conta de que não queria se tornar americano. Faria sentido se fizesse isso, seu pai ficaria feliz. Era melhor ser americano do que japonês? Ele conhecia coreanos que haviam obtido a cidadania japonesa, e isso fazia sentido, mas também não era o que ele desejava. Talvez um dia. Phoebe tinha razão: era estranho que ele tivesse nascido no Japão, mas carregasse um passaporte sul-coreano. Não descartava naturalizar-se. Talvez outros coreanos não o compreendessem, mas ele não se importava mais.

Kazu era um babaca, mas e daí? Ele era má pessoa e era japonês. Talvez fosse isso que tivesse aprendido no tempo que passou estudando nos Estados Unidos. Mesmo que houvesse cem japoneses ruins e apenas um bom, ele se recusava a fazer generalizações. Etsuko era como uma mãe para ele, seu primeiro amor tinha sido Hana e Totoyama era como um tio. Eles eram japoneses e eram pessoas muito boas. Phoebe não os conhecia como ele, como poderia esperar que ela entendesse?

De certa forma, Solomon também era japonês, mesmo que os japoneses não o considerassem assim. Phoebe não compreendia. A identidade era mais do que apenas sangue. A distância entre os dois não podia ser desfeita e, se ele era um homem decente, tinha que deixá-la voltar para casa.

* * *

Solomon foi até a cozinha e fez café. Serviu duas xícaras e se aproximou da porta do quarto.

— Phoebe, posso entrar?

— A porta está aberta.

As malas no chão estavam cheias de roupas dobradas e enroladas. Os armários estavam quase vazios. Os cinco ternos escuros de Solomon e meia dúzia de camisas brancas estavam pendurados na longa haste, com um metro de espaço desocupado. As fileiras organizadas de sapatos ainda ocupavam a maior parte do chão do armário. Os sapatos de Phoebe eram de couro preto ou marrom; um par de *espadrilles* cor-de-rosa, que uma vez lhe causara terríveis bolhas, destacava-se dos outros como um chamativo erro juvenil. No terceiro ano da faculdade, eles foram a uma festa e ela teve que andar descalça até o alojamento da 111th Street com a Broadway, porque as *espadrilles* cor-de-rosa apertavam muito seus pés.

— Por que você ainda tem esses sapatos?

— Cale a boca, Solomon.

Phoebe começou a chorar.

— O que foi que eu disse?

— Nunca me senti tão estúpida na vida. O que estou fazendo aqui?

Ela respirou fundo.

Solomon a encarou sem saber como consolá-la. Tinha medo dela, talvez sempre tivesse tido medo dela: sua alegria, sua fúria, sua tristeza, seu entusiasmo... Ela tinha tantos sentimentos extremos. O quarto praticamente vazio, com a cama alugada e a luminária de chão solitárias, parecia ressaltar sua intensidade. Quando moravam em Nova York, Phoebe era vivaz e maravilhosa. Ali, era quase rígida demais.

— Sinto muito — disse ele.

— Não. Você não sente.

Solomon se sentou no chão acarpetado de pernas cruzadas, apoiando as costas compridas na parede estreita. As paredes recém-pintadas ainda estavam nuas. Não tinham pendurado nada porque o proprietário cobraria uma multa por cada prego.

— Sinto muito — repetiu ele.

Phoebe pegou as *espadrilles* e as jogou no cesto de lixo cheio.

— Acho que vou trabalhar para o meu pai — disse ele.

— No *pachinko*?

— Sim.

Solomon assentiu para si mesmo. Era estranho dizer aquilo em voz alta.

— Ele pediu que você fizesse isso?

— Não. Acho que não é o que ele quer. — Ele balançou a cabeça. — Talvez eu possa assumir o negócio.

— Você está brincando, não é?

— Não.

Sem dizer uma palavra, Phoebe continuou a fazer as malas. Passou a ignorá-lo deliberadamente, mas ele continuou a observá-la. Ela era mais charmosa do que atraente, mais atraente do que bonita. Ele gostava do seu torso longo, do pescoço delgado, dos cabelos curtos e dos olhos inteligentes. Quando ria de uma piada, sua risada era sincera. Nada parecia assustá-la, ela achava que tudo era possível. Será que poderia fazê-la mudar de ideia? Será que ele poderia mudar de ideia? Talvez arrumar as malas fosse apenas um gesto dramático. O que ele sabia sobre as mulheres? Na realidade, só havia se relacionado com duas garotas.

Ela enrolou outro suéter e o colocou na pilha crescente.

— *Pachinko*. Bem, isso facilita as coisas — disse, por fim. — Eu não posso viver aqui, Solomon. Mesmo que quisesse se casar comigo, eu não poderia viver aqui. Não consigo respirar aqui.

— Na noite em que chegamos, quando você não conseguiu ler as instruções no frasco de aspirina e começou a chorar... Eu deveria ter me dado conta naquele momento.

Phoebe pegou outro suéter e o olhou fixamente, como se não soubesse o que fazer com ele.

— Você tem que me deixar — disse ele.

— Sim, tenho.

* * *

Ela foi embora pela manhã. Era a cara de Phoebe ir embora sem fazer drama. Solomon a levou ao aeroporto de trem e, apesar de terem sido educados, ela havia mudado da noite para o dia, literalmente. Não parecia triste nem com raiva, foi cordial. Na

verdade, parecia mais forte do que antes. Deixou que Solomon lhe desse um abraço de despedida, mas concordaram em não se falar por um tempo.

— Vai ser melhor — disse ela, e Solomon se sentiu incapaz de fazê-la mudar de ideia.

Ele pegou o trem para Yokohama.

* * *

O modesto escritório do pai estava repleto de estantes de metal cinza e havia pilhas de papéis nos aparadores ao longo das paredes. Abaixo das janelas altas, havia três cofres com documentos e as faturas do dia. Mozasu estava sentado atrás da mesma mesa de carvalho gasta que usava como escrivaninha havia mais de trinta anos. Noa tinha estudado naquela mesa para os exames de Waseda e, quando se mudou para Tóquio, deixou-a para Mozasu.

— Pai.

— Solomon! — exclamou Mozasu. — Está tudo bem?

— Phoebe voltou para os Estados Unidos.

Dizer isso ao pai tornou as coisas reais. Solomon se sentou na cadeira vazia.

— O quê? Por quê? Porque você perdeu o emprego?

— Não. Eu não posso me casar com ela. E disse a ela que prefiro viver no Japão. Trabalhar no *pachinko*.

— O quê? No *pachinko*? Não, não. — Mozasu balançou a cabeça. — Você vai conseguir outro emprego em um banco. Foi por isso que foi para Columbia, *nee*? — Mozasu tocou a testa, genuinamente confuso com aquela notícia. — Ela é uma boa moça. Pensei que iam se casar. — Ele deu a volta na mesa e entregou ao filho um pacote de lenços de papel. — *Pachinko? Honto?*

— Sim, por que não?

Solomon assoou o nariz.

— Você não vai querer fazer isso. Não sabe o que as pessoas dizem.

— Nada do que dizem é verdade. Você é um empresário honesto. Sei que paga seus impostos e tem todas as licenças e...

— Sim, sim. É verdade. Mas as pessoas sempre vão dizer coisas. Elas sempre dizem coisas horríveis, não importa o que aconteça. Já me acostumei. Eu não sou ninguém. Você não precisa fazer esse trabalho. Eu não era inteligente na escola, como meu irmão. Eu era bom em ficar de um lado para o outro resolvendo coisas. Eu era bom em ganhar dinheiro. Sempre mantive meus negócios limpos e fiquei longe de coisas ruins. Goro-*san* me ensinou que não vale a pena se envolver com bandidos. Mas, Solomon, esse negócio não é fácil, *nee*? Não é apenas preparar as máquinas, encomendar máquinas novas e contratar pessoas para trabalhar no salão. Há muitas coisas que podem dar errado. Conhecemos muitas pessoas que perderam tudo, *nee*?

— Por que não quer que eu trabalhe com isso?

— Eu mandei você para uma universidade americana para que ninguém... — Mozasu fez uma pausa. — Não quero que ninguém menospreze meu filho.

— Pai, isso não importa. Nada disso importa, *nee*?

Solomon nunca tinha visto o pai daquele jeito.

— Eu trabalhei e ganhei dinheiro porque achei que isso faria de mim um homem. Eu achava que as pessoas iam me respeitar se eu fosse rico.

Solomon olhou para ele e assentiu. O pai raramente gastava consigo mesmo, mas tinha pagado casamentos e funerais de funcionários e financiado os estudos de seus filhos.

O rosto de Mozasu se iluminou de repente.

— Você pode mudar de ideia, Solomon. Pode ligar para Phoebe quando ela chegar em casa e dizer que sente muito. Sua mãe era muito parecida com Phoebe, obstinada e inteligente.

— Eu quero viver aqui — disse Solomon. — Ela não.

— *Soo nee*.

Solomon pegou o livro de contabilidade da mesa do pai.

— Explique-me como isso funciona, pai.

Mozasu fez uma pausa. Em seguida, abriu o livro.

* * *

Era o primeiro dia do mês, e Sunja acordou inquieta. Havia sonhado com Hansu de novo. Ultimamente, ele vinha aparecendo em seus sonhos com a mesma aparência de quando ela era menina, com o terno de linho branco e os sapatos de couro branco. Sempre dizia a mesma coisa:

— Você é minha menina, você é minha linda menina.

Sunja acordava e sentia vergonha. Já deveria tê-lo esquecido.

Depois do café da manhã, iria ao cemitério limpar o túmulo de Isak. Como sempre, Kyunghee se ofereceu para acompanhá-la, mas Sunja disse que não precisava.

Nenhuma das duas realizava o *jesa*. Como cristãs, não deveriam acreditar no culto aos antepassados. No entanto, ambas as viúvas ainda desejavam conversar com o marido e os pais, apelar para eles, pedir seus conselhos. Sentiam falta de seus antigos rituais, por isso Sunja ia ao cemitério regularmente. Era curioso, mas Sunja se sentia próxima de Isak de uma maneira que não se sentia quando ele estava vivo. Em vida, ela o admirava e admirava sua bondade. Morto, ele parecia mais acessível.

Quando o trem de Yokohama chegou à estação de Osaka, Sunja comprou crisântemos cor de marfim na barraca da velha coreana. Fazia anos que ela ficava lá. Conforme Isak havia explicado, quando chegava a hora de ir para junto do Senhor, o corpo verdadeiro ia para o Céu, de forma que não importava o que acontecia aos restos mortais. Não fazia sentido levar para um corpo enterrado suas comidas favoritas, incensos ou flores. Não havia necessidade de se curvar, já que todos eram iguais aos olhos de Deus, ele dissera. Ainda assim, Sunja não conseguia deixar de querer levar algo bonito para seu túmulo. Em vida, ele pedira muito pouco a ela e, quando pensava no marido agora, lembrava-se dele como alguém que havia louvado a beleza das criações divinas.

Ela ficou feliz por não ter cremado Isak. Queria um lugar para que os filhos visitassem o pai. Mozasu visitava o túmulo com frequência e, antes de ir embora, Noa também a acompanhava. Será que também falavam com o pai?, pensou. Nunca tinha lhe ocorrido perguntar a eles, e agora era tarde demais.

Ultimamente, toda vez que ia ao cemitério, ela se perguntava o que Isak teria pensado da morte de Noa. Ele teria entendido o

sofrimento do filho, teria sabido o que dizer a ele. Noa havia sido cremado pela esposa, então não havia sepultura para visitar. Sunja falava com Noa quando estava sozinha. Às vezes, algo muito simples como um delicioso pedaço de caramelo de abóbora fazia com que se lamentasse por, agora que tinha dinheiro, não poder comprar para ele algo que amava tanto quando criança. *Sinto muito, Noa, sinto muito.* Haviam se passado onze anos desde a sua morte, a dor não desaparecera, mas sua ponta afiada se tornara cega e suave como vidro do mar.

Sunja não foi ao funeral de Noa. Não queria que sua esposa e seus filhos soubessem a seu respeito, já havia feito mal o suficiente. Se não tivesse ido ao seu encontro naquele dia, talvez ele ainda estivesse vivo. Hansu também não tinha ido ao funeral. Noa teria cinquenta e seis anos agora.

Em seu sonho, na noite anterior, Sunja tinha ficado feliz porque Hansu fora vê-la novamente. Eles se encontravam na praia perto de sua antiga casa em Yeongdo para conversar, e recordar o sonho era como assistir à vida de outra pessoa. Como era possível que Isak e Noa estivessem mortos, mas Hansu ainda estivesse vivo? Como isso podia ser justo? Hansu vivia em algum lugar em Tóquio, em uma cama de hospital, sob o olhar atento de enfermeiras e de suas filhas 24 horas por dia. Ela nunca mais o viu e não queria vê-lo. Em seus sonhos, ele era tão intenso quanto quando ela era menina. Não era de Hansu que sentia falta, nem mesmo de Isak. O que ela revisitava em sonhos era sua juventude, seu início e seus desejos... porque tinha sido assim que se tornara mulher. Sem Hansu, Isak e Noa, não teria feito a peregrinação àquela terra. Além do cotidiano daquela vida de *ajumma*, houvera momentos de beleza resplandecente e alguma glória também. Mesmo que ninguém soubesse, era verdade.

Havia consolo: as pessoas que amamos estão sempre conosco, ela havia aprendido. Às vezes, parada diante da bilheteria do trem ou da vitrine de uma livraria, sentia a mãozinha de Noa quando menino, então fechava os olhos e pensava em seu cheiro doce e herbal e lembrava que ele sempre tentava dar o seu melhor em tudo que fazia. Naqueles momentos, era bom estar sozinha para se aferrar àquela lembrança.

Ela tomou um táxi da estação de trem até o cemitério, depois caminhou várias fileiras até o túmulo bem-cuidado de Isak. Não havia necessidade de limpar nada, mas ela gostava de passar um pano na lápide de mármore antes de falar com ele. Sunja ficou de joelhos e limpou a lápide quadrada e plana com os panos que tinha levado para esse fim. O nome de Isak estava gravado em japonês e coreano. 1907-1944. O mármore branco estava limpo e aquecido pelo sol.

Ele tinha sido um homem muito bonito e elegante. Sunja se lembrava de como as criadas da pensão o admiravam, Bokhee e Dokhee nunca tinham visto um homem tão bem-apessoado. Mozasu havia puxado mais a ela e tinha o seu rosto simples, mas possuía o mesmo porte ereto do pai e seu passo firme.

— *Yobo* — disse ela —, Mozasu está bem. Na semana passada, me ligou, porque Solomon perdeu o emprego naquele banco estrangeiro e agora quer trabalhar com o pai. Já imaginou? Eu me pergunto o que você acharia de tudo isso.

O silêncio a encorajou.

— Eu gostaria de saber como você está...

Ela parou de falar quando viu Uchida-*san*, o zelador. Sunja estava sentada no chão com sua calça de lã preta. Ela olhou para a bolsa, que também estava no chão: era uma bolsa de grife cara que Etsuko havia comprado para ela em seu aniversário de setenta anos.

O zelador parou diante dela e fez uma reverência, que ela retribuiu.

Sunja sorriu para o homem educado, que devia ter uns quarenta ou quarenta e cinco anos. Uchida-*san* parecia mais jovem do que Mozasu. Que idade ela aparentaria ter? Sua pele estava muito enrugada pelos anos ao sol e seus cabelos estavam completamente brancos. Não importava, setenta e três anos não lhe pareciam muito. Será que o zelador a ouvira murmurar em coreano? Desde que havia parado de trabalhar na confeitaria, seu japonês limitado se deteriorara ainda mais. Não era terrível, mas ultimamente ela se sentia tímida diante de falantes nativos. Uchida-*san* pegou o ancinho e foi embora.

Sunja colocou ambas as mãos no mármore branco, como se pudesse tocar Isak de onde estava.

— Gostaria que você pudesse me dizer o que vai ser de nós. Eu gostaria... Eu gostaria de saber se Noa está com você.

A várias fileiras dela, o zelador retirava folhas úmidas das lápides. De vez em quando, olhava para ela, e Sunja sentia vergonha de estar falando com um túmulo. Queria ficar um pouco mais. Para dar a impressão de que estava ocupada, abriu a bolsa de lona para guardar os panos sujos. No fundo da bolsa, encontrou as chaves de casa presas a um chaveiro com fotografias em miniatura de Noa e Mozasu em uma moldura de acrílico.

Sunja começou a chorar e não conseguiu mais parar.

— Boku-*san*.

— *Hai?*

Ela olhou para o zelador.

— Quer que eu pegue algo para a senhora beber? Tenho uma garrafa térmica de chá no galpão. Não é um chá muito bom, mas está quente.

— Não, não. Obrigada. Você vê pessoas chorando o tempo todo — disse ela em um japonês precário.

— Não, na verdade, poucas pessoas vêm aqui, mas sua família visita regularmente. A senhora tem dois filhos e um neto, Solomon. Mozasu-*sama* vem a cada um ou dois meses. Não vejo Noa-*sama* há onze anos, mas ele vinha sempre na última quinta-feira do mês. Dava para marcar no relógio. Como está Noa-*sama*? Ele era um homem muito gentil.

— Noa vinha aqui? Antes de 1978?

— *Hai*.

— De 1963 a 1978? — Eram os anos que ele havia passado em Nagano. Ela disse as datas novamente, esperando que seu japonês estivesse correto. Sunja apontou para a fotografia de Noa no chaveiro. — Ele vinha aqui?

O zelador assentiu com convicção ao ver a fotografia. Em seguida, olhou para o céu como se estivesse tentando consultar algum tipo de calendário mental.

— *Hai*, *hai*. Ele veio nesses anos e antes também. Noa-*sama* me disse para ir para a faculdade e até se ofereceu para pagar se eu

quisesse.

— É verdade?

— Sim, mas eu disse a ele que tenho a cabeça oca e que teria sido inútil me mandar para a faculdade. Além disso, eu gosto daqui. É silencioso. Todos os que vêm aqui são muito gentis. Ele me pediu para nunca mencionar suas visitas, mas eu não o vejo há mais de uma década e me pergunto se ele terá se mudado para a Inglaterra. Ele me disse para ler bons livros e me trouxe traduções do grande autor britânico Charles Dickens.

— Noa, meu filho, está morto.

O zelador abriu ligeiramente a boca.

— Meu filho, meu filho — repetiu Sunja baixinho.

— Fico muito triste em ouvir isso, Boku-*san*. De verdade — disse o zelador, com tristeza. — Eu esperava poder dizer a ele que, depois que terminei todos os livros que ele me trouxe, comprei mais. Eu li toda a obra do sr. Dickens, mas o meu favorito é o primeiro que ele me deu, *David Copperfield*. Eu admiro David.

— Noa adorava ler. O melhor. Ele adorava ler.

— A senhora leu o sr. Dickens?

— Eu não sei ler — disse ela.

— *Maji?* Se é mãe de Noa, também deve ser muito inteligente. Talvez possa ir à escola noturna para adultos. Foi o que Noa-*sama* me disse para fazer.

Sunja sorriu para o zelador, que parecia esperançoso em enviar uma velha para a escola. Ela se lembrou de Noa tentando convencer Mozasu a não abandonar os estudos.

O zelador olhou para o ancinho. Fez uma grande reverência e em seguida pediu licença para voltar ao trabalho.

Quando ele estava fora do alcance de sua vista, Sunja cavou com as mãos um buraco de cerca de trinta centímetros de profundidade na base da lápide e enterrou nele a fotografia do chaveiro. Cobriu o buraco com terra e grama, depois limpou as mãos o melhor que pôde com seu lenço, mas continuou com terra sob as unhas. Sunja pressionou a terra e ajeitou a grama com os dedos.

Pegou a bolsa. Kyunghee estaria esperando por ela em casa.

Agradecimentos

Tive a ideia para esta história em 1989.

Estava no terceiro ano da faculdade e não sabia o que ia fazer depois de formada. Em vez de refletir sobre o meu futuro, procurava distrações. Uma tarde, assisti ao que então se chamava *Master's Tea*, uma série de palestras de convidados em Yale. Nunca tinha ido a uma antes. Um missionário americano que vivia no Japão falou sobre os "*zainichi*", termo usado com frequência para descrever os coreanos japoneses que haviam migrado na época colonial e seus descendentes. Alguns coreanos no Japão não desejam ser chamados de *zainichi* porque o termo significa, literalmente, "estrangeiro que reside no Japão", o que não faz sentido, já que muitos são a terceira, quarta ou quinta geração de coreanos no país. Há muitos coreanos étnicos que são agora cidadãos japoneses, embora a opção de se naturalizar não seja fácil. Também há muitos que se casaram com japoneses ou que têm herança coreana parcial. Infelizmente, há uma longa e conturbada história de discriminação jurídica e social contra os coreanos e aqueles que têm origem coreana no Japão. Há quem nunca revele sua herança coreana, embora sua identidade étnica possa ser rastreada por meio de seus documentos de identificação e registros governamentais.

O missionário falou sobre essa história e contou o caso de um adolescente que, no ensino médio, foi intimidado e insultado em seu anuário por causa de sua origem coreana. O garoto se atirou de um prédio e morreu. Nunca me esqueci disso.

Eu me formei em 1990, com licenciatura em história. Fui para a faculdade de direito e atuei como advogada por dois anos. Depois de abandonar o direito, decidi, ainda em 1996, escrever sobre os coreanos no Japão. Escrevi muitas histórias e rascunhos de romances que nunca foram publicados. Estava desanimada. Então,

em 2002, o *Missouri Review* publicou meu conto “Motherland”, sobre um menino coreano no Japão que tem as impressões digitais registradas e recebe uma carteira de identidade estrangeira no dia de seu aniversário — conto que mais tarde ganhou o Prêmio Peden. Além disso, escrevi um relato ficcional da história que tinha ouvido na faculdade e ganhei uma bolsa da New York Foundation for the Arts. Com esse dinheiro, fiz cursos e paguei uma babá para poder escrever. Esse reconhecimento inicial foi essencial, porque levei muito tempo para publicar algo. Além disso, a bolsa da NYFA confirmou minha crença obstinada de que as histórias dos coreanos no Japão tinham que ser contadas de alguma forma, já que grande parte dessas vidas havia sido depreciada, negada e apagada.

Eu queria muito fazer isso da maneira certa. No entanto, acreditava não ter todo o conhecimento ou todas as habilidades necessárias para fazê-lo de forma adequada. Ansiosa, realizei um enorme trabalho de pesquisa e escrevi o rascunho de um romance sobre a comunidade coreana no Japão. Ainda assim, não fiquei satisfeita. Então, em 2007, meu marido recebeu uma oferta de emprego em Tóquio e nos mudamos para lá em agosto. Lá, tive a chance de entrevistar dezenas de coreanos e percebi que não tinha compreendido bem a história. Os coreanos no Japão podiam ser vítimas históricas, mas, quando os conheci pessoalmente, nenhum deles era apenas isso. Fiquei tão comovida com a envergadura e a complexidade das pessoas que conheci no Japão que abandonei meu antigo rascunho e comecei a escrever o livro novamente em 2008, e continuei a escrevê-lo e revisá-lo até a publicação.

Carreguei essa história comigo por quase trinta anos. Consequentemente, há muitas pessoas a quem devo agradecer.

Speer Morgan e Evelyn Somers, do *Missouri Review*, foram os primeiros a acreditar nesta história. A NYFA me concedeu uma bolsa quando pensei em desistir. Obrigada.

Quando morei em Tóquio, um grande número de pessoas concordou em me encontrar e responder minhas muitas perguntas sobre os coreanos no Japão, bem como sobre a vida de expatriado, economia internacional, a *yakuza*, a história do cristianismo colonial, trabalho policial, imigração, *Kabukicho*, pôquer, Osaka, o mercado imobiliário em Tóquio, liderança em Wall Street, *mizu shobai* e, é

claro, a indústria do *pachinko*. Quando não conseguíamos nos encontrar pessoalmente, muitos conversavam comigo por telefone ou respondiam minhas perguntas por e-mail. Devo aos seguintes indivíduos generosos: Susan Menadue Chun, Jongmoon Chun, Ji Soo Chun, Haeng-ja Chung, Kangja Chung, reverendo Yean Won Chung, Scott Callon, Emma Fujibayashi, Stephanie e Greg Guyett, Mary Hauet, Danny Hegglin, Gen Hidemori, Tim Hornyak, Linda Rhee Kim, Myeong Gu Kim, Alexander Kinmont, Tamie Matsunaga, Naoki Miyamoto, Rika Nakajima, Sohee Park, Alberto Tamura, Peter Tasker, Jane e Kevin Quinn, Hyang Yang, Paul Yang, Simon Yoo e Chongran Yun.

Preciso deixar registrado que este livro não poderia ter sido escrito sem a importante sabedoria dos seguintes escritores: David Chapman, Haeng-ja Chung, Haruko Taya Cook, Theodore F. Cook, Erin Chung, George De Vos, Yasunori Fukuoka, Haeyoung Han, Hildi Kang, Sangjun Kang, Sarah Sakhae Kashani, Jackie J. Kim, Changsoo Lee, Soo im Lee, John Lie, Richard Lloyd Parry, Samuel Perry, Sonia Ryang, Tessa Morris-Suzuki, Stephen Murphy-Shigematsu e Mary Kimoto Tomita. Embora tenha tomado o conhecimento produzido por eles como base, quaisquer erros factuais são meus.

Quero agradecer a meus amigos e a minha família no Japão, na Coreia do Sul e nos Estados Unidos por seu amor, confiança e compreensão. Sem eles, seria impossível escrever, revisar e reescrever este livro: reverendo Harry Adams, Lynn Ahrens, Harold Augenbraum, Karen Grigsby Bates, Dionne Bennett, Stephana Bottom, Robert Boynton, Kitty Burke, Jenel Anderberg Callon, Scott Callon, Lauren Cerand, Ken Chen, Andrea King Collier, Jay Cosgrove, Elizabeth Cuthrell, Junot Díaz, Charles Duffy, David L. Eng, Shelley Fisher Fishkin, Roxanne Fraser, Elizabeth Gillies, Rosita Grandison, Lois Perelson Gross, Susan Guerrero, Greg e Stephanie Guyett, Shinhee Han, Mary Fish Hardin, reverendo Matthew Hardin, Robin Marantz Henig, Deva Hirsch, David Henry Hwang, Mihoko Iida, Matthew Jacobson, Masa e Michan Kabayama, Henry Kellerman, Robin F. Kelly, Clara Kim, Leslie Kim, Erika Kingetsu, Alex e Reiko Kinmont, Jean Hanff Korelitz, Kate Krader, Lauren Kunkler Tang, reverenda Kate Latimer, Wendy Lamb, Hali

Lee, Connie Mazella, Christopher W. Mansfield, Kathy Matsui, Jesper Koll, Nancy Miller, Geraldine Moriba Meadows, Tony e Suzanne O'Connor, Bob Ouimette, Asha Pai-Sethi, Kyoungsoo Paik, Jeff Pine, Cliff e Jennifer Park, Sunny Park, Tim Piper, Sally Gifford Piper, Sharon Pomerantz, Gwen Robinson, Catherine Salisbury, Jeannette Watson Sanger, Linda Roberts Singh, Tai C. Terry, Henry Tricks, Erica Wagner, Abigail Walch, Nahoko Wada, Lindsay Whipp, Kamy Wicoff, Neil e Donna Wilcox, e Hanya Yanagihara.

Meus primeiros leitores, Dionne Bennett, Benedict Cosgrove, Elizabeth Cuthrell, Junot Díaz, Christopher Duffy, Tom Jenks, Myung J. Lee e Sang J. Lee e Erica Wagner me doaram seu inestimável tempo, suas ideias perspicazes e a coragem necessária para perseverar. Obrigada.

Em 2006, conheci minha agente Suzanne Gluck e continuo profundamente agradecida por sua amizade, sabedoria e bondade. Quero agradecer a Elizabeth Sheinkman, Cathryn Summerhayes, Raffaella De Angelis e Alicia Gordon por seu brilhante trabalho e sua generosa confiança. Sou grata a Clio Seraphim por seu amável apoio.

Declaro aqui minha profunda gratidão à minha incrível editora Deb Futter, cuja clareza, inteligência e cuidado excepcional deram forma a este livro. Obrigada, Deb. Meu brilhante *publisher* Jamie Raab me apoiou desde o início, e sou grata por poder chamá-lo de amigo. Quero agradecer aos talentosos profissionais da Grand Central Publishing e do Hachette Book Group: Matthew Ballast, Andrew Duncan, Jimmy Franco, Elizabeth Kulhanek, Brian McClendon, Mari Okuda, Michael Pietsch, Jordan Rubinstein, Karen Torres e Anne Twomey. Sou muito grata a Chris Murphy, Dave Epstein, Judy DeBerry, Roger Saginario, Lauren Roy, Tom McIntyre e os excelentes vendedores do HBG. Além disso, muito obrigada ao meu fantástico revisor, Rick Ball. Como sempre, muito obrigada ao maravilhoso Andy Dodds, cuja paixão e excelência sempre me inspiram. Agradeço também à impecável Lauren Cerand.

Mãe, pai, Myung e Sang: obrigada por seu amor. Christopher e Sam: vocês enchem minha vida de assombro e graça. Obrigada por serem minha família.

MJL

Notas

1 União dos Coreanos Residentes no Japão, fundada em 1946. (N. da T.)

2 Chongryon, Associação Geral dos Coreanos Residentes no Japão. (N. da T.)

3 Olá, srta. Yumi. Meu nome é Mozasu Baek. Como vai? Como está o clima em Tulsa, Oklahoma? Está chovendo ou fazendo sol? Eu gosto de hambúrguer. A senhorita gosta de hambúrguer? Eu trabalho em um lugar chamado Paraíso. (N. da T.)

4 Srta. Yumi, gosta dos fascinantes romances do sr. Charles Dickens? É o autor favorito do meu irmão. Eu acho que os livros dele são muito longos. Não há desenhos nos livros dele. (N. da T.)

5 Como vai o salão de *pachinko*? Ganhou muito dinheiro hoje? (N. da T.)

6 — Sim, reverendo John. Hoje ganhei muito dinheiro. Amanhã, ganho mais! Precisa de dinheiro?
— Não, obrigado, Mozasu. Mas lembre-se de ajudar os pobres. Há muitos entre nós.
— O dinheiro do *pachinko* não é meu, reverendo John. Meu chefe é rico, mas não sou um homem rico ainda. Um dia, eu ser rico.
— Você *vai* ser rico.
— Sim, eu vou ser homem rico, reverendo John. Um homem precisa ter dinheiro. (N. da T.)

7 Yumi, quantos uniformes fez hoje? (N. da T.)

8 Hoje fiz dois coletes, pastor John. (N. da T.)

9 Guarda-chuva. (N. da T.)

10 Mozasu, como vai aprender inglês se não para de olhar para Yumi? (N. da T.)

11 Não consigo evitar, reverendo John. Eu a amo. (N. da T.)

12 Vocês vão se casar? (N. da T.)

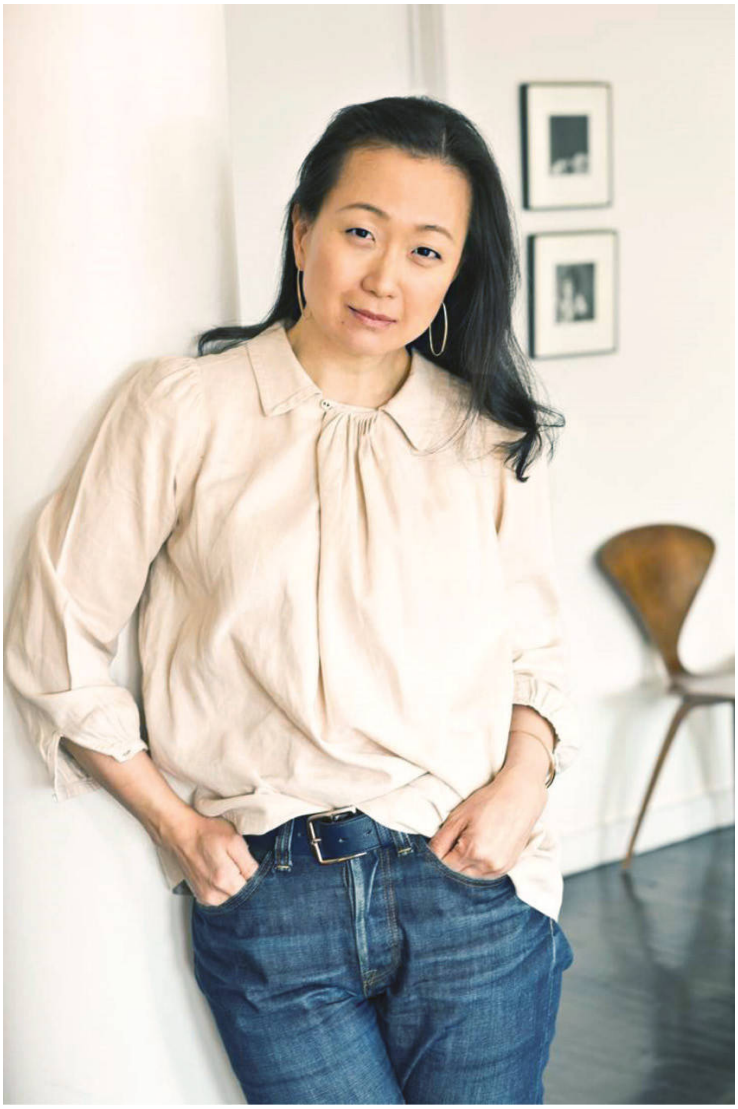
13 Ela vai se casar comigo. Tenho certeza. (N. da T.)

14 Isso é divertido. Acho que estamos testemunhando um pedido de casamento. (N. da T.)

15 É claro que vai se casar comigo, Yumi-*chan*. Você me ama, e eu a amo muito. Vamos nos casar, você vai ver. Eu tenho um plano. (N. da T.)

16 Olá, meu nome é Yumi Baek. Este é meu filho, Solomon. Ele tem três anos. Como vai? (N. da T.)

Sobre a autora



© Elena Seibert

MIN JIN LEE é escritora e com *Pachinko* foi finalista do National Book Award, além de ter seu livro indicado nas listas de 10 melhores do ano do *The New York Times*. Com direitos de publicação vendidos para mais de 30 países, a obra será adaptada para série pela Apple TV. Lee também é autora do best-seller *Free Food for Millionaires* e ao longo da carreira foi agraciada com prestigiosas bolsas de literatura, como a da Guggenheim

Foundation. É curadora do PEN America e uma das diretoras do Conselho Nacional de Políticas Migratórias de Harvard.

Leia também



Pátria
Fernando Aramburu



Pequenos incêndios por toda parte
Celeste Ng



Tudo o que nunca contei
Celeste Ng



Ponti
Sharlene Teo



Mulheres sem nome
Martha Hall Kelly